

HISTORIA OU ANNAES

DOS FEITOS DA

Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes

desde o seu começo até ao fim do anno de 1636

POR

JOAÑNES DE LAET

Director da mesma Companhia

Traducção dos Drs. José Hygino Duarte Pereira

e Pedro Souto Maior

I

(LIVROS I—VII)



RIO DE JANEIRO

Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional

1916

29
marry

HISTORIA OU ANNAES

DOS FEITOS DA

Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes

desde o seu começo até ao fim do anno de 1636

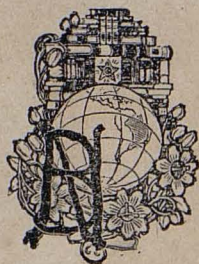
POR

JOANNES DE LAET

Director da mesma Companhia

— I —
Traducção dos Drs. José Hygino Duarte Pereira

e Pedro Souto Maior



RIO DE JANEIRO

~~Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional~~

1916

Dep 30-1-217

102829 s. 1

Repositorio de informações da maior importancia para o estudo da historia do primeiro periodo do dominio hollandez no Brasil, a *Historie ofte Iaerlijck Verhael van de verrichtinghen der Geoctroyeerde West-Indische Compagnie, zedert haer begin tot het eynde van't jaer seshien-hondert ses-en-dertich*, de João de Laet, publicada em Leyde em 1644, é a principal fonte a que têm ido buscar subsidios os que têm escripto sobre o assumpto.

Baseada em documentos compulsados pelo auctor, cuja qualidade de Director da Companhia das Indias Occidentaes o indicava como quem melhor pudesse escrever-lhe a historia, a obra de Laet impõe-se como uma relação fidedigna dos acontecimentos de que foi theatro o Brasil hollandez, como uma descripção minuciosa dos feitos da Companhia até 1636. Aquella qualidade alliava o auctor a de experimentado escriptor, que já em 1626 havia dado á publicidade uma obra notavel, *Nieuwe Wereldt ofte Beschrijvinghe van Westindien*, da qual deu em 1630 nova edição augmentada e em 1633 a traducção que fez para o latim—sob o titulo—*Novus orbis seu descriptionis Indiæ Occidentalis libri XVIII*.

Dos treze livros em que se divide a *Historie ofte Iaerlijck Verhael* foram traduzidos para o portuguez os quatro primeiros pelo Dr. José Hygino Duarte Pereira, publicados por José de Vasconcellos sob o titulo : *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia privilegiada das Indias Occidentaes desde o seu começo até ao fim do anno de 1636*... Pernambuco. Typ. do Jornal do Recife. 1874.

A traducção ficou interrompida e na parte não traduzida estavam exactamente os livros que mais de perto nos interessava conhecer. Completou-a o Dr. Pedro Souto Maior em desempenho do encargo que lhe fora commettido por esta Bibliotheca, traduzindo assim as seguintes partes componentes da obra de Laet:—As Nobres e Altas Potencias os Senhores Estados da Hollanda e Frisia Occidental (Dedicatória), Privilegio (Licença para

a publicação da obra), Privilegio concedido pelas Nobres e Altas Potencias os Senhores Estados Geraes á Companhia das Indias Occidentaes em data de 3 de Junho de 1621, com a ampliação do mesmo e o accordo entre os Directores e principaes accionistas da Companhia, Nomes dos Snrs. Directores que serviram desde o principio da Companhia até ao fim do anno de 1636, Advertencia, Livros 5º a 13º, Supplementos aos livros 2º e 6º, Breve Noticia e Indice das cousas principaes.

Devidamente auctorizada a reeditar os livros 1º a 4º traduzidos pelo Dr. José Hygino, a Bibliotheca Nacional ficou habilitada a publicar a traducção integral daquella obra, o que agora inicia e concluirá proximamente.

(Da Introducção ao vol. XXX dos Annaes da Bibliotheca Nacional, no qual começou a ser publicada a traducção da «Historie ofte Iaerlijck Verhael»).

HISTORIA OU ANNAES

DOS FEITOS DA

Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes
desde o seu começo até ao fim do anno de 1636

POR

Joannes de Laet

Director da mesma Companhia

Tradueção dos Drs. José Hygino Duarte Pereira
e Pedro Souto Maior

A's Nobres e Altas Potencias os Senhores Estados da Hollanda e Frisia Occidental.

Mui Nobres e Poderosos Senhores.

A maior parte dos recursos com que o Rei da Hespanha por tantos annos perturbou a paz de todo o mundo, especialmente da christandade, e hostilizou tão gravemente estas Provincias-Unidas veio-lhe principalmente das suas riquissimas possessões da America. E' notorio que daquelles paizes elle tem retirado annualmente enormes riquezas em ouro e prata. Aquillo que outros reis e potentados em varias occasiões e com o intuito de o guerrear pretendem e não conseguiram fazer, fizeram as Provincias Unidas, apezar de virem por ultimo, não sendo ellas do numero dos inimigos que menos lhe embaraçaram e desfalcaram as rendas.

Desde que foi fundada e começou a funcção a Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes, começou-se a notar quanto tem diminuido os cabedães e as rendas daquelle rei e quanto tem decrescido o seu antigo poder. E' actualmente manifesta a fraqueza daquelle grande reino, corpo cujos braços já pendem inertes, abatido por um tão fraco adversario. Deixou-se dominar pelo medo um potentado que a todos os outros inspirava terror. Esta breve relação dos feitos annuaes da Companhia das Indias Occidentaes, que submetto a Vossas Nobres e Altas Potencias, será disto um attestado. A conquista de tão vastas e ricas regiões tomadas ao rei da Hespanha, a perda de enormes thesouros, a captura e destruição de muitos navios, a occupação e arrazamento de muitas praças fortes, tudo realisado por uma fraca Companhia mostra sufficientemente quanto se teria conseguido com maiores recursos.

Deixo á sabedoria de Vossas Nobres e Altas Potencias considerar o interesse que lhes deve inspirar esta Companhia e a conveniencia de a auxiliar constantemente, impedindo que ella se dissolva ou se entibie por deficiencia de meios, porquanto ao inimigo capital de Vossas Altas e Nobres Potencias e de vossos subditos não haveria noticia mais agradavel do que ver destruido

aquelle obstaculo. Não ha afinal meio mais expedito e seguro de chamar o inimigo á razão do que guerreal-o continuamente na America e assim supprimir a fonte de suas melhores rendas, para o que não faltarão á Companhia zelo e capacidade, bastando que o governo se digne de lhe dar a mão.

Ha ainda a referir maiores acções que com o auxilio divino foram praticadas nos annos seguintes, das quaes farei outra narração si este modesto trabalho for agradavel a Vossas Nobres e Altas Potencias.

Deus Todo Poderoso, que com a sua graça tem por longos annos defendido e coberto de bençãos este Estado, ha de abençoar cada vez mais o governo de Vossas Nobres e Altas Potencias, como incessantemente lhe roga

De Vossas Nobres e Altas Potencias o humilde servo

JOANNES DE LAET

Em Leyde, aos 8 de Setembro do anno de 1644.

PRIVILEGIO

Os Estados da Hollanda e da Frisia Occidental, pela presente deram e dão licença e concessão a Johan de Laet, morador em Leyde, para que, durante o prazo dos 12 seguintes annos, só elle possa no territorio da Hollanda e Frisia Occidental mandar imprimir e publicar a obra intitulada «Annaes dos Feitos da Companhia das Indias Occidentaes», contida em 13 livros e ornada com diversas gravuras para intelligencia da mesma obra ou Historia.

E prohibimos a todos e a cada um dos habitantes destes paizes que façam imprimir e publicar directa ou indirectamente, no todo ou em parte, em grande ou pequeno formato e em qualquer lingua, ou que a tragam impressa de qualquer outra parte para os nossos territorios da Hollanda e Frisia Occidental a fim de ser vendida ou publicada, sob pena de confiscação de taes exemplares impressos ou livros, alem do pagamento de uma somma de 300 libras flamengas, da qual se applicará uma terça parte em beneficio do official que intentar o processo, outra em favor dos pobres e a restante em beneficio do mencionado Johan de Laet.

E para que o supplicante possa gosar esta nossa licença e concessão, etc.

Dado em Haya sob o nosso grande sello aqui appenso aos 29 de Julho do anno de Nosso Senhor de 1644.

I. DE WASSENAER v^t.

Por autorisação dos Estados

H. VAN BEAUMONT

PRIVILEGIO

CONCEDIDO PELAS NOBRES E ALTAS POTENCIAS OS
SENHORES ESTADOS GERAES

À

Companhia das Indias Occidentaes
em data de 3 de Junho de 1621

COM A AMPLIAÇÃO DO MESMO E O ACCORDO ENTRE
OS DIRECTORES E PRINCIPAES ACCIONISTAS DA COMPANHIA, FEITO
COM APPROVAÇÃO DOS DITOS ESTADOS GERAES

Os Estados Geraes dos Paizes Baixos Unidos a todos que virem ou ouvirem a presente, salve. Fazemos saber: que considerando que o progresso deste paiz e a prosperidade dos seus habitantes consiste principalmente na navegação e commercio, que de tempos immemoriaes se têm estendido a todos os paizes e reinos ;

E como desejamos não só que esses habitantes conservem a navegação, o commercio e as profissões que já exercem, mas tambem que augmentem o trafico tanto quanto possivel, especialmente em conformidade dos tratados, allianças, pactos e ajustes que se têm feito sobre o commercio e navegação com outros principes, republicas e povos, que entendemos devem ser pontualmente mantidos e observados em todas as suas partes, e achando por experiencia que sem o auxilio, assistencia e meios de uma Companhia Geral não podem ser levados a effeito, defendidos e mantidos efficazmente nas regiões abaixo mencionadas devido ao grande risco da pirataria, extorsões, etc, a que tão grandes viagens estão sujeitas :

Resolvemos, portanto, attendendo a varias e differentes razões e considerações solidas, após madura deliberação e por motivos urgentes, que a navegação, trafico e commercio nas regiões das Indias Occidentaes e Africa e outras que vão designadas abaixo, não seja feita por outra forma a não ser pelo esforço unido e geral dos commerciantes e habitantes deste paiz, e para esse fim seja organisada uma Companhia Geral, a qual por especial affeição ao bem publico e para conservar os habitantes no bom commercio e prosperidade, manteremos e fortaleceremos com o nosso auxilio, favor e assistencia, para tudo quanto o estado e grandezas presentes de qualquer forma puderem permittir, e provel-a-hemos para isso com a conveniente concessão e com os privilegios e exempções que se seguem :

I. Dentro do prazo de 24 annos nenhum habitante dos Paizes Baixos Unidos ou do estrangeiro poderá, a não ser em nome desta Companhia Unida, negociar ou navegar nas costas e paizes da Africa, desde o Tropico de Cancer até ao Cabo de Bôa Esperança, nem nos paizes da America ou Indias Occidentaes, a começar da extremidade Sul da Terra Nova, pelos estreitos de Magalhães, le Maire ou outras passagens e estreitos proximos até ao Estreito de Anjan, tanto no mar do Norte como no mar do Sul, nem em algumas ilhas situadas de um e d'outro lado e entre ambos, e juntamente nas terras Austraes ou do Sul, que se estendem entre ambos os meridianos e attingem a Leste o Cabo da Bôa Esperança e a Oeste a extremidade oriental da Nova Guiné, inclusive.

E qualquer que, sem consentimento da Companhia, continuar a navegar ou a negociar em algum lugar dentro dos supra mencionados limites concedidos á Companhia, soffrerá a pena de confiscação de suas fazendas, assim como dos navios que forem encontrados a commerciar nas costas e regiões já mencionadas, os quaes immediatamente e em qualquer lugar podem ser atacados, capturados e confiscados por parte da Companhia e guardados pela mesma em seu beneficio.

E no caso em que taes navios ou fazendas tenham sido vendidos ou tenham entrado em outros paizes ou portos, os armadores e coparticipantes nos lucros podem ser executados pelo valor dos mesmos navios e fazendas, exceptuando-se apenas os que partiram ou foram despachados deste ou de outros paizes para alguma das referidas costas antes da data deste privilegio, os quaes terão licença de continuar o seu trafico até a venda das suas fazendas e voltar para este paiz ou para qualquer outro lugar até expirar o seu privilegio (si tiveram algum anteriormente) e não por mais tempo, comtanto que depois do 1º de Julho de 1621, dia do inicio do presente, a ninguem será permitido expedir navio algum ou fazendas para as regiões comprehendidas neste privilegio, visto que antes dessa data a Companhia não estará ainda funccionando; mas devemos prover, como convém, contra os que deliberadamente procurarem, em prejuizo do bem geral, frustrar esta nossa bôa intenção, ficando comprehendido que o trafico do sal em Punta del Rey será continuado de accordo com as condições e instrucções dadas por nós ou com as que dermos mais tarde, sem ficar sujeito de forma alguma ao presente privilegio.

II. Além disso a referida Companhia em nosso nome e autoridade pode fazer contractos, pactos e allianças com os principes e naturaes dos paizes comprehendidos dentro dos limites já mencionados, e igualmente alli construir algumas fortalezas ou fortificações, admittir gente de guerra, nomear governadores e funcionarios de justica e outros, para todos os servicos necessarios á conservação das praças, manutenção da ordem e policia, distribuição de justiça e desenvolvimento do commercio, deportar e demittir os funcionarios e collocar outros em seu lugar, segundo achar conveniente ás circumstancias, e além disso prover de população as regiões ferteis e deshabitadas e fazer tudo que for util ao paiz e o que o interesse e o adiantamento do commercio exigirem.

E a Companhia communicar-nos-ha e enviará taes contractos e allianças ao passo que os for effectuando com os principes e nações e ao mesmo tempo nos fará conhecer o estado das fortalezas e fortificações que levantar e o das colonisações que empregar.

III. No caso de ser escolhido pela Companhia um Governador Geral, poderá este tomar conta do cargo, si tiverem nossa approvação as instrucções por ella formuladas. E alem disso taes Governadores Geraes, assim como outros Vice-Governadores, *Commandeurs* e Officiaes, têm de prestar juramento de fidelidade a nós e á Companhia.

IV. E si a Companhia em algum dos referidos logares, com a apparencia de amizade, for illudida ou maltratada ou, adiantando dinheiro ou mercadorias, não se lhe fizer a restituição ou o pagamento, poderá fazer reparar os damnos, segundo as circumstancias do facto e pelos meios da maior equidade.

V. E como para o estabelecimento, segurança e defesa desse commercio, será preciso empregar tropas, proveremos a Companhia, segundo a situação do paiz e as circumstancias, de soldados e officiaes para o campo e para fortificações, tanto quanto necessario, com a condição de serem pagos e mantidos pela Companhia.

VI. Officiaes e soldados, além do juramento que fizerem a nós e a S.^a Ex.^a, devem tambem jurar que obedecerão á Companhia e farão prosperar os seus negocios tanto quanto as suas forças permittirem.

VII. Os prebostes da Companhia podem prender em terra os soldados e outros militares, que estiverem a serviço da mesma e embarcar os presos, em qualquer cidade, praça ou jurisdicção dos paizes em que forem encontrados, devendo igualmente os prebostes informar a respeito desses factos aos officiaes e magistrados das cidades e logares em que taes factos se derem.

VIII. Não lançaremos mão de navio algum, canhões ou munições da Companhia sem o seu consentimento.

IX. Além disso damos licença, privilegiamos e concedemos, como fazemos por meio desta, que ella possa passar com todos os seus navios e fazendas, livres de direitos em qualquer das Provincias Unidas, e que gose da mesma liberdade attribuida aos habitantes livres das cidades deste paiz, apesar de fazerem parte da Companhia pessoas que não gosam daquelle direito.

X. Todas as fazendas que a Companhia, durante os oito annos proximos vindouros, mandar para as regiões das Indias Occidentaes e Africa e outras comprehendidas nos referidos limites, assim como as que ella trouxer de lá, serão livres dos direitos de importação e exportação, ficando entendido que si, terminado o prazo de oito annos, o estado e a situação do paiz não permittirem a sua prorogação por mais alguns annos, as mesmas fazendas ou tambem as mercadorias vindas depois disso, das regiões mencionadas neste privilegio e as exportadas daqui para lá não serão oneradas por nós durante todo o prazo deste privilegio com tributos mais elevados do que os actuaes, a não ser que tenhamos novamente de fazer uma guerra, e nesse caso todas as referidas fazendas e mercadorias não serão oneradas mais do que foram na ultima tabella para tempo de guerra.

XI. E para que a Companhia se organise com um bom governo, para o maior interesse e satisfação de todos os co-participantes, ordenamos que o mesmo governo se componha de cinco camaras de Directores, a saber: uma de Amsterdam, que terá $\frac{4}{9}$ partes da administração; uma da Zelandia, com $\frac{2}{9}$; uma da Mosa com $\frac{1}{9}$; uma da Hollanda Septentrional com $\frac{1}{9}$; uma quinta da Frisia e Groninga com $\frac{1}{9}$, nas condições determinadas no Registo das nossas resoluções e no acto que neste sentido se passou. As outras provincias devem ter tantos Directores distribuidos pelas mencionadas Camaras quantos cem mil florins houverem fornecido á Companhia.

XII. A Camara de Amsterdam compor-se-ha de 20 Directores, a da Zelandia de 12; as da Mosa e da Hollanda Septentrional de 14 cada uma, e as da Frisia e Groninga de 14 Directores, a não ser que depois se julgue necessario maior numero de pessoas na direcção, e nesse caso poderá esse numero ser augmentado com o conhecimento dos XIX e com a nossa approvação e não d'outra forma.

XIII. Os Estados das Provincias Unidas serão autorisados, tanto pelos deputados ordinarios provinciaes, como pelos Magistrados das cidades das mesmas provincias, a estabelecer regulamentos sobre o registo dos co-participantes e igualmente sobre a eleição dos Directores, segundo acharem conveniente e conforme a constituição das suas provincias, comtanto que não possa ser eleito Director da Camara de Amsterdam quem não tenha por sua conta na Companhia uma parte de 6,000 fl. no minimo, da Camara da Zelandia, sem que tenha empregado a somma de 4,000 fl. e das Camaras da Mosa, da Hollanda Sepetrional e da Frisia e Groninga sem a somma de 4,000 fl.

XIV. Os primeiros Directores devem servir pelo prazo de seis annos e, terminado o mesmo, deve substituir-se por meio de sorteio uma terça parte daquelles, dous annos depois outra terça parte e d'ahi a dous annos os restantes, e assim successivamente se vão retirando os mais antigos no serviço.

E em logar dos que sahirem ou fallecerem antes ou depois ou deixarem os cargos por qualquer outro motivo, os Directores existentes e os que se retirarem, juntamente com os principaes co-participantes que quizerem vir pessoalmente e á sua custa, nomearão tres pessoas, dentre as quaes as respectivas Provincias, deputados ou magistrados devem fazer a escolha do novo Director e assim preencher successivamente os logares vagos. E devem ser considerados principaes co-participantes os que tiverem por sua conta empregado capital equivalente ao dos respectivos Directores.

XV. Deve fazer-se a conta da equipagem e aparelhamento dos navios e seus accessorios, tres mezes após a partida e dahi a um mez deve ser-nos enviada uma copia, assim como á respectiva Camara. E as Camaras devem mandar-nos e umas ás outras o calculo dos retornos e das vendas dos mesmos (todas as vezes que acharmos conveniente ou for requisitado pelas Camaras).

XVI. Todos os 6 annos deve fazer-se um balanço geral de todos os equipamentos e retornos, assim como dos lucros e perdas da Companhia, separando-se a conta dos negocios da que se referir á guerra, e essas contas devem ser feitas em publico depois da previa affixação de editaes, afim de

que possam comparecer as pessoas interessadas em ouvir a leitura do balanço. Si antes de expirar o setimo anno se não fizer o balanço pela forma referida, serão confiscadas as remunerações dos Directores e convertidas em beneficio dos pobres, continuando do mesmo modo a obrigação de dar o balanço como anteriormente, dentro do prazo e sob as penas que por nós forem estatuidas contra os remissos. E tambem devem ser feitas as partilhas dos lucros dos negocios, sempre que se achar que haja 10 % de lucro.

XVII. Ninguém poderá durante o prazo deste privilegio retirar dessa Companhia o capital ou dinheiro que houver applicado, assim como não poderá entrar nenhum novo co-participante. Si ao expirar o prazo de 24 annos for conveniente que a Companhia continue, ou que se organise uma outra, deve ser feito um balanço final e avaliação, dando-se-nos disso conhecimento, de tudo que pertencer á Companhia, como tambem das despesas necessarias feitas pela mesma. Depois do referido balanço e avaliação poderá cada um retirar o seu dinheiro ou continuar a applicar o capital no todo ou em parte. Nesse caso a Companhia que se seguir tomará a seu cargo a somma, que for achada segundo o balanço e avaliação, e pagará aos co-participantes, que não quizerem continuar, o seu contingente, nos prazos que os XIX acharem mais conveniente e com o nosso conhecimento.

XVIII. Sempre que fôr necessario reunir uma Assembléa Geral das referidas Camaras, deverá funcconar com XIX pessoas, oito das quaes da Camara de Amsterdam, quatro da da Zelandia e duas de cada uma das Camaras da Mosa, Hollanda Septentrional e Frisia e Groninga, ficando bem entendido que a decima nona pessoa e quantas mais em qualquer tempo acharmos convenientes terão poderes por nós conferidos para ajudar a dirigir da melhor forma na Assembléa os negocios da Companhia.

XIX. Pela Assembléa Geral das referidas Camaras devem ser tratadas e resolvidas todas as questões relativas á Companhia, ficando entendido que nas questões de guerra as resoluções tomadas devem ser submetidas á nossa approvação.

XX. Uma vez convocada a Assembléa Geral, reunir-se-ha para resolver quando e quantos navios se devem equipar e mandar a cada região e a respeito de tudo quanto for relativo á Companhia, sem que nenhuma das Camaras possa proceder de modo contrario ás referidas resoluções geraes, antes devendo observal-as e leval-as a effeito.

E si alguma Camara fôr encontrada em inobservancia ou em contra-venção das resoluções geraes, autorisamos a Assembléa a fazel-a immediatamente reparar taes faltas, no que a auxiliaremos, si nol-o requerer.

XXI. A Assembléa Geral reunir-se-ha nos primeiros seis annos na cidade de Amsterdam e nos dous seguintes na Zelandia e assim por diante alternadamente nas duas cidades.

XXII. Os Directores que viajarem em commissão por conta da Companhia, seja para a referida Assembléa ou para outra parte, terão para sua manutenção quatro florins por dia, alem do dinheiro para a viagem, ficando bem entendido que os que viajarem de uma cidade para outra, para frequentar

as Camaras como Directores e Governadores não receberão nenhuma diaria ou dinheiro para a viagem por conta da Companhia.

XXIII. Si acontecer que na dita Assembléa Geral sobrevenha alguma questão importante, sobre a qual não possam os respectivos membros chegar a um accordo ou que achem difficil resolver, deve a mesma ser entregue á nossa decisão e o que resolvermos será cumprido.

XXIV. Todos os habitantes das Provincias Unidas e de outros paizes devem ser avisados por meio de editaes dentro do prazo de um mez a contar da data deste privilegio, de que dentro do prazo de cinco mezes, a começar de primeiro de Julho deste anno de 1621 serão acceitos os capitaes que quizerem empregar na Companhia e podem fazel-o em tres termos, a saber: uma terça parte ao fim dos referidos cinco mezes e as outras duas nos tres annos que se seguirem. Si a Assembléa Geral achar que esses termos devam ser prolongados, os co-participantes serão igualmente avisados por meio de editaes.

XXV. Os navios, voltando de viagem, devem ir para os portos donde partiram e, si por motivo do mau tempo e do vento, os que houverem sahido de uma provincia arribarem noutra, como os de Amsterdam ou da Hollanda Septentrional na Zelandia ou na Mosa, e os da Zelandia na Hollanda, ou os da Frisia e Groninga em um outro ponto, apezar disso cada Camara conservará a administração e direcção dos navios que houver expedido e mercadorias transportadas e poderá remettel-as e fazel-as seguir para os logares, donde os navios partiram, quer pelos mesmos, quer por outros, mas os Directores da respectiva Camara são obrigados a ir ter aos logares, onde se acharem os navios ou mercadorias e não poderão fazer-se representar por agentes. No caso de não poderem elles fazer a viagem, os Directores da Camara do logar a que aportarem os navios encarregar-se-hão da sua administração.

XXVI. Quando uma Camara houver recebido das regiões comprehendidas nos referidos limites mercadorias ou retornos de que alguma outra não esteja provida, será obrigada a attender ao pedido desta, segundo as circumstancias, e a mandar-lhe a fazenda e fornecér-lhe mais si a tiver vendido toda.

Si os Directores das Camaras necessitarem quer para a equipagem, quer para outro mister, de pessoas de outras cidades onde haja Camaras ou Directores, poderão requisital-as dos Directores da Companhia sem que para isso recorram a agentes.

XXVII. E si alguma Provincia achar conveniente nomear um agente para arrecadar os tributos dos seus habitantes, recolher o producto a alguma Camara e promover o pagamento dos lucros a Camara deverá permittir-lhe o accesso e informal-o do estado da receita e despeza, das dividas activas e passivas, comtanto que as quantias trazidas por tal agente montem pelo menos a 50.000 florins.

XXVIII. Os Directores deverão perceber das expedições, dos retornos e das presas uma gratificação de 1 % e do ouro e da prata apenas 1/2 %, gratificação que será distribuida do seguinte modo: 4/9 á Camara de Amsterdam; 2/9 á Camara da Zelandia; 1/9 á da Mosa; 1/9 á da Hollanda Septentrional e 1/9 á Frisia e Groninga.

XXIX. Deve ficar entendido que os Directores não terão senão uma vez gratificação pelos canhões e pelo valor dos navios. Alem disso não perceberão gratificação pelos navios, canhões, etc, que fornecermos á Companhia, nem pelos capitães que levantarem para a mesma, nem pelos beneficios feitos ás mercadorias; não poderão igualmente levar a cargo da Companhia salarios, despezas de viagem ou manutenção daquelles que forem encarregados de promover a expedição de navios e comprar as mercadorias para esse fim necessarias.

XXX. Os ordenados dos guarda-livros e dos caixeiros devem ser pagos pelas gratificações dos Directores

XXXI. Os Directores não poderão fornecer ou vender á Companhia navios, mercadorias ou fazendas, que lhes pertençam no todo ou em parte, nem comprar ou mandar comprar mercadorias ou generos da Companhia, directa ou indirectamente nem ter nellas porção ou parte, e, provado que tenham feito o contrario, perderão as suas gratificações de um anno em beneficio dos pobres, e serão demittidos de seus cargos.

XXXII. Logo que recebam mercadorias e generos são os Directores obrigados a publical-o por editaes afim de que todos possam ter conhecimento, antes que se proceda á venda final.

XXXIII. Si acontecer que algum dos Directores de algumas das Camaras chegue a tal estado que não possa dar conta de seus encargos em relação á administração e que dahi possa sobrevir algum damno, deve o valor deste ser descontado do dinheiro que taes Directores tiverem na Companhia, o qual garante especialmente a sua administração. Isto da mesma fórmula terá logar a respeito de todos os co-participantes, que por motivo de compra de fazendas ou de quaesquer outros artigos possam ser devedores da Companhia.

As suas dividas devem ser calculadas com toda a clareza, servindo de garantia o capital com que entraram desde o principio, d'ahi se deduzindo no encontro de contas o que deverem á Companhia.

XXXIV. Os Directores das respectivas Camaras são responsaveis pelos seus caixeiros e guarda-livros.

XXXV. Todas as mercadorias da Companhia, que tiverem de ser negociadas a peso, devem ser vendidas pela medida de Amsterdam, e poderão ser pesadas a bordo dos navios ou nos armazens sem pagar cisas, imposto ou direito de balança, mas sempre que forem alienadas pagarão direitos como as outras fazendas sujeitas á balança.

XXXVI. Não se poderão prender ou inquietar as pessoas dos Directores, nem occupar os seus bens para se lhes tomar conta da administração da Companhia, nem tambem para o pagamento dos vencimentos ou salarios de pessoas que elles tiverem empregado em serviço da Companhia, devendo accioanal-os perante os juizes ordinarios aquelles que a isso se julgarem com direito.

XXXVII. Quando qualquer navio voltar da viagem, os Generaes ou *Commandeurs* de esquadras, navios ou navio devem, dentro de 10 dias após a chegada, vir dar-nos noticia dos successos da sua viagem e entregar-nos um relatorio por escripto, si o assumpto assim o exigir.

XXXVIII. Si succéder (o que de forma alguma esperamos) que a navegação, o commercio ou o trafico da Companhia, sejam embaraçados por alguém, contra o direito commum, ou seja prejudicado de qualquer maneira o teor dos referidos tratados, allianças e accordos, poderá ella defender-se, de conformidade com as instrucções que daremos.

XXXIX. Já promettemos e agora ratificamos que manteremos e defenderemos a Companhia contra quem quer que seja na livre navegação e trafico e para esse fim, em auxilio da mesma, entraremos com uma somma de um milhão de florins, a ser paga em cinco annos, sendo fornecidos os primeiros duzentos mil florins logo que os co-participantes fizerem a primeira entrada, ficando entendido que participaremos dos lucros e dos riscos na razão da metade desse milhão de florins, do mesmo modo que os outros co-participantes.

XL. E no caso em que por serios e duradouros obstaculos oppostos á referida navegação e trafico se chegue a declarar a guerra, dar-lhe-hemos, conforme o permittir a situação do paiz, dentro dos limites estabelecidos á Companhia, o auxilio de 16 navios de guerra, com o porte minimo de 150 lastos, e 4 yachts bem veleiros de 40 lastos pelo menos, convenientemente tripulados e providos, alem do mais, de canhões de bronze e outros, e da quantidade necessaria de munições, duplo cordame, corredio e fixo, velame, cabos, ancoras e outros objectos de que convem prover as grandes expedições.

Está entendido que taes navios serão tripulados, aprovisionados e mantidos á custa da Companhia e que esta é obrigada a accrescentar outros 16 navios de guerra e 4 yachts, tripulados e providos como aquelles, para serem utilizados do mesmo modo na defesa do trafico e em feitos de guerra. Todos os navios de guerra e tambem os mercantes, os quaes devem ser equipados e tripulados convenientemente, estarão sob o commando de um almirante, que nomearemos com o previo parecer da Assembléa Geral, e obedecerão ás nossas ordens e ás resoluções da Companhia, para, sendo necessario, serem juntamente utilizados na guerra, não devendo entretanto os navios mercantes arriscar a carga sem necessidade.

XLI. No caso de succeder que este paiz fique sensivelmente alliviado dos seus encargos e que a Companhia seja arrastada a uma onerosa guerra, augmentaremos o subsidio, como já promettemos e agora reiteramos, tanto quanto o estado do paiz o permittir e as circumstancias da Companhia o exigirem.

XLII. Ordenamos alem disso que em caso de guerra a Companhia ou os que lhe prestarem auxilio possam dentro dos referidos limites, fazer presas ao inimigo ou tambem aos piratas; assim como que fiquem á disposição dos Directores da Companhia as fazendas que forem apprehendidas por força dos nossos regulamentos, depois de descontadas todas as despesas necessarias, bem como o damno que a Companhia possa ter soffrido na captura de cada presa e igualmente os direitos de S.^a Ex.^a como almirante, em conformidade com a nossa resolução de 1 de Abril de 1602, ficando a decima parte para os officiaes, marinheiros e soldados que tenham tomado a presa, comtanto que se faça para isso uma conta á parte e differente das contas dos negocios e

do trafico e que o producto das presas seja empregado na equipagem dos navios e no pagamento das tropas, fortificações, guarnições e outras dependencias da guerra e defesa por mar e por terra, sem que d'ahi se faça distribuição alguma, a não ser que se eleve tanto o producto que sem prejudicar a defesa e depois de pagas as despezas da Guerra se possa apurar uma somma consideravel que deverá ser distribuida á parte e differentemente dos quinhões do commercio. A distribuição deve ser feita de modo que caiba uma decima parte ao Erario dos Paizes Baixos Unidos e o resto se destine aos co-participantes da Companhia, na razão do capital empregado por cada um.

XLIII. Devem porem todas as presas e fazendas apprehendidas por força dos regulamentos ser examinadas pela Judicatura do Conselho do Almirantado nos logares para onde forem levadas, afim de que dellas tome conhecimento e profira sentença sobre a sua legalidade, ficando entregue á Companhia a administração das fazendas arrecadadas, emquanto o processo estiver pendente e feito o competente inventario, salvo o caso de revisão por sentença do Almirantado daquellas que forem condemnadas, de conformidade com as instrucções dadas ao mesmo, ficando sub-entendido que o Commissario das vendas e outros officiaes do Almirantado, não têm o direito de gosar nem podem pretender cousa alguma das presas que forem feitas em beneficio da Companhia, da qual não são empregados.

XLIV. Os Directores da Companhia devem prometter e jurar solenemente que procederão com lealdade na sua administração, que darão boa e recta conta da sua gerencia, que em tudo procurarão o maximo interesse da Companhia, e se esforçarão por defendel-a dos damnos, tanto quanto possivel, que na distribuição dos lucros não farão mais vantagens aos maiores que aos menores dos co-participantes, que na cobrança e recebimento das dividas activas não favorecerão a uns mais do que a outros, que só levarão á sua conta e só continuarão a receber durante a sua directoria as quantias que são ordenadas por este privilegio e finalmente que observarão e manterão na altura de suas forças todos e cada um dos pontos e artigos mencionados neste, naquillo que lhes competir.

XLV. Todas estas vantagens, franquias e isenções assim como o mencionado auxilio, que á Companhia em todos os precedentes pontos e artigos já demos, outorgamos, promettemos e garantimos com bom conhecimento de causa, por este reiteramos, promettendo deixal-a gosar de taes favores tranquilla e pacificamente.

Ordenamos tambem que as ditas concessões sejam mantidas e observadas por todas as autoridades, officiaes e subditos dos Paizes Baixos sem em nada as contrariarem directa ou indirectamente, tanto no interior, como no exterior, sob pena de serem por isso castigados na pessoa e bens como perturbadores do bem estar do paiz e transgressores das nossas ordens.

Promettemos alem disso, que manteremos e sustentaremos a Companhia na posse deste nosso privilegio, em todos os tratados de pazes, alianças e accórdos com os principes, reinos e nações visinhas, nada se podendo fazer ou negociar que possa affectar a integridade do mesmo.

Mandamos e ordenamos muito expressamente a todos os Governadores, Autoridades Judiciarias, Magistrados e Habitantes dos Paizes Baixos que deixem que a Companhia e os seus Directores gosem tranquilla e pacificamente da plena effectividade desta outorga, concessão e privilegio, ficando revogadas todas as disposições em contrario.

E para que ninguem pretenda ignoral-o, ordenamos que sejam todos notificados do teor deste privilegio, por publicação ou pela affixação de editaes, como cumpre, pois o julgamos de utilidade publica.

Dado sob o nosso grande sello, rubrica e assignatura do Official dos Registos em Haya, aos 3 de Junho de 1621. Estava rubricado: *I. Magnus v.^t* Abaixo se lia: Por ordem das Nobres e Altas Potencias os Senhores Estados Geraes. Assignado, *C. Aerssen*. Estava appenso o sello de lacre vermelho preso a um cordão de seda branca.

O referido privilegio foi ampliado em 24 de Março e em 10 de Junho de 1622 pelas Nobres e Altas Potencias os Senhores Estados Geraes, na parte relativa ao commercio do sal nas Indias Occidentaes e em alguns outros pontos publicando-se na ultima daquellas datas uma ordenança e a 13 de Fevereiro de 1623 um acto de ampliação, como se segue:

EXTRACTO DA ORDENANÇA DE 10 DE JUNHO DE 1622

Os Estados Geraes dos Paizes Baixos Unidos a todos que esta virem e ouvirem ler, salve. Como depois de madura reflexão do Conselho decidimos para a prosperidade destas provincias e o bem estar dos seus bons habitantes, autorisar uma companhia de commercio e navegação para as Indias Occidentaes, Africa e outros logares designados na nossa ordenança de 9 de Junho de 1621, com prohibição a qualquer habitante ou filho deste paiz de negociar ou navegar para aquelles logares dentro do prazo de 24 annos, a contar do 1.^o de Julho seguinte, tendo declarado no privilegio concedido á referida Companhia, que era permittida, pelo Regulamento estabelecido ou outro que se viesse a expedir, a navegação para buscar sal em Punta del Rey, e como, reflectindo depois sobre a questão, achamos util e necessario ao paiz e á prosperidade da Companhia Privilegiada incorporar á mesma Companhia a dita navegação :

Persistindo portanto na nossa ordenança anterior de 9 de Junho, interdizemos e prohibimos nesta que qualquer natural ou habitante deste paiz, dentro do prazo de 24 annos, navegue directa ou indirectamente dos Paizes Baixos ou de outros reinos ou paizes, para fazer o commercio de sal de Punta del Rey, a não ser em nome e por meio da Companhia, e queremos e ordenamos que todos os outros naturaes e habitantes que proseguirem nesse

commerceio ou forem descobertos como o tendo feito, sofram a pena da confiscação dos seus navios e fazendas, sendo apprehendidos immediatamente e confiscados pela Companhia em seu beneficio. Si taes navios e fazendas houverem sido vendidos depois ou levados para outros paizes ou portos, ordenamos e estatuímos por esta, como já o fizemos, que os seus armadores e compartes, que residirem neste paiz ou aqui possuírem bens, sejam processados e executados pelo valor daquelles.

Feito e resolvido na Assembléa dos Estados Geraes em Haya aos 10 de Junho do anno de Nosso Senhor de 1622. Rubricado:—*N. Van der Meer* v^l. Em baixo : Por autorisação dos Snrs. Estados Geraes.—Assignado, *C. Aerssen*.

ACTO DE AMPLIAÇÃO DE 13 DE FEVEREIRO DE 1623

Os Estados Geraes dos Paizes Baixos Unidos a todos que o presente virem e ouvirem ler, salve: Fazemos saber: Que tendo ouvido na nossa Assembléa de 24 de Março do anno passado de 1622 o que foi exposto pelos Snrs. Estados da Hollanda e Frisia Occidental, por intermedio de certos deputados extraordinarios, isto é, que para mais desenvolver a Companhia das Indias Occidentaes, se tornava necessario e se devia incluir no Privilegio da Companhia, o commerceio do sal em Punta del Rey, que fôra excluido delle, ficando livre do monopolio o commerceio do sal nos paizes que não estiverem dentro dos limites do mesmo Privilegio; tambem era necessario que os principaes coparticipantes da Companhia pudessem apresentar uma lista triplice, da qual fossem eleitos os Directores; assim como que as cidades, onde não houvesse Camaras, contribuindo com cem mil florins ou mais das suas communas sob o mesmo nome, pudessem nomear do modo já referido, um Director por cada 100 mil florins, para servir na Camara a que preferissem levar o seu capital, e tendo-nos solicitado que ampliássemos o Privilegio da Companhia das Indias Occidentaes, incluindo no mesmo os referidos pontos: declaramos e consentimos, depois de bem e maduramente reflectir, que o commerceio do sal em Punta del Rey fique comprehendido, como fizemos comprehender no dito Privilegio da Companhia das Indias Occidentaes, nas condições e conforme as penas nelle estabelecidas.

E sobre os outros dous pontos declaramos, que por força do artigo 13 do Privilegio, aos coparticipantes da Hollanda e da Frisia Occidental, assim como aos das outras Provincias, fica livre fazer a nomeação dos Directores da maneira referida, para o melhor serviço e progresso da Companhia. Igualmente concedemos e consentimos que as cidades, onde não haja Camaras, que concorram com cem mil florins ou mais das suas communas, possam nomear um Director por cada cem mil florins, mediante indicação dos principaes coparticipantes e para funcção na Camara a que lhes aprouver empregar os seus capitaes.

Solicitados pelos Directores da Companhia das Indias Occidentaes para mandar expedir o competente decreto, rubricado, assignado e sellado com o

nosso grande sello, segundo cumpre, fizemos, em observação da nossa resolução tomada em 24 de Março, expedir este decreto, promettendo manter e fazel-o vigorar bem e firmemente e ordenando a todos que se regulem por elle.

Feito na nossa Assembléa, sob o nosso grande sello, rubrica e assignatura de nosso Official do Registo, em Haya, aos 13 de Fevereiro de 1623. Estava rubricado *I. Magnus v^l*.

Abaixo se lia: Por autorisação dos Senhores Estados Geraes. Assignado — *C. Aerssen*. Estava apenso um sello de lacre encarnado preso a um cordão de seda branca.

ACCORDO

FEITO ENTRE OS DIRECTORES E PRINCIPAES COPARTICIPANTES
DA COMPANHIA DAS INDIAS OCCIDENTAES, COM A APPROVAÇÃO DAS NOBRES
E ALTAS POTENCIAS OS SENHORES ESTADOS GERAES

Os Estados Geraes dos Paizes Baixos Unidos a todos que o presente virem, salve. Fazemos saber: Que pela exposição que nos foi feita por alguns deputados dos principaes coparticipantes da Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes pertencentes á Camara de Amsterdam, fizeram estes varias reuniões no Collegio dos Directores, assim como conferenciaram muitas vezes com os committentes, afim de ser em tempo estabelecido um regimento, a contento dos bons coparticipantes, para que pudessem mais depressa regular os negocios e com mais resultado promovê-los e encarreirar-los, solicitando, para algumas medidas que propuzeram, a nossa approvação em forma de ampliação do privilegio, ou de outro modo por meio de uma ordem da Camara particular de Amsterdam ou como fosse de nosso aviso.

Antes de resolvermos, achamos conveniente mandar copia da proposta ás respectivas Camaras da Companhia, para que a examinassem detidamente, e communicassem aos principaes coparticipantes plenamente encarregados e autorisados a vir conferenciar sobre esses pontos e o que mais pudesse servir para a prosperidade de uma empreza tão necessaria, e assim praticamente chegar a um accordo final que obtivesse a nossa sancção.

E os Deputados das respectivas Camaras, Directores e principaes coparticipantes compareceram em numero competente, e com a assistencia, pareceres e intervenção dos nossos commissarios, após varias conferencias, communicações e deliberações, com os Directores e principaes coparticipantes accommodaram-se e concordaram nos seguintes artigos, sem prejuizo das provincias e respectivas cidades e no interesse da Companhia:

1º Nenhuma alteração, extensão ou interpretação do Privilegio ou de suas dependencias poderá ser requerida pelos Directores nem pelos principaes coparticipantes ou outro qualquer, a não ser depois de convocação, comunicação e approvação da maioria dos Directores e principaes coparticipantes, que estiverem presentes na Assembléa.

2º Em todas as Assembléas a que assistirem juntamente Directores e principaes coparticipantes ou somente os ultimos sem os Directores, sempre que se realizarem as nomeações, deputações e eleições com um nome de cada vez, deverá ser dar o voto em cédulas fechadas entregues em mão do presidente, ou por qualquer outro processo de escrutinio secreto.

3º A Companhia não poderá levantar nenhum emprestimo a juros ou acceitar deposito, a não ser com aviso e consentimento da maioria dos Directores e principaes coparticipantes, podendo entretanto, cada uma das respectivas Camaras no caso de necessidade, tomar emprestado de uma vez até uma vigesima parte do capital nella empregado, sem que possa fazer outros emprestimos enquanto o primeiro não estiver amortizado.

4º. Todas as contas mencionadas no artigo XV do privilegio deverão ser feitas em estylo commercial e prestadas aos commissarios nomeados pelos principaes coparticipantes e admittidos sob juramento, dentro do prazo comprehendido no referido artigo XV. Esses commissarios deverão communicar um resumo daquellas contas aos outros principaes coparticipantes e serão obrigados por juramento a não descobrir e a manter secreto tudo sobre que os Directores devam guardar segredo. E' lhes extensiva dentro do prazo de dous annos a prohibição que o artigo XXXI do Privilegio faz aos Directores, relativamente a compras e vendas.

5º. Esses representantes deverão ter e exercer em nome dos principaes coparticipantes, o direito dado e concedido aos agentes pelo artigo XXVII, e alem disso poderão consultar para esse fim os livros, facturas e outros documentos que desejarem e examinar as mercadorias e as cartas referentes ao commercio.

6º. Os primeiros dous logares de Directores que vagarem em Amsterdam, assim como os dous primeiros da Zelandia e o primeiro na Camara da Mosa, deverão ser successivamente suppridos e preenchidos pelos principaes coparticipantes das respectivas Camaras, por maioria absoluta de votos. Os nomeados prestarão o mesmo juramento, e exercerão a administração como os outros Directores, e terão de communicar aos principaes coparticipantes o que lhes interessar, defender o seu direito na Assembléa dos Directores, e convocar-os segundo as circumstancias e serão por sua natureza demissiveis e responsaveis para com estes. Os demais Directores de cada uma das Camaras serão eleitos conforme determina o Privilegio, ou como estiver estabelecido nas respectivas Provincias ou venha a sel-o para o futuro. Serão commissionedos por provisão dous dos principaes coparticipantes de cada uma das Camaras de Amsterdam e Zelandia e um da Camara de Mosa, alem dos mencionados nos artigos precedentes, para provisoriamente defenderem os interesses dos mesmos, até que hoje uma ou duas vagas.

7º. Quando os XIX se reunirem em Assembléa, os principaes coparticipantes da Camara de Amsterdam poderão eleger um dos referidos Directores ou commissarios provisorios para ser um dos oito Directores que terão de comparecer á mesma Assembléa, por parte daquella Camara, assim como os principaes coparticipantes da Zelandia poderão escolher um dos dous

Directores ou commissarios provisórios nomeados por elles, para ser um dos quatro Directores que terão de comparecer por parte de sua Camara á Assembléa dos XIX. E poderão alem disso os principaes coparticipantes de cada uma das Camaras de Amsterdam e da Zelandia eleger um dos commissarios juramentados mencionados nos artigos 4º e 5º, para auxiliar os respectivos deputados, na referida Assembléa dos XIX, sem que tenham entretanto o direito de voto. E afim de que as outras Camaras tenham sciencia das questões que possam ser tratadas na mesma Assembléa, tanto quanto as suas resoluções puderem ser objecto de communicação, deverá o auxiliar da Camara de Amsterdam avisar do occorrido na Assembléa aos principaes coparticipantes da Hollanda Septentrional e da Groninga, e o da Camara da Zelandia aos da Mosa.

8º. Depois deste accordo ninguem poderá ser eleito Director, estando a serviço da Companhia das Indias Orientaes. Não poderão ser Directores numa mesma Camara pae e filho nem irmãos germanos ou unilateraes. Os Directores não deverão gosar de emolumentos, a não ser que estejam no effectivo serviço da Companhia.

9º. Como é preciso para satisfazer a todos que se prolongue o prazo para subscripção e collocação de capital na Companhia a contento dos habitantes e dos estrangeiros, fica prorogado o prazo para aquelle até o ultimo de Agosto e para estes até o ultimo de Outubro vindouros (*stylo novo*), publicando-se para esse fim editaes. Depois desse dia ninguem poderá ser acceito ou admitido na Companhia. No 1º dia de Novembro deverão as Camaras encerrar a subscripção e oito dias depois enviarão umas ás outras, copias das respectivas listas ficando entendido que deverão proseguir os equipamentos começados para o serviço da Companhia, e que aquelles que anteriormente forneceram os seus capitães e devem ainda fornecer, perceberão juros á discreção dos XIX.

10º. Quanto ao balanço geral, e á substituição do terço dos Directores, a que se referem os antigos XVI e XIV do Privilegio, achou-se necessario, para manter boa ordem e uniformidade em todas as Camaras, que o balanço geral tenha logar seis annos após a data do Privilegio, 3 de Junho de 1621, (*stylo novo*) e se faça em publico, segundo o costume do commercio, com a assistencia dos representantes dos principaes coparticipantes das respectivas Camaras, e que assim por diante se faça successivamente cada seis annos o balanço geral. Mas deverá a Assembléa dos XIX regular a continuação dos balanços geraes, afim de que os Directores que se retirem possam deixar o cargo com as suas contas em ordem. A mudança do terço dos Directores, deverá ter logar seis annos depois do dia 3 de Junho de 1623, e assim por diante successivamente cada dous annos, conforme o privilegio.

11º. Não gosará dos direitos de principal coparticipante quem não tiver entrado para a Companhia desde o principio ou não for conhecido nos seus livros como tendo subscripto, ha dous annos ou mais, por sua propria conta, tanto quanto um Director deve ter na respectiva Camara, segundo o Privilegio, exceptuando-se os filhos e todos os outros herdeiros, que immediatamente

depois da successão inscreverem em seu nome a totalidade da somma respectiva.

12º. Si sobrevierem algumas questões das quaes possam surgir processos em prejuizo da Companhia, os Directores deverão esforçar-se por todos meios para os terminar de modo amigavel, sendo possível, e, senão o fôr, communicar a questão aos principaes coparticipantes, para com o parecer geral, fazer-se o que convier mais ao serviço da Companhia.

Assim é que, tendo examinado os referidos artigos, e reflectido sobre elles e desejando a união e boas relações entre os Directores e os principaes coparticipantes e ao mesmo tempo a prosperidade da Companhia das Indias Occidentaes, achamos conveniente, com o conselho do Snr. Principe de Orange, acceital-os e approval-os, querendo que os mesmos sejam observados e obedecidos pelos Directores, coparticipantes e por qualquer pessoa a quem forem apresentados juntamente com os artigos do Privilegio, como se estivessem insertos nelle; pois achamos que convêm ao serviço da Companhia.

Dado sob o nosso grande sello, rubrica e assignatura do nosso Official do Registo, em Haya, aos 21 de Junho de 1623.

Rubricado:—*N. van Bouckhorst* *vt*.

Abaixo se lia: Por autorisação dos referidos Estados Geraes. Assignado.
—*C. Aerssen*.

Estava appenso um sello de lacre vermelho, preso a um cordão de seda branca.

Nomes dos Snrs. Directores que serviram desde o principio
da Companhia até ao fim do anno de 1636

Na Camara de Amsterdam.

Os Srs.

~~Jacob Gerritsz. Hoing, Burgomestre.~~

Jonas Witsz. *Burgomestre.*

Jan Gijsbertsz de Vries, *Escabino*.

Jacob Pietersz. *Camara Alta.*

Albert Coenraets Burgh. *Escabino*.

Adriaen Krom-hout.

Revnier Reael.

Cornelis Bicker.

Joris Adriaensz.

Hendrick Hamel.

Pieter Beltens.

Elias Pels.

Guilliam Bartilotti.

Samuel Godijn.

Hendrick Broen.

Gommer Spranger.

Samuel Blommaert.

Hans vander Merckt.

Rombout Jacobsz.

Eduard Becker.

Guilliam van Everwijn, *por parte de Gueldria.*

Matheus Joyen, *por Harlem.*

Willem van Moerberghen, *Escabino*.

Joannes de Laet.

Johan Uyttewael.

Olivier Uyttenhove.

Ir. Johan van Hemart, *por Deventer.*

Kiliaen van Renselaer.

Pieter Ranst.

Simon van der Does, *Escabino*.

Marcus van Valckenburgh.

} *por Leyde*

{ pela Provincia de Utrecht.

} principaes Coparticipantes e
 } Directores.

- Carel Looten, *Principal coparticipante e Director.*
 + Michiel Pauw Heere van Achthienhoven.
 Jaques de la Mijne.
 Jehan Gras.
 Abraham Oyens.
 Warner Ernst van Bassen, *Escabino.*
 Pieter Evertz Hulft.
 + Willem Bruyn.
 Dirck Cornelisz. van Swanenburgh, *por Utrecht.*
 Johan van Harinck-houck.
 Nicolaes van Sitterich.
 + Mathias van Ceulen, *Principal Coparticipante e Director.*
 Toussain Blanche.
 Abraham Spiers.
 Jaques Beursee.
 Marcus de Vogelaer.
 Daniel van Lieberghen.
 Jacob Reepe-maker.
 Jehan Raye, *Principal Coparticipante e Director.*
 Ir. Gijsbert van Hemart, *por Deventer.*
 Pieter Jansz. Blaeuwen-haen, *por Deventer.*
 Matheus de Pauw, *por Utrecht.*
 Pieter Varleth, *por Utrecht.*
 Cornelis van Wyckersflood, *por Utrecht.*
 Dirck van Helsdingh, *por Utrecht.*
 Jacob de Key, *por Harlem.*
 Mr. Jacob van Broekhoven, *por Leyde.*
 Mr. Jehan Panhuysen, *por Leyde.*
 Johan Wentolt Bartels, *por Gueldria.*
 Eduard Man.
 Ferdinando Schuylenburgh.
 + Frederick de Vries.
 Johan Bartringh.
 Johan van Gheel.
 Abraham de Visscher.

Na Camara da Zelandia.

Os Srs.

- | | |
|--|---------------------------|
| Joos vander Hooghen, <i>Burgomestre.</i> | } <i>por Middelburgo.</i> |
| Mr. Symon Schotte. | |
| Rogier Cobbert, <i>por Flessinga.</i> | |
| Antonio Godijn. | } <i>por Middelburgo.</i> |
| Pieter Beurdt. | |

Adriaen de Ketelaer, *por Flessinga.*

Abraham Droogh-broodt, *por Middelburgo.*

Adriaen Velters, *por Ter-Veere.*

Pieter Muenix

Galeynten Haeff.

} *por Middelburgo.*

WillemSnellen, *por Flessinga.*

Jeremias Waelens, *por Thoolen.*

Pieter Boudaen Courten, *por Middelburgo.*

Mr. Job Porrenaer, *por Flessinga.*

Pieter van Essen

Jan Velinx.

} *principaes Coparticpantes e*
} *Directores, por Middelburgo.*

Christoffel Barents, *por Ter-Veere.*

✕ Mr. Symon van Beaumont.

Jean vander Poorten.

Woulter Teunemans.

Jan de Moor.

Abraham van Pere.

Bouwen Melssen Schot.

Jehan vander Merckt.

Cornelis Coornne.

Cornelis Claesz. Elfsdijck.

Pieter vande Velde.

✕ Jehan Gijsselingh.

Abraham Bisschop.

Pieter Joosten Duyvelaer.

Steven Becker.

Pieter Alleman.

Abraham Schooren.

Nicolaes Velinx.

Cornelis Lampsens.

Hendrick Liens.

Pauwels Jansz. Serooskercke.

Jan Louijs.

Nicolaes Swancke.

David Taetse.

Na Camara da Mosa.

Os Srs:

Cornelis van Terensteyn.

Mr. Jacob de Witte.

Michiel Pompé.

Cornelis Nicolay.

} *por Dordrecht.*

Wijnandt Jansz. Rutgers.
 Dirck vander Haeghe.
 Johan vander Mast.
 Arendt Martensz.
 Roeloff Francken.
 Cornelis van Beveren.

por Dordrecht.

Os Srs.

Philips Doublet.
 Hendrick van Milligem.
 Jacob Hoghenhoeck.
 Geerard van Fockenstaert.
 Pieter Anthéunisz. vanden Heuvel.
 Adriaen vander Goes.
 Adriaen Pierterssons.
 Mr. Johan de Voocht.
 + Mr. Willem Schade.
 Arendt Jacobsz. vander Graeff.

por Delft.

Os Srs.

Cornelis Claesz. van Driel.
 Jacob Velthuysen.
 Dirck Pietersz. van Veen.
 Henrick Nobel.
 Johan Robberts.
 Hendrick van Eck.
 Thomas Varver.
 + Adriaen vander Dusse.
 Sarich Haiwijk.

por parte de
 Rotterdam.

Pela Camara da Hollanda Septentrional.

Os Srs.

Ir Floris van Teylinghen, *Burgomestre*.
 Gerrit Jansz. vander Nieuwburgh, *Burgomestre*.
 Pieter Willemsz. Kessel.
 Olfert Barentsz., *Burgomestre*.
 Ir. Johan van Foreest.
 Claes Willemsz. Crap, *Burgomestre*.
 Frederick Broecker.

por Alcmær.

por Hoorn.

- X Gerrit Jacobsz. Trompet, *Burgomestre.*
 Cornelis Pietersz. Lantman, *Burgomestre.* } *por Enchuysen.*
 Jacob Menten.
 Pieter Hardebol.
 Boudewijn Heynsz, *Burgomestre.* }
 Jacob Pieter Mieuses. } *por Edam.*
 Claes Symonsz. Dolphijn, *por Monnickendam.*
 Willem Dirksz. Everhart, *Burgomestre.* }
 Pieter Nanninghs, *Burgomestre.* } *por Medenblich.*
 Marten Boudewijnsz, *Burgomestre de Edam.*
 Cornelis Mathijsz. Schaghen, *Burgomestre de Medenblich.*
 Claes Jacobsz. Roch, *de Hoorn.*
 Jan Jansz. Sus, *de Hoorn.*
 Meyndert Thomasz., *de Enchuysen.*
 Adriaen Cornelisz. Schagen, *de Alcaer.*
 Jacob Volckertsz, *de Enchuysen.*
 Cornelis Sweerssz, *de Enchuysen.*
 Pieter Huygh, *de Enchuysen.*
 Pieter Claesz. Teenghs, *de Edam.*
 Jan van Neck, *Burgomestre em Hoorn.*
 Symon Maertsz. Lieveens, *Burgomestre em Medenblich.*
 X Dirck Codde vander Burgh, *por Enchuysen.*
 Pieter Pauw, *de Alcaer.*
 Pieter Dirksz. Ben, *Burgomestre em Hoorn.*
 Dr. Johan Gerritsz. Juel, *de Hoorn.*
 Mr. Allert de Groot, *de Hoorn.*
 Mr. Pauwels Swanenburgh, *de Alcaer.*
 Claes Adriaensz. Clock, *de Hoorn.*
 Pieter Claesz. Bosch-schieter, *Burgomestre de Edam.*
 Dirck Willemsz. Everhart, *de Medenblich.*
 Saker Cornelisz. Schagen, *de Medenblich.*
 Jacob Schagen Hooghlandt.
 Dirck Jacobsz. Haghen, *de Monnickendam.*

Na Camara da Groninga.

Os Srs.

- Jochim Altingh, *Burgomestre.*
 Ir. Johan Seckinghe.
 Ir. Onno Tamminga.
 Ir. Remt Rengers.
 Ir. Edzard Jacob Clandt.
 Ir. Diderich Scharff.

Bartolt Wicheringhe, *Conselheiro*.

Ir. Christoffer van Eussum.

Hillebrandt Gruys, *Conselheiro*.

Albert Wifrinck, *Conselheiro*.

»

Joost van Cleve, *Conselheiro*.

»

Nicolaus Mulerius, *Professor*.

Sr. Willem van Vyrssen.

Sr. Baerent Jansz.

Hendrick Schonenburgh, *Conselheiro*.

Hugo van Nyeveen, *Burgomestre*.

Ir. Albert Conders.

Pieter Isebrandts, *Conselheiro*.

Ir. Sygert Syghers.

Hendrick van Royen.

Ir. Rempt Jensema.

Ir. Johan Horenken.

Ir. Barent Conders.

Sr. Folckert Folckertsz.

Bernhard Julsingh, *Burgomestre*.

Ir. Lambert van Starkenborgh.

Sr. Tobias Iddekingha.

Pieter Eyssinghe, *Burgomestre*.

Edzard Rengers, *Conselheiro*.

Ir. Evert Leeuwe.

HISTORIE
Ofte
Iaerlijck Verhael

Van de
Verrichtinghen der Geoctroyeerde
West-Indische Compagnie,

Zedert haer Begin / tot het eynde van t jaer
sesthiën-hondert ses-en-dertich;

Begrepen in Derthien Boecken,
Ende met verscheyden koperen Platen verciert:

Beschreven door

IOANNES DE LAET

Bewint-hebber der selver Compagnie.



TOT LEYDEN,

By Bonaventuer ende Abraham Elsevier, ANNO 1644.

Met Privilegie.

ADVERTENCIA

Como houvesse grande numero de diarios e o tempo, devido a muitas outras occupaões, me fosse tão curto, não pude tudo referir na Historia que se vae ler. Algumas vezes tambem pelas falhas que se encontram em varios escriptos não me foi possivel fazer um registro tão completo e exacto como desejara e o leitor talvez esperasse.

Pode sobretudo haver succedido que fossem omittidos os nomes de algumas pessoas que houvessem estado durante esses annos a serviço da Companhia e alguns feitos praticados pelas mesmas ou que não fossem estes descriptos minuciosamente.

Quemquer que se encontre nesse caso, queira acreditar que não o fiz propositalmente nem para desmerecer o seu valor e as suas virtudes, mas sim por falta de dados.

Pego portanto a todos que notarem uma tal omissão na leitura desta Historia o favor de a indicar e de me fornecer as suas memorias ou diarios, para que mais tarde me possa lembrar e inclua as informações nos devidos logares, o que será um serviço a mim e ao publico, ajudando-me assim a completar esta Historia.

Posso entretanto assegurar ao leitor que tudo, quanto mencionei, extrahi das notas dos que exerceram alguma jurisdicção ou intervenção nas operações terrestres e maritimas.

Finalmente, como uns foram mais diligentes do que outros no indicar a situação e altura dos logares, procurei referir todas as observações, para que dahi possa ser organizada uma descripção completa. Si alguem me indicar algum engano ou me fornecer novos dados, encontrar-me-ha sempre prompto a dar disso noticia com a competente declaração do seu nome.

SUMMARIO DO LIVRO PRIMEIRO

Introducção a estes Annaes e intentos do author. Deliberação e resolução tomada sobre a interpreza contra a Bahia de Todos os Santos. Descripção da armada apparelhada para este effeito. Viagem de Philips van Zuylen com um navio e dous hyates á costa d'Africa. Os hyates tomam um pequeno navio diante de Cacheu, mettem a pique um barco, incendiam dous. Reunem-se ao *Commandeur* em Serra Leôa. 1624. Procede-se na narração da viagem da armada destinada á Bahia. O coronel Dorth descahe para Serra Leôa; o almirante com os mais navios vem ter a S. Vicente, uma das ilhas do Cabo Verde onde os nossos refrescam. D'aqui partem a 26 de Março. Descripção da Bahia de Todos os Santos, e lugares adjacentes. Cidade de S. Salvador. A armada avista a costa do Brazil. Acerca-se da Bahia. Ordem do combate assentada em conselho. A armada entra a Bahia. O vice-almirante Pieter Pieterz. Heyn approxima-se da bateria levantada na plata-forma, e dos navios portuguezes. Destes alguns são incendiados, os mais são levados pelos nossos. Tomam a plata-forma á escala vista; encravam a artilheria, e tornam-se aos navios. Numero de homens d'arma validos; desembarcam na bahia de areia. Ordem em que marcham. Chegam com pequena opposição ao suburbio. O inimigo abandona á noite a cidade, e foge para os bosques e lugares vizinhos. Os nossos entram a cidade; prendem o governador, que ficára só, e dão-se ao sacco das casas. O vice-almirante vem da banda do mar á cidade. O inimigo abandona os seus fortes sem queimar cartucho. Disposição da cidade. O almirante põe termo ao sacco, e manda arrecadar as fazendas estragadas. Despojos encontrados, assim nos armazens, como nos navios tomados. O Sr. van Dorth, depois de ter andado divagando, chega á Bahia, e dá providencias acerca da disciplina militar e defesa da cidade; convida os Portuguezes a se tornarem ás suas casas. Acertam de entrar na Bahia alguns navios, que são tomados pelos nossos. O inimigo chega-se á cidade pela calada da noite. O governador, tendo sahido para fóra das muralhas, é sorprendido e morto pelos indigenas. Occupa o seu lugar o sargento-mor Allert Schouten. São tomados tres navios do inimigo. O almirante Jacob Willekens torna á Republica. O vice-almirante Pieter Pietersz. Heyn parte para Angola. Irregularidades havidas na Bahia. Descripção dos aprestos, que se faziam na Republica. Viagens do *Wind-Hond*. Continuação da excursão de Pieter Schouten. Chega ao cabo Caldera. Procura entrar em Maracaybo, mas é contrariado pelo vento. Dirige-se a Hispaniola, e depois á Jamaica. Chega a ilha de Pinos, e faz a travessia do Yucatan. Saqueia Sisal, e toma um barco vasio. Passa-se a Cuba, onde toma alguns pequenos barcos. Avista a

frota hespanhola, e bate-se com alguns dos navios della. Navega para Tortugas, e depois para Florida. Chega ás Bermudas. Envia um navio á Republica, e volta com o *Trouwe* para as ilhas. Surge nas Virgens. Chega a Dominica, depois de algumas divagações, e finalmente a S. Vicente. No entretanto o *Eendracht* toma um rico navio de Honduras, mas sossobra nas aguas de Tortugas, passando-se a gente para a sua prêsa, que segue para Zelandia. Continuação da viagem de Philips van Zuylen. Acerca-se do cabo Negro. Todos os navios reúnem-se a elle. Obtem refrescos de alguns Portuguezes. Toma um navio de Pernambuco com mercadorias, uma fusta com vinhos, e um pequeno navio com farinha. Segue para Loanda, e de caminho toma muitos patachos. Surge no porto de S. Paulo, bate-se com onze navios, dos quaes toma dous que são resgatados. Partido d'aqui, toma mais alguns navios, e entre outros um de pôpa quadrada, e ainda outros dous. Torna a Loanda, e trata com os de Congo. Pieter Pietersz. Heyn aqui encontra-se com elle. Descrição da viagem de Heyn. Toma um navio carregado de vinho das Canarias. Descahe sobre o cabo de S. Agostinho. Chega a Angola, e entra no porto de Loanda, onde toma alguns navios. Manda dous hyates a Benguela, que a não encontram, e reúnem-se ao almirante. Este parte para o rio de Congo.

LIVRO PRIMEIRO

1623

Entre as acções illustres, que este Estado das Provincias Unidas tem praticado em nossos dias, com o fim de manter a verdadeira Religião, e defender a nossa liberdade contra o rei de Hespanha, nos pareceram mui dignos de nota os feitos da Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes; a qual, sem accarretar grandes onus á Republica, (1) dispondo das poucas forças que lhe proporcionavam as contribuições (2) de um pequeno numero de cidadãos deste Estado, sahio-se tão bem com o seu intento, que abateu o orgulho de Hespanha, e causou assombro ao mundo inteiro; e claramente mostrou como se podia offender este poderoso inimigo com as proprias armas delle, tomando ou inutilizando as suas riquezas da America, com as quaes, por dilatados annos, elle tem vexado e trazido em continuo desassocego a toda a christandade.

Demais disto, entendemos que estes honrados feitos, praticados a bem da nossa cara patria pela Companhia das Indias Occidentaes, não podiam, não deviam ser calados aos vindouros; e que nos não podia ser levado a mal, a nós que temos estado desde o começo ao serviço da Companhia, que temos

(1) «Os Estados obrigaram-se a pagar annualmente á Companhia, durante cinco annos, a somma de 200,000 florins, e na razão de metade desta somma compartilhariam os lucros da Companhia. No caso de achar-se esta empenhada em alguma guerra importante, o Estado poria á sua disposição 16 navios grandes de guerra e 4 hyates, com a condição de ser equipada pela Companhia uma armada da mesma força.»—(*Netscher.*)

(2) «A Companhia começou com o capital de fl. 7,108,161, que subiu em breve a fl. 18,000,000 e foi dividido em acções de 6,000 florins. Compunha-se de 5 camaras ou secções que entraram na Companhia na seguinte proporção: o camara de Amsterdam na razão de 4/9, a de Zelandia na de 2/9 a do Mosa (Rotterdam), o districto do Norte (Hoorn e Frisia), e a cidade e paiz de Groninga, cada uma na proporção de 1/9.»—(*Netscher.*)

assistido a todos os conselhos em que se trataram negocios graves, e em ditos conselhos tomado parte, que temos lido e examinado todos os diarios, cartas e mais papeis,—que nos não podia ser levado a mal, dizemos, o emprehen-der a narração de taes feitos, e expor a respeito delles a pura verdade (que nos é bem conhecida) em differentes livros dispostos pela serie dos annos; ficando assim colleccionados os materiaes, que, para o futuro, serão aproveitados e utilizados por escriptores, que, com mais habil penna que a nossa, tratarão o assumpto, como elle ha mister, e farão um quadro digno de ser apresentado aos olhos do mundo.

Pareceu-nos tambem, e convieram connosco os nossos amigos, que a *Descrição da America ou Novo Mundo*, obra que annos atraz publicámos, requeira o presente trabalho como uma continuação necessaria; visto como as numerosas viagens posteriores, o descobrimento de varias regiões, e as explorações feitas por mar e por terra, assim pelas frotas, como pelos soldados da Companhia, derramam nova luz sobre aquellas partes do mundo modernamente descobertas, e augmentam a somma dos nossos conhecimentos, como ver-se-ha no decurso deste trabalho.

Não nos occuparemos com a instituição da Companhia; não diremos que tempo levou a amadurecer a idéa da sua criação; não fallaremos dos que a aconselharam, nem dos que se lhe oppuzeram, nem emfim mencionaremos as difficuldades que surgiram, quando se quiz instituil-a, quando se tractou de haver os meios necessarios para a realização de obra de tanta magnitude, e por tanto tempo esperada; o que tudo tem melhor cabida na historia geral deste Estado. Tambem não trataremos da organização e administração da Companhia, que dá sufficientemente a conhecer a carta de outorga e privilegio que se dignaram de conceder aos seus subditos S. A. Potencias os Senhores Estados-Geraes das Provincias-Unidas (1). Emfim não faremos menção de muitas deliberações tomadas sobre varios negocios, algumas, das quaes ainda não foram postas por obra, sendo por isso inopportuno e inconveniente o declaral-as. Tencionamos presentemente referir sómente o que a Companhia emprehen-deu, e por força das armas effectuou, por mar e por terra, contra o rei de

(1) Não será talvez fóra de proposito, para dar uma idéa generica do governo de então das Provincias-Unidas, transcrever o seguinte trecho da *Historia Universal* de Cantu:

«A republica comprehendia então (1609) sete provincias confederadas e soberanas, designaes em extensão, forças e encargos, mas não em direitos, pois tinha cada uma dellas um voto nos estados geraes, como se chamava a assembléa de Haya, para onde podia enviar tantos deputados quantos lhe aprouvesse. Estes porem não eram representantes, e de cada vez deviam receber um mandado especial dos estados de sua provincia, o que occasionava lenti-dões e fazia impossivel o segredo. Dos encargos publicos carregava a Hollanda com a quin-quagesima parte, escolhia sempre entre os seus deputados o advogado, chamado grão pensio-nario, que era considerado o primeiro personagem da União, pelo menos depois do Stathouder.

«A soberania não residia pois nos estados-geraes, mas nos eleitores, que de cada vez outorgavam ao Stathouder, alma do governo, os direitos, que era chamado a exercer. Mas posteriormente a Leicester, e até 1717, não houve mais Stathouder geral. Mauricio de Nassau, que administrou a republica durante trinta e oito annos, e depois delle seus successores, apenas tomaram para si o titulo de capitães e almirantes geraes da União.»—(N. do Trad).

Hespanha e seus subditos, nas vastas, desertas, e riquissimas terras da America e Africa, e principalmente na afamada provincia do Brazil, onde a Companhia acabou por fazer assento, substituindo-se aos seus inimigos; e não nos envolveremos com o trafico e a navegação, que ella tem, desde o seu começo, promovido para as terras auríferas de Guiné, ambos os continentes da America, e ilhas ainda não conquistadas e occupadas pelo inimigo, a não ser de passagem, e quando o commercio estiver ligado á guerra.

Esforçar-nos-hemos por só escrever a verdade, e não calaremos de industria o que soubermos que o é. Contaremos singelamente as acções e omissões daquelles que estiveram ao serviço da Companhia, para que os leitores ajuzem delles, conforme o real merecimento de suas pessoas; o que porém com tanta mais descripção devem fazer, quanto nem sempre se deve carregar áquelles, que tiveram parte nos acontecimentos, o mallogro da empresa, assim como succede, pelo contrario, que o bom exito de outras independe inteiramente da habilidade ou do valor dos homens. Em casos taes cumpre levantarmos os olhos para o céo, e louvarmos aquella Divina Providencia, que se tem maravilhosamente revelado em todos os nossos negocios, ora obstando commettimentos, que pareciam sabiamente combinados, ora tirando a bom fim outros, de que cousa alguma se esperava. A Deus sómente é devida a principal honra, a elle que foi propicio ás armas da Companhia, e abençoou os seus minguados recursos, permittindo-lhe reparar os passados danos com prosperos e novos casos, e, contra o juizo e a expectação de todos, fazer grandes cousas em proveito deste Estado com pequenos meios.

Para isto, com o seu patrocínio e suas mercês, tambem contribuíram muito S. A. Potencias; e houvesse Deus permittido que se instituisse esta Companhia, não em uma epocha, em que os dinheiros publicos se achavam distribuidos com uma guerra quasi que em nossas fronteiras, com contribuições e soccorros concedidos a amigos e alliados, mas em uma epocha em que ella pudesse ser melhor dotada e mais efficazmente auxiliada, quem sabe que outras empresas de maior alcance não se houveram planeado e effectuado ?!

O Principe Mauricio de gloriosa memoria (para quem foi motivo de jubilo a instituição da Companhia, e o ver, antes de deixar o mundo, os seus primeiros trabalhos), e S. Alteza o actual Principe de Orange, com os seus bons conselhos, incitamentos e favores, foram tambem parte para aquelle resultado.

Os heroes, que com esforço e felicidade pozeram por obra a empresa, acharão, nos devidos lugares, mencionados os seus nomes, e honrados com louvores os seus feitos.

Finalmente os vindouros, quando já se não fizerem ouvir a inveja e a malevolencia, hão de julgar e reconhecer que a Companhia grandes cousas fez a bem do Estado, e talvez mais do que della se esperára, ou se podia requeerer; pois, si considerarmos os seus haveres obtidos dos proprios membros, e os compararmos com o colossal poder do rei de Hespanha, com o qual ella, sem ter respeito á sua fraqueza, sem medir as suas forças, ousou corajosamente arcar, veremos que os seus recursos, os seus meios de acção não são dignos de menção.

Mas, pois havemos de ter occasião de tratar deste assumpto mais larga e opportunamente, si Deus conceder-nos tempo para levar ao cabo a presente obra, que fenece no anno de 1637 (não tencionamos por ora ir alem), nada mais diremos a este respeito, e entramos em materia, e neste livro faremos relação do que se emprehendeu e fez nos annos de 1623 e 1624.

Tendo sido providenciado devidamente o commercio de Guiné, e outros lugares d'Africa e America, os directores, que então administravam a Companhia, entraram a deliberar a que empreza poriam mãos, por melhor debellar os inimigos do Estado; pois bem sabiam que não satisfaziam os votos dos leaes habitantes das Provincias-Unidas, nem correspondiam á geral expectação de grandes cousas, com promover unicamente aquelle trafico, que anteriormente já era feito por outros. Além disto, não se devia esperar obter de prompto grandes lucros e proveitos do commercio com selvagens, ainda não reduzidos á obediencia pelo rei de Hespanha, (exceptuando o commercio de Guiné, cujas vantagens eram de todos conhecidas): estas barbaras gentes de pouco careciam, como machados, facas, coraes e quejandas bagatellas; e por não estarem dispostas a andar vestidas, não se lhes podiam levar as mercadorias fabricadas no paiz ou para elle trazidas; e as que entre ellas e dellas se obtivessem em retorno, como madeiras, tintas e cousas semelhantes, eram taes que antes encheriam o mercado, que enriqueceriam o paiz. E posto pensassem que não só se não devia dar de mão áquelle commercio, mas antes de algum modo augmental-o e engrossal-o, todavia bem comprehendiam que lhes cumpria metter hombros a alguma empreza, com que ou forçassem os Hespanhoes e Portuguezes a negociarem e assentarem pazes com os nossos, ou, si a isto se recusassem, os privassem dos seus lucros, e no lugar delles estabelecessem os nacionaes, afim de que a nossa patria lograsse por sua vez os proveitos, que os seus inimigos tinham tido por tantos annos nas regiões mencionadas e em outras partes. E a este effeito eram os directores particularmente incitados pelo governo, com razão persuadido que todos os esforços empregados dentro do paiz, ainda quando bem succedidos, não eram por si sós cabaes a pôr o desejado termo a tão duradoura guerra, e que necessario se fazia cortar á Hespanha o nervo, por assim dizer, de suas rendas annuaes, e com o tempo estancar as fontes, donde o sangue e a vida se derramam naquelle grande corpo; e foi para conseguir isto mesmo que avisados governadores deste Estado desejaram e aconselharam por tanto tempo se levantasse a Companhia, creada finalmente pelos actuaes. E com quanto os directores não se illudissem sobre a gravidade da empreza, e soubessem que conjurariam e desafiariam contra si as forças de um Principe poderosissimo, todavia, considerando que de um ou de outro modo a luta se travaria, ainda quando elles cuidadosamente evitassem medir-se com o rei de Hespanha, não se deixaram amedrontar; mas antes, com verem que eram veleiros os navios neerlandezes, numerosos, bravos e experimentados os nossos marinheiros, encheram-se da esperanza de fazer cousas uteis e proveitosas, e quicá grandiosas, tanto mais quanto estavam em parte bem informados, e de dia para dia mais se esclareciam, acerca das regiões da America onde o rei de Hespanha

se achava forte, e onde fraco. Assim que, era agora quasi a sua unica preocupação determinar que ponto devia ser preferido para começar: muito havia que escolher em tão vastas regiões, e consideravam-se difficeis de serem encetadas muitas das principaes praças.

Pouco antes de resolvida e assentada a instituição da Companhia, Suas Altas Potencias os Senhores Estados-Geraes, com a approvação de Sua Alteza Serenissima o Principe Mauricio, de gloriosa memoria, haviam depachado a frota Nassauw (1) ao mando do almirante L' Hermite, custeada em parte pelo governo, e em parte pela Companhia das Indias Orientaes, sendo tido muito em segredo entre alguns membros do governo, como cumpria, o destino que levava a dita frota. Não desagradaria ao governo que a Companhia das Indias Occidentaes, estipuladas certas condições, com elle se associasse, e compartilhasse as despesas da empresa, ou pelo menos a continuasse e concluísse; e neste sentido fez-lhe proposições, sendo então declarado tambem a alguns dos directores qual o destino daquella frota. Pareceu em geral aos directores que se não deviam envolver n'este negocio, que muito caro lhes sahiria; por quanto a frota, em consequencia de haver perdido a estação favoravel, estivera muito tempo retida nos portos destas Provincias, e isto dera lugar a que alguns inquirissem das cousas desta expedição, e suspeitassem onde se tinha a mira.

Receiavam pois os directores que o inimigo tambem tivesse tido faro dos planos do governo. Nada obstante, muitos estavam dispostos a que a Companhia tomasse parte na obra começada, e proseguisse nella, de modo que ficou quasi assentado que a frota, que se estava fazendo prestes, seguisse na esteira da primeira. Outros, pelo contrario, tinham semelhante opinião por inopportuna e nociva; porque não devia a Companhia, no seu primeiro passo, arriscar o melhor dos seus recursos e a parte exactamente mais disponivel em uma empresa toda de incertezas, de cujos resultados, ainda no caso mais favoravel, mal poder-se-hia ter noticia dentro em dous annos, e sem embargo d'isto a Companhia teria de mandar logo novos auxilios; e mais util ao estado e accomodado ás forças da Companhia lhes parecia tentar alguma empresa em partes menos alongadas. Em lugares remotos, o mais certo era que a tentativa

(1) «Esta frota, forte de 11 navios, partio em Abril de 1623 de Goeréa. Suas cartas de commissão, que só no mar deviam ser abertas, ordenavam que fossem em demanda da frota de prata hespanhola e della se apoderassem, ou que tentassem um commettimento no Chile, ou ajuda que capturassem os galeões hespanhoes ricamente carregados, que se dirigiam todos os annos de Manilha a Panamá Primeiramente libertaram alguns escravos das mãos dos piratas argelinos que encontraram em caminho, e, depois de uma navegação pouco favoravel de nove mezes, durante a qual tiveram de lutar a bordo com o escorbuto e outras doenças, chegaram ao estreito Lemaire, que, desde o seu descobrimento, não tinha sido transposto por nenhum navegante hollandez. Fizeram no Chile e no Perú varios assaltos que não tiveram bom exito: estavam mui bem guardados os lugares de alguma importancia na costa, e era aguardada a chegada da nossa frota. Conseguiram somente assenhorear-se de Guayaquil, que foi incendiada. Algum tempo depois, morreu o almirante L'Hermite que foi succedido pelo celebre e bravo Witte Corneliszoon de With. Em Janeiro de 1625, este chegou com a frota nos Ladrões, e voltou ao Texel em Junho de 1626.»—(Netscher)

falhasse, e em outros mais proximos, poderia ser repetida; e si, por um lado, era mais para temer-se, n'este caso, a resistencia do inimigo, a Companhia, por outro lado, seria tambem mais prompta em remetter soccorros, e assim refrescaria os nossos com reforços. Os que eram deste parecer insistiam particularmente em que os nossos navios, permanecendo no Oceano Atlantico, poderiam talvez no espaço de um anno percorrer as costas da America a começar do Brazil, e o commettimento, que em um ponto fosse arduo, seria mais facilmente effectuado em outro, e em todo o caso a Companhia indemnizar-se-hia, em grande parte, dos seus gastos, e com isto metteria um grande medo ao rei de Hespanha, e obrigar-o-hia a fazer enormes e inevitaveis despesas; pois forçoso lhe seria augmentar e reparar as suas fortificações, e reforçar consideravelmente as suas armadas. E si a Companhia não obtivesse d'este modo grandes lucros, nem por isso a posição do inimigo seria menos embaraçosa, nem achar-se-hia elle menos enfraquecido.

Aceito afinal este parecer, resolveu a Assembléa dos XIX que fosse accommettida a Bahia de Todos os Santos, e se fizesse toda a diligencia por tomal-a. A eleição desta praça foi determinada não só porque a sua situação proporcionava facil entrada aos navios, podendo d'ahi sahirem commodamente a accommetter de improviso todas as outras partes da America e ilhas, mas tambem porque os nossos ter-se-hiam de haver, não com Hespanhões, e sim com Portuguezes, que eram menos temidos, e considerados mais faceis de ser attrahidos á nossa amizade ou forçados a aceitar-a; e ainda e principalmente por causa do assucar e do pão brazil, generos que se tinham por muitos vantajosos e appropriados no commercio d'estas provincias; e finalmente por outras razões, que de industria calaremos, por não declalar-as inopportuna-mente, e assim avisar o inimigo daquillo de que elle ha de acautelar-se. Sendo esta deliberação levada pelos deputados da Assembléa dos XIX ao conhecimento de Suas Altas Potencias e de Sua Alteza o Principe d'Orange, mereceu a approvação e assentimento delles.

A Companhia já tinha quasi inteiramente aparelhados, e providos do necessario, vinte e tres navios grandes e tres hyates. A camara de Amsterdam, pelas suas quatro nonas partes, concorrêra com os seguintes navios: *Hollandia*, do porte de trezentos lastos (1), guarnecido com seis peças de bronze e vinte e duas de ferro, e com cento e dezoito marinheiros, e cem soldados; *Zeelandia*, de igual numero de lastos, com doze peças de bronze e vinte e quatro de ferro, com cento e treze marinheiros e cem soldados; *Provincia de Utrecht*, duzentos e cincoenta lastos, duas peças de bronze e dezoito de ferro, oitenta e nove marinheiros e cem soldados. Estes tres navios eram proprios da Companhia. Havia mais os seguintes fretados: *de Eendracht* (Concordia), duzentos e cincoenta lastos, vinte colubrinhas (2), quarenta marinheiros, e cincoenta soldados; *St. Christoffel* (S. Christovão), duzentos e cincoenta

(1) Peso de duas toneladas ou 4,000 libras.—(N. do Trad.).

(2) *Gotelingen* é a antiga denominação hollandeza das peças de ferro fundido, que atiravam balas de 2 1/2, 3, 4, 6, ou 8 libras; as grandes boccas de fogo eram de 8 a 12 libras, e as de bronze de 18 a 24 (*de Jonge*, 1, p. 398, citado por *Netscher*).—(N. do Trad.).

lastos, dezoito colubrinas, quarenta marinheiros, e cincoenta soldados; *de Hope* (Esperança), duzentos lastos, dezoito colubrinas, quarenta marinheiros e cincoenta soldados; *Nassauw*, cento e noventa lastos, dezesseis colubrinas, quarenta marinheiros e cincoenta soldados; *de Vier Hayms Kinderen* (os quatro filhos de Aymon), duzentos e quarenta lastos, dezeseite colubrinas, quarenta marinheiros, e cincoenta soldados; mais um navio de cento e oitenta lastos, dezeseis colubrinas, quarenta marinheiros, e cincoenta soldados; *Overyssel*, duzentos lastos, dezeseis colubrinas, quarenta marinheiros, e cincoenta soldados; *den Haen* (Gallo), duzentos e cincoenta lastos, dezoito colubrinas, quarenta marinheiros e cincoenta soldados. A camara de Zelandia, pelas suas duas nonas partes, apercebêra os seguintes navios: *den Tyger* (Tigre), trezentos e cincoenta lastos, seis peças de bronze e vinte de ferro, cem marinheiros e cento e cincoenta soldados; *t'Gulde Zee-Paert* (Cavallo marinho de ouro), trezentos lastos, dezoito colubrinas, cincoenta marinheiros e cento e vinte cinco soldados; *Post-Paert* (Cavallo de posta), sessenta lastos, oito colubrinas, quarenta marinheiros, e vinte e cinco soldados. A camara de Mosa, aprestara os seguintes: *Neptunus*, duzentos e trinta lastos, seis peças de bronze e vinte e duas de ferro, cento e oitenta e sete homens; *Oragnien-Boom* (Larangeira), duzentos lastos, dois falconetes de bronze, dezeseis colubrinas, quarenta e tres marinheiros e cincoenta soldados; o hyate *Zee-Jaeger* (Caçador do mar), setenta lastos, dez colubrinas, cincoenta e dois homens; o hyate *Haes-Windt* (Lebreiro), sessenta e cinco lastos, dez colubrinas, e cincoenta e um homens. A camara do districto do Norte equipára os seguintes: *Samson* (Samsão), trezentos lastos, quatro peças de bronze e trinta de ferro, cento e dez marinheiros, e igual numero de soldados; e os seguintes fretados: *de Oude Roode Leeuw* (o Velho Leão vermelho), trezentos lastos, dezoito colubrinas, quarenta e dous marinheiros, e cincoenta soldados; *Oragnien-Boom* (Larangeira), duzentos e cincoenta lastos, quatorze colubrinas, quarenta e dous marinheiros, e cincoenta soldados.

A camara de *Stadt-en-Landen* ou Groninga fizera prestes os seguintes: *Groeningen* (Groninga), trezentos lastos, oito peças de bronze e dezesseis de ferro, noventa e oito marinheiros, e cento e cincoenta soldados; *de Sterre* (Estrella) fretado, trezentos lastos, vinte colubrinas, quarenta marinheiros, e cincoenta soldados; o hyate *de Vos* (Raposa), cento e vinte lastos, doze colubrinas, trinta e cinco marinheiros e cincoenta soldados; e mais o navio *St. Marten* (S. Martinho).

A' frota, assim guarneçada de gente mui luzida, e provida dos necessarios bastimentos, e toda a sorte de munições de guerra, foi posto por almirante o honrado Jacob Willekens de Amsterdam, e por vice-almirante o bravo marinheiro Pieter Pieterez. Heyn de Rotterdam; para coronel da tropa e governador da futura conquista foi escolhido o mui nobre *Jonck-Heer* (1) Johan van Dorth, senhor de Horst e Pesh, que honradamente exercêra, assim nestas Provincias,

(1) Gentil-Homem, título que em Hollanda é devido aos da pequena nobreza». — (N. do Trad).

como em outras partes, cargos politicos e militares. Como com o apercebimento desta frota consumio-se quasi todo este anno de 1623, reservamos para depois o que temos que dizer a respeito della, e vamos primeiramente occupar-nos com a excursão de uma flotilha, enviada este mesmo anno pela Companhia á costa de Angola e outras partes d' Africa, comprehendidas nos limites do seu privilegio.

Esta flotilha compunha-se do navio *den Dolphyn* (Golphinho), cento e oitenta lastos, vinte e quatro colubrinas, e seis pedreiros (1), oitenta e tres homens, capitão Thomas Sickes; o *hyate de Thonijn* (Atum), sessenta lastos, oito colubrinas, trinta e dous homens, capitão Bruyn Volkerszoon; e o *hyate de Bruyn-Visch* (Porco do mar), sessenta lastos, oito colubrinas, vinte e sete homens, capitão Cornelis Haringh. Todos tres foram apercebidos pela camara de Amsterdam. O bravo Philips van Zuylen, que já havia navegado por essas costas d'Africa, e bem as conhecia, era o *Commandeur* (2). De conserva com esta flotilha ia o navio *de Swarte Leeuw* (Leão negro), destinado ao commercio do Cabo Verde. O *Dolphyn* era a almiranta, o *Swarte Leeuw* a vice-almiranta, e o *Bruyn-Visch* a sota-almiranta.

Estes navios largaram do Texel a 22 de Setembro. A 12 de Outubro avistaram a ilha Lançarote, e entre 27 e 28 passaram o tropico de Cancer. A 30 estavam acercados do cabo Branco, e o montaram cosidos com elle, encostando-se ao vento, que era sudeste. Aproximaram-se do cabo até as cinco braças; bom fundo. Ao meio dia, tinham a altura de 20° 50'; depois do meio dia foram entrando com vento do mar, e surgiram á noite obra de quatro leguas para dentro do cabo. E' este cabo mui escarpado, e como talhado a machado, e lança de si uma restinga de areia. Ao dia seguinte deitaram as chalupas e bateis ao mar não só para irem á pesca, como tambem para investigarem todas as angras e enseiadas da costa a ver si deparavam algum navio inimigo, pois delles muitos costumam ir pescar a estas paragens; nesta occasião porém não havia nenhum, pelo que os nossos seguiram d'aqui. A 4 de Novembro descahiram para dentro ou para o norte do Cabo Verde, mas á noite aproximaram-se delle, navegaram até á ilha que demora em face do mesmo cabo, e ahi surgiram. Ao dia seguinte fundearam diante de Refrisco (Rufisco?), aldeia de negros na costa d'Africa, onde ha resgate.

Neste interim morreu Cornelis Haringh, capitão do *Bruyn-Visch*, e foi succedido por Jochem Gijzen. A 12 separaram-se os tres navios do *Swarte Leeuw*, e proseguiram em sua derrota. A 14, tendo de novo tocado na costa d'Africa, foram-na costeando ao rumo do sul; e neste mesmo rumo corre aqui a costa. Ao meio-dia eram na altura de 12° 30'. Com vento noroeste navegaram ao sul e ao sul quarta a sudoeste, e á tardinha viram quebrarem-se as ondas sobre um parcel, que está um pedaço ao mar, e ao norte delle um grande boqueirão ou embocadura; além da arrebenção, ao sul, avistaram um

(1) Peças de artilheria que atiram pedras, em vez de balas.—(N. do Trad).

(2) Official que commanda uma esquadra ou flotilha.—(N. do Trad).

cabo. Suppuzeram ser o cabo Roxo e o rio de Cacheu. Surgiram em cinco braças, fundo de barro, ficando o dito cabo ao sul quarta a sudeste com elles; e apartado obra de quatro a cinco leguas. Estavam a uma boa legua da costa, e na altura de $12^{\circ}17'$ ao norte da linha. Do norte até áquella bocca é tudo mui baixo na borda do mar, bem como a terra que cerca a mesma bocca, e assim continúa até ás proximidades do cabo. E porque os nossos não conhecessem bem estes lugares, o *Commandeur* mandou os dous hyates e o batel grande áquella embocadura para saberem ao certo o que era. Na noite seguinte tornou o batel: remontára o rio um bom pedaço, e os nossos viram que elle tem umas tres barras. A primeira, que é a maior, pegada á margem septentrional, corre a lesnordeste, mui larga na entrada com a profundidade de tres a quatro braças; ao sul desta fica a segunda, que corre primeiro ao sul, depois a sus-sueste, e fazendo uma curva vai ter ao grosso do rio. As entradas deste rio não são boas; deveis esperar a préa-mar, porque a maré cresce bem uma braça. Os negros, que moram nas suas vizinhanças, tão depressa deram fé do batel, acudiram de varios recantos em muitas canoas, bem armados com formosas azagaias, arcos e setas; mas, como viram que os nossos estavam de sobre-aviso, não accommetteram o batel. Os nossos não poderam entendel-os nem mover nenhum delles a passar-se ao batel, para ser interrogado mais de perto. O *Commandeur*, não satisfeito com estes informes, e desejando saber ao certo si aquelle era ou não o rio Cacheu, determinou que fossem os hyates ao rio, e o subissem, junctamente com o batel grande de novo bem guarnecido, e lhes recommendou que se guardassem cautelosamente das manhas dos Portuguezes e dos negros. A 16 os hyates entraram no rio ao longo de sua ponta septentrional, e delle sahiram a 19, e rodeando o parcel ao sul (o qual sahe ao mar obra de legua e meia ao rumo de oeste quarta a sudoeste e oessudoeste), tornaram ao navio grande. Declararam haver subido o rio algumas sete ou oito leguas, seguindo geralmente o rumo de leste quarta a nordeste e lesnordeste, sem depararem navio algum; mas havia tantas sinuosidades e arroios, que vinte e cinco barcos, que no rio estivessem, poderiam esconder-se aos nossos. Não viram aldeias, nem povoado algum de Portuguezes ou Hespanhoes. Os negros vieram á falla, mas nem os nossos os entenderam, nem elles aos nossos. A terra é formosa, abundante de tamareiras, produz muito arroz e milho, mas viram pouco gado. D'aqui concluíram os nossos que não era aquelle o rio Cacheu, mas sim o de S. Domingos (1), que Direk van Ruyter menciona no seu livro—*Guia da navegação*.

Vendo pois o *Commandeur* que nada tinha que fazer aqui, mandou que os hyates passassem por entre os baixos de S. Pedro ou do Rio Grande, a ver si havia algum resgate, e sondar a profundidade daquella passagem, indo ter com elle em Serra Leôa. Os hyates navegaram pouco mais ou menos para a terra, para tocar de passagem em um logarejo, onde ha resgate, tres leguas ao norte do Cabo Rôxo. No mesmo dia o *Commandeur* levou ancora, e a 24

(1) S. Domingos é outra denominação do mesmo rio de Cacheu.—(N. do Trad).

chegou ao sul da ilha mais occidental dos Idolos. Em breve avistou a terra firme, e surto junto della um barco. Estavam os nossos na altura de 8°50' á banda do norte; e como o navio grande não podesse acercar-se do barco pela pouca profundidade, o *Commandeur* mandou a elle o batel e a pequena chaluça de arenques, bem providos de gente; mas foi em vão, porque o barco refugiou-se no rio, e sobrevivendo a noite, os nossos não ousaram perseguil-o. Viram que este rio tinha uns cinco ou seis formosos galhos, que podiam ser entrados, e que a maré cresce nelle obra de braça e meia. A 26 o *Commandeur* fundeou em Serra Leôa, onde encontrou navios inglezes e francezes. Obteve do governador dos negros, mediante um insignificante presente, licença para traficar, e fazer lenha e aguada.

Neste entretanto os dous hyates entraram no verdadeiro rio de Cacheu, e subiram-no até ao povoado, que ali teem os Portuguezes; mas antes disto, haviam tomado um pequeno navio, mettido no fundo um barco, e queimado dous que estavam descarregados. Depois de atirarem contra a povoação quarenta ou cincoenta tiros de peça, não tendo forças bastantes para assaltal-a, os nossos desceram o rio, e a 15 de Dezembro reuniram-se ao *Commandeur* com o naviosinho tomado, que foi provido de gente e de um capitão. Trouxeram tambem um alguazil portuguez, que resgatou-se por sessenta barras de ferro. O *Commandeur* permaneceu aqui algum tempo, afim de refrescar os seus, e prover-se de agua e lenha, e negociou neste entretanto com os negros, dentes de elephante e certa madeira vermelha, que dá nesta região, e é trazida em quantidade ao nosso mercado. Este anno não navegou mais, e pois aqui o deixaremos tomar pouso, e passaremos a narrar o que se passou no anno seguinte de 1624.

1624

Ficou dito que a Companhia das Indias Occidentaes havia aparelhado o anno passado uma grande frota, bem guarnecida de gente, e bem provida de toda a sorte de munições de guerra, e lhe dera por almirante Jacob Willekens. A 21 e 22 de Dezembro do dito anno partiram do Texel e do Ems desenove navios desta frota com a almiranta; a 23 partiram do Mosa um navio e dois hyates; a 25 de Janeiro deste anno de 1624 largou a vice-almiranta do porto de Goeréa; e finalmente a 26 seguiram de Zelandia dous navios e um hyate; ao todo vinte e seis velas entre navios e hyates. Os navios e hyates, que largaram de Texel e do Ems, navegaram com ventos favoraveis, e avançaram tão rapidamente, que a 28 do mesmo mez estavam todos reunidos na ilha de S. Vicente, uma das do Cabo Verde, situada em altura de 17° e alguns minutos de lat. sept., com excepção do navio *Hollandia*, em que ia o senhor Van Dorth, que não podendo alcançar dita ilha, correu-a, e foi aportar em Serra Leôa. O almirante permaneceu n'esta ilha até 26 de Março a ver si reunia toda a frota. Neste interim foram chegando os navios, que partiram depois d'elle, e

actualmente tinha em sua conserva toda a frota, com excepção do navio *Hollandia*, do qual todo este tempo não houve noticia alguma. Obtiveram-se aqui bons refrescos, como peixe, muitas cabras, laranjas e limões, e isto foi havido não só nesta ilha de S. Vicente, como na visinha de S. Antonio. As chalupas, que haviam sido levadas em peças, foram concertadas; prepararam-se gabiões e outras cousas necessarias; instruiu-se e exercitou-se a tropa. O almirante, tendo aguardado por tanto tempo a vinda do coronel, e não sabendo onde elle parava, e achando-se tudo a pique, determinou não perder mais tempo, e proseguir na sua derrota, e no dia já indicado fez-se á vela de S. Vicente com todas as chalupas aqui ajustadas. A 21 de Abril chegou a altura de 6º ao sul da linha; e neste mesmo dia mandou chamar a seu bordo todos os officiaes, que formavam o conselho secreto, para, de conformidade com as ordens que lhe tinham sido dadas, mostrar as instrucções secretas, que estavam selladas em seu poder, e que deviam ser abertas nesta altura. Das instrucções vio-se que queriam os XIX fosse accommettida a Bahia de Todos os Santos, e se envidassem esforços por tomal-a. A' uma voz comprometteram-se os officiaes superiores a dar cumprimento a esta ordem fiel e valorosamente, e a empenhar todos os seus esforços, para que os intentos da Companhia se realisassem em proveito della e em bem da patria. Deliberaram tambem sobre os meios de execução e a ordem, que teriam no commettimento. Mas convém que não procedamos na narração desta expedição, sem primeiro fazer uma breve descripção da praça.

Esta capitania do Brazil, que é de todas a principal, chamam communmente Bahia de Todos os Santos; em seu meio está situada, em altura de 13º ao sul da equinocial, trinta leguas hespanholas ao norte da capitania dos Ilheos, e obra de cem das mesmas leguas ao meio-dia da de Pernambuco. A bahia, de que esta capitania houve o nome, é mui grande e espaçosa, e divide-se em muitas enseiadas, onde ha tambem algumas pequenas ilhas. Abre-se ao sul, e prolonga-se ao norte; tem de largo perto de duas leguas e meia, em partes doze braças de fundo, e em outras até dezoito seguramente; varios rios se vêm metter nella, e pois é uma das mais capazes das que há em toda esta região do Brazil. A ilha maior e mais afastada, que está a um tempo diante e dentro da bahia, tem o nome de Taparica; vindo do mar em fóra vos fica esta ilha á esquerda, e á direita o continente do Brazil, tendo a bahia de largo nesta parte perto de tres leguas. A terra firme, que fica á direita, faz uma ponta romba, em que ha um forte chamado de Santo Antonio, e em uma enseiadasinha, que termina ao norte em um pequeno cabo, estava a cidade antiga, que chamam agora Villa Velha; do qual cabo encurva-se a terra firme, e faz a modo de uma meia lua, que acaba em uma pequena lingua de terra com uma ponta delgada, que entra bastante pela bahia. Pouco mais ou menos no meio desta curva levanta-se a cabeça desta capitania, chamada S. Salvador, e na ponta delgada está a fortaleza Tapagipe, apartada cousa de duas leguas da ponta da ilha de Taparica. Desta ponta de Tapagipe a terra escolhe-se primeiramente algum tanto para leste, a bahia alarga-se, e mette-se pela terra por uma estreita bocca, e faz mais para dentro um grande

lagamar, que se derramaem dous seios, um ao norte, outro ao sul. Da bocca deste lagamar ate á foz do rio Pitanga lança-se a terra ao norte; este rio Pitanga corre leste oeste, é de largura arrazoada, e recolhe em si alguns ribeiros. Assim ás margens destes, como ás do rio Pitanga, ha muitos engenhos de assucar. Da foz deste rio a terra arruma-se ainda ao norte por espaço de uma legua pouco mais ou menos, e então volta-se ao oeste, fazendo um cotovello (onde ha uma ilhota), e por espaço de algumas duas leguas corre quasi directamente ao oeste até uma ponta romba. Quasi no meio deste espaço demora uma ilha de grandeza arrazoada, que chamam Maré, apartada da terra firme obra de meia legua, com uma legua talvez de comprido, e por ser deste comprimento vem a ficar atravessada defronte da bocca do rio Pitanga; contra a banda do norte desta ilha desce um ribeiro da terra firme. Confronte a sobre-dita ponta romba, para o sul, jaz tambem uma ilha arrazoada, e seguramente tão grande, como a anterior, e disposta quasi em triangulo; os nossos a chamam ilha dos Monges. Desta ponta romba da terra tirada ao oeste, volta-se ella de novo ao norte, retrahindo-se bastante sobre si. Ao começo desta volta, e em sua continuação ha algumas ilhotas, umas mui chegadas á terra, e outras mais apartadas della; a primeira, que é a que fica mais ao sul, e está junto da ponta, chamam Birapebiara (Bimbarra), a seguinte Porto Madero, os nomes das outras nos são desconhecidos; defronte da quarta, que é oblonga, e demora na curvatura, sahe um ribeiro. Por traz desta mesma ilheta lança-se a terra ao oeste, fazendo uma ponta romba, pegada com a qual, para oeste, ha uma ilhasinha de tamanho regular, e oblonga, que chamam ilha das Fontes. Junto desta ponta desagua o rio Tambaria, que vem do norte, fazendo uma curva aberta ao oeste. Da bocca deste rio a terra firme arruma-se ao noroeste, e faz dous pequenos seios até á bocca do rio Geresipe (ou como outros dizem, Seregipe), que vem da terra firme directamente do norte, arrazoadamente largo em sua foz, e tem ante si uma ilhasinha, que chamam Caraiibe, e na bocca mais duas, das quaes a mais afastada tem o nome de Pijeca; estas ilhasinhas dividem o rio em dous. Da bocca deste rio, que é o que fica mais para dentro desta grande bahia, a terra volta-se ao sul, fazendo varias curvas (onde desaguam alguns ribeiros), até á bocca do rio Cachoeira, que desce do noroeste, e se abre a leste; é mui largo e amplo, contém algumas ilhasinhas, e recolhe em si muitos corregos, e as margens tem muitos engenhos. De través com a bocca deste rio fica a pequena ilha Meve (Medo). A costa arruma-se agora ao sul, e em face della, para leste, fica a grande ilha Taparica, lançada ao comprido. Com o que acima fica, temos escripto bastante desta bahia.

A cabeça da capitania é chamada S. Salvador, está sita no meio daquella meia lua, que ja advertimos, á banda nordeste da bahia. Foi edificada por Thomas de Souza em uma colina elevada; está cingida de uma muralha, e contém formosos edificios. A colina, em que assenta a cidade, é, do lado da bahia, mui escarpada, e está coberta de mato e capoeiras; através este matagal fizeram-se duas abertas ou claros, por onde todas as mercadorias pesadas são içadas e arriadas, por meio de dous grandes guindastes, ao longo de dous trilhos de madeira grandes e inclinados, e estes declives tem de altura acima



do nível do mar obra de cem braças. Abaixo da colina, na praia, ha muitos armazens. Alem do forte de Santo Antonio e do grande castello de Tapagipe, havia, para defensa do porto diante da cidade, dous pequenos castellos de pedra, levantados de muito tempo, um á sombra da cidade, junto daquelles trilhos de madeira, com o nome de S. Philippe, o outro entre este e o grande castello de Tapagipe. O governador mandou construir mais um forte ou plataforma triangular em frente dos armazens, o qual é de pedra, e se alça acima d'agua, mas não estava de todo acabado, quando os nossos aqui chegaram. Esta capitania pertence ao mesmo rei de Hespanha, que nella tem um governador. E' séde da Real Audiencia, onde sobem por appellação todos os feitos processados no Brazil. Aqui reside tambem o bispo do Brazil; e os jesuitas tem um excellente collegio. Finalmente ha nesta capitania muitos engenhos, que fabricam optimo assucar e em quantidade. Voltemos agora á nossa armada.

Da altura de 6º ao sul da linha, onde se achavam os nossos aos 21 de Abril, como atraz dissemos, governaram directamente para as costas do Brazil, e a 4 de Maio houveram vista della na altura de 14º ao sul da linha; e com quanto, nesta quadra do anno, em que cursa nessas costas a monção costumada, devessem encontrar ventos sudestes, e as aguas correndo ao norte (1), foram entretanto detidos por calmarias e ventos contrarios, pelo que não poderam antes do dia 8 tomar a verdadeira altura da bocca da bahia. Tendo porém alcançado agora esta altura, lançaram ancoras ao mar, arredados da costa obra de nove leguas, por não serem vistos intempestivamente do inimigo, e começaram de aprestar e ordenar as cousas, segundo o modo que haviam anteriormente assentado. Fôra determinado em conselho geral que todos os homens d'armas se passassem para quatro navios grossos e um hyate, que dariam fundo diante da enseiadazinha, em que está o castello de Santo Antonio, ao passo que os mais navios, com a almiranta e vice-almiranta, entrariam pela bahia dentro, não só para distrahir a attenção do inimigo, e dar-lhe que fazer a um tempo em varios lugares, mas tambem e particularmente para tolher que os navios inimigos, que estivessem surtos diante da cidade, podessem navegar. Para dar desembarque á tropa foram determinadas as sete chalupas; e para que o inimigo não atinasse com o destino daquelles quatro navios, os arraes das chalupas tiveram ordem de manter companhia com a armada, até que no mastaréu de velacho da almiranta fosse içado um galhardete; a este signal as chalupas dirigir-se-hiam de voga arrancada para os quatro navios, e dariam desembarque á tropa na bahia de areia, que fica para dentro da primeira ponta de Santo Antonio, e está apartada da cidade obra de uma legua ao sudeste. Havia, é certo, no castello de Santo Antonio cousa de quatro peças de bronze, mas estavam assestadas tão alto, que nenhum damno podiam fazer aos navios que entrassem. Quando veio ao outro dia, toda a armada endireitou para a bahia pelas nove horas da manhã, e por volta de meio-dia

(1) Na costa do Brazil cursam os ventos nordestes, e lesnordestes do mez de Setembro até Março, e correm as aguas pela costa ao sul; do mez de Março até Agosto cursam os ventos suestes, lessuestes e susuestes, e correm as aguas ao norte. (*Roteiro de Manoel Pimentel*).

era chegada assim naquella bahia de areia, como diante da cidade. Tanto que o inimigo vio os nossos navios montando a ponta, começou de jogar a sua artilheria grossa com furia contra elles, já do castello de S. Philippe ao sudoeste da cidade, onde havia tres peças de bronze, já do grande forte de Tapagipe, onde havia quatro, já particularmente de uma bateria em frente da cidade, collocada na plata-fôrma, que fôra recentemente construida de brancas pedras de cantaria acima d'agua sobre uma lagem, na qual havia oito peças de bronze e duas ou tres de ferro. Nada obstante, os nossos foram caminhando intrepidamente por diante, occupando cada um o seu posto. Faremos primeiramente relação do que fizeram os navios, do combate no mar.

O vice-almirante Pieter Pietersz. Heyn com os navios *Gelderlandt*, *Groeninghen* e *Nassauw*, acercou-se, até á distancia de um tiro de mosquete, daquella bateria nova e dos navios portuguezes, que em numero de quinze entre grandes e pequenos estavam cosidos com a praia, com o forte de S. Philippe a bombordo. Como os combatentes estavam mui chegados uns aos outros, aqui travou-se uma renhida peleja, que durou quasi até ás sete da noite. Vendo o vice-almirante que com tiros não adiantava grande cousa, e que entretanto os nossos navios iam recebendo grande damno do inimigo, principalmente o *Groeninghen*, que estava mais proximo delles, e tão varado de balas, que não tardaria a ficar reduzido á ultima extremidade, (pois só lhe restavam cincoenta homens validos, por haver perdido em viagem alguns trinta, e estarem outros tantos doentes), assentou de mandar guarnecer tres bateis, cada um com vinte marinheiros, e remettel-os contra os navios contrarios, para o effeito de escalal-os, e si possivel fosse, tomal-os e trazel-os. Este intento lhe sahio as mil maravilhas, pois os Portuguezes, em vendo que os nossos iam sobre si com tanta bizzarria, sem tardança abandonaram os seus navios, e deitaram fogo ao maior, cujo incendio, se communicando a outros tres os devorou inteiramente, e por isso os nossos só poderam salvar oito dos navios do inimigo, e os levaram para a armada. Neste combate, entre outros, perdeu a vida o capitão do navio *Groeninghen*, Andries Nieuw-Kerck, chamado o *Paciente*, bom capitão e soldado valente; elle e os seus se houveram mui galhardamente. O almirante, vice-almirante e officiaes do conselho, que os acompanhavam, como observassem o desanimo e a preepitada fugida dos inimigos, e tomassem isto em consideração, depois de deliberarem entre si, entenderam que deviam tirar proveito daquelle ensejo; pelo que mandaram que immediatamente quatorze bateis fossem guarnecidos cada um com vinte marinheiros bem armados, e capitaneados pelo vice-almirante fossem ter á sobredita plata-forma (cujos tiros incessantes faziam grande estrago nos navios), e, si possivel fossem, a escalassem. O vice-almirante, apezar do fogo bem nutrido da bateria, bem como do da praia, deu cumprimento a esta ordem com tanta presteza e tanto denodo, que primeiro o seu corneta (1),

(1) Em cada navio havia um corneta, que, na occasião de manobra e durante o combate, estava sempre ao lado do capitão para dar os signaes. Parece que naquella epocha ligava-se

depois elle, e em seguida a sua gente sucessivamente saltaram na plata-fórma. Feito atrevido e heroico! A muralha elevava-se acima d'agua obra de oito ou nove pés, e era defendida, segundo a geral estimação, por quinhentos ou seiscientos homens, e sem embargo disto, os nossos a galgaram, ajudando-se dos hombros uns dos outros, e dos croques dos bateis. Com verem isto, os Portuguezes desanimados abandonam a plata-forma, e a nado vão procurar guarida na cidade, deixando alguns mortos. Mas, pois esta plata-fórma triangular estava, do lado da praia, em aberto e sem resguardo algum, os de terra entraram a atirar vivamente com os seus mosquetes contra os nossos; o vice-almirante, querendo tolhel-os que não atirassem, mandou voltar duas peças e fazer fogo contra elles, que tambem estavam a descoberto. Com quanto deste modo afrouxassem os tiros do inimigo, e muito crescesse o temor entre os que estavam na praia, todavia o vice-almirante não teve por avisado permanecer neste lugar por mais tempo, tanto mais quanto sobreviera a noite, a gente estava mui afrontada, e começava a escassear a polvora; pareceu-lhes pois mais conveniente encravar a artilheria, por não se utilisar della o inimigo, e tornar-se aos navios com os seus que, depois de recuperadas as forças com o descanso da noite, concluiriam ao seguinte dia a obra começada. Neste ultimo combate, que durou uma hora pouco mais ou menos, morreram somente quatro dos nossos, e entre elles aquelle corneta do vice-almirante, e foram feridos oito ou dez; é incerto o numero dos mortos do inimigo, mas é de crer que foi grande. Deixemos agora descansar por um pouco o almirante e sua gente, e passemos a narrar o que neste interim a tropa fez em terra.

Mal foi içado o galhardete ao mastaréo de velacho da almiranta, largaram a grão pressa as sete chalupas em demanda dos navios e do hyate, que levavam a tropa. Ao todo não havia mais de mil e duzentos soldados válidos, que na ausencia do seu coronel, eram capitaneados pelo sargento-mór Allert Schouten; a estes juntaram-se duzentos e quarenta marinheiros, a quem foram commettidas as peçasinhas de campanha, as victualhas e munições de guerra. Toda esta gente desembarcou das chalupas na angra ou enseiada arenosa, onde cada qual juntou-se á sua bandeira, e em seguida abalaram na seguinte ordem, de antemão determinada pela sorte. Na vanguarda ia o capitão Helmondt com cincoenta ou sessenta arcabuzeiros; seguia-o parte da companhia do coronel commandada por La Main, seu tenente; após vinham o sargento-mór Allert Schouten com sua companhia, e o tenente de Helmondt com parte da outra; seguia-se o capitão Basseveldt com sua companhia; e no couce marchava a maruja com os falconetes, alviões, enxadas, machados, munições e mais cousas necessarias. Na retaguarda desfilavam com suas companhias os capitães Kijf, Ysenach, Willem Schouten, e Bourgeois van Mollingen, Direk Pietersz. Colver e Direk de Ruyter, que já haviam estado no Brazil, e conheciam mui bem os caminhos e avenidas, que conduziam á

muita importancia a esta função, pois vemos no *Gesch. Nedert. Zeewezen.* de M. de Jonge, que o salario de um corneta era 20 fl. por mez, o que naquelle tempo era uma paga consideravel.—(*Netscher*).

cidade, guiavam a tropa por um estreito caminho. Nestes lugares bem podia o inimigo com pouca gente tolher-nos o passo, pôr-nos em grande embarço, e fazer-nos muito mal; mas tamanho era o desanimo dos Portuguezes, que não ousavam siquer de encarar com os nossos. Assim, como os nossos se embarcavam nas chalupas, viram um grupo de homens armados de mosquetes, arcos e azagaias, e um official a cavallo a divagarem a tóa pela praia, mas tanto que a nossa gente poz pé em terra, aquelle ajuntamento dispersou-se e desapareceu. Indo os nossos pelo caminho, que dissemos, chegaram primeiramente a um grande corpo de guarda, abandonado do inimigo, e em seguida dirigiram-se ao suburbio, onde a principio encontraram alguma resistencia, perdendo ahi as vidas alguns dos nossos, e entre outros um tenente; e facilmente se houvera desordenado a tropa, si a não contivera o major Schouten. No entretanto anoitecera, e forçoso foi pernoitarem aqui, e esperarem a seguinte manhã. Os da cidade, com verem a audacia dos nossos, assim no mar como em terra, estavam de todo em todo esmorecidos, e porque temiam que houvesse ainda maior poder de gente, que a que tinham visto, não ousaram aguardar o dia seguinte, antes, aproveitando-se das sombras da noite, abandonaram tudo, e em grande confusão fugiram da cidade para acoutar-se nas mattas e lugares vizinhos. O bispo D. Marco Teixeira, como ao depois se soube, foi o primeiro a dar ás de Villa Diogo com alguns seiscentos homens; porém o governador D. Diego Mendoza de Furtado, «não querendo ser cúmplice, como dizia, em tão vergonhosa fugida, nem infiel ao seu rei,» deixou-se ficar na cidade quasi só com seu filho e alguns domesticos (1), como si com este malentendido orgulho fizera algum serviço ao seu rei. Ignorando os nossos estas occurencias, em rompendo o dia, abalaram em direcção á porta da cidade, com as duas peças de campanha, dispostos a deital-a por terra; mas chegados a ella, souberam por um Portuguez, que com bandeira de paz se apresentára na muralha, que a cidade fôra abandonada dos habitantes, e que portanto podiam os nossos entral-a sem queimar cartucho. Não o poderam os nossos crer, e por temerem que se lhes ordenava com isto alguma cilada, aberta a porta, foram entrando a cidade em ordem de batalha, e assim foram ter á praça do mercado; mas, pois não encontraram resistencia em parte alguma, nem deram fé de gente inimiga, a não ser o governador, que puzeram a bom recado, metteram a cidade a saco, e com infracção da disciplina militar arrombaram todas as casas, escriptorios e armazens, e tirado o que lhes convinha, tudo o mais estragaram e destruíram miseravelmente.

Desde manhã mui cedo, sahio da armada o vice-almirante com os seus marinheiros para accommetter a cidade pela banda do mar, mas, sendo em terra, não deparou inimigo algum, e subindo a colinaem demanda da cidade, vio que os nossos já eram alli chegados, pelo que deu-se pressa em ser com elles.

(1) Achavam-se ao lado do governador em Palacio, quando foi preso, e com elle, além de seu filho Antonio de Mendonça, o sargento mór da cidade Francisco de Almeida, o ouvidor geral Pedro Casqueiro e o capitão Lourenço de Britto. (*Historia das Lutas etc.*—Varnhagen).

S. SALVADOR



- 1 De Sand Bay, alwaar de Soldaten een land opstet werden
- 2 Den onghen wagt daer sy door passeren mylen, en met kleyne moegten te keeren waeren
- 3 Een Corps de garde ofte groot macht buyt van den Vyand door vreege verhoopen
- 4 Een grante esjen plyn alwaar haer de Soldaten in slaek orden stelden, treckenende sy voorts na de voorstadt, daer sy eenige rejsentive vonden, doch haer saek verrattende veroverden de selve
- 5 Een Capelleken buyten de stadt
- 6 De voorstadt daer de Soldaten de eerste nacht buyt hielden

- 7 Een Poort aen 1 Zuyt-eynde vande Stadt, daer onse Soldaten eerst in trocken
- 8 Een hart slijmen Battery, legghende soo verle vande wal dabien daer by viel zee, met een Battery achter om vaeren mach inter op laghen in groote slucken geschuts en ongheluyfke veel Soldaten
- 9 Een Inke Battery te kinde daer nael sel wy gesjote werd
- 10 Een groot Piek buyt daer veel Sayker ingevonden werd
- 11 Dije Scheyen alle dicht aen land gekoet sijnde ginvande onse in bond, ghesjeken
- 12 Dat sijn noch twee Casteelen daer van nael seide voor

- ghenue Battery, word ghenaemt S. Philippo
- 13 Twee groote wind aen daer mede alle fauere dingen luygh twee groote steyte sloeden van hout ghemaecht, worden op gewonden ende bouen stad leggende intrent hondert yndem legghet aen het water
- 14 Een Poort leggende op het Noort-eynde vande Stadt
- 15 't Klostjer van S. Francisco, alwaar de Iesuden haer Collège hebben
- 16 Verwamghen buyt
- 17 't Arckbyschops huys
- 18 Een nieu hooconnen Kerck

- 19 De groote Markt
- 20 Een Wacht huys
- 21 't Huys vanden Gouverneur
- 22 Twee Fonteynen daer die vande Stadt haer versich water hale
- a 't Schip de Samjon
- b 't Schip de Ster, de quanten te leggen nevens de water-plaete, waer A ende B gheluyckent staen dese worden vande Casteelen soo daer outrent op de see kant legge bejicheten, ende sy sichten op de Casteelen noch al smorgens als de Stad al waer veroveret.

Desmaiara o inimigo por forma tal, que largara os mesmos fortes. O maior, que é o de Tapagipe, ainda atirara pela manhã um ou dous tiros, mas, como souberam os que o guarneciam fóra a cidade abandonada, puzeram-se tambem em fugida, antes que os fossemos de lá expellir. E' esta cidade uma das mais antigas e afamadas de todo o Brazil, e, segundo a grossura da terra, está mui bem e sumptuosamente edificada, comprehendendo em seu circuito cousa de mil e quatrocentas casas, além de varios conventos, um de minoritas, outro de carmelitas, e um terceiro de benedictinos. Tem tambem um excellente collegio dos jesuitas, duas igrejas parochiaes, a maior das quaes estava inacabada. Tem duas portas, uma da banda oriental, por onde entraram os nossos, e outra da banda occidental. Ao tempo da chegada dos nossos havia na cidade, além dos paisanos ou burgueses, moradores e escravos, mais de mil e seiscentos homens d'armas, entre Portuguezes e indigenas, dos quaes quinhentos e cincoenta com sete capitães compunham a guarnição ordinaria, os mais, tanto que se propalou o boato da ida dos nossos (pois parece que della tiveram noticia, ou a suspeitaram, depois que o navio *Hollandia*, que capturara um navio de Angola, e o largara, apparecera na costa) acudiram ás pressas do campo capitaneados por oito cabos, bem como a gente, que os jesuitas arrebanharam. E como era esta cidade uma riquissima praça, e o governador prohibira que, sob pena de castigos corporaes, nenhum morador levasse para fóra suas fazendas, fazendo fundamento que assim tolheria que não fugissem, e entretanto fugiram á noite inopinadamente, vieram a cahir nas mãos dos nossos soldados, como é bem de crer, grossos e copiosos despojos.

Informado o almirante da conquista da praça e desregrado sacco, a que se deram soldados e marinheiros, logo ordenou aos commissarios e seus ajudantes que se passassem á cidade sem detença, arrecadassem e registrassem os bens, que nella andavam malbaratados. Chegados á cidade, contemplaram elles um enormissimo estrago, causado de pura malicia da soldadesca, pois estavam as fazendas espalhadas por toda a parte, calcadas aos pés, como si foram lixo; arrecadaram muita lã, sêda, linho e outras mercadorias, e as depositaram no collegio dos jesuitas.

Da cidade, fortes e seus arredores recolheram vinte e tres peças de bronze e vinte e seis de ferro. Nos navios tomados encontraram passante de mil e quatrocentas caixas de assucar, algum melaço e couros. Havia mais quatro navios mui chegados á terra, dous dos quaes continham pouco mais ou menos quatrocentas pipas de vinho; o terceiro estava carregado de farinha, vinho e bolacha, e destinava-se para Angola; o quarto continha somente sal. Nos armazens sitos á praia foi encontrada não pequena quantidade de assucar, e segundo calcularam, cousa de duas mil e quinhentas caixas, e tambem uma porção de tabaco. Da ilha de Taparica tiraram algumas cento e quarenta pipas de oleo de baleia.

O Sr. van Dorth, coronel da tropa, e governador da praça que ia ser conquistada, como atraz dissemos, apartara-se perto de S. Vicente da armada, e tomara porto em Serra Leôa. Daqui fez-se á vela a 5 de Março, e no

ultimo deste mez era em altura de $6^{\circ} 45'$ ao sul da equinocial. E porque nem anteriormente, nem nesta paragem topara navio algum, seguiu sua derrota, vindo a avistar a 10 de Abril em altura de $14^{\circ} 20'$, terras do Brazil ao sul. Ao seguinte dia surgiu em vinte e cinco braças, obra de legua e meia da costa, e duas leguas e meia do morro de S. Paulo, que ficava ao nornoroeste com elle. Soube por alguns selvagens, que vieram a bordo, que estava diante do rio Boypeva (1). Este lugar tem faceis conhecenças: a terra é geralmente da mesma elevação, excepto da banda do sul, onde é mui alta, e em cima tem uma matta pequena e espessa; na ponta de Boypeba ha uma grande arvore, que ao longe parece uma torre sem grimpá; entre esta arvore e a matta, e mais chegadas a esta, se veem tres arvores, da mesma grossura e altura; tudo o mais é terra baixa até a ponta Morro de S. Paulo, que é tambem da mesma elevação que a terra grossa em que está aquella matta. No dito morro ha ainda um convento de paredes brancas, e pois é tambem mui facil de conhecer. Ao meio-dia era o coronel em altura de $13^{\circ} 35'$ ao sul da equinocial. Desde os 14° até esta paragem encontra-se geralmente bom ancoradouro, duas até tres leguas apartado da costa. A 13 de Abril o coronel tomou um navio com negros, o qual vinha de Angola em demanda da Bahia; ficou com o capitão, e largou o navio com os negros, por não saber quão uteis estes lhe podiam ser. De novo deu fundo em distancia de uma legua do morro de S. Paulo, donde avistava a ponta meridional de Taparica. Do morro de S. Paulo até a ilha Taparica a terra firme incurva-se, e nesta curva, segundo dizem os moradores, ha um baixo perigoso. Este seio ou curva começa na ponta meridional de Taparica, e termina na dos Castelhanos, que fica duas leguas ao sul de Boypeba; é junto de S. Paulo que o baixo é maior. No seio ao norte do rio Tinharé ha tambem uns baixos, que saem ao mar bem uma legua; os Portuguezes dão-lhe o nome de baixos de Jaguaribe. O rio de Tinharé desembocca ao lado noroeste do morro de S. Paulo; na bocca tem de fundo seis ou sete braças, e para dentro ainda é mais fundo, segundo dizem os indigenas. Quem está surto no morro de S. Paulo em vinte e seis braças, vê por cima da ponta de Taparica um monte redondo, e ao mar deste outro algum tanto menor, que é terra da Bahia. O Sr. van Dorth, não tendo nova da frota, esteve a cruzar nesta paragem a ver se topava o almirante com os seus navios. A 20 avistou uma ilhasinha, obra de duas leguas ao oessueste comsigo, algum tanto mettida na curva, que da ponta dos Castelhanos corre até a de Camamú. Esta ilhazinha está apartada obra de uma legua da ponta de Camamú, onde desce um ribeiro. Toda esta curva é circumdada de terras baixas, e não tem ancoradouro capaz. Da ponta de Camamú torna a terra a levantar-se. O coronel era então em altura de $13^{\circ} 54'$, leste oeste com a ponta de Camamú. Ao outro dia vio a ponta do rio das Contas, ao sudoeste comsigo, a qual apresentou-se-lhe com dous montes altos, chegados um ao outro; entre elles desagua o ribeiro. Para o sul a terra continúa levantada. Era em 14° , e não encontrou ancoradouro capaz; e por não ser

(1) Deve ser ilha de Boypeba. (N. do Trad).

visto sobre a costa intempestivamente, carregou mais para o sul, sendo a 26 nas cercanias da ponta da Lagoa, que é um monte alto, e sai do mar a cavalleiro de terras baixas. E' visto ao longe pouco mais ou menos na altura de 14°40'. Depois de divagar assim até 10 de Maio, sem haver nova da armada, determinou o coronel endireitar para a Bahia sem mais detença; e, quando veio o seguinte dia, nella entrou, e encontrou toda a armada, e ordenadas as cousas até então da maneira que dissemos.

Depois que o almirante dera as boas vindas ao Sr. van Dorth, e com elle praticara acerca do actual estado das cousas, dirigio-se o coronel com a sua gente para a cidade, onde foi seu primeiro cuidado chamar os soldados á ordem, sujeitando-os á disciplina militar. Observada cuidadosamente a disposição da cidade, ordenou algumas fortificações necessarias (1), e que se lhes desse o andamento, que possivel fosse. Em obediencia ás ordens da metropole, mandou lançar poclamações, annunciando que todos os paisanos ou burguezes e moradores da cidade que se exilaram, e andavam fugitivos, uma vez que estivessem a obediencia de Suas Altas Potencias os Senhores Estados Geraes das Provincias-Unidas, e prestassem o costumado juramento de fidelidade, assim a elles, como á Companhia das Indias Occidentaes, poderiam voltar a seu salvo á cidade e entrar na posse de suas casas e terras, gozando as mesmas immunidades e isempções que tinham sob o governo de El-Rei de Hespanha, e, em nome daquelles Altos Senhores e de S. A. o Serenissimo Principe de Orange, bem como no da Companhia, lhes prometia defendel-os e guardal-os contra toda a violencia da parte do inimigo. Estas promessas e seguranças induziram alguns poucos Portuguezes a se tornarem á cidade, porém a mór parte e os mais abastados foram retidos, e, de medo do bispo, não ousaram aventurar-se, e mais por se não fiarem dos nossos, a quem não tinham por bastante fortes para livral-os das mãos poderosas do rei de Hespanha. No entretanto conservava-se o bispo nas vizinhanças da cidade, e fazia-se forte, procurando disfarçar sua vergonhosa fuga, cuja culpa lançava ao governador prisioneiro.

Em quanto assim andavam os nossos occupados, acertava de entrar na bahia, de quando em quando, um ou outro navio portuguez, que os nossos apresavam, e nomeadamente os seguintes: a 22 de Maio, um navio de Lisboa do porte de sessenta lastos, carregado de azeite, farinha, bolacha e outras mercadorias, que, segundo a estimação dos nossos, valiam trinta mil ducados; a 27 um naviozinho vindo do Rio de Janeiro e Espirito-Santo, no qual se

(1) A muita facilidade encontrada pelo inimigo em assenhorear-se da cidade não o fez adormecer, nem descuidar-se de prover sem demora a augmentar a sua defesa, afim de resistir aos que, em tão grande numero, a tinham abandonado, e podiam, cobrando bríos, procurar recuperal-a. Tratou logo de entrincheirar-se cavando fossos, levantando parapeitos, construindo baterias e plata-fórmas, e artilhando-as convenientemente. Reforçou os parapeitos com pentes e palissadas, e accumulou nas entradas infinidades de estrepes. E todo o systema de defesa ganhou muito, amparado por uma especie de lagoa invadeavel que engenhou do lado da terra, represando ali as aguas correntes, por meio de um dique levantado defronte do convento de S. Francisco, e defendido por uma bateria. (*Historias das Lutas etc.—Varnhagem*).

achavam dez jesuitas com o seu provincial, dous frades franciscanos e dous benedictinos; continha mais sete mil piastras (*Realen van achten*), e quarenta caixas de assucar; a 29 um barco com vinte e seis caixas de assucar; no dia 4º de Julho um navio procedente de Angola com duzentos e vinte negros. E porque bem viam os nossos que, em quanto não se propalasse geralmente a nova da conquista da praga, mais navios entrariam na bahia, mantiveram fóra da barra e em suas cercanias, dous navios, um hyate e duas chalupas de vela, de vigia aos navios e barcos inimigos, que demandassem terra. A 4 o navio *Vos*, estando bem carregado, foi expedido para a Republica, onde trazia a bôa nova da conquista da cidade de S. Salvador e fortes adjacentes. No mesmo dia ia a entrar na bahia um navio procedente de Portugal, mas os tripolantes, entendendo que os nossos eram senhores da cidade, deram com elle na praia, e depois de pôr-lhe fogo, fugiram para o interior da terra. Porém a 11 entrou outro carregado de vinho, e foi tomado pelos nossos.

A' noite do seguinte dia, o governador, tencionando fazer um salto no morro de S. Paulo em certo sitio, que observara, mandou embarcarem-se quatrocentos homens, entre soldados e marinheiros, em dous hyates e quatro chalupas; mas terçou-lhe tão mal o tempo, que teve de adiar a empreza, e recolher-se á bahia.

Neste interim, o inimigo, que parece ter tido noticia da expedição do governador, pelas duas horas da madrugada chegou-se ás muralhas da cidade com um grande numero de soldados, negros e indigenas. As sentinellas deram fé delles, e atiraram, com que tomou a cidade um grande rebate. Não se retiraram porém os inimigos, antes entraram a atirar furiosos com arcabuzes e arcos, sendo correspondidos pelos mosquetes e artilheria grossa dos nossos. Este combate durou até depois do meio-dia. A este tempo tornava o governador da sua mallograda expedição, e, ouvindo os tiros, sahio em terra com a sua gente entre o forte de Santo Antonio e a cidade, fazendo tenção de surprender o inimigo pela retaguarda; mas este, sabendo da sua chegada, poz-se em fugida, e deixou no campo oito ou nove mortos. Dos nossos morreram tambem dous ou trez.

A 17, depois do meio-dia, sahio da cidade o governador com alguns cincoenta homens, assim de pé como de cavallo, para visitar pessoalmente e observar mais de perto os caminhos e sitios vizinhos, pelo fundamento que fazia de não encontrar então inimigos por esses lugares. Mas, como cavalgasse um pouco á parte dos seus, ainda não se havia afastado das muralhas mais de um tiro de colubrina, e ja os indigenas, que estavam escondidos nos bosques e nos mattos, surdiam inopinadamente, e com flechas e armas de arremesso assim mal feriram o valente cabo, que cahio do cavallo, e logo elles lhe cortaram a cabeça, e offenderam o corpo horrorosamente. Chegada á cidade a nova deste inesperado e triste caso, sahiram os negros, que estavam ao nosso serviço, e não somente tomaram o cadaver áquelles barbaros, como impediram que acabassem miseravelmente ás mãos delles os que a acompanhavam o coronel. Grande perda fôí á Companhia a deste valoroso e experimentado chefe, particularmente pelo grande respeito e autoridade de

sua pessoa, e isto em uma conjunctura em que mui necessario eram o seu bom juizo e predominio. Foi succedido pelo major Allert Schouten, a quem succedeu tambem no posto de major seu irmão Willem Schouten.

A 20 cahiu ainda em poder dos nossos um navio com vinhos de Hespanha, e ao seguinte dia outro com vinhos das Canarias. A 28 mais outro de Cabo-Verde, estava em lastro, e guarnecido com dez pegazinhas. Assim que, os navios inimigos ignoravam ainda haver-se rendido a praça aos nossos.

No fim deste mez veio á cidade, da parte do bispo e outros chefes, um portuguez de nome Almeida para fazer com os nossos um accôrdo razoavel, mas em breve retirou-se sem se haver resolvido cousa alguma. No começo de Julho os navios *Haen*, *Eendracht*, *Oragnien-Boom* de Rotterdam, *Oragnien-Boom* de Hoorn, que tinham de seguir para a Republica, foram carregados de assucar, couros e tabaco, e partiram a 24, trazendo os principaes prisioneiros, como o governador da praça, seu filho, o sargento-mór e outros. A 28 partio tambem o almirante Jacob Willekens com o seu navio e mais dez mercantes, que seguiam viagem para as ilhas das Indias Occidentaes, e depois se tornariam para a Republica. Na entrada de Agosto tornou á cidade o dito Almeida, blasonando que tinha plenos poderes para fazer com os nossos um pacto sobre a liberdade do commercio interno entre os nossos e os portuguezes, o que não passava de pura manha; pois ás occultas trazia o perdão dos portuguezes que residiam entre os nossos, e tambem dos negros, que eram na cidade, e secretamente lhes indicava de que modo nos haviam de abandonar; porém esta traição foi opportunamente descoberta, e presos Almeida e seus cumplices. A 5 partio o vice-almirante Pieter Pietersz. Heyn para Angola e costa d'Africa com os trez navios *Neptunus*, *Hollandia*, *Gelderlandt* e o hyate *Zee-Jaegher*; ao diante nos occuparemos com esta viagem.

Anoja e enfastia narrar o que se passou posteriormente na Bahia; diremos em substancia que, depois da morte do governador o Sr. van Dorth, os negocios correram alli mui descuidada e irreligiosamente. O novo coronel Allert Schouten não teve muito em respeito o prover a cidade das fortificações, que requeria, e tendo morrido tambem, ainda menos olhou por ellas seu irmão Willem Schouten, que se entregou a todos os desregramentos, e não só não promovia as obras necessarias, como até recusava aos soldados, que queriam trabalhar, as remunerações, que lhes eram devidas.

No mez de Outubro entrou na bahia, e cahio em poder dos nossos D. Francisco de Sarmiento, governador que fôra do Chile; com escala pelo Rio da Prata e de Janeiro demandava Hespanha em um navio, que levava um grosso cabedal, pois montava a cento e cincoenta e oito mil florins, assim em prata amoedada, como em barra, além do que foi subtrahido e furtado por alguns officiaes. Um tal Tjarek Sibransz. tomou uma fartadella nestes despojos; outros officiaes apossaram-se de custosas joias de ouro. Em vez de remetterem este thesouro aos seus amos como lhes cumpria, conservaram-no na terra, até que enfim chegou a armada hespanhola, cercou-os, e retomou tudo, salvo alguns pequenos valores, que foram subtrahidos.

Sabida na Republica a noticia da feliz tomada da cidade de S. Salvador, e o que ainda alli cumpria fazer-se, bem comprehenderam os directores que o rei de Hespanha empenharia as suas ultimas forças por reaver a praça; e porque tivessem recebido informações de Hespanha e outros lugares, como neste reino e no de Portugal se activava o aprestamento de uma armada mui poderosa, que com a maior brevidade seria expedida ao mando e direcção de D. Frederico de Toledo, deram-se pressa em ter conselho sobre o que deviam fazer para bem resistir a ella e segurar a praça, e assentaram em equipar um grande numero de navios, assim providos de gente e das cousas necessarias, que nada lhe faltasse.

A Assembléa dos XIX dividio os aprestos desta armada entre as camaras do seguinte modo. A camara de Amsterdam aprestaria oito navios e dois hyates, a saber: o navio *Hollandschen Thuyn* (Jardim hollandez), trezentos e cincoenta lastos, quatro peças de bronze, vinte e seis de ferro e dez pedreiros, e cem marinheiros; o navio *Haerlem*, duzentos e oitenta lastos, duas peças de bronze e vinte e duas de ferro, oito pedreiros e oitenta marinheiros; o navio *Leyden*, duzentos e trinta lastos, duas peças de bronze, vinte e duas de ferro, oito pedreiros e setenta e cinco marinheiros; o navio *Swarte Leeuw*, cento e oitenta lastos, vinte e quatro colubrinas, quatro pedreiros, setenta marinheiros; o hyate *Windt-Hondt*, cincoenta lastos, dez colubrinas, trinta e cinco marinheiros; o hyate *Haese* (Lebre), sessenta lastos, dez colubrinas e quarenta marinheiros. Estes eram proprios da Companhia. Ser-lhes-hiam accrescentados os quatro seguintes fretados: *S. Jacob*, duzentos lastos, dez colubrinas, vinte e cinco marinheiros; *Eendracht*, cento e setenta e cinco lastos, dezesseis colubrinas, trinta marinheiros; (em cada um destes dous navios a Companhia poria setenta e cinco homens, ao todo cento e cincoenta, comprehendidos entre elles muitos artistas, como carpinteiros, ferreiros etc.); o navio *Jonas*, cento e setenta e cinco lastos, quatorze colubrinas, trinta e cinco marinheiros; o navio *Croonemburgh*, cento e setenta e cinco lastos, quatorze colubrinas, trinta e cinco marinheiros. Continham pois estes navios seiscentos e setenta e cinco marinheiros, aos quaes se juntariam seiscentos soldados, divididos em quatro bandeiras. A camara de Zelandia faria prestes quatro navios e um hyate, a saber: o navio *Middelburgh*, duzentos e cincoenta lastos, seis peças de bronze, vinte de ferro, dous pedreiros, cento e vinte e nove marinheiros; o navio *Vlissingen* (Flessinga), duzentos lastos, vinte colubrinas, cento e treze marinheiros; o hyate *Armmuyden*, noventa lastos, dez colubrinas, cincoenta e quatro marinheiros. Estes eram proprios. Contribuiria mais com os dous seguintes fretados: *Koninginne Hester* (Rainha Esther), duzentos lastos, dezesseis colubrinas, trinta e cinco marinheiros; o navio *Neptunus*, cento e quarenta lastos, quatorze colubrinas, trinta e cinco marinheiros. Levavam pois estes navios trezentos e sessenta e seis marinheiros, e mais trezentos soldados divididos em duas companhias. A camara de Mosa armaria um navio e dous hyates, a saber: o navio *Dordrecht*, duzentos lastos, duas peças de bronze, vinte de ferro e dez pedreiros, sessenta marinheiros; o hyate *David*,

sessenta lastos, quatorze colubrinas, seis pedreiros, quarenta e dous marinheiros; o hyate *Zee-paerdt* (Cavallo-marinho), cincoenta lastos, quarenta marinheiros. Assim levavam estes navios cento e quarenta e dous marinheiros, e mais uma companhia de cento e cincoenta soldados. A camara do districto do Norte faria prestes dous navios e um hyate: o navio *Ouden Engel Gabriel* (Velho anjo Gabriel), cento e sessenta lastos, quatorze colubrinas, oito pedreiros, setenta e seis marinheiros; o navio *Hoope*, duzentos e cincoenta lastos, dezesseis colubrinas, trinta e dous marinheiros; o hyate *Oudevaer* (Patriarcha), noventa lastos, duas peças de bronze, doze de ferro, seis pedreiros, sessenta marinheiros. Levavam pois estes navios cento e sessenta e oito marinheiros, e mais uma companhia de cento e cincoenta soldados. A camara de Groninga apparelharia os seguintes: o navio *Omlandia*, duzentos e cincoenta lastos, duas peças de bronze, vinte e quatro de ferro, cem marinheiros; o navio *Gulde Meulem* (Moinho de ouro), duzentos lastos, seis peças de bronze, dezesseis de ferro, seis pedreiros, cento e quinze marinheiros; o navio *Dolphyn*, cento e quinze lastos, duas peças de bronze, dezesseis de ferro, oito pedreiros, setenta e seis marinheiros; o hyate *Vos*, setenta lastos, doze colubrinas, cincoenta marinheiros. Levavam estes navios trezentos e quarenta marinheiros, e mais uma companhia de cento e cincoenta soldados. Assim que, compunha-se esta armada de dezoito navios e sete hyates, contendo mil seiscentos e noventa marinheiros e mil trezentos e cincoenta soldados. Ia por almirante o bravo Jan Dirksz. Lam.

E porque os boatos dos grandes aprestos, que se faziam em Hespanha e Portugal, tomavam vulto de dia para dia, a Companhia apparelhou mais uma lustrosa armada. A camara de Amsterdam concorreu com os seguintes vasos: o navio *Roode Leeuw* duzentos e cincoenta lastos, duas peças de bronze, vinte e quatro de ferro, noventa e quatro marinheiros, cincoenta e um soldados; o navio *Witte Leeuw* (Leão branco), duzentos e cincoenta lastos, duas peças de bronze, vinte e quatro de ferro, cento e quatro marinheiros, quarenta e seis soldados; o navio *Blaeuwe Leeuw* (Leão Azul), duzentos e vinte lastos, duas peças de bronze, vinte e duas de ferro, noventa e cinco marinheiros, trinta e nove soldados; o navio *Geele Sonne* (Sol amarello), cento e cincoenta lastos, quatro peças de bronze, vinte de ferro, noventa e dous marinheiros, trinta e nove soldados; o navio *Gulde Valch* (Falcão de ouro), cento e sessenta lastos, quatro peças de bronze, vinte de ferro, oitenta e seis marinheiros, sessenta e cinco soldados; o navio *Post-Paerdt* (Cavallo de posta), cem lastos, quatorze colubrinas, cincoenta e sete marinheiros, vinte soldados; o navio *Nieuw-Nederlandt* (Nova-Neerlandia), cem lastos, quatorze colubrinas, cincoenta e quatro marinheiros, vinte e quatro soldados; o hyate *Duyfken* (Pombinha), trinta e seis lastos, oito colubrinas, trinta e dous marinheiros. Havia pois nestes sete navios e um hyate seiscentos e quatorze marinheiros, e duzentos e oitenta e quatro soldados. A camara de Zelandia contribuiu com o navio *Hoope*, duzentos e cincoenta lastos, seis peças de bronze, vinte de ferro, cento e cincoenta e tres marinheiros, quarenta soldados; o navio *Goude Sonne* (Sol de ouro), cento e sessenta lastos,

dezoito colubrinas, cento e doze marinheiros, quarenta soldados; o navio *Neptunus*, pertencente á Republica, duzentos lastos, quatro peças de bronze, vinte de ferro, cento e cinco marinheiros, quarenta soldados; o *Kleynen Tyger* (Tigrezinho), tambem pertencente á Republica, cento e vinte lastos, dezoito colubrinas, setenta e cinco marinheiros, quarenta soldados; o hyate *West-cappel*, sessenta lastos, dez colubrinas, quarenta marinheiros. Assim havia nestes navios quatrocentos e oitenta e cinco marinheiros, e cento e sessenta soldados. A camara do Mosa contribuiu com o navio *Oragnien-Boom* (Larangeira), duzentos lastos, duas peças de bronze, dezoito de ferro, cento e vinte marinheiros, quarenta soldados; o navio *Uytrecht*, trezentos lastos, quatro peças de bronze, vinte e seis de ferro, cento e vinte marinheiros, quarenta soldados. Assim estes dous navios continham cento e quarenta marinheiros e oitenta soldados. A camara do districto do Norte forneceu o navio *Medenblick*, duzentos e setenta lastos, oito peças de bronze, vinte e quatro de ferro, noventa e dous marinheiros, trinta e quatro soldados. Assim que, havia nestes quatorze navios e dous hyates mil quatrocentos e trinta e um marinheiros, quinhentos e cincoenta e oito soldados. Foi nomeado por general (1) o bravo Bouduwijn Hendricksz., burgomestre de Edam, e por almirante Andries Veron.

Este mesmo anno a Companhia expedia para as costas de Hespanha mais uma frota, ao mando de Hendrick Jacobsz. Kat, a qual se compunha dos seguintes navios: da parte da camara de Amsterdam, o navio *Zutphen*, cento e setenta lastos, quatro peças de bronze e vinte e quatro de ferro, cento e cinco marinheiros; o hyate *Schildt-padde* (Tartaruga), quatro colubrinas, vinte e dous marinheiros, e o hyate *Windt-hondt*, oitenta lastos, dez colubrinas, cincoenta e dous marinheiros. Da parte da camara de Zelandia, o hyate *Trouwe* cincoenta lastos, oito colubrinas, cincoenta e seis marinheiros; o hyate *Bracke* (Braço), trinta lastos, seis colubrinas, trinta e nove marinheiros. Da parte da camara do districto do Norte, o navio *Oragnien-Boom*, trezentos lastos, quatro peças de bronze, de vinte e quatro libras de bala, vinte e nove de ferro, noventa e nove marinheiros, quarenta e quatro soldados. Da parte da camara de Groninga, o navio *Griffoen* (Grypho), trezentos lastos, quatro peças de bronze, vinte e seis de ferro, cento e dezesseis marinheiros. A mór parte destes navios largaram no mez de Junho.

As duas armadas, de que acima fallámos, destinadas á Bahia, foram apparelhadas com tal presteza, que antes do fim deste anno estavam de verga

(1) Quando a Companhia das Indias Occidentaes equipava uma grande armada, dava de ordinario ao commandante em chefe o titulo de *General*, que tinha ás suas ordens um almirante e um vice-almirante. Em cada esquadra da Companhia, por pouco numerosa que fosse, um dos capitães de navio tinha o titulo de *Commandeur* ou almirante, e outro o de vice-almirante. Estes titulos dados pela Companhia, com approvação dos Estados-Geraes, eram inteiramente independentes dos postos conferidos em patente dos Estados-Geraes aos Officiaes, que estavam ao serviço do Almirantado do Estado. Veremos, por exemplo, que Piet Heyn, varias vezes honrado com titulo de General e Almirante pela Companhia, foi nomeado em 1628 Tenente-Almirante ao serviço do Estado. (*Netscher*).

d'alto; mas foram por muito tempo retidas nos portos, por lhes não servirem os ventos, como diremos ao diante. Somente o *Windt-hondt*, mandado com antecedencia a avisar aos da Bahia dos aprestos, que se fizeram na Republica por segural-os, fez-se ao mar a 24 de Outubro.

A 22 de Novembro este hyate era em altura de 5° ao norte da linha. Ao seguinte dia viram uma vela, que tomaram sobre a noite; era um barco portuguez com carga de farinha, bolacha, sal, e algumas mercadorias. A 8 de Dezembro o *Windt-Hondt* entrou na Bahia. A 26 do mesmo mez ahi entrara tambem o navio *S. Jacob* com outro, que tomára, procedente de S. Thomé, carregado de assucar e uma porção de dentes de elephante.

Temos escripto bastante do que este anno se fez na Bahia de Todos os Santos, e em suas aguas; passaremos agora a dar razão do que succedeu em outros lugares, e começaremos pela expedição do bravo Pieter Schouten, de cuja viagem faremos relação circumstanciada, tendo á vista o Diário escripto por elle mesmo.

Este *Commandeur* foi enviado pela camara de Zelandia ás Indias Occidentaes com os seguintes navios: *Hoope*, duzentos e vinte lastos, quatro peças de bronze, dezesseis de ferro, oito pedreiros, cento e trinta homens, treze aprendizes, capitão Willem Jacobsz.; o navio *Eendracht*, cento e cincoenta lastos, quatorze colubrinas, noventa e cinco homens, capitão Hillebrandt Jansz.; e o hyate *Trouwe*, sessenta lastos, oito colubrinas, vinte e quatro homens, capitão Hendrick Worst. O *Commandeur* Pieter Schouten a 26 de Janeiro largou de Zelandia com estes navios; e levou tão boa carreira, que, ao romper do dia 15 de Março, houve vista da ilha Barbadas, obra de sete leguas ao sul quarta a sudoeste comsigo, a qual ilha está situada aos 13° de lat. sept. Governou ao oesnoroste e nordeste quarta a oeste; antes do meio-dia avistou Santa Luzia (que primeiramente se mostra com dous altos montes, dos quaes o maior é o mais meridional) ao oeste quarta a noroeste comsigo. Calculou demorar esta ilha apartada da Grã-Canaria novecentas e trinta e quatro leguas. Como o *Trouwe* se havia desgarrado, dirigio-se o *Commandeur* para a dita ilha, onde esperava encontral-o. Sobre a noite fez o caminho do norte para Martinico (Martinica), que está apartada de Santa Luzia obra de seis leguas, e pairou toda a noite. A seguinte manhã navegou acercado da ponta sudeste de Santa Luzia, e por volta do meio-dia deu fundo em cinco braças, em uma bahia grande e funda. O fundo desta bahia é sujo, e deve-se ter cautela ao surgirem os navios. A' tarde vieram a bordo alguns selvagens, que disseram não ter noticia de navios hespanhoes, com que elle resolveu seguir no *Trouwe* para Guadalupe, assim para haver nova dos navios hespanhoes, como para tomar algumas peças de artilheria de um navio hespanhol, sossobrado em Marigalante, as quaes alli estavam enterradas; e mandou que o *Hoope* e *Eendracht* se fossem a S. Vicente para se limpar e serem ajustados os quartos das chalupas com a maior brevidade. A 22 tocou o *Commandeur* em Guadalupe, e recolheu immediatamente tres selvagens, para lhe mostrarem as peças; mas os selvagens, que o anno passado deram noticia dellas, haviam partido para a terra firme, como quasi todos os

selvagens dessas ilhas. Fundeado o *Trouwe* em Marigalante, os nossos dirigiram-se no batel ao lugar, em que suppunham os selvagens estarem as peças, mas, como estes não se lembravam bem do sitio, os nossos as não encontraram, e se tornaram aos navios, depois de consumirem dous dias nesta busca. Levantou pois ancora o *Commandeur*, e a 29 chegou a S. Vicente. Estiveram os nossos aqui occupados em limpar os navios, e ajustar as peças das chalupas até ao dia 12 de Abril, que foi quando o *Commandeur* levou ancora, e deitou caminho primeiramente do susudoeste, e depois mais para o sul. A' manhã do seguinte dia era junto de Granada; soube pelos selvagens que não estivera ahi nenhum navio hespanhol, com que seguio para a ilha Branca. Assentaram os nossos que de Granada a Testigos ha vinte e duas leguas pela derrota do oessudoeste; de Testigos a Margarita dezoito, pela mesma derrota; e da ponta mais occidental de Margarita á ilha Branca quatorze, pela derrota do norte. A 15 surgiram em dez braças, da banda oessudoeste, diante de uma bahia de areia, e em distancia de um tiro de mosquete pouco mais ou menos da praia. Para tomar terra, haveis de montar a ponta occidental á bolina, e chegado a ella, para surgir á terra, quanto mais perto melhor, pois o fundo é sujo e em rampa, e rõe facilmente os proizes. Aqui se deteve o *Commandeur* até ao dia 19, para ordenar todas as cousas, e sendo noite cerrada se fez á vela, caminho do susudoeste.

Ao meio-dia do seguinte dia tinha ao lado Tortuga, que está apartada da ilha Branca obra de dezesseis leguas; governou ao sudoeste quarta ao sul; á noite tempo de calmaria com uma aragem do oeste. Navegou ao sul para o cabo Caldera (de la cordera), que é a ponta oriental das terras altas, e está apartado de Tortuga, segundo calculou, quinze leguas ao sudoeste quarta a oeste. A' manhã do dia 21 tinha este cabo Caldera cousa de quatro leguas ao oessudoeste; governou ao noroeste, por se afastar de terra. Ao meio-dia o farilhão, que fica cousa de seis leguas ao norte do dito cabo, estava apartado delle obra de uma legua ao nordeste; continuou a navegar ao noroeste quarta ao norte. O *Commandeur* mandou á terra a chalupa *Liefde* com vinte e cinco homens. Sobre a noite Craques (Caracas?) estava obra de dez leguas ao sudoeste com elle; calculou estar apartado do cabo Caldera quinze leguas pela derrota do oeste; governou ao oeste quarta a noroeste; durante toda a noite vento moderado. Ao outro dia pela manhã distava de terra somente cousa de seis leguas. Governou ao rumo do oeste quarta a noroeste e oesno-roeeste de longo das terras altas, e não tardou em perder a vista dellas ao sul, mas, por volta do meio-dia se aproximou outra vez da costa, que se mostrou com duas pontas, como uma ilha grande, e por não se acercar della menos de seis leguas, navegou ao noroeste quarta a oeste, e ao noroeste, e findo o quarto da prima, fez o caminho do norte com as velas bambas. Ao romper do dia 23 governou ao noroeste quarta a oeste, e pela manhã era uma ilha cousa de tres leguas a lesnordeste comsigo. Calculou ter caminhado do cabo Caldera algumas quatorze leguas. Durante uma hora pouco mais ou menos caminhou ao sul, e por esta derrota foi ver outra vez a terra firme, que é arrazoadamente levantada, e tem duas ou tres serras, ao oeste das quaes se

faz rasa, e arruma-se ao noroeste. Governou ao noroeste de longo destas terras baixas, e depois do meio-dia avistou um golpho grande, onde não vio terra, e aquella perto de que navegava, era mais grossa que a passada, e corria ao norte. Navegou contra esta e á noite parou. Ao outro dia notou que as aguas o apanharam muito para o noroeste, e que a terra contra que navegára á noite era a ilha Aruba. Esta ilha tem um monte da banda occidental e terras accidentadas, e arruma-se ao nornordeste e susudoeste, apartada não mais de seis leguas do cabo Roman (S. Romão). Por respeito da calmaria, não pôde chegar ao cabo antes da noite, e ahi pairou. Encontrá-mos assentado nos papeis dos nossos que, por espaço de quinze ou dezesseis leguas a sótavento do cabo, as terras são baixas na borda do mar, e arrumam-se ao nornoroeste e susudeste, e que não ha nestas cercanias terras altas, a não ser uma serra alta com um pico que está bem seis leguas dentro no sertão. A 25 entrou o *Commandeur* no golpho, onde encontrou a chalupa, e deram os navios fundo juntamente obra de sete leguas para dentro do cabo. Sem detença o *Commandeur* mandou fazer prestes o hyate, tres chalupas e um batel, em que foram mettidos cento e vinte homens, que ainda á tarde deste dia navegaram algumas cinco leguas ao rumo do sul e sul quarta a sudeste, e ancoraram á noite. Ao romper do dia tornaram elles a dar a vela, e tendo navegado pouco mais ou menos meia hora, viram um baixo, que deita ao oeste, apartado obra de um tiro de colubrina de uma ponta baixa; caminharam quasi duas leguas para baixo deste baixo, ao rumo pouco mais ou menos do sul quarta a sudeste, até que se emparelharam com a outra terra, que corre ao oeste, e assim foram ver uma grande bahia, que se prolonga a lessudeste; mas como o homen, que estava no mastaréu, disse avistar as terras do interior desta bahia, e que ella se prolongava a leste, não poderam crer que estivessem diante da entrada de Maracaybo, e por isso navegaram ao rumo do oeste quarta a sudeste escorrendo a costa de perto, pois faziam conta que logo encontrariam a entrada procurada, que as cartas figuram ao sul. Assim foram caminhando de longo de terras baixas, arrumadas geralmente ao oeste, e que cousa de quatro leguas dentro no sertão se levantam, seguindo o mesmo rumo. A' tarde calcularam haver navegado com vento em pôpa bem quatorze leguas, e não viam ante si senão terras baixas, arrumadas ao oeste; puzeram ao sul comsigo o remate occidental das terras altas do interior, e na esperança de encontrar a dita entrada estiveram á capa toda a noite com tormenta e tempo tão máo, que as chalupas e o batel correram grão perigo de ser submergidas. Ao romper do sol, como quasi toda a bolacha estava molhada, e não era de crer que encontrassem a entrada tão longe do cabo, entraram a bordejar por se fazerem na volta de leste. Nas primeiras vinte e quatro horas venceram cousa de tres leguas, caminhando perto de terra, mas não viram gente; nas segundas vinte e quatro horas venceram obra de cinco, e então pela manhã viram gente em terra, e para lá mandaram dous dos seus, com quem os de terra não quizeram vir á falla. No entretanto saltou com elles uma tormenta, que os forçou a surgirem depois do meio-dia junto de terra em duas braças, fundo

bom (1). A' meia noite acalmado um pouco o tempo, se fizeram á vela, e puderam navegar ao nornordeste, e depois mais para leste. Ao outro dia porém tornou-se o tempo tão máo, que tiveram de dar fundo depois do meio-dia; á meia-noite acalmou o tempo, e puderam navegar, como anteriormente. A 30 por volta da meianoite chegaram aos navios. O *Commandeur*, não satisfeito com estas noticias, proveu novamente as chalupas e o batel, em que poz mais gente e o seu piloto, e os mandou outra vez a observar mais cuidadosamente a bahia oriental, em que atraz se falla, e passou-se á terra fronteira aos navios com dezoito homens armados. Encontrou elle em terra uma salina, muitas lebres, coelhos, veados, e vestigios recentes de homens e cavallos. Ao seguinte dia tornaram os nossos a sahir em terra; apanharam muitos peixes, mas não virão ninguém. Depois do meio-dia, o *Trouwe* e as chalupas voltaram de sua viagem, e referio a gente que não lhe fôra possível percorrer aquella bahia, pór amor de um vento teso, que soprava della, e que entendiam ser aquella bocca a entrada de Maracaybo; estiveram tambem em terra, e encontraram salinas, bem como vestigios de homens e cavallos. O *Commandeur*, tirando d'aqui que já era sabida do inimigo a presença dos nossos nestes lugares, determinou seguir para Hispaniola.

A 6 deste mez de Maio descahio sobre o porto Jaquimo (achamos notado nos papeis dos nossos que do cabo Roman á ilhazinha Beata ha cento e vinte e quatro leguas pela derrota do noroeste quarta a norte). Ao outro dia o *Commandeur* deu fundo junto da ilha Vacca com os seus navios, excepto o *Eendracht*, que apartara-se delle. Refrescada algum tanto a companhia, e limpos os navios, o *Commandeur* partio sobre a tarde de 10 em demanda do cabo Tiburon (Tubarão), onde chegou ao outro dia, e encontrou o *Eendracht*. A 14, feita a aguada, deu á vela caminho do oessudoeste. Sobre a tarde de 15, avistou terra, mas a não pôde bem reconhecer, pelo que esteve á capa toda a noite. Quando veio ao outro dia, achava-se perto de terra, e avistou um barcozinho fundeado obra de sete leguas a leste do porto de Jamaica, o qual foi trazido pelas chalupas; vio tambem alguns cavalleiros hespanhoes, que a galope caminhavam para oeste, com que entendendo que estava descoberto, e servindo-lhe o tempo e o vento, assentou de, quanto antes, navegar em demanda do porto, antes que chegasse lá a noticia de que o inimigo era na costa. De caminho avistou diante de si uma pequena vela, que os navios tentaram seguir, mas sobreveio uma tal calmaria, que em seis horas não venceram duas leguas, e não puderam vingar a que os distancava da bahia. Vio o *Commandeur* que os Hespanhoes faziam signaes de fogo em terra, e por isso entendeu que era visto, e nada mais tinha que fazer alli. As melhores conhecenças deste porto de Jamaica, a juízo dos nossos, são as seguintes: vindo de leste em demanda de Jamaica, haveis de ver na borda do mar tres ou quatro fendas brancas, pegadas umas ás outras, e duas leguas ao oeste dellas uma ponta comprida e baixa, coberta de

(1) Aqui os ventos cursam sempre ao longo de terra, e não mudam mais de um ou dous rumos. (N. do Aut.).

arvoredo, a qual está apartada seis leguas da bocca do porto; vereis ao noroeste quarta a oeste uma serra, cujo remate oriental costeis de perto, e o montareis, e entrando para dentro delle haveis de encontrar muitas ilhotas e caios, que todas deixareis a bombordo, e a estibordo uma ponta de areia comprida e baixa, tendo em cima algum matto, e como fordes junto desta ponta, o porto se abrirá primeiramente a leste e depois ao norte. A quadra mais azada para fazer alguma tomadia neste porto é na entrada de Junho; mas haveis de vir sem ser sentido, e á noite remar para terra em chalupas. A povoação está arredada do riba-mar obra de uma legua. Ao pôr do sol o *Commandeur* se fez na volta do mar, isso até meia-noite pouco mais ou menos, quando botou caminho pela derrota do oeste quarta a noroeste. A seguinte manhã mandou as chalupas escorrerem a costa; dellas voltaram a noite sem haver dado fé de cousa alguma, e ao outro dia outras duas; a 19 foi encontrada a ultima na ponta Negrilho. Esta chalupa encontrára tres Hespanhoes em um barquinho, que os nossos largaram, mas ao outro dia o tornaram a encontrar, e houveram delle trinta couros e meio lasto de carne secca. A 22 viram as Caymães, e sobre a tarde acercaram-se da do meio. Calculou o *Commandeur* que a mais oriental demora arredada da ponta de Negrilho cousa de vinte e oito leguas. Mandou a ella uma chalupa para virar tartarugas, e ao seguinte dia deu fundo da banda noroeste, e recolheu a bordo a chalupa com muitas tartarugas. Todas estas ilhas são mui baixas e quasi rasas com o mar. A' manhã de 26 a ilha de Pinos estava apartada delle duas leguas. Todo este dia navegou de longo della debaixo de chuva; e sobre a tarde a ponta occidental da ilha era ao nornordeste com sigo, em distancia de obra de quatro leguas. Ao outro dia tempo mui seguro, que não lhe permittio ver terra. Como o anno não estava mui adiantado, se determinou o *Commandeur* a passar-se ao Yucatan, e navegou pela derrota do oeste, e oeste quarta a sudoeste. A' tarde melhorou o tempo, mas á noite fez-se peor que dantes, e durante ella correu o *Commandeur* ao rumo do oeste e oeste quarta a noroeste. Pela manhã levantou-se o tempo; caminho ao oessudoeste. Por volta do meio-dia tomou sonda de trinta e seis braças, duas horas depois de vinte e quatro. Avistou o cabo Cotoche, cousa de quatro leguas ao oeste comsigo, o qual cabo é mui baixo, e se faz como umas ilhazinhas de areia. Sobre a tarde tinha, uma legua atraz de si, a ilhazinha, que este cabo faz. O *Commandeur* metteu gente na chalupa grande e no barcozinho tomado, e com o *Trouwe* os mandou correr a costa a ver si no Novilho ou no rio dos Lagartos estavam surtos alguns barcos, e elle mesmo com os seus navios se fez ao mar por dez e doze braças d'agua, para não ser visto de terra. A' noite passou o baixo, que está apartado de terra obra de duas leguas, onde encontrou somente cinco braças; este baixo demora cousa de quatro leguas ao oeste do cabo, e se estende algumas duas leguas; é pedregoso. Ao romper do dia estava tres leguas afastado de terra, em dez braças d'agua. Ao meio-dia o tempo estava claro, e pôde ver o *Trouwe* e as chalupas na costa, os quaes, antes de meia-noite tornaram aos navios, e a sua gente, nem diante do rio dos Lagartos, que é um lugar onde os habitantes

de Valladolid embarcam os seus generos (Valladolid é uma cidadezinha sita vinte e quatro leguas dentro no sertão), nem diante do Novilho (collina doze leguas ao oeste do cabo), vira barco algum. O *Commandeur* mandou-os logo para Silan, que está doze leguas mais ao oeste e é onde os habitantes de Merida embarcam suas fazendas, e em seguida para Sisal, dezeseis leguas mais avante. A' noite calmaria, pelo que os navios não avançaram muito.

A 30 perdeu Silan de vista, e sobre a tarde as chalupas trouxeram um barco vazio: haviam saqueiado Silan, mas com pouco proveito. O *Commandeur* correu ao longo da costa, por quatro braças d'agua, em demanda de Sisal, navegando as chalupas perto de terra para reconhecer o lugar, e avisar os navios com um fanal. Referem os nossos que os indios, que moram nestes sitios, são mui simples; todos os que habitam na costa desde o cabo Cotoche até S. Juan de Ulua pagam mensalmente por cabeça uma piastra aos Hespanhoes, e neste districto ha passante de trezentos mil. Ao outro dia, duas horas antes do romper do sol, divisaram os nossos uma luz em terra; fundearam, e nas chalupas e bateis dirigiram-se para lá; chegados á terra houveram ás mãos dous Hespanhoes, que lhes disseram que em Sisal estavam á carga duas galeras. Como este lugar era mais tres leguas ao oeste, seguiram nos barcos, mas, sendo chegados, só encontraram uma galera, ainda vazia, que a outra, ja tendo tomado a sua carga, sahira pela ante-manhã; os moradores tambem se haviam posto em salvo, levando as fazendas que poderam, de maneira que os nossos só encontraram duas caixinhas de assucar e duas colubrinhas, que embarcaram. Este povoado constava unicamente de doze ou quatorze casas, uma igrejinha e uma torre alta de madeira; os nossos o saquearam, e puzeram-lhe fogo. Depois viram uma vela, que surdida debaixo do vento; o *Commandeur* mandou a ella um barco e a chalupa, mas toda noite soprou um vento muito forte. No 1º de Junho o *Commandeur* encontrou-se com o barco e a chalupa, que, além do hyate, deram caça a um navio mui carregado; este, por alijar-se, deitou ao mar muitas mercadorias, e assim se escapou. Os nossos queimaram os dous barcos tomados, e deixaram ir por agua abaixo a chalupa grande, que estava de agua aberta e inservivel. Caminhou o *Commandeur* ao norte quarta a noroeste; mas, como a 3 foi servido de um vento mais do mar, governou de novo para as terras do Yucatan, e foi aportar abaixo de Sisal. Trabalhou por fazer-se na volta de leste bordejando. A 8 vio as Mesas de Contreras quatro leguas ao oeste do Novilho ou daquella colina redonda. A 12 o *Commandeur*, como calculava ter ao lado o cabo Cotoche, resolveu atravessar para Cuba.

Entre o cabo Cotoche e aquelle monte ha dezeseis leguas (cinco leguas a leste do dito monte ha uma baixia, que deita muito ao mar); entre o monte e o rio dos Lagartos ha doze leguas: o fundo por aqui é igual, com tres braças d'agua em o comprimento de um cabo a partir da praia. Este rio dos Lagartos desagua em uma bahia, onde ha uma atalaia ou torre de vigia. D'aqui até Silan ha dezoito leguas, e tres leguas a barlavento de Silan ha um pequeno rio de agua doce. Em Silan ha tambem uma atalaia, e diante deste lugar dous ou tres bancos de areia. Como houverdes posto a cidade

ao sul quarta a sudoeste comvosco, governai para dentro, caminhando contra a atalaia, e no canal não encontrareis menos de oito pés d'agua. De Silan até Sisal ha vinte leguas; e tres ou quatro leguas a barlavento ha muitas colinas cobertas de arvoredo. De Sisal em vante vê-se sómente uma colina, e de Sisal á ponta de Pedra ha seis leguas. Assim que, toda esta costa do cabo Cotoche ate á ponta de Pedra tem de extensão vinte e seis leguas.

A 15 era o *Commandeur* em 22º 45', e apartou-se de sua conserva o *Eendracht*, que em toda a viagem não se lhe fez mais encontradiço. Ao outro dia altura de 23º 20'. A 18 sentio um cheiro agradável vindo de terra, mas ainda a não vio; á noite tempo máo com trovões, relampagos e chuva. Ao seguinte dia 22º 54' de altura; não vio terra, ainda que sentisse outra vez aquelle cheiro. A 21 vio os Orgãos mais occidentaes, e a 24 a Coróa (monte conhecido de Cuba) era ao sussudoeste com elle, em distancia de cinco leguas, e pairou. Ao seguinte dia muito bom tempo; á tarde avistou a Mesa de Marien obra de cinco leguas ao sudeste comsigo, e assim achava-se agora em uma paragem accommodada para vigiar os navios inimigos. O *Trouwe* e o barco, que levavam a costa por mão, deram na praia com dous barcos do inimigo, mas não poderam chegar junto delles, por causa da arrebenção. Cruzaram aqui com bom tempo. A 6 de Julho reunio-se o *Trouwe* aos nossos, e trouxe um barco tomado com carga de tartarugas. A 8 tomaram mais um barco com peixe secco, e tirado d'elle o que lhes convinha metteram-no a pique. Pelos tripolantes soube o *Commandeur* que a frota hespanhola ainda não havia chegado em Havana; e começando a sentir-se desfallecido d'agua, determinou seguir para a bahia da Matança, onde entrou a 11, e fez aguada, mas d'agua apenas arrazoadamente doce. Ao seguinte dia avistou um navio hespanhol grosso diante da bahia, o qual dando com os nossos, ficou de fora. Os nossos trabalharam por sahir átoa, como sahiram a 13, e ao longo da costa seguiram para Havana. Cumpre avisar que não é muito seguro metteram-se os navios nesta bahia, pois podem ser cercados pelos Hespanhoes, por não ser facil a sahida. Chegado cousa de duas leguas a leste della, o *Commandeur* vio á noite que o *Trouwe*, que ia adiante, fazia repetidos signaes de fogo. O *Commandeur* respondeu-lhe, mas, como estava acima do vento, não pôde acercar-se d'elle. Ao outro dia vio uma vela a sotavento, e pouco depois mais quatro ou cinco, que á vista representavam ser mui grossas, e ainda quatro ou cinco a barlavento, tres das quaes, navegando por um só rumo, se enviaram a elle. O *Commandeur*, não querendo ser envolvido por esta frota, virou para acostar o barco, e tomar-lhe a gente; mas primeiro que isto fizesse, já os navios hespanhoes eram com elle em distancia de não mais de uma legua. O navio, que vinha na frente, do porte de trezentos lastos, conforme se pôde ver, arvorara a sua bandeira, e navegava directamente nas aguas dos nossos. Acompanhou o *Commandeur* cousa de tres horas, mas, vendo que não lhe levava vantagem, depois do meio-dia virou de bordo em demanda de terra. O *Commandeur*, tendo-o a sotavento, virou tambem. Ao pôr do sol, o *Commandeur* vio a sotavento

sete navios pesados, mas sobre a noite já não avistou os que estavam a barlavento, nem também o *Trouwe*. Navegou toda a noite a leste quarta a nordeste com tempo mui máo, que manteve-se a 15. Ao meio-dia fez o caminho do sul com a vela ré, e logo depois vio o cabo dos Martyres, o que foi contra os seus calculos, pois não fazia tenção de alongar-se de Cuba mais de doze leguas, pelo que deu todas as velas por aproximar-se de Havana. Este cabo dos Martyres está em altura de 25°. Ao seguinte dia estava cinco leguas a leste de Havana, e com pequenas velas caminhou ao oesnoroste; sobreveio calmaria. Por volta de meia-noite avistou uma vela, que, encostando-se ao vento, atravessava diante de si para a costa. Deram dous tiros contra os nossos; mas, como os nossos tinham desferrado maior numero de velas, logo a passaram. O navio hespanhol fazia repetidos signaes de fogo, com que dava a entender que outros navios o acompanhavam, e perseguiu o *Commandeur*, navegando em sua esteira, em distancia de menos de um tiro de colubrina. O *Commandeur*, vendo adiante a sotavento mais tres ou quatro fogos, com o proposito de desapregar-se do primeiro navio, que o acompanhava, virou de bordo, mas, em se acercando do vaso inimigo, assim se fez o vento teso, que quasi se abalroaram pelos gurupés, e não foi pequeno o trabalho que os nossos tiveram, por desabordarem seu navio, carregando a sotavento. Atiraram oito ou nove tiros de pega, e deram algumas descargas de mosquete, mas não feriram ninguem. Fixas as amuras, o nosso navio afastou-se do inimigo, que também mudou de bordo, fazendo sempre os seus signaes; e assim o *Commandeur* não se pôde alongar muito do navio hespanhol, de que, ao romper do dia, não distava mais de um tiro de colubrina. Os mais navios grossos o perseguiam também, navegando meia legua atraz. O navio, que seguia mais de perto o *Commandeur*, era do porte de duzentos lastos, e mui veleiro. Elle e os mais deram caça ao *Commandeur* durante tres horas, mas, desenganando-se de que não o alcançavam, viraram de bordo em demanda da costa. O *Commandeur*, navegou a noite para Tortugas, esperando encontrar um ou outro navio, pois contra aquella frota não havia probabilidade de ser bem succedido. A 18, ao romper do sol, não vio mais navio algum.

Ao outro dia era o *Commandeur* em altura de 24° 5'; e a 20, ao romper do dia, estava junto do remate occidental dos Martyres. Afastando-se de terra, notou varios redemoinhos das correntes, e muito sargaçó, que é uma planta, que flutua no mar. Ao meio-dia 24° 40' de altura, o que mostrava que as aguas o botavam muito para o estreito de Bahama. O *Commandeur*, considerando que nestas paragens não faria muitas prêsas, e tendo necessidade d'agua, assentou de fazer-se na volta da Florida. A 21 estava outra vez junto do cabo dos Martyres em altura de 25° 15'. D'aqui a terra arruma-se mais para o norte. O espaço, que percorreu ao longo da costa, e della apartado obra de uma legua, é todo limpo. Ao meio-dia ficava-lhe ao lado a extremidade septentrional dos Martyres, que uma larga zona d'agua separa da terra firme; altura 25° 45'. Navegou de longo da costa pela derrota do norte quarta a nordeste. Ao seguinte dia encontrou o *Trouwe* que, havia tres dias,

alli se achava, e surgiram em altura de 28° 5', e fizeram aguada. Os índios desta região são mui disformes; vieram a bordo, trazendo uma pouca de ambar amarello para commutar por machados e facas, mas viram os nossos que o seu ambar era falso. Traziam nos braços pedacinhos de ouro verdadeiro. Tende cautela com esta gente, que é traçoeira e mui enganadora: sabem dar brilho ao cobre, e vendem-no por ouro, e misturam o ambar com gomma e outras substancias sem valor. A 25 o *Commandeur* fez-se á vela, com o proposito de voltar ás ilhas Caraibas, onde se demoraria algum tempo, a ver si deparava melhor fortuna, pois que até então muito a seu pezar pouco havia feito. Passou-se ao *Trouwe*, e tendo navegado de conserva com o *Hoope* até aos 30°, mandou-o via da Republica e mudando a sua derrota, trabalhou por fazer-se na volta do sul; descahio porem sobre os 32 e mais grãos, com o que veio a haver vista da Bermuda aos 8 dias de Agosto, a qual ilha estava a leste comsigo. Ao outro dia lá foi ter em procura de um mastro, e foi bem recebido do governador; meteu o navio no porto, poz-lhe um mastro novo, e limpou-o. Partio a 25, e depois de haver passado muitas tormentas, a 9 de Setembro houve vista de terra em altura de 16° 50', a qual era uma pequena ilha. Ao outro dia vio uma maior, que suppoz ser Antigua; em alguns dias de tormenta trabalhou por montal-a, o que não foi sem grande perigo, e veio a reconhecer que era Desejada. A 16 tomou porto em Nieves com o *Trouwe* e o barco. No barco passou-se a S. Christovão afim de mandar os selvagens prepararem *cassavi* (1), de modo que, quando o hyate ahi chegou a 21, achou provisão de *cassavi* para tres mezes. A 27 fez-se á vela, e á seguinte manhã tinha Sabá ao lado; governou ao noroeste quarta ao oeste. A' manhã de 29 vio Virgem Gorda; calculou demorar esta ilha obra de vinte e cinco leguas ao noroeste de S. Christovão. Singrou ao longo das Virgens para as Passagens, que são as mais occidentaes destas ilhazinhas, e surgiu em uma bahia capaz. A' noite saltou com os nossos um vento tão teso, que partio-se o cabo, e desaferraram as ancoras. Estiveram em apertadissimo lance. Ao romper do dia seguinte força foi cortarem o mastro grande, com o que se mantiveram as ancoras algum tempo, mas, enrijando o vento, garraram outra vez; cortaram o mastro de traquete e os gurupês, e ainda assim foram garrando a pouco e pouco. Estavam então em dezesseis braças d'agua. Era tal a negridão do tempo, que não viam, e tal a furia do vento, que, fallando aos ouvidos, mal se podiam entender; o mar empolado os

(1) Estas regiões (do Oyapok) abundam em varias cousas necessarias á vida; em vez de trigo, os selvagens usam commumente do *cassavi*, que se faz de certas raizes, em que atrás se falla; joeiram-nas sobre uma pedra preparada para este effeito, e extrahem o sumo, que crú é perigoso e peçonhento, mas cosido com pimenta do Brazil ou Axi sabe bem ao paladar. Com esta farinha fazem pães ou pasteis, que cosem em cima de uma pedra, e são de um sabor agradável, e quasi como o do pão de cevada, mas melhor. Fazem tambem diversas beberagens desse *cassavi*, uma das quaes chamam *Passiauw*, que se conserva em bom estado cinco dias, outra tem nome *Paravauw*, e dura dez dias; esta é mui forte, e se faz de varios modos, mas o melhor é o que usam os Yaíes e Arwacas. (*Historia do Novo Mundo, Joannes de Laet.*).

elevava ás alturas. Por volta das onze horas, o tempo começou a abonançar e clarear. Viram terra a sotavento, e parceis de ambos os lados em distancia de menos de um tiro de colubrina. No dia 1º de Outubro puderam devassar com a vista toda a bahia grande, mas não viram o barco, e o batel fôra arrebatado muito para atrás, e estava virado. Três homens tentaram ir buscal-o, mas o não conseguiram, e com difficuldade puderam ser recolhidos no navio, que se poz a andar o melhor que pôde. Foi este á entrada da bahia pequena, donde havia sido impellido; viram fluctuante a pequena boia de sua ancora de reserva, depois que fundearam na bahia grande. Avistaram a alguns da companhia em uma ilhota, mas por falta de batel os não puderam soccorrer; consumiram a noite em construir com fragmentos um batelzinho de nove pés pouco mais ou menos de comprimento, e tres de largura. Quando vieram ao outro dia, levaram para bordo neste batelzinho primeiramente quatro pessoas, e depois mais seis, que estavam em um outro lugar. Estavam estes naufragos desnudados, e feridos em varias partes de seus corpos. O barco havia batido á noite contra os rochedos, e se fizera em pedaços, e foi ao fundo, e os naufragos procuraram salvar as vidas, ajudando-se de um ou outro fragmento. O *Commandeur* procurou por toda a parte o seu massame e cordualhas, mas, além da sua ancora de reserva, pouca cousa achou. Soprando agora (4 de Outubro) vento de noroeste, o *Commandeur* sahio desta bahia, mareando as velas ré e de traquete, e quasi toda a noite navegou pela derrota de leste quarta a sudeste e lessudeste. A' seguinte manhã avistou a ilha S. Martin, e não achando madeira capaz para um gurupés, partio a 19. Com grande trabalho chegou a 11 á ponta sudoeste de S. Christovão, e ao outro dia pela manhã ao porto. Nesta ilha refez-se de batel, e partio a 13 de Novembro. O vento o contrariou tanto outra vez, que, sendo chegado a 19 em Dominica não pôde surgir sinão a 22. Neste entretanto chegaram a esta ilha dous navios francezes de Havre de Grâce, cujos capitães conheciam o *Commandeur*, e lhe deram toda a ajuda e assistencia. Deu querena ao seu navio, e reparou os mastros, com o que andou occupado até 24 de Dezembro, [que foi quando tornou á sua viagem, e deitou caminho de S. Vicente. Surgio nesta ilha ao seguinte dia, e pelo seu mastro novo estar mui fraco, poz outro, o que o trouxe occupado até aos 6 dias de Janeiro. Deixaremos o *Commandeur* tomar pouso por algum tempo, e faremos breve relação do que passou com o vice-almirante em sua tornada no *Eendracht*.

O vice-almirante, tendo-se despedido do *Commandeur*, como se atrás disse, encontrou na altura do cabo de S. Antão dous navios hespanhoes, procedentes de Honduras, e tomou um delles algum tanto alongado de terra. Pela nossa gente não ser mui pratica nestas partes, as correntes metteram o *Eendracht* e sua presa muito para dentro do Golpho do Mexico. Trabalharam por fazer-se na volta de leste, e succedeu irem ter ás aguas das Tortugas, onde o *Eendracht* sossobrou em um baixo; mas como o navio hespanhol estava bem aparelhado, a nossa gente passou-se para elle, e ficou bem acondicionada. Trouxeram-no á Zelandia, onde chegaram a 13 de Setembro deste anno. O navio hespanhol tinha o nome de *S. Juan Baptista*, e continha a

seguinte carga: mil e seiscentas caixas do indigo, tres mil couros, uma grande quantidade de salsaparrilha, algumas caixinhas com prata, e alguns vasos com custoso balsamo. Estava guarnecido, além de outras, com oito peças de bronze, em que se viam gravadas as armas do rei de Hespanha.

O anno passado deixámos o *Commandeur* Philips van Zuylen em Serra Leôa com os navios *Dolphijn*, *Thonijn* e *Bruyn-Visch*; vamos referir agora o que elle fez este anno de 1624. Feito trato de alguns dentes de elephante e de madeira vermelha, e bem providos os seus navios de agua e lenha, o *Commandeur* partio aos 4 dias de Janeiro com os seus tres navios e o barco tomado á vista de Cacheu. Caminhou primeiramente ao rumo do noroeste para fazer-se ao mar, e depois ao do sul e sudeste, e por esta derrota foi ter ao meio-dia de 11 aos 6 gr. e 58 min. Foi incommodado juntamente de muitas calmarias e travados, com que só a 29 passou a equinocial. Ao outro dia apartaram-se do navio grosso os dous hyates e o barco tomado. A 14 de Fevereiro era o *Commandeur* em altura de 15° 15' á banda do sul. Trabalhou por tomar a ilha de Martim Vaz, mas a não descobrio. Navegando sempre para o sul, aos 7 dias de Março achava-se aos 30° á banda do sul, e fazendo-se então na volta de leste e norte, era a 25 em altura de 14° 15' á banda do sul. Ao meio-dia avistou a costa d'Africa, que estaria apartada delle dez leguas. A' tarde cousa de meia legua o separava da costa, e não tomou sonda com oitenta braças de linha. A 27 altura de 15° 37', dez braças d'agua em distancia de um tiro de peça da costa. A terra, obra de tres leguas ao norte do cabo Negro, é alta e assentada. Ao outro dia surgiu mesmo ao norte do cabo mencionado. O *Commandeur* sahio em terra em procura d'agua, mas a não encontrou: a terra é escavada sem verdura alguma. Neste cabo, bem como algumas leguas ao sul, deixou cartas e signaes que avisariam os hyates, si acertassem de tomar terra neste lugar. Sahio no seu navio, caminhando de longo da costa pela derrota do nornordeste, indo o batel adiante para observar os sitios de boa disposição. Depois do meio-dia descobrio uma bella bahia, atras de uma ponta inclinada; entrou-a, e surgiu em sete braças e meia, fundo bom, á sombra de terra levantada. Ao meio-dia era a altura 14° 55'. Saltaram os nossos em terra, acharam agua doce em um pantano estagnado, e um ribeiro corrente, e lugar mui accomodado para ajustarem os quartos das chalupas. Os negros, moradores destes arredores, eram mui esquivos, nem os nossos lhes poderam entender a lingua. O capitão Thomas Sickes, a 9 de Abril, fez uma entrada com quarenta homens, e a tarde voltou com duas vaccas. De caminho a nossa gente comeu de certa fructazinha a modo de avelã, com o que os mais delles se sentiram muito molestados, pois os fez lançar muito, e lhes relaxou tambem o ventre. A 11 os dous hyates e o barco juntaram-se ao *Commandeur* nesta bahia, que houve nome *Vliegen Baye* (bahia das Moscas). O *Commandeur*, tendo assim reunido os seus navios, quando veio ao outro dia, partio, e navegou pela derrota do norte quarta a nordeste, correndo a costa. A 13 surgiu outra vez em uma bahia, que houve nome *Roo de Baye* (bahia Vermelha), por respeito da côr ruiva do fundo. Sahiram em terra ao seguinte dia, e só mui dentro della foram encontrar agua

doce. Altura 14° 45' á banda do sul. A 15 o *Commandeur* tornou á sua viagem, correndo a costa ao rumo do nordeste e nornordeste. Encontrou uma enseiada grande, onde não pôde tomar sonda junto da costa; altura 13° 36'. Tendo-se mettido muito por esta enseiada, sem encontrar fundo, seguiu de longo da costa ao rumo do norte, em demanda de outra bahia. A terra é nesta parte bastante alta e negra. Depois de navegar cousa de cinco leguas, á tarde chegou a uma ponta negra e inclinada, em face da qual ha dous parceis, e depois a outras duas pontas, mas sem dar com fundo, e por isso força foi estar á capa durante a noite. Ao meio-dia do seguinte dia altura 13° 8'. A' tarde acercou-se de outra ponta baixa, que deita muitos parceis; montou-a á bolina, entrou em uma mui formosa bahia, surgio em quinze braças, fundo de areia, em distancia de um tiro de peça de terra, á qual bahia deu nome *Schoone Baye* (bahia Formosa). Ao outro dia puxaram para terra o barco para ser concertado, por estar de agua aberta, e pescaram bonitos peixes. A gente da terra lançára-se a monte, pelo que os nossos não poderam vir a falla com os moradores. Proveram-se de agua e lenha. A 27, avistada uma vela estrangeira, foram em seu encalço o *Bruyn-Visch* e o barco. A 30 appareceu outra vela, lançaram-se a ella o *Commandeur* e o *Thonijn*, mas a não alcançaram. Ao outro dia voltou o *Bruyn-Visch*; tambem não tomára a vela, e apartara-se do barco. Seguiram juntamente para a costa. A 2 de Maio altura de 12° 13'. Ouviram um tiro de canhão, mas não deram fé de navio algum. Depois do meio-dia o *Commandeur* chegou a uma ponta baixa em rampa, onde suppunha encontrar a bahia das Vaccas. Ao sul havia uma ponta baixa em face daquella outra, que sahe ao mar obra de tres leguas, e entre ellas demora uma bahiazinha verdejante, cujas pontas são baixas; ao norte a costa é levantada e escarpada. Seguiu o *Commandeur* para a ponta, e della aproximou-se até ás seis braças, fundo de boa tença, na qual ponta ha um especie de sombreiro, por onde é facil de conhecer. Montada a ponta, entrou em espaçosa bahia, que á banda oriental tem terras baixas com arvores verdejantes, e vio um povoado de casas altas e bonitas, em frente do qual surgio em tres braças, fundo de boa tença. Ao outro dia, mandou um batel á terra para saber que especie de gente alli morava. Uma hora depois tornou o batel, trazendo um alferes portuguez, enviado pelo capitão da povoação, para o effeito de nos assegurar que queria ter trato amigavel connosco. O alferes contou que, tempos atrás, o rei de Hespanha mandara a este lugar um governador; mas o capitão, ajudado dos seus soldados, que fariam numero de setenta, lançára mão delle, pois os tratava tyrannicamente, e o remettera, pouco mais ou menos oito mezas atrás, para Loanda. Queixou-se de que, em todo o tempo que alli se achavam, não haviam recebido os seus soldos, e por isso buscavam modo de retirar-se. Havia em terra quatro trincheiras, cada uma com tres ou quatro peças. Foram elles que deram o tiro, de que atraz se fallou, quando avistaram os nossos navios, suppondo que era o Governador, que vinha tomar emenda de seu levantamento. Contou mais que algumas pessoas fizeram crer ao rei de Hespanha que nas cercanias deste lugar havia uma rica mina de cobre, e que tal era a razão de nelle se haver posto

guarnição, mas que essas minas jaziam algumas quinze ou dezesseis leguas mais para baixo, e não estavam exploradas. O alferes ficou a bordo em segurança da nossa gente, que fôra á terra; o mesmo capitão á tarde veio a bordo, e prometeu-nos todo o gasalhado, pelo que o *Commandeur* o deixou tornar-se á terra. Com pouco dinheiro houveram refrescos, e muito boa agua, que o capitão mandou os seus negros trazerem á praia. Os soldados tinham falta de tudo, e particularmente de vestidos. Por elles soube o *Commandeur* que na bahia de S. Francisco, algumas cinco leguas acima desta, havia um monte de sal, assim abundante de sal gemma, que todos os navios da Europa o não poderiam transportar; que este sal era mui appetecido em Loanda, posto não fosse tão bom como o de Portugal. Denominaram esta bahia dos Touros; a das Vaccas está cousa de tres leguas mais acima. Altura 12° 20'. Em terra havia muito gado, mas não couros seccos. A 11 o *Commandeur* mandou o hyate *Bruyn-Visch* procurar o outro hyate e o barco tomado, e de caminho informar-se da situação daquelle sal; mas sobre a tarde tornaram o *Thonijn* e o barco, que haviam tomado um navio procedente de Pernambuco, carregado de toda a sorte de mercadorias. Mandou o *Commandeur* que os dous hyates e as duas velas tomadas se fossem a uma bahia, que demora quatro leguas abaixo desta, para fazer concertos e tomar agua; seguiu-os tambem no seu navio, e a 13 ancoraram todos em dita bahia. Ao outro dia viram duas velas estrangeiras no mar, á qual se foram os dous hyates e a presa antiga. No entretanto seguiu o *Commandeur* no seu navio, acompanhado da ultima presa, para a bahia de Catambala (Catumbela), onde a 15 os hyates se juntaram com elle. Haviám rendido uma fusta, que tomára carga de vinho na ilha da Palma, e um naviozinho com carga de farinha, que partira de S. Paulo em demanda da Bahia, onde os nossos estiveram. Esta bahia de Catambala é mui formosa, surge-se nella como em rio morto; está situada na altura de 12° 15'. A 22 mandou o naviozinho carregado de farinha e outros generos á bahia dos Touros para mantimento do capitão, que em retorno lhe forneceria doze cabeças de gado, seis carneiros, dous porcos, gallinhas e outros refrescos. Poz um capitão na fusta *S. Juan Baptista*, e esbulhou o naviozinho tomado em Cacheu, porque fazia muita agua, e já se não podia ter boiante. Mandou para baixo a sobredita fusta com todas as mercadorias, a cargo do commissario Adriaen Vrancken, para o effeito de serem vendidas; partio ella na entrada de Junho. A 5 o *Commandeur* fez-se tambem á vela, caminho direito de Loanda. A 7 estava junto do cabo S. Braz em altura de 10° 31'. Este cabo é alto e inclinado, de longe parece talhado a pique; um pouco ao norte d'elle ha um farilhão alto, negro e pontudo. Ao seguinte dia o *Commandeur* estaria duas leguas arredado da costa; a terra era igual e não levantada. Vio uma grande enseiada, e para o norte, ao longe, terras baixas com quebradas. Ao meio-dia 10° 18' de altura. Depois do meio-dia, chegou ao rio de Tongo; a 19 ao cabo Ledo, que é escarpado. Aqui tomaram os nossos um patacho vasio, procedente de S. Paulo com quatro Portuguezes e dez negros; foi queimado. A' tarde era o *Commandeur* junto do rio de Coanza, onde foram tomados tres patachos, e varados dous na costa, que

se fizeram em pedaços. A 10 era perto da ponta de Palmeirinha, obra de uma legua ao sul della, e ahi surgio. Os nossos tomaram mais um patacho por meio da chalupa, a fusta rendeu outro, que perdeu-se indo de encontro á costa. Depois do meio-dia metteram a pique dous dos patachos tomados, e em um outro botaram todos os Portuguezes doentes, que não podiam prestar serviço. O *Commandeur* partio directamente para Loanda, governando primeiramente ao norte, por evitar os baixos de Corymba, e depois ao nornordeste. Ao seguinte dia deu fundo arredado duas leguas da costa, e ainda não avistou S. Paulo, nem sua ponta septentrional. A 12 endireitou para o porto de S. Paulo, mas este dia não pôde entrar. Ao seguinte entraram o *Dolphijn*, *Bruyn-Visch* e *S. Juan*, surgindo em distancia de mais de um tiro de peça dos navios. A 14 veio ter com elles o *Thonijn*, acompanhado de um patacho que tomára, e foi queimado á vista da cidade. Eis que uma armada de onze navios vem sobre elles pelo canal, encostando-se ao vento, e isto vendo os nossos levantam juntamente as ancoras, e se enviam a elles. Salvaram-se uns aos outros galhardamente; mas durou pouco a briga, que logo os nossos levaram vantagem aos contrarios. Queimaram quatro dos navios delles; de si vararam-se na praia a almiranta, vice-almiranta e mais outro navio inimigo; os nossos deram com um outro em secco, e conservaram dous para serem resgatados. Ao outro dia os nossos foram ter á almiranta, vice-almiranta e sota-almiranta encalhadas, e ás pressas pozeram-lhes fogo, apesar dos tiros amiudados que o inimigo fazia dos mesmos navios. A tarde tres bateis bem guarnecidos vogaram para o quarto navio encalhado, que foi entrado á viva força, mas, logo após a entrada dos nossos, acudiram os de terra bravamente, e atiraram com tanta furia, que força foi abandonarem o navio, sem ter havido tempo ou conjuncção de queimal-o. Aqui perdemos tres homens, e foram feridos sete, entre os quaes o *Commandeur*. Houveram os nossos ás mãos alguns Portuguezes, mas não tantos, como deviam ter aprisionado segundo o numero dos navios tomados, pois a mor parte dos inimigos se puzeram em fugida. E como encalhou um dos nossos patachos, em que estavam tres dos nossos, e que foram levados presos a Loanda, o *Commandeur* propoz trocal-os por tres vezes outros tantos Portuguezes; mas o governador e o bispo não estiveram por isso, e exigiram por aquelles tres homens todos os prisioneiros Portuguezes e os negros, além dos dous navios, que estavam em nosso poder. A 18 um destes navios foi resgatado por mil oitocentos e sessenta e seis florins, somma que logo foi paga em ouro e prata; e pouco depois o outro por mil novecentos e trinta e oito florins. Dos navios destruidos na bahia houvemos oito peças de artilheria, que foram postas nos hyates, quatro em cada um. No canal e em frente da cidade havia ainda, entre navios e barcos, algumas vinte velas; como porém não tinham os nossos um piloto pratico deste porto, era perigosissimo melhorarem para dentro delle por essas areias e baixos, e além disto os Portuguezes haviam levantado na praia duas baterias; assim o *Commandeur* não achou prudente expor a tamanho perigo os seus navios. A 25 soube elle de um Francez que se passara para os nossos, que o novo governador N. de Sousa (Fernão de Souza) estava

surto com tres navios diante dos baixos de Corymba, ou barra meridional de Loanda. Para lá mandou o *Commandeur* primeiro os dous hyates; seguiram depois a fusta e as chalupas, e deram fundo por fóra da ponta septentrional da ilha de Loanda em vinte braças, fundo de areja.

Esta ilha de Loanda tem de comprido obra de cinco leguas, e arruma-se geralmente sudoeste nordeste; é baixa; tem um convento, e uma alfandega ou casa em que se despacham escravos, além de uma aldeia de negros. Não havia d'antes na ilha fortificação alguma, mas, por nosso respeito, levantaram uma bateria com seis peças junto da casa dos despachos sobre o canal.

A' tarde de 26 o *Commandeur* juntou-se com os hyates, que estavam surtos em dezessete braças diante da barra meridional ou de Corymba, e surgiu em quarenta, porque o vento do mar refrescou, e lhe não permittio ir mais para cima. Os tres navios do inimigo, em que se fallou, estavam quasi de todo descarregados, e haviam sido rebocados para dentro dos baixos, e por ser esta navegação para piloto de barra, não pôde o *Commandeur* ir-se a elles. Os de Loanda levantaram mais uma bateria com oito ou dez peças na ponta meridional da barra, por junto da qual se havia de passar. O navio do governador tinha dezessete peças, e oito cada um dos outros dous, e muita gente; claro está que era perigosissimo ir buscal-os lá dentro, onde estavam. Ao outro dia aproximaram-se algum tanto os nossos navios. A 28 o novo governador mandou-nos pelo seu secretario os nossos tres homens prêsos, e em troca foram-lhe entregues vinte Portuguezes. Na entrada de Julho o *Commandeur* deu á vela com os seus navios, servido de um vento terra, para navegar um pouco mais para cima, e governou ao sudoeste. Os baixos de Corymba não precisam de muitas indicações: demoram junto da ponta septentrional da barra do sul, e á noite nada tendes que temer, si não passardes das trinta e cinco braças; e para entrar na barra do sul, ide buscar a ponta meridional da terra firme, e entrái navegando perto della. Ahi é que pozeram uma bateria, assim como outra na terra firme sobre a barra. A' noite o *Commandeur* surgiu em trinta e duas braças, duas leguas escassas acima dos baixos de Corymba. Aqui vendeu ao proprietario o navio *S. Juan* por mil duzentos e cincoenta cruzados, tres florins cada moeda, e começou-se a descaregal-o. A 3 avistou uma vela ao mar; deram-lhe caça os dous hyates e a chalupa, que ao outro dia a trouxeram: era um patacho do porte de quarenta e cinco toneis, procedente de Ilheos, com carga de farinha, *cimbe* (?) e uma pouca de arroz. Pelos tripolantes soube o *Commandeur* que habitavam em Ilheos algumas oitenta familias portuguezas; que havia lá um fortim como quatro peças, e nos seus arredores quatro engenhos. Haveis de entrar por entre duas ilhotas; a barra é estreita, e nas marés ordinarias tem somente quatorze palmos d'agua; está em altura, de 14º 1/2. Tomaram-lhe o arroz, cimbes, e uma porção de farinha para seus negros, e largaram o naviozinho. A 9 o *Commandeur* se foi pela derrota do sudoeste, e tomou um navio de pópa quadrada com varanda coberta, chamado. *S. Francisco*, do porte de oitenta lastos, com tres colubrinhas, quatro

pedreiros, oito mosquetes, cuja gente se puzera em salvo, e por isso não pôde elle saber donde vinha. Levaram-no os nossos tres leguas acima da barra de Corymba, onde surgiram. O *Commandeur* proveu este navio de um capitão, oito homens e quatro negros. Depois pairou. A 25 tomou um naviozinho hespanhol, chamado *Santo Antonio e S. Lucas*, do porte de trinta e cinco lastos, com duas colubrinhas, quatro pedreiros e vinte e tres homens; vinha de Cadix, com carga de dous mil e trezentos *peruleeren* (que são vasos de terra de vinte ou vinte e quatro pintas) de vinho, vinte e duas pipas de vinho, quarenta pequenos vasos de azeite, e trezentos de azeitonas. Ao seguinte dia outro navio de forma neerlandeza, chamado *Nossa Senhora da Conceição*, com dous pedreiros, e vinte e oito homens, e carga de mil e oitocentos *peruleeren*, e vinte e duas pipas de vinho, quatro barricas de farinha, duzentos pequenos vasos de azeitonas, cem de alcaparras, duas caixas de estanho com setenta e tres peças de tafetá chinez sem lustre e outras cousas. Tiveram tambem estes navios capitães e tripulação. No dia 1º de Agosto o resto dos Portuguezes prisioneiros foram despedidos em um batel velho, e a 3 o *Commandeur* com seus navios fez-se á vela, caminhando para baixo primeiramente ao rumo do norte, e depois ao nordeste. A 8 era a altura 6º 8' á banda do sul; a terra, que avistava, estava coberta de arvoredos, e era escarpada na borda do mar. A tarde surgiu, e estava a ponta meridional do rio de Congo (a qual ponta chamam os nossos do Velho Padrão) obra de duas leguas ao nornoroeste comsigo. Ao outro dia entraram os navios, excepto o *Dolphijn* e o navio tomado *S. Francisco*, por amor de uma correnteza que os botava para fóra; só a 18 entrou o *Commandeur* no *Dolphijn*, e o *S. Francisco* tomou porto em Loango. Neste rio deu fundo o *Commandeur* e teve trato com os habitantes. A 14 de Setembro foi o *Commandeur* convidado a sahir em terra, e recebido com muito gasalhado pelo Conde de Sonho, cujos conselheiros tambem foram honradamente tratados pelos nossos. Detiveram-se os nossos navios neste rio, dando uma vista ora a Loango, ora a Marconda, e mais outros lugares, e sahindo de quando em quando um hyate ao mar para vigiar os navios inimigos, mas não fizeram mais tomadia alguma. A 6 de Dezembro o almirante Pieter Pietersz. Heyn chegou com tres navios grossos diante deste rio, de cuja viagem daremos razão, tanto que acabarmos com as cousas desta flotilha. O *Commandeur*, tendo entre os seus alguns insubordinados, a quem mal podia conter, e mais estando muito desfallecido de gente, pela muita que ultimamente lhe havia morrido, passou os alevantados para o navio do vice-almirante, onde foram castigados, e d'elle recebeu refresco de gente, com o que se findou o anno.

Como deixamos contado, o vice-almirante Pieter Pietersz. Heyn partio da Bahia com seus quatro navios a 6 de Agosto. Ao dia seguinte, quando havia quasi perdido a vista da costa, avistou uma vela estrangeira para o lado, de terra; deram-lhe os nossos caça, e ao outro dia a tomaram. Continha sómente duas colubrinhas, e vinte homens, e estava carregada de cento e dez pipas de vinho das Canarias, trinta toneis grandes com farinha, vinte e seis quartões de azeite, e algumas poucas mercadorias. Por ser mui veleiro

este naviozinho, o vice-almirante o proveu de gente, e o levou consigo. Depois surgiu perto do morro de S. Paulo. A 11 tornou á sua viagem, mas, por amor de um vento rijo, mal podendo apartar-se de terra, e menos caminhar para o sul, deu volta para o norte, com o que a 22 veio a surgir obra de dez leguas ao norte de Pernambuco, e quatro arredado de terra, em altura de 7° 15'. Resolveu deter-se alguns dias nestas paragens para andar de vigia aos navios, que sahissem do porto de Pernambuco; mas, sendo passadas as marés de aguas vivas, e não convindo esperar as seguintes por demoradas, na entrada de Setembro tornou á sua viagem para Angola. A 6 tornou a avistar o cabo de Santo Agostinho, e então começou a avançar para o sul. A 22 era em altura de 22° 15'; a 30 em 26° 40', e em distancia de duzentas e trinta leguas a leste do meridiano do cabo de Santo Agostinho, segundo os pontos dos pilotos. A 9 de Outubro era em altura de 30°, e por isso ao outro dia chamou a seu bordo todos os pilotos, e averiguou que os seus pontos differiam em longitude, os que estavam mais adiantados dos que o estavam menos, bem noventa leguas. O vice-almirante, tendo respeito a esta differença, cominhou pela derrota do nordeste e nordeste quarta a leste, e assim descendo para o norte, a 21 era em altura de 15° 15'. A 23 houve vista da costa de Angola pouco mais ou menos na altura de 14° 25', terra grossa e avermelhada, e seguiu correndo a costa, que aqui está lançada ao norte quarta a nordeste, e sul quarta a sudoeste. Perdeu a vista de terra com tempo de calmaria, mas a tornou a ver a 26, e a escorreu. Dos 11° até o cabo Braz, de uma ponta a outra, a costa arruma-se ao norte quarta a noroeste, e sul quarta a sudeste. Este cabo Braz está situado em altura de 16° 30'. Delle até ao cabo Ledo a costa corre nornoroeste e sussudeste; o cabo Ledo demora em 9° 50'. Do cabo Ledo até á ponta de Palmeirinha a costa tira ao noroeste quarta a norte e sudeste quarta a sul, (salvas os arcos ou enseiadas). A ilha de Loanda corre nordeste quarta a norte e sudeste quarta a sul, com o comprimento de sete leguas; é mui baixa, e tem a ponta do norte em 8° 45' á banda do sul. A 30, obra de meia legua de Loanda, avistou a lessudeste uma vela arrazoadamente grande, que trabalhava por entrar no porto, como entrou, mas não pôde ir surgir diante da cidade de S. Paulo, por causa dos baixos, contra os quaes caminhou o mais que pôde, para se pôr ao abrigo da artilheria da cidade. Havia alli mais quatro naviozinhos carregados de negros, de tres dos quaes foram desembarcados os escravos. O vice-almirante logo entrou no seu navio, seguido dos outros, mas, antes que estes se juntassem com elle, já havia tomado todos os navios inimigos, apezar de atirarem vivamente contra elle; os tiros, porém, pouco acertavam, porque o tempo escurecêra. O navio, que entrára antes delle, vinha de Sevilha, com carga de vinho e azeite, os mais não continham senão agua e favas para os negros, e uma pouca de peixe secco. Ao outro dia, por melhor retirarem os navios tomados, entraram os nossos a descarregal-os, e baldear as fazendas para os seus navios; mas, por causa do vivo fogo de tres baterias inimigas contra os nossos navios, fogo correspondido por estes, não poderam sahir este dia com suas tomadias. Vendo o vice-almirante que as cousas

desta praça estavam dispostas mui differentemente do que anteriormente lhe haviam dito, entendeu que com tão poucas forças, como as que tinha, não podia fazer proveito em accometter a praça (1). E' que navios nossos aqui estiveram anteriormente, como deixamos narrado, e por gracejo a gente delles ameaçára os Portuguezes, dizendo que em breve viria armada mais grossa, que lhes tomaria a cidade; por isso o governador, ultimamente chegado de Portugal, fortificára bastante a praça, e bem assim a praia, com palissadas desde a cidade até á extremidade dos baixos, e pozera duas baterias na entrada do canal, além de uma terceira junto ao penedo, onde os navios vão ancorar. Esta tinha seis peças; a segunda chamada Santa Cruz, tambem tinha seis, e estava collocada junto do canal, por onde se ha de entrar; a terceira com cinco peças dominava tambem o canal, e estava junto da cidade, e defronte da ilha, para guardar o passo, que ha entre a ilha e o baixo. Na ilha havia ainda uma pequena bateria com duas peças; e além disto tinha o governador começado a prover a cidade de novas obras. Diante della estavam surtos bem vinte e cinco navios, quatro dos quaes estavam artilhados, um com oito peças, dous com seis, e o quarto com tres. Tambem havia na cidade muita gente, e ainda mais fôra apellidada, pois, dias antes, tinham sabido que a Bahia se rendêra aos nossos. Isto em parte visto, em parte sabido por informações, que tivera dos prisioneiros, o vice-almirante teve conselho sobre o que devia fazer, e, pois não eram cabaes as forças para assaltar a cidade, assentou-se que com cinco batcis e tres esquifes bem guardados se fossem aos navios, que estavam surtos dentro no porto, e lhes pozessem fogo. Sendo noite, por não serem sentidos do inimigo, os mesmos officiaes acompanharam a nossa gente; mas encontraram pouca agua, do que se causou encalhar um, depois outro batel, e levaram tanto tempo em pol-os a nado, que sobreveio a luz do dia, primeiro que se chegassem aos navios contrarios, e entrou o inimigo a varejar-os com sua artilheria, e assim os forçou a retrocederem. Ao outro dia o inimigo metteu a pique no canal um naviozinho. Só no dia 3 de Novembro é que os nossos retiraram os navios tomados, e os levaram para a ilha, assim para se pôrem fôra do alcance da artilheria inimiga, como para limparem um pouco os seus navios. O vice-almirante, vendo que neste lugar nada mais tinha que fazer, e sabendo que em Benguela estavam os Portuguezes muito fracos, determinou, por não perder tempo, que os dous hyates *Zee-Jaegher* e *Meerminne*, e a chalupa *Haes*, ao mando do capitão do *Hollandia*, Willem Jansz. alli fossem ter.

Partio este capitão no dia 6 sobre a tarde, e muito trabalho teve primeiro que montasse a ilha, com o que gastou bem quatro vezes vinte e quatro horas. Desde o dia 12 até ao dia 17 foi um continuo labutar, ora bordejando, ora fundeado, por esguardarem os bordos. A' manhã deste dia 17 estava o capitão junto de uma ponta escarpada e soberba sobre o mar, e acalmando

(1) Vastos eram os projectos da Companhia das Indias Occidentaes; queria assenhorear-se de Loanda, e assim d'um golpe assegurar o supprimento de negros ás suas proprias conquistas no Brazil, fechando aos Portuguezes o seu mercado costumado. *Southey*.

o tempo, surgiu. Nenhuma noticia tinha colhido acerca da situação de Benguela; encontrava-a no mapa em altura de $16^{\circ} 50'$, e no mapa portuguez mais para o norte; e porque calculava estar em 11° á banda do sul, teve conselho com os seus, que unanimemente votaram fossem á terra os dous bateis, a ver se obtinham informações. Sendo em terra os dous bateis deram fé de alguns negros, que estavam no alto de um monte; com bandeira de paz foram ter ao sopé deste monte, mas nem os negros quizeram descer nem os nossos os poderam entender; de sorte que não houveram noticia alguma. Viram sómente uma casinha no monte, com uma cruz por cima, e suppuzeram que por alli seria Benguela, mas para o norte fazia-se uma curva, que não dava lugar a crer que houvessem alli aldeias ou lugares habitados; pelo que foram em conselho que caminhassem mais para o sul. A ponta mencionada é mui facil de conhecer-se, pois levanta-se a prumo, como uma parede de pedra e cal, e é arrazoadamente grossa; podeis navegar tão chegado a ella, que alcançeis a terra com um tiro de pedra; tem dez e doze braças de fundo.

De 17 até 20 navegaram para cima, bordejando terra á terra; e porque não podiam avançar mais para o sul, foram accordes em mandar de novo á terra os bateis para haver informação; os bateis porém não poderam tomar terra em parte alguma, pela furia com que o mar quebrava. Vogaram bem legua e meia de longo da costa, fazendo conta que encontrariam Benguela, porque suppunham que este lugar demorava entre os $11 \frac{1}{2}$ e $12 \frac{1}{2}$ gr. A 21 deram á vela para o norte, visitando todas as enseiadas, navegando tão chegados á terra, que um tiro de mosquete a alcançaria; mas desde os $11 \frac{1}{2}$ gr. não depararam povoado algum, nem lugar accommodado para os bateis tomarem terra. Viram pela praia muitos negros. Depois do meio-dia tornaram áquella ponta empinada, que está em altura de 11° passaram-se á terra, tiveram pratica com os negros por um negro lingua, que tinham comsigo. Os de terra não sabiam de Benguela alguma, e declararam que o seu chefe lhes prohibira tratar com estrangeiros, e assim tornaram os nossos a bordo tão adiantados, como d'antes. Ao outro dia caminharam, observando as enseiadas, terra á terra, mas não descobriram sitio algum habitado. Ao meio-dia surgiram diante de um grande valle; os bateis se foram á terra, e caminharam de longo della bem uma legua; mas em parte alguma deram com um sitio capaz para desembarque, pela arrebentação e grossura do mar, e por isso o *Commandeur* determinou que os hyates navegassem de novo para o sul. A 23, vento do oeste; navegaram até ás duas horas; á tarde o tempo acalmou, e surgiram em vinte e seis braças. A 24 surgiram em altura de $11 \frac{1}{2}$ gr. Cumpre advertir que, de ordinario todos os dias ao meio-dia, cursa o vento oeste, que pelas tres da tarde salta para o sudoeste; vento de terra poucas vezes tiveram, menos do sul, e este as mais das vezes escasso. Ao outro dia fizeram-se algum tanto ao largo, por melhor aproveitarem o vento do mar; mas, tendo-se affastado algum tanto da costa, notaram que as aguas corriam tesas ao norte, como commumente se observa nestas paragens, e tanto que se perde o fundo, mal se pôde caminhar ao sul. Avangariam este dia obra de uma legua. A 27 surgiram para dentro de uma ponta baixa, situada

em 12 gr. escassos Ao outro dia foram nos bateis á terra, mas a arrebentação não lhes permittio tomal-a. Acudiram á praia alguns trinta negros, que batiam a um tempo as mãos, se acocoravam, e tornaram a bater as palmas, levantando as mãos acima das cabeças. Indicaram aos nossos uma certa ponta, para onde deviam remar. Os nossos lá foram ter, e encontraram uma formosa angra com muitos lugares accomodados para desembarque; seguiram pois para a praia, e lançaram a fateixa ao mar. Viram na praia bem cem negros, mas, como não se fiavam delles, mandaram seu negro sahir em terra com uma corda atada ao corpo, e algumas amostras de mercadorias, para serem commutadas por refrescos. O negro deixou-se ficar com agua pelos joelhos; veio ter com elle um dos de terra, e estiveram praticando muito tempo; o de terra volveu ao seu bando, e depois de se entenderem uns com os outros, tornou o mesmo negro, acompanhado de outro, armado de arco e seta, os quaes sem mais detença procuraram agarrar o nosso lingua. Vendo isto, grita o *Commandeur* aos seus, que estavam na distancia junto do cabo da fateixa, que o colhessem; mas, pois por descuido estava o cabo solto, os negros, valendo-se da corda, puxaram o batel para si. Os nossos cortam a corda, começam a colher o cabo, mas este prendêra-se em uma pedra, com o que ficaram de través com a praia. Os negros espediram temerosamente as suas setas, que cahiam como saraiva, e logo ficaram feridos nove dos nossos, que tambem os salvaram com os tiros de tres pedreiros e de alguns mosquetes, com o que deitaram por terra alguns negros, ficando os mais envoltos na fumaça. No entretanto foi collhido o cabo, apanharam tres remos na agua, e safaram-se com o adjutorio divino. O *Commandeur*, um capitão militar, e mais outro receberam cada um tres feridas. Fincaram-se tantas setas no batel, algumas das quaes o atravessaram com as pontas, que impediam remar. Como o praso marcado ao *Commandeur* estava esgotado, e não pôde elle haver nova alguma, governou de novo para o norte para se juntar com o vice-almirante, como na entrada de Dezembro se juntou no cabo Ledo, onde elle estava surto.

Havia muitos doentes na frota, e falta dos necessarios refrescos, pelo que se determinou o vice-almirante a seguir para o rio de Congo. A 6 os hyates fundearam no Padrão, e a 8 e a 9 os navios grossos. De Loanda até ao rio de Congo, o surgidouro é bom ao longo da costa. Na altura de 8º a terra é grossa e dobrada com muito arvoredos e areaes brancos, e a espaços tem pequenas angras. Dos 8º até 7º a costa escorre ao norte quarta a noroeste e sul quarta a sudeste, terra igual com muito arvoredos; uma grande legua da costa ha fundo de treze até dezeseite braças. Dos 7º até 6 1/2 a costa arruma-se ao noroeste quarta a norte e sudeste quarta a sul. Dos 6 1/2 até 6º a costa escorre norte e sul até a ponta do Padrão, que é a ponta meridional do rio de Congo, em altura de 6º 5'. Aqui o vice-almirante, como atrás se disse, encontrou o *Commandeur* Philips van Zuylen, em cujos navios poz as cousas em ordem. Depois mandou uma embaixada ao Conde de Sonho, que móra quatro leguas acima da bocca do rio, bem como presentes a elle, aos seus dous irmãos, a sua mulher e alguns officiaes. O palacio do conde não levava

vantagem a alguma das nossas estrebarias. Foram os embaixadores apresentados tambem á Condessa, que é irmã do rei de Congo: estava ataviada com louçainha de muitas cadeias de ouro, mas as suas damas (em numero seguramento de cem) não traziam senão uns vestidos do entre casco de arvores entretecidos a modo de mosqueta. A condessa vestia á portugueza, as outras mulheres traziam os vestidos até acima dos peitos, e coraes ao pescoço.

Annos atrás fóra entregue ao principe Mauricio de gloriosa memoria uma carta escripta em nome do conde de Sonho, na qual lhe pedia ajuda e assistencia, com protesto de obrigar-se por ella e pagar as custas. Declararam os nossos que vinham a este effeito, e lhes requereram os supprisse com os necessarios meios; porém o conde respondeu que não sabia cousa alguma a tal respeito, que semelhante carta havia de ter sido escripta por alguns mercadores, que as suas guerras raras vezes duravam mais de dous ou tres mezes, e de ordinario um só combate lhes punha termo, que, em taes condições, requerer auxilio da Hollanda, era uma cousa alheia de toda a razão; sómente declarava que si, a requerimento seu, os navios, que andavam pelas cercanias de Loanda, viessem em seu auxilio, os havia de recompensar, mas que até então não havia chamado nenhum, e portanto não estava obrigado a pagamento algum. Os nossos embaixadores, considerando que devia de ser assim, como o conde dizia, encommendaram-lhe os nossos toneis de aguada, e se despediram d'elle. O resto do anno foi consumido em commutar refrescos, e prover os navios de agua e lenha.

FIM DO PRIMEIRO LIVRO.

SUMMARIO DO SEGUNDO LIVRO

O Almirante Pieter Pietersz. Heyn parte da costa d'Africa, e aporta na ilha de Anno Bom, onde refresca. Segue para a costa do Brazil, e toma terra no Espirito-Santo, onde faz um salto. Fraqueza de sua gente. E' forçado a retroceder sem ter feito cousa alguma. Manda os hyates e bateis subirem o rio. Dos bateis perde-se um. Limpa os seus navios. Parte para o Rio de Janeiro. Toma um navio com 135 caixas de assucar. Segue para a Bahia, e encontra a cidade de S. Salvador sitiada pelos Hespanhoes. Dá volta para Pernambuco, e não deparando alli ensejo algum, parte para a ilha de Fernando de Noronha. Disposição desta ilha. Parte o almirante via da Republica, onde chega em Julho. Continuação da viagem de Pieter Schouten. Chega a Mona. Visita os portos e ancoradouros da ilha Hespanhola. Faz nma entrada em Laguna, onde toma alguns couros e uma pouca de cassia. Parte para Alcahaya, onde colhe mais cassia. Depois de tócar em outros lugares, volta ao porto Francez. Disposição deste porto. Faz-se na volta da Republica em Abril. Saem ao mar as armadas do almirante Lam e do general Boudewijn Hendricksz. Parte a armada hespanhola a cargo de D. Frederico de Toledo. Suas forças. Chega a Santiago, e segue para a Bahia, onde entra. Põe cerco á cidade. Os nossos fazem uma sortida, e matam alguns officiaes e soldados. D. Frederico augmenta os seus quarteis. O nosso coronel é descuidado, desprezado, e enfim deposto pela sua gente, que faz eleição de outro para substituil-o. Negociam com o inimigo, conveem nas condições, e entregam a praça. Partida do Texel do general Boudewijn. Navios que o acompanham. Chega ás costas do Brazil. Encontra-se com elle o hyate *Vosken*, que tomára dous navios, e depois os perdêra; dá nova como a armada hespanhola estava surta na Bahia. O general encontra a cidade tomada. Contempla a armada hespanhola, mas entendendo que nada poderia fazer, faz-se ao mar. E' seguido da frota hespanhola. Navega para o morro de S. Paulo, que manda observar. Falta d'agua; muitos adoecem. Toma um barco costeiro. Dá volta para o norte. Chega a Parahyba, onde procura entrar. O navio do almirante Veron encalha em um banco. O general segue com a armada para a bahia da Traição. Disposição desta bahia. Faz uma excursão por terra e outra por agua. Os indigenas destas partes alliam-se com os nossos. Brigam com os Portuguezes, e os derrotam. Visitam o rio Mamanguape. Fazem outras entradas no serão. Deliberam sobre o que deviam fazer ulteriormente, e resolvem partir. Divide-se a armada. O *Vosken* fica na costa do Brazil; o que fez. Toma um naviozinho com carga de vinhos, e depois mais dous. Continuação da viagem do general Boudewijn Hendricksz. Chega a Bekia e S.

Vicente. Parte, e dá-lhe um grande temporal. Chega á ilha Virgem Gorda, que manda observar. Perde-se o navio *Vlissinghen*. O general entra em Porto Rico. Fogem os da cidade; os nossos a tomam, e fazem-se senhores da ilhazinha. Cêrco e bombardeio do castello. Intimam ao inimigo que se renda, mas debalde. Sortidas do inimigo. Os nossos perdem gente e bateis. Não podendo render o castello, o general resolve partir. Os nossos embarcam-se, incendiam a cidade e os navios inimigos. Sahem todos os navios, menos o *Medenblick*, que perde-se. O General segue para a extremidade occidental da ilha. Um naviozinho hespanhol tomado. Alguns navios são mandados a S. Domingo, e dous com despojos á Republica. A armada parte. Um barco tomado. Volta ao porto de S. Francisco na extremidade occidental de Porto Rico. Continuação da viagem do almirante Veron. Reina a dysenteria entre a companhia. Não pôde avançar para o sul. Chega a Serra Leôa, onde encontra o almirante Lam. Partem para a costa de Guiné. Mallogro da interpresa contra o castello da Mina. A armada surge, e refresca no rio Gabão até o fim deste anno.

LIVRO SEGUNDO

1625

O almirante Pieter Pietersz. Heyn, que deixamos o anno passado no rio de Congo, partio com todos os navios aos 2 dias do mez de Janeiro deste anno, e depois de andar divagando por algum tempo por respeito das correntes e ventos, quando veio ao dia 7 do mesmo mez, amanheceu obra de quatro leguas ao norte do porto de Loango, que está situado em altura de 4° 37'. São facéis as conhecenças deste lugar: ha ao sul delle moutas, que de longe semelham pequenos castellos, e quatro leguas ao norte veem-se duas colinas, que chamam *Mamas ou Tetas de Mulher*. Ao outro dia juntaram-se com elle as chalupas, que anteriormente haviam sido mandadas sahir do rio em procura de refrescos; poucos trouxeram para tanta gente, pelo que ordenou o almirante que os navios andassem espalhados por essas costas até ao dia 18 do corrente mez, com fundamento que topariam navios portuguezes. O *Meermin* seguiria adiante, e surgiria em altura de 1° 40', na qual altura a pouco e pouco se juntariam todos os navios para de conserva irem tomar a ilha de Anno Bom, onde se procurariam refrescos. Mas, reconsiderando a sua ordem, o almirante communicou aos navios por cartas datadas do dia 14 que não convinha avançassem para o norte além dos 2 gr., para o effeito de irem buscar com mais segurança a ilha de Anno Bom. Com quasi todos os navios tomou o almirante esta ilha aos 19 dias, e o navio *Hollandia* a 29, e nella encontraram muitos refrescos. Esta ilha, segundo observou Willem Jansz., demora em altura de 1° 30'; tem muitos porcos, laranjas, limões, e muito boa agua. O governador tractou os nossos com amizade, ainda que com medo, depois que soube que aquelles navios haviam tomado parte na rendição da Bahia. Tendo bem refrescada a sua gente, se determinou o almirante a fazer a travessia da costa do Brazil, assim para andar ás prêsas pelas capitánias do Rio de Janeiro e Espirito-Santo, donde lhe constava partirem na primavera alguns navios, com

carga de assucar e outros fructos da terra, como tambem e principalmente para voltar á Bahia a ver si lá tinham necessidade dos seus serviços. Partio da ilha de Anno Bom a 2 de Fevereiro. Pelas muitas calmarias e ventos variaveis, que o molestaram, andou muito tempo retido pelos 2 gr. de latitude meridional. A 17 foi servido pela primeira vez de um vento fresco do sudeste; era em altura de 6° 8', e no ultimo do mez em 15 1/2 gr. A 3 de Março, sendo chegado quasi em altura de 19°, assentou de seguir para o Espirito Santo, onde faria um salto. A 9 houve vista da costa do Brazil, da qual estava apartado obra de quatro leguas; tomou sonda em dezoito braças; ao sudoeste terra mui grossa, ao noroeste baixa e assentada; ao meio-dia altura de 19° 48' de lat. mer. Ao outro dia avistou a serra do Mestre Alvaro (1), mas, vendo que não podia entrar no rio com dia, fez-se algum tanto ao largo, por não ser visto dos de terra. Ao romper do dia 11 estava apartado legua e meia do rio, e, como os navios estavam algum tanto espalhados, esperou-os até ao meio-dia, quando levantou-se o vento sudoeste; foi navegando de longo da costa até que abriu-se o rio, e endireitou então para elle. Não encontrou o almirante fundo menor de dezenove pés entre as ilhotas, que é onde ha mais agua, e ainda se pôde aproveitar da maré de aguas vivas, que aqui as occasiona a lua ao rumo do sudoeste. Sobre a noite foi empecido pela maré vazante, e teve de surgir em seis braças. Ao outro dia juntou o conselho, e nelle assentou-se a ordem, que teriam na facção contra a cidadezinha do Espirito Santo. O mais das forças consistia em marinheiros, pouco feitos a jornadas, e não costumados a guardar ordenança militar; tendo conta com este inconveniente, resolveu-se que os marinheiros fossem divididos em tres companhias, e, como desembarcassem, assim se ordenassem as fileiras, que caminhassem dous marinheiros ladeados de dous soldados. Ao meio-dia melhorou o almirante para dentro do rio com vento do mar, navegou tanto avante como a praça, e surgiu um tiro de fronda da praia, ficando os navios dispostos um atraz do outro, de maneira que podessem jogar contra a praça toda a artilheria de uma banda. Mettida a gente nos bateis, largaram estes para a não almiranta, donde seguiram todos os nossos juntos para terra, e aqui se puzeram em ordem de batalha. Mas, como havia pouco espaço para arrumar toda a gente, o almirante avançou um pouco com oito ou dez fileiras. Os habitantes desta praça, informados da chegada dos nossos, se haviam apercebido para resistir, e assestaram um morteiro de bronze contra o caminho, que os nossos tinham de enfiar, e deram-lhe fogo, tanto que nos poderam alcançar. Vendo isto, salta o almirante para o lado, amparando-se atraz de uma casa, e apenas sóa o tiro, apresenta-se de novamente, animando a sua gente a dar bravamente sobre o inimigo; mas, pois os officiaes e particularmente os capitães ainda não estavam na frente, nem as fileiras se achavam dispostas, segundo a ordem

(1) E' uma montanha quasi circular, vistosa, e a mais alta da costa, perto de tres leguas afastada da praia, em partes escavada e de rochedos, n'outras povoada de mattas com grandes pedaços cultivados..... E' onde se criam as arvores do melhor balsamo, que sahe da provincia. Fica entre os rios Carahype, e o dos Reis Magos; e teve um vulcão na antiguidade.—*Ayres do Casal.*—(N. do Trad.)

determinada, estando quasi todos os marinheiros adiante, já estes não attendiam ás vozes, e entraram a cuidar em si, receiosos da artilheria. O almirante trabalhou com elles que avançassem, mas embalde, que o mêdo lhes ia lavrando pelos peitos. Voltaram costas em grande confusão, e recolheram-se aos navios com perda de oito homens, e outros tantos feridos (1). Na fugida alguns lançaram de si as armas. Não obstante o mallogro do accommettimento, ao outro dia o almirante mandou os dous hyates, duas chalupas e dous bateis subirem o rio, a ver si topavam nelle navios ou barcos, e ao mesmo tempo entrou a atirar sem parar com suas peças grossas contra a cidadezinha, cujos moradores lhe responderam bravamente com tiros de mosquetes. A 15 voltaram os hyates com perda de um batel, em que havia vinte e cinco homens e quatro pedreiros. O caso foi este: tendo subido o rio obra de duas leguas e meia, acharam um barco que esbulharam e queimaram; as chalupas e os bateis continuaram a navegar para diante, mas, acalmando o tempo, não puderam aquellas proseguir; seguiram pois sómente os bateis, e ao montar de uma ponta foi um delles assaltado por tres canôas, cuja gente o tomou e matou os nossos marinheiros, pelo que retrocedeu o outro batel. O almirante, conjecturando que alguns dos seus estivessem presos, mandou recado ao governador que os soltasse, mas este respondeu-lhe que os indigenas haviam morto toda a nossa gente, e espedaçado o batel. A 18 os navios desceram para um monte que, pela sua fôrma, chamam *Pão de Assucar*, e ás pressas os limpam um pouco. A 21 as chalupas e pequenos bateis foram mandados procurar as maiores profundidades do rio, e balizal-as; acharam que o maior fundo, que tem o canal, é treze pés. Sahiram os navios, navegando perto da margem meridional e em distancia de obra de um tiro de fronda do parcel, que está pegado com a dita margem meridional, ao passo que quando entraram, caminharam de longo da margem septentrional. Este rio corre geralmente leste oeste, encolhendo-se e bojando até ao *Pão de Assucar*; aqui alarga-se arrumando-se ao lesnordeste para o lado da cidadezinha, que demora apartada da barra obra de legua e meia. Na margem septentrional, cousa de uma legua da barra, ha um castellino de pouca força.

A 31 era em altura de 20°, e a 5 de Abril na de 19°. A 6 avistou uma vela estrangeira, que foi perseguida e tomada por volta de meio-dia; vinha do Rio de Janeiro com carga de cento e trinta e cinco caixas de assucar. Sabendo pelos prisioneiros que no Rio de Janeiro havia mais dous navios, que estavam de verga d'alto, um com quatrocentas caixas, e o outro com quatrocentas e cincoenta, o almirante determinou estanciar por aqui mais algum tempo. A 8 houve vista de um daquelles navios, a que os nossos deram caça até sobre a noite, que foi quando elle conseguiu se escapar. Juntaram-se

(1) Achava-se casualmente nesta occasião no Espirito-Santo Salvador Correa de Sá, a quem seu pai, o governador Martim de Sá mandara á Bahia com duzentos homens e mantimentos, em duas caravellas e quatro canôas remadas por indios. A não ser este inesperado soccorro, é provavel que o capitão Francisco de Aguiar houvesse entregue a cidade ao intrepido Heyn.— (N. do Trad).

outra vez os navios, menos o do almirante e sua chalupa, mas, quando veio ao outro dia, reapareceu a almiranta. Estando todos juntos, menos a chalupa do almirante, a 12 foram em altura de $17^{\circ} 38'$, e em distancia da costa, segundo calcularam, vinte e seis leguas; e nada obstante, deram em fundo pedregoso e mui desigual de onze e doze braças, de modo que o almirante fez-se ao largo. Ao outro dia tomou sonda em quarenta braças, e depois em trinta, tudo pedregoso; mas na manhã de 14 o leito do mar aprofundou-se rapidamente; altura tomada ao meio-dia $17^{\circ} 15'$. Ao seguinte dia houve vista outra vez da costa do Brazil em altura de 15° gr. e um terço. Ao outro dia estava em frente de Camamú, e porfiou por entrar na Bahia, mas não lhe terçou bem o vento. A 18 amanheceu diante da barra, e quando fazia conta de entrar-a de uma só bordada, fez-se-lhe contradiga a sua chalupa, que, havia muito, andava apartada da frota. Pela gente della soube como a Bahia era em cerco; pois, na noite passada, a chalupa entrara na bahia, e sendo diante da Villa Velha, perto de um navio hespanhol, que estava de vigia, mandaram que arriassem bandeira, com o que elles, entendendo o perigo em que estavam mettidos, tornaram a sahir. Via-se distinctamente o fuzilar da artilheria, que jogava contra a cidade. Assim que assentou o almirante mandar o *Meermin* para o sul, para o effeito de procurar por toda a parte a nossa armada, que era esperada, e quanto a elle se manteria nas aguas da Bahia, e baldearia as cargas das tomadias, o que trouxe os nossos occupados até o dia 21. A 25 o almirante navegou directamente para a Bahia; vio duas caravelas, a que deu caça, mas eram mui veleiras, e uma dellas entrou para avisar os seus. O almirante, estando agora descoberto, e não tendo forças bastantes para buscar inimigo tão poderoso, não teve por avisado permanecer por aqui offerecido a tão grande perigo sem proveito algum, e mais acertado lhe pareceu fazer a derrota de Pernambuco de longo da costa, assim para procurar cuidadosamente os nossos navios, como tambem para surprender alguns do inimigo. Partio a 26 de Abril, e foi escorrendo a costa. A 3 de Maio era em altura de $8 \frac{1}{2}$ gr., e uma hora depois do meio-dia avistou o cabo de Santo Agostinho. Ao outro dia deu fé de um barco portuguez, que não foi alcançado; pois que estava descoberto, resolveu o almirante endireitar para o porto de Pernambuco. Ao outro dia, tomando a costa, achou-a, contra o seu calculo, meia legua ao norte da cidade de Olinda, tendo descahido sobre o arrecife, que ahi ha, e deu volta para o mar. Vio que estavam surtos no poço alguns quarenta navios, mas, segundo lhe constou, havia ordem de não sahir nenhum, antes de haver-se noticia de como correram as cousas na Bahia. Por um pescador, que os nossos apresaram, soube que se recebêra a noticia de ter sido tomada á viva força a cidade de S. Salvador, e mortos todos os nossos. O almirante mui desconcertado com esta nova, e não vendo conjuncção para fazer prêsas em Pernambuco, nem estando bastante provido d'agua para esperar a sahida dos navios, determinou seguir para a ilha de Fernando de Noronha, onde faria provisão d'agua e lenha. A 14 chegou á banda noroeste desta ilha, e aqui surgiu. Quando a avistou, a ilha representava á vista umas sete ou oito ilhazinhas, semelhando uma dellas uma torre alta, de

través com a qual o fundo é mui sujo. A aguada é um tiro de colubrina a leste deste monte, mas é incommodo fazel-a, porque, por respeito do embate do mar, é preciso levar e trazer os barris pelo rôlo das aguas. A ilha demora em altura de 3º 40' á banda do sul; tem muitas cabras, rôlas, varios legumes, e o mar é mui piscoso. Mandou para a terra firme os prisioneiros portuguezes na chalupa, e partio a 23. A 28 de Junho avistou a ilha das Flores. Estanciou muito tempo pelas ilhas dos Açores, e emfim se tornou á Republica no ultimo deste mez de Julho.

Acompanhemos tambem o *Commandeur* Pieter Schouten em sua tornada á Republica. O anno passado o deixámos na ilha de S. Vicente com o seu hyate *Trouwe* e um barco. Desta ilha partio aos 6 dias de Janeiro, e ao seguinte sobre a noite chegou a Granada, e, proseguindo em sua viagem sem deter-se, a 9 tomou porto na ilha Branca. Aqui andou occupado em concertar o seu navio, tomar cabras e seccar-lhes a carne até ao dia 18, porque o tempo chuvoso muito o impeceu. Fez-se então á vela sobre a noite com tempo mui aspero, que se manteve em alguns dias. E porque receiava fazer pouco proveito na terra firme pelo tempo e brevidade do praso, determinou atravessar para Mona, e a foi ver a 21, e ao outro dia nella aportou. Colheu laranjas, e apanhou alguns animaes. A 23, uma hora depois do pôr do sol, fez-se á vela, caminho do noroeste quarta a norte, em demanda do cabo do Engano, que está no remate oriental de Hespanhola. Tres horas antes do romper do sol descahio sobre as terras delgadas, que ficam ao sul do dito cabo. Amanheceu ao oessudoeste com o cabo, que tambem é baixo, e se faz a modo de uma ilhazinha. Navegou obra de dez leguas pela derrota do oesnordeste, apartado da costa cousa de uma legua, e assim encaminhado, foi ter diante de um golpho penetrante, chamado de Samana. Navegou em demanda do cabo Francez ao rumo do noroeste e noroeste quarta a norte obra de sete leguas, e de caminho passou por uma grande bahia. Ao pôr do sol chegou ao cabo, e mareando uma só vela fez o caminho do norte até meia-noite, e depois o do sul até á luz do dia. A 25 passára o cabo; fez força de velas, mantendo-se meia legua apartado de terra; este dia calculou ter avançado dezesseis leguas. A' noite pairou. Ao outro dia, tendo passado o porto da Prata, mandou o seu batel com doze homens acercar-se da costa, para visitar todas as barras, seguindo elle em seu navio. Começou porém a enrijar-se o tempo, e como o batel ficava atrás, esperou-o; neste interim o batel observára sómente um lugar, e nada achára. A 27 o *Commandeur* deu fundo diante de uma bonita bahia, que suppoz ser Isabel, onde havia outr'ora uma cidadezinha; mandou a ella o batel, que tornou sobre a noite com duas cabeças de gado, a que haviam dado caça. Pelos do batel soube que, por trás do recife, que deita a ponta do norte, ha bom ancoradouro em nove e dez braças d'agua, bom fundo, e que ha um formoso rio, que se divide em tres galhos, dous dos quaes foram percorridos por elles, mas não deram fê de barcos nem de gente. Como o vento refrescava, o *Commandeur* adiantou-se mais uma legua, indo ter a um sitio, onde ha uma formosa bahiazinha e alguns ribeiros, mas o batel não pôde entrar pela furia com que o mar arrebetava. Esta bahia deita

um recife, que, em distancia de meia legua de terra, corre duas de longo da costa. A' tardinha vio o Monte Christo, que calculou distar dez leguas da bahia Isabel, e passou a noite surto debaixo de velas. A' seguinte manhã governou para Monte Christo, aonde mandou o batel, e caminhou de longo dos parceis para a ponta occidental da bahia, em que demora o porto Francez; sobrevivendo a noite, teve de se pôr à capa. Ao romper do sol vio que fôra impellido ao oeste, e singrou para a ilhazinha Tortuga, onde deu fundo antes de anoitecer. Esta ilha, segundo calculou, fica distante de Monte Christo obra de dezoito leguas; o porto demora pouco mais ou menos no meio della. Vindo de leste, tende-vos um tiro de colubrina apartado de terra, e governae ao longo do recife, que bota muito ao mar; ha alli um passo entre dous baixos, entrai de lô, chegando-vos para o que está a barlavento por quatro e meia braças d'agua, meio tiro de mosquete apartado do ponto, em que as aguas rebentam em flor, onde ha sómente tres e quatro pés, e dai fundo em distancia de um tiro de mosquete de terra em cinco braças. No ultimo de Janeiro juntou-se o batel com elle, o qual de caminho observára todos os sitios, e nada vira. Ao outro dia, pelas tres da madrugada, o *Commandeur* passou-se no batel para o cabo de S. Nicoláo, para de caminho visitar os portos e rios; esteve em tres rios grandes, mas não vio barco algum nem gente. Seguiu-o o navio, e á tardinha, obra de duas leguas a leste do dito cabo, voltou a bordo com alguns porcos, e navegou toda a noite com pouco vento. Pela manhã tinha o cabo ao lado; governou ao sul quarta a sudeste para a ponta occidental da ilha Guanabo, mas não pôde tomar-a por causa da calmaria.

A 3 estava obra de cinco leguas ao oeste de Guanabo; emfim aportou nesta ilha á banda occidental. Passou-se no batel á terra, mas nada achou, e sobre a noite voltou a bordo. Levou ancora, e governou ao sudoeste quarta a oeste para Vallederis, mas não pôde chegar lá. Pela manhã mandou adiante o batel e a canôa para a bahia, e nella surgio sobre a noite no seu navio. O batel encontrára um barcozinho com tartarugas, cuja gente fugira na canôa para Caymito; para lá foram mandados o barco e o batel que acharam a canôa, mas não a gente, que se havia posto em salvo; a 6 levaram a canôa ao navio. O *Commandeur* determinou seguir sem mais delonga para Laguna, e ao outro dia surgio na ilha Guana. A 8 metteu vinte e cinco homens bem armados no barco, e com elles foi ter á ponta de Laguna, que fica obra de cinco leguas a leste da ilha Guana. Ao outro dia desembarcou com vinte homens, e dirigio-se ao povoado, que alli teem os hespanhoes; e pelas oito da manhã chegou ás casas, que estão duas leguas dentro do sertão. Os moradores, em sentindo os nossos, se lançaram a monte. O *Commandeur* encontrou trezentos couros e uma porção de cassia; neste mesmo dia mandou para bordo oitenta couros, e cousa de setecentas libras de cassia, o que não foi sem muito trabalho e perigo da nossa gente, pois aquelle sitio distava da costa seguramente trez horas de viagem. A 10 o navio juntou-se com elle: não havia achado cousa alguma em Guana. Depois trabalharam por levar os couros, mas tinham os pés tão pisados, que já não podiam caminhar, e por isso queimaram o resto da courama. A 14 sobre a noite o *Commandeur* se fez á vela para Alcahaya,

onde deu fundo pelas duas da madrugada, obra de cinco leguas ao nordeste quarta a leste de Laguna. Ao outro dia saltou em terra com todos os homens; colheram perto de mil e duzentas libras de cassia. Sobre a noite o *Commandeur* seguiu para Boccasin, que está duas leguas mais a leste. Pela manhã a nossa gente se passou á terra, e não achou cassia, que estava toda colhida. Vendo o *Commandeur* que nada mais tinha que fazer alli, resolveu voltar á ilha Tortuga, nella prover-se de agua e lenha, e depois ir-se via da Republica. A 17 deu á vela, e governou ao oesnoroeste e noroeste quarta a oeste para as ilhazinhas delgadas, que demoram apartadas obra de cinco leguas de Boccasin e trez de Alcahaya; passou por ellas antes do meio-dia, pondo-as a bombordo. A' tardinha chegou diante de Hattibonico, junto á bahia de Guanives; á noite tempo mui horrascoso. Pela manhã era diante do golpho de Coryton, e gastou o dia a bordejar até quasi duas leguas do cabo S. Nicoláo. Ao outro dia alcançou o remate occidental de Tortuga; e como o tempo estava quasi calmo, á noite singrou para além do porto. A 20 chegou ao porto Francez, cousa de seis leguas a leste de Tortuga, o qual é uma bahia penetrante. Entrando nella haveis de navegar de longo da terra, que fica a estibordo, chegando-vos a ella por sete e oito braças, por amor dos baixos que sahem ao mar, e tendo assim navegado por espaço de uma legua ou mais, até que tenhaes posto a terra alta oriental, ou a ponta da bahia ao norte quarta a nordeste comvosco, navegae então acereado da terra alta, que está a bombordo, e isto por respeito de um baixo, que a ponta baixa occidental deita para a terra alta oriental, e que se avizinha della, no qual baixo ha somente onze ou doze pés, mas passado elle encontrareis sete e oito braças, e surgireis, onde vos parecer. A' noite deu-lhe um norte forte, e teve de arriar vêrgas e mastareos, o qual tempo manteve-se no dia seguinte, de sorte que só a 22 pôde dar pendor ao seu navio, e tomar uma porção de lenha. Não encontrou agua, nem pôde desembarcar em parte alguma por causa dos *manglares*, que é um genero de arvoredado baixo, que cresce mui basto nas ribas do mar e dos rios, e principalmente nas lagoas. Pela manhã sahiu em demanda de outro porto, que fica duas leguas mais ao oeste, onde deu fundo por trás de uma ilhota. Aqui houve agua de um ribeiro, e partio ao dia seguinte. Caminhou de longo da costa septentrional de Hespanhola e S. João do Porto Rico, e aos 15 dias de Abril chegou á Republica a salvamento.

No livro precedente deixámos contado que a Companhia apparelhára duas armadas, que haviam de partir para a Bahia para o effeito de defender e segurar a cidade de S. Salvador, e bem assim que estas armadas, por não lhes terçarem os ventos, estiveram retidas nos portos da Republica sem se poderem fazer ao mar, delonga que foi parte para desgraças e grandes difficuldades. No ultimo dia de Dezembro do anno passado sahiram alguns navios da armada a cargo do almirante Lam, e elle em pessoa aos 4 dias de Janeiro com o *Hollandtschen Thuyt e Haertem*, e em seguida mais outros. A 27 de Fevereiro largaram tambem alguns da armada do general Boudewijn Hendricksz., e enfim sahiram todos. E porque não encontramos cousa digna de menção antes de se juntarem estas duas armadas, fallaremos della ao diante,

e primeiro daremos conta das que foram expedidas de Hespanha e Portugal para restaurar a cidade de S. Salvador.

O rei de Hespanha, deliberado a mandar a Bahia forças poderosas, ordenou que se fizessem prestes tres armadas em differentes partes dos seus reinos, e elegeu para general dellas, como atrás dissemos, D. Frederico de Toledo (1). A capitania da de Portugal foi dada a D. Emanuel de Menezes, e a do Estreito de Gibraltar a D. Juan Fajardo. As duas armadas do mar Oceano e do Estreito, e a esquadra de Biscaya, que se compunham de trinta e um vasos, entre navios e galiões, uma caravela, tres tartanas e quatro pinagas, partiram de Cadix a 14 de Janeiro deste anno. Levavam estas armadas sete mil e quinhentos homens, entre marinheiros e soldados, divididos estes em tres regimentos, dous de Hespanhoes e um de Italianos, ao mando dos coroneis D. Pedro Osorio, D. Juan de Orelhana e marquez de Torreclusa. A 19 passaram pelas Canarias, e proseguindo em sua derrota deram fundo aos 6 dias de Fevereiro na ilha de Santiago, que é a principal das do Cabo Verde, e nella encontraram a armada portugueza, que alli os estava esperando. Esta armada de Portugal se compunha de vinte e dous navios grossos, e quatorze velas entre barcos e caravelas, e levava quatro mil homens, entre marinheiros e soldados, estes divididos em dous regimentos ás ordens do Antonio Nunnez Barreiro (2), e D. Francisco de Almeida, vice-almirante da mesma armada. Partira ella de Lisboa aos 19 dias de Novembro do anno passado; perdêra um galião na ilha de Maio, donde foram recolhidos somente oitenta homens; apartaram-se de sua conserva tres navios, dos quaes um foi ter a Pernambuco, onde encalhou, os outros dous se juntaram com a armada sobre a barra da Bahia. Assim juntas estas armadas, largaram de Santiago aos 11 dias de Fevereiro, e assim adiantaram-se em sua derrota, que ao dia 18 foram em altura de 5 1/2 gr. á banda do norte; aqui porém calmarias as detiveram até 12 de Março, sem deitarem caminho algum, e soffrendo a companhia calor e muita sêde, porque havia pouca agua. Depois foram servidas de um vento favoravel, e procedendo em sua viagem chegaram no ultimo deste mez diante da Bahia, onde entraram aos 4 dias de Abril, segundo dizem os nossos.

Na cidade e nos fortes tinham os nossos passante de dous mil soldados, fóra os negros e Portuguezes, que ficaram entre os nossos, ou se passaram para elles, bem como dezessete navios no porto. D. Frederico de Toledo desembarcou as suas tropas na vizinhança do forte de S. Antonio, onde os nossos haviam desembarcado tambem, quando foram a render a cidade. Elle em pessoa saltou tambem em terra, tendo deixado a capitania dos navios a D. Juan Fajardo, a quem encomendou que defendesse a sahida aos nossos navios, e bem assim a entrada áquelles, que acaso vissem em nossa ajuda. Primeiramente assenhoreou-se do convento de S. Bento, para onde conduziu dous regimentos commandados pelo marquez de Troppani (Cropani), sargento mór de todo o exercito, e com o resto das tropas foi occupar o convento

(1) D. Fradique de Toledo Osorio, marquez de Villa-Nova de Valdeça.—(N. do Trad.)

(2) Antonio Moniz Barreto.—(N. do Trad.)

dos Carmelitas. Os nosos fizeram uma sortida contra o convento de S. Bento com quatrocentos homens, e brigaram com tal braveza, que fizeram grande estrago nos Hespanhoes, pois foram mortos o coronel Pedro Osorio, os quatro capitães D. Francisco Manoel de Aquitara (Aguiar), D. Alonso de Gana (de Agana), D. Pedro de Sanstevan (S. Estevão), D. Diego de Espinosa, e muitos soldados, e feridos tres capitães, e muitas outras pessoas. Largaram tambem dous brulotes contra a armada hespanhola, que porém não lhe fizeram damno algum (1). D. Frederico, para melhor apertar os sitiados e impedir as sortidas, fez desembarcar mais mil e quinhentos homens a cargo de D. Juan de Orellana, e deu-lhes um terceiro quartel para as bandas de um sitio chamado das Palmas. No entretanto os quarteis foram traçados e fortificados, tendo D. Frederico mandado buscar vinte e nove peças grossas, já para derribar as obras dos sitiados, e já para fazer damno aos navios, que estavam no porto. Mas, ao passo que o inimigo de fóra ia pondo toda a diligencia em forçar os sitiados a se renderem, no interior da praça eram os chefes não sómente tardos e descuidados no prover das fortificações necessarias á sua defensão, como tambem continuavam a levar vida solta e desregrada, e assim provocavam os soldados a censural-os asperamente e menosprezar as suas ordens, fermento que depois os levou a romperem em um funesto motim. As peças, que o inimigo assestára junto ao convento dos Carmelitas, assim varejaram o nosso principal navio, que foi a pique; as de S. Bento metteram no fundo mais cinco, e damnificaram os outros de modo tal, que poucos podiam fazer-se ao mar, os mais estavam incapazes de se mover. E como estivesse agora o inimigo desassombrado no que respeita á bahia, voltou todos os seus canhões contra a cidade, varejando-a de tres lugares,—do convento dos Carmelitas com vinte e tres peças, do convento de S. Bento com oito, e das Palmas com seis; o que tudo porém não era bastante para render á praça, que estava bem provida de munições de bocca e de guerra para sete ou oito semanas, si a nossa gente se tivesse mantido accorde e obediente a seus chefes. Mas os officiaes e particularmente o cabeça delles se houveram de modo tal, que primeiro se fizeram despreziveis, e depois suscitaram o pensamento aos soldados de mudarem de coronel, e elegerem outro, com o que os bons ficaram abatidos, e os máos ousados a se envolverem no que não era de sua competencia, fixando a sua escolha em Hans Ernest Kijf, que o coronel Allert Schouten fizera sargento-mór, e havia procedido bem até então. A animadversão dos soldadoes contra o coronel Willem Schouten provinha principalmente de que

(1) Ao primeiro movimento dos dous navios (os brulotes), os barcos de vigia hespanhoes, desconhecendo-lhes a intenção, deram rebate que o inimigo buscava evadir-se por mar, e nesta crença toda a armada poz-se ao panno para persegui-lo; a não ter sido isto, talvez tivessem os Hollandezes colhido algum resultado do seu estratagemma. Um dos brulotes foi cahir entre dous dos maiores navios, mas já não a tempo de causar-lhes damno; o outro atracou a almiranta, chegando a derreter-lhe o alcatrão, mas os Hespanhoes depressa evitaram o perigo, e fazendo largar um bote, impediram a fuga aos homens do brulote. Alguns morreram queimados, e um, que se lançára ao mar, foi apanhado para lhe amarrarem um péso aos pés e tornarem a atiral-o ao mar.—(Southey).

elle raras vezes montava a cavallo para andar visitando as obras, e não acudia com as necessarias medidas a outras cousas, que muito importavam; e quando acertava de o fazer, não animava os soldados, antes os offendia com juras e doestos, comquanto elles andassem sobrecarregados de um continuo trabalho. [O coronel preferia frequentar os lupanares, ou deixar-se ficar em seu palacio a alambazar-se e emborrachar-se, até que enfim aconteceu ser deposto pelos soldados, prêso em sua casa, e levantado por coronel o dito Kijf. No entretanto o inimigo, informado por alguns transfugas e traidores disfarçados do que ia pela cidade, ia-se aproximando della o mais que podia.

A 28 de Abril, o coronel e outros officiaes com assento no conselho foram avisados que o inimigo mandára um corneta a requerer a entrega da cidade; neste mesmo dia despacharam um tambor tambem com a seguinte carta ou outra semelhante: «Nós o coronel e mais officiaes do conselho desta cidade de S. Salvador, havendo sabido que V. Exc. requerêra um dos nossos tambores para propor negociação, mandamos o portador desta para o fim de saber quaes são as intenções de V. Exc, e fiamos de V. Exc. que, segundo os usos da guerra, nol-o restituirá. » Esta carta, assignada por Kijf, estava datada do dia já mencionado. Sendo presente a D. Frederico, respondeu que « não fizera intimação alguma, mas que si, conforme à pratica dos sitios, tinham os sitiados que lhe fazer algumas propostas, as ouviria cortezmente, e tomal-as-hia em consideração, quando não se oppuzessem ao serviço de Deus e d'El rei. » Com este recado, os sitiados enviaram ao dia seguinte alguns artigos, mediante os quaes fariam entrega da praça. Exigiam estes artigos que S. Exc. lhes concedesse o espaço de tres semanas para concertarem os navios, que lhes restavam, e os proverem do necessario, que seria suprido por S. Exc.; que S. Exc. pozesse á sua disposição pelo menos quatro navios de trezentas toneladas, em os quaes se tornassem á Republica; que podessem sahir da cidade com suas bagagens, fazendas e artilheria, os capitães e soldados com suas armas, bandeiras despregadas, mechas accesas, e bala em bocca; finalmente declaravam que, acceitas estas condições, fariam entrega de D. Francisco de Sarmiento, sua mulher e filhos, e todos os prisioneiros que eram entre elles. A estas propostas respondeu D. Frederico que, tendo respeito ao estado actual dos sitiados, eram de todo em todo desarrazoados; que o exercito de S. Magestade Catholica dominava no mar e em terra; que os sitiados eram em suas proprias terras, ao passo que os sitiados estavam longe da patria; que S. Magestade tinha alli grande poder de gente, boa parte da qual não havia ainda desembarcado, e os sitiados não tinham que esperar soccorros; que já haviam sido levantados e fortificados quatro quarteis, e trinta e sete peças assestadas contra a cidade; que portanto nem cumpria aos sitiados requererem condições tão vantajosas, nem a elle lh'as conceder; mas, pois queria mostrar a bondade de S. Magestade para com todos, lhes fazia mercê das vidas, e os havia de segurar em sua tornada a Hollanda; que lhes concederia vestidos e os necessarios mantimentos, uma vez que se obrigassem ao pagamento, e dessem caução; que seriam restituídos os prisioneiros de um e outro lado, e particularmente D. Diego Hurtado de Mendoza, que

governava a praça o anno passado, quando foi entrada. Retorquiram os sitiados que não lhes parecia haverem pedido cousa alguma alheia da razão, nem podiam proceder de modo differente; que S. Exc. não devia recusar as condições propostas, mas unicamente o prazo pedido, uma vez que lhes desse navios e mantimentos, sem os obrigar a pagamento algum, que não estavam no proposito de largar praça tão forte e bem provida, sahindo della sem armas e bagagens, e como honrados militares que eram, prefiriam defendel-a até á ultima gota do seu sangue; que D. Diego Hurtado era em Hollanda, e elles sitiados não podiam impor condições a seus amos, pelo que se contentase D. Frederico com a entrega de Sarmiento. D. Frederico mandou-lhes o seu sargento-mór, que conferenciou com os sitiados, e em seguida concederam estes plenos poderes a Willem Stoop, Hugo Anthonio e Franchois du Chesne, para tratar com D. Frederico. Os artigos em que convieram, são os seguintes: 1º o coronel e membros do conselho entregarão a cidade de S. Salvador a D. Frederico, em proveito de S. Magestade Catholica, no estado em que presentemente se acha, com toda a artilheria, armas, bandeiras e estandartes, munições, viveres, e navios que são no porto, todo o dinheiro, ouro, prata, joias, e mercadorias que se acham na cidade, todos os negros, escravos, cavallos, todos os prisioneiros de qualquer nação e condição, que sejam; outro sim os sitiados não tomarão armas contra o rei de Hespanha, antes de tornarem á Hollanda; 2º D. Frederico concede que o coronel, ministros da Republica, capitães, officiaes, soldados, aprendizes, marinheiros, e mais gente saiam com sua roupa de vestir e dormir; o coronel, capitães e officiaes poderão levar suas bagagens em bolças ou pequenas malas, de outro modo não, e os soldados ás costas em moxilas; 3º D. Frederico lhes dará salvo-conducto para em sua tornada á Republica não soffrerem molestia alguma dos navios hespanhoes, e bem assim viveres para quatro mezes e meio; 4º os sitiados sahirão juntamente da cidade para se recolherem aos navios; 5º D. Frederico encarregará alguns dos seus de revistarem e apalparem os sitiados ao sahirem, afim de que não levem cousa alguma contra o pactuado; 6º entregará ao coronel todos os prisioneiros hollandezes, que estão em seu poder; 7º nenhum dos commandados de D. Frederico fará aggravo aos sitiados, quando sahirem; 8º nos navios serão deixadas todas as cousas necessarias á navegação; 9º embarcados os sitiados, lhes serão dadas as armas necessarias á sua defesa, mas, ao sahirem, não terão arma alguma, salvo os capitães suas espadas. Estes artigos foram ajustados a 30 de Abril no quartel junto ao convento do Carmo. Concluida a negociação, foi entregue uma porta aos Hespanhoes, e na entrada de Maio, foi a cidade evacuada, depois de ter estado quasi um anno em nosso poder (1). Tudo isto se fez de um modo tão singular e precipitado, que já o inimigo era senhor de uma porta, e em força na cidade, e na outra extremidade della não sabiam que se negociára! Sahiram perto de dous mil homens.

(1) No 1º de Maio (com especial satisfação dos Hespanhoes por ser dia de S. Philippe, patrono do seu rei) abriram-se as portas, desfaldando-se os estandartes da Conceição e de

O que temos referido, em sua maior parte colhemos do que os mesmos Hespanhoes teem publicado, porque dos nossos não podemos haver informações exactas, com quanto, tanto que os rendidos se recolheram á Republica, Suas Altas Potencias os Senhores Estados-Geraes mandassem proceder a uma rigorosa indagação. Tão varias e encontradas foram as suas declarações, e as accusações que fizeram uns aos outros, que o que se pôde dizer mais seguro é que quasi todos se esqueceram dos seus rigorosos deveres, e sem necessidade e mui vergonhosamente fizeram entrega da praça. Bem sabiam que socorros deviam esperar da Republica, pois lá chegára seguramente dezesseis dias antes do sitio o hyate *Haese*, cujo capitão fôra portador de cartas, e de viva voz lhes dissera quaes os aprestos que aqui se haviam feito, e que as armadas não tardariam a partir. Havia na cidade viveres bastantes para tres ou quatro mezes, e ainda para mais tempo, si os poupassem, como cumpria, e bem assim polvora e mechas, além de outras munições de guerra. O desleixo foi tamanho e tão escandaloso, que ainda depois da conquista da praça deixaram ficar em alguns navios certas provisões, de que aliás sentiram falta! Em summa, foi um castigo da Providencia sobre aquella turbamulta de impios, que não se preocupavam com a Divindade, nem com seus preceitos, e para os Directores da Companhia uma efficaz lição, afim de se precatarem melhor para o futuro.

Grandissima foi a perda da Companhia; sobre a de uma praça de tanta monta, e que caro lhe custára, ficou privada de muitos navios e outras cousas. Si porém compararmos o damno soffrido de parte a parte, veremos que o rei de Hespanha restaurou a praça tambem mui caro; conta que não faremos neste lugar, porque damo-nos pressa em terminar esta desagradavel narração, e passarmos á de outras cousas, que posteriormente e em outras partes tiveram lugar.

O general Boudewijn Hendricksz. partio finalmente do Texel na entrada do mez de Março com oito navios, a saber: *Roode Leeuw*, *Omlandia*, *Medenblick*, *Blauwe-Leeuw*, *Valck*, *Meulen*, *Geele-Sonne*, e *Neuw-Nederlandt*. A 4 encontrou na ilha de Wight seu vice-almirante Adriaen Claesz. com os dous hyates *Post-paerdt* e *Duyfken*. A 9 juntou-se tambem com elle o almirante Andries Veron com um navio e um hyate. A 17 partio o general da ilha de Wight com quinze navios, e de Plymouth partiram dezoito da armada do almirante Lam. No ultimo de Abril passaram a linha (pois o general não se

Santa Thereza da torre da Cathedral, segundo as ordens expressas do proprio rei. Desembarcou um batel cheio de santos, trazidos provavelmente entre os outros materiaes para supprir o lugar dos que teriam sido derretidos ou mutilados pelos Hollandezes, e os religiosos celebraram a extraordinaria cerimonia de açoutar os pulpitos profanados pelos capellães hereticos! Tambem desenterraram os hereges, que haviam sido sepultados dentro do recinto da cidade, levando-os para terreno não sagrado fóra dos muros. Mostrou-se contudo algum respeito á memoria de Vandort, como para attenuar a maneira vergonhosa por que depois de morto, fôra mutilado. Deixaram que o corpo repouzasse no seu tumulo, nem do monumento lhe tiraram o escudo, a espada, as esporas e o pendão carmezin, enquanto a guarnição hollandeza se demorou na Bahia.»—*Southey*.

quiz defer em parte alguma para chegar quanto antes á Bahia), e depois de muitas calmarias, de uma marcha lenta, e de haver adoecido muita gente, a 23 de maio, sendo em altura de 14° e 20 ou 30', houveram vista da costa do Brazil. Sobre a tarde era o general perto de terra, e á noite fez-se ao largo outra vez. A' manhã de 24 tornou a se aproximar de terra; vio uma vela diante do rio Tinhary (1), que não pôde alcançar, e sobre a noite surgiu obra de oito leguas ao sul da Bahia, e tres ao norte de Tinhary, em treze braças, fundo de pedra. Ao seguinte dia, encontrou-se com elle o hyate *Vosken* (que fôra mandado adiante para saber como corriam as cousas na Bahia), cujo capitão deu nova ao general como no dia 9 deste mez tomára um navio vindo de Portugal, carregado de viveres para a armada hespanhola, e a 12 mais outro carregado de vinhos, tambem para provisão da mesma armada, os quaes porém a 15 lhe foram retomados com dezenove ou vinte dos seus, que nelles eram; estivera depois diante da Bahia, onde vira surta uma grande armada de navios hespanhoes, mas não sabia o que ocorrera relativamente á cidade, porque quatro galeões lhe deram caça. O general, confiando que a cidade não se havia rendido, permaneceu no seu anterior proposito de alli accommetter a armada hespanhola; dividio a sua (que então se compunha de trinta e quatro navios) em quatro esquadras, e para que cada navio facilmente conhecesse o seu chefe, o general arvorou o seu pavilhão no mastaréu de joanete grande, o almirante Veron no topo do mastaréu de gavea, o vice-almirante Andries Claesz. no mastaréu de velacho, e o chefe da quarta esquadra na verga de gavea. Mandou adiante um ou dous hyates a observar a disposição do inimigo, e passou ainda esta noite ancorado ao abrigo da ilha de Taparica. A 26 os nossos endireitaram resolutos para a barra da Bahia, indo na frente o general no seu navio, e em seguida os mais na ordem determinada. Mas, por volta de uma hora da tarde, ao montar a ponta da curva, em que demora a cidade, vio o general, muito a seu pesar, que tremolava a bandeira hespanhola no baluarte da cidade de S. Salvador, e que os navios do general e almirante inimigos, e todos os mais navios grossos estavam surtos ao abrigo das baterias; vio tambem varios navios desmastreados cosidos com a praia, e providos de duas bandas de artilheria. Dos navios inimigos já mais de vinte velejavam, retirando-se lentamente para as baterias, suppondo attrahir os nossos, a quem não tinham animo de aggreddir nem de esperar. Vendo isto, o general mandou arriar as velas de gavea, e esperou o almirante Veron, com quem houve conselho sobre o que cumpria fazer naquella conjunctura. Ambos houveram que não era acertado melhorarem para dentro da Bahia, pois claro estava que o inimigo se fizera senhor da cidade; estava a praia coberta de gente (os rendidos), e havia na enseiada que a terra faz, muitos barcos de vivandeiros com as suas tendas. Assim pois nossa armada fez por sahir ao mar, navegando por um só rumo. O general hespanhol a acompanhou com trinta e sete ou trinta e oito dos seus navios mais grossos. O nosso general, depois de caminhar uma legua ao sul, sentio que a maré

(1) Parece que deve ser ilha de Tinhare. »—(N. do Trad).

enchente apanhava os seus navios para os baixos, que demoram á banda occidental da bahia, o que forçou os nossos a desferrarem as velas grandes. Tendo assim passado estes baixos, o nosso general deu volta sahindo ao encontro do inimigo, mas este virou tambem de bordo em demanda da cidade. Um dos seus galiões deu nos baixos, desarvorou-se o seu mastro grande, saltou o leme, que ficou mui damnificado. A maré tambem puxava os nossos navios, que assim navegavam, para os ditos baixos, pelo que deitaram ancoras ao mar, tendo as velas soltas, e a costa a sotavento, o que não foi sem grande perigo; mas sobrevindo logo depois a maré-vazante, os nossos deram de novo á vela, sem haverem soffrido damno. Sobre a noite puderam ver que a maior parte dos navios inimigos ainda velejavam, cruzando em volta e perto das baterias. E com quanto os navios inimigos fossem mais de cincoenta, os nossos seriam contentes de vel-os sahirem ao mar, para os poder accommetter; mas parece que o inimigo não fazia tenção de vir ás mãos com os nossos, si o não fossem buscar.

O general deu fundo, mas, como surgira perto de costa a sotavento, pela madrugada na conjunctura da maré vasante deu á vela, e caminhou ao sul franco até ao dia. Ao meio-dia não estava longe da ponta do morro de S. Paulo, aonde mandou quatro hyates para verem si era possivel entrar alli a armada, si havia surgidouro capaz, bem como si podia obter refrescos, que andavam mui necessitados delles os doentes. De volta, a gente destes hyates lhe disse que o surgidouro tinha capacidade para onze ou doze navios, mas não para toda a armada, e que os navios podiam entrar á vontade, sahir porém era mais difficil, porque, uma vez mettidos dentro no porto, eram como em um covo. Depois do meio-dia o general deu volta, e caminhou ao norte franco até sahir-lhe o parcel de Santo Antonio; tornou a virar de bordo, e caminhou ao sul. A' seguinte manhã estava outra vez acercado da ponta do morro de S. Paulo, pois á noite não botára caminho algum; fez força de velas, mas o mar estava cavado, e parecia impossivel alongar-se da costa; fez-se na volta do nordeste sem emmarar-se, e esteve a cruzar perto da bahia, onde o inimigo facilmente podia ver a nossa armada. Começava esta a sentir falta d'agua; muitos adoeceram, alguns morreram. Tendo assim velejado o dia inteiro, sobre a noite o general era cousa de duas leguas acima da ponta de Santo Antonio e tornou a caminhar ao sul. Ao outro dia saltou com elle uma tormenta com muita negridão do tempo, o vento soprava ás lufadas, uma atrás das outras, mas por volta de meio-dia começou o tempo a acalmar. O general fez o signal de juntar-se em seu bordo o conselho geral. O vento era travessão sobre a costa, e não se podendo servir delle, deixou-se caminhar ao sul franco, e depois deu volta, e caminhou ao rumo do nordeste. Ao outro dia tornou a navegar pela derrota do sul, e á noite pela de leste, com tempo mui borrascoso. A 2 de Junho tomou um barco da carreira com carga de farinha de fromento e mandioca, procedente de Pernambuco, por cujos tripolantes soube que a nossa gente, havia algumas semanas, tinha entregue vergonhosamente a cidade de S. Salvador. A 5 o vento começou a alargar-se um pouco mais, com que o general pôde deitar caminho pela derrota do

lesnordeste. A 7 não era longe da costa, diante do rio de S. Francisco. Ao outro dia tornou a dar-lhe um tempo mui forte, e como pairava diante do dito rio, onde sahem ao mar baixos e pareceis, não correu pequeno risco. Esta tormenta durou um ou dous dias, e era para receiar andar a armada assim a discorrer sobre costa a sotavento.

Privada a companhia de refrescos, como havia muito o estava, diariamente morria muita gente, e tal era o numero dos doentes em alguns navios, que não se podiam marear as velas. A' manhã do dia 16 era a armada em través com o cabo de Santo Agostinho. O general mandou o *Goude Sonne* para Pernambuco a ver como as cousas por lá iam, e si podia surprender algum navio inimigo. Ao seguinte dia era a armada de través com a ilha de Tamarica; correu ao longo da costa, e surgiu á noite. Ao outro dia tornou a dar á vela, indo surgir uma legua a barlavento do rio Parahyba, onde o general resolveu fazer entrar os navios mais boiantes. O *Goude Sonne* tornou a juntar-se com elle: no dia 17 déra caça a um pequeno barco até adiante do Recife de Pernambuco, onde vira surtos alguns trinta navios, os mais delles pequenos, sómente dous ou tres grossos com os mastaréos arriados. A 19, posto não fizesse muito bom tempo, o almirante Veron no navio do capitão Banker, com mais um ou dous, que demandavam pouca agua, e acompanhado de alguns soldados, seguiu para o rio Parahyba, mas, chegando diante d'elle, o seu navio deu em secco, e os outros, que ainda estavam de fóra, em vendo isto, deitaram ancoras ao mar em cinco braças, perto de costa a sotavento, mas em bom fundo. Immediatamente o almirante Veron mandou uma chalupa sondar o rio, a qual não encontrou mais de quatro, cinco e seis pés d'agua. O forte de Cabo Delo atirou contra os nossos navios, mas os seus tiros não acertaram. Por causa do tempo forte que fazia, não foi possível safar o navio este dia. Ao outro dia tempo mui rijo e chuvoso com que ainda não poderam fazer cousa alguma. O general, entendendo que com navios tão pesados não se podia deter sobre costa a sotavento, determinou seguir com elles para a bahia da Traição, que fica cinco leguas ao norte da Parahyba. Ao outro dia, por volta do meio-dia, os mais navios se juntaram com elle.

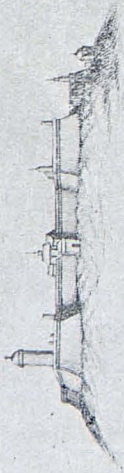
Esta bahia está situada na altura de 6 gr. e um terço á banda do sul, uma grande legua ao norte do rio Mamanguape, do qual se lançam uns arrecifes até diante de dita bahia. Nestes arrecifes ha tres abertas, por onde se entra na bahia: entre a extremidade septentrional delles e a praia ha um parcel, por ambos os lados do qual se passa, quer entrando, quer sahindo, e póde-se surgir tanto avante como se queira, mas adiante é melhor, porque, em se entrando algum tanto, encontra-se fundo agudo, e aguas pouco profundas. A terceira barra é no remate septentrional por entre os mesmos arrecifes, mas só dá passagem a navios pequenos e hyates; as outras entradas dão passagem a navios grossos; e tem seis, sete e oito braças d'agua. Estes arrecifes de préa-mar ficam alagados, mas de baixa-mar se descobrem, e servem de anteparo aos navios, que surgem dentro na bahia, porque nelles arrebeta o mar. Em terra encontram-se sómente algumas matas e uma grande lagôa, que tem de largo um quarto de legua, e prolonga-se por espaço de duas entre

a praia e terras grossas. Havia á margem desta lagôa um pequeno povoado, onde tinham os Portuguezes uma capella. O capitão Stapels seguiu para lá com uma escolta, e não encontrou os Portuguezes, pois haviam fugido, mas os indigenas, que se deixaram ficar, e o trataram mui amigavelmente; encontrou tambem em uma casa trinta caixas de assucar. Em os dous dias seguintes levantou-se uma trincheira em terra, e no terceiro barracas para os doentes. Os indigenas, que moravam nas terras adjacentes, vieram ter com os nossos, e lhes offereceram seus serviços contra os Portuguezes, cujo jugo suportavam mal soffridos. A 25 o capitão Boshuysen teve ordem de fazer uma entrada no sertão com sessenta soldados e alguns marinheiros, em procura de refrescos para os doentes, sendo-lhe muito encommendado que não offendesse os indigenas, nossos amigos. Este capitão tornou a 19, trazendo uma Portugueza, quatro cavallo, e cousa de cem laranjas; vira muitos animaes, mas, por estarem muito internados, não os pôde trazer. Ao outro dia foram desembarcados todos os doentes. Na entrada de Julho o capitão Swart foi mandado com cento e cincoenta soldados, e o vice-almirante Jan van Dijke com igual numero de marinheiros a uma excursão em dez bateis e esquifes, acompanhados de cincoenta indigenas armados de arcos e setas. Esta gente voltou a 4 com quatro animaes mortos e alguns cocos; haviam encontrado junto do rio Mamanguape trez bandeiras de Portuguezes, e não se portou muito bem nesta occasião o capitão Swart, pois se não foram os outros officiaes, que se houveram melhor, e não acudira o vice-almirante, a nossa gente houvera recebido grande damno. Tiveram os nossos trez mortos e alguns feridos, mas levaram á melhor e puzeram os Portuguezes em fugida. Os indigenas tomaram uma das bandeiras delles, a qual fizeram immediatamente em pedaços.

A 5 o capitão Boshuysen foi de novo mandado com doze bateis e esquifes, em que iam cento e sessenta soldados, uma porção de marinheiros e indigenas, ao dito rio para remontal-o um pouco mais. Voltou a 8, tendo subido o rio Mamanguape, segundo seu calculo, algumas sete ou oito leguas; encontrára algumas casas de Portuguezes, mas não vira gente, a não ser talvez para o fim do rio, conforme sua supposição, uma partida de Portuguezes, que, notando que a nossa gente desembarcava, se poz em salvo, sem ousar esperar o inimigo, abandonando a sua bagagem. Desta entrada trouxeram dezeseite rezes. Ao outro dia pela manhã o capitão Stapels tornou a subir o mesmo rio com doze bateis, voltando estes trez dias depois com sete rezes; quanto ao capitão veio por terra com sua gente, e chegou a 13 no quartel, sem ter encontrado inimigos. A 19 o capitão Vzeel com uma partida de soldados e indigenas fez uma entrada, caminho do Rio Grande; encontrou um engenho com algumas trezentas caixas de assucar, e mui numeroso gado, mas não pôde trazer este nem aquellas, por ter de fazer um longo caminho por mattas bastas, bem como durante duas ou trez horas por agua. Chegou ao quartel a 23 sem trazer cousa alguma, salvo os indigenas que trouxeram limões para os doentes.

Entrou agora em deliberação um negocio grave—o que cumpria fazer

ARX CVM SVA TVRRI.



ARX POST TVRRIM A
NOSTRIS DEJECTAM.



PORTO RICO



ulteriormente. Mui embarçado se achava o general, pois para tentar presentemente alguma interpressão contra o inimigo, não tinha ordem expressa da Assembléa dos 19, nem, quando a tivesse, tinha escolhido para começar um lugar muito accommodado, (não se sabia então quaes as vantagens e capacidade do lugar), e no peito trazia guardados outros designios; por outro lado abandonar os indígenas, que se deram muita pressa em se lançar com elle, e por fazerem conta que as nossas aqui permaneceriam, já haviam praticado tantas hostilidades contra os portuguezes, era duro e estranhavel. Todavia foi este o voto que enfim venceu, isto é, que era preferivel pôr por obra outras facções, que em algum modo lhe foram encommendadas, e reservar, para tirar proveito dellas em outra occasião, as boas disposições que aqui encontraram, e quanto aos indígenas, commetter a elles mesmos o guardarem-se o melhor que podessem. Os indígenas, sabendo que os nossos estavam deliberados a partir, ficaram tambem mui perplexos, pois previam qual a sorte que os aguardava, por ser certissimo que os portuguezes os haviam de castigar e tomar emenda delles; muitos trabalharam com os nossos que os levassem, mas, como não havia para isto bastantes provisões, sómente poucos foram acceitos, e força foi que a mór parte delles se lançasse a monte.—

Reembarcada a nossa gente, sahiram todos os navios na entrada do mez de Agosto, e porque não seguiram todos o mesmo caminho, tornaram a surgir fóra da bahia em quinze braças. O general Boudewyn Hendricksz. escolheu para navegar de conserva consigo dezoito velas, entre navios e hyates, a saber: *Roode Leeuw*, *Witte Leeuw*, *Leyden*, *Blaeuwe Leeuw*, *Gulde Valck*, *Nieuw-Nederlandt*, *Hoope van Dordrecht*, *Geele Sonné*, *Kleyne Tyger*, *Utrecht*, *Hoorn*, *Medenblick*, *Gulde Molen*, *Vlissingen*, *West-Cappel*, *Goude Sonne*, e os navios fretados *Koninginne Hester* e *Jonas*. Passar-se-hiam á Africa com o almirante Veron doze navios; os mais ou seguiriam de rota batida para a Republica, ou andariam ás presas por esses mares. Separaram-se uns dos outros a 4, e seguio cada qual o seu destino. Antes porém de dar razão do que fizeram uns e outros, occupar-nos-hemos brevemente com o *Vosken*, que ficou nas costas do Brazil.

A 26 de Julho tomou em altura de 12° a banda do sul um naviozinho com carga de vinhos, partido da ilha da Madeira em demanda de Angola; nelle foram postos sete dos nossos, A 11 de Setembro tomou outro naviozinho, procedente de Pernambuco, em altura de 13° ao sul do tropico de Cancer, e nelle foram postos nove homens, posto que a companhia se compuzesse sómente de trinta e seis. Finalmente a 26 tomou mais um navio, procedente da Bahia, com carga de assucar e tabaco, em altura de 28° á banda do norte, e nelle foram postos oito homens. O de Pernambuco, cuja carga foi baldeada, continha trinta e trez caixas de assucar, cinco rolos de tabaco, couros e mercadorias; o da Bahia, que trouxeram a Zelandia, continha trezentas e cincoenta e oito caixas de assucar, dezoito e meia caixas de tabaco, duzentos e nove couros, seis colubrinhas, e munições de guerra.

Agora acompanharemos o general Boudewyn Hendricksz. em sua viagem. Aos 5 dias de Agosto abandonou essas funestas costas do Brazil, onde

deixava enterrados perto de setecentos dos seus. A 14 mandou para a Republica o hyate *Tortel-Duyfken*, para o effeito de dar nova do que passara até então. A 29 do mesmo mez, sendo chegado ás ilhas Caraibas, descahio sobre Bekia ou ilha das Aves entre Granada e S. Vicente. Sobre a noite de 30 deu fundo em S. Vicente, e aqui poz toda a diligencia em haver refrescos para os doentes, que ainda eram bastante numerosos, e para mais facilmente haver-os, devidio os navios por trez differentes bahias, seis em cada uma, pois assim os selvagens seriam menos esquivos em vir a bordo. Assás refrescada a companhia nesta ilha e nas visinhas, o general fez-se á vela aos 10 dias de Setembro com vento norte fresco, pela derrota do oeste; mas saltou com elle uma tormenta tão grossa, que o seu navio houvera sossobrado, e vio-se necessitado a cortar o mastro grande e lançal-o ao mar. Os outros navios não soffreram menos, alguns perderam tambem os mastros, e abriram agua tão grossa ao ponto de afundirem, e apartaram-se todos uns dos outros. Esta tormenta durou seguramente 24 horas, o vento rodeou todos os rumos, mas não soprou sempre com a mesma furia, e quando esteve mais calmo foi no meio deste tempo. A' manhã de 11 o general achou-se quasi só, mas sobre a tarde juntou-se com o navio *Leyden*, *Jonghe Tyger* e *Nieuw-Nederlandt*; os outros estavam juntos primeiramente em numero de treze, e depois de dez. A 12 o general avistou a ilha Dominica, e passados alguns dias de calmaria podre, quando veio a 19, chegou á ilha da Virgem Gorda, onde encontrou trez navios seus. Aproveitou a occasião para mandar dar uma vista á ilha, e observar si tinha alguma salina; mas não encontraram nenhuma, e sim um porto mui capaz para dar pendor aos navios, e surgir tão accommodado como se póde desejar. A 22 o general determinou navegar para oeste por essas ilhas, para o effeito de procurar e juntar os outros navios, que ainda andavam desgarrados; mas ao outro dia foram com elle mais sete, de sorte que tinha presentemente em sua conserva todos os navios, o *Geele Sonne*, *Goude Sonne*, um navio fretado, e o *Vlissinghen*. Este pensava o general que acinte se havia apartado da armada, mas é de crer que sossobrara naquella tempestade, pois nunca mais se houve nova delle. Os capitães dos outros navios, que, como fica atraz, eram juntos em numero de dez, houveram conselho a 14 a bordo do *Blaeuwe Leeuw*, e porque um dos do conselho secreto disse que deviam esperar o general no remate oriental da ilha de S. Juan de Porto Rico, resolveram seguir para lá.

Ao outro dia o general não estava longe de Porto-Rico, onde trazia o intento, pelo que se apercebeu para o seguinte dia navegar directamente para o dito porto com sua frota. A 25 o general, indo na frente em seu navio, seguido dos outros na ordem determinada, endireitou para a barra, mas mal chegou ao alcance da artilheria do castello, entrou o inimigo a jogar temerosamente os seus canhões contra elle. O general salvou-os com galhardia, e entrou no porto com perda de quatro homens e alguns feridos, e depois os mais navios recebendo pequeno damno. Este arrojo, este feito atrevido nunca marinheiro de nação alguma (a não ser Sir Francis

Draeck (1), posto o fizesse com muito damno) ousou tentar, porque a bocca do porto é estreita, e nella tem o inimigo um forte castello provido de muitas peças.

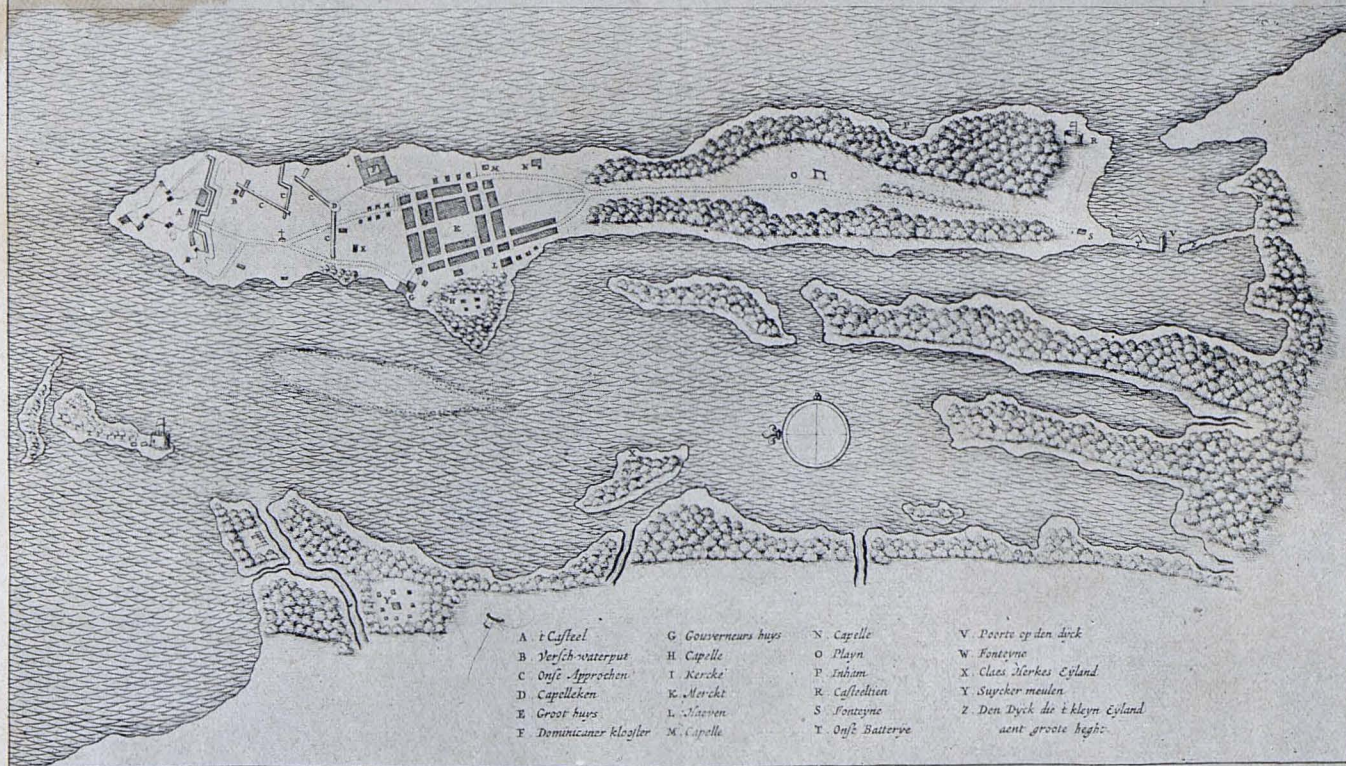
Entrados no porto, trabalharam todos á porfia por ir ter diante da cidade, mas os impeceram os baixos de modo tal que somente alguns poucos navios o conseguiram, e por isso não poderam os nossos sahir em terra este dia o que veio muito a ponto aos habitantes, pois tiveram o espaço de um dia e uma noite para pôr-se em salvo e esconder o melhor de seus bens. A disposição do porto e da cidade, bem como do castello, entende-se bem examinando os mappas juntos. Ao seguinte dia, os nossos navios, que estavam surtos diante da cidade, entraram a atirar contra ella, e só por volta das nove horas da manhã é que o general sahio em terra, acompanhado de setecentos ou oitocentos homens, entre soldados e marinheiros. Em ordem de batalha, com as fileiras cerradas, foram os nossos entrando a cidade até o mercado, não encontrando gente nem resistencia em parte alguma. A bandeira do Principe foi hasteada na plata-forma da casa do governador, sita á borda d'agua da banda occidental da cidade; depois seguiram os nossos do mercado para a igreja grande, onde logo lançaram por terra as imagens e outras decorações. Ao cahir da noite foram as companhias divididas, e cada uma alojada em sitio particular, e occupados com fortes guardas todos os lugares que o inimigo podia accommetter.

Ao capitão Molckman foi confiada a guarda principal junto de uma pequena torre, onde havia um crucifixo; esta torrezinha levantava-se em uma eminencia ou teso, que os hespanhoes chamam morro de S. Philippe, diante do castello grande, onde se mettêra o governador D. Juan de Haro com os seus soldados. Ao outro dia o general, para impedir que os soldados se embriagassem, mandou vasar os barris de vinho, e lançar pregão que os ebrios seriam punidos rigorosamente, no que procedeu como capitão avisado, pois a embriaguez da tropa tem feito perder muitas vezes occasiões mui favoraveis, e proporcionado ao inimigo grandes vantagens, e melhor é vasar os barris que dar lugar a que a tropa se embebede. O general mandou buscar quatro peças para bombardear o castello, e levantar um parapeito para se resguardar dos tiros de mosquete do inimigo. A ilhazinha, em que demora a cidade, está apartada da ilha grande de uma parte pelo porto, e da

(1) O valente cavalleiro Francisco Drac accommetteu esta cidade (de Porto-Rico) no anno de CDDXCX, mas embalde, pois, tendo entrado no porto com muitos barcos e chalupas, e incendiado os navios do inimigo, que estavam surtos, todavia não pôde tomar a cidade, e se partio depois de haver perdido quarenta ou cincoenta dos seus. E o illustre conde de Cumbrie no anno de CDDXCII, tendo desembarcado seus soldados na praia da ilha grande, e conduzido-os por um caminho mui arduo até á ponte, tomou ao primeiro assalto os castellos que guardam este paço, e entrou sem grande perigo na cidade, que achou quasi deserta; e depois de oito dias de cerco, tomou por composição a fortaleza, que domina a bocca do porto. Resolveu deter-se aqui, para onde traria uma colonia de inglezes, mas, como perdera quatrocentos dos seus, arrebatados em pouco tempo por varias enfermidades, mudou de resolução, e se partio, deixando a cidade quasi inteira, levando copiosos despojos, e as maiores peças, setenta pelo menos, segundo dizem os inglezes. (*Historia do Novo-Mundo.*—J. de Laet.)

outra por um canal, onde havia um forte reducto para guardar a ponte, que dá passagem da ilha pequena para a grande; o general, querendo assenhorear-se da ponte e do reducto, e tolher a passagem deste lado, mandou para lá duas companhias. Estas companhias encontraram o reducto e a ponte abandonados dos Hespanhoes, e no reducto quatro peças; desfizeram parte da ponte, e occupados o reducto e o passo com alguns soldados, de modo que o inimigo não podesse passar do outro lado senão por agua; voltaram á cidade ao outro dia. Foi pelo lugar, de que acabamos de fallar, que penetrou o conde de Cumberland, quando tomou esta praça de Porto-Rico. O general entendeu conveniente cercar o castello grande de um lado por terra e do outro por agua, para o effeito de impedir por meio dos seus bateis, tanto quanto fosse possivel, a passagem por agua, pois soube por alguns prisioneiros que havia no castello poucas provisões de bocca e de guerra. Ao romper do dia os nossos tinham levantado uma bateria com seis peças, bem como uma comprida trincheira transversal, defendida com guardas. Entraram pois a atirar contra o castello, fogo que foi correspondido por este. O general mandou tambem occupar uma torre, que havia em uma ilha sita ao oeste da entrada do porto, a qual torre guardava a bocca do rio Bayamon, onde não se podia entrar nem d'elle sahir durante o dia. Vio ao mar uma vela estrangeira, que pretendia entrar, mas, entendendo que havia perigo, ficou de fóra; o general mandou sahir Jan Jaspersz de Laet, capitão do *Goude Sonne*, com o hyate *West-cappel*, assim para dar caça a dita vela, como para impedir que por mar levassem provisões ao castello. A 29 fez-se vivo fogo contra o castello, e mandou o general abrir aproches afim de acercar-se d'elle, sendo commettida a obra ao captão Thyene. Ao outro dia, mandou requerer a entrega do castello, ao que o governador deu uma resposta ridicula. Em vista disto começaram a abrir os aproches, fez-se uma trincheira direita de obra de duzentos e quarenta passos, e depois uma transversal de alguns cento e dez, ainda que não havia gente para guarnecer tão grandes obras; as duas ultimas foram guardadas pelo capitão Jean Stapele com sua companhia. No 1º de Outubro o general poz a cargo de varios commissarios os viveres e as munições. Ao outro dia ainda trabalharam os nossos assás nos aproches. Por traz do castello e preso a elle estava um barco, protegido pela sua artilheria, os nossos corajosamente o foram buscar em bateis, e isto fizeram sem perda de gente; suspeitaram porem que este barco mettêra provisões no castello. O capitão Stapele, que, como fica atraz, guardava as trincheiras, tendo comsigo somente trinta e seis homens válidos e capazes de fazer o serviço, foi accommettido de improviso pelo inimigo, que viera pela praia, e ainda que este foi rechagado, todavia morreram seis dos nossos, e foram feridos sete, dos quaes depois morreram trez; isto aconteceu a 4 de Outubro. E como uma desgraça raras vezes vem desacompanhada, succedeu mais que o capitão de *Nieuw-Nederlandt*, tendo sido encarregado de levar viveres, uma hora antes do romper do dia, ao fortim junto da ponte, em uma chalupa bem provida de pedreiros e mosquetes, houve-se com tanto descuido, por estar ebrio, que o inimigo em uma canôa o sorprehendeu, e matou todos os seus homens,

GRONDT-TEECKENING VANDE STADT EN KASTEEL PORTO RICO
ENDE GELEGENHEYT VANDE HAVEN.



- | | | | |
|------------------------|---------------------|------------------|---------------------------------|
| A. i. Kasteel | G. Gouverneurs huys | N. Capelle | V. Poorte op den dyck |
| B. Versck-waterput | H. Capelle | O. Playn | W. Fonteyne |
| C. Onse Approchen | I. Kercke | P. Inham | X. Claei Narkes Eyland |
| D. Capelleken | K. Merckt | R. Casteldru | Y. Suicker meulen |
| E. Groot huys | L. Haven | S. Fonteyne | Z. Den Dyck die t. kleyn Eyland |
| F. Dominicaner klogher | M. Capelle | T. Onse Batterye | aent groote hoghe |

- | | | | |
|---|---------------------------------|--|---|
| A. Arx Morro S ^o Philippi | G. Domicilium gubernatoris | N. Capella | V. Porta super aggerem |
| B. Puteus aquae dulcis | H. Capella | O. Arca | W. Fons |
| C. Nostrorum vallum | I. Templum et domus Episcopalis | P. Sinus quem Hispani villo muniuerant | X. Insula Nicolas Herckegh |
| D. Capella ubi nostri tormenta locauerant | K. Forum | R. Castellum | Y. Machina Sacchararia prope flumen Bayamon |
| E. Ampla domus | L. Portus | S. Fons a nostris effusus | Z. Agger, vulgo Ponte de Aguilar |
| F. Dominicanorum Cenobium | M. Capella | T. Moe nostris tormenta dispoſuerant | |

excepto trez que escaparam a nado, comquanto dos navios á ponte não houvesse mais de uma hora de viagem a remos. A 5 um barco do inimigo foi se metter debaixo da artilheria do castello, por não o terem os nossos podido impedir. Um batel tripolado, que, contra as ordens do general, atravessára do fortim junto da ponte ao outro lado do inimigo, foi sorprendido por este, e morta toda a nossa gente, menos um homem que fugio a nado. Com quanto os capitães, já fazendo fogo, já guarnecendo as obras, e montando guarda, não se poupassem ao trabalho, todavia não era possível continuar a abrirem aproches pela pouca gente que havia, e mais faltavam engenheiros capazes, mestres de obra, mineiros, sem o qual pessoal não se pôde bem acabar um cêrco desta ordem. Os do castello fizeram outra sortida, mataram o capitão Vseel e dez soldados, e feriram outros tantos. A seguinte noite e durante toda ella o inimigo trouxe os nossos em alarma, dando ora n'um ponto, ora em outro. O general, querendo tolher que não levassem provisões ao castello, fez tripolar dous bateis, e os mandou para a bocca do porto. A 7 os nossos houveram um hespanhol, que andava no matto; o canhão jogou bravamente contra o forte, e abateu uma das torres delle, e damnificou bastante o parapeito. Ao outro dia o general em pessoa, com tres bateis bem guarnecidos de gente, foi ter á ponte, e destruiu cinco canoas do inimigo, sem o encontrar. No mesmo dia os nossos deitaram por terra certa torrezinha do castello, donde o inimigo fazia grande damno com mosquetes e arcabuzes de forquilha. A 9 o general tornou a sahir com alguns bateis, e destruiu mais cinco canoas do inimigo. A noite o vice-almirante e o fiscal entraram pelo rio Bayamon, e incendiaram quatro ou cinco casas, cuja gente havia fugido. Ao outro dia nada occorreu digno de menção, a não ser que o general em pessoa foi observar de mais perto o castello pelo lado do mar. A 11 entrou tambem no rio Bayamon igualmente para observal-o, e mandou que trez capitães sahissem ao mar. O dia 15 foi de preces. E porque houve noticia que o inimigo, por descuido da nossa gente, sorprendêra e tomára um batel diante do rio Bayamon, mandou o general para lá sete bateis, a saber: quatro com oitenta homens para o dito rio, onde sendo elles chegados, o inimigo, que em numero de cincoenta tinha a vantagem de atirar de dentro da matta, assim os salvou, que tiveram de retroceder com perda de onze homens, e oito ou nove feridos; e os outros tres bateis para rodearem por fóra em demanda de uma outra bocca do dito rio, que encontraram obstruida, pois o leito levantara-se bem trez pés, quando alguns dias antes se havia notado que havia seguramente seis pés d'agua, com que mal poderam os nossos fazer passar um ligeiro batelzinho, e por não toparem os outros, que já se haviam retirado, tiveram de retroceder. Ao seguinte dia o general mandou dois bateis ao fortim do rio Bayamon, estes bateis encontraram o fortim cercado pelos Hespanhoes, e como nada obstante desembarcasse ousadamente a gente de um delles, o inimigo tomou o batel, e matou os homens, menos um, que apezar de gravemente ferido, refugiu-se no outro batel. O inimigo arrasou o fortim. Assim que, a pouco e pouco se ia este refazendo de bateis e chalupas, ao passo que os nossos cada vez

ficavam mais desfallecidos delles, e por isso ao outro dia o general teve de acudir com providencias para que o inimigo não lhe fizesse por mar algum damno.

Entendendo então que suas forças eram mui diminutas para entrar o castello á viva força, tanto mais quanto não apparecia o navio *Enckhuysen*, que continha soldados e muitas munições de guerra, e que com a perda de tantos bateis o inimigo dispunha agora de pequenas embarcações, com que d'ora em vante mui difficil seria impedir que da ilha levassem provisões ao castello, e emfim que os governadores Hespanhoes das praças vizinhas poriam todo o seu cuidado em acudir aos sitiados, ao passo que elle não podia esperar soccorros da Republica senão muito tarde, quando entretanto soffriam as suas tropas perdas diarias, pareceu-lhe prudente mudar de proposito em tempo, e abandonar a praça, em quanto o podia fazer com honra e sem perdas consideraveis. Quando veio pois ao dia 19, mandou embarcar algumas fazendas, e particularmente duas peças de bronze tomadas ao inimigo. A 21 mandou uma carta ao governador do castello, em que lhe perguntava si queria resgatar a cidade, e livral-a de completa ruina, ao que respondeu elle que «havia na ilha pedras e madeira bastante para reedificá-la, e que fazia tenção de haver barato a nossa frota.» Neste dia foi embarcado tudo o mais, de modo que só a tropa ficou em terra, a qual a 22 abalou em boa ordem para se recolher aos navios, como se recolheu depois de haver posto fogo a todos os angulos da cidade. Ao seguinte dia queimaram os navios do inimigo, que estavam varados na praia. Ao partirem da cidade, não lhes fez o inimigo empecilho algum, comquanto a partida tivesse lugar dia claro; mas, tanto que os Hespanhoes tornaram a ella, levantaram uma bateria na ponta da cidade, e a 24 começaram a jogar o canhão contra os nossos navios, fazendo nelles algum estrago, o que forçou os nossos a levarem os seus navios á toa um pedaço. Mas ao seguinte dia o inimigo assentou a sua artilheria em outro sitio, e forçou os nossos a levarem mais para deante os navios. A 26 entrou um navio hespanhol, e deu fundo ao abrigo da artilheria inimiga, pelo que os nossos não puderam ir buscal-o. Ao outro dia o general mandou que os pilotos fossem sondar e balisar a barra, e isto feito, ficou tudo prestes para a partida; o vento porém o não servio, e deteve a armada no porto. Para neste entretanto trazer a sua gente occupada, o general fez uma entrada no lado opposto ao da cidade, mas não encontrou ninguem. Na entrada de Novembro era o vento léste, e ao meio-dia susudeste, vento feito, de sorte que o general fez o signal de levar ancoras e dar á vela. A vice-almiranta, que ia na frente, encalhou; o general ordenou que os navios alugados sahissesem. Ao outro dia, como foi posta a nado a vice-almiranta, toda a armada, depois do meio-dia, deu á vela com vento leste quasi ponteiro, e sahio com excepção do navio *Medenblick*, que veio a encalhar. Todos os navios estavam tão maltratados do canhão inimigo, que, sendo ao mar, metteram o leme a sotavento para tomar as aguas, e reparar os mastros, vergas e enxarcias; o navio do general recebera treze tiros, já debaixo d'agua, já ao lume della, um dos quaes lhe levára onze pés da precinta, e não foi pequeno o trabalho, que teve, para tapar

os rombos. Inquieto, como estava, por amor do navio *Medenblick*, mandou que o capitão Bancker e um outro com cinco bateis lhe dessem toda a ajuda e assistência. Ao outro dia o outro navio foi posto a nado, mas por descuido, torção e também reluctancia de alguns da tripolação, logo tornou a encalhar. O hyate *Porto-Rico* (nome que deram ao barco tomado), de que o inimigo já se havia assenhoreado, e os tripolantes fugido para o *Medenblick*, foi retornado e levado para fóra do porto. Neste interim ia o inimigo varejando o navio *Medenblick*; de sua gente já alguns queriam entregal-o, mas outros o impediram, deliberados a esperar até ao ultimo momento. O general, vendo que deste modo os navios de sua armada facilmente se apartariam uns dos outros, assentou seguir para o remate occidental da ilha, onde os juntaria e concertaria; ordenou pois ao sota-almirante que com mais tres navios (o *Goude Sonne*, *Meulen* e *Jonghe Tijger*) se mantivessem diante da barra de vigia ao *Medenblick*, e esperasse por elle até que ou se safasse, ou ficasse de todo destruido, e com os mais se foi devagarinho de longo da costa ao rumo do oes-noroeste.

A 7 surgiu em uma formosa bahia, onde havia bom ancoradouro, diante de um bonito rio de agua doce. Ao seguinte dia mandou á terra um prisioneiro portuguez para convidar a terem trato com os nossos os Hespanhoes, que moravam naquellas cercanias, e ver si obtinha delles refrescos. Só a 10 recebeu o general resposta segura, que foi quando veio a bordo um Hespanhol com uma carta, em que os moradores cortezmente se desculpavam, dizendo que não podiam assentar trato com os nossos, e que se quizessemos haver refrescos, os procurassemos por nossa conta e risco. Neste entretanto em cada navio se procurava reparar o damno soffrido. A 12 se juntaram com a armada os outros navios, que com o sota-almirante ficaram diante de Porto-Rico: haviam abandonado o *Medenblick*, cuja gente fugira na chalupa, sem encavar-lhe a artilheria, nem destruil-o, do que foram causa alguns cabeças de motim, que por isso foram depois castigados. Estes navios trouxeram um outro pequeno dos Hespanhoes, mui valeiro. O hyate *West-cappel*, a 8 deste mez, fôra traz elle em uma bahiazinha ou pequeno porto (que chamam *Sierra-Gorda*), mas não se pode acercar delle por causa da arrebentação; juntando-se este hyate a 10 com aquelles navios, que estavam de vigia ao *Medenblick* diante de Porto Rico e acertaram de passar por alli, e vendo que ainda alli estava o naviozinho hespanhol, ajudados da chalupa grande e de alguns bateis o levaram para fóra. Estava vazio, continha apenas duas pegazinhas de bronze, e dous morteiros do mesmo metal; era um barco de aviso, procedente de S. Domingo, nome que lhe deram por esta circumstancia. Depois que a sua gente andára diariamente occupada em fazer aguada e prover os navios, o general, quando veio ao dia 18, mandou para S. Domingo cinco navios, a saber, o do vice-almirante Adriaen Claesz., o *Valck*, o *Geele Sonne*, o o *Goude Sonne*, e o hyate *West-cappel*, para o effeito de vigiar um galeão, que soubera por algumas cartas encontradas no naviozinho ultimamente tomado estar alli de verga d'alto e ricamente carregado. Depois disto ainda estiveram os nossos occupados em repartir os despojos, que se achavam na capitanea,

pelos outros navios, e em fazer algumas entradas para haver refresco de animaes e fructas. Tendo tomado carga os navios fretados *Koninginne Hester* e *Jonas*, o general mandou-os via da Republica, onde só chegaram a 12 de Março do anno seguinte na Zelandia e no Texel. A carga de um e de outro foi a seguinte. O *Koninginne Hester* trouxe doze pequenos saccos, cada um com duzentas piastras; outro com prata em pedaços, pesando pouco mais de trez libras e dez onças, uma cruz de prata com o peso de pouco mais de uma libra, cincoenta e uma caixas de assucar, quarenta lastos pouco mais ou menos de gengibre, cincoenta e dous couros, vinte e trez caixas de tabaco, nove sinos grandes e pequenos, seis escudellas de cobre, seis caixas e um barrilzinho com quartillos hespanhoes, e uma porção de outras obras de cobre. O *Jonas* trouxe dous mil duzentos e oitenta e cinco couros de Porto-Rico, cento e onze caixas de estanho com gengibre da mesma cidade, quatro caixas duplas de assucar, dezoito colubrinhas de ferro, cento e trinta peças de ferro, um barrilzinho de aço, duas caixas de estanho com insenso, dez saquinhos, cada um com duzentas piastras.

A 29 a armada levou ancoras, e partio, e ao outro dia passou pela ilha de Mona. Na entrada de Dezembro estava o general junto da ponta oriental da ilha Hespanhola. A 9 o vice-almirante com os mais navios juntou-se com a armada: a 14 havia partido da bahia, que demora no remate occidental de Porto-Rico, e a 22 estava oito leguas abaixo do porto de S. Domingo, e quatro acima de Ocoa, atraz de uma ponta baixa, onde encontrou bom ancoradouro. Aqui o *Goude Sonne* tomou de madrugada um barco procedente do rio da Hacha, cujos tripolantes fugiram para terra com o melhor de suas fazendas, e somente acharam no barco trezentos e vinte e sete couros, e obra de dez lastos de sal. A 23 o vice-almirante mandou o hyate *West-cappel* a S. Domingo para observar que navios estavam no porto. Ao outro dia viu o vice-almirante outro barco, mas não o pôde alcançar. Voltou o hyate *West-cappel*, e assegurou a sua gente que não vira navio algum no porto de S. Domingo, pelo que resolveu o vice-almirante ir-se ao dito porto com os navios de sua conserva. A 27 de Novembro, com o *Goude Sonne* e sua prêsa foi diante de S. Domingo, e avançou tanto como o porto, de modo que podia mandar as suas balas bem dentro delle. Deu fogo ás suas duas peças de prôa, e responderam-lhe os da cidade com dous tiros. Vio então um galeão surto no porto, e mais trez naviozinhos, e entendendo que nada podia fazer alli, caminhou bordejando de longo da ilha Hespanhola para Saona, onde o general lhe ordenara que o fosse esperar. Em Saona fez algumas entradas para caçar animaes, mas não apanhou nenhum.

A 13 de Dezembro toda a armada se fez á vela, e porfiaram os navios por adiantar-se bordejando para leste; e depois de gastos quinze ou dezesseis dias em caminhar obra de dez leguas pela dita derrota, as perderam em vinte e quatro horas, e assim sobre a noite de 30 não estavam longe de Mona. Como houvesse dous navios, que faziam muita água, e o general visse que não podia remontar-se navegando de longo da costa meridional de Porto-Rico, determinou voltar ao remate occidental de Porto-Rico, e depois tentar si

obteria melhor resultado navegando ao longo da costa septentrional da mesma ilha. Surgio na bahia de S. Francisco, sita ao remate occidental da dita ilha, em altura de 18° 11' á banda do norte; ha nesta bahia uma aguada muito comoda. Deixaremos agora tomar pouso o general Boudewijn Hendricksz., e passaremos a fazer relação do que os nossos praticaram em outras partes.

O almirante Andries Veron despedio-se a 4 dias de Agosto do general Boudewijn Hendricksz., e se foi pela derrota do nordeste quarta a leste com vento lessudeste, esperando segurar a ilha Fernando de Noronha, donde depois faria o caminho do sul. Mas a 11, tendo passado a linha, começou a reinar a dysinteria entre a companhia, e vendo o almirante que os ventos do sudeste lhe impediam navegar pela derrota do sul, e por isso conjecturando que longa seria a viagem, primeiro que tocasse em algum lugar ao sul em que podesse refrescar, se determinou a seguir para a costa d'Africa, e refrescar em Serra Leôa, onde de feito tomou porto a 26 dias deste mez de Agosto. Encontrou neste porto o almirante Jan Direks. Lam com o navio *Hollandtschen-Thuyn, Oragnie-Boom* de Dordrecht, e *Neptunus* de Der-Veere; navios que, havia dous mezes, alli estavam surtos, e cuja companhia fôra molestada por muitas doenças e outras contrariedades. Obteve permissão do rei Fram-bore, mediante algumas pequenas dadivas, para colher tantas laranjas e limões como houvesse necessidade, bem como para caçar passaros e animaes, que andassem ás soltas, com a condição porém de não tocarem os nossos nos fructos de terra, que comprariam aos subditos do dito rei por preços razoaveis. Esta condição foi guardada, e assim veio a companhia a restabelecer-se mui depressa. Estando pois agora refrescada a nossa gente, e tudo apparelhado para tornar á sua viagem, o capitão do *Post-paerdt* teve ordem a 16 de Setembro de seguir diante para a costa de Guiné, afim de informar ao general da costa como era chegada aquella armada. A 25 de Setembro toda a armada levantou ancoras, e sendo fôra do porto, o capitão do *Post-paerdt* se despedio, e partio, mas apartou-se inteiramente de sua derrota.

O *Post-paerdt* a 2 de Outubro chegou ao cabo Mesurado. A 5, sendo na altura do cabo das Palmas, onde havia de aproximar-se da costa, para em seguida a ir levando por mão, emmarrou-se pela teima do capitão, que não quiz dar credito ao piloto. A 11, havendo vista de terra, surgio, e ao outro dia estava ancorado diante de Day, obra de quatro ou cinco leguas abaixo de Acraa (Acará), e de trinta abaixo de Morrea (Murea), e como não pudesse d'aqui subir bordejando, a 25 foi ter ao rio Gabão, e na entrada de Novembro ao cabo Lopo Gonsalves, e depois de muito divagar, juntou-se com a armada no dito rio Gabão a 4 de Janeiro do anno seguinte. Tornemos agora á armada.

Esta, como fica atraz, se fizera á vela de Serra Leôa a 25 de Setembro com quinze velas, entre navios e hyates, e trabalhou por tomar quanto antes a costa de Guiné, onde se poria por obra a interpresa contra o castello da Mina (S. Jorge da Mina). Antes porem de entrarmos nesta relação, de passada mencionaremos o que encontrámos nos papeis dos nossos de um certo animal, que tiveram em seu navio, e é numeroso em terra. Era tal que mais parecia gente que bicho, pois tinha mãos, pés e calcanhares, olhos e orelhas,

como os homens, fumava com a nossa gente, e quando o offendiam, gritava e choramigava, qual criança. Os habitantes daquellas partes creem que as almas dos seus defuntos habitam nelles. Lembramo-nos de ter visto um destes animaes aqui na Republica: era femea, e tinha regras, como as mulheres.

A 9 de Outubro era a armada na costa dos Grãos, entre o rio de S. Paulo e o do Junco, em altura de 5 gr., e meio á banda do norte, e assentou-se em mandar um hyate á costa de Guiné, afim de avisar o governador Adriaen Jacobsz., da vinda delles, e dizer-lhe que tinham por melhor surgir diante de Commendo, e ahi desembarcar. A 21 eram todos os navios diante de Commany, onde souberam pelo vice-almirante Jan van Dijck, que alli chegára cinco dias antes, que o general da costa Arendt Jacobsz. estava para as bandas de Acra, e não se tornaria antes de trez ou quatro dias. O almirante e os officiaes do seu conselho não entenderam conveniente dar mais espaço ao inimigo, e pois determinaram desembarcar a sua gente ao seguinte dia; e para que as cousas corressem em ordem, com antecedencia foi a tropa dividida do seguinte modo: a vanguarda, batalha e retaguarda, compor-se-hia cada uma de três companhias de soldados e uma de marinheiros. A vanguarda teria por capitão Jacob Surmond, a cujas ordens iriam o capitão Reyndert Panne-Koeck, o tenente Voet, e o capitão de navio Evert Hendricksz. Crouger, cada um com uma companhia, (mas Crouger, como tinha que fazer outra cousa, foi substituido por Pieter Jacobsz. Hoogher-wal). A batalha seria commandada pelo capitão Pieter Martensz. Houw-man, e ás suas ordens marchariam o capitão Jan Baptista de Genber, senhor de Bassevelde, Salomon Boshuysen, e o sota-almirante Hillebrandt Jansz. Commandaria a retaguarda o capitão Dirck Reinback, e sujeitos a elle iriam os capitães Jacob Pompen, Hendrick Lambertsz., Valek e Vijbrandt Heres. Finalmente Jan Quirijnsz., capitão do *Sphera-Mundi* de Dordrech, estaria ás ordens do mestre de campo com uma companhia de marinheiros. Hans Campen commandava a artilheria, Adriaen Bollaert os bateis, Hans Philipsz. Grijf os gastadores, e a Willem Cuningam e Anthonis del Court foram confiados os viveres. Teve o commando em chefe o almirante Andries Veron, como mestre de campo.

A 22 o almirante Lam com o fiscal passou-se á terra para assegurar aos habitantes do pequeno Commany, que nada tinham que receiar dos nossos, pois que a facção era contra o castello da Mina. Os habitantes mostraram-se bem dispostos para com os nossos, e avisaram que a nossa tropa teria de fazer uma jornada de bem tres leguas, e não encontraria de caminho agua doce, e bem assim que o rei do grão Commany levaria a mal, si os nossos, sem sciencia d'elle, desembarcassem, e tentassem alguma interpresa contra os Portuguezes. Voltaram pois o almirante e o fiscal aos navios. Mandaram recado aos do forte Nassauw que faziam tenção de pôr em effeito a facção ao outro dia; mas, como os do forte aconselharam e rogaram que esperassem a vinda do general da costa, porque a sua presença era mui necessaria, pela muita autoridade que tinha com os reis de Fetuy, Sabou e Comanny, cujas boas graças muito faziam ao caso, ficou tudo adiado até á vinda do dito general

Este chegou a 24 com dous navios, *Goede Fortuyn* e *Mauritius*, e depois que vira e louvára a ordem, em que fôra disposta a tropa, offereceu-se com uma companhia, que trouxera, para marchar com o almirante Veron, e, sem que inveja houvesse, fazer o serviço da Companhia. Assim que, ficou assentado que ao outro dia se começasse a interpresa. Quatro navios, a saber, *Haerlem*, *Sphera Mundi*, *Oragnie-Boom* e *Omlandia* tiveram ordem de ir surgir diante do castello da Mina e perto delle, e os hyates *Oudevaer*, *t'Zee paerdt* e *Arnmuyden* diante da aldeia, onde sabia-se haver uma bateria, para o effeito de fazerem damno ao inimigo e trazerem-no entretido, e assim poder a tropa caminhar sem impedimento algum. A chalupa grande, que levava agua, pás, machados e outras cousas necessarias, teve ordem de navegar terra à terra, afim de que, si a tropa precisasse de alguma cousa, se podesse prover nella commodamente.

A 25 desembarcaram em Terra Pequena alguns mil e duzentos homens entre soldados e marinheiros, afóra cento e cinquenta negros que o general trouxera tambem. Caminharam até ao meio dia pouco mais ou menos, avizinhandose do castello da Mina até uma legua de distancia, e aqui descansaram duas horas, por estarem fatigados e pela muita calma que fazia. Depois tornaram a abalar, e approximaram-se do castello até ao alcance da artilheria delle; e sendo vistos do inimigo, atirou-lhes este quatro ou cinco tiros, que porém não fizeram estrago. Em vista disto os nossos acamparam em uma planicie atraz de certo monte pequeno, perto do castello, fazendo tenção de levantarem trincheiras durante a noite, e assim approximarem-se do forte. Tanto que os nossos foram chegados, o almirante Andries Veron mandou alguns dos seus soldados mais ligeiros explorarem o campo, e o mesmo fez o general Arendt Jacobsz., que enviou a sua companhia ao lugar, onde suspeitava fizesse o inimigo alguma sortida, e pol-a a cargo do tenente Hans Philipsz. Grijf. Mas, enquanto o almirante e o general e mais chefes subiam aquelle montezinho para bem observar o castello, os soldados, que estavam sequiosos e mui affrontados, em sua maior parte largaram as armas, e puzeram-se uns a procurar agua, outros a fumar, deitando-se no chão o geral delles, tão despreoccupados e desassombrados, como si não se tivessem de guardar de inimigo algum, ou ninguem, tendo respeito ás suas forças, os podesse offender; não tardou muito porém que sahisse o caso mui differente do que cuidavam. Tanto que os principaes officiaes chegaram ao alto daquelle teso ou pequeno monte, os negros, que seriam em numero de duzentos deram sobre elles mui lesto e inopinadamente; querendo fugir ao perigo os ditos officiaes desceram a grão pressa para chamar os seus ás armas e pol-os em ordem. Mas os soldados, como atraz se disse, andavam espalhados, e haviam deposto as armas: acudiram em tropel e mui desordenadamente em procura dellas, e foram accommettidos pelos negros, que, como homens barbaros e furiosos que eram, fizeram nelles grande matança. O almirante Veron e o capitão Surmondt, depois de se defenderem bravamente por muito tempo, foram talhados a golpes. O pasmo da nossa gente foi tamanho, a debandada tão geral, que o caso é quasi inaudito, e para dizer a verdade, foi um notavel

castigo de Deus: delles lançaram-se muitos ao mar, e afogaram-se, outros, que eram a maior parte, lançaram de si as armas, e não cuidaram siquer em resistir, de maneira que foram degollados, como gallinhas; pois, como os Portuguezes haviam promettido premio por cada cabeça, que lhes levassem os selvagens, estes se entretiveram em cortal-as. Escolhiam porém dentre os nossos os que estavam melhor trajados, para o effeito de esbulhal-os, do que se causou pouparem a vida a muitos pela demora que esta rapina requeria, que, a não ser isto, eram taes a confusão e o panico dos nossos, que o ferro dos negros facilmente teria dado cabo de todos. Ficaram no campo, sem contar os que se afogaram, trezentos e cincoenta soldados e sessenta e seis marinheiros afóra vinte e cinco dos que trouxera o general Arendt Jacobsz; ao todo quatrocentos e quarenta e um homens. O general, já não podendo mais correr nem caminhar, foi levado do campo pelos seus negros, e assim se esquivou áquella carnificina, e ainda esta noite chegou a Commany com o resto da tropa, que pudera fugir. E muito a ponto veio o general a este lugar, que si não viera, correriam os nossos grão risco de ser assassinados até ao ultimo pelos mesmos negros, entre os quaes procuraram guarida, pela indole destes barbaros, que lançam-se com os vencedores, e cahem sobre os vencidos sem fazer distincções. Morreram todos os capitães militares, menos Hendricksz Jacobsz. Valck, Jacob Pompen, Pieter Jacobsz. Hoogher-wal e Wi-brandt Heres, capitães de navio, tambem empregados como militares; morreram tambem a mór parte dos officiaes inferiores, cujos nomes omittiremos por brevidade. Esta desastrosa e grão matança passou-se com tal rapidez, que parece incrível, pois começou pouco antes do pôr do sol, e ainda era dia e já estava quasi finda!

Os quatro navios, que atraz mencionamos, foram por-se perto do castello, contra o qual fizeram um fogo vivo, mas pouco proveitoso, porque o castello é da sua mesma natureza muito forte, edificado, como está, sobre uma rocha, em que foi cavada a metade das suas muralhas, sendo o resto levantado com pedras grandes e mui duras. Tem quatro bastiões, dous dos quaes varrem o mar, e os outros dous defendem o lado da terra. A' banda occidental ha um pequeno monte soberbo sobre o castello, chamado Santiago por respeito de certa capella, que alli fôra primeiramente edificada. A povoação fica embaixo na fralda deste montezinho, e alonga-se tanto do castello, que um tiro de mosquete mal alcança-lhe o remate, e tem á banda occidental uma muralha que a ampara. O mar faz do castello e suas obras exteriores quasi uma ilha. Ha tambem á banda oriental uma angra, onde costumam ter algumas galeras, e onde sempre abrigam as suas pequenas embarcações. Os nossos navios pouco damno fizeram no castello, mas tambem pouco receberam delle, pois tiveram sómente um ou dous mortos. A 26 levantaram ancoras para ir surgir junto de Commany, e recolheram nos navios os que acaso escaparam, comquanto os fugitivos e os que salvaram-se a nado fizessem crer que todo o exercito havia sido feito em postas. Sobre a noite recebeu-se uma carta do general Arendt Jacobsz., em que pedia-lhes se approximassem para acolher os que se salvaram. Para lá seguiram sem

detença o *Dolphijn* e tres hyates, que tornaram a 27, conduzindo alguns seiscientos homens, com que ficaram os navios bem providos de gente, pois anteriormente por falta de braços mal podiam fazer serviço.

A 29 o general Adriaen Jacobsz. se passou a Commany, assim para presentear o rei e agradecer-lhe o seu favor, como e principalmente para movel-o a hostilisar os nossos inimigos. O rei fingiu tomar a peito as nossas cousas e querer debellar os Portuguezes, pois estes negros são bastante esptos para procurarem tirar partido de tudo; e pedio que todos os nossos navios se fossem contra o castello e a povoação, e os varejassem de balas sem cessar, pois fazia conta, dizia elle, que os negros ao serviço e mando dos Portuguezes desertariam delles, e então poderiam ser facilmente cortados pelo ferro delle rei e dos seus. Os nossos o acreditaram, e, ao passo que o general seguia para Moree, para o effeito de carear os reis de Fetuy e Sabou, o almirante fez-se á vela a 5 de Novembro, e chegou á vista do castello, perto do qual surgiu em uma meia lua ao oeste delle. Em chegando, deu alguns tiros contra o castello, os quaes foram por este correspondidos. Em os dias 6 e 7 salvaram-se bastante de um e outro lado, recebendo os nossos maior damno; mas o almirante não podendo entender que proveito lhe vinha de estar a atirar contra uma praça forte, assentou de se alargar e pôr-se fóra do alcance da artilheria inimiga. No entretanto chegou uma canoa de Moree com cartas do general; dizia este que o inimigo estava bem fortificado no monte de Santiago, que pouco fundamento fazia em que o rei de Fetuy pactuasse connosco, e hostilizasse os Portuguezes, e o mais que delle esperava era que ficasse queto entre os dous contendores, comquanto fóra avisado havia o rei recebido alguns presentes (cousa que tem toda a influencia no animo destes negros) para o effeito de se haver em apparencia como nosso amigo, e secretamente como nosso inimigo, e fazer-nos pela sorrelfa todo o damno e ainda que elle general não desconfiasse que o rei nos fosse hostil, todavia este trato com os Portuguezes devia ser tomado em toda a consideração. O almirante e os seus não sabiam o que lhes cumpria fazer, e houveram conselho sobre o caso; o rei (1) porem persistio em que não se continuasse no bombardeio. Emfim a 14, tendo o general sabido ao certo que o rei se mancomunára com os Portuguezes, e havendo por isso que nada mais restava aos nossos que fazer alli, determinou seguir com os seus navios e juntar-se com os outros, para assentar-se no que se faria ulteriormente.

Isto feito, o almirante Lam foi ter com os navios diante do forte Nassauw. A 20 a guarnição deste forte refez-se de gente, pois ficára mui desfallecida por causa daquelle combate infeliz. Depois que a companhia se refrescou, o almirante partio a 29 com a armada, fazendo tenção de tomar a ilha do Principe. A 12 de Dezembro porém vio que a havia escorrido, e resolveu navegar terra á terra até á linha, e então empregar todos os esforços por segurar a dita ilha. Ao meio dia de 14 avistou a ilha Corisco a leste quarta a sudeste comsigo, era então em altura de 45' á banda do norte. A 16, como ainda não

(1) Deve ser o almirante.—(N. do Trad).

tivesse tomado a mesma ilha, surgiu diante do rio de Angre. Depois do meio-dia tornou a fazer-se á vela com vento de terra, e á tardinha chegou á dita ilha, e surgiu meia legua da praia em oito braças e meia, fundo de boa tença. Aqui se deteve a fazer aguada até ao dia 22, quando tornou a fazer-se á vela; não pôde porém avançar para a sul pelas aguas que corriam tesas ao norte. A 23 surgiu diante do rio Gabão, onde entrou ao outro dia. A 25 subio pelo rio acima cousa de tres leguas até diante da ilha do rei. Mimoseou este com alguns presentes de pouco valor para obter sua amizade. Aqui ficou surto durante o resto deste anno, occupada a sua gente em limpar os navios e fazer aguada; e pois aqui o deixaremos, e no anno seguinte terminaremos a narração dos seus feitos depois que houvermos escripto das nossas outras armadas.

Este anno foi mui infeliz para a Companhia, pois quasi por toda a parte a fortuna se mostrou adversa ás suas armas: perdeu a cidade de S. Salvador, pouco fez a armada do general Boudwijn Hendricksz., a facção contra o castello da Mina falhou desastrosamente. Deus porém reservava-lhe para diante maiores successos como a seu tempo contaremos.

FIM DO SEGUNDO LIVRO

SUMMARIO DO TERCEIRO LIVRO

Continuação da viagem da frota a cargo do general Boudewijn Hendricksz. Entra na bahia de S. Francisco onde faz aguada, e uma entra pela terra sem topar o inimigo, que neste interim accommette um dos nossos bateis. Os nossos queimam algumas casas, e levam consigo algumas cabeças de gado. A frota torna a partir, e vai ter a Dominica; observa as vizinhas ilhas Caraibas, e segue para a ilha Margarita. O general toma o castello sito nesta ilha com grande perigo de sua pessoa. Tenta outro commettimento mais adiante na mesma ilha, mas mal pôde tomar terra. Um naviozinho hespanhol apresado. A frota surge em Cubagua; os nossos esbulham a ilha, e queimam as cabanas. Feição da costa septentrional da ilha Margarita. O general segue para o porto de Mochina, dá-lhe o nome de porto Mauricio. Dá uma vista ao castello de Ponte de Araya. Disposição do porto Mauricio. E' apreendido um navio novo. Os hespanhoes destroem suas proprias casas e sementeiras; sorprendem alguns dos nossos, e não os querem commutar pelos seus compatriotas prisioneiros. A frota navega para Santa Fé, onde se provê d'agua. Passa por Commanagot e outras ilhas, e aporta em Bonayre. Aqui os nossos apanham alguns carneiros, e encontram uma grande pilha de madeira vermelha, que embarcam. E' apresada uma galera hespanhola com carga de tabaco e algumas mercadorias de preço. A frota chega á ilha Vaca, e depois ao cabo Tiburon; surge no remate occidental da Jamaica. Disposição do lado septentrional desta ilha. E' tomada uma *piragua* hespanhola. Feito do capitão Banckert: briga com quatro navios hespanhoes, dos quaes toma um, e destroe dous; eram de S. Domingo, e continham uma custosa carga. O capitão surge em Saona, e torna a se juntar com o general. Junta-se tambem com este o *Commandeur* Hendrick Lucifer. Partem juntamente os navios do porto Negrillo; passam pelos Caymões, e avistam a ilha de Pinos. Tomam um naviozinho hespanhol novo, mas em lastro; foi artilhado e guarnecido. A frota chega diante do Rio dos Porcos, e depois diante da Coroa. E' tomado um barco da pesca das tartarugas, de cuja gente obtem o general algumas noticias. Vai ter ao porto de Cabanas. Disposição dos portos daquellas partes. A frota entra no porto de Cabanas, onde é encontrado um navio recentemente construido. Os nossos fazem uma entrada, apanham alguns animaes, e queimam um sitio. E' tomado um pequeno barco com tartarugas. O navio novo é queimado, depois de esbulhado do que nos podia servir. Outro naviozinho tomado diante de Havana com carga de madeira: é tambem queimado. A frota larga do porto de Cabana, e chega diante de Havana. E' tomado um naviozinho procedente de Campeche. O

general adoece e morre. Motim na frota, que se torna via da Republica. A frota a cargo do almirante Pieter Pietersz. Heyn apparelhada pelas Camaras. Numero dos navios e tripolação. O hyate *Vos*, mandado adiante, refresca nas ilhas. Atravessa para a terra firme; chega ao cabo Caldera. Por descuido perdem-se seis homens na ilha Coche. Volta a Saona para esperar o almirante. Partida do almirante. Chega á ilha Barbadas, e navega por entre as ilhas Caraibas. Chega a Saona e encontra o *Vos*. Dá-se pressa em seguir para o cabo de S. Anton. Alguns sitios da costa septentrional da Jamaica. A frota nas cercanias do cabo Corrientes. Toma um naviozinho procedente de Honduras. Paira por alli. O *Vos* toma um naviozinho com trez mil couros etc., e o *Arendt* outro com 1067. Pelos prisioneiros sabe-se a morte do general e volta da sua frota. O almirante permanece nas aguas do cabo de S. Anton. E' tomado um naviozinho de Nova Hespanha com carga de farinha e bolacha; sabe-se que partira a armada de Nova Hespanha. A frota segue para as Tortugas. Chega ao cabo da Florida. Avista a armada Hespanhola composta de obra de quarenta navios. O almirante não a ousa accommetter, e busca a costa da Florida para tomar agua. E' tomado um naviozinho com mercadorias de pouco valor. O almirante resolve fazer-se na volta da costa d'Africa. A 2 de Novembro chega á ilha Corvo, e depois acerca-se da ilha Terceira. Despacha o *Arendt* para a Republica. Descahe sobre a costa d'Africa ao norte de cabo Verde, e entra em Serra Leôa. Viagem de Thomas Sickes para o Brazil. Junto a Grã Canaria toma um naviozinho portuguez, que vai ao fundo. Chega ás ilhas do cabo Verde. Avista a costa do Brazil nas paragens dos Ilheus. Soçobra um naviozinho portuguez. O *Commandeur* entra no rio das Contas; crusa nas aguas da Bahia. Dá na praia com um naviozinho portuguez, e toma uma caravella com carga de vinho, bem como um navio com quinhentas e cincoenta caixas de assucar. Juntam-se com elle cinco navios da Companhia, e espalham-se pelas costas do Brazil. O *Windt-Hondt* toma um navio com mercadorias, e segue com elle para as ilhas Caraibas. Thomas Sickes toma um naviozinho com cento e oitenta e quatro caixas de assucar, e manda-o para a Republica. Refresca em Serra Leôa. Descahe sobre o cabo de Lopo Gonsalves. Torna á ilha Fernando de Noronha, e d'ahi á costa do Brazil. Toma um barco com assucar. Encontra uma grande frota portugueza, e incolume aparta-se della. Volta á Republica. Navegação dos hyates *David* e *Sparwer*. Chegam á ilha Santa Anilla ou S. Milan. A sua viagem é baldada. O Almirante, depois de muito divagar sobre a costa d'Africa, se torna á Republica. Fim e resultado da expedição do almirante Lam.

LIVRO TERCEIRO

1626

O anno passado deixamos o general Boudewijn Hendricksz. junto de Mona, deliberado a entrar na bahia de S. Francisco, que fica no remate occidental da ilha de S. Juan de Porto Rico. Quando veio aos 2 dias do mez de Janeiro deste anno, deu fundo com os navios de sua conserva diante do rio, onde pretendia fazer aguada. Neste mesmo dia mandou que desembarcassem duzentos homens, entre soldados e marinheiros, em uma formosa e grande bahia arenosa, e deu tambem suas ordens para o concerto dos navios. Para proteger os carregadores d'agua foi posto diante do rio o *Goude Sonne*. Ao seguinte dia os nossos entraram pela terra, mas não encontraram casas nem gente, e sobre a noite sobreveio um aguaceiro que os forçou a acampar em um monte, onde divididos em quatro partidas pernottaram ao relento. O capitão do *Goude Sonne*, que estava em terra com trinta homens para vigiar os Hespanhoes, foi em auxilio dos bateis, que por fazerem agua grossa mal se podiam manter boiantes. Neste entretanto os Hespanhoes, que andavam escondidos nas adjacencias, sobre a noite surprenderam no rio um dos nossos bateis, e mataram doze dos nossos homens, escapando tres a nado. A gente que pousára no monte, ao dia 4 tornou á sua viagem, e foi ter a uma casa rodeada de cabanas e curraes para gado. Mataram e comeram alguns porcos, e em partindo d'alli puzeram fogo ás habitações, e levaram uma porção de porcos e dous cavalloes carregados de couros. Ao outro dia os nossos seguiram para o porto de S. Francisco no hyate *West-cappel*, *S. Domingo* (nome dado ao naviozinho tomado) e a chalupa grande, fazendo tenção de desembarcarem em dito porto e entrarem pelo sertão; mas, sendo alli chegados, encontraram tão pouca agua, que os bateis não poderam tomar terra. Viram cincoenta ou sessenta Hespanhoes a cavallo, que tangiam o gado para o sertão. Voltou pois a nossa gente aos navios sem haver feito cousa alguma. O general mandou

desembarcar mais gente para guardar os bateis, que faziam aguada, e informou-se dos mantimentos, que havia nos navios, para por elles regular seus planos ulteriores, pois não se queria tornar á Republica sem primeiro haver feito alguma cousa de monta. A 8 passou-se em pessoa á terra com muita gente, pretendendo fazer mais uma entrada, mas choveu tão copiosamente, que não teve ensejo de fazer cousa alguma. Por esta mesma causa e pelo embate do mar nos navios, tambem nestes nada se pôde fazer. Ao seguinte dia os nossos tornaram a sahir em terra; rogaram uma porção de matto, assim para melhor descortinar o sitio, como para descobrir e impedir as ciladas do inimigo, que dias antes ferira sete ou oito dos nossos, atirando de dentro de basto matto, onde não era visto. A 30 os nossos entraram um pedaço pela terra, mas nada mais fizeram senão trazer um grande numero de laranjas para refresco da companhia. Estando ao presente os navios concertados e bem providos de agua e lenha, d'alli partiram aos 16 dias.

Diligenciou o general remontar-se bordejando ao norte da ilha de S. Juan de Porto Rico para ir buscar de novamente as ilhas Caraibas, no que empregou os dias até 10 de Fevereiro. Depois de se haver elevado á altura de 25 gr. e meio, foi descendo a pouco e pouco até que no dito dia veio tomar terra na altura de Dominica. Discorreu por costa a sotavento, o que não foi sem grande perigo, mas sobre a noite conseguiu montar a ponta occidental da mesma ilha, e lançou ancora ao mar. Mandou dar uma vista a toda a costa da ilha; os nossos, montada a ponta do norte, encontraram á banda noroeste uma grande bahia arenosa, mas sem ancoradouro, pois não puderam tomar sonda em distancia de um tiro de mosquete da praia. Estavam surtos os navios á banda occidental ao lado de um riozinho, onde facilmente fariam aguada. Arredada d'alli obra de meia legua fica uma aldeia dos selvagens, que habitam esta ilha: é gente má, de quem vos não deveis fiar de modo algum. Diante do rio é mui escarpado, mas ao sul e norte delle ha bom ancoradouro em cinco, seis, sete e oito braças d'agua, fundo de areia. O general mandou tambem alguns navios darem uma vista ás ilhas vizinhas, e observarem si nellas havia alguma cousa que fazer. O vice-almirante em pessoa partio para Guadalupe com o *Nieuw-Nederlandt* e *S. Domingo* e o hyate *Westcappel* para Martinino. Estando a armada surta em Dominica, desfechou uma temerosa tempestade com trovões e raios. A' tardinha de 17 o general fez-se á vela, e á seguinte manhã era de través com a ilha Martinino, e por volta de meio dia tinha Santa Luzia a lessudeste comsigo. A 20 ficava-lhe ao lado Granada; deitou caminho pela derrota do susudoeste com vento nordeste, até que ao outro dia houve vista da terra firme. Depois do meio dia estava ao cabo das Tres Pontas; aqui o general deu suas ordens e signaes a cada navio. Colheram as velas e deixaram singrar os navios ao norte até que findou o quarto da prima, e então governaram com pouco panno ao oeste quarta a noroeste e oesnoroeste. Pelas nove da manhã de 22, houveram vista da ilha Margarita, para onde todos emproaram. O vice-almirante, chegando diante da bahia, onde se levanta o castello, endireitou para ella com sete navios; o general, cujo designio era seguir para o norte, acompanhou-o, porque a gente

de desembarque, que havia, se achava nos navios que ainda eram consigo. Surgiram os navios á banda oriental do castello, e desembarcou a nossa gente em uma bahiazinha arenosa. Os Hespanhoes, como não contavam que os nossos saltassem em terra neste sitio, se haviam fortemente entrincheirado na bahia. Os do castello corriam em desordem para um e outro lado, como gente sorprendida, o que vendo o general accommetteu o castello com um troço dos seus pela parte que olha para a terra, onde não havia artilheria. Mas este rasgo de bravura houvera succedido mal ao illustre cabo, pois apenas chegára com quinze ou dezesseis homens ao alto do castello, cortou-lhe o inimigo a retirada, e assim se viram os nossos necessitados a se defender com todo o esforço. Morreram alguns nove dos mais valentes, e foram muitos feridos, entre outros os dous capitães Van Urck e Molckman. O mallogro desta facção fôra certo, si não acudiram pelo general os capitães Stapel e Estienne, pois, dando fé delles, os Hespanhoes recuaram, e os nossos assenhorearam-se da porta, onde o general em pessoa arvorou a bandeira. Alguns dos Hespanhoes foram mortos a ferro, mas o geral delles saltaram das muralhas, e escaparam fugindo; e assim se fizeram os nossos senhores do castello. Soube o general por um prisioneiro e um negro que se passára para os nossos, que o caminho que do castello vai ter ao povoado, onde moram quasi todos os Hespanhoes, com antecedencia e por toda a parte havia sido tomado com trincheiras, e obstruido em muitas partes com aquelles arbustos mui picantes que nesta ilha, bem como na terra firme, fazem a maior fortaleza de varias povoações, por ser quasi impossivel abrir caminho por entre elles; soube tambem que as mulheres se puzeram em fugida com os seus melhores moveis. No castello foram encontradas tres peças de bronze e cinco de ferro, que o general ao seguinte dia mandou levar aos navios. Foram empregados dous dias em demolir o castello e incendiar as casas depois do que os nossos se recolheram aos navios e partiram a 27.

O general mandou dous navios e uma chalupa rodearem a ilha pelo norte, e observarem a feição della. Outros dous navios e um hyate atravessaram para a terra firme, e os mais ficaram de longo da costa meridional da ilha e perto della até á distancia de obra de duas leguas para o oeste do porto, em que a armada estivera. Aqui fica o lugar, que os navios da terra firme costumam frequentar. A tenção do almirante era fazer tambem um salto neste sitio, mas por respeito dos baixos e baixia da praia, não se poderam approximar os navios grossos, quanto era necessario para que sua artilheria alcançasse a terra. O hyate *S. Domingo* approximou-se tanto que seu leme saltou, mas safou-se sem maior damno. Todos os navios deram fundo. A' noite approximaram-se um pouco mais, e ainda assim os tiros não poderam alcançar a praia. Nada obstante, quando vieram ao outro dia, os soldados passaram-se ao hyate *S. Domingo*, e delle aos melhores bateis, em que se diligenciou tomar a praia; mas, tanto que os bateis se acercaram della, começou o inimigo a fazer vivo fogo com seus arcabuzes de gancho assim das trincheiras, que alli haviam levantado, como de dentro de basto matto (que vinha até a praia), sem que os mosquetes com que atiravam os nossos das chalupas, ou as

peçasinhas do hyate o podessem offender. Nos bateis foi morto um homem e outro ferido gravemente. O general vendo que nenhuma vantagem levaria ao inimigo, deu um tiro de canhão, signal para voltarem os bateis, e recolhida a bordo a sua gente, os navios levaram ancoras e partiram.

Logo depois disto encontrou-se com o general o capitão Banckert, que fôra mandado a uma excursão no hyate *West-cappel*: topára um naviozinho hespanhol com obra de mil arrobas de peixe salgado. Os navios foram surgir juntamente ao remate occidental da ilha Cubagua. O general com alguns bateis bem tripolados, passou-se á terra, onde nada achou a não ser cabanas de pescadores, e nellas algum peixe, que levou comsigo, depois de pôr fogo ás cabanas. Os dous navios, que elle mandára rodear a ilha Margarita pelo norte, encontraram na costa septentrional bom ancoradouro em toda a parte, quer perto quer longe de terra, como se queira surgir; e indo para oeste, montada a ponta do norte, veem-se mui bellas bahiazinhas de areia, onde ha pequenas cabanas de Indios. Ha tambem em dita ilha uma grande enseiada, que se estende quanto a vista póde alcançar, e a terra, que a circumda, é baixa; mas, passada esta enseiada torna-se ella a fazer-se grossa. Da ponta do sul sahe uma baixia, onde ha somente tres ou quatro braças d'agua, e diante della ha uma aldeia, cujas casas são feitas de terra. Tudo isto foi observado em dous ou tres dias, bem como a disposição de toda a costa septentrional da ilha, depois do que tornaram estes navios a se juntar com a frota. Juntos todos os navios e bem observada a ilha de Cubagua, della partio a frota aos 4 dias de Margo. O general deitou caminho por junto da ponta e assim por diante em demanda do porto de Muchina, que demora cinco ou seis leguas ao oeste de Cumana. A este porto deram os nossos o nome de Mauricio. A fusta, o *Goude Sonne* e um hyate tiveram ordem de ir tomar na pequena salina vinte e cinco ou trinta lastos de sal, que o general soubera estarem na praia. O navio *Leyden* e o hyate *S. Domingo* navegaram de longo da costa para dar uma vista ao castello, que demora junto da salina grande da ponta de Araya, e observar si havia alli alguma cousa que fazer. Sendo chegados nas cercanias do castello, este fez fogo contra os navios, mas não segundo o numero dos canhões que diziam haver nelle, o que deu aos nossos a suspeita de não estar bem provido de polvora. Estiveram tambem diante da pequena salina; passaram-se á terra um troço de soldados e marinheiros; encontraram uma porção de peixe sêcco, que levaram para os navios, alem de vinte lastos de sal, que alli estava em monte. Neste entretanto o general, proseguindo em sua viagem, cahiu em calmaria, e em pessoa metteu-se em um batel, e foi reconhecer o porto, onde antes de anoutecer ainda entraram os navios. Achou o porto em seu interior tão largo e capaz, que bem podiam surgir dentro delle todos os navios da Hollanda, e sem ancoras nem proizes, pois se pode entrar tanto por elle, que não se venha a ver o mar nem apparencia delle. Sendo chegado ao lugar, onde tencionava surgir com os seus navios, avistou ao lado opposto um navio, que a chalupa e os bateis foram buscar: não havia nelle senão cabos fixos e de laborar e duas colubrinhas, não se encontraram vergas, nem velas, nem munição alguma de guerra. Ao

seguinte dia os bateis entraram mais para dentro do porto, e foram ter a um lugar, onde havia algumas casinhas; acharam alli muitas laranjas, milho e outros refrescos. O general ordenou aos capitães que dessem querena e limpassem os navios, que por navegarem muito tempo, andavam mui sujos. Os Hespanhoes, sabendo da vinda dos nossos, foram ter áquellas casinhas e as queimaram, bem como o milho que ainda havia nellas, de modo que, quando os nossos a 7 tornaram a ellas para tomar o que lhes conviesse encontraram tudo queimado e destruido. O general ia de quando em quando aos navios que estavam surtos junto da ponta. Dentro do porto procuraram os nossos agua doce por toda a parte, mas a não acharam, o que é um grande senão para este excellente sitio. Assim, limpos todos os navios, e providos de lenha e lastro, quando vieram a 23, por volta de meia noite, começaram a sahir, e sendo manhã eram fóra da barra, e alli surgiram.

Neste entretanto os Hespanhoes do castello grande junto da salina mataram dous soldados e agarraram seis, dos navios que estavam á carga de sal na pequena salina, quando se achavam elles em terra descuidados e entretidos em pescar; e sem duvida teria o inimigo tomado tambem o batel, si não acudissem bravamente os dos navios, jogando os seus canhões contra elle. Ao outro dia todos os navios trabalharam por juntar-se com os que estavam junto da ponta, o que porém só conseguiram a 25. O general, avisado da prisão de alguns dos seus, empregou todos os meios por libental-os; mandou recado ao governador do castello, propondo-lhe a commutação dos seus por muito maior numero de prisioneiros hespanhoes, mas o governador não attendeu a cousa alguma, pretextando ordens em contrario do seu amo de mandar todos os prisioneiros para Hespanha. A 28 o hyate Porto-Rico foi despachado para a Republica, para trazer cartas e dar razão do que passára até ao presente, e o general seguiu com sua frota para Santa Fé, a cuja vista chegou uma hora depois do pôr do sol.

Aqui foram immediatamente desembarcados todos os soldados para guardar a gente que fazia aguada; e a fizeram com tal promptidão, que em dous dias ficaram os navios assás suppridos d'agua. A agua deste lugar é boa, e facil de buscar no lado meridional da bahia diante de um riozinho d'agua doce; mas como este sitio, dista somente cinco leguas da ponta de Araya, e fica perto de Comena, não ha fazer aguada nelle senão á mão armada. Apanharam algumas cabras nas ilhazinhas, que demoram diante da costa da terra firme, isto é aos 2 dias do mez de Abril, que foi quando a frota se fez á vela. Depois do meio dia com a brisa ou ventos de leste deitou caminho pela derrota do oeste, e sendo fora das ilhazinhas singrou, e á noite orçou para não escorrer Commanegot. O capitão Banckert teve ordem de fazer a travessa de Hispaniola com o navio *Jonghe Tijger*, a fusta e o *Nieuw-Nederlandt*, para ver si podia apresar alguns navios hespanhoes. Sobre a noite do seguinte dia a frota chegou diante de Commanegot; o general mandou adiante um hyate que navegasse de longo da costa para ver si em alguma parte estavam surtos navios inimigos. O general, tendo mandado a todos os navios cartas fechadas, por onde se governariam, caso succedesse apartarem-se uns dos outros,

proseguio em sua viagem, navegando pela derrota do oeste de longo da costa e depois pela do noroeste, com que foi ver a 8 depois do meio-dia a ilha das Aves, que se representa baixa e coberta de arvores altas. Ao seguinte dia vio Bonayre, onde só a 10 aportou. Ao outro dia saltou em terra uma boa força dos nossos em procura de animaes e madeira vermelha; apanharam seguramente cem carneiros e cordeiros, afóra os que mataram e comeram em terra. Celebrada a bordo a paschoa, tornaram a sahir em terra, e divididos em tres partidas entraram pelo sertão; encontraram uma pilha grande de madeira cortada a machado obra de hora e meia de viagem da praia, e apanharam outra vez alguns cem carneiros. Em os dias seguintes foram mui deligentes em levar a madeira para bordo; embarcaram tambem uma porção de guaiaco, que não estava longe da praia. A 16 estava este serviço feito, e tendo sido postos em terra e soltos onze prisioneiros hespanhoes e portuguezes, quando veio a 17, a frota se fez á vela. Ao outro dia o navio *Utrecht* e o hyate *S. Domingo* tomaram uma galera hespanhola com carga de tabaco e muitas cousas de preço, em boa parte das quaes a nossa gente poz as mãos, primeiro que o general acudisse com as devidas providencias. Era um barco de aviso vindo de Comena com alguns Hespanhoes, que se esquivaram aos nossos no porto Mauricio. A frota governou ao noroeste com tempo mui aspero, e a 20 houve vista da ilha Hispaniola, e abaixo della das ilhazinhas chamadas Frailes. O capitão do *Goude Sonne* teve ordem de navegar de longo da costa e perto della para observar todas as barras e abras, e para este effeito se lhe ajuntaram o navio *Goude Meulen* e a chalupa grande. A 24 foram diante das Salinas, e na chalupa grande e na delles entraram a barra a ver si estavam surtos alguns barcos, mas não encontraram nenhum; na tarde deste mesmo dia deram fundo na ilha Vacca. A 26 a frota surgiu junto á aguada do cabo Tiburon, e com ella juntaram-se a 29 os outros navios, depois que deram uma vista á ilha Vacca e á bahia de Hispaniola. Encontraram tambem alli o capitão Lucifer e Galeyn van Stapels com seu hyate e pequeno batel, os ques haviam estado no rio das Amazonas. Neste lugar foi concertado o naviozinho hespanhol, e apercebido de tudo para navegar de conserva com a frota. Esta partio a 3 de Maio, depois que se provera bastante d'agua, e navegou pela derrota do oessudoeste; o tempo estava algum tanto calmo. Ao outro dia passou pela ilhazinha Navaza. A 5 houve vista de Jamaica, e porque o vento soprava do sul, não pôde montar a ponta meridional de dita ilha. O general resolveu mandar alguns navios rodearem-na pelo sul e outros pelo norte; não poderam porem montar a ponta sudeste. Aqui juntaram-se com a frota o navio *Nieuw-Nederlandt* e o hyate *West-cappel*. A 8 a frota surgiu ao remate occidental de Jamaica junto dos outros navios. Alli o solo é igual e formoso com bonitos prados em alguns lugares.

O sota-almirante que com o *Valck* e o *Goude Sonne* fôra mandado dar uma vista á ilha rodeando-a pelo norte, montada a ponta nordeste, governou ao oesnoroeste, (rumo que leva geralmente a costa), e assim caminhou algumas vinte e oito leguas, e governou depois ao oeste quarta a noroeste. Calculou que toda a costa tem o comprimento de trinta e seis leguas, sendo assás

escarpada; á ponta oessudoeste, chamada Negrilho, encontrou porto, em que se pode surgir abrigado da brisa e dar querena a um navio. O capitão do *Goude Sonne*, Jan Jarpersz. de Laet, tendo investigado todos os recantos da ilha, encontrou á sombra de terra uma grande *piragua*, como chamam as pequenas embarcações dos indios, abandonada dos seus tripolantes, que haviam fugido; nella encontrou setenta e seis couros, cincoenta pequenos vasos com sebo, e vinte porcos salgados. A 7 encontraram o capitão Banckert com a fusta, o qual como atrás se disse, foi expedido da frota na entrada de Abril. A 9 de Abril descahiram sobre a costa de S. Juan de Porto Rico na altura da ilha de Mona. Ao romper do dia 10 avistaram quatro velas, a que logo deram caça. As ditas velas, dando fé dos nossos, viraram em roda; sem embargo disto, antes do meio-dia, os nossos acercaram-se dellas, e entraram a atirar contra o navio maior, vice-almiranta daquella flotilha, em cujo mastaréo de velacho estava arvorada a bandeira do rei de Hespanha. Mantinha-se a barlavento dos outros de sua companhia, com a vela grande desferrada. Duas ou tres vezes prolongaram-se com a vice-almiranta inimiga os nossos navios, atirando-lhe com os seus canhões e mosquetes, fogo por ella correspondido. Neste entretanto deixaram-se ficar atraz dous dos navios inimigos, o *Tijger* abordou um delles e o rendeu; delle retiraram vinte e trez homens, que foram encerrados no paiol das amarras, e puzeram-lhe guarnição de gente nossa, bem como o *Nieuw-Nederlandt* junto delle para vigial-o. O *Commandeur* Banckert seguiu os outros, e acercou-se de um navio com quatorze peças, que ficára atraz; varias vezes tentou abordal-o, mas não o conseguiu porque o navio inimigo se esquivava guinando. Este labutar o trouxe occupado até á noite, perseguio o navio hespanhol até á costa, fazendo-lhe fogo sem cessar; por volta de meia-noite o abordou e rendeu, mas os hespanhoes, com excepção de sete ou oito se pozeram em salvo em terra. Esta caça fez o *Commandeur* aproximar-se tanto da costa, que teve de lançar ancora e rebocar ao mar o seu navio. O navio tomado que se havia approximado mais da costa, encalhou, pendeu sobre o lado, e assim ficou. Isto passou-se obra de doze leguas acima de S. Domingo. A 11 os nossos viram o outro naviozinho hespanhol surto á sombra de terra; seguiu para lá o batel, os nossos não encontrando ninguem o trouxeram. Foram ter também dous bateis ao navio encalhado, e tornaram mui carregados de tabaco e couros; este mesmo dia ainda lá foram ter uma vez, e ao outro duas; e porque o dito naviozinho estava mui pendido com a pôpa contra a costa, não puderam tirar-lhe as peças, e resolveram pôr-lhe fogo. O *Commandeur* seguiu para Saona, onde chegou a 13, e encontrou o *Nieuw-Nederlandt* com a nova de haver sossobrado o navio rendido. Ao outro dia o *Commandeur* deu-se pressa em seguir para S. Domingo em procura do galeão, mas foi trabalho perdido, pelo que proseguio em sua viagem para Jamaica. Os navios hespanhoes de que temos fallado, eram os que estavam á carga, quando os nossos observaram o porto de S. Domingo, como atrás se disse; o maior era um galeão, que se escapou á força de velas, e como se soube pelos prisioneiros, estava carregado de vinte e quatro mil couros, muito gengibre e outros generos; do que encalhou pouca cousa se

tirou, e no que levaram ao porto Negrilho, e alli descarregaram, acharam-se trez mil e seiscentos couros, cousa de vinte e cinco lastos de gengibre, e uma porção de madeira vermelha. A 9 de Maio o capitão Hendrick Lucifer juntou-se também com a frota.

Providos algum tanto os navios no porto Negrilho, e esmados os viveres e bebidas que havia em cada um, quando veio a 15, partio a frota e se foi pela derrota do noroeste e nornoroeste. A 17 o general vio a ilha do grão Cayman, que é mui baixa, e cujo lado oriental é mui sujo; emproou para lá, e rodeou-a pelo sul. A frota navegou todo o dia até ao pôr do sol, e era seguramente meia-noite primeiro que alguns navios aportassem. Surgio a frota em uma grande bahia arenosa á banda occidental, em doze e treze braças d'agua. A nossa gente apanhou nella muitas tartarugas e crocodillos, cujo nome trazem estas ilhazinhas. Partio a frota pela derrota do noroeste. Cahio em muitas calmarias, e as aguas a tiraram assás para oeste, com que, sem haver vista de terra, a 13 foi em altura de 21° 48'; ao outro dia observaram-se as terras altas da ilha de Pinos que era a lessudeste com os nossos navios. Alli deram caça a um naviozinho, que estava entre os Caios (assim se chamam as ilhotas de areia mui numerosas, que demoram diante da ilha de Cuba); e como nenhum dos hyates ousasse seguir o naviozinho por entre aquellas ilhotas, cujas aguas são pouco profundas, acompanhou-o Galeyn van Stapels com duas chalupas até á costa da ilha de Cuba, e o tomou, tendo os tripolantes fugido para terra. Era um naviozinho novo, e estava em lastro; poz-se-lhe guarnição, e por capitão o filho de Lucifer; isto succedeu na entrada de Junho. Ao outro dia era a frota de través com o cabo de Corrientes, que na ponta sudeste é mui sujo. Ao noroeste do mesmo cabo ha uma grande enseiada, onde se pode surgir abrigado dos ventos de leste e sul. Ponde o cabo ao sudoeste comvosco, e como virdes bom fundo,urgi. Nesta enseiada encontra-se agua doce em um poço. A 5 o general houve vista das terras altas do rio de Porcos, e pois já havia passado o cabo de Santo Antonio, bem como os Orgãos. Pairou nesta paragem e pouco caminhou para leste, pelo tempo estar bonançoso e tirarem as aguas para oeste. O general mandou lançar pregão em todos os navios, declarando que, pois achava-se a frota em uma paragem, onde com o adjutorio divino esperava fazer proveitosa sua viagem, ninguem, em sendo tomado algum navio, se desse pressa em abrir caixas e volumes, primeiro que elle desse as suas ordens, e caso tal succedesse, o damno seria lançado á conta do capitão do navio, cuja gente commettesse o delicto, e os delinquentes rigorosamente castigados. Sobre a tarde tornou a ver os Orgãos, e emmarrou-se, mas depois deu volta para terra. A 8 vio a Corôa. Ao outro dia os hyates tomaram um barcozinho hespanhol com tres homens e sessenta ou setenta tartarugas; pelos tripulantes soube-se que nem os navios de Honduras, nem a armada de Nova-Hespanha eram chegados a Havana, mas que alli se esperava chegassem em breve. Aqui ficou a frota retida alguns dias, sem deitar muito caminho; notou-se que as aguas tiravam ainda para oeste, e tanto mais tesas eram quanto mais chegado á costa; querendo pois ir para leste, haveis de evitar a terra, e

navegar pelo meio do canal em altura de 23 gr. e meio. A 13 era a frota junto do porto de Cabanas. Mencionaremos aqui de passagem o que encontramos escripto no diario de Jan Jaspersz. de Laet dos portos e surgidouros, que ha nestas partes da ilha de Cuba, passado o cabo de Santo Antão, os quaes são os seguintes: primeiramente encontrareis o rio dos Porcos, obra de vinte leguas a leste do dito cabo; depois a bahia Honda, cinco leguas a leste do rio de Porcos, nella surge-se por traz de um arrecife em quatro, cinco, seis e mais braças d'agua, como se queira; segue-se tres leguas a leste da bahia Honda o porto de Cabanas, e trez leguas mais para leste o porto Marien, os quaes trez portos são bons para navios grossos de quinhentos e seiscentos toneis, mas Cabanas e Marien são os principaes. Tres leguas a leste de Marien ha o porto chamado Baracoa, que só serve para barcos e navios pequenos; segue-se Havana, distante trez leguas de Baracoa; oito a leste de Havana ha o porto chamado de Arcoco, que serve para navios de tamanho arrezoadado, e seis leguas a leste deste fica a bahia de Matangas.

A 14 o general entrou no porto de Cabanas com cinco bateis bem tripulados, e encontrou em uma ilhazinha pegada com a terra um navio havia pouco construido, que estava quasi de todo prompto com sua mastreação, estais e massame, do porte pouco mais ou menos de cem lastos, e na ilha muitas taboas, aprestos para outro navio e instrumentos de carpinteiro, bem como alguns mantimentos. Entraram todos os navios neste porto. A dita ilhazinha foi occupada por uma bôa força; ha nella tal abundancia de mosquitos, e são tão crueis em suas ferroadas, que não ha descansar durante a noite. A 16 o general sahio em terra com alguns setecentos homens á banda oriental da bahia; encontrou um caminho trilhado, mas assim estreito que não podiam caminhar emparelhados mais de dous homens. Tendo caminhado uma hora, e passado por um regato de uma bonita agua corrente, foi ter a um *curral* (lugar onde se guarda o gado), e não encontrou os moradores, que, avisados pelos cães, se puzeram em salvo. Os nossos houveram aqui ás mãos cincoenta porcos, oito novillos cevados e muito toucinho defumado, e bem assim vinte mil laranjas, alguns mil limões, bananas e outros refrescos. Depois de descansar um pouco e deitarem fogo ao lugar, se tornaram a pôr a caminho com o seu esbulho, mas foram molestados por tão fortes aguaceiros, que passaram trabalhos por muito tempo, primeiro que fossem ter aos bateis. Neste entretanto o capitão do *Goude Sonne* sahira ao mar em sua chalupa em demanda de uma vela, que vira ao largo, e a trouxe: era um barcozinho com cinco hespanhoes, e cento e vinte tartarugas vivas. O general mandou esbulhar o navio novo, de que fallámos, de sua mastreação e tudo o mais que podia ser utilizado, e em seguida pôr-lhe fogo. A 17 foi levado ao porto mais um naviozinho hespanhol, que o *Nieuw-Nederlandt* e *Lucifer* tomaram diante de Havana, carregado sómente de peças arqueadas e outras madeiras para construção de navio; tambem foi queimado. O *Draeck* e *Westcappel* tiveram ordem de sahir para cruzar, e não longe de Havana tomaram um barco vindo de Campeche, que não continha digno de menção senão mil e duzentas gallinhas, uma caixa com cochonilha, cem piastras e alguns volumes

com sapatos e quinquilharias; estavam nelle vinte Hespanhoes. Tiraram os generos e os tripolantes e puzeram fogo ao barco. Pelos prisioneiros nada souberam da armada que se esperava. Durante todo este tempo andaram os nossos mui occupados em procurar agua; encontraram um formoso arroio, cujas aguas não eram de todo doces, mas força foi contentarem-se com ellas em falta de melhores. O general, deliberado a sahir, mandou sondar a barra, e por duas canôas, por entre as quaes passassem os navios; estes sahiram a 19 sem soffrer damno algum. Fóra da barra encontrou quatro dos hyates, os quaes pela manhã haviam tomado mais um barcozinho hespanhol carregado de tartarugas. As aguas corriam ao presente para leste, com que sobre a tarde a frota foi ter diante de Havana e tão perto della, que se podiam ver facilmente os navios surtos no porto. Os hyates acercaram-se tanto do castello de S. Christovão, que deste fizeram fogo contra elles. Segundo asseveram os Hespanhoes, este castello, que se levanta na ponta oriental da barra, monta alguns sessenta canhões, e igual numero o outro, que lhe é fronteiro e se levanta mais baixo, o que não é crível; todavia comprehende-se que os navios, que quizerem forçar a entrada, correrão grão perigo. Ao outro dia era a frota um pouco a este de Havana. O general ordenou que por aqui se conservassem dous ou trez hyates, e mandou outros tantos para oeste, que estanciarão até ao porto Marien e mais longe, para andar de vigia aos navios que viessem de mar em fóra, e elle em pessoa seguiu com os seus navios grossos e alguns hyates, e passou por dante dos castellos, cada um dos quaes o salvou com tiros. Parece que os Hespanhoes receiavam que a nossa frota entrasse no porto, pois puzeram sete navios e alguns barcos uns atraz dos outros defronte da barra. Como a frota estava ao presente acercada de terra, foram colhidas as velas, e mareando as velas de ré, singrou com prôa ao norte. Ao outro dia tornou a acercar-se da barra; e assim esteve a pairar por alli, com bom tempo. Assim estanciando a frota, a 25 as chalupas do *Draeck* e *West-cappel* tomaram um naviozinho hespanhol, procedente de Campeche, com carga de sal, milho, peixe, algumas poucas mercadorias, dinheiro, e algumas mil e duzentas gallinhas; levava tambem oito passageiros, era tripulado por doze marinheiros, por quem souberam que nem em Campeche nem na Nova Hespanha havia noticia da nossa armada.

A 26 começou o general a sentir-se incommodado, ao seguinte dia ardia em febre; e como esta se mantivesse, tendo elle dado as suas ordens sobre as cousas da frota desde o começo de sua molestia, quando veio aos 2 dias de Julho, descançou no repouso eterno, deixando nome de chefe avisado e de bravo e intrepido marinheiro. O geral dos seus choraram o seu passamento. Morte foi esta muito nociva á Companhia: como a frota estava assás desfallecida de viveres, e especialmente alguns navios, que já anteriormente tiveram de supprir com os mantimentos de outros, desde muito andava a companha pouco desejosa de permanecer no mar por mais tempo, mas continha essas suas más disposições pelo respeito que impunha o general. Tanto que este morreu, e que segundo sua vontade o pavilhão do almirante foi levantado pelo vice-almirante Adriaen Claesz., e passou a vice almirante o

sota-almirante Cornelis Claesz. Melckmeyt, acabaram-se aquelle respeito e predominio, e primeiro em um navio e depois em outro entrou a companhia a amotinar-se. E comquanto o almirante avisadamente mandasse tomar nota das provisões, que havia em cada navio, para o effeito de repartil-as igualmente por todos, não consentio a gente de alguns que delles se retirassem mantimentos, e fossem distribuidos com os que estavam desfallecidos, e fizeram força aos seus officiaes, de modo que o almirante, querendo acautellar futuras desordens e desastres, se vio necessitado a tornar com a frota para a Republica; e de feito partio caminho della, depois de se haver provido d'agua na bahia de Matangas, onde se deteve até ao dia 12 deste mez. A maior parte dos navios chegaram aqui por fins de Agosto. Esta inoportuna retirada da frota do general Boudewijn Hendricksz. das aguas de Havana não sómente foi parte para que a Companhia recebesse esta formosa armada assás falta de esbulhos e mui estragada, senão tambem para que perdesse a conjunctura mais azada, que jamais teve, de fazer damno ao inimigo, como passamos a contar.

No começo deste anno a Companhia havia apparelhado uma luzida frota para o effeito de reforçar e auxiliar a do general, e deu a capitania della ao bravo Pieter Pietersz. Heyn, de quem já havia sido bem servida. Os navios aprestados pela Camara de Amsterdam foram os seguintes: o navio *Amsterdam*, almiranta, trezentos lastos, oito peças de bronze e trinta e duas de ferro, cento e quarenta marinheiros, sessenta e quatro soldados; o navio *Hollandia*, trezentos lastos, seis peças de bronze e vinte e quatro de ferro, cento e trinta e quatro marinheiros, quarenta e quatro soldados, capitão Jan Jansz. Zuyl; o navio *Geldria*, trezentos lastos, seis peças de bronze e vinte e oito de ferro, cento e trinta marinheiros, cincoenta soldados, capitão Jan Kartensz.; o navio *Zulphen*, cento e setenta lastos, quatro peças de bronze e vinte e quatro de ferro, cento e onze marinheiros, e quarenta e quatro soldados, capitão Pieter Gerritsz. Roodt; *Pinas*, cem lastos, dezoito colubrinas, sessenta e seis homens, capitão Laurens Simonsz. van Grats; o hyatezinho *Rave* (Corvo), quinze lastos, cinco colubrinas, quatorze marinheiros, capitão Willem Joosten; *Sparwer* (Gavião), quinze lastos, quatro colubrinas, dezoito homens, capitão Jan Conraedsz. A Camara de Zelandia armou o navio *Walcheren*, duzentos e oitenta lastos, duas peças de bronze e vinte e oito de ferro, cento e cincoenta marinheiros, vinte e cinco soldados, na qual iria Cornelis Cornelisz. Oole, como vice-almirante; *Arendt* (Aguia), oitenta lastos, doze colubrinas, sessenta homens, capitão Claes Pietersz. Wittebaerdt. A Camara de Mosa concorreu com os seguintes: o navio *Neptunus*, duzentos e trinta lastos, vinte colubrinas, cento e sete marinheiros, trinta e sete soldados, em o qual iria o sota-almirante Pieter Stroffelsz. van Eycken; o hyate *David*, sessenta lastos, quatorze colubrinas, cincoenta e oito homens, capitão Thomas Cornelisz. Condé. A Camara do districto do Norte aprestou o *Oragnien-Boom* de Enchuysen, trezentos lastos, quatro peças de bronze, de vinte e quatro libras de bala, e vinte e nove de ferro, cento e cincoenta e dous homens, capitão Gerrit Jansz. Eisens. A Camara de Groninga

aprestou o navio *Goude Leeuwe* (Leão de ouro), duzentos e cincoenta lastos, duas peças de bronze e vinte e seis de ferro, cento e dezenove marinheiros, e setenta e um soldados, capitão Hendrick Best; o hyate *Vos*, setenta lastos, dezesseis colubrinas, oitenta homens, capitão Jan de Braem. Compunha-se pois esta frota de nove navios grossos e cinco hyates, o que não era uma grande força naval para por si só pôr em effeito a empreza a que particularmente foi mandada, mas junta com a do general Boudewijn Hendricksz., que andava no mar, seria em estado de poder fazer rosto a toda a armada de Hespanha.

O hyate *Vos* foi mandado diante a 11 de Abril para procurar a armada do general, e avisal-o como est'outra seguiria brevemente. Faremos primeiro breve relação da viagem deste hyate. O mez de Abril estava quasi findo primeiro que o *Vos*, pelos tempos contrarios, transpuzesse o canal; porrem depois teve tal avanço, que, sendo a 27 de Abril ainda junto do cabo Lisard, a 28 de Maio havia vista da ilha Dominica, uma das Caraibas. Como reinavam enfermidades entre a tripolação, o capitão deu fundo em dita ilha para haver refrescos dos selvagens, como houve no primeiro dia, ainda que poucos; mas no segundo dia mostraram elles sua má indole, ferindo trez dos nossos homens, e maior damno houveram feito, si a nossa gente não desse sobre elles com os seus mosquetes. A 30, passando por Guadalupe, o capitão veio á falla com dous navios francezes, que em Matinino e Santa Luzia perderam alguns vinte homens, sorprendidos e mortos pelos selvagens; sirva isto de escarmento para que tratem com muito resguardo essa canalla selvagem e má, e não saiam em terra senão bem armados, e sendo em terra, andem de sobre-aviso. Passou depois o capitão por Nieves e S. Christovão, e na altura desta ilha soube por um pirata francez que o general estivera, dous mezes atraz, na ilha de S. Vicente, o que não era verdade. A 2 de Junho chegou á banda meridional da ilha de Santa Cruz, mas, por respeito dos parceiros e penhascos, que demoram ao longo de toda esta parte de dita ilha, não pôde achar porto algum. Daqui foi ter a Saona, e não encontrando nesta ilha nenhum signal da frota, nem agua, de que andava necessitado, mui penosamente andou a bordejar para traz em demanda de Mona. Esteve no remate occidental de Porto Rico, onde houve uma pouca d'agua, bem como em Mona, e resolveu atravessar para a terra firme a ver si colhia alguma noticia da frota. A 19 de Junho partio de Mona. A 23 avistou a ilha das Aves, e deu as velas para a terra firme, e ainda á tardinha deste mesmo dia foi perto della, obra de seis ou sete leguas ao oeste de Caracas, onde avistou terras mui altas e talhadas a pique, e montes cujos picos atravessavam as nuvens. Trabalhou por deitar caminho para leste bordejando; mandou á terra uma chalupa bem armada; os seus tripolantes encontraram um rio, por onde entraram um pedaço, e viram que elle tem de largo na bocca bem um tiro de colubrina; demora cousa de seis leguas ao oeste de Caracas. A 25 era o capitão á carão de Caracas; avistou seis navios, que estavam surtos ao abrigo do forte. Como cahio em calmaria, se vio obrigado a dar fundo em cincoenta braças, que si o não fizera, seria impellido até ao alcance da

artilheria do forte. Neste entretanto appareceu um navio hespanhol vindo de leste, que se foi metter debaixo do forte, porquanto os nossos, pela calmaria, não poderam dar à vela. A 28 foi o capitão junto do cabo Caldera. A 3 de Julho houve vista da ilha Margarita. Ao outro dia chegou diante do forte, que demora a cavalleiro da grã-salina atraz da ponta de Araya. Os do castello, conhecendo os nossos, deram trez tiros de pega, que não attingiram o hyate. A 5 deu fundo na extremidade occidental da ilha Coche, sahindo gente em terra para procurar agua; não a acharam, nem viram pessoa alguma, mas sómente muitas cabras. Ao outro dia tornando os nossos a desembarcar para caçar cabras, e se fiando em não terem visto gente na vespera, descuidaram-se, e foram sorprendidos por doze ou treze hespanhoes e selvagens, que nos mataram seis e feriram gravemente trez. A 9 partio o capitão, e governou para o remate oriental de Margarita afim de haver novas da frota. Ao outro dia, não tendo sabido cousa alguma, se foi pela derrota do oeste. A 12 surgiu á banda septentrional da ilha Tortuga, onde encontrou bom ancoradouro com quatro, cinco, seis e oito braças d'agua, e ainda mais, como se quizer. Aqui encontrou agua cavando poços; partio a 14, e navegou pela derrota do nornoroeste em demanda de Saona. A 18 foi sobre ella, e surgiu para esperar a frota do almirante Pieter Pietersz. Heyn, que da outra nenhuma noticia segura havia obtido até então. A frota do almirante Heyn chegou poucos dias depois, como vamos a narrar.

O almirante Pieter Pietersz. Heyn sahio com sua frota dos portos da Hollanda e Zelandia aos 11 e 21 dias do mez de Maio. Sendo esta menos mal servida pelo tempo e pelo vento, aos 4 dias de Julho era chegada á altura de 14° 30' á banda do norte, e alli dividio-a o almirante em quatro esquadras: na primeira achava-se o mesmo almirante com os navios *Amsterdam*, *Oragnien-Boom*, *Pinas*, e os hyates *Sparwer* e *Rave*; a segunda compunha-se dos navios *Zulphen*, *Geldria*, e do hyate *David*; a terceira dos navios *Walcheren*, *Hollandia* e do hyate *Arendt*; a quarta dos navios *Neptunus* e *Goude Leeuwe*. Deu-lhes o almirante as necessarias instrucções e cartas de signaes, pelas quaes se haviam de governar. A 6 era a armada junto da ilha Barbadas, e costeou-a pelo sul; o *Sparwer* teve ordem de levar por mão as costas da ilha, a ver si nella estavam surtos alguns navios. Este hyate navegou tão chegado à terra, que os nossos poderam ver gente na praia; observaram ser a ilha arrezoadamente grossa e montuosa, coberta de arvoredos e mato; lançaram o prumo varias vezes, mas não poderam tomar fundo. Ao meio-dia era a frota em altura de 12° 13' e continuou sua viagem pela derrota do noroeste e nornoroeste. A' seguinte manhã houve vista de Matinino, que é terra mui grossa com mui altos medões, com que em partes se emparelham as nuvens, e o mais coberto de arvoredos; era a altura 14° 40'. Navegou de longo da terra, que se arruma ao sul quarta a sudeste e tambem a leste; pegado com ella ha um farilhão grande em fôrma de pão. O almirante mandou o *Sparwer* dar vista á ilha; este hyate não encontrou bom ancoradouro, era tudo fundo penhascoso e mui escarpado, pois tomou sonda de vinte, trinta, quinze, e tambem seis braças, e no comprimento de um navio grosso perdeu o fundo. Ao romper do dia 8 o

almirante avistou a ilha Dominica, terra assás grossa; costeou-a, e ao meio-dia surgiu á banda occidental della. Nesta ilha poucos refrescos se podem haver, sómente algumas fructas; encontraram nella uma arvore com folhas quasi redondas, que dá fructos semelhantes á uva verde, cujo sumo notaram ser mui util aos doentes de escorbuto. A maior commodidade que esta ilha offerece, é um formoso rio, onde se póde fazer facilmente aguada: os nossos entraram por elle em bateis, e encheram os barris. O porto, em que se surge, fica um pouco ao norte deste rio, e tem bom ancoradouro com dez e mais braças; fica quasi no meio da ilha. O almirante mandou tambem dar vista ao lado-septentrional della, e alli encontraram uma bahia grande, mas sem ancoradouro, pois obra de um tiro de mosquete da praia não poderam tomar fundo. A 11 o *Zutphen* e *Pinas* tiveram ordem de seguir para Guadalupe, onde esperariam a frota. Estes navios navegaram por barlavento das quatro ilhazinhas, que são chamadas dos Santos, pela derrota do norte quarta a noroeste; e avistaram a barlavento uma ilha rasa, que suppuzeram ser Marigalante. Ao outro dia deram fundo em Guadalupe em vinte e cinco braças, fundo de areia. Os bateis tomaram terra, mas os nossos não viram pessoa alguma, e só no dia seguinte é que appareceram alguns selvagens, de quem houveram alguns refrescos. Vendo os selvagens que eram bem tratados dos nossos, por volta do meio-dia appareceram em numero muito maior; esta gente é formosa, e anda inteiramente nua. Os nossos encontraram uma canôa na floresta, a qual tinha algumas sete braças de comprido e uma de largo, e não obstante estas dimensões fôra cavada em uma arvore. A tarde de 14 juntaram-se com elles o almirante e os seus navios. Para que podesse tornar quanto antes á sua viagem, mandou o almirante todos os commissarios dos navios fazerem em ordem trato de refrescos com os selvagens. Queixaram-se porém estes de que poucos refrescos tinham, por alli haverem ultimamente estado, diziam elles, os Francezes e Inglezes de S. Christovão, que pozeram fogo a todas as hortas e cabanas, e certamente foi esta a causa de andarem estes selvagens tão esquivos e medrosos dos estrangeiros. Ao outro dia tornou a frota a dar á vela, e caminhou ao rumo do noroeste, e a 17 estava acercada de S. Christovão. De Guadalupe a Monserrate contam-se obra de onze leguas pela derrota do nornoroeste, de Monserrate a Nieves cinco leguas pela derrota do noroeste quarta a norte, e de Nieves á ponta septentrional de S. Christovão seis leguas pela derrota do noroeste quarta a norte. A 17 a frota chegou depois do meio-dia junto á ponta noroeste de S. Christovão, e ainda póde avistar Nieves, bem como S. Eustaquio e Sabá; e proseguindo em sua derrota de longo das Virgens (que são muitas ilhazinhas intercortadas a leste da ilha de S. Juan de Porto-Rico) e da costa da dita ilha de Porto-Rico, a 21 foi ver Mona, onde ao outro dia deu fundo. O almirante não se deteve muito tempo nesta ilha, partio a 23, e navegou ora ao oeste franco, ora ao oessudoeste, e tambem ao oeste quarta a noroeste, pelo proposito em que estava de ter-se tão fóra da vista de terra quanto possível fosse, para que os Hespanhoes não dessem logo fé de sua frota, e os navios inimigos assim avisados não se deixassem ficar nos portos. Ao outro dia juntou-se com a armada o

hyate *Vos*, cujo capitão, comparecendo a bordo da almiranta, referio que, segundo a ordem que recebera, havia procurado e indagado do general por toda a parte, mas que até então nem o topára, nem colhera nova segura delle, ficando assim o almirante duvidoso sobre o que lhe cumpria fazer, mas, para em todo o caso segurar o general, assentou de ir-se sem detença pela derrota do oeste.

Proseguindo em sua viagem de longo da costa meridional de Hispaniola, sem tomar terra em parte alguma, a 28 foi ver Navaza, que é uma ilhazinha baixa e fresca de arvoredos; tinha ao meio-dia a altura de 18° 24'. No fim deste mez mandou que os navios andassem algum tanto espalhados, para melhor vigiarem os navios contrarios, e que se tornassem a juntar aos 2 dias de Agosto nas paragens das ilhas Caymões. O hyate *Vos*, que anteriormente fôra mandado a percorrer as costas septentrionaes da ilha Jamaica, a 29 chegou junto do remate nordeste de dita ilha; á noite o capitão colheu as velas, e se deixou fluctuar; largou de novo o panno pela manhã, isto para que não passasse sitio algum sem o observar. Ao outro dia o capitão viu uma abra, que lhe pareceu ser um rio; este, segundo seu calculo, demora obra de trez leguas ao oeste da ponta nordeste. Mandou para lá uma chalupa, cuja gente observou que na entrada tem sómente trez e quatro pés d'agua; não viram pessoa alguma, mas uma porção de gado ás soltas. Sobre a noite deste dia era o *Vos* distanciando quatorze leguas da ponta nordeste. Ao seguinte dia o capitão encontrou uma bahia, onde se mettem alguns ribeiros, que, comquanto mui estreitos, não lhe pareceram todavia impróprios para entrarem por elles navios levados a tóa, mormente um, cujas aguas são soffrivelmente doces, e parecem vir muito do interior da terra; viu muitos porcos, mas nenhum homem. Na entrada de Agosto continuou sua viagem de longo da costa; esteve em trez bahiazinhas, mas nellas, assim como nos sitios anteriores, só encontrou o deserto. Ao outro dia, tendo percorrido o resto da costa até ao remate noroeste, sem ter encontrado cousa digna de menção, se fez na volta dos Caymões, onde a 3 se juntou de novamente toda a frota. A 4 foram despedidos os hyates *Sparwer* e *David* em demanda da ilha Verde, que demoraria pelos 15 gr. e meio.

A frota seguiu de longo dos Caymões. A 7 o almirante houve vista da ilha de Pinos, sita sobre a costa meridional da de Cuba. Ao outro dia o cabo Corrientes era ao noroeste quarta ao oeste comsigo em distancia de oito ou nove leguas. O almirante mandou içar uma flammula ao mastaréu de vela-cho, signal aos navios para se limparem o melhor que podessem, por estar mui bom o tempo. Tendo navegado na ante-manhã de 9 sete ou oito leguas pela derrota do noroeste quarta a este, estava a frota acercada das terras delgadas do dito Cabo, e o tinha ao norte quarta a nordeste, e por não ser vista de terra, navegou ao rumo do sudoeste. Ao seguinte dia avistou uma vela estrangeira, a que logo deu caça; foi tomada a dita vela pelo vice-almirante, e a 11 levada á frota: era um hyatezinho hespanhol com carga de duzentos e trinta couros e obra de oito mil libras de salsaparrilha, vinha do golpho de Honduras, e demandava Havana. Os prisioneiros deram nova que dous

outros navios ricamente carregados sahiram com elles de Honduras, e que a armada da Terra Firme não tardaria a vir. Ao meio-dia de 13 era a altura 23° 27'; notaram que as aguas tiravam fortemente a frota para o norte. Ao outro dia a frota permaneceu quasi na mesma altura. A 15 avançou um pouco para o sul; ao meio-dia era a altura 23° 34', ou, segundo o calculo de outros, 18'. Tomaram sonda de vinte e quatro braças e depois de dezesseis, fundo sujo de pedras, que suppuzeram ser o baixo do cabo de Santo Antonio. Avistaram duas velas estrangeiras, uma das quaes foi tomada pelo hyate *Vos*, vinha de Campeche com carga de sal e peixe; a outra desapareceu antes que os nossos se acercassem della. A gente do naviozinho tomado disse que a frota estava sobre os baixos do cabo Catoche, pois ha ao norte de dito cabo uma grande baixia, onde se pesca muito peixe. Em distancia de sete leguas da costa ha sómente oito braças (com navios grossos não convém que vades muito além desta distancia), e a pouco e pouco o mar se vai aprofundando desde as oito até as dez, quinze, vinte, trinta, quarenta braças, e então vos achareis alongado da costa seguramente quinze leguas. E como a frota estava agora na paragem, em que devia esperar os navios inimigos, a todos os capitães ordenou o almirante que envergassem o velame novo. Aos seguintes dias botou o mais do caminho pela derrota de leste, e manteve-se quasi sempre na altura de 22 gr. ora 40, ora 30 minutos. A 21 era junto do cabo de Santo Antonio. O hyate *Vos*, mandado a tomar sonda dos baixos, metteu-se muito em terra por quatro e cinco braças; era tudo esparcelado com areia branca entre os parceis. A frota emmarou-se por não ser vista do inimigo. A 24 o hyate *Vos* houve vista de uma vela estrangeira, que vinha directamente contra elle, mas, entendendo o perigo, deu volta; os nossos logo a alcançaram e tomaram. Era um naviozinho hespanhol com carga de obra de trez mil couros, uma porção de sebo e o mais sal; vinha de Bayamo, lugar situado na costa meridional de Cuba; e por ser assás veleiro, foram postos nelle um piloto e oito homens do hyate *Vos*. A 27 foram vistas duas duas velas estrangeiras mettidas em terra, os nossos se enviaram a ella, e por cahirem em calmaria, a chalupa do *Arendt* tomou uma, e a outra se escapou, porque estava mui perto de terra e foi servida de uma aragem. Era a frota ao norte do cabo de S. Anton sobre uma baixia, em que havia sómente cinco braças d'agua, a qual é grande, e se estende de longo da costa até ao rio dos Porcos; ao ser tomada é inclinada, e quando se avança algum tanto para o norte penhascosa, pelo que cumpre que se ande com bôa vigia; não é bom tomar esta restinga com navios grossos, pois em uma prumada sondam-se vinte braças, em outra dez, e logo depois cinco. A vela tomada era um barcozinho com carga de mil e sessenta e sete couros, uma pouca de carne secca e sêbo. Os seus tripolantes deram nova ao almirante que o general Boudewjn Hendricksz. fallecera na altura de Havana, e sua frota se tornára via da Republica pelo estreito de Bahama, com que houve o almirante por excusado andar d'ora em vante á procura do general. Os gêneros deste barco, bem como os das mais prêsas, foram quasi todos baldeados para os navios *Hollandia*, *Geldria* e *Pinas*. Em os seguintes dias a frota ainda se deteve nas cercanias do cabo Santo Antonio

e sete e oito leguas mais para o norte delle. As terras de Cuba se representavam feitas em lombas, mas não mui grossas. No fim deste mez por tarde descahio sobre a frota um naviozinho inimigo, que foi apprehendido pelo *Goude Leeuw* na altura de 22 gr. e meio; vinha de Nova-Hespanha com carga de bolacha e farinha, uma pouca de salsaparrilha, quarenta e oito couros, curtidos e não curtidos, uma caixa com mercadorias, cento e sessenta e uma piastras, alguma prata lavrada e joias de ouro. Soube-se pelos seus tripolantes que a armada de Nova-Hespanha havia partido cousa de um mez atraz do porto de S. Juan de Ulua para Havana, pelo que era de crer que já então fosse chegada a este ultimo porto. Na entrada de Setembro a frota ainda se manteve nas paragens do dito cabo. O naviozinho tomado foi descarregado, e, esbulhado de tudo o que podia servir, largaram o casco às ondas. Vendo o almirante que era escusado deter-se no cabo, e fazendo conta que as armadas já então haviam de se achar em Havana, se deliberou a seguir para as Tortugas a ver si podia haver ás mãos alguns navios retardados. A 2 de Setembro a frota deu às velas caminho do norte; ao meio-dia era em altura pouco mais ou menos de 23°. A 4 altura de 24° 50', e ao outro dia, como fizesse bom tempo, ordenou o almirante que se limpassem os navios o melhor que podessem. Começou a frota a tomar o fundo das Tortugas em cincoenta braças, e governou então ao rumo de leste. A 6 sonda de trinta e duas braças. Ao seguinte dia altura de 24° 40', sonda de dezeseis braças; as Tortugas eram em distancia de legua e meia leste oeste com a frota. Esta navegou cinco ou seis leguas pela derrota do sudoeste, e depois obra de onze leguas pela do sudeste quarta a sul, com que ao meio-dia de 8 foi outra vez em altura de 23° 58'. A 9 amanheceu sobre o cabo da Florida em nove braças, terra delgada com praias de areia branca; estava este cabo ao norte da frota. Esta deu volta para o sul, pelo mar se fazer repentinamente raso, perdendo muitas vezes vinte braças d'agua em a distancia de um tiro de colubrina. Por volta de meio-dia o almirante avistou primeiramente seis ou sete velas, e cada vez mais, chegando por fim a contar mais de quarenta. Mandou içar a bandeira do Principe no mastro e na pôpa, e o mesmo fizeram os mais navios; por estar a barlavento da armada contraria, afastou-se até que debaixo podesse ver distinctamente e contar os navios hespanhoes. O almirante, mettido o leme a sotavento, convocou a seu bordo o conselho secreto, e posto o caso em consulta, não houveram por acertado accommeter com tão poucos navios aquelle poder de náos, pelo que soltaram-se as velas, e logo a nossa frota perdeu a vista da armada hespanhola. Si acaso a frota do general Boudwijn Hendricksz. alli se achasse junta com a do almirante, fôra esta a conjunctura mais azada, que em muitos annos se deparou, de fazer damno ao inimigo, mas Deus não foi servido de o permittir. O almirante teve não somente de deixar passar incolume a armada hespanhola, como nem sequer pôde acompanhá-la para apprehender algum navio, que se deixasse ficar atraz, por faltar-lhe a agua necessaria para tão longa viagem; e pois deu-se pressa em procurar onde fizesse aguada.

Ao meio dia de dez era a sua frota em altura de 25° 12'; olhando para traz, ainda se podiam ver os navios hespanhoes a sotavento. Ao outro dia era sobre

a costa da Florida, terra chã, coberta de arvoredos, com formosas praias de areia branca, mas não se pôde tomar sonda. A costa corre geralmente norte sul; notaram que uma corrente tesa os tirava para o norte. A frota fez-se ao largo, e navegou como duas leguas ao sudeste quarta sul, e ao romper do dia procurou fazer-se de novo á terra. A 12 andou a bordejar de longo da costa da Florida; acudiram trez canôas com selvagens á volta dos navios. Estes selvagens são de medonho-aspecto, por trazerem o corpo e a face tintos de muitos generos de côres, e mais andam nus, cobertas unicamente as vergonhas com um trançadozinho feito do entrecasco de arvores, tendo uma cauda por traz, de que pende um froco. Para commutar não tinham elles mais que certa gomma sem valor. Era a frota em altura de 28°, e ancorou em dez e onze braças, fundo de areia, apartada cousa de legua e meia da costa. Ao outro dia o almirante houve vista de uma vela estrangeira, que já tinha sido vista no dia anterior; foram os nossos traz ella, mas cahiram em calma-ria, pelo que mandou o almirante que os bateis e chalupas fossem rebocar o *hyate Vos*, e o levassem ao encontro da dita vela. O capitão do *Vos* se foi a ella com a sua chalupa e a do almirante bem armadas. Neste entretanto sobreveio um vento galerno, com que os nossos se acercaram facilmente da vela, e isto vendo os Hespanhoes deram com ella em secco, e fugiram para terra com suas armas e o melhor de suas mercadorias; assim, apenas encontraram os nossos no naviozinho algumas especiarias, quasi tudo o mais eram folhas de sené, que não foram recolhidas por estarem muito molhadas, e porque os capitães não tinham conhecimento desta mercadoria. Este naviozinho demandava Havana, e levava dez libras de ambar amarello, como se soube pelas cartas encontradas nelle. A 14 tornou a frota a dar á vela, e governou ao sul. Foram mandadas duas chalupas á terra a ver si havia agua; os Floriden-ses indicaram aos nossos que se fossem mais ao sul, onde encontrariam uma passagem; para lá seguiram incontinente, e surgiram em seis e sete braças, fundo de conchas. Alguns moradores da terra vieram em suas canôas a bordo dos navios; eram de estatura alta, e estavam nus com as vergonhas cobertas com um trançadozinho. Pareciam ser mui simples, mas mostraram-se mui trapaceiros em suas commutações, posto não levassem aos navios mais que uma pouca de ouro e ambar amarello; eram uns pescadores que assstiam naquella costa, mui alambazados no comer e insaciaveis de pão. Foi mandado á terra um troço dos nossos para segurar de todo o accommettimento os carregadores d'agua, por não se fiarem dos selvagens. Abriram em terra alguns poços, onde logo acudiu agua; mas o transportal-a é alli mui perigoso, e custou a vida a alguns homens, que se afogaram, bem como alguns esquifes, que o mar fez em pedaços, por quebrar com furia na praia. Observaram os nossos que esta passagem ou canal demora em 27° 50', ou segundo outros em 28° exactos. Tendo assim feito aguada, o almirante levantou-se com sua frota aos 22 dias de Setembro, e navegou pela derrota de leste e leste quarta a nordeste.

O almirante, assim desviado do seu principal intento, e tendo os navios cheios de viveres e outras provisões, (que, alem das suas, havia levado muitas

para a outra frota); não podia soffrer em seu coração tornar-se á Republica com as mãos vazias; se deliberou pois a empregar todos os seus esforços por avançar para leste, e ir refrescar na costa d'Africa, donde depois se passaria á do Brazil para andar ás prêsas. Longa e mui penosa lhe sahio esta viagem; muitas vezes sentio-se anojado e quasi desanimado pelo rigor do tempo e lhe não terçarem os ventos que o fizeram descahir até 46° á banda do norte e passar muitos perigos; emfim, depois de muito divagar, quando veio aos 2 dias de Novembro, houve vista da ilha do Corvo, e ao outro dia da ilha das Flores, com que ficaram mui admirados os pilotos, que pelos seus pontos se suppunham alongados dellas algumas cento e setenta leguas uns mais, outros menos. Ao seguinte dia passou a frota entre as ilhas do Pico e S. Jorge, e no outro dia foi na paragem da ilha Terceira. A-5 estava acercada do remate occidental de S. Miguel, e alli se deteve alguns dias para ser despachado para a Republica o hyate *Arendt*, em que viriam os couros e outras fazendas tomadas; este hyate, achando-se prestes no dia 10, partio de rota batida para o seu destino, e a 15 de Dezembro chegou a Zelândia. Trouxe á Republica quatro mil duzentos e trinta e oito couros, cento e duas caixas de estanho, dez caixas redondas, mil duzentas e oitenta e duas libras de salsa-parrilha, e mais algumas joias de ouro e prata lavrada. A 12 a frota foi servida de um bello vento nornordeste, e a 16 de Novembro tornou a avistar Porto Santo e Madeira. Havia na frota muitos doentes por causa da longa e trabalhosa viagem, que tiveram; fazia-se pois necessario tomar um porto em que a companhia refrescasse. Deram os nossos uma vista a Selvagem, e acharam que não a podiam tomar. A frota a 22 passou por Tenerife, e emfim foi ver terras d'Africa ao norte de cabo Verde em altura de 15° 30'. Ao outro dia passou pelo cabo Verde, e sobre a tarde surgiu diante de Refrisco. Urgia que alli tocasse, pois havia um numero tão crescido de doentes nos navios, que alguns mal podiam ser mareados; morreram tambem muitos homens. Neste lugar poucos refrescos se podiam obter, alguns animaezinhos e cousas semelhantes; assim o almirante, depois de prover-se de uma pouca d'água, quando veio a 24, partio para Serra Leoa, onde o encontraremos no começo do anno seguinte.

O anno passado a Companhia despachou pela Camara de Amsterdam para as costas do Brazil o capitão Thomas Sickes com o navio *Gulden Dolfijn*, cento e trinta lastos, trinta colubrinas, e cem marinheiros, e o hyate *Bruyn-Visch*, sessenta lastos, nove colubrinas, e quarenta marinheiros, capitão Joaquim Gijsen, que partiram do Texel aos 18 dias de Dezembro do anno passado. A 18 de Janeiro foi o *Commandeur* Thomas Sickes junto da ilha Lançarote, uma das Canarias, e ao outro dia junto da Grã-Canaria. A 20 rendeu um naviozinho portuguez chamado *Nossa Senhora do Rosario*, do porte de oitenta lastos, provido de seis colubrinas, o qual vinha de Port a Port em demanda de Tenerife com trinta homens e carga de arcos, aduellas, muitos viveres e algumas mercadorias. Como este navio durante quarenta e oito horas se havia batido com um turco nas paragens de Barles, abrira agua tão grossa que, trabalhando duas bombas dia e noite, mal se podia manter boiante, e a

24 foi ao fundo, sendo os seus tripolantes recolhidos nos nossos navios. A 29 fizeram-se encontradiços com o *Commandeur* o *Leeuwinne* de Zelandia, que se destinava ao Amazonas, o *Windt-Hondt*, capitão Direk Simonsz., e o *Trouwe* de Middelburg, capitão Hendrick Worst. A 4 de Fevereiro estavam todos em Tenerife, onde procuraram dar desembarque aos prisioneiros Portuguezes, mas a chalupa do *Leeuwinne* virou na arrebentação, e a sua gente foi presa em terra. Em os seguintes dias foram elles trocados pelos prisioneiros portuguezes. A 6 partiram os navios caminho das ilhas do cabo Verde, e a 13 apartaram-se da conserva do *Commandeur* Sickes o *Windt-Hondt* e o *Trouwe*. Pela tarde de 15 o *Commandeur* houve vista das ilhas do Sal, e ao outro dia deu fundo em S. Vicente. Aqui encontrou um navio hespanhol queimado até ao lume d'agua, e delle tirou muita lenha. A 24 despedio-se o *Leeuwinne* para continuar sua derrota. O *Commandeur* Sickes, depois de refrescar-se assás nesta ilha, de haver tomado mais de trezentas cabras, e feito boa provisão d'agua e lenha, partio aos 9 dias de Março, e passou a equinocial aos 22. Na entrada de Abril era em altura de 14° 15' á banda do sul, e ao outro dia envergou o velame novo. A 4 houve vista de terras do Brazil nas paragens dos Ilheos, e sobre a tarde avistou uma vela estrangeira, de que logo se acercou, ordenando-lhe que se rendesse; os Portuguezes pela torvação em que estavam, abandonaram o leme, vindo o navio a descahir directamente contra a prôa do nosso; e como o mar estava picado, não houve modo de se desatracarem, e foi a pique o navio contrario com cincoenta e oito negros, que eram ainda nelle, sendo recolhidos pelos nossos os Portuguezes e noventa negros. Este navio vinha de Angola, e demandava a Bahia. A 5 era o *Commandeur* a carão do morro de S. Paulo, e por alli pairou; e como se quizesse desembaraçar quanto antes dos Portuguezes e negros, seguiu para o rio das Contas, onde ancorou a 11. Neste rio foram desembarcados os Portuguezes e os negros, e os nossos fizeram provisão d'agua. Este rio das Contas, segundo observou o piloto, demora em altura de 14° 20'; tem commodidade para navios e hyates fazerem aguada, pois de baixa-mar tem quatorze ou quinze pés d'agua, de modo que um hyate pode entrar por elle e surgir, e assim segurar os bateis, que vierem do mar a tomar agua; quanto aos navios grossos, ficarão de fóra algum tanto largo da costa em quinze e dezesseis braças de bom fundo. Fica este rio cousa de trez leguas ao sul de Camamú, e outras tantas ao norte de Ilhéos. Para achal-o commodamente, acercai-vos tanto da costa que possais ver um homem na praia, e mandai então um batel navegar de longo della. Este rio em seu aspecto é uma quebrada ou abertura grande; da banda do sul ha trez ou quatro casas em um monte alto, e da do norte ha tambem duas ou trez na praia. A 13 partio dahi o *Commandeur* caminho da Bahia, em cujas paragens se manteve quatro ou cinco leguas largo da costa. A 20 encontraram-se com elle o *Windt-Hondt* e o *Trouwe*, que, como atraz fica, apartaram-se do *Commandeur* em S. Vicente. Chegados estes navios a 22 de Fevereiro em Serra Leoa, ahi refrescaram, vindo a partir a 18 de Março, e a 17 de Abril foram sobre a costa do Brazil na altura do morro de S. Paulo. O *Commandeur* resolveu entrar com elles na Bahia, como entrou, mas

vendo que onze navios alli estavam ao abrigo dos castellos, não achou prudente tentar cousa alguma ou deter-se por mais tempo. Deu volta para o sul, e encontrou o *Dolphijn*, com o qual foi ter ao rio das Contas para se bem prover d'agua, por andarem mui faltos della os hyates. D'aqui partio a 27, e ao outro dia foi outra vez nas paragens da Bahia, e andou pairando fóra da vista de terra. Na entrada de Maio era em altura de 9° 17'. Ao outro dia houve vista de uma vela, e deu-lhe caça sem detença; os Portuguezes, dando fé dos nossos, correram contra a costa e como acalmasse o tempo foram tripolados os nossos bateis, e se enviaram á dita vela, e, sendo junto della, a encontraram encalhada e abandonada dos seus tripolantes, mas pelo embate e arrebatagão do mar a não poderam safar. Depois de tirarem alguns pequenos vasos com oleo e pannos, os nosso abriram um grande buraco quadrado, por onde se precipitou a agua, e se fez a dita vela em pedaços. A 4 foi o *Commandeur* nas paragens do cabo de Santo Agostinho, e ao outro dia diante de Pernambuco. Pela tarde vio uma vela diante de si, a que logo deu caça; por noite, depois de quatro ou cinco relogios do quarto de modorra, o *Windt-Hondt* foi com ella e com alguns tiros a rendeu. Ao pôrem os do *Windt-Hondt* o seu batel ao mar, os Portuguezes largaram o panno com tenção de se escapar, mas atravessou-se-lhes diante o hyate *Trouwe*, e a tomou. Era uma caravela procedente da ilha da Madeira, e demandava Pernambuco; continha cento e oitenta pipas de vinho, e por estar mui carregada os nossos vasaram algumas sessenta pipas. Metteram nella vinte e quatro homens, tirados de todos os navios. O *Commandeur* a conservou em sua companhia e por vezes tirou della algumas pipas. Achando-se algum tanto impellido para o norte, a 9 caminhou para o sul afim de ir ter diante de Pernambuco. Ao meio-dia do outro dia foi em altura de 6° 40'. Neste dia se juntou com elle o *Windt-Hondt*. A 12 houve vista de uma vela, os nossos foram traz ella com empenho; e depois de uma curta briga a renderam; era um navio procedente de Pernambuco com carga de quinhentas e cincoenta caixas de assucar, e alguns couros seccos. O capitão do *Windt-Hondt* poz nella dezeseite dos seus homens, e a mandou para a Republica. O *Commandeur* Sickes a 17 tornou a ser diante de Pernambuco, e deu fundo trez leguas ao sul do porto. Pairou por alli; a 19 juntaram-se com elle o *Windt-Hondt* e os outros hyates. A 21, logo que foi manhã, avistou cinco velas, que de mar em fóra vinham contra elle, e suppondo ser o bispo, que os Portuguezes esperavam todos os dias de Portugal, levou ancora e se apercebeu para o combate, mas, em se acercando dellas, vio serem navios da Companhia, a saber, o *Leeuw* de Zelandia, capitão Jacob Bartsz., *Stadt en-Landen* de Groninga, capitão Hendrick Cornelisz. Reus, o *Bruyn-Visch*, capitão Joachim Gijzen, o *Brack* de Zelandia, capitão Jacob Adriaensz. Tant, com uma prêsa, que elle fizera, carregada de farinha e algumas poucas mercadorias. Esta presa havia sido tripolada e artilhada com duas colubrinhas. O *Windt-Hondt*, o *Trouwe* e o *Brack* foram mandados a S. Aleixo para desembarcar os prisioneiros portuguezes. A 24 avistaram os nossos uma vela que perseguiram; approximaram-se della, mas, como cahiram em bonança, não poderam os navios proseguir, e lançaram-se os bateis ao mar; refrescou porém

o vento, e o navio encalhou no cabo de Santo Agostinho, não ousando os nossos ir ter junto delle, porque os Portuguezes se apresentaram em grande numero na praia. Ao outro dia o *Commandeur* deu fundo diante de Pernambuco, e a 26 foram com elle os hyates: haviam estes dado desembarque aos Portuguezes e trouxeram uma carta dos da terra, em que fingiam querer resgatar o barco carregado de vinho e outro carregado de farinha, pelo que o *Brack* e o *Trouwe* tiveram ordem de se approximar do arrecife para esperar a gente de terra. A' noite de 28 para 29 vieram de terra trez canôas bem tripoladas, e abordando o navio do vice-*Commandeur* lançaram dous fogos de artificio na popa e um no grande *tuft* (?), os quaes começaram a queimar, mas os nossos, dando logo fé delles, apagaram o incendio. O *Windt-Hondt* teve ordem de ir buscar os hyates, e a 2 de Junho se juntaram com a frota. Assentou-se em que a prêsa com carga de vinho fosse descarregada e queimada, e que seguissem para as aguas da Bahia o *Leeuw*, o *Trouwe*, o *Brack* e a tomadia deste, pairando dous ao sul e dous ao norte da barra, com ordem de se terem por alli até a entrada de Julho, em que dariam volta para Pernambuco. Nas aguas deste, perto do cabo de Santo Agostinho ficariam o *Dolphijn* e o *Windt-Hondt*; o navio *Stadt en Landen* com o *Bruyn-Visch* estacionaria trez ou quatro leguas as norte do porto de Pernambuco. A todos estes navios foi dado regimento de esperarem uns pelos outros na ilha de Fernando de Noronha durante um mêz, caso não se encontrassem nas paragens de Pernambuco findo aquelle praso. A 3 partiram, seguindo cada qual para o seu destino. Desde o dia 3 até 6 o *Dolphijn* e o *Windt-Hondt* andaram a cerrar o vento para se irem ao lugar determinado, pois o vento soprava rijo do sudeste e lessudeste; cahiram sobre os 5 gr. e 14 min.; a 10 porem começaram a avançar algum tanto, e a 13 foram ver o cabo de Santo Agostinho, donde seguiram para a ilha de Santo Aleixo para haverem legumes para a tripolação, pois havia no *Dolphijn* muitos doentes de escorbuto. E como o *Commandeur* Sickes poucos legumes alli obtivesse para refresco de sua gente, assentou seguir com o *Dolphijn* para a ilha Fernando de Noronha, ficando o *Windt-Hondt* a cruzar nas paragens do cabo.

O *Windt-Hondt*, alli estanciando, a 22 por tarde houve vista de uma vela, de que se acercou ao outro dia pela manhã, e tomou-a perto do porto de Pernambuco e a carão delle. A dita vela carregava todo o genero de mercadorias embalada; ia de Portugal para Pernambuco. O *Windt-Hondt* fez-se um pedaço ao largo com ella, e as aguas o puxaram tanto para o norte, que a 29 se achou diante do Rio Grande; o capitão, não deparando sitio accommodado para dar desembarque aos prisioneiros, resolveu seguir com sua tomadia para as ilhas Caraibas, por lhe parecer que para o sul não poderia botar caminho. A 20 de Julho foi na altura de S. Vicente, e por não poder tomar o porto, deu as velas em demanda de Granada, onde foi surgir, e se proveu de lastro, agua e lenha com perda de dous homens, que foram sorprendidos e mortos pelos selvagens. Não se achava o capitão no verdadeiro porto, e teve de caminhar mais um pouco para tomal-o, e nelle houve muitos refrescos. A 29 tornou a partir. Desembarcou os seus prisioneiros na ilha Margarita, e

atravessou para Porto-Rico, junto da qual ilha chegou a 10 de Agosto. Proseguindo em sua viagem, passou entre esta ilha e a de Hispaniola, e a 6 de Outubro chegou à Republica com sua presa. Nesta foram encontrados cinco mil quinhentos e cincoenta e trez panninhos de algodão, quatro mil trezentos e noventa e trez listrados, dez peças de tafetás colorido, sessenta e trez pannos de lã grossos, e vinte barrilzinhos com bugias.

O *Commandeur* Thomas Sickes chegou à ilha Fernando de Noronha a 26 de Junho, e nella se restabeleceu bem depressa a sua gente. Deteve-se ahí até ao ultimo dia de Julho, e como se lhe não fizesse contradicho nenhum dos navios, resolveu ir-se de novo á costa do Brazil, e, tendo deixado em terra cartas de aviso, levantou ferro na entrada de Agosto. A 4 foi na altura de 5º 40'; vio os baixos de S. Roque, e fez-se na volta de leste. Ao outro dia amanheceu perto delle uma vela; immediatamente largou todo o panno, e se foi traz ella; sobre a tarde acercou-se de dita vela, e tomou-a. Era um naviozinho portuguez do porte de cincoenta lastos, que ia do Rio de Janeiro para a ilha Terceira, com carga de cento e oitenta e quatro caixas de assucar, algum tabaco e doces; chamava-se *Nossa Senhora de Streles*. O *Commandeur* poz nelle um capitão, um piloto e oito dos seus melhores homens, e mandou-o com sua carga via da Republica, depois de haver tirado vinte caixas, pois estava mui carregado e sem espaço na coberta. Este naviozinho apartou-se delle a 8. Ao outro dia o *Dolphijn* se achou por descuido sobre os baixos de S. Roque; o *Commandeur*, tendo tomado sonda sómente de sete braças, deu volta immediatamente para o norte, e por fortuna safou-se. Os ventos, mantendo-se no quadrante do sul e soprando rijo, não lhe permittiram seguir para a costa do Brazil; resolveu pois navegar para Serra Leôa, onde proveria o seu navio e refrescaria a companhia, e de feito para lá seguiu a 5 de Setembro.

A 8 houve vista de terra, e suppoz estar diante do rio de Serra Leôa, e sendo salteado de um pé de vento com negridão de tempo, entrou nelle, e sendo dentro vio que era em Sarbara, que demora obra de sete ou oito leguas ao sul de Serra Leôa; e pois partio ao outro dia, e a 11 foi em Serra Leôa, onde surgiu. Aqui refrescou até ao dia 4 de Outubro, quando partio, vindo a passar a linha aos 27 do mesmo mez. Ao seguinte dia houve vista da ilha de S. Matheus, e a 30 do cabo de Lopo Gonsalves, o que era contra os calculos dos pilotos, tanto haviam as aguas puxado o *Dolphijn* para leste; e no ultimo dia do mez alli deu fundo para prover-se d'agua. Tornou a partir a 5 de Novembro, e diligenciou fazer-se na volta do Brazil. A 11 vio outra vez S. Matheus. A 22 foi em altura 3º 50', e governou ao oeste franco para tomar a ilha de Fernando de Noronha. Ventou muito do sul, com que a 30 foi ver a dita ilha, e aportou nella; mas, pela furia com que quebrava o mar, não pôde a sua gente sahir em terra antes do dia 5. Bem provido d'agua e limpo o navio, o *Commandeur* tornou a 9 á sua viagem. A 11 houve vista da terra firme do Brazil em altura de 6º 36'. A 13 foi em altura de 7º, e ao outro dia amanheceu com duas velas, uma a barlavento de través com elle, e outra atrás; deu caça a esta, que estava mais á mão, mas sobreveio a noite, primeiro que fosse

com ella, e por estar tão mettido em terra que tomou sonda somente de cinco braças, e se temer de parceiros encobertos, deu volta para o norte. A' manhã de 15 vio outras duas velas, uma adiante e outra a sotavento de través consigo; deu caça immediatamente a esta. Como a vela estava chegada á terra e acabava de soltar o panno, e caminhou primeiramente um pedaço ao norte, o *Commandeur* a deixou ir, e içou bandeira portugueza, o que vendo o inimigo, e fazendo conta ser o *Dolphijn* navio portuguez, aproximou-se bastante delle, mas, entrando em duvida, deu volta, e poz prôa á costa. O *Commandeur* deu primeiramente quatro tiros, e logo mandou a ella a chalupa com quatorze homens; vendo os Portuguezes que se não podiam escapar, metteram o navio por entre os parceiros, e deram com elle sobre um banco pegado á terra, e se puzeram em fugida em numero de trinta e quatro. Faziam tenção de metter no fundo o seu navio, mas os nossos foram logo com elles: saltavam de um lado, quando os nossos entraram pelo outro. A nossa gente assenhoreou-se do barco, e o levou d'alli, e por estar mui carregado, foram tiradas sobre a tarde dez caixas de assucar, e ao outro dia dezenove. O dito barco foi tripulado por dezenove homens. Ao meio-dia tornou o *Commandeur* a avistar outra vela, e mandou a ella o barco ultimamente tomado; este brigou com o navio inimigo, que, por estar melhor artilhado e defender-se bravamente, bem como por não poder chegar-se a elle o navio grosso, se escapou depois de algumas horas de luta. Dos nossos foram feridos trez, pelo que o *Commandeur* poz mais gente no barco, prefazendo o numero de vinte e dous homens. Ao meio-dia de 18 foi em altura de 8 gr. e meio. Ao dia seguinte deu fundo ao lado do porto de Pernambuco em quinze braças, fóra da vista de terra. A 21 fez-se á vela e governou ao sul com vento lesnordeste. Logo depois avistou uma frota de vinte e dous navios, que ia diante de si caminho do sul; o *Commandeur* cerrou o vento para bem reconhecer a frota, e approximando-se della por volta do meio-dia (pois a frota dera volta para vir ao seu encontro), vio que eram navios portuguezes, entre os quaes havia treze ou quatorze com velas redondas, e alguns assás grossos, nomeadamente a almiranta, vice-almiranta e sota-almiranta, que lhe pareceu terem duas bandas de artilheria; os mais eram caravelas, e uma dellas bastante grossa. Todos os navios estavam pouco mettidos n'agua, o que fez crer ao *Commandeur* que não continham senão muitos soldados. A caravela pretendeu tomar-nos o barco, mas o *Dolphijn* atirou-lhe trez vezes, e ella retrocedeu. Os nossos fizeram tambem fogo contra o vice-almiranta, que igualmente os salvou; mas, havendo o *Commandeur* que naquelles navios não faria prêsa, deu volta, e afastou-se da frota fazendo força de vela. A frota acompanhou-o, mas, pois nenhum dos seus navios grossos podiam alcançar os nossos, e os pequenos não ousavam approximar-se, sobre a tarde abandonou o *Commandeur* e seguiu para o norte. O barco tomada foi descarregado; encontram-se nelle sessenta e sete e meia caixas de assucar, o mais era farinha, de que os nossos tomaram a porção que lhes era necessaria, e esbulhado o barco de tudo o mais, pozeram-lhe fogo. Isto succedeu em altura de 9°. Limparam um pouco o navio. O *Commandeur* caminhou um pouco mais para o norte, fazendo tenção de pairar

ainda por algum tempo nas aguas de Pernambuco. A 28 vio uma vela diante, que vinha contra si; fez immediatamente força de vela para alcançá-la, mas ella, vendo os nossos, virou de bordo para o sul, e pouco depois para o norte, tendo-se juntado com outro navio. Vinham pois ambos contra o *Commandeur*, que, entendendo serem navios de guerra mandados em sua perseguição, não teve por avisado expor o seu navio e tripolação, tanto mais quanto, por estar o mar cavado, não se podia utilizar da sua banda inferior; deu ás velas caminho do norte para afastar-se dos ditos navios. A pouco e pouco o foram as aguas levando para o norte, e assim não tendo ensejo de caminhar para o sul, se foi via da Republica no começo do anno de 27, e, depois de haver passado muitas tormentas e contrariedades, aqui chegou aos 22 dias de Março.

Advertimos atraz que os dous hyates *David* e *Sparwer* foram enviados a procurar certa ilha; escreveremos alguma cousa das suas aventuras. Separaram-se da frota a 4 de Agosto, obra de duas leguas ao sul do pequeno Cayman, e navegaram pela derrota do susudoeste. Ao outro dia foram em altura de $17^{\circ} 48'$, e a 6 na de $16^{\circ} 50'$. Este dia caminharam geralmente ao rumo do sul e sul quarta a sudeste. Ao seguinte dia tomaram sobre a noite sonda de 20 braças, e viraram quasi todos os relogios. Ao meio-dia altura de $16^{\circ} 11'$; muita calmaria. Ao meio-dia de 9 altura de $15^{\circ} 40'$; no quarto de modorra tomaram sonda de treze e quatorze braças. Ao seguinte dia caminharam ao sudoeste e sudoeste quarta a sul; depois do meio-dia perderam o fundo; sobre a noite 15° de altura; no quarto de prima fundo pelo menos de dez braças, mas no quarto d'alva fundo de oito e sete, pelo que pairaram até ao romper do dia. A 11 navegaram ao rumo do sudoeste e oessudoeste com boa carreira, e não tiveram fundo de menos de quatorze braças. Ao outro dia tiveram um só fundo; surgiram sobre a noite em quinze braças, fundo de areia. A 13 caminharam pela derrota do sudoeste quarta a oeste; tomaram sonda de cinco braças; depois do meio-dia avistaram terra ao sudeste quarta a leste com elles; emproaram para a costa. Viram uma ponta escarpada e terra chã; á noitinha surgiram em dez braças, fundo de areia. Ao outro dia o *Sparwer* acercou-se da ponta; viram uma angra, e o mais terra igual, coberta de arvoredos, lançada ao sudoeste quarta a oeste. De longo da terra, nove, oito, sete e seis braças, fundo de boa tença. Em distancia de uma legua da banda noroeste do rio, viram uma bahia, bem como fumo dos selvagens. Esse rio pareceu-lhes ter de largo mais de uma legua, e em frente d'elle ha um baixo, que tem somente 9 pés d'agua. As suas aguas rompem o mar bem legua e meia, e são esbranquiçadas como o Ye diante de Amsterdam. A ponta noroeste sahe mais ao mar que a sudeste; navegando avante, a ponta sudeste se vos põe atraz do noroeste, e fecha o rio. Surgiram á noite em sete braças, fundo de boa tença; e aqui se detiveram pelo rigor do tempo até o dia 16, que foi quando seguiram de longo da costa occidental em procura da bahia de Carthago. Viram primeiramente o mencionado rio; as terras altas de Santa Cruz apresentaram-se soberbas sobre terras baixas; do lado lessudoeste ha uma serra, como uma sella, outra mais ao oeste com trez pontas, a maior e mais

comprida fica ainda mais para oeste. Como vós as tiverdes posto ao sul e sul quarta a sudeste obra de cinco leguas comvosco, seguem-se dous montes mais baixos, que parecem demorar no mar, mas, em vos approximando, vereis que se prendem á terra firme, e aquelle rio estará entre sudoeste e sul comvosco. E como fordes em distancia de uma legua da praia, começa a se abrir uma grande bahia, em cuja bocca está um farilhão redondo; navegando ao nornoroeste, a bahia se abre de todo, mas, depois que virdes mais trez parceiros pequenos que nella ha, torna a se fechar. Suppuzeram ser a bahia de Carthago. A' tardinha ferraram as velas de gavea; altura de 15° e 30'; á meia-noite perderam o fundo. Ao seguinte dia deitaram caminho primeiramente ao norte quarta a noroeste, e depois ao sul quarta a sudoeste; altura 15° 20'. A 18 navegaram para a costa ao rumo do sussueste; encontraram de novo fundo, e surgiram á noitinha sobre a costa em vinte e seis braças. A 19 surgiram junto daquelle rio, onde entraram em um batel bem tripolado mas não encontraram pessoa alguma. Ao outro dia, proseguindo em sua viagem, foram em altura de 15° 50', e surgiram em vinte braças, fundo de areia. A 21 caminharam ao rumo de leste, e sobre a noite houveram vista de algumas ilhotas rasas, onde havia muitos passaros; deram fundo em vinte braças. A 22 navegaram ao sul e sul quarta a sudeste; depois do meio-dia deram volta para o nordeste, e surgiram em vinte e seis braças de firme tença. Ao outro dia navegaram a lessudeste e sudeste quarta a leste; foram salteados de tão fortes travados, que quasi sossobraram; sobre a noite surgiram em vinte e duas braças, fundo igual ao outro. Navegando ora ao rumo de susudeste, ora ao de nornordeste, foram ver aos 25 dias terra mui baixa, e surgiram em treze braças, fundo de areia; passaram-se á terra, mas não colheram noticia alguma. Levaram ancoras, e caminharam ao susudeste; pela tarde avistaram terra, e surgiram em vinte e uma braças, fundo de boa tença. A dita terra parecia umas ilhotas ainda não marcadas nas cartas. Ao outro dia caminharam a leste e leste quarta a sudeste, e tendo-se acercado de terra até quatro braças, deram volta. A terra é toda penhascosa com quebradas. Ao meio-dia viraram de bordo para lessudeste em demanda de terra, á tardinha afastaram-se della, e á noite surgiram em 25 braças, fundo de areia. A 27 diligenciaram montar aquella terra com quebradas, e, tendo-a montado, andaram alguns dias occupados em demandar de novo terra; permaneceram na altura de 15 até 16 gr. e 26 min. A 2 de Setembro tornaram a ver a terra firme, e surgiram em nove braças, fundo de boa tença. Ao outro dia foi a bordo uma canôa com selvagens, que indicaram aos nossos um rio, que ficava para oeste, mas o vento não permittio que lá fossem ter. Sobre a noite deram fundo diante de um rio em distancia de uma pequena legua da costa. Os selvagens chamam este rio *Cataski*, e é o mesmo junto do qual estiveram anteriormente. A 4 entraram nelle, e compraram refrescos aos selvagens. Estes são mui vergonhosos; trazem as partes pudendas cuidadosamente cobertas, e não deixam ver as mulheres; não traziam consigo arma alguma. Aquí se detiveram os nossos até ao dia 10, e tomaram bastante agua, com que ficaram providos della para bem seis semanas. Partiram, e trabalharam por se

remontar, mas as aguas os impelliram mais para baixo. A 14 passaram por um rio, cujas aguas rompiam o mar pelo espaço de bem duas leguas e meia, e eram salobras; achavam-se em altura de $15^{\circ} 11'$. Ao outro dia navegaram ao sul e sul quarta a sudeste de longo da costa; depois do meio-dia viram algumas cabanazinhas em terra; encontraram alli selvagens, que os receberam com amizade, e os convidaram a sahir em terra; os nossos porém tornaram para bordo dos hyates, para onde levaram os selvagens varias fructas e uma tartaruga tão grande, que a tripolação comeu della bem dous dias. Sobre a noite surgiram em duas braças, fundo de areia, em altura de 14 gr. e meio. Em os seguintes dias caminharam geralmente ao norte e ao nornoroeste, mas pouco avançaram por respeito da calmaria. A 18 surgiram junto da bahia (segundo suppuzeram) do cabo de Graças a Dios, em altura de $15^{\circ} 12'$; aqui fizeram agua e lenha até 22. Caminharam de novo ao rumo de lesnordeste. A 23 depararam uma ilha, e a tomaram; encontraram uma escudella verde de Hespanha em terra no meio desta ilha, e numerosos fragmentos de pequenos vasos; em torno de dita ilha havia tubarões aos milhares, pelo que deram-lhe o nome de ilha dos Tubarões. Ao outro dia, como não podessem montar esta ilha, deitaram caminho pela derrota do sul, e sobre a noite surgiram em dezoito braças, fundo de areia. Pairaram por alli. Na entrada de Outubro houveram vista da ilha de Santa Anila, ou, como outros a chamam, S. Milan, e ao outro dia surgiram na ponta sudoeste della em dez braças; altura de $16^{\circ} 31'$, que é muito differente daquella em que se encontrava anteriormente esta ilha notada nas cartas. Esta ilha não é mui alta, está coberta de arvoredos; bota algumas areias ou restingas em forma de cauda; aquella ponta tem um parcel, que sahe ao sul. O porto é optimo; si estiverdes surtos em treze braças, nenhum dos ventos, que cursam nessa costa, vos estorvará, e podereis fazer-vos sempre ao largo. Sobre a noite os hyates se fizeram á vela, seguindo a derrota de oeste e sudoeste quarta a sul. A 7 attingiram a altura de $17^{\circ} 40'$, e ao outro dia voltaram a de $16^{\circ} 12'$; no quarto de prima tomaram sonda de vinte e trez braças, fundo de areia, e surgiram. A 9 era a altura de $15^{\circ} 50'$, e surgiram em trinta e nove braças, fundo de boa tença. Ao outro dia achavam-se em altura de $15^{\circ} 34'$, e surgiram em vinte braças, fundo de firme tença. A 11 avistaram a terra firme, e á tardinha foram sobre a costa a carão do rio Cataski, e surgiram em dez braças, fundo de firme tença. Aqui estiveram retidos até ao dia 18, quando partiram. A 19 avistaram as serras de Santa Cruz, e deram volta para o mar; a 20 surgiram ao lado do cabo Cameron, segundo sua supposição, em dez braças, fundo de barro, e alli se detiveram até ao dia 26. Fizeram aguada com grande perigo, pelo tempo borrascoso que fazia. Partiram navegando de longo da costa ao rumo de oeste e oeste quarta a noroeste. A 27 passaram o cabo Cameron, e á tardinha avistaram as terras grossas do cabo de Honduras. Ao outro dia amanheceram com a ilha Guanaxa á vista, e no quarto de prima a tomaram, e surgiram em dez braças, fundo de areia. Os de terra fizeram á noite muitos fogos; os nossos chamaram por elles, mas não quizeram ir a bordo, e subiram um monte com os seus fogos, onde os trouxeram accesos toda a noite. Os nossos, ao

outro dia, vogaram para terra nos bateis, fallaram com os Hespanhoes, mas como estes não quizessem ir a bordo, nem os nossos ousassem saltar em terra, os hyates tornaram a partir. Navegaram pela derrota do norte e nordeste; a 30 foram em altura de 18° 44', e na entrada de Novembro na de 19° 54'. Ao meio-dia de 4 avistaram terra a lesnordeste comsigo, era o cabo de Corrientes na ilha de Cuba; altura de 21 gr. e meio; caminharam então ao noroeste e nornoroeste até á luz do dia. E assim foram dar sem o saber e por sua inexperiencia no estreito de Bahama, e depois de passarem grão perigo sobre a costa da Florida e Nieuw-Nederlandt, chegaram á Republica no ultimo dia do mez de Fevereiro do anno seguinte.

Não quizemos omittir esta viagem, porque faz conhecidos alguns sitios de boa disposição das regiões e ilhazinhas vizinhas de Honduras; e nunca nos demos tanto ao trabalho de procurar agulha em palheiro. Metteu-se em cabeça ao bom homem Ackersloot que havia por ahi algures certa ilha verde e abundante de ouro, e com esta illusão andou seduzindo a tanta gente, que enfim obteve fossem mandados aquelles hyates em procura de dita ilha, mas baldados foram o tempo e dinheiro gastos! E' sempre nocivo despender capitães por cousas incertas, e deixar-se a razão dominar da cobiça, mormente quando faz fundamento em dados tão pouco seguros.

Acompanhemos agora á Republica o almirante Lam, que o anno passado deixámos no rio Gabão. Aos 5 dias de Janeiro deste anno levantou ferro, fazendo tenção de buscar o cabo de Lopo Gonçalves; a 7 passou a linha, e a 11 achava-se a carão do rio Olibatte. Avistou o cabo de Lopo Gonçalves ao oeste quarta a sudoeste comsigo, e nelle aportou depois de meio-dia. Os negros foram a bordo, e queixaram-se do aggravo feito ás suas mulheres e damno ás suas fazendas pelos tripolantes de dous navios das Indias Orientaes, que ahi se detiveram algum tempo, e declararam aos nossos que, si tal fizessem, elles se haviam de precatar, pelo que o almirante mandou lançar pregão em todos os navios, prohibindo á sua gente a pratica de actos semelhantes áquelles, sob pena de rigorosos castigos. A 16 juntaram-se com o almirante os hyates *Tonijn* e *Bruyn-Wisch*, que tinham feito trato em Benin. O almirante se deteve alli até á entrada de Fevereiro, adoecendo muita gente em todos os navios; e depois de refrescada a companhia e providos d'agua os navios, partio com a frota, fazendo tenção de tomar a ilha do Anno Bom, por causa dos seus doentes, mas bem depressa vio que as aguas, correndo tesas ao norte, impelliam os navios para traz, de modo que teve de voltar para o cabo, onde deu fundo a 8. E comquanto notasse que as aguas continuavam a correr fortemente para o norte, e que portanto era pouco provavel poder avançar para o sul navegando ao longo da costa, todavia tornou a levantar-se com sua frota aos 24 dias. A 26 avistou o rio de Santa Catharina. E porque o seu tempo estava mui adiantado, na entrada de Maio resolveu atravessar para a costa do Brazil, a ver si nas aguas de Pernambuco faria présas. A 7 avistou a terra firme de Angola, e se fez na volta de oeste. Antes do meio-dia de 15 houve vista da ilha de Anno Bom, que estava diante de si, e tomou o porto costumeado na ponta septentrional della. Mediante uma dadiva, obteve licença do

governador para commutar refrescos. Esta ilha é mui alta, e abundante de laranjas, limões, bananas, cocos e outras fructas. O povo que a habita, é mui forte, de estatura elevada e corpos enxutos, e entretanto deixa-se governar de um portuguez, como si foram criangas. D'aqui partio a 22, e muito teve que fazer primeiro que perdesse a vista de dita ilha. Só a 7 de Abril foi a frota servida do desejado vento sudeste, e era então em altura de 4 gr. e meio á banda do sul. O almirante mandou dous hyates diante para avisal-o, tanto que houvessem vista de terra, como houveram a 21, ainda que, segundo o calculo dos pilotos, estivesse a frota bem cem leguas arredada da costa. Com duzentas e oitenta braças de linha não poderam tomar sonda naquella paragem. Ao outro dia avistou-se o cabo de Santo Agostinho; mas o almirante, não havendo por avisado aproximar-se mais, resolveu fazer-se na volta das ilhas dos Açores. No ultimo de Maio houve vista da ilha das Flores cousa de duas leguas a leste comsigo, e como nos navios comesçassem a sentir falta de certas cousas necessarias. não lhe pareceu dever deter-se mais tempo por alli, e pois deu volta para a Republica, onde chegou aos 20 dias de Junho.

FIM DO TERCEIRO LIVRO

SUMMARIO DO QUARTO LIVRO

Continuação da viagem do almirante Pieter Pietersz. Heyn. E' tomado um navio, que da Madeira se dirigia á Bahia. O almirante chega ás costas do Brazil. Entra na Bahia, e rende vinte e dous navios. O seu navio encalha em um banco, e perde-se. Vão o navio *Oragnie-Boom* de Enchuysen. Os despojos são mandados para a Republica. São tomados mais dous ou trez navios com negros, que, por não serem uteis aos nossos, são desembarcados em Taperica. A frota parte da Bahia. E' tomado um navio com 190 caixas de assucar, procedente do Rio de Janeiro. Os nossos navios se espalham por aquellas paragens. Entram no rio do Espirito-Santo, onde obtêm refrescos. E' tomado um navio de Lisboa com carga de vinho. Disposição do rio. A frota retira-se delle. O almirante a divide, e segue com sua esquadra para a Bahia. Aqui são saqueiados e queimados dous navios inimigos. Alguns Portuguezes são aprisionados, e por elles tem o almirante noticia de que cinco ou seis navios carregados se achavam surtos em um rio; entram os nossos em dous hyates por esse rio. onde primeiramente só encontram um navio vasio. Os bateis descobrem os navios. O almirante em pessoa vai ter com elles, e assenhorea-se de um navio, em que o inimigo perde seguramente cento e cincoenta homens. Toma mais dous navios com oitocentas e cincoenta caixas de assucar. Esses navios são levados para fóra, mas um tomba e rebenta-se. O inimigo impede a retirada, afundindo um navio e postando mosqueteiros por traz de um parapeito. Os nossos queimam na baixa-mar o navio afundido. O almirante resguarda os seus navios e bateis com couros, e faz sahir os navios e hyates por meio de ancoretes, sem soffrerem damno. O inimigo perde ao todo quatrocentos homens. Os navios tomados são descarregados. Os outros navios se juntam com o almirante. Parte este da Bahia, e vai ter á ilha de Fernando de Noronha. Como se ha de tomar esta ilha, largando das costas do Brazil. O almirante torna á Republica, tendo de caminho tomado um navio procedente de Pernambuco com carga de assucar, tabaco e pão-brazil. Viagem de Hendrick Jacobsz., que parte da Zelandia. Chega ao rio das Amazonas, e depois entra no Wiapoco, onde desembarca alguns colonos. Narração do que succedeu a alguns colonos no rio das Amazonas e Wiapoco. O almirante H. Jacobsz. parte do Wiapoco, e vai ter a S. Vicente, Granada, ilha Branca, Orchila e bahia Honda; disposição destes lugares. Juntam-se com o almirante o *Kater* e *Brayn-Wisch*. Donde e quando partiram estes hyates. Tomam um barco portuguez com escravos, e o deixam seguir viagem. Disposição das ilhas Tabago e S. Vicente. Tocam em Santa Luzia, Matinino, Dominica, Guadalupe, Marigalante, Desejada, Antigua, S.

Christovão, S. Martinho e Barbada; tornam a S. Vicente, e tentam entrar em Maracaybo. Tomam uma galera com vinhos. Chegam a Aruba, e diante do Rio da Hacha. Queimam um naviozinho hespanhol. Tendo-se juntado com os hyates da Zelandia, atravessam para a ilha Hispaniola. Chegam ao cabo Tiburon. Seguem para os Caymões. Ancoram junto do cabo Corrientes. Tomam uma galera procedente de Nova-Hespanha. Avistam dous navios grossos hespanhoes; abordam-nos, e tomam a vice-almiranta, que vinha de Honduras. Voltam com o seu esbulho para a republica. O hyate *Bruyn-Wisch* toma um barco; segue para as aguas das Tortugas; chega diante de Havana. Situação deste porto. Navega ao longo da Florida para Nieuw-Nederlandt, e chega á Republica. Feitos de Dirck Simonsz. van Uytgeest. Partida do *Eenhoorn* e *Windt-Hondt*. Este junta-se com Dyrek Simonsz.; toma um navio procedente de Lisboa. Cruzam junto do cabo de Santo Agostinho. Junta-se com elles o *Eenhoorn*, e seguem para a Bahia. Os outros dous hyates tomam um navio com negros. Dão na costa com dous barcos, e tomam mais outro, bem como um naviozinho com vinhos. Chegam á ilha de Fernando de Noronha. Tornam á costa do Brazil. Tomam um navio com quatrocentas caixas de assucar, e segue com elle para a Republica o *Windt Hondt*. O *Otter* toma dous navios com carga de assucar.

LIVRO QUARTO

1627

O almirante Pieter Pietsz. Heyn, que deixámos o anno passado em Serra Leôa, tendo a sua gente sufficientemente refrescada, reparados os navios e abastecidos das necessarias provisões d'agua e lenha, partio com sua frota aos 19 dias do mez de Janeiro deste anno, e trabalhou por atravessar a linha e ir ter á costa do Brazil. Na entrada do mez de Fevereiro foi em altura de 5° 24' á banda do norte; pela tarde vio adiante uma vela, que sobre a noite foi alcançada e tomada pelos hyates: era um navio que da ilha da Madeira seguia viagem para a Buhia de Todos os Santos com carga de centó e cincoenta pipas de vinho, algumas caixas com baêtas, sarjas, telas e outras mercadorias. O vinho e fazendas foram distribuidos pelos navios, e esbulhada a préza quanto foi possível, puzeram-lhe fogo, sendo a sua tripolação baldeada para a frota. Esta, retida pelas calmarias, só a 15 conseguiu atravessar a linha; depois porém levou melhor carreira, vindo a achar-se em altura de 13° 20' de lat. sul aos 25 dias do dito mez de Fevereiro. E porque era o designio do almirante seguir directamente para a Bahia e nella entrar, determinou a ordem que levariam os navios ao entrarem, e mandou a cada um dos capitães suas instruções por escripto, pelas quaes se haviam de governar. Ao outro dia a frota governou ao rumo de oeste com bom tempo e vento leste; era a altura 13° 6'. Na entrada do mez de Março caminhou ao oeste quarta a noroeste, e não houve vista de terra, ainda que se notasse nos calculos dos pilotos, baseados em seus pontos, uma differença pelo menos de setenta leguas, e de bem cento e trinta, segundo o de alguns, o que occasiona muitas vezes grandes desacertos na estimação das longitudes. Pela manhã avistou-se uma vela, que foi tomada depois do meio-dia; transportava trezentos e sessenta negros, e ia de Angola para a Bahia. Sobre a noite avistaram terras vizinhas á Bahia. O almirante fazia tenção de entrar nella ao seguinte dia e surprender os navios

inimigos, mas, por causa da bonança, teve de surgir esta noite diante da barra. Por volta do meio-dia de 3 a frota levou ancoras, e impellida de um vento fresco endireitou para a bahia, e emboccou por ella, sendo assim vista e descoberta pelo inimigo, que havia cosido seus navios (em numero de trinta pouco mais ou menos) o mais que pôde com a bateria disposta n'agua e a cidade de S. Salvador.

Velejava o almirante na frente, e sendo chegado acima dos navios contrarios correu para o meio delles, e lançou ferro entre a almiranta e vice-almiranta portuguezas, contra as quaes fez vivo fogo. Seguiram-no o *Geldria* e o *Hollandia*, que por igual deitaram ancoras ao mar; os mais navios grossos porém, que tambem haviam recebido ordem de avançar, ficaram um pouco atraz, e assim quasi que sómente aquelles trez forçaram o inimigo a pedir quartel e render os seus navios. Como o pavoroso estrondo da artilheria não deixava bem ouvir, succedeu que a vice-almiranta portugueza, cuja gente havia muito estava a pedir quartel, foi tão varada de balas que se afundio. Debaixo dos tiros dos navios e baterias da cidade foram todos os nossos bateis guarnecidos de marinheiros e mosqueteiros: com admiravel presteza abordam estes bateis os navios contrarios, cuja tripolação é expellida, e levados os mesmos navios para longe da praia e das baterias. Os mais dos soldados inimigos lançam-se dos navios ao mar, e se salvam a nado. Apesar da furia com que jogava a artilheria grossa de todos os fortes, e das balas de mosquete que saraivavam sobre os bateis, a nossa gente se houve em tudo com tanta diligencia e bravura, que em menos de trez horas alcançámos completa victoria. Os vinte e dous navios, que os nossos foram buscar ás barbas do inimigo, foram retirados com maior damno delle que nosso, comquanto fosse mui vantajosa a posição dos contrarios, e não constasse a nossa frota de mais de oito navios grossos e quatro hyates. Como tivessem assim retirado os navios portuguezes, porfiaram os nossos por se alongar da costa e se pôr fóra do alcance da artilheria inimiga, mas succedeu encalharem em um banco a almiranta e o *Geldria*; este safou-se á noite, mas a almiranta ficou encalhada. Da cidade e todos os fortes fizeram vivo fogo contra a almiranta, e assim a varejaram as balas que já não parecia navio. Ao outro dia o almirante passou-se ao navio *Geldria*, e fez que este e os mais navios grossos se approximassem outra vez, ordenando-lhes que atirassem sem cessar para o effeito de assim divertirem algum tanto as balas inimigas do seu navio, pois não havia elle perdido ainda a esperanza de o salvar. Em se approximando os nossos navios, começou uma furiosa canhonada, que não deixava ver nem ouvir. offendendo-se bravamente os contendores de parte a parte; só o navio *Geldria* recebeu alguns sessenta tiros. Neste entretanto valeram-se os nossos de todos os meios para safar a não almiranta, mas foram baldadas todas as diligencias, pois sobreveio a conjunctura da maré vasante. Durante aquelle temeroso fogo, ou fosse por negligencia e falta de cautella, ou por outra causa, saltou aos ares o *Oragnie-Boom* de Enchuijsen com alguns sessenta e cinco homens, doze ou quatorze dos quaes foram recolhidos, mas horrorosamente offendidos das chammas. O almirante, havendo agora que era

impossível pôr a nado o seu navio, que já muito gente fôra morta a seu bordo, encravou-lhe a artilheria grossa, e levando o que pôde, poz-lhe fogo e o abandonou; passou-se para o navio *Walcheren*, que era a vice-almiranta da frota. Apesar de ter sido crespia e duradoura a briga, das pessoas principaes do nosso lado só morreu Jan Christiaensz., capitão do *Geldria*; uma bala de mosquete varou o braço esquerdo do almirante, e um estilhaço ferio-o na cana da perna; o vice-almirante foi ferido por uma bala de mosquete debaixo das falsas costellas; em toda a frota morreram quarenta ou cincoenta homens.

Os navios tomados foram postos no meio da frota fôra do alcance da artilheria inimiga, e as suas cargas baldeadas para dous delles que eram os maiores, isto é, para o que fôra vice-almiranta portugueza, navio de Stralsund do porte de trezentos lastos, artilhado com dezoito pequenos canhões de metal fundido, e para um navio hamburguez do porte de trezentos e cincoenta lastos, armado com dezesseis colubrinhas. Embarcaram os generos destinados á Republica nos seguintes navios: no navio *S. Pedro* de Stralsund mil cento e doze caixas de assucar, trinta e duas caixas, dezesseis pipaš, e duas barricas (*oxhoofden*) de tabaco, mil cento e vinte e cinco couros, vinte e um saccos de algodão, além de algumas joias de ouro, prata lavrada, e seiscentas e sessenta e trez piastras; no navio *Hope* seiscentas e quarenta e quatro caixas de assucar, vinte e trez caixas, uma pipa e uma barreira de tabaco, alguns couros, e uma porção de pão santo; no navio *Nossa Senhora da Victoria* quatrocentas e oito caixas de assucar, uma porção de tabaco e pão-santo; no *Swart-Leeuw* quatrocentas e cincoenta caixas de assucar, e algumas de tabaco. Estes navios chegaram a salvamento á Republica no mez de Julho.

Foi este feito um dos mais heroicos que o almirante Pieter Pietersz. Heyn praticou em serviço da Companhia das Indias Occidentaes, e seu bom exito foi parte para que a Companhia, mui enfraquecida com os damnos e revezes passados, começasse a respirar, e viesse a cobrar as forças; mas não se pagou sómente disto o almirante, como vamos contar.

A 9 de Março pelo fim da tarde teve ordem de sahir Pieter Stoffelsz., capitão do *Neptunus* e sota-almirante da frota, com o *Vos*, *Sparwer*, *Rave*, e um barco mui veleiro tomado aos Hespanhoes, para cruzar diante da Bahia de vigia aos navios, que de mar em fôra a viessem demandar, pois bem via o almirante que o inimigo faria por avisar os navios que buscassem terra. Ao seguinte dia mandou o almirante perguntar ao Governador si queria resgatar os negros apresados, mas o governador não os quiz, e deu uma resposta mui arrogante. A 11 tomaram os nossos mais um navio, que, sem dar com o perigo, entrou na Bahia; vinha de Angola carregando negros. Embaraçado o almirante com tantos negros, pois não os podia empregar em cousa alguma util, fel-os metter todos em um navio, e mandou desembarcal-os na ilha, que está em rosto da Bahia. O *Pinas* tambem foi mandado sahir para cruzar algumas leguas ao sul da Bahia, sendo encommendado a seu capitão que se tornasse ao cabo de oito dias. A 14 entrou mais um pequeno navio com negros, mas como os de seu bordo entendessem o perigo em que se metteram, se foram refugiar em uma enseiadazinha que fica debaixo do forte de Santo Antonio, onde os

nossos os não incommodaram por não darem valor algum ao dito naviozinho. Estiveram occupados em baldear as cargas dos navios portuguezes para os nossos, e em esbulhar e queimar os navios vazios, isto até o dia 27 deste mez de Março, que foi quando os quatro navios de que acima se fallou, foram despachados para a Republica a cargo do sota almirante Cornelis Dircksz. Bestevaer. A Gerrit Jansz. Etger, capitão que fôra de navio voado *Oragnie Boom*, deu o almirante um outro navio para commandar. No ultimo dia de Março toda a frota se fez á vela, e sahio da Bahia de Todos os Santos. Compunha-se então das seguintes velas: *Hollandia*, em que se achava o almirante, *Walcheren* que levava o vice-almirante, *Neptunus* com o sota-almirante, *Gelderlandt*, *Zutphen*, *Goude-Leeuw*, *Pinas*, ao todo sete navios, e os hyates *Amsterdam*, *Oragnie Boom*, *David*, *Vos*, *Rave*, *Arendt*, *Sparwer* e um barco com duas velas ré. Mantinham companhia com a frota alguns navios tomados, que o almirante converteu ao seu uso.

Pela tarde surgio a frota ao lado do castello de Santo Antonio, e caminhou depois ao sul. Na entrada do mez de Abril tinha perto o morro de S. Paulo. Seguiu pela derrota do susudoeste e sudoeste perlongando a costa, mas algum tanto largo della, por vinte braças d'agua, fundo de firme tença. Ao outro dia acercou-se de uma ilhota, que jaz bastante apartada de terra, e surgio á sombra della em nove braças. Ao seguinte dia foram ter a ella os bateis, cujos tripolantes cavaram alguns poços, que deram bôa agua doce. Esta ilhota não tem mais de meia légua em redondo, e apenas offerece uma pouca de salsa do mar (*Zee-Peterselie*); rodeam-na alfaques, em que o mar quebra com força; demora aos 13° 52'. Deram-lhe os nossos o nome de *Pascha-vondt* (Vespera de Paschoa). Aqui se deteve a frota para tomar agua e lenha até 12 de Abril, dia em que se fez á vela, e deitou caminho pela derrota do sudeste e susudeste até o dia 18. Achava-se então em altura de 19° á banda do sul, e, segundo calculo, acima dos afamados baixos dos Abrolhos; era o tempo rigoroso. Ao outro dia ventou do sudeste, e fez-se a frota na volta de oeste, e attingio ao meio-dia a altura de 19° 10'. A 25 foi em altura de 24°. A seguinte manhã avistaram terra ao longe, a qual se fazia mui alta, e, segundo calcularam, demorava entre o cabo Frio e a ponta do Rio de Janeiro. Viram logo depois duas velas, que estavam a barlavento da frota, e como era o vento escasso, mandou o almirante que sahisses os bateis a lhes dar caça; mas andando nesta occupados os bateis e chalupas, refrescou bastante o vento, pelo que tiveram de tornar aos navios. Enviou-se então aos navios contrarios o barco com as duas velas ré, e tomou um delles; mas encontraram os nossos sómente cento e noventa e uma caixas de assucar das duzentas e noventa e uma que o navio apresado carregava, pois as mais deitaram-nas ao mar os de seu bordo. Vinha do Rio de Janeiro, e pelos prisioneiros se informou o almirante do estado desta praça, isto é, que desde que começara a guerra por essas costas, se achava bastante provida de gente, e que no porto havia sómente um navio carregado, e outro que chegára ultimamente de Portugal; e pois não pareceu acertado ao almirante expor seus navios e sua gente a tamanho perigo, qual o que era de esperar, si entrasse naquelle

porto, além de que os tempos rigorosos, que encontrára, haviam espalhado os seus navios; estes porém se tornaram a juntar no dia 28. Ao outro dia o almirante mandou a todos os capitães de navio suas ordens por escripto, isto é, que como fossem quatorze ou quinze leguas largo de terra, se apartassem uns dos outros, mas de modo que podessem avistar os navios, e que então pairassem, a ver se tornavam a descobrir a outra vela que desaparecera no dia 26, pois pela tripolação da que fôra tomada, sabia que sahira do Rio de Janeiro, e carregava seguramente quatrocentas caixas de assucar; mas esta diligencia foi em vão, e subindo a pouco e pouco os navios, no ultimo dia do mez de Abril achou-se a frota perto do cabo Frio, que lhe ficava ao norte quarta a nordeste em distancia de cinco leguas pouco mais ou menos. Ao outro dia houveram vista da ilha de Santa Anna, que distava da frota obra de nove leguas; ao meio-dia altura de 23° 36'. A 5 de Maio altura de 20° 53'; achava-se a frota bastante afastada de terra, que á vista se representava tambem mui grossa. Depois de haver o almirante reunido na capitanea o conselho secreto, a quem communicou o seu designio, governou a frota ao rumo do oessudoeste, atravessando para a costa para o effeito de entrar no rio do Espirito-Santo, onde buscaria refrescos para a companhia. Ao romper do seguinte dia, não estava a frota longe do dito rio, e poderam os nossos avistar o convento de Nossa Senhora da Penha; mas como estavam em calma, e o vento saltava de um para outro ponto do horisonte, com que a frota mais perdia que cobrava caminho, lançou esta á noite ancoras ao mar, ficando surta em vinte e uma braças. De manhã não estava alongada do rio, mas este ainda não se havia aberto. Passou-se o almirante ao hyate *Vos*, e com os mais hyates pequenos seguiu adiante para bem reconhecer o rio, ficando os navios a barlavento, os quaes, quando o almirante fez o signal, que foi um tiro, seguiram para o dito rio, e nelle entraram, deixando os hyates a estibordo. O navio do almirante, bem como outros, bateu no fundo, mas não houve perigo, porque o rio, que corre fazendo sinuosidades, dentro é morto. Ao outro dia melhoraram os navios um pouco mais para dentro do porto, podendo assim verem os nossos a povoação e o fortim adjacente, e alli surgiram. O *Goude-Leeuw* e o *Vos* entraram ainda mais pelo rio acima, como si fossem tentar algum commettimento contra a povoação; mas tal não era a tenção do almirante, que simplesmente queria trazer o inimigo entretido lá em cima, emquanto os nossos desembarcavam em um valle, onde abundavam os limoeiros e laranjeiras. Mandou o almirante que colhessem boa porção dos frutos destas arvores. Como era perigoso fazerem aguada na terra firme por causa dos selvagens, que disparavam suas setas de dentro do matto, cavaram os nossos poços nas ilhetas que ha neste rio, e com a agua delles encheram seus barris, que estavam vasios. No dia 18 os da povoação largaram contra a frota algumas balças de fogo, feitas de ramos e chamiços, mas não receberam os navios nenhum detrimento dellas, pois os nossos as apagaram facilmente. Este mesmo dia demandou a barra uma caravela, procedente de Lisboa, com carregamento de setenta pipas de vinho e alguns fardos, e cahio em nosso poder. Veio muito a ponto esta tomadia; as pipas de vinho e

fazendas foram distribuidas pelos navios. Como a caravela era boa e forte, o almirante a conservou, e metteu gente nella. Foram os hyates providos por cinco mezes de mantimentos tirados dos navios grossos. Tendo o almirante feito tudo o que aqui tencionava fazer, a 29 mandou pôr em terra todos os seus prisioneiros portuguezes, e sahio do rio com sua frota, e se foi pela derrota do nordeste quarta a leste, servido do vento sudeste.

Querendo entrar neste rio, attendei ás seguintes indicações. Do lado meridional da bahia vereis trez ilhetas, que semelham parceis grandes, não mui altos, e pol-as-heis a bombordo, e navegareis ao longo dellas; na mais occidental vereis trez pedras, que parecem gabiões; passadas estas ilhetas, governareis ao noroeste quarta a oeste, e então dareis fé de um baixo, sobre o qual o mar se alteia muito, e passareis avante, deixando este baixo a estibordo; tendo avançado algum tanto, logo vereis a abertura do rio, que se prolonga para oeste; vereis tambem na bocca do rio alguns parceis, dos quaes um ou mais se acham sempre descobertos e á vista acima d'agua; estes parceis estão arredados cousa de meio tiro de mosquete da ponta do sul, navegareis por junto delles, isto é, tomando-os pelo norte, e quanto mais perto navegardes, maior fundo encontrareis; passados os parceis, governareis para a margem meridional, e não tendes de que vos temer, que em qualquer parte o fundo é de boa tença, e não encontrareis profundidade menor de trez braças e meia. Neste rio a lua ao rumo do nordeste e sudoeste occasiona marés vivas.

No ultimo dia do mez de Março dividio o almirante a sua frota em trez esquadras: a primeira compunha-se dos hyates *Oragnie-Boom*, *Arendt* e *Sparwer*, a qual foi posta a cargo do vice-almirante e enviada ao rio da Prata; a segunda compunha-se do *Goude Leeuw*, hyate *Rave* e da caravela tomada diante do Espirito-Santo, e foi mandada cruzar diante do Rio de Janeiro; a terceira, cujo chefe era o mesmo almirante, contava os navios *Geldria*, *Zutphen*, *Pinas*, *Neptunus*, e os hyates *Vos*, *Amsterdam*, *David* e o barco com as duas velas ré. Este se fez na volta do norte, e de noite passou pelos Abrolhos por vinte e seis braças d'agua. A 9 de Junho, tendo avistado terra ao norte da báhia de Todos os Santos, deu volta e caminhou ao sul. Ao outro dia estava á carão da mesma bahia, e nella entrou, navegando um pedaço além da cidade: em rosto desta poucos navios havia, sómente os que o almirante alli deixara da outra vez. Passou além do forte sito em Tapagipe, e como visse surtos dous navios do inimigo, deu fundo, e ordenou que fossem ao seu navio todos os bateis bem tripolados. Vogaram estes em seguida para os navios contrarios, que estavam encalhados na praia; os nossos os saqueiaram, e lhes puzeram fogo, e a despeito do inimigo foram buscar em terra algumas taboas, e as levaram aos navios. Como o almirante muito desejava haver novas de terra, mandou que os hyates *Vos* e *Amsterdam* juntamente com o barco fossem vigiar as pequenas embarcações, que passavam de um para outro lado; estes hyates, tendo-se adiantado algum tanto, impelliram contra a praia um dos taes barcozinhos, cujos tripolantes fugiram para terra antes que a nossa chalupa chegasse junto da prêsa, da qual recolheram os nossos dez ou doze rolos de tabaco, mas não assim seis ou sete caixas de assucar, que carregava, não só

por não terem instrumento algum para este effeito, senão também por acudir gente á praia. O nosso barcozinho tomou outro, em que se achavam alguns Portuguezes e negros, que sobre a noite foram levados a bordo da almiranta. Muito a ponto foram apresentados estes prisioneiros ao almirante, pois soube por elles que cinco ou seis navios carregados estavam um pouco mais acima no rio mettidos em uma angra (*Kreecke*), e logo ordenou que os hyates *Amsterdam* e *David* com todos os bateis subissem o rio, e investigassem quanto possivel fosse aquella pequena angra. Justamente no começo do rio encontraram os dous hyates um navio grosso, mas estava vasio e sem os seus tripolantes que o haviam abandonado; os nossos o esbulharam e o deixaram alli ficar. Tendo os dous bateis e fragata (*Fregatte*) subido o rio mais uma meia legua, descobriram os navios dos Portuguezes; estavam estes occupados em toal-os para cima para o effeito de os esconder á nossa gente. Em se aproximando os nossos, entraram os inimigos a fazer vivo fogo de artilheria e mosquetes de ditos navios, pelo que não ousaram os nossos abordal-os nem delles se acercar, e voltaram aos navios para contar ao almirante o que haviam achado. Ao outro dia ordenou o almirante que o *Pinas*, o hyate *Vos* e a fragata com uma porção de bateis bem tripolados tornassem a subir o rio. Sendo chegados os nossos onde os bateis deixaram na vespera os navios contrarios, já os não encontraram, pois os inimigos, empregando todas as suas forças, conseguiram leval-os para cima. Foram os nossos traz os navios contrarios, e depois do meio-dia os do barco e bateis se acercaram delles. Tornaram os Portuguezes a atirar furiosamente de ditos navios, particularmente da sua vice-almiranta, com mosquetes e artilheria carregada de metralha, pois, informado o Governador da Bahia dos intentos do almirante, mandára para alli cento e cincoenta soldados ao mando do capitão Padilha, o mesmo que assassinara o mui nobre e bravo senhor van Dorth. Esta gente defendeu-se bravamente, e tal resistencia oppoz dos navios, que os nossos não ousaram abordal-os, e sem duvida teriam voltado costas sem haver feito cousa alguma, si o almirante Pieter Pietersz. Heyn, que passára ao hyate *Vos* e se juntára com elles, os não impellisse quasi á força contra os Portuguezes; deram pois os nossos sobre estes com tal furia e pressa, que se fizeram senhores do navio, e mataram quantos nelle eram, menos dous ou trez grumetes. Calcularam em cento e cincoenta homens a perda do inimigo; nós perdemos sómente doze ou treze. Como isto vissem os Portuguezes dos outros navios, se lançaram os mais delles ao rio, procurando assim salvar as vidas, pelo que apoderaram-se os nossos de mais dous navios, a saber, da almiranta delles, que guardava quatrocentas e cincoenta caixas de assucar e uma porção de tabaco, e de uma caravela grande carregada de quatrocentas caixas de assucar e algumas de tabaco. A vice-almiranta continha todo o genero de mercadorias em fardos, pois havia chegado recentemente de Portugal. Mais acima na mesma angra achavam-se mais dous ou trez navios; a angra porém já era alli tão estreita, que se podiam arrancar de um e outro lado as folhas das arvores, que se levantavam nas margens, e comq. além disso, as aguas cresciam em dito lugar com a enchente seguramente duas braças, succedia ficarem os navios quasi

em sêcco de maré vasia. Entendeu pois o almirante que acertado era retirar ao presente os navios tomados, empreza que bem via ter suas difficuldades, porquanto os nossos haviam remontado a angra, segundo o seu calculo, cousa de quatro leguas, e a mesma angra corria dando voltas e fazendo muitos seios; demais que, sendo o inimigo senhor dos lugares adjacentes, era de receiar que empecesse os nossos quanto podesse. Ao outro dia (13 de Junho), estando a nossa gente occupada em toar os navios, aconteceu por infelicidade adernar a caravela e arrebentar-se, de modo que nada pôderam salvar. Ao seguinte dia mandou o almirante que descessem alguns bateis para observar que obras fizera o inimigo, durante a estada delle almirante na angra: os destes bateis, sendo chegados abaixo da entrada, notaram que o inimigo metterá no fundo o navio, que os nossos esbulharam e largaram no dia 11, com o que estorvaram bastante a sahida; mas este empecilho podia ser removido, queimando-se o dito navio na baixa-mar. Levantára mais o inimigo um parapeito junto a um monte e á borda d'agua, por traz do qual postára mosqueteiros em não pequeno numero, fazendo conta que deste modo tolheria a sahida aos nossos, pois tinham de passar por junto de dito parapeito. Informado o almirante destas occurrencias, se foi sem detença ao navio afundido, e por ser na baixa-mar mandou pôr-lhe fogo em dous ou trez lugares. No entretanto ia atirando vivamente contra os nossos o inimigo, que se achava postado por traz daquelle montezinho, sendo correspondido pelo fogo dos nossos falconetes de bronze postos nos bateis, de modo que poderam os nossos voltar acima sem grande perda. Tanto que tornou o almirante aos seus hyates e navios tomados, ordenou que lhe levassem todos os couros, que encontrados fossem nos navios apresados para o effeito de forrar estes, bem como os hyates e particularmente os bateis, e assim segural-os das balas de mosquete do inimigo, pois, como o vento era contrario, e o rio estreito e de poucas aguas, impossivel era sahirem os navios a não ser por meio de ancoretes de espiar, que os bateis levariam adiante. Bem máo aspecto tinha este negocio, e dava tractos ao juizo, mas o almirante não era medroso, nem homem a quem faltassem expedientes, ou que deixasse de fazer as cousas com bravura nas occasiões difficeis, quando mil outros houveram estacado perplexos. No entretanto o Governador da Bahia, juntamente com muitos officiaes principaes, todos os soldados e muitos paisanos da cidade que sabiam manejar o mosquete, se viera postar atraz daquelle parapeito, firmemente persuadido de que alli lhe cahiriam na armadilha o nosso almirante e seus navios, e que nelle vingaria os passados e ainda recentes damnos e gravames, que lhe causára o mesmo almirante. Achando-se ao presente dispostas todas as cousas, e bem forrados de couros os bateis do lado que offenderiam os tiros do inimigo, e collocadas algumas peças na ponte do hyate *Vos* (igualmente resguardado com couros) para poderem atirar convenientemente contra o parapeito, ordenou o almirante que os dous navios tomados, bem como o barco que estava tambem cheio de assucar, despejassem o rio. A 15 chegaram á bocca do rio,; e comquanto o inimigo fizesse do parapeito, por junto do qual tinham os nossos de passar, um continuo e bem nutrido fogo contra os bateis, que rebocavam os navios, foram

estes, mesmo ás barbas dos contrarios, e em que muito lhes pèzasse, safos e retirados para fóra do rio sem receber detrimento, por se prenderem nos couros e resaltarem as balas de mosquete. Este expediente foi um bello achado devido certamente ao engenho do bravo lobo do mar Pieter Pietersz. Heyn. Elle mesmo ficou ainda esta noite no rio com o hyate *Vos*, que juntamente com o navio *Pinas* dera em secco de maré cheia; mas, como esta vasava, se empregaram os nossos a noite toda em alijar o lastro, e a seguinte manhã, na conjunctura da enchente, safaram-se sem damno, sahiram do rio, e se juntaram com a frota. A 18 de Junho todos os navios se afastaram, e foram surgir defronte da cidade de S. Salvador fóra do alcance da artilheria inimiga. Soube-se por dous transfugas que naquelles dias o inimigo perdera no rio pouco menos de quatrocentos homens, uns afogados e outros mortos pelos nossos. Permaneceu pois a nossa frota, a despeito do inimigo, surta na bahia, occupando-se os nossos em descarregar os navios tomados e baldear os generos e mercadorias para os seus. A 22 juntou-se á frota o hyate *Tijger*, que com outros hyates fôra expedido da Republica para cruzar nas costas do Brazil. A' noite dous navios portuguezes foram ter diante da cidade, sem serem sentidos dos nossos. A 2 de Julho entraram o navio *Son* e o hyate *Post-paerdt* com um batel, os quaes partiram da Zelandia ao mando do *Commandeur* Joost Banckert: haviam cruzado algum tempo diante do Rio de Janeiro. A 4 entrou o hyate *Eenhoorn*, que havia cruzado diante de Pernambuco. A 9 se tornaram a incorporar com a frota o *Goude-Leeuw* e a caravela, que, não estando em estado de ser levada á Republica, tiraram-lhe quanto podia servir, e a desmantelaram. A 13 chegou ainda aquelle porto o hyate *Rave*. A 14 toda a frota largou da Bahia, depois de soltos todos os prisioneiros portuguezes; vento sul e sussudeste. O *Commandeur* Banckert ficou na costa com alguns hyates.

A 27 a frota lançou ferro na ilha Fernão Noronha em dezeseis e dezeseite braças, fundo de areia. Esta ilha demora aos 3º 34' á banda do sul, apartada cousa de setenta leguas da costa do Brazil. Querendo tomal-a partindo de dita costa, caminhae ao nordeste por amor das correntes, e ide então busca-la em sua altura. Quando se chega a avistal-a, á vista se representa como uma torre ou vela, porque tem um pico ou monte escarpado, que se deixa ver primeiro que qualquer outra terra. Em vos chegando mais á ilha, vereis outro monte ao oeste do anterior, que tambem não semelha mal ao longe uma igreja com sua torre; depois avistareis mais trez colinas, e emfim toda a mais terra. O remate nordeste se faz em quatro ou cinco ilhotas, arredadas entre si, ora mais ora menos de um tiro de arcabuz; por entre ellas porém não podem passar navios por serem as aguas pouco profundas. Da banda oriental sahe um recife, que entra dous terços de legua pelo mar, sobre o qual este cresce e ferve, por ser formado o dito recife de pedras sobre-aguadas. Querendo aportar nesta ilha, lhe dareis volta por leste, e sendo pela banda do noroeste, governareis ao norte até vos pôr a leste daquella penha em forma de torre em distancia de um tiro de colubrina, e lançareis então ferro em dezeseis ou dezeseite braças, fundo de areia, a obra de um tiro de canhão da praia, pois mais

perto della o fundo é sujo, e roe os cabos. Na terra fronteira ao surgidouro ha boa agua fresca, que deriva das montanhas, particularmente nos mezes chuvosos de Abril a Setembro, si bem que a mesma agua, pela natureza do solo, tenha sabor algum tanto salitroso. Nas aguas daquellas ilhotas fracturadas abundam os pargos e outros peixes; ha cópia de passaros marinhos e rôlas; encontram-se tambem bódes e cabras, que os Hespanhoes introduziram na ilha. Aqui refez-se a frota: apanharam os nossos algumas cabras, e encheram d'agua os seus barris. A 8 de Agosto se tornaram a juntar á frota a vice-almiranta, o *Oragnie-Boom* e o *Arendt*, que haviam cruzado diante do Rio da Prata, mas não fizeram prêsa alguma, e como passaram muitas tormentas e tempestades, separaram-se muitas vezes uns dos outros, e não tornaram mais a ver o hyate *Sparwer*. A 11 levantou-se o almirante com sua frota, que recolheu-se prazenteira á patria no ultimo dia de Outubro; os vasos que então a compunham, eram o *Hollandia*, *Geldria*, *Zutphen*, *Pinas*, *Rave* de Amsterdam, *Neptunus* da Camara do Mosa, *Goude-Leeuw* e o hyate *Vos* da Camara de Groninga. A 15 de Agosto, em altura de 35° á banda do sul, tomaram mais um pequeno navio procedente de Pernambuco com carga de assucar, tabaco e madeira da mesma capitania. A 21, estando a frota em calmaria, tiraram deste naviozinho oitenta caixas de assucar e uma porção de tabaco, e continuando a descarregal-o, ficou de todo vasio no dia 26.

Até ao presente temos dado razão do que fizeram as nossas frotas e navios, que foram despachados o anno passado; passamos agora a escrever d'aquelles que partiram este anno de 1627. Começaremos pelos trez navios que a Camara de Zelandia armou, os quaes são: *Ter-Vere* do porte de noventa lastos, artilhado com quatorze colubrinhas e seis pedreiros, tripulado por setenta e trez marinheiros, tendo por almirante e capitão Hendrick Jacobsz. Lucifer, valente lobo do mar; *Leeuwinne* (Leôa), com lastos, quatorze colubrinhas e seis pedreiros, sessenta e nove marinheiros, capitão Jan Pietersz. tambem vice-almirante desta flotilha; e o *Vlieghenden Draeck* (Dragão Alado), quarenta e cinco lastos, oito colubrinhas, e seis pedreiros, e quarenta e dous homens, capitão Galeyn van Stapels. Estes navios partiram de Flessinga a 22 de Janeiro do corrente anno de 27, e adiantaram-se tanto que, tendo passado pelas Canarias e navegado de longo da costa d'Africa, a 3 de Março houveram vista das terras baixas do cabo do Norte do afamado rio das Amazonas. Como aquellas regiões estavam no forte do inverno, foram incommodados por muitas chuvas e ventos. Ao outro dia escorreram a costa pela derrota do nornoroeste debaixo de chuva e forte trovoadas, de modo que ora avistavam terra, ora perdiam a vista della. A 5 fundearam em quatro braças d'agua, a obra de duas leguas de Comaribo. Ao seguinte dia seguiram para o rio Wiapoco, onde estava o almirante incumbido de desembarcar alguns colonos. A 7 surgiram diante de Caribote em trez braças, e de maré vasia encalharam os navios. E porque os selvagens, que moravam nas vizinhanças, não viessem a bordo, mandaram duas chalupas a Comaribo para transportarem aos navios alguns delles, que guiassem os nossos aos mais moradores; de feito ao outro dia trouxeram dous. Tornando a subir o rio nas chalupas, chegaram os

nossos á noite a um lugar chamado pelos selvagens Wacogenive, onde havia sómente duas casinhas. Notaram os nossos que com sua chegada andavam os selvagens esquivos, mas a razão dessa esquivança não a poderam saber. Ao outro dia observaram o sitio, e como o acharam mui accommodado para os colonos que por alli tinham de assentar, no dia 10 começaram a tirar dos navios e transportar para terra os haveres delles. Os selvagens, que andavam amedrontados, puzeram-se em fugida, e só a 13 souberam os nossos a causa desse procedimento por um negro, que veio ter com elles, e lhes contou que do rio das Amazonas vieram em um barco e duas chalupas alguns christãos, que ahi assistiram durante um mez, mas depois, se tendo espalhado por quatro lugares, foram accommettidos de improviso pelos selvagens, que os mataram a todos com excepção de trez, um dos quaes se achava em Comaribo, e os outros dous mais acima no mesmo rio Wiapoco. Assim inteirados os nossos destes acontecimentos, puzeram a bom recado trez selvagens e uma mulher, que estavam a bordo, e mandaram buscar o Hollandez a Comaribo, ameaçando de matar os selvagens prisioneiros, caso não lhes fosse apresentado aquelle homem. Ao outro dia trouxeram a bordo o Hollandez; como porém estava este quasi esquecido (cousa singular!) de sua lingua materna, poucas informações poderam colher delle; e pois mandaram buscar os outros dous, que só a 17 chegaram a bordo. Um delles chamado Jan Hendricksz. referio todas as particularidades daquella matança, isto é, que, dezoito mezes atraz, sobrevindo grande numero de Hespanhoes ou Portuguezes, deram de improviso sobre a colonia assentada no rio das Amazonas (1) sob a direcção do capitão Oudaen. Este, tendo-se defendido valentemente durante metade do dia, refugiou-se em seu barco com perda de sete ou oito homens, e seguiu para o esteiro em que assistiam os Inglezes para commutar mantimentos com os colonos; tendo desembarcado entre os Inglezes o capitão com onze ou doze homens, os inimigos entraram em suas canôas no mesmo esteiro ou angra, e atacaram e mataram assim os Neerlandezes como os Inglezes. Ao outro dia o tenente Pieter de Bruyn, sabendo do occorrido, fugio no barco com quarenta e seis homens, que restavam, para o rio Wiapoco, e aqui tomára pouso suppondo estar em segurança; mas, dous ou trez dias depois, foi varado de uma bala pelo sargento Matruyt, e os colonos espalharam-se por quatro lugares. No entretanto os selvagens, tendo-se promettido desembaraçar desses hospedes, os procuraram debaixo da capa da amizade, offerecendo-lhes a beberagem que chamam *Pernau*, e os tendo embebedado inteiramente, cahiram em grande grita sobre elles, e os mataram barbaramente com machados e facões. afóra unicamente os trez que os mesmos selvagens apresentaram aos nossos. Posto que esta feia acção estivesse desafiando um severo castigo, todavia, como tencionava a Companhia ahi assentar e manter uma colonia, tiveram os nossos por mais avisado transigir com os moradores daquelles lugares, que se mostravam mui pesarosos do seu máo procedimento, e promettiam ser leaes d'alli em vante com os Hollandezes, e não

(1) Vide Laet—*Historia do Novo Mundo*—pag. 573.

mais offendel-os. Assim que fundou-se uma colonia sob o governo e direcção do capitão Jan van Ryen, doze leguas acima de Comaribo, oito de Caribote, e cousa de quatro de Apotery, no dito sitio Wacogenive, cujo solo pareceu bom aos nossos, menos coberto de arvoredos, e tambem menos paludoso que o de Apotery. O fortim havia de ser levantado em um terreno elevado algumas oito braças acima da margem do rio, de modo a poder estorvar que chalupas subissem por elle.

A 19 de Março os trez navios se fizeram á vela do rio Wiapoco. A 25 houveram vista da ilha Barbados, e ao outro dia aportaram em S. Vicente em uma bahia chamada de Santo Antonio, menos a almiranta, que escorreu dita ilha; e por isso tanto que ajustaram os quartos da chalupa grande e a lançaram ao mar, partiram na entrada de Abril em demanda da ilha Granada. Ao seguinte dia encontraram nesta bahia a almiranta, e surgiram todos os navios juntamente; aqui puzeram igualmente n'agua a chalupa grande da almiranta. Commutados alguns refrescos com os selvagens, tornaram a partir no dia 7. Pelas dez horas da seguinte manhã avistaram as ilhotas Testigos. Ao meio-dia de 9 aportaram na ilha Branca, na qual apanharam trezentas cabras. Partiram no dia 11, e ao outro dia deram fundo na ilha Orchila, e se passaram á terra em procura de orchil, como lhes tinha sido encommendado, mas não encontraram grande quantidade desta planta, e o pouco que acharam existia sómente nas encostas de alguns montes; não levaram mais de barril e meio para servir de amostra. Esta ilha é esteril, suas terras baixas ficam quasi inundadas de maré cheia; ao que parece, as cabras se apascentam de orchil, pois que pouco mais ha que comer. Providas as chalupas de mantimentos e agua para trez semanas, partiram os navios no dia 16. Ao meio-dia de 17 avistaram a ilha Coração, e ao pôr do sol a ilha Aruba; e pois capearam durante a noite debaixo das velas grandes. Pela tarde de 18 avistaram os Monges, e ao outro dia mandaram uma chalupa a uma destas ilhas a ver se havia bom ancoradouro; neste entretanto capearam os navios entre os mesmos Monges e o cabo de Coquibocoo, que se prende á terra firme. E depois de se terem entendido, sendo designado o Cabo de la Vela para nelle se tornarem a juntar, partio o *Leeuwinne* em busca do dito cabo, e surgiram os mais em vinte e oito braças, cousa de legua e meia da praia, pois que em menor distancia não encontraram bom ancoradouro para navios; por alli ficaram a cruzar. A 24 deram caça a uma vela extranha, mas esta desapareceu. A 26 fundearam junto da almiranta, oito leguas abaixo de Coquibocoo, em uma bahia mui capaz chamada Bahia Honda. Como o hyate *Vlieghenden Draeck* se acercasse algum tanto mais de terra, a 28 veio ter a elle uma canôa com indios contendo alguns peixes e seis gallinhas. Ao outro dia acudiram outras canoas em maior numero, por cuja gente se soube que havia em terra uma bella salina, bem como dez Hespanhoes. Esta Bahia Honda demora entre Coquibocoo e o Cabo de la Vela; tem bom surgidouro com cinco, seis e sete braças d'agua. Dos selvagens, que moram em suas vizinhanças, se podem obter, havendo cautela, bons refrescos. E' gente mui robusta e atrevida, trazem as barbas compridas e anneis de cobre nas orelhas. No ultimo dia de Abril

partiram os nossos desta bahia, e fizeram por subir em demanda do cabo de Coquibocoa. A 3 de Maio o *Leeuwinne*, que estava algum tanto mais amarrado, vio que a almiranta dava caça a uma pequena embarcação, e acercando-se della reconheceu ser uma chalupa ingleza, que apartára-se do seu navio perto de Caraques, onde deixára de apresar um navio hespanhol; mui felizes foram os tripolantes de dita chalupa, os quaes eram em numero de trinta e duas pessoas, em encontrarem os nossos, pois estavam sem mantimentos, e receberam da almiranta cento e sessenta libras de bolacha, trinta e duas de bacalhão sêcco, oito pedaços de carne e agua. A' manhã de 4, tendo-se chegado á costa, encontraram os hyates *Kater* e *Bruyn-Visch*, ambos da Camara de Amsterdam, de cuja navegação daremos razão em primeiro lugar, para melhor narrar depois o que uns e outros fizeram.

A 13 de Janeiro deste anno de 1627 partiram do Texel os hyates *Otter* (capitão Dirck Simonsz. van Uytgeest), e *Kater* (capitão Joachem Gijsz.), cada um delles do porte de noventa lastos, e artilhado com quatorze colubrinhas, tripulado o primeiro por cincoenta e nove marinheiros, e o segundo por cincoenta e dous, e mais o hyate *Bruyn-Visch*, sessenta lastos, nove colubrinhas, trinta e sete homens, capitão Jan Reyersz. Swart. Tinham quasi o mesmo destino estes trez hyates. Mantiveram companhia até á entrada do mez de Fevereiro, que foi quando o *Kater* apartou-se dos outros aos 23 gr. de altura da banda do norte. Acompanhemol-o primeiramente em sua viagem.

A 4 de Fevereiro houve vista seu capitão da ilha de Santo Antonio, uma das do Cabo-Verde, e d'alli deitou caminho pela derrota do oessudoeste em demanda da costa da America até o dia 17, quando foi em altura de 6° 20', e tomou sonda de vinte braças, sem porém avistar terra, porque são tão pouco profundas as aguas daquellas paragens da costa continental, que bem quinze leguas largo de terra se acha fundo. Ao outro dia navegou pelo rumo do oeste quarta a noroeste em busca da ilha Tabago, que foi vista no dia 20 ao oeste com o *Kater*, em altura de 11° 6'. Chegando ao remate oriental desta ilha, deram os nossos fé de uma vela, que era um barco portuguez com duas velas ré; o perseguiram e tomaram. A' noite andou á capa o hyate. Ao outro dia fundeou com o barco em uma bahia capaz da ilha Tabago. No barco tomado encontraram apenas alguns rolos de tabaco, continha porém cento e cincoenta escravos; tomaram os nossos o tabaco, e deixaram o barco seguir viagem com sua gente. A 24 partio o *Kater*, e perlongou o lado septentrional da ilha para bem observal-o, e viram os nossos que havia trez sitios accomodados para fazer aguada: um delles se acha no remate oriental, e é a sua maior enseiada ou bahia, onde se póde surgir em quinze braças, e tomar agua mui fresca. Obra de uma boa legua mais para oeste ha cinco farilhões da praia cousa de meia legua, póde-se passar entre elles e a praia, e sendo no espaço intermedio se vê uma grande bahia que faz a ilha, onde desagua um ribeiro d'agua doce; aqui pescam-se muitos peixes, e se póde surgir em oito ou dez braças diante da bahia. Um pouco mais para oeste ha outra bahia grande, onde desembocam dous ribeiros d'agua fresca; é pouco profunda, e se póde surgir em oito, sete e tambem seis braças. Da extremidade occidental sahe

ao mar um largo recife, que corre ao norte. Esta ilha Tabago é de facil conhecença: tem ao remate de leste dous ilhotes rodeados de muitos parceis, os quaes não distam muito da terra da ilha; esta, desde o mesmo remate até quasi o seu meio, é alta, e faz-se depois mais baixa; verdeja com os seus arvoredos. Cousa de duas horas antes do pôr do sol, largou o hyate do remate occidental desta ilha, e caminhando pela derrota do noroeste quarta a norte, ao cabo de dous quartos achou-se perto da ilha Granada com grande admiração dos nossos, que não contavam vingar tanto caminho em tão pouco tempô; e por aqui se vê que foi o hyate levado por uma forte corrente, o que se deve tomar em toda a consideração, para que se não vá dar contra alguma dessas ilhas. A' manhã de 25 do mez de Fevereiro, surgio o *Kater* do lado occidental desta ilha Granada, e não encontraram os nossos nenhum dos outros hyates nem cartas delles; aqui permaneceram até 5 de Março para fazerem aguada e refazerem, e em o dia mencionado largou o hyate, e bordejou para tomar a ilha de S. Vicente. Chegou a esta ilha a 8, e encontrou o hyate *Bruyn-Visch*; aqui se detiveram ambos alguns dias. Esta ilha de S. Vicente é fertil e populosa; os seus habitantes tingem-se de certa côr vermelha; inclinam-se aos Neerlandezes, e são grandes inimigos dos Hespanhoes. Dá a ilha bôas fructas e tambem tabaco. Pela parte do oeste e sul faz bellas bahias, em que se pôde surgir e fazer aguada. A 12 os hyates se fizeram á vela em demanda da ilha de Santa Luzia, a cujo remate occidental chegaram sobre a noite de 14. Nesta ilha encontraram uma bahia, onde se pôde haver agua doce. E porque não permittio a calmaria que fundeassem os hyates á sombra das terras altas, mandaram que fosse a chalupa dar vista á ilha. Sendo em terra, não encontraram os da chalupa gente nem casas, e observaram, consoante com as informações que haviam dado aos nossos os habitantes da ilha de S. Vicente, que esta de Santa Luzia é arida e esteril, e não pôde alimentar população alguma. Partiram os hyates da ilha de Santa Luzia, e a 15 chegaram a de Martinino, onde encontraram os nossos uma bahia grande e tão penetrante, que nella se pôde surgir sem avistar o mar, e de aguas tão tranquillias que os navios podem ser querenados commodamente. Na ilha crescem arvores proprias para mastros e mastaréos; obtem-se aqui facilmente agua doce; não encontraram os nossos pessoa alguma. D'aqui partiram a 18, e sobre a noite chegaram á ilha Dominica, e fundearam da banda occidental perto de um sitio accomodado para aguada. Esta ilha Dominica é habitada do gentio, e offerece refrescos, quando é tempo delles. Communicaram os selvagens aos nossos que no mar junto de terra havia duas peças de ferro, e os nossos as retiraram por estarem em bom estado. A 20 tornaram a partir os hyates, e ao outro dia surgiram á extremidade occidental de Guadelupe. Os selvagens, que alli assistiam, estavam tão esquivos, que, em desembarcando os nossos, fugiram de suas cabanas, e não quizeram voltar a ellas. Tomada uma porção d'agua, se fizeram á vela os hyates a 13, e bordejaram em demanda de Marigalante, que alcançaram sobre a noite. Não encontraram os nossos bahia accommodada em que surgissem os hyates, e mais notaram que o gentio da ilha não era de boa indole, pois, sendo numeroso, quiz persuadir que assim não era.

Tornando a partir, a 26 chegaram á ilha Desejada, e como não encontraram ancoradouro capaz, seguiram para a ilha Antigua, onde deram fundo ao outro dia em uma bella bahia. Esta ilha, da parte do sul e pelo seu meio pouco mais ou menos, faz duas bellas bahias, pegadas uma á outra; em terra não viram os nossos pessoa alguma, nem encontraram agua doce. E' mui arida. A 20 partiram, e ao outro dia chegaram á ilha de S. Christovão, onde encontraram Inglezes e tambem Francezes, que alli tinham feito assento. Na entrada de Abril partiram de S. Christovão, e ao outro dia lançaram ferro na de S. Martin; no meio da terra desta ilha encontraram os nossos uma salina mui grande, mas que então não tinha sal, e mais duas pequenas pela parte do sul. A 4 deram volta á ilha por leste, e passaram por entre a mesma ilha e a de Anguilla, que observaram ser igualmente esteril; trabalharam por tomar a ilha Sombreiro, mas, além de ser a navegação perigosa por causa das areias e parceiros, encontraram contrastes nos ventos e aguas, de sorte que tiveram de retroceder. Deram volta á ilha de S. Martin por oeste para irem procurar a ilha Barbada, como lhes fôra encommendado. Chegaram á ella no dia 6: é mui baixa, e bota alguns recifes, do lado do sul tem uma baixa que se estende ao longe, e o fundo é mui desigual. Esta ilha é tambem arida, e não offerece refresco algum. Ao outro dia partiram os hyates para a ilha de S. Vicente, onde fundearam a 10; aqui encontraram os nossos uma carta dos hyates de Zelandia, e em virtude della seguiriam para a ilha Granada, suppondo ahi encontral-os; mas, sendo nesta ilha a 12, souberam pelos selvagens que aquelles hyates haviam partido trez dias antes, e por isso não se quizeram deter, e no dia 14 chegaram á ilha Branca. Esta ilha Branca é tambem bastante esteril, encontra-se sómente a espaços algum guaiaco ou arvore do pão santo, tem porém numerosas cabras. Ao meio-dia de 16 descahiram sobre a ilha Tortuga, e rodeando-a por leste, observaram a salina, em que então não havia sal; proseguindo em sua viagem pelo sul da ilha, foram fundear á extremidade occidental della, contando achar agua, o que assim não aconteceu. No dia 18 governaram para a terra firme, e este mesmo dia a avistaram; foram-na costeando em demanda do cabo Caldera. Ao outro dia, sendo de Caraques obra de sete leguas, tomaram um pequeno barco hespanhol, mas o largaram por estar em lastro. Escorrendo a costa, chegaram a 24 a Maracaybo, e fundearam na bocca do lago da banda oriental; não ousaram navegar este dia para diante por encontrarem aguas pouco profundas. Ao outro dia se fizeram á vela, indo a chalupa adiante para tomar sonda, mas tiveram de fundear por causa de um vento forte. A 26, vindo a entrar uma fragata hespanhola servida de um vento fresco, e vendo-a os nossos, levantaram ancoras, e foram traz ella; os Hespanhoes fundearam a barlavento perto de terra, para onde se dirigiram em seu batel levando quanto poderam, de sorte que os nossos não encontraram na galera senão vinte vasos com azeite e trezentos frascos com vinho, em que fizeram prêsa, bem como em tudo o mais que lhes podia ser de algum prestimo, e deixaram singlar a embarcação, depois de lhe deitarem fogo. Na entrada de Maio adiantaram-se até uma ilha, que jaz no meio do lago; como porém não achassem

prudente melhorar para dentro delle, pois não conheciam bem aquellas paragens, tornaram a sahir. Ao outro dia chegaram á ilha Aruba, mas não lhes pareceu acertado desembarcarem por verem em terra alguns cavalleiros.

A 4 encontraram os hyates zelandezes (de que acima fallamos), os quaes estavam cruzando nas paragens do cabo de Coquibocoa, e os deixando alli seguiram para o cabo de la Vela, isto por haverem combinado os capitães dos hyates *Kater* e *Bruyn-Visch* com os dos hyates zelandezes que estes, segundo as suas instrucções, ficassem entre os dous cabos de Coquibocoa e de la Vela, ao passo que aquelles iriam cruzar entre o cabo de la Vela e Santa Martha, devendo juntarem-se todos a 2 ou 3 de Junho neste ultimo, e caso não se encontrassem, se passassem á ilha Vacca. Ao outro dia, tendo chegado o *Kater* e *Bruyn-Visch* junto do cabo de la Vela, proseguiram em sua viagem ao longo da costa. Avistaram os nossos algumas sete velas pequenas, que lhes pareceu estarem occupadas na pesca das perolas; não puderam porém os hyates chegar-se a ellas assim por causa da grande baxia como por sobrevir a noite. A 7 foram diante da pequena cidade do Rio de la Hacha, situada á borda do mar, e defendida por um fortim; pôde-se chegar tanto a ella que a alcance um tiro de colubrina, mas não em navios grossos. Os Hespanhoes dispararam cinco tiros contra os nossos, servindo-se sempre da mesma peça, o que deu a entender que não dispunham de outra. Encontramos notado nos papeis dos nossos que esta praça é aformoseada por muitas e bonitas casas e armazens; que demora na praia dez ou doze leguas abaixo do cabo de la Vela; que, para não escorrel-a, se attenderá ao seguinte—partindo do dito cabo, e perlongando a costa, se irá ver na face da ponta um comoro de areia vermelha e assás alto. Pode-se desembarcar commodamente da banda oriental desta praça por toda a extensão da bahia em uma praia rasa e arenosa, sem correr o perigo de levar os navios diante da cidade; pôde-se igualmente sahir em terra pela parte de oeste, e depois entrar na praça por traz sem receber damno do fortim. Outr'ora, quando florescia a pesca das perolas, esta cidade tinha mais importancia que ao presente, pois o numero das ostras de perolas vai actualmente em grande decrescimento, ou antes tem sido ella estragada pela muita ambição dos Hespanhoes. Bordenando para se remontarem ao cabo de la Vela, os hyates chegaram a elle no dia 10 de Maio, e ahi encontraram surto um pequeno navio hespanhol abandonado dos seus tripolantes e quasi cheio d'agua; carregára milho, e fôra saqueado pelos Inglezes; os nossos ainda encontraram nelle duas boas ancoras e pedaços de cêra, que tomaram, e depois lhe puzeram fogo. Fallaram com os selvagens da terra, que se mostravam inimigos dos Hespanhoes, indicaram aos nossos uma salina, em que havia sal mui branco, mas pouco consistente. Aqui se juntaram o *Kater* e *Bruyn-Visch* com os hyates zelandezes. Estes haviam encontrado um navio portuguez, procedente de S. Thomé, com duzentos e vinte cinco negros; mas, estando o navio de agua aberta, e não sabendo os nossos que fazer dos negros, tomaram vinte e dous dos mais robustos e o mais que lhes podia servir, e largaram o barco com os

outros. Assim juntos os hyates, convieram os seus capitães em bordejarem em demanda de Maracaybo, e de feito andaram bordejando desde 14 até 24; mas, como não conseguiram passar além do cabo Coquibocoa, resolveram seguir para a ilha Hispaniola. A 26 estavam a leste da ilha Vacca apartados della obra de doze leguas; ao outro dia aportaram entre esta pequena ilha e Hispaniola. Achavam-se pois reunidos o *Kater*, *Bruyn-Visch* da Camara de Amsterdam, *Ter-Veere*, *Leeuwinne* e *Vlieghenden-Draeck* da Zelandia.

A 8 de Junho partiram para o cabo Tiburon, que fica no remate occidental da ilha Hispaniola; ao outro dia fundearam em uma bahia, que demora a leste delle em distancia de obra de meia legua. Nesta bahia despejam suas aguas frescas dous ou trez ribeiros. Em terra encontram-se algumas laranjas. A 10 se tornaram a fazer á vela; dos hyates trez escorreram a costa meridional da ilha Jamaica, e os outros a costa do sul da ilha de Cuba. A 16 de Junho se tornaram a juntar nas aguas do pequeno Caimão; ao outro dia surgiram ao remate occidental dos Caimões. A' noite apanharam os nossos em terra quantas tartarugas quizeram, porque nesta quadra costumam estes animaes pôr seus ovos na praia. A 18 partiram para a ilha de Pinos, em cujo remate occidental fizeram aguada; a 25 fundearam junto do cabo de Corrientes. Ao outro dia seguiram o *Kater*, *Ter-Veere* e *Leeuwinne* para o cabo de S. Anton, e durante a noite capearam com uma vela pequena. A 27 avistaram uma vela, mas por causa da calmaria não se poderam chegar á ella. A 29 foi vista ontra vez a mesma vela; a chalupa se enviou a ella, e tomou-a. Era uma fragata procedente de Nova-Hespanha com carga de farinha de trigo, vinte e seis fardos de seda, mais dez pacotes de seda branca e preta, e algumas miudezas, o que tudo os nossos apprehenderam; conservaram tambem a galera. Ao outro dia avistaram as terras altas de Cuba na altura do Rio de Porcos; por aqui pairaram até 8 de Julho, quando ao romper do dia houveram vista de duas velas, que estavam a sotavento dos hyates. Fizeram os nossos força de vela por alcançal-as, e chegando mais perto viram que eram dous navios grossos hespanhoes. Os dous hyates *Kater* e *Ter-Veere* se aperceberam para o combate, e como sahissem ao encontro dos navios inimigos, entraram a atirar vigorosamente de parte a parte. Não ousaram porém os nossos abordar os navios contrarios, porque o *Leeuwinne*, em que se achava o almirante, ainda não se havia aproximado, e estava a barlavento com a vela de mezena sobre o mastro. Afastaram-se os dous hyates, e o *Ter-Veere* atirou para o *Leeuwinne*, em signal de que se aproximasse. Aproximou-se emfim o *Leeuwinne*, disparou suas peças contra os navios hespanhoes, e retirou-se por diante delles; os outros dous hyates tambem avançaram passando por junto do *Leeuwinne*, empregaram os seus tiros nos navios contrarios, e recuaram para serem de novo carregadas as peças. O *Leeuwinne* se enviou outra vez aos Hespanhoes, e tendo atirado retrocedeu, e passou pelos dous hyates; estes deram volta, e atiraram mais uma vez contra o inimigo. Como porém succedeu ficar o *Leeuwinne* muito alongado, e ignorando os capitães do *Kater* e *Ter-Veere* o que lhe acontecera, tambem mudaram de bordo. Puzeram n'agua a chalupa do *Ter-Veere*, a qual vogou para o *Leeuwinne*, levando tambem o

capitão do *Kater*. A bordo do *Leeuwinne* foram os capitães accordes em que se abordasse a almiranta hespanhola, sendo o *Leeuwinne*, o primeiro na investida, o *Kater* o segundo, e o *Ter-Veere* o terceiro, resolução que tomaram por lhes parecer que com tiros não renderiam os contrarios. E como, em quanto estavam os capitães assim occupados singraram os hyates, vindo a ficar distanciados um grande espaço dos navios inimigos e a sota-vento delles, os da almiranta hespanhola, entendendo que os nossos se achavam amedrontados, deram um tiro afastando-se, e içaram uma flammula á verga da mezena. Fizeram os nossos toda a diligencia por se travarem outra vez, mas, em se aproximando, viram que não podiam alcançar a almiranta, como desejavam, porque era mais veleira que a vice-almiranta; e pois abordaram esta, o *Leeuwinne* por barlavento e os outros dous hyates por sotavento. Vendo isto a almiranta hespanhola, que se achava a barlavento, aproximou-se e abordou o *Leeuwinne*, que assim ficou entre os dous navios hespanhoes, resultando d'aqui tão temeroso bombardeio que se não podia ver nem ouvir. Tanto que se dissipou um pouco a fumaça, vontade tiveram os nossos de entrar os navios contrarios, mas não o poderam fazer, porque os navios hespanhoes eram mais alterosos que os nossos, e de cima delles manejavam os inimigos furiosamente as suas lanças, com que tomou o caso um feio aspecto. Valeram-se porém os nossos de suas granadas, e as arrojaram entre os inimigos, que não mais souberam aonde se haviam de metter. Resultou atear-se o fogo na vice-almiranta hespanhola, mas nem por isso deixaram os nossos de entrar-a; mataram a maior parte dos hespanhoes, e trabalharam por abafar o fogo. Depois apartaram-se uns dos outros sempre combatendo. A almiranta hespanhola fez por se escapar, e como os hyates receberam tanto detrimento das balas do inimigo que não podiam mais lutar, não perseguiram o dito navio, e se contentaram os nossos com a vice-almiranta que lhes ficara nas mãos. Seguiram com ella para o canal de Bahama; na costa da Florida tiraram della algumas caixas de anil, e mandaram para Havana na fragata os hespanhoes que restavam. O navio tomado era um dos que vinham de Honduras; trazia o riquissimo carregamento de mil quatrocentas e quatro caixas de anil de Guatemala, quatro mil duzentos e oitenta couros, e trinta e dous vasos com balsamo. A 5 de Setembro recolheram-se os nossos á Republica com este esbulho.

O capitão do hyate *Bruyn-Visch*, que a 24 ficara no cabo Corrientes, mandou a chalupa á ilha de Pinos. Voltou esta na entrada do mez de Julho, trazendo um barco tomado nos Cayos, o qual continha oitenta e dous couros curtidos, e cento e noventa e quatro não curtidos, e seis caixas de estanho com tabaco Menoc. A 4 do mesmo mez seguiu o *Bruyn-Visch* para as Tortugas, que só a 22 foram vistas, suppondo os nossos a principio que eram velas, por causa das arvores, que alli ha, mui distanciadas, e por assim dizer rasas com o mar. Observaram que demoram estas pequenas ilhas na altura de 24° 28'. Ao outro dia a calmaria fez derivar o hyate até as aguas dos Martyres, onde o abordou uma canôa com selvagens. Eram homens de estatura elevada e bem proporcionados de membros; traziam as vergonhas cobertas com uma

tanga feita do entrecasco de arvores, e as barbas compridas sem bigodes; pareciam ser inteligentes, e mais urbanos que os Caraibas. A 26 foi o hyate diante de Havana; por alguns prisioneiros hespanhoes souberam os nossos que o castello grande era guardado de ordinario por cento e cincoenta homens, e montava perto de cem peças, que estavam a cargo de mais de quarenta artilheiros experimentados; que no segundo, que fica da banda occidental, se achavam cem soldados, oitenta peças e trinta artilheiros; no terceiro igual numero de soldados, setenta peças e vinte artilheiros; na cidade contavam-se pouco mais ou menos trez mil vizinhos, que em caso de necessidade serviam tambem de soldados, e em toda a ilha, entre homens, mulheres, meninos, negros, algumas sessenta mil pessoas, pela maior parte desarmadas e mui espalhadas pela terra. Seguiu finalmente o *Bruyn-Visch* costeando a Florida para a Nova-Neerlandia, e a 29 de Agosto fundeou na bocca do Rio do Norte. D'aqui partio no ultimo dia de Setembro, e chegou ao Texel a 25 de Outubro.

A traz se disse que Dirck Simonsz. van Uytgeest partira a 13 de Janeiro de conserva com o *Kater* e *Bruyn-Visch*, e que estes hyates se haviam apartado d'elle. Antes de dar conta da viagem deste capitão, accrescentaremos que a 27 de Dezembro do anno passado largaram do Texel os hyates *Eenhoorn* (Unicornio), oitenta lastos, dez colubrinhas e seis pedreiros, quarenta e quatro marinheiros, capitão Joost Jansz., e *Windt-Hondt*, oitenta lastos, dez colubrinhas e seis pedreiros, quarenta e seis marinheiros, capitão Claes Hendriksz. O *Otter* e o *Windt-Hondt* chegaram a 4 de Fevereiro á ilha de Santo Antonio, uma das do cabo Verde, e sobre a noite surgiram em S. Vicente; d'aqui partiram a 19 para as costas do Brazil. A 7 de Março, na altura de 3º pouco mais ou menos, houveram vista de duas velas, uma das quaes foi tomada pelo *Windt-Hondt*. Vinha de Lisboa com carga de farinha, sal e vinho, e transportava entre outras pessoas trinta frades, que se destinaram a Pernambuco. A 12 de Março atravessaram a linha, e a 22 foram ver a costa do Brazil em altura de 8º 11'; ficaram a pairar entre o cabo de Santo Agostinho e o porto de Pernambuco. A 28 juntou-se o hyate *Eenhoorn* com o *Otter*, e a 30 o *Windt-Hondt* juntamente com sua presa, e surgiram todos ao cabo de Santo Agostinho em vinte e uma braças. No começo de Abril seguiu o *Eenhoorn* para a Bahia, e os outros dous ficaram a cruzar n'aquella paragem. A 11 encontraram-se com elle os quatro navios que foram tomados, como dissemos, pelo almirante Pieter Pietersz. Heyn, os quaes seguiam viagem para a Republica. A 15 surgiram os hyates á vista do porto de Pernambuco; puderam pois os nossos avistar os navios, que estavam fundeados em dito porto, sendo que dous estavam carregados e os mais, alguns doze, ainda vãos. A 17 tomaram um navio, que vinha de Angola com seiscentos negros, mas esta tomadia não nos foi de proveito algum, porque os de Pernambuco não quizeram resgatar os negros. A 23 surgiram por traz da ilha de Santo Aleixo, e limparam os hyates. A 25 partiram, e a 28 tornaram a surgir diante de Pernambuco; cruzaram naquellas cercanias. A 6 de Maio foram outra vez diante do porto, e viram que nelle se achavam surtos de vérga d'alto nove navios carregados, que

aguardavam as proximas marés d'aguas vivas (*springh-tijdt*) para se fazerem ao mar. Ao outro dia a chalupa deu á costa com dous barcos. A 9 amararam-se algum tanto o *Otter* e *Windt-Hondt* afim de se porem fóra da vista de terra, e não tolherem a sahida aos navios. A 13 singraram um pouco para o norte. Ao outro dia, sendo em altura de 7º 51', surgiram em trinta e duas braças, fundo de areia; depois acercaram-se mais da costa, e fundearam em vinte e cinco braças, fundo ainda de areia. A 19, como era chegada a conjuntura das marés vivas, levantaram ferro, e se fizeram ao largo. A 20 tornaram a surgir diante do porto de Pernambuco; viram que havia no Poço trez navios, que estavam de verga d'alto. Cruzaram até 27, dia em que apresaram um barco, que demandava a ilha de Santo Aleixo para carregar assucar; continha sómente sal e ferro. Ao outro dia desembarcaram os tripolantes em Santo Aleixo. A 29 tomaram, a carão de Pernambuco, um pequeno navio com carregamento de vinho; os tripolantes foram levados á terra no batel. Como o dito naviozinho não nos era proveitoso, depois que baldearam o ferro e tudo o que podia servir, puzeram-lhe fogo ao outro dia. A 3 de Junho assentaram de seguir para a ilha de Fernão de Noronha, onde se refariam. A 8 chegaram á dita ilha; aportaram, e encontraram o hyate *Eenhoorn*. Aqui refrescaram; fizeram aguada e lenha até 25, dia em que tornaram a partir. Diligenciaram voltar ás costas do Brazil. A 28 avistaram o continente pela altura de 7º á banda sul. Ao outro dia acharam-se entre Itamaracá e a Parahyba, e por ahi pairaram. A' noite deram fé de uma vela a barlavento dos hyates em distancia de obra de meia legua; deram-lhe caça, e a tomaram antes do ronper do dia. Carregava quatrocentas caixas de assucar, porção de pão brazil e tabaco. Amararam-se um pouco com esta prêsa. Na entrada de Julho trabalharam por avançar para o sul, e sobre a noite estavam ao remate septentrional da ilha de Itamaracá; aqui surgiram em oito braças o *Otter*, *Windt-Hondt* e o navio tomado. Ao outro dia vogaram no batel para o rio de Goyanna a ver se ahi podiam dar desembarque aos Portuguezes; acharam na bocca do rio quatorze pés d'agua, e bem trez braças um tiro de mosquete para dentro delle. Encontraram um batel, que apprehenderam; deram desembarque aos Portuguezes. A 3 fizeram-se ao largo. O *Windt-Hondt* e o navio tomado se foram via da Republica; o *Otter* amarou-se algum tanto para se pôr fóra da vista de terra. A principio descahio um tanto para o norte, achando-se a 7 em altura de 5º 50', mas amarando-se a pouco e pouco recebeu o vento mais de leste, e avançou outra vez para o sul. Dizem com effeito os homens praticos que, por aquella altura, largo de terra obra de cincoenta leguas, cursa o vento ordinariamente de leste, e que quanto mais vos chegardes á terra, mais se faz elle sul. A 11 achou-se o *Otter* novamente aos 9 gr. 11 min.; andou pairando entre 8 e 9 gr. e alguns min.. A 22 encontrou-se com o almirante Pieter Pietersz. Heyn, que seguia viagem com seus dezenove navios e um barco; continuou a cruzar até 27, e então se fazendo em outro bordo, governou ao nornoroeste para tornar a surdir abaixo de Pernambuco por occasião das proximas marés vivas, e por ahi andou a cruzar. E como corriam as aguas fortemente ao norte, foi descahindo para menor latitude, mas com virar de bordo tornou a adiantar-se para

o sul, e assim depois de se haver elevado á altura de 3º 27' de lat. norte, foi ver a 12 de Agosto o continente perto de Itamaracá. A' seguinte manhã avistaram os nossos um navio portuguez, e logo depois outro; abordaram um delles, em que metteram vinte homens, e fizeram força de vela para alcançar o outro, como alcançaram e tomaram pela tarde. Singraram então para se juntar com o primeiro navio tomado, e o encontraram ás 11 horas da noite. Estes dous navios tomados estavam carregados de assucar. Tendo assim feito tão boa prêsa, a 14 de Agosto determinou o capitão Dirck Symonsz. fazer-se na volta da Republica. O vento nordeste deteve-o alguns dias. A 19 de Setembro uma tempestade apartou do *Otter* os dous navios tomados na altura de pouco mais de 39º. A 24 os nossos avistaram a ilha das Flores, e ao outro dia chegaram a do Fayal, onde deram desembarque a trinta e seis homens entre Portuguezes e negros. A 8 de Outubro avistaram o cabo Lizard, e ao outro dia entraram em Falmouth. A 13 se juntou com os nossos neste porto um dos navios tomados. A 24 se recolheram ao Texel.

FIM DO QUARTO LIVRO

SUMMARIO DO LIVRO QUINTO

Descripção da viagem da esquadra sob o commando do Almirante Pieter Adriaensz. Ita. Partida dos navios. Chegam seis juntamente a S. Vicente. Descripção da Ilha Branca. Chegam a Mona. Perto de Savona capturam um navio carregado de gengibre. Os pequenos rios El Soco e Sogelo. A ilha de S.^{ta} Catharina. Os outros navios chegam á Bahia Funda. Tomam uma barca carregada de negros. Um navio posto a pique á bala. Capturam uma barca. Toda a esquadra fica reunida. Visitam Santiago de Cuba. Chegam ao cabo S.^{to} Antonio. Passam pelos baixios dos Orgãos, sem soffrer damno. Os hespanhoes põem a pique duas das suas proprias barcas. Tomam uma barquinha chegada de Sifal, e obtêm noticias d'alli pela mesma. E' capturada uma outra barca com 500 couros, etc. Batem dous navios de Honduras, dando-lhes abordagem; a *Leuwinne* ataca muito de perto a vice almiranta hespanhola; levam a náu vice almiranta de vencida contra a costa; depois de renhida luta os nossos se apossam de ambos os navios; nomes e artilheria dos mesmos; retiram-lhes as mercadorias, incendeiam a vice-almiranta e levam comsigo a almiranta. A *Noordt-Sterre* dá caça a duas ou tres pequenas barcas junto á costa: retiram ás mercadorias da almiranta e incendeiam-n'a. Voltam á Republica. Lista das fazendas que trouxeram. O navio *Fortuyn* e as suas aventuras; toma uma barca hespanhola. Descripção da viagem da esquadra de Direk Simonsz van Uytgeest. Chega á ilha de Cabo Verde; d'alli vai á costa do Brasil. Toma um navio e duas caravelas. Descarrega as duas caravelas e manda os despojos para a Republica. Toma ainda um navio carregado de assucar. Recebe informação sobre um pequeno galeão de Goa; manda os despojos para a Republica. Faz o possivel para voltar á costa do Brasil; vai ter á costa norte desse paiz; segue para o Norte até 33° ao norte do equador; chega á Serra Leão. Parte d'alli. Toma um pequeno navio com vinho Madeira. Chega á costa do Brasil nas visinhanças de Pernambuco. Toma dous navios carregados de assucar. Dá caça ao pequeno galeão de Goa e captura-o após renhida luta. Aprisiona ainda dous navios carregados de assucar e chega perto do cabo de S.^{to} Agostinho. Faz-se á vela para as Antilhas; fundeia em Bekia. Descarga das presas e relação das fazendas conquistadas. Partem todos para a Republica e chegam lá em abril de 1629. — Descripção da viagem da esquadra do Almirante General Pieter Pieterz. Hein. Parte em Maio, passa perto das Canarias e segue para as Antilhas. Avista a ilha de Pinos e chega ao cabo S.^{to} Antonio; detem-se perto d'alli; navega para as Tortugas; toma duas barcas pequenas; volta para perto de Havana. Captura

uma fragata que servia de aviso á esquadra hespanhola : dá ainda caça pela costa a uma barca ; o vento faz derivar os nossos navios assim como a esquadra hespanhola para defronte de Havana ; a vice-almiranta approxima-se da nossa esquadra ; combate entre a nossa e a esquadra da Nova Hispania, sendo a mesma capturada pelos nossos, parte no mar e parte na bahia de Matanza. O estado dos galeões e dos outros navios capturados. Captura de um navio com uma carga de vinho : descarga dos navios capturados. Partida da bahia de Matanza. Dous yachts despachados para a Republica. A esquadra chega á patria. Cargas dos navios. Aventuras de um dos navios dessa esquadra. O *Oudt Vlissinghen* toma um navio do Rio de Janeiro com carga de assucar. Chega ás Antilhas. O *Goude Sonne* captura um navio carregado de couros. Cruza nas visinhanças do caço de S.^{to} Antonio. Descahe para as costas das Tortugas. O *Tiger* perde-se dos outros navios e volta a juntar-se-lhes no golfo da Nova Hispania. Avista novamente terras das Tortugas e passa pelo canal de Bahama; avista as Bermudas e volta a Barbados ; d'ahi vae a S. Vicente, Granada, Ilha Branca, onde se fornece de cabritos. Situação dessa ilha e descripção da Tortuga. Ancora em Orchilla, apanha ahi cabritos; descripção dessa ilha. Descripção das Roccas e Bonaire. Chega a Savona, a Mona; descripção dessa ilha. Volta á patria. Situação da esquadra de Adriaen Iansz. Pater, sua partida e viagem para S. Vicente, uma das ilhas de Cabo Verde.

LIVRO QUINTO

1628

A Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes, animada pelas capturas que no anno antecedente havia feito de navios e fazendas do inimigo, resolveu novamente expedir neste anno diversas esquadras.

Aprestou primeiramente uma frota de 12 navios sob o commando do bravo Pieter Adriaensz. Ita, de Vlissinghen como *Commandeur* e Hans Abbouts como vice-*Commandeur*. Concorreram, mandando navios para a formação dessa esquadra: a Camara de Amsterdam com os navios: *Dolphiyn*, do porte de 130 lastos, provido de dous canhões de bronze e 28 de ferro, tripulado por 107 marinheiros; *Roode Leeuw*, de 250 lastos, provido de dous canhões de bronze e 22 de ferro, tripulado por 120 marinheiros e 41 soldados e commandado pelo capitão Albert Hendricksz.; *Kater*, de 90 lastos, provido de 16 canhões de menor calibre e 65 homens, sob o commando do Capitão Jochim Gijsz.; *Pinas*, de 100 lastos, provido de 18 pequenos canhões, 60 marinheiros e 26 soldados, sob o commando do Capitão Claes Fransz. de Vries.

A Camara da Zelandia mandou os navios: *Walcheren*, de 280 lastos, com 8 canhões de bronze e 22 de ferro, 160 marinheiros, indo neste o proprio *Commandeur* e, como capitão do navio, Jan Mast; *Leeuwinne*, de 100 lastos, com duas pegas de bronze e 14 de ferro, tripulado por 79 marinheiros e tendo como capitão Jan Pietersz.; *Noordt-Sterre*, de 30 lastos, com quatro pegas de bronze e quatro de ferro e 40 marinheiros, tendo por capitão Cornelis Huyghens; *Fortuyn*, de 160 lastos, com dous canhões de bronze e 18 de ferro, tripulado por 103 marinheiros, capitão Galeyn van Stapels; *Zuydt-Sterre*, de 30 lastos, com quatro pequenos canhões de bronze e quatro de ferro, 46 homens, capitão Adriaen Adriaensz.

A Camara de Mosa concorreu com o *Eendracht*, de 100 lastos, com duas pegas de bronze e 18 de ferro, 80 homens, capitão Antonis Cornelisz. Condé.

A Camara de Groninga forneceu o *Vriessche Jagher*, de 140 lastos, com duas peças de bronze e 16 de ferro, 74 marinheiros, capitão Jan Braems.

Esses navios não sahiram juntos. O *Dolphijs* e o *Kater* partiram de Texel em 24 de Janeiro juntamente com o *Vriessche Jagher*; o *Walcheren*, o *Leeuwinne* e o *Noordt-Sterre* deixaram a Zelandia no dia 27 e os outros em differentes epochas, como havemos de referir depois. Esses seis navios, sahidos quasi ao mesmo tempo, reuniram-se no porto de S. Vicente, uma das Antilhas, no dia 15 de Março, sem nada occorrer na sua viagem que seja digno de nota. Depois de passar pouco tempo alli, dividiu-se a esquadra em duas partes. O almirante com o *Walcheren*, o *Kater* e o *Noordt-Sterre* partiu no dia 23 de Março e fundeou no dia seguinte em Granada; no dia 26 partiu novamente dessa ilha, chegando no dia seguinte a Ilha Branca. Esta ilha tem cabritos em abundancia, apesar de não haver agua doce a não ser no tempo das chuvas; as suas bellas planicies são cobertas de relva; o fundo do seu ancoradouro, em geral de pedras miudas, é em alguns pontos formado de grandes pedras; ao seu pequeno porto, cujas condições são regulares, vêm caçar cabritos, em algumas epochas do anno, a gente de Commena e a da Ilha Margarida. No dia 29 suspenderam âncora os navios e tomaram o rumo norte e norte quarta de nordeste, esforçando-se por ganhar a costa da ilha de S. João do Porto-Rico e alcançaram no dia 2 de Abril a parte sul da ilha, pouco mais ou menos no meio della, calculando a distancia da Ilha Branca para alli em 90 leguas. No dia seguinte fundearam na ilha de Mona, a qual calcularam estar situada a 10 leguas do cabo Roxo, sendo este o ponto mais occidental de Porto Rico. No dia 4 partiram novamente dalli e acharam-se no dia seguinte pela manhã na ponta mais oriental da ilha Savona, distante de Mona (segundo calcularam) cerca de nove leguas; foram costeando até ao meio da ilha e approximando-se fundearam no porto no dia 6, fazendo-se de novo á vela na tarde do mesmo dia. No dia 9 o yacht capturou um pequeno navio hespanhol, carregado com 7.000 libras de gengibre. Os prisioneiros declararam que vinham de um pequeno rio situado a cerca de 13 leguas acima da cidade de S. Domingos, chamado El Soco, o qual na vasante tem na entrada mais de quatro pés de profundidade. As casas estão um pouco afastadas da margem. Os productos daquelle logar alem de gengibre são assucar e couros. Tres leguas mais acima desse riosinho ha um outro chamado Sogelo, cujas margens produzem unicamente couros e *manteca de Porco* (banha de porco), de que os Hespanhoes fazem grande consumo. As barcas tomam a carga a umas oito leguas rio acima, onde ha uma grande aldeia. O rio é bastante fundo até 4 leguas para o interior e dahi em diante tem muitos baixios. Ainda ha, conforme dizem, outro a 11 leguas de distancia de S. Domingos, chamado Macoris, sendo a producção do logar assucar, gengibre e couros. As barcas tomam carga sete leguas rio acima. Este é bastante fundo na foz mas está semeado de bancos. Informaram os mesmos que no rio da capital de S. Domingos estavam fundeados tres navios, ja quasi completamente carregados, devendo partir brevemente para Carthagena. No dia seguinte, isto é, a 10 estavam a cerca de tres leguas ao sul da barra do rio de S. Domingos, de sorte que podiam avistar

distinctamente a entrada. Ficaram cruzando nas visinhanças por alguns dias. No dia 14 fundearam junto á ilhota de S.^{ta} Catharina, situada perto da costa da Hispaniola. Acharam que era muito pedregosa; tem, no entanto, boa agua e não tem outros animaes a não serem aquelles a que chamam *Leguanes*. O lado do nortenão dista mais de meia legua da grande ilha, de modo que os que vêm do mar a confundem com a outra. Partiram novamente dalli no dia seguinte e no dia 16 foram bordejando até chegar a uma legua distante da ponta occidental da ilha de Savona, de sorte que ancoraram outra vez junto á mesma, dia ainda. Parte da gente desceu em terra para caçar alguns animaes, mas não apanhou nenhum, de sorte que é de crer que poucos lá houvesse. Partiram novamente no dia 20 e seguiram ao longo da costa sul da ilha Hispaniola perto da ilha de Vacca e fundearam no dia 25 por traz da mesma. O Vice *Commandeur* Hans Abbouts partiu com o seu navio, o *Leeuwinne* e o *Vriessche Jagher* e mais duas grandes chalupas no dia 2 de Abril da citada bahia da ilha de S. Vicente e ancorou no dia seguinte em uma bahia da ilha Granada. No dia 5 a chalupa do *Leeuwinne* com 15 homens e um grumete dirigiu-se á terra para pescar com arrastão em uma enseada, perto do navio, e não estando de volta ao meio dia, como lhes fora ordenado, começaram os de bordo a desconfiar que lhes houvesse succedido qualquer desgraça, rasão pela qual depois do meio dia mandaram á terra a chalupa grande para se informar sobre a gente. Chegando ao logar, acharam, fluctuando no mar, um cadaver completamente nũ, o qual trouxeram para bordo, podendo então bem imaginar o que succedera. Mandaram lá outra vez a chalupa biscainha, juntamente com o bote do *Vriessche Jagher*, com alguns homens armados, que, voltando á tarde, disseram ter ido ao logar em que a gente estivera pescando, sem poder encontrar nem os marinheiros nem a chalupa, sendo bem de presumir que todos houvessem sido assassinados pelos selvagens. Mandaram no dia seguinte procural-os outra vez, não obtendo entretanto noticia alguma sobre o seu destino. Fizeram-se á vela na mesma tarde e no dia 8 chegaram á ilha Branca, onde apanharam alguns cabritos e partiram ainda de dia. O *Vriessche Jagher* foi mandado com uma chalupa para cruzar entre as ilhas e a terra firme até 6 de Maio e depois navegar para o Cabo de la Vela e d'ahi dirigir-se á ilha de Vacca onde se devia reunir á esquadra.

Os outros deviam nesse mesmo tempo manter-se por fóra das ilhas e cruzar juntos até ao cabo Coquibocoa e Bahia-Funda. No dia 15 estavam os navios junto ao cabo Coquibocoa, onde se lhes reuniu o *Vriessche-Jagher* e ancoraram no dia 17 em Bahia-Funda. No dia 19 fizeram-se novamente á vela e bordejaram, esforçando-se quanto possivel para chegar ao cabo de Coquibocoa, onde resolveram parar.

No dia seguinte chegou alli o yacht *Kater* com uma carta do *Commandeur* Pieter Adriansz., na qual ordenava que fossem sem demora para a ilha de Vacca.

No dia 21 navegaram juntos para o Cabo de la Vela e ahi ancoraram. Reunio-se-lhes nesse ponto o *Vriessche Jagher*, o qual capturara uma

barca portugueza que vinha de Pernambuco, com 36 negros. A gente foi posta nos navios e a barca foi mettida a pique. E, fazendo-se á vela, seguiram com rumo á Hispaniola, a qual avistaram no dia 26, chegando dous dias depois e ancorando junto aos outros na ilha de Vacca.

Juntou-se-lhes no dia 8 de Maio o navio *Eendracht*, que partira de Mosa no dia 12 de Fevereiro. Encontrou esse em caminho um navio portuguez carregado de negros e deu-lhe um tiro que infelizmente o poz a pique. No dia 11 sahiu a esquadra desse ponto e tomou o rumo do sul em direcção á costa do continente, da qual no dia 17 chegou a avistar uns altos montes, algumas leguas a leste de S.^{ta} Martha. Ahi se separaram em tres diviões: a primeira compunha-se do *Walcheren*, do *Eendracht* e do *Vriessche Jagher*; a segunda do *Dolphijn*, *Leeuwinne* e *Cuba* (este chegara ultimamente); a terceira, do *Kater*, *Noordt Sterre* e duas grandes chalupas. Os ultimos deviam manter-se junto á costa e os outros mais para o alto mar. Separados uns dos outros pelo mau tempo, reuniram-se novamente depois. O *Dolphijn* com o *Leeuwinne* tomaram no dia 28 o rumo da Hispaniola e chegaram no ultimo dia de Maio mais uma vez á ilha de Vacca. No mesmo dia o almirante partiu e surgiu no dia 3 de Junho em Hispaniola junto ao Porto Jaquimo. Os outros, entrementes, fizeram-se á vela para o cabo Tiburon, onde o *Fortuyn* juntamente com o *Zuydt-Sterre* acabava de chegar. Estes dous haviam partido da Zelandia no dia 3 de Março, nada podendo fazer em caminho, a não ser o apresamento, nas visinhanças de Porto Rico, de uma barquinha carregada de generos alimenticios. Desta maneira no dia 4 todos os navios estavam juntos no cabo Tiburon. Ahi ha um bom porto para refrescar os navios não só de animaes, como tambem de laranjas, assim como ha boa agua e um bom fundeadoiro. No dia 8 seguiram d'alli, tomando a direcção de Cuba. Os yachts *Kater* e *Zuydt-Sterre* e uma grande chalupa foram mandados ao porto de Santiago de Cuba afim de ver se podiam surprehender e capturar o navio que alli vai todos os annos buscar a carga de cobre para levar para Havana. Acharam porem a barra tão estreita e tão fortes vagas que não ousaram entrar com os yachts, mandando entrar só a chalupa para observar a situação. A mesma ao regressar informou que havia tres navios e uma barca fundeados no porto, junto ao forte. Assim os yachts voltaram a reunir-se aos outros navios e navegaram juntamente para as Caymans e dalli seguiram para os cabos de Corrientes e S.^{to} Antonio. Enviaram o *Kater* e o *Noordt-Sterre* adiante com duas chalupas com o fim de surprehenderem uma ou outra barca hespanhola, obterem informações da situação do paiz e saberem quaes os navios esperados. No dia 20 chegaram á vista do cabo S.^{to} Antonio e os citados yachts voltaram sem nada haver conseguido.

Entraram depois um tanto mais no golfo do Mexico e chegaram ás aguas das Tortugas, mas o vento soprando mais forte levou-os alem e no dia 29 tornaram a avistar a ilha de Cuba e resolveram cruzar defronte della entre os montes Orgãos e rio de Porcos e no dia 1 fazer orações a bordo da esquadra. A' volta da tarde não se podia das vergas avistar a terra, de sorte que ao levantarem ferro, os navios foram levados para sudoeste e por isso

uma hora depois descahiram para a terra e mal começaram a navegar, á distancia apenas de dous cabos, acharam-se sobre quatro braças de fundo, do que resultou ficarem tres navios encalhados, mandando o almirante duas chalupas para os ajudarem.

O *Kater* safou-se logo, mas a sota-almiranta estava muito enterrada e só se poudo livrar no dia seguinte. Estavam na latitude de 22° 20' e devia tomar-se cautela porque os baixios se estendem até longe da barra.

Viram a Corôa em 4 de Julho pela manhã e Cornelis Huyghen com o *Noordt-Sterre* e duas chalupas foi mandado para as visinhanças da costa para ver qual o estado de cousas e só voltaram no dia 9, tendo avistado no dia 6 uma barca pequena, que os Hespanhoes puzeram a pique antes de a ter alcançado, da qual tiraram ainda 20 couros e um pouco de carne secca, achando-se alem disso carregada de tartarugas. Viram depois disso uma outra barquinha, que os hespanhões trataram de por a pique, na qual ainda os nossos encontraram algum peixe secco, um pouco de pennas e algodão, quasi tudo molhado. No dia 11 o *Noordt-Sterre* e as ditas chalupas trouxeram uma pequena barca que capturaram junto á costa e vinha de Sisal (um portosinho de Yucatan) carregada de cacáu e de algum cordame destinado a um galeão, que estava em construcção em Havana. Soube-se por essa gente que os navios de Honduras ainda não haviam chegado e que o Governador de Havana, tendo recebido aviso de que havia muitos doentes a bordo, mandar a duas fragatas carregadas de soldados para reforçar as suas guarnições. Tambem declararam que na esquadra, que devia chegar dentro em pouco da Nova Hispania, havia dous poderosos galeões e uns 10 ou no maximo 11 navios bem montados. Depois de retiradas as fazendas da pequena barca, incendiaram-n'a. Levaram depois a cruzar ora na visinhança de Porto de Cavananas e da Corôa, ora perto de Havana, até ao ultimo de Julho. Acharam-se então a seis leguas ao norte quarta de noroeste de Cavannas. Alli avistaram o yacht *Noordt-Sterre* e as já citadas chalupas que estavam occupadas em dar caça a uma barca, rasão pela qual a esquadra teve de esperar. A barca foi capturada pelo yacht ao meio dia e trazida á esquadra; vinha com 13 dias, de Honduras, e trazia uma carga de 500 couros e 100 pacotes de salsaparrilha.

Disseram que os dous grandes navios, que estavam á vista, eram a almiranta e vice almiranta de Honduras, que uma tinha 250 homens e a outra 200 e que cada uma estava provida de 20 canhões.

No dia 1 de Agosto tornaram a avistar os dous grandes navios, mas estavam muito chegados á terra e não distavam mais de duas leguas a leste de Havana. Todos os nossos navios estavam a sotavento e a nossa almiranta era o que estava mais ao mar. Os dous navios hespanhões tencionavam passar entre a costa e os nossos e refugiar-se em Havana, tendo grande probabilidade de o fazer; mas o *Leeuwinne* que era o mais veleiro dos nossos conseguiu collocar-se a barlavento e o *Fortuyn* a sotavento, assim como o *Dolphijn*, e estando os tres tão perto da costa era impossivel que com tal obstaculo os navios hespanhoes pudessem passar. Se não fôra a consideravel

oposição dos nossos navios, elles entrariam facilmente em Havana, pois o vento soprava para a terra e fortes vagalhões corriam para a costa.

A vice-almiranta hespanhola, navegando á frente, foi valentemente abordada pelo *Leeuwinne*, descarregando as suas baterias e mosquetes um no outro.

Mas o *Leeuwinne*, não tendo arpéos de abordagem, desprendeuse do bordo do inimigo e a vice-almiranta vendo-se livre e atravessando todo o leme conseguiu voltar-se e aproar para terra e o *Leeuwinne*, não podendo fazer o mesmo por falta de espaço, ficou collocado junto ao outro, mas de tal forma que mal podia atirar sobre o inimigo com algumas peças, enquanto que a vice-almiranta podia varrer-lhe o convez e já lhe havia derrubado com um tiro um dos mastros.

A almiranta hespanhola já passara pela vice-almiranta, mas notando que não podia ir alem, pois o *Fortuyn* e o *Dolphiyn* avangavam á toda força de velas para lhe embargar o passo, foi por-se ao lado da vice-almiranta junto á costa. De modo que o *Leeuwinne* ficou entre os dous e foi muito bombardeado pela vice-almiranta.

Achou-se em tão critica situação que, havendo morrido o capitão e muitos tripolantes, esteve a ser combinada com os hespanhoes a rendição; pois os dous navios estavam proximos um do outro, desde pela manhã até ás duas da tarde. Os nossos não lhe podiam valer por ser a brisa do sul e fraca e a correnteza junto á terra dirigir-se para oeste, mas o maior motivo era o pouco conhecimento da costa.

Os hespanhoes aprisionados na barca nada lhes podiam informar sobre isso, porquanto se declararam ignorantes acerca do assumpto; entretanto ouviram dizer que não havia bons ancoradouros junto á costa. Assim os nossos navios se moviam de cá para lá descarregando os seus canhões de maior calibre ora sobre um, ora sobre outro navio hespanhol.

Nesse interim foram de terra muitos botes carregados de gente para a vice-almiranta, ainda que pelo nutrido fogo que o *Leeuwinne* fazia contra a almiranta hespanhola não pudessem fazel-o com facilidade. Quanto á nossa almiranta, devido a ser-lhe o vento contrario e a brisa muito fraca, não se podia approximar do campo da acção, de sorte que achou melhor arribar mais para o norte até que viesse a brisa, que alli diariamente sopra. Aparecendo essa por volta da tarde, approximou-se de terra, á distancia de um tiro de canhão dos navios hespanhoes e os outros se dirigiram para perto d'elle e ainda alli encontraram 11 ou 12 braças de fundo. Depois de ordenar o que a sua vice-almiranta e o *Fortuyn* deviam fazer, atacou valentemente o inimigo e tentou abordar a vice-almiranta hespanhola que lhe fez frente repellindo corajosamente os assaltantes á arma branca.

Começou então uma renhida e sanguinolenta batalha de ambos os lados com disparos de canhões e mosquetes. Os nossos tambem atiraram algumas granadas no navio inimigo e queriam abordal-o de novo, mas foram ainda repellidos pelos hespanhoes.

O *Fortuyn* avisinou-se, atracando ao *Walcheren*. O *Dolphiyn*, depois

de descarregar os seus canhões de proa sobre a almiranta hespanhola, veio para o lado da nossa almiranta e largou o ferro e foi soltando tanto o cabo que a popa veio a encostar na vice-almiranta já abordada. Uma parte da gente do *Fortuyn*, passando-se para a nossa almiranta, escalou a vice-almiranta com tal bravura e força que os hespanhoes perdendo o animo começaram a fugir. Dos 300 homens da guarnição, metade jazia morta e os restantes lançaram-se ao mar e procuravam salvar-se nadando, mas a maior parte morreu afogada. O *Kater*, o *Eendracht* e o *Vriessche Jagher* lançaram os ferros ao lado da almiranta hespanhola e fizeram-lhe vivo fogo com seus canhões. Os hespanhoes, vendo o que occorrera com a sua vice-almiranta, não ousaram aguardar a vinda da nossa gente e grande numero delles atirou-se ao mar, tratando de salvar a vida.

Os nossos tripularam os botes e dirigiram-se para lá, encontrando ainda cerca de 50 homens, que no principio fizeram alguma resistencia, mas perderam depressa o animo e procuraram escapar-se. O Governador de Havana mandara antes duas fragatas cheias de tropas para auxiliar os navios, mas o *Kater* portou-se tão valentemente que tiveram de voltar para Havana. Assim os nossos se apossaram finalmente dos dous navios hespanhoes. A almiranta chamava-se *Nossa Sennora de los Remedios*, montada com oito canhões de bronze e 12 de ferro, e a vice-almiranta, *Santiago*, provida de quatro canhões de bronze e 16 de ferro. Tinha cada um desses navios quasi 300 homens, devido aos grandes reforços que os hespanhoes de Havana lhes haviam mandado, antes do ataque pela nossa gente. Nos nossos navios houve apenas 12 ou 13 mortos e cerca de 50 feridos, a maior parte pertencente ao *Leeuwinne*, que sustentara tão forte refrega, como narramos antes.

Achando-se os navios capturados encalhados em um dos logares mais perigosos desta região, estando os nossos fundeados tão perto da costa, podendo sobrevir com muita facilidade uma tempestade e começando a fazer agua os navios capturados, tratou-se com a maior actividade possivel de os por a nado e tambem ao *Leeuwinne*.

Comtudo, não se podendo conseguir isso, cuidou-se de safar um depois do outro e de passar a carga para os nossos navios.

O *Leeuwinne* fluctuou no dia 3 e logo depois a nau almiranta hespanhola, mas a vice-almiranta estava tão enterrada, que apezar de todos os meios empregados não se pôde safar.

Entretanto, como já havia uns cinco pés d'agua no porão e os couros nella mergulhados começavam a desprender tão mau cheiro que se não podia chegar perto, abandonou-se o navio ateando-se-lhe fogo depois de se retirar o que era aproveitavel. A esquadra da Terra Firme era esperada a qualquer momento e os nossos reconhecendo-se muito fracos para a enfrentar, o almirante achou conveniente não perder mais tempo alli e ser mais prudente partir, contentando-se com o esbulho que já tinha em seu poder.

No dia 4 de Agosto á noite fizeram-se á vela. O navio *Walcheren* rebocou a almiranta hespanhola e o *Fortuyn*, o *Leeuwinne*. Ao amanhecer, devido á calmaria e á forte correnteza haviam descahido até a entrada do porto de

Havana. A nossa almiranta, levando a reboque aquella pesada nau, achava-se tão perto da costa que toda a tripolação podia divisar bem todos os accidentes do littoral. Os fortes situados á entrada de Havana dispararam os seus canhões contra elles, mas as balas não os alcançaram. Soprando alli uma forte brisa de leste, tomaram todos juntamente o rumo do norte para alem do estreito de Bahama junto á costa da Florida.

O yacht *Noordt-Sterre*, que se separara por alguns dias da esquadra juntou-se-lhe novamente; nesse interim mandaram duas ou tres barcas á terra, ficando uma de vigia e lá tomaram agua fresca. Correndo tudo bem na esquadra, retiraram toda a carga que puderam da almiranta hespanhola e incendiaram-na; descarregaram tambem a barca capturada e abandonaram-n'a á sorte das ondas. Teve logar esse successo cerca de legua e meia de terra na latitude de 26 graus ao norte do Equador. Celebraram no dia 16 de Agosto preces em acção de graças em toda a esquadra, tomaram depois o rumo para a Republica e fizeram uma boa viagem, chegando entre fins de Setembro e principios de Outubro.

Da nau almiranta hespanhola foi esta a presa: 1126 caixas seccas de anil de Guatemala e 163 caixas molhadas; 2767 couros seccos; 45 pacotes de salsaparrilha; 15 potes de balsamo; 8 canhões de bronze e 12 de ferro. Da vice-almiranta hespanhola foi retirado o seguinte: 1024 caixas seccas e 45 molhadas com anil, 2940 couros seccos e 130 pacotes de salsaparrilha, 12 potes de balsamo, 4 canhões de bronze e 16 de ferro e 51 libras e meia de prata. Da barca tiraram 469 couros e 90 pacotes de salsaparrilha. Em summa a esquadra trouxe para a Republica o seguinte: 2180 caixas e fardos seccos de anil da Guatemala, 218 caixas molhadas de anil, 6176 couros seccos das Antilhas, 266 pacotes de salsaparrilha, 27 potes de balsamo, 7000 libras de gengibre de S. Domingos, 51 1/2 libras de prata não amoadada, 12 canhões de bronze, e 28 canhões de ferro.

Antes de encerrarmos a descripção da viagem desta esquadra devemos acrescentar tudo o que se passou e que omittimos por conveniencia da narração.

O navio *Fortuyn*, que partiu da Zelandia a 3 de Março, levou alem da sua tripolação 63 colonos, que desembarcaram com os seus utensilios na ilha de Tabago. Partindo d'ahi no dia 2 de Maio, chegou no dia 4 ao porto de S. Vicente. Alli encontrou dois homens da gente do Capitão Jan van Ryen, o qual estabelecera uma colonia no rio Oyapoc, mas teve de abandonal-a porque, havendo-se malquistado com os indigenas, esses mataram o tenente e arruinaram as plantações e casas. Comtudo abrandou-se-lhes mais tarde a colera e permittiram que os colonos fizessem uns botes e se transportassem a outra parte. Incluindo estes dous iam sete em uma das chalupas, mas em caminho morreram dous dos companheiros e os restantes desembarcaram na ilha da Trindade. A principio não encontraram lá pessoa alguma, mas chegaram depois uns selvagens da ilha de Granada. Os recémvindos, inimigos encarnigados dos francezes, mataram os tres companheiros, que eram dessa nacionalidade, e pouparam aos dous neerlandezes. Do capitão e do resto da gente nada

podiam dizer. O navio *Fortuyn* tendo sido informado que o almirante Pieter Adriaenz. estivera aqui com a esquadra, partiu a 10 de Maio surgindo a 12 na ilha de S. Christovão. Levantando ferro no dia 14, achou-se a 16 perto das ilhotas chamadas Virgens e nesse ponto avistou uma pequena vela estrangeira, á qual deu caça. Cerca de duas horas antes do pôr do sol mandaram a chalupa e o yacht *Zuydt-Sterre*, que estava com elles, encarregando-os de perseguir durante toda a noite o pequeno navio que ia navegando entre as ilhotas e os abrolhos. Como aquelle logar é cheio de parcéis e baixios, torna-se necessario bordejar para navegar entre elles, o que não pode ser feito por navios maiores sem os arriscar muito.

O yacht e a chalupa seguiram a pequena embarcação durante toda a noite e viram-n'a pela manhã quando era rebocada á força de remos para junto á costa, pelo que mandaram até lá a chalupa. Os hespanhoes, percebendo isso, encostaram a barca junto a uma aldeiazinha e fugiram para terra (distante d'alli um tiro de pistola) com tudo o que puderam levar. Os nossos retiraram o naviozinho, que não tinha nome algum, perdendo-se duas ancoras, e chegaram no dia 18 de Maio aonde estava o navio *Fortuyn*. Encontraram na barca 10 vasilhas de vinho, 20 com banha de porco, 124 couros e tambem algum sal e, quando acabaram de descarregar os couros, metteram-n'a a pique. Sahiram bordejando pela barra, tomaram o rumo da Hispaniola, navegaram ao longo da costa norte dessa ilha, depois contornaram o Cabo S. Vicente e finalmente juntaram-se á esquadra, como já foi descripto.

No anno anterior a Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes equipara mais uma esquadra para navegar pela costa do Brasil sob o commando do bravo heróe do mar Dirck Symonsz. van Uytgeest, que desempenhou bem a sua commissão. Para a formação da esquadra contribuíram diversas Camaras. Amsterdam forneceu os seguintes navios: o *Geele-Sonne*, como almiranta, de 150 lastos, 2 canhões de bronze e 22 de ferro, 118 marinheiros; o *Otter*, 19 lastos, 16 colubrinas, 71 homens, capitão Cornelis Cornelisz. Jol, notavel pela sua bravura, tambem conhecido por Perna de Pau, por haver perdido uma perna em combate naval, andando tão bem com outra de madeira que mal se percebia o defeito, e era tão agil a bordo como qualquer; o *Steur*, 90 lastos, 14 colubrinas, 64 homens, capitão Jan Thijsz. Pal; o *Windthondt*, 60 lastos, 10 colubrinas, 50 homens, capitão Claes Hendricksz; o *Bruyn-visch*, 60 lastos, 8 colubrinas, 40 homens, capitão Huygh Jacobs; o *Duyfken*, 36 lastos, 8 colubrinas, 27 homens, capitão Reynier Pietersz. Os seguintes foram aprestados pela Camara da Zelandia: *Ter-Veere*, 90 lastos, 14 colubrinas, 73 homens, capitão Jacob Hendricksz. Lucifer; o *Swane*, 30 lastos, seis colubrinas, 43 homens, capitão Willem Canniel.

A Camara de Mosa forneceu o *Roode Leeuw*, como vice-almiranta, 120 lastos, dous canhões de bronze e 18 de ferro, capitão Cornelis Cornelisz. Os que seguem foram mandados pela Camara do Districto do Norte *t Wapen van Hoorn*, 110 lastos, 20 colubrinas, 86 homens, capitão Jacob Jansz. Duynkerker; o *Enchuyser Maeght*, 110 lastos, 20 colubrinas, 78 homens, capitão Dirck Thijsz. A Camara de Groninga equipou o *Graef Ernest*,

200 lastos, quatro canhões de bronze e 20 de ferro, 101 homens, capitão Jan Wendelsz.

Sahiram juntos de Texel em 24 de Janeiro desse anno, os seguintes: *Geele Sonne*, *Otter*, *Steur*, *Windt-hondt*, *Bruyn-vissch*, *Het Duyfken*, *'t Wapen van Hoorn*, *Enchuyser Maeght* e *Graef Ernest*. O *Geele Sonne* era a almiranta o *Graef Ernest* a vice-almiranta, o *'t Wapen van Hoorn* sota-almiranta. No mar se apartaram bastante uns dos outros, mas no dia 24 de Fevereiro chegaram quasi todos juntos ás Canarias. Alli foi deliberado pelo conselho que seguissem para S. Vicente, uma das ilhas de Cabo Verde, onde realmente fundearam no dia 2 de Março. Arriaram os botes e mandaram as tripolações dos navios refrescar-se em terra. Fizeram provisões de agua fresca, tanto alli como numa ilha adjacente, a de S^{to} Antonio. Essas duas ilhas são as mais occidentaes das do Cabo Verde, situadas entre 17 e meio e 18 graus ao norte do Equador e estão a 2 1/2 leguas das outras.

A Bahia de S. Vicente, onde se pode ancorar a 8, 10 e 12 braças, em fundo de areia, acha-se a 16° 26'. E' bôa, grande e commoda para se fundear. A não ser isso, não tem outras vantagens, pois é esteril e cheia de rochedos. Pouca agua potavel se pode obter, cavando, e o unico lugar onde se encontra alguma é do lado sul sudoeste da bahia e ahi no tempo proprio mais de dous ou tres navios se podem abastecer de agua corrente de uma pequena fonte. Essa ilha é deserta. Nella se encontram muitos cabritos e muitas tartarugas na epoca propria, a saber de Agosto a Fevereiro; nas suas aguas ha bom peixe; existem algumas figueiras bravas.

A ilha de S^{to} Antonio é habitada por alguns negros em numero de 400 ou um pouco mais. Ha ahi muitos cabritos.

Perto da praia ha um pomar de laranjeiras, que para os que vêm de S. Vicente está a noroeste quarta a oeste e é facil de reconhecer por uma grande tamareira que alli existe e no qual se colhem segundo está calculado 9,000 laranjas.

No dia 26 de Março fizeram-se á vela e no dia 10 de Abril atravessaram o Equador. No dia 20 do mesmo mez avistaram a costa do Brasil na latitude de 7° 38' ao sul do Equador. A' noite, da esquadra viram tres navios estrangeiros, a saber: duas caravelas e uma balandra. O *Duyfken* atacou uma das caravelas para a abordar, mas a sua vela de joanete o atrapalhava e os atacantes não podiam saltar no barco inimigo, de sorte que a vice-almiranta mandou a sua chalupa, que a capturou.

A outra caravela foi tomada pela chalupa da almiranta e a balandra pela chalupa do *Otter*. Por junto, a carga dos tres era composta de 1.100 caixas de assucar, uma partida de tabaco e muito páu brasil.

Esses navios haviam partido do porto de Pernambuco no dia 19 e alli segundo os prisioneiros declararam estavam fundeados mais dous navios, quasi promptos a fazer-se a vela. O Commandeur resolveu mandar o *Steur* e o *Maeght van Enchuyzen* com as duas caravelas para a ilha Fernando de Noronha e alli descarregar com facilidade as duas caravelas capturadas e partir com o esbulho para a Republica. No dia 24 capturaram ainda um navio carregado

com 350 caixas de assucar, 36 caixas de tabaco, e uma partida de p u brasil, n vio que sahira no dia 11 de Abril da Bahia de Todos os Santos. Os prisioneiros declararam que se achava l  fundeado um galeão chegado de Goa, levando uma carga muito rica, o qual aguardava outros navios para irem de conseva para Portugal. No dia 28, foram arrastados, tanto pelas correntezas, como pelo vento, e tinham pouca esperança de poder navegar para a ilha de Fernando de Noronha e por isso o Commandeur resolveu mandar alguns navios para as Antilhas afim de passarem com facilidade a carga dos navios capturados para os nossos e d'ahi seguirem para a Republica. Foram mandados voltar   patria, alem dos já citados navios, os seguintes: *Otter*, *Windt-hondt*, *Ter Veere*. Todos l  chegaram com feliz viagem, a saber — *Steur* no dia 2 de Setembro; *Maeght van Enchuysen* no dia 31 de Julho; *Windt-hondt* no dia 5 de Setembro; *Otter* no dia 23 de Outubro; *Ter-Veere* no dia 27 de Julho.

O Commandeur Dirck Symonsz, havendo despachado desse modo aquelles navios com as presas, fez o possivel para alcançar com a sua esquadra o sudeste e voltar   costa do Brasil. No dia 9 de Maio ao tomar-se a latitude ao meio dia acharam 4^o 5' ao sul do Equador, perto de Mokeroe (pelo que puderam reconhecer), o que estava completamente f ra da previsão e calculo, porque julgaram estar ainda a leste de Fernando de Noronha. Haviam, pois, sido arrastados extraordinariamente para oeste e deviam acautelar-se, porque era muito possivel sobrevir-lhes grande risco. Como ficassem muito apprehensivos ao ver a costa muito baixa e cheia de bancos, incumbiram o yacht *Duyfken* de ir adiante sondar com cuidado e avisar em tempo o que achassem. Ao anoitecer este encontrou pela sondagem 10 p s de profundidade e de repente 5 1/2 e 6, de sorte que voltou a avisar a esquadra. No dia seguinte o Commandeur perdeu a esperança de alcançar por esse modo a costa do Brasil, pois cada vez era mais desviado pela corrente e, sendo-lhe o vento bastante contrario, julgou melhor seguir para Serra Le a, na costa d'Africa, e depois voltar.

Para effectuar com mais facilidade esta resolu o devia seguir para o norte e assim se achou a 5 de Julho na latitude 33^o 4' ao norte do Equador e apanhando então um bom vento de oeste tomou o rumo de sudeste. No dia 11 avistaram as *Saluages*, que de longe se assemelham a um navio virado, e no dia seguinte acharam-se em Teneriffe e diligenciaram por navegar acima da grande Canaria, voltando com impaciencia para a costa d'Africa. No dia 20 avistaram Cabo Verde e fundearam a leste das ilhotas situadas perto d'alli, que os nossos chamam Goeree e onde ha um fortim construido pelos nossos. O yacht *Duyfken* foi enviado   aldeia Refrisco, afim de comprar algumas rezes para fornecer alimenta o fresca   gente, pois estava um tanto fatigada. No dia 25 levantaram ferro e tomaram rumo para Serra Le a, onde fundearam no dia 2 de Agosto.

Serra Le a   muito alta e coberta de matta, de sorte que   facil de reconhecer para os que vêm do norte, pois não se veem na costa terras altas como estas. Ha uma incrivel quantidade de limões ou limas, com a casca muito fina, e outros fructos mais; em frente ao porto ha b a agua corrente e   facil

ir buscal-a. No dia 19 surgiu alli o *Roo de Leeuw*, o qual, partindo no dia 6 de Março de Mosa para se apresentar á sua divisão, navegou pela costa do Brasil e deu caça a alguns navios inimigos, mas não capturou nenhum; depois que a gente se refrescou e, que os navios se acharam limpos e se abasteceram d'agua e de lenha, o Commandeur partiu d'alli com o seu navio *Geele Sonne* e com *Graef Ernest, t' Wapen van Hoorn, Roo de Leeur, Swaen, Duyfken* e uma grande chalupa á vela.

No dia 6 de Outubro avistaram uma vela estrangeira, que depois de lhe darem caça por algum tempo foi capturada pela chalupa da sota-almiranta; era uma caravela carregada com 100 pipas de vinho, vinda da Madeira e destinada a Pernambuco. No dia 11 atravessaram o Equador e no dia 28 avistaram a costa do Brasil na visinhança de Pernambuco na latitude de sete graus e meio. Mantendo-se na circumvisinhança um pouco distante de terra para que não fossem vistos, avistaram no ultimo dia de Outubro 6 velas estrangeiras ás quaes deram violenta caça; uma foi capturada um pouco antes do por do sol. Estava carregada com 406 caixas de assucar, 130 quintaes de pau brasil e um pouco de tabaco. Vinha do porto de Pernambuco. A almiranta da esquadra, que era o pequeno galeão chegado de Goa, navegou com a vice-almiranta e mais outros dous para o sul. A sota-almiranta dos nossos com a vice-almiranta e o *Roo de Leeuw* seguiram-n'os de perto, assim como a almiranta que estava uma boa distancia a sotavento, e o *Duyfken* perseguiu a sota-almiranta portugueza que fugiu para o norte, capturando-a antes do por do sol. Era um palhabote, carregado com 330 caixas de assucar, 130 quintaes de pau brasil e seis caixas de tabaco. Depois fizeram o possivel para se reunir aos outros navios. A sota-almiranta dos nossos, em vez de atacar outro navio, abordara nesse interim a almiranta portugueza, o galeãozinho, julgando ter de subjugar pouca gente, mas acharam tudo differente do que imaginaram, pois os de Pernambuco lhe deram a guarnição de 70 homens, que fizeram valente resistencia, e a nossa gente teve de se afastar e de os fatigar por bombardeio. Houve então renhido fogo de parte a parte com mosquetes e canhões, entrando tambem a nossa vice-almiranta na acção. A gente da sota almiranta deu tres vezes abordagem, mas foi sempre repellida. Finalmente quando puzeram abaixo o mastro grande e o de mesena e appareceu incendio a bordo, os portuguezes desanimaram e renderam-se em boas condições. Os nossos tomaram posse da presa, apagaram o fogo e seguiram com ella para o cabo de S.^{to} Agostinho, onde fundearam junto á almiranta. Pouco depois chegou o *Duyfken* com as suas presas. No dia seguinte a vice-almiranta dos nossos capturou a vice-almiranta portugueza, que era um navio de popa quadrada, com 12 colubrinhas, carregada de assucar e tabaco.

A sota almiranta capturou mais um navio portuguez, carregado com 270 caixas de assucar e levou-o para junto da nossa almiranta no Cabo acima citado. No dia 2 de Novembro o almirante com os outros navios da sua esquadra e com as presas partiu para a pequena ilha de S.^{to} Aleixo, ahi sendo desembarcados todos os portuguezes, excepto os capitães e pilotos.

A nossa sota-almiranta perdera no combate dous mortos e 11 feridos. No

dia 4 fizeram-se à vela todos juntos e tomaram o rumo do norte e encontraram no dia seguinte a vicealmirante junto ao navio que capturara, no qual havia 250 homens, que pouca ou nenhuma resistencia offereceram. O Com-mandeur resolveu seguir para as Antilhas para alli passar commodamente as fazendas capturadas para os seus navios. No dia 3 de Dezembro avistaram a ilha Barbados, e no dia seguinte S. Vicente, onde fundearam uma hora antes do por do sol, mas fizeram-se à vela no dia 7 para Bekia, por ter melhor porto.

Esta ilha possui uma boa bahia, onde os navios podem estar juntos e sendo preciso atracados ao lado uns dos outros, como na estacada de Amsterdam, pois o mar é tranquillo e tem um bom ancoradouro com 8, 9 e 10 braças de profundidade e, quanto mais para dentro da bahia, melhor. Não é habitada, mas os indigenas de S. Vicente vão alli frequentemente fazer plantações e colher fructos.

Os navios aprisionados foram descarregados e as fazendas passadas para os navios dos nossos e erão as seguintes:—

No navio *Geele Sonne*:

400 peças de tafetá.

90 peças de linho não clarificado.

134 peças de tecido de algodão

116 jarros.

261 peças de seda de damasco.

13 cobertores das Indias Orientaes.

5 tapetes e algumas roupas de calor.

99 malas de couro com estofos e sedas.

30 caixas fechadas com fazendas de valor.

91 libras de almiscar, em caixinhas de chumbo.

34 libras de ambargris, em caixinhas de chumbo.

1 grande caixa com pedra bêzoar.

10 barris e fardos de anil.

64 pacotes de anil.

20 fardos de canella.

Alguns adereços com diamantes.

25 fardos de arroz.

314 reales de oito.

Juntamente uma partida de pimenta e cravos, algumas sedas e outras cousas de valor, tudo do pequeno galeão de Goa. Mais ainda:

129 caixas de assucar.

174 couros meio seccos e outras miudezas.

No navio *Graef Ernest* de Groninga:

443 caixas de assucar.

7 caixas de tabaco.

12 saccos de algodão.

66 couros seccos.

160 reales de oito.

6 diamantes grandes e um adereço.

12 vasilhas de conservas e algumas miudezas.

No navio *Roo de Leeuw*, da Camara de Mosa:

340 caixas de assucar.

6 grandes diamantes.

6 caixas de tabaco.

78 couros seccos.

Um adereço com diamantes.

153 Reales de oito.

No navio *'t Wapen van Hoorn*:

138 caixas de assucar.

35 couros seccos.

Um adereço com diamantes...

133 reales de oito.

Sete grandes diamantes.

No navio de *Jonghe Mauritius*:

362 caixas de assucar.

75 reales de oito.

No yacht *Manne*.

88 caixas de assucar.

128 fardos de canella.

53 reales de oito.

14 malas de couro com varias especies de tecidos.

Havia no citado galeãozinho grande numero de adereços com diamantes, muitos dos quaes não eram claros, distinguindo-se apenas 25 de tamanho regular e alguns um pouco menores, e quatro ou cinco adereços pequenos e juntamente algumas outras pedras de menor valor.

Estiveram occupados até o dia 20 de Janeiro do anno seguinte e só então puderam partir; navegaram para a ilha Branca para caçar cabritos até o dia 5 de Fevereiro e chegaram á Republica nos dias 13 e 14 de Abril do anno 1629.

Na volta passaram por entre Hispaniola e Porto Rico.

A Companhia privilegiada das Indias Occidentaes tendo sempre as suas vistas voltadas para as esquadras do rei da Hespanha, tanto as da Terra Firme como as da Nova Hispania, e tendo obtido os meios para fazer agora mais do que d'antes e querendo satisfazer completamente aos habitantes deste paiz, resolveu alem das esquadras já despachadas (cujas felizes viagens já descrevemos) expedir para a America uma esquadra poderosa sob o commando em chefe de Pieter Pietersz. Heyn, de cujos bons serviços já se havia utilisado por varias vezes.

Para essa esquadra a Camara de Amsterdam aprestou os seguintes navios e yachts: *Amsterdam*, 500 lastos, 28 canhões de bronze e 28 colubrinas, 166 marinheiros e 84 soldados, navio em que deviam ir o General e, como capitão, Witte Cornelisz. Wit; o *Hollandtschen Thuyt* 400 lastos, 12 canhões de bronze e 24 de ferro, 130 marinheiros, 67 soldados, no qual iam

o valente Hendrick Cornelisz. Loncq, como almirante, e, como capitão, Albert Jansz; o *Hollandia*, 300 lastos, 4 canhões de bronze e 26 de ferro, 125 marinheiros, 50 soldados, capitão Thomas Sickens; o *Geldria*, 300 lastos, 4 canhões de bronze e 28 de ferro, 125 marinheiros e 22 soldados, capitão Pieter Gerritsz. Root; o *Provincie van Utrecht*, 300 lastos, 6 canhões de bronze e 24 de ferro, 131 marinheiros, 53 soldados, capitão Hendrick Jacobsz. Kat; o *Wille Leeuw*, 250 lastos, 2 canhões de bronze e 24 de ferro, capitão Jan Jansz. van Hoorn; o *Swarte Leeuw*, 180 lastos, dous canhões de bronze e 22 de ferro, 75 marinheiros, 32 soldados, capitão Pieter Fransz; o *Valck*, 150 lastos, 4 canhões de bronze e 22 de ferro, 85 marinheiros, 42 soldados, capitão Marcus Martensz; o *Roode Leeuw*, 250 lastos, 2 canhões de bronze e 22 de ferro, 120 marinheiros, 41 soldados, capitão Albert Hendricksz; o *Haerlem*, 220 lastos, 5 canhões de bronze e 20 de ferro, 120 marinheiros, 42 soldados, capitão Frans Claesz; o *Pinas*, 100 lastos, 8 colubrinhas, 60 marinheiros, 26 soldados, capitão Claes Franz. de Vries; o *Muyden*, 60 lastos, 16 colubrinhas, 48 homens, capitão Cornelis Leendertsz; o *Naerden*, 60 lastos, 14 colubrinhas, 15 homens, capitão Hans Cools; o *Eenhorn*, 60 lastos, 10 colubrinhas, 47 homens, capitão Hendrick Jansz. Langh; o *Swarten Ruyter*, 60 lastos, 14 colubrinhas, 50 homens, capitão Michiel Gijsbrechtsz. e uma barca comprida, 20 lastos, 2 colubrinhas, 20 homens, patrão Jacob Barentsz.

Pela Camara da Zelandia: o navio *Neptunus* 200 lastos, 8 canhões de bronze e 16 de ferro, 100 marinheiros e 55 soldados, no qual ia o vice-almirante Joost van Trappen, appellidado Banckert; o *Tiger*, 120 lastos, 8 canhões de bronze e 16 de ferro, 106 marinheiros, 45 soldados, capitão Lucas Pol; o *Goude Sonne*, 160 lastos, 4 canhões de bronze e 14 de ferro, 109 homens, capitão Willeboord Danen; o *Post-paerdt*, 70 lastos, 2 canhões de bronze e 10 de ferro, 66 marinheiros, 12 soldados, capitão Willem Cornelisz. Domburgh; o *Oudt Vlissinghen*, 50 lastos, 12 colubrinhas, 45 homens, capitão Willem Willemsz.

Pela Camara de Mosa: o *Utrecht*, 300 lastos, 7 canhões de bronze, 28 de ferro, 159 marinheiros, 50 soldados, capitão sota-almirante da esquadra Cornelis Claesz. Melck-Meydt; o *Dordrecht*, 250 lastos, 2 canhões de bronze e 22 de ferro, 106 marinheiros, 41 soldados, capitão Willem Gerritsz. Ruyter; o *Neptunus*, 230 lastos, 6 canhões de bronze e 20 de ferro, 102 marinheiros, 53 soldados, capitão Bastiaen Jacobsz.; o *Tiger*, 57 lastos, 2 canhões de bronze e 12 de ferro, 70 marinheiros, 20 soldados, capitão Cornelis Jacobsz. Cleynebeet.

Pela Camara da Hollanda Setentrional: o *Munnickendam*, 300 lastos, 6 canhões de bronze e 24 de ferro, 168 homens, capitão Cornelis Symonsz. Groen; o *Griffoen*, 250 lastos, 8 canhões de bronze e 24 de ferro, 141 marinheiros e 53 soldados, capitão Jan Cornelisz. Keert de Koe; o *Ouwevaer*, 90 lastos, 2 canhões de bronze e 12 de ferro, 55 marinheiros, 22 soldados, capitão Samuel Willemsz.

Pela Camara de Groninga: o *Goude Leeuwe*, 250 lastos, 8 canhões de bronze e 20 de ferro, 143 marinheiros, 47 soldados, capitão Pieter Walighsz.; o *Dolphijn*, 150 lastos, 4 canhões de bronze e 16 de ferro, 98 marinheiros,

34 soldados, capitão Hendrick Cornelisz. Dreven; o *Vos*, 70 lastos, 2 canhões de bronze e 10 de ferro, 74 homens, capitão Jan de Braems.

Por essa descripção se vê que a esquadra se compunha de 31 navios do maior porte, levando pesados canhões, e estava com a guarnição completa.

Todos estavam promptos no principio de Maio e assim partiram de Texel no dia 20 os navios *Amsterdam*, *Hollandtschen Thuyt*, *Hollandia*, *Witte Leeuw*, *Haerlem*, *Geldria*, *Provincie van Uytrecht*, *Swarle Leeuw*, *Vergulde Valck*, *Griffoen*, *Ouwevaer*, *Eenhorn*, *Naerden*, *Muyden* e uma barca comprida.

O *Roo de Leeuw* e o *Pinas* sahiram antes, no dia 3 de Maio, e o *Vos*, no dia 19, de Ems.

No dia 21 partiram da Zelandia o *Neptunus* e o *Post-paerdt*. No dia 22 o General reuniu-se no mar aos navios partidos de Mosa: *Uytrecht*, *Sphæramundi* ou *Dordrecht*, *Tiger*, *Neptunus*, *Swarle Ruyter*. O navio *Goude Leeuw* e o *Dolphijn*, da Camara de Groninga, fizeram-se á vela no dia 25 e o *Tiger* e o *Oudt Vlissinghen*, da Zelandia, no dia 30. Por este motivo a esquadra se reuniu um tanto lentamente e alguns navios nunca chegaram a juntar-se-lhe, como mais tarde havemos de referir.

Vamos descrever em primeiro logar a viagem do General Pieter Pietersz., com os navios que tinha consigo.

No dia 19 de Junho chegou com a esquadra a Porto Santo e Madeira, não fazendo demora alli. O *Swarten Ruyter*, o *Eenhoorn* e o *Vos* foram incumbidos de ir na frente e pela manhã voltar á esquadra. Navegando nessa ordem no dia 10 de Julho, achou-se na latitude de 14° 26' e no dia seguinte a 13° 54', pelo que o General encarregou o yacht *Vos* de, logo que a lua desaparecesse, tomar a vanguarda e prevenir com um tiro quando avistasse terra. Effectivamente durante a noite ouviu-se um tiro e o admirante respondeu do mesmo modo, para avisar a todos os navios de que estavam próximo das Antilhas. No dia 12 fundearam na bahia de S.^{to} Antonio, na ilha de São Vicente.

O General deu immediatamente ordem de procurar refrescos, agua e lenha, de modo que no dia 18 se fizeram de vela para a ilha Branca, onde pararam pouco tempo e, proseguindo no dia 27, passaram pelo cabo Tiburon e chegaram a avistar no principio de Agosto a ilha de Pinos.

Deviam ficar alli aguardando a esquadra do continente, por isso o General reuniu o seu conselho de guerra e determinou depois o que cada navio tinha a fazer. No dia 3 de Agosto entre os cabos Corrientes e S.^{to} Antonio avistaram duas velas não muito distantes de terra, as quaes vieram ter com elles e eram o *Roo de Leeuw* e o *Pinas*. Haviam partido de Texel poucos dias antes da esquadra e chegaram no dia 27 de Junho á ilha Granada; no principio de Julho desembarcaram alli e cavaram alguns poços para se abastecer d'agua. Estiveram no interior da ilha e encontraram duas grandes aldeias de indios que os receberam bem, mas observaram que do outro lado da ilha, na montanha, se occultavam indios completamente bravios, inimigos de todos os estrangeiros, e que poderiam descer para lhes fazer alguma má surpresa. No dia 2 de Julho os nossos voltaram á terra e observaram haver

muito mais gente vinda em canoas do outro lado da ilha e, apesar de notarem essa circumstancia, entretanto não se acautelaram. Assim aquelles selvagens, aproveitando a occasião para dar o golpe enquanto um bote dos nossos estava em caminho para bordo a levar agua, cahiram de improviso sobre os que ficaram em terra e mataram 16 homens de um navio e 18 de outro. Quebraram uns 30 barris d'agua e o bote que ainda poude ser aproveitado, sendosalvos tambem 5 homens que durante o morticinio se refugiaram no bosque. Como se vê, é preciso ter toda cautela contra esses ferozes selvagens.

Estiveram depois disso na ilha de S. Christovão e juntaram-se, como já foi dito, á esquadra. No dia 5 de Agosto pararam todos perto do cabo S.^{to} Antonio para fazer limpeza nos navios, deixando um yacht de vigia um pouco afastado da costa. No dia 7 houve uma tempestade.

No dia 10 acharam-se na latitude de 23 grãos e meio, nas proximidades do Rio dos Porcos. No dia 13 estavam acima do cabo S.^{to} Antonio. O General encarregou o yacht *Vos* e a barca de navegarem á frente da esquadra para dar aviso acerca dos baixios, que se estendem do dito Cabo ao dos Or-gãos. A 1 hora da noite a barca encalhou, correndo algum perigo, e deu um tiro como aviso e a esquadra mudou immediatamente de rumo.

No dia seguinte, como fortes correntes os arrastassem para oeste, não se podendo manter bem perto da costa, deliberaram seguir para as Tortugas. Alcançaram estas ilhas no dia 20 e lançaram ferro com 70 braças de fundo em areia grossa e coral e estavam a 24° 4' de latitude.

No dia seguinte avistaram e capturaram duas pequenas velas. Eram duas barcas que haviam partido ha 14 dias de Havana para pescas nessas aguas. Seus tripolantes informaram que até sahirem d'aquelle porto os hespanhóes nada sabiam sobre a vinda da nossa esquadra e que não chegara a esquadra da Terra Firme nem a da Nova Hispania, sendo entretanto uma e outra esperadas todos os dias. No dia 22 avistaram novamente a ilha de Cuba e estiveram tão perto de Havana que podiam ver claramente o forte chamado do Morro.

Um dia antes de avistar a *Mesa de Maria* deram pela falta de 4 dos navios —*Hollandia*, *Roode Leeuw*, *Dordrecht* e *Valck* e tambem dos yachts *Muyden* e *Swarte Ruyter*. O vento sendo de leste, foram-lhe fazendo frente ao longo da costa para se conservar pouco mais ou menos na mesma distancia de Havana, mas acharam que a corrente os levara muito para leste.

No dia 24 Havana estava 7 leguas a sudeste da esquadra. Sobreveiu alli uma forte tempestade com relampagos e trovoadas, de sorte que o navio *Dordrecht* perdeu a grande verga despedaçada e atirada ao mar, morreu um marinheiro e alguns ficaram muito maltratados. Navegaram para oeste com uma briza de leste. Apesar disso acharam no dia seguinte que tinham recuado para leste umas 7 ou 8 leguas e avistaram El Pan de Matanza.

Causou-lhes esse facto grande admiração e receio, si bem que se houvesse dado por determinação especial do Altissimo em beneficio delles, pois a esquadra da Nova Hispania devido á mesma corrente veio cahir-lhes nas

garras. Os yachts tiveram ordem de se dispersar um tanto e fazer o possível para trazer noticias sobre os navios do inimigo, mas voltaram no dia 28 á esquadra sem haver avistado uma unica vela, pelo que o General reuniu o conselho secreto para saber onde seria melhor esperar pelos navios inimigos e, como junto á costa fossem tão desviados pela correnteza, ficou resolvido que se afastassem um pouco e se mantivessem um tanto mais perto do Cabo da Florida, para cruzar alli. Assim, navegaram a tarde com o vento norte, mas era tão fraca a brisa que pouco avançaram. No dia 29 avistaram outra vez uma vela, que capturaram e era uma barca com 50 homens, mandada pelo governador de Havana, D. Lourenço de Cabrera, para ir ao encontro das esquadras da Terra Firme e da Nova-Hispania e avisal-as de que estava na visinhança uma esquadra hollandeza de 23 navios. Estavam desde seis dias no mar, não avistando nenhuma das esquadras e causando-lhes grande surpresa essa demora. Declararam mais que no porto de Havana só havia um galeão construido havia pouco tempo e mais outro cujo pontal ficaria prompto brevemente; que havia nos fortes 400 ou 500 soldados e na cidade 2.600 burguezes ou habitantes; que no forte do Morro estavam montados 70 canhões de bronze, no outr o 20 e no terceiro 28 e finalmente que a nossa esquadra fôra descoberta havia muito tempo e primeiramente pelo forte do Morro. A correnteza seguiu ainda para leste e depois parou. Pela tarde avistaram outra barca, á qual deram logo caça e encontraram ancorada a um tiro de mosquete da costa em duas braças d'agua. Os hespanhoes vendo que os nossos avançavam para lá, cortaram a amarra e foram encalhar na praia, fugindo para terra. Os nossos entraram nessa barca, só achando alguns fructos e uma pipa d'agua, e incendiaram-n'a.

Mantiveram-se ainda a cerca de uma legua da costa, fazendo o possível para ganhar outra vez o oeste. No dia 1 de Setembro acharam-se a tres ou quatro leguas a oeste de Havana, a quasi quatro leguas de terra. Passaram em frente a Havana, para ver melhor quantos navios estavam lá ancorados e approximando-se cerca de um tiro de colubrina, viram que se não achavam mais vasos que os declarados pelos prisioneiros e mais duas barcas pequenas, certificando-se então que nenhuma das esquadras havia chegado. No dia seguinte o yacht *Vos* foi mandado á visinhança das Tórtugas em parte para surprehender os barcos avisos do inimigo e tambem para procurar o vice-almirante, que ainda se não juntara á esquadra e dar-lhe ordem de se manter naquellas aguas e esperar com os 7 navios do seu commando a chegada de uma ou outra das esquadras.

No dia 3 soprou o vento de leste, de sorte que tiveram de conservar-se perto de Havana. Apezar disso verificaram no dia 5 que a correnteza os arrastara fortemente para leste, de modo que Havana já estava umas oito leguas a sudoeste.

Avistaram no dia seguinte El Pan de Matanza e ao mesmo tempo uma vela, á qual os navios que iam na frente deram caça. O General mandou dar um tiro para que a deixassem e voltaram todos, com excepção da barca comprida, que ainda a perseguiu. Como dous grandes navios percebessem a

desobediencia, um delles deu-lhe um tiro e ella voltou à noite para junto da esquadra.

Soprou por alguns dias o vento do sul, pelo que não somente o nosso General com os navios que estavam com elle, mas tambem o vice-almirante que se lhe juntara havia pouco e especialmente a esquadra hespanhola, foram todos impellidos para nordeste e afastados de Havana.

A nossa esquadra viu então pela primeira vez o vice-almirante com os navios que com elle vieram, *Neptunus*, *'t Postpaerdt*, *Vergulde Sonne*, *Munnickendam*, *Gooa Leeuw* e *Dolphijn*, que chegaram, no momento opportuno. Estavam então, segundo calcularam, pelo Pan de Matanza (que é um alto monte, quasi da forma de um pão, situado em uma costa com pouca vegetação e plana) a distancia de 8 a 9 leguas delle. No dia 8 o General ouviu tiros e mandou a barca, a qual voltando trouxe a noticia de que o *Witte Leeuw* capturara um navio, vindo da Nova Hispania, tendo informado os prisioneiros que toda a esquadra da Nova Hispania tão anciosamente esperada estava alli á mão. Ao nascer do sol foram vistas 10 velas e immediatamente o General aproou para ellas. Algumas estavam a sotavento e outras a barlavento e haviam navegado durante toda a noite, sem o saber, sob os canhões da esquadra hollandeza. Os nove mais a sotavento foram incontinenti tomados pelos nossos com os botes e chalupas (o que não custou muito). Esses eram uma parte da esquadra da Nova Hispania, cada um dos quaes tinha cerca de 40 homens, e estavam carregados de couros, farinha, pão, pau campeche, alguma cochonilha, indigo, etc. Cerca do meio dia, estando o vento de sul quarta de sudeste, com uma brisa forte, viram-se na distancia de tres ou quatro leguas mais de 8 ou 9 navios a barlavento, que lhes pareceram muito grandes, de sorte que presumiram ser os galeões, que estiveram estacionando portanto tempo no porto da Nova Hispania para descarregar um que soffrera avaria. Os nossos immediatamente lhes deram caça, de maneira que os hespanhões se voltaram para a costa. Fizeram então os nossos o possivel para os tirar d'alli, perdendo-se muito tempo com a tomada desses navios. Os hespanhões approximaram-se da costa, sendo seguidos pela esquadra neerlandeza.

O General navegou com vento em popa, ficando os outros navios em duvida se fariam o mesmo para perseguir os 6 navios que estavam mais a barlavento, a saber—quatro galeões e dous outros navios, pelo que seguiram o rumo da costa molhando a vela, para lhes tomar o caminho, mas os hespanhoes conseguiram entrar antes na bahia de Matanza.

O General, ao ver isso, cessou de dar caça, mandando que os outros voltassem e dirigiu-se para a sua esquadra. Os hespanhões entraram no porto ás 2 horas da tarde, ahi encalhando os navios. Retiraram-se immediatamente para terra os principaes d'elles e todos os que puderam, levando consigo os valores, que conseguiram transportar; para o que as chalupas iam e voltavam a toda pressa. No dia seguinte pelas nove horas entraram na bahia o *Dolphyn*, o *Ouwervaer*, o *Valch* e o *Pinas* e pouco depois a vice-almiranta, o *Geldria*, a almiranta e em seguida o General com o resto da esquadra e acharam os galeões encalhados. Um pouco depois o General deu um tiro

como signal de navegar mais para dentro. O navio do almirante Lonceq encahlou em um baixio situado no meio da bahia, lançou ferro e descarregou toda a bateria de um bordo sobre o bombordo do galeão, com o que fluctuou novamente. Collocou-se então juntamente com o General perto dos hespanhões, que deram sete ou oito tiros, fugindo depois disso para terra.

Largaram immediatamente os botes da almiranta, da sota almiranta e do navio *Haerlem* com mosqueteiros em direcção ao navio do General, o qual tambem embarcou em um dos botes e mandou logo atacar os hespanhões. Iam com elle nos botes o almirante, o sota-almirante Cornelis Claesz., o capitão Aelbert Hendricksz., do *Rood Leeuw*, o capitão Frans Claesz. do navio *Haerlem*, com alguns sargentos e outros. Quando chegaram junto aos hespanhões, quizeram elles offerecer resistencia, mas logo que lhes foram feitas duas ou tres descargas de mosquetaria, desanimaram. Chegando junto do navio, não encontraram meios de subir, só existindo um cabo dependurado do lado de fora, pelo qual um marinheiro subiu. Uma vez a bordo, procurou este outros cabos para amarrar lá em cima e atiral-os aos companheiros nos botes. Enquanto isso fazia, os hespanhões observavam sem offerecer resistencia. Ao atacar os outros navios, propuzeram-lhes *la bonne guerre*, ao que os hespanhões correram todos para baixo. O General aproveitou um hespanhol que foi a nado, para mandar ao seu almirante propostas de quartel, sendo ainda encontrados 150 homens que subiram todos desarmados e foram transportados para terra sem ser molestados, alguns carregados de ouro e prata. Por esta prudente medida do General os damnos de incendio e outros foram prevenidos.

Houve tambem ordem de retirar os botes e chalupas dos navios conquistados. Nessa noite sobreveiu forte tempestade, de sorte que no meio da noite os galeões que não estavam ancorados desencalharam e vieram trazidos pela correnteza para junto da esquadra e ahi foram ancorados.

O General e o almirante foram de dia aos navios capturados para pôr tudo em boa ordem e impedir a pilhagem pela gente da tripolação. A almiranta da esquadra hespanhola era o galeão *Sta. Anna*, com 24 canhões de bronze, sob o commando de Don Francisco de Buena-Vida, e Don Francisco Denneboa commandava as forças de terra. A vice almiranta era o galeão *Sta. Gertrudes*, com 20 canhões de bronze, a sota almiranta, chamada *Montagne*, tinha 20 canhões de ferro, o quarto galeão chamava-se *S. João* e levava 20 canhões de ferro, havendo mais alguns navios mercantes sem canhões.

Assim esta esquadra preciosa foi por determinação e favor de Deus lançada nas mãos dos nossos sem offerecer grande resistencia, o que o General tambem reconheceu, pois me lembro perfeitamente bem que ao voltar á Republica, vendo a multidão affluir de todos os lados e ouvindo os grandes louvores que elle faziam por toda a parte, me disse: vêde que grande barulho faz o povo, pois pouco fiz para trazer tão grande thesouro, ao passo que nos muitos combates que pelejei anteriormente realisei feitos muito maiores do que este e delles não fizeram o menor caso. E' isso effectivamente uma pura verdade, porque os feitos já descriptos e por elle praticados na Bahia de Todos os Santos:

realizados com uma incrível bravura e prudência, são muito mais importantes que a conquista dessa esquadra, o que não é dito para diminuir o seu merito, que havemos sempre de proclamar, mas para mostrar a apreciação errônea e o fraco juizo de muitos que só dão valor aos feitos quando trazem utilidade e vantagem.

O General como um chefe sabio e prudente, attendendo á estação do anno e ao logar em que se achava e pensando que o inimigo lhe podia trazer qualquer contrariedade, esperando-se a cada momento a esquadra da Terra-Firme, que lhe podia cahir em cima, e sendo fora de proposito combater nessa occasião ordenou immediatamente que todos os navios fossem examinados e descarregados, o que era util e pratico. Verificou-se que nos galeões hespanhóes se não podia utilizar a maior parte dos canhões, porque tinham ficado embaraçados pelas mercadorias. Um dos navios mercantes capturados, carregado com couros, foi a pique.

Duraram cinco dias os trabalhos de descarga dos navios hespanhóes. Depois fallaremos sobre o que nos nossos navios foi carregado. Os vinhos e outros generos alimenticios tirados de um navio capturado pelo yacht *Swarten Ruyter* foram repartidos pela esquadra.

Os quatro galeões e um navio mercante novo foram aprestados para fazer a viagem para a Republica. Os outros, depois de despojados de tudo, foram incendiados ou postos a pique.

No dia 17 pela manhã, o vento soprando do sul, todos levantaram ferro depois do que a barca comprida, tornando-se inutil, foi incendiada.

Pela tarde viram as Martyres junto ao cabo de Florida na latitude de 24 graus e meio. No dia 21 estavam no fim do canal de Bahama, na latitude de 28° 54'.

No dia 26 despacharam o yacht *Vos de Groninga*, o *Ouwervaer* de Munnickendam para levar á Republica a bôa nova. No dia 5 de Outubro estava toda a esquadra na latitude de 30 graus e meio. No dia seguinte passaram-se para o navio *Munnickendam* 63 caixas com prata e para o *Goude Leeuw* 24. Houve nos dias seguintes muita chuva e vento.

No dia 11 o galeão *S. Juan* pediu soccorro, porque estava fazendo muita agua, e foi descarregado na latitude de 33° 4'. Rebocaram-n'o até o dia 13 e, depois de retirado tudo que valia a pena, incendiaram-n'o. No dia 16 Claes Hendricksz, capitão nomeado para o galeão *Sta Anna*, deu signal de soccorro com um tiro, pois o seu navio estava fazendo agua, mas tendo-se conseguido estancar-a, continuou a viagem até a latitude de 33° 54'. No dia 31 perdeu-se esse navio da esquadra na latitude de 37° 50'. Tiveram por quatro dias tempo mau e inconstante. No dia 4 de Novembro voltou á esquadra o galeão *Sta Anna*, havendo perdido a verga durante a tempestade. No dia 5 (digamos aqui de passagem) o yacht *Ouwervaer* chegou e fundeou em Rotterdam, e trouxe á Republica a agradável noticia da captura da esquadra hespanhola. No dia 22 achou-se só a almiranta e, tendo soffrido muito mau tempo, lançou ferro em um fundo de noventa braças de areia,

final, na latitude de 49° 15'. No dia seguinte juntaram-se novamente 16 navios. No dia 30 estavam juntos apenas 14.

A 27 e 28 de Novembro chegaram á Republica: —*Hollandia* e *Eeenhorn* da Camara de Amsterdam, *Uytrecht* da de Mosa, *Goude Leeuw* e *Dolphyn* da de Groninga.

No dia 6 de Dezembro chegaram Falmouth 11 navios. No dia 13 entraram mais 8 e no dia seguinte chegou o galeão *Sta Anna* fazendo muita agua. Como o General não achasse prudente leval-o á Republica, descarregou alli os couros e retirando tudo que podia servir vendeu o casco. No dia 17 de Dezembro chegaram a Texel o *Witte Leeuw*, o *Geldria* e o *Naerden*. O General ficou no porto de Falmouth até o dia 1 de Janeiro, do anno seguinte, quando a maior parte voltou á Republica, achando-se todos em bom estado, indo uns para a Zelandia, outros para o passo da Goerea e Texel, exceptuado um dos galeões hespanhóes, o qual por mau calculo ao passar pelo canal encalhou na costa da Irlanda. Em toda essa viagem e de tanta gente morreram apenas cerca de 150 pessoas na totalidade, ainda que houvesse muitos doentes em todos os navios ao chegarem á Inglaterra, por terem estado tanto tempo sem se refrescar e raras vezes terem feito aguada, por lhes não permittir o tempo.

As grandes riquezas adquiridas com a tomada da esquadra do inimigo, poderão ser avaliadas pela seguinte lista, na qual está descripto o que existia em cada um dos navios. Deve bem imaginar-se que não foi pouco o que os marinheiros esconderam e foi tomado depois a alguns delles, alem do que se encontrou em algumas caixas, não só prata, como muito ouro.

No *Amsterdam*, navio do General :

Prata em caixas e barras 24870 1/2 libras.

57 caixas de cóchonilha Misteca.

130 caixas e fardos de cochoenilha silvestre e indigo de Guatemala

31 libras e 10 onças de ouro,

1 caixa com 63 libras e 8 onças de ouro em cadeias e chapas.

1 caixa com 7 ou 8 libras de ouro em duas cadeias.

7 libras e 14 onças de ambargris.

1000 perolas.

37 libras de almiscar.

12 libras de Bezoar Occidental.

E mais algumas miudezas de ouro e pedras preciosas.

Na náu almiranta, *Hollandtschen Thuyt* :

Prata em barras e caixas 18953 libras.

Prata lavrada 130 libras.

16 fados de cochoenilha Misteca.

319 caixas de indigo ou cochoenilha silvestre

1 cofre com 1255 reales de oito.

Algumas caixas com prata lavrada.

Algumas caixas com estofos de seda.

E muitos outros valores.

3592 couros transferidos do galeão.

No navio *Haerlem*:

37 caixas de cochonilha Misteca.

152 caixas de indigo de Guatemala.

2046 couros das Indias Occidentaes.

No navio *Gelderlandt*:

Prata em caixas pesando 6922 libras.

2 fardos de cochonilha Misteca.

89 caixas de indigo da Guatemala.

2196 couros das Indias Occidentaes.

622 toros de pau Campeche.

No navio *Hollandia*.

Prata em caixas e em barras 7397 libras.

4 fardos de cochonilha Misteca.

126 caixas de indigo de Guatemala.

1999 couros das Indias Occidentaes.

34 toros de pau Campeche.

7 canhões de ferro.

No navia *Swarte Leeuw*.

Prata em 43 caixas pesando 2864 1/2 libras.

24 caixas de cochonilha Misteca

68 caixas de indigo de Guatemala.

No navio *Rode Leeuw*.

40 fardos de cochonilha Misteca.

79 caixas de indigo de Guatemala.

No navio *Provincie van Uytrecht*:

Prata em caixas e barras pesando 10382 libras.

18 caixas de cochonilha Misteca.

137 caixas de indigo de Guatemala.

1796 couros das Indias Occidentaes.

No navio *Gulden Valch*.

95 caixas de cochonilha Misteca.

72 caixas de indigo da Guatemala.

No navio *Witte Leeuw*:

Prata em caixas e barras pesando 10, 436 libras.

43 caixas de cochonilha Misteca.

124 caixas de indigo de Guatemala.

916 couros das Indias Occidentaes.

Todos esses navios foram para a Camara de Amsterdam.

No *Neptunus*, nau vice-almiranta.

Prata em caixas e barras pesando 25.737 libras.

44 fardos de cochonilha Misteca.

115 caixas de indigo da Guatemala.

47 caixões de assucar, brancos, mascavados e panellas.

15 libras e 8 onças de ouro.

No navio *Goude Sonne*.

Prata em caixas e barras pesando 14, 765 e meia libras.

124 caixas de cochonilha Misteca.

109 caixas de indigo de Guatemala.

500 couros das Indias Occidentales e mais 1550 do galeão.

No yacht *Tiger*:

40 caixões de assucar.

No yacht *Post-paerd*:

9 fardos de cochonilha Misteca.

229 caixas de indigo da Guatemala.

1190 toros de pau Campeche.

No yacht *Oudt Vlissinghen*:

16 caixões de assucar.

Esses navios foram para a Camara da Zelandia.

No navio *Utrecht*, anteriormente *Rotterdam*:

Prata em caixas e barras pesando 6635 libras.

2 libras e 8 onças de ouro.

17 caixas de cochonilha Misteca.

149 caixas de indigo de Guatemala.

No *Tiger* e *Rotterdam*:

430 couros das Indias Occidentales.

582 toros de pau Campeche.

No navio *Dordrecht*:

2 libras e 7 onças de ouro.

Prata em caixa e barras. 7223 e meia libras.

37 caixas de cochonilha Misteca.

30 caixas de indigo da Guatemala.

1740 toros de pau Campeche.

1235 couros do galeão.

No navio *Neptunus*, de Delft:

2 libras e 12 onças de ouro.

Prata em caixas e barras. 6423 libras.

33 caixas de cochonilha Misteca.

38 caixas de indigo da Guatemala.

3280 couros das Indias Occidentales.

468 toros de pau Campeche.

Esses navios vieram para a Camara de Mosa.

No navio *Griffoen* de Hoorn:

Prata em caixas e barras com o peso de 9863 libras.

42 fardos de cochonilha Misteca.

150 caixas de indigo da Guatemala.

1525 toros de pau Campeche.

4 libras de ouro.

No navio *Munnickendam*:

Prata em caixas e barras pesando 10550 e meia libras.

Ouro 3 libras e 15 onças.

59 fardos de cochonilha Misteca.

32 caixas de indigo da Guatemala.

1800 tóros de pau Campeche.

67 couros das Indias Occidentaes e mais 964 do galeão.

Esses navios vieram para a Camara do Districto do Norte.

No navio *Goude Leeuwe*:

Prata em caixas e barras pesando 8460 libras.

37 fardos de cochonilha Misteca.

122 caixas de indigo da Guatemala.

675 couros das Indias Occidentaes.

100 caixões de assucar.

No navio *Dolphyn*:

Prata em caixas e barras pesando 6054 libras.

400 couros das Indias Occidentaes.

50 caixões de assucar.

Esses navios vieram para a Camara de Groninga.

Eis ahi a carga desses navios, da qual se fez a partilha entre as Camaras e que, feita a avaliação por alto, se elevou á somma total de 11509524 florins.

Não estão entretanto nella comprehendidos o almiscar, o ambargris, o besoar, os tecidos de seda, grande quantidade de varias especies de valores e ainda a carga de dous galeões e uma pequena presa.

A' esquadra, da qual acabamos de fallar, pertencia o navio *Tiger* da Zelandia, o qual não conseguiu juntar-se ao General, e cuja viagem é muito interessante e aqui descreveremos.

Partiu de Vlissinghen com o navio *Oudt Vlissinghen*, como já foi dito, e, encontrando-se no caminho com o vice-almirante Banckert e alguns outros navios da esquadra, seguiram juntos d'ahi em diante. No dia 2 de Julho na latitude de 28 graus foi capturado pelo *Oudt Vlissinghen* um navio vindo do Rio de Janeiro, carregado com 235 caixas de assucar: era um antigo barco flamengo, chamado *Nossa Senhora de Buena Vittoria*, com 36 homens, quasi a metade composta de negros. Como não fosse facil mandal-o para a Republica e se tornasse incommodo rebocal-o, foi descarregado e o assucar repartido pelos navios. No dia 23 avistaram a ilha de Barbados e chegaram no dia seguinte á ilha de S. Vicente, onde encontraram o *Post-paerdt* e o *Griffoen*, os quaes ignoravam o paradeiro da esquadra, apenas sabendo por informação dos selvagens haverem partido dalli 20 navios 4 dias antes. A' vista d'isto o vice-almirante e o conselho resolveram que cada um dos navios fizesse immediatamente provisão de agua e lenha e partissem todos para o cabo S.^{to} Antonio. Chegando alli encontraram o *Goude Sonne*, que capturara um pequeno navio hespanhol, carregado com 509 couros e 160 canastras de salsaparrilha, o qual foi tomado perto do cabo e posto a pique.

Cruzando por alguns dias proximo ao cabo e não encontrando a esquadra, o vice-almirante resolveu continuar a navegar até as aguas de Tortugas e Cabeça de Martyres. No dia 26 de Agosto perdeu-se de vista o *Tiger* dos outros navios a cerca de $25^{\circ} 15'$ de latitude e, como suppuzessem achar-se no canal de Bahama, esperaram entrar para noroeste com o auxilio do vento de leste. Havia então grande calmaria. No dia 27 acharam-se na latitude de $26^{\circ} 15'$ e no outro dia a 27° . Os pilotos suppondo estar fora do canal tomaram rumo direito a oeste, para avistar terra, mas não vendo terra alguma e sem achar fundo ficaram completamente perplexos, sem saber o que fazer.

No dia 29 estavam a 27 grãos e meio, não achavam fundo e viam cada vez mais sargago, que é uma planta que fluctua no mar. Chegaram no dia 31 de Agosto á latitude de $28^{\circ} 15'$ e, não encontrando mais a correnteza, tomaram então o rumo do norte, continuando no mesmo erro.

No dia 2 de Setembro apanharam um vento noroeste e seguiram para leste. Estavam no dia seguinte a $28^{\circ} 50'$ e encontraram muito sargago, mas não acharam fundo a 130 braças. A noite encontraram fundo a 36 braças, era pedregoso, sujo e com alguns mariscos. Havião navegado com um vento de nordeste quarta de leste, voltando agora com o sudoeste quarta do sul e verificando também haver maior fundo, pois durante o dia o encontraram bom a 100 braças. Dirigiram-se então para leste-sudeste, esperando saber logo onde se achavam. No dia 5 estavam a $29^{\circ} 15'$, quasi que só fluctuavam, pois reinava calmaria, e encontravam fundo a 112 e 120 braças e algumas vezes não encontravam. No dia seguinte soprou algumas vezes uma brisa e ganharam um tanto para sudeste, mas não acharam fundo.

No dia 12 á tarde acharam novamente fundo a 110 braças e perceberam bem que não estavam fora do canal de Bahama, mas se haviam perdido no golfo da Nova Hispania e, como soprava um vento de nor-nordeste tomaram o rumo de sudeste. No dia seguinte estavam na latitude de $25^{\circ} 50'$. No dia 14 a sonda deu 70 braças e ao meio dia estavam na latitude de 25 grãos e meio e ainda não encontraram corrente alguma. No dia 15 a sonda manifestou 40 braças e perceberam então uma forte corrente com a direcção de leste e d'ahi a pouco tempo não encontraram fundo a 140 braças. Ao meio dia a latitude era de 25 grãos escassos, calculando elles achar-se em aguas das *Tortugas*. Notaram que a corrente vinha muito do norte, em quanto que no Golfo só se percebe correr do sul. Não viam ali tantas aves como no Golfo. Ha também differença nas hervas ou salsas marinhas, pois no Golfo não são iguaes, sendo mais amarellas e vermelhas, e as de leste das *Tortugas* tem pequenas folhas oblongas e as hastes maiores, sendo alguns signaes dignos de consideração, porque as correntes illudem os pilotos, que commettem erros nos calculos e também algumas vezes não sabem onde estão ou para onde devem seguir. Viram finalmente no dia 17 pela manhã terra baixa, parecendo duas pequenas ilhas e acharam-se no dia seguinte na latitude de $24^{\circ} 40'$ e viram novamente outras ilhotas ao lado e para fóra, o que lhes deu novamente que pensar. No dia 20 estavam a $24^{\circ} 45'$, não avistaram terra alguma e não encontraram fundo na sondagem. No dia 22 avistaram outra vez terra, a qual se estendia

de nordeste para leste tanto quanto alcançavam com a vista, pelo que comprehendem que se achavam no canal de Bahama, o qual atravessaram com o auxilio de vento favoravel, e acharam-se no dia 25 a 29° 50', tomando então o rumo de les-nordeste. No dia 3 de Outubro havendo alcançado latitude superior a 31° trataram de combinar o que seria melhor empregar a bem dos interesses da Companhia. Tinham falta de agua fresca e o navio fazia alguma agua, apesar do que resolveram navegar para as Antilhas, para refrescar a gente, reparar o navio e ir então em busca do inimigo.

O vento ao principio não os quiz favorecer, de sorte que recuaram até 33° mas no dia 10 tiveram o vento do norte e dahi navegaram para leste quarta a sudeste. Alcançaram a latitude de 32 gráus e meio, mas descahiram para 34. Soprando outra vez o vento de leste e les-nordeste, avançaram ainda para o sul, de sorte a estarem no dia 17 a 31° 40' e no outro dia a 31° 25'. Voltou-lhes então o vento de sudeste que lhes não era vantajoso. Avistaram no dia 21 as Bermudas, navegaram ao longo da costa do sul e acharam que estão situadas a 32 gráus e meio. Soffreram ahi uma forte tempestade e tiveram bastante que empregar as bombas. No dia 27 viram novamente as Bermudas e tiveram vontade de fundear alli, mas soprando então o desejado vento de nordeste e nor-nordeste, que lhes durou até o dia 1° de Novembro, ganharam a latitude que desejavam e apesar de terem ainda vento e tempo variaveis no dia 14, alcançaram a ilha de Barbados e no dia seguinte ancoraram perto da residencia dos inglezes que eram em numero de 600. Partiram d'alli no dia 19 e viram no dia seguinte ao meio dia S. Vicente, mas por ser o vento contrario só fundearam na bahia de S.^{to} Antonio no dia 22. Acharam os indios alli bem perigosos porque estavam muito irritados contra os francezes e pensavam que os nossos faziam parte da mesma nação e só a muito custo foi possível obter agua e lenha. Fizeram-se de vela d'alli no dia 28 e ancoraram no dia 1° de Dezembro na ilha de Granada em uma bôa e grande bahia, com o fundo de areia, não podendo conseguir ahi nenhuns refrescos, porque os indios dessa ilha estavam mais desconfiados do que os de S. Vicente, sendo o motivo facil de comprehender depois do que já referimos. Partiram pois d'alli no dia 2 e navegaram diante de Frayles, situado a leste da ilha de S.^{ta} Margarida, a qual enfrentaram ao meio dia, e fundearam no dia 5 a oeste da ilha Branca, na qual saltaram immediatamente para apanhar cabritos, que encontraram aos milhares. Ficaram ancorados alli até o dia 30 de Dezembro, de sorte que levaram para bordo cerca de quinhentos d'aquelles animaes, tanto salgados como seccos, e ainda poderiam levar mais se não fosse faltarlhes sal. Uma vez que estiveram tanto tempo naquelle logar, convem dar de passagem a descripção que d'elle fizeram.

A ilha Branca, está situada a 12 gráus de latitude norte e dista da ilha Granada no maximo 40 leguas a oeste quarta de sudoeste. E' baixa e por esse motivo não se deixa ver alem de quatro leguas.

Todo o lado de oeste é uma bahia de areia, estendendo-se uma legua para o sul e para o norte. Existem ao norte e ao sul bellas bahiazinhas de areia, mas incommodas para ancorar, de fundo pedregoso e escarpado, sendo assim

o melhor logar para se lançar ferro o lado de oeste, apesar de pedregoso em alguns pontos, mas podendo ver-se o fundo a 8 e mesmo 10 braças e portanto ancorar-se onde for melhor. Existem bons portos pequenos onde podem entrar grandes chalupas de 20 lastos. Ha poucos montes e valles nessa ilha e está coberta de grama por todos os lados, que chega em alguns logares até a altura dos joelhos. Poucas arvores ha do lado do oeste, a não ser aqui e alli um pequeno bosque. Abunda o guaiaco, mas está muito para o interior e é preciso procural-o com cuidado. Todo o lado de leste está coberto na maior parte de bosques e debaixo das arvores ha moitas de salva silvestre muito aromatica, mas cujo sabor não é especial. Esse matto está cheio de agudos espinhos com os quaes se deve tomar muita cautela, porque atravessam o calçado e logo que penetram na carne se enterram de maneira que é preciso arrancal-o com toda a força.

Encontraram alguns fossos nos rochedos perto da praia, onde se podiam occultar bem uns 30 ou 40 homens. Havia alem disso outros signaes de que os hespanhoes a visitavam frequentemente e de que recentemente alli haviam estado. Andando ao redor de toda a ilha, não encontraram ninguem.

Acharam pouca agua na ilha, a não ser de chuva, aqui e alli em alguns poços e fossos na pedra. Havia um grande canal com a forma de uma salina, mas a agua era toda salgada. E' preciso portanto cavar poços perto da praia para se poder encontrar agua potavel e foi assim que a obtiveram. O solo dessa ilha é arido e secco como turfa, motivo pelo qual a agua ao cahir alli é immediatamente absorvida. Semearam em um valle, cujo terreno acharam bom, abobora, milho e mostarda, que haviam brotado e crescido um palmo acima da terra, quando elles de lá sahiram. Encontraram-se muitos animaes rastejantes, como lagartos, lagartixas, etc. e tambem gatos e outros animaes. Existem igualmente bellissimos papagaios, periquitos, pelicanos, araras, rolas e outras aves. Verificaram finalmente que a ilha tinha umas 6 leguas de circumferencia. A descripção da viagem deste yacht devia ficar interrompida no fim deste anno, mas, como não convem voltar a ella mais tarde, damos agora a continuação em resumo.

Partiram no dia 3 de Janeiro de 1629 da ilha Branca e chegaram á ilha da Tortuga, da qual nos deram a seguinte descripção:

A ilha da Tortuga está a 11 graus de latitude norte e dista da precedente 15 a 16 leguas ao sul quarta a sudoeste.

O lado oriental dessa ilha é baixo mas o occidental é de altura mediana. Acha-se coberta de matto, no qual existe guaiaco, mas disperso por todos os lados. Ha ao norte duas ilhotas na distancia de meia legua, orladas de praias de areia, e navega-se ao redor em 12 e 13 braças d'agua com fundo de areia, sendo este até a ponta sudoeste tão liso como um soalho. Existe perto desta ponta uma boa e grande salina, onde em Setembro, Outubro e Novembro e algumas vezes, quando não chove muito, até em Dezembro se pode obter sal para dous ou tres navios. Comtudo o porto não é muito commodo perto da salina por haver um vento de leste, que sopra mais constantemente alli que em qualquer outra parte. Para os que não vão buscar sal o melhor porto é

portanto na ponta sudeste ou tambem na do norte do lado de oeste, onde se pode obter ao mesmo tempo agua, cavando-se poços na praia. Nessa ilha ha igualmente muitos cabritos, mas não são tão faceis de apanhar, porque se mettem no matto. O solo é aspero.

Partiram dahi porque então não havia sal. No dia 5 avistaram a ilha Orchilla e navegaram costeando-a até perto dos montes a oeste. Quando estavam quasi no fim da praia de areia lançaram ferro a 16 braças d'agua, em bom fundo arenoso, e ao entesar a amarra não estavam mais distantes da praia do que o comprimento de um navio e tinham ainda quatro braças e meia d'agua.

Podia encalhar-se alli o navio sem perigo, porque ha um bom fundo de areia sem rochedos e todo escarpado, bastando portanto um vento de leste para o fazer de novo fluctuar. Foram á terra e procuraram sal nas muitas salinas que alli existem, mas não encontraram nenhum; viram grande quantidade de cabritos na montanha, dos quaes muitos eram brancos, e tambem quatro ou cinco cães brancos e bravios.

No dia 6 foram a terra com todos os homens a caçar, collocaram-se na montanha occidental e tocaram os cabritos para a praia cercando uma manada de 200 em um fosso, de tal forma que apenas um escapou. Entretanto vejamos a descripção que fizeram da ilha. Orchilla está situada a 11 gráus e um quarto de latitude norte e distante da Tortuga, de que já fallamos, cerca de 15 leguas a noroeste quarta a oeste e da ilha Branca 18 ou 19 leguas approximadamente. As suas costas são baixas, rasão pela qual mal podem ser vistas alem de uma legua. Comtudo nas pontas leste e oeste ha montes que se avistam bem a 5 ou 6 leguas de distancia e é onde a maior parte dos cabritos se reúne.

As terras baixas não se elevam acima d'agua mais do que a altura de um homem. Toda a costa ao lado sul e sudoeste é bôa, mas muito escarpada, polendo os navios approximar-se quando lhes for conveniente, sendo-lhes facil afastar-se. No lado sudoeste ha pouca verdura a não ser salsa marinha por ser o solo arido, sendo certo que a leste e ao norte ha algum arvoredado, mas o terreno é por todos os lados tão salgado que torna impossivel o desenvolvimento de arvores e hervas, pois toda a agua que corre d'alli é salgada como se viesse do mar. O terreno é por toda a parte como um terço, mas é branco e todo salgado. As arvores que ahi crescem são tão rachiticas que se derrubam com a mão. No monte ha aqui e alli algumas urzellas (*Orchillas*), comtudo são tão escassas, que nao valem a pena, porque dá muito trabalho procural-as e se soffre muito de sede, pois se não encontra agua potavel. Não existem passaros a não serem alguns parecidos com a ave nocturna, nem outros animaes senão o lagarto.

Partiram dalli no dia 7 e alcançaram em pouco tempo as ilhas Roccas, que são em numero de 8 ou 9, situadas na maior parte de leste a oeste, distantes de Orchilla cerca de 6 leguas. Não foram até lá, porque viram que estavam quasi todas cobertas de matto. São regularmente baixas.

Tomaram o rumo das ilhas de Aves, que avistaram á tarde e eram apenas tres ilhotas, distantes das Roccas a oeste-noroeste cerca de 6 leguas.

No dia 8 avistaram as terras altas de Bonaire cerca de tres leguas a oeste, mas não puderam distinguir as costas baixas do sul. Navegando ainda umas tres leguas, avistaram primeiro do que a costa a arrebentação das ondas e seguiram então ao longo do lado sul com rumo a oeste, não vendo em parte alguma praia de areia, pois a costa estava toda envolvida como por uma cinta de matta.

Continuaram a navegar do mesmo modo até o lado oeste noroeste, onde ha uma ilhota baixa, formando um seio, de sorte que é necessario bordejar para alcançar o porto da ilha grande. Bordejando entre as duas tiveram vento muito variavel da costa e, quando estavam perto da menor, quizeram virar de bordo, mas por falta de vento não o conseguiram, aproando então para a ilhota. O mar estava porem tão bravo que para o navio não ir chocar-se contra os rochedos o deixaram fluctuar tão perto delles que com uma vara se podia saltar para terra.

Conseguiram com o auxilio de amarra retirar dalli o navio sem damno e vieram fundear ao meio dia na ilha grande, ao lado oeste noroeste em 39 bragas d'agua, num fundo de areia, a distancia de uma pedrada da costa. Como se não atrevessem a desembarcar na ilha grande com receio de que os hespanhoes tramassem qualquer cousa, procuraram um fundeadouro na ilha pequena e ancoraram no lado oeste a 60 bragas de fundo, a distancia de uma boa pedrada da costa.

Estenderam um cabo até a terra e uma corda para puxar a chalupa para bordo e para terra. No dia 6 começaram a trabalhar com ardor no corte da lenha na ordem seguinte: 20 homens cortavam, havendo 2 carregadores para cada um desses, 5 preparavam a lenha na praia e 10 rondavam todo o dia para que se pudesse fazer tranquillamente o serviço. Calcularam que podiam ter na praia diariamente dous lastos de lenha. Entrementes fizeram a limpeza do navio.

Estavam embaraçados quanto á aguada, mas finalmente acharam no meio do matto um bom poço. Estiveram occupados até o dia 24 de Janeiro e arranjaram 20 lastos de lenha, não tendo podido fazer maior provisão.

Vejamos agora a descripção de ambas as ilhas.

A grande ilha Bonaire está situada na latitude de 12 grãos ao norte do Equador, distante cerca de 8 leguas a oeste e quarta a noroeste e oeste noroeste das ilhas de Aves. É bastante grande e do lado do sul toda occupada por uma praia baixa e assim continúa até o lado oeste noroeste, onde a praia termina. Alli está um dos mais commodos fundeadouros, apesar de escarpado. Devem lançar-se amarras em terra.

A ilhota está situada ao lado oeste noroeste, formando com a outra uma grande bahia, e d'ahi em diante não ha mais praia, mas costa alta, onde habitam os hespanhões. Nessa ilha ha muitos carneiros, cuja lã dá grande lucro aos habitantes hespanhões. Tambem não falta alli o pau bacalhau.

Taes hespanhões não são mais de sessenta. Neste lado ha um poço d'agua doce e é facil ir buscal-a. Em parte alguma da ilha viram praia de areia, mas de todos os lados ha fundeadouros, ainda que escarpados, com 30 e 40

bragas d'agua, podendo entretanto ancorar-se bem á distancia de huma pedrada de terra. A ilha dista um tiro de mosquete da ilha grande, no ponto mais estreito, e alli se pode fundear, mas não é commodo, pois o fundo é pedregoso. Ha muito pau bacalhau, mas está em alguns logares a uns dous ou tres mil passos da praia, e tambem ha guaiaco e alguns algodoeiros. No tempo das chuvas existe aqui e alli um pouco d'agua, mas a terra a absorve muito, visto ser pedregosa e secca e em alguns logares salgada, e quando se cava um poço só se encontra turfa. Ao lado sul sudoeste ha bellas planicies cobertas de um bôa relva e um bonito canal, mas d'agua salgada. A ilha tem cerca de duas leguas de extensão e tres leguas de circumferencia.

Partiram no dia 26 e tomaram rumo de modo a passar entre Hispaniola e Porto Rico.

No dia 1 de Fevereiro viram terra a cinco leguas ao norte. Era uma montanha alta na latitude de 18° 18' e no dia seguinte viram a ponta occidental da Savona. Fatigaram-se bordejando até poder alcançar a ponta leste. No dia 14 avistaram *Mona* e, como o navio fazia muita agua, tiveram necessidade de fundear alli e lançaram ferro no dia seguinte junto a uma ponta baixa a 13 braças, em fundo de areia. Dirigiram-se para a terra em chalupas, mas chegando perto viram que todo o lado de oeste estava cercado por um recife e tinha forte arrebentação, de sorte que, não podendo chegar á praia, remaram para o lado do sul, onde encontraram muitos rochedos e abrolhos, tendo de alcançar a terra a nado e ahi colhendo ás pressas umas 600 laranjas. Encontraram tambem um poço com agua.

Chegados a bordo, descobriram o logar por onde entrava agua no navio e taparam-n'o. Dão a seguinte descripção da ilha.

A ilha de *Mona* está situada a 18° 10' de latitude norte, é pequena e fica a meio caminho entre Hispaniola e S. João de Porto Rico. Tem fundeadouro no lado de oeste e do sul. O lado de oeste não tem mais de meia legua de largura e não tem bom fundeadouro, pois é pedregoso.

Nessa ilha não ha agua dôce. Ha gado bovino, porcos e cabritos, ainda que difficeis de apanhar devido aos densos mattos. Existem alli boas e grandes laranjas e mais umas cem arvores d'outra especie. Não tem mais de 4 leguas de circumferencia.

Partindo d'alli dirigiram-se para a Republica e a 12 de Abril chegaram a Vlissinghen.

A Companhia aprestou ainda neste anno uma esquadra sob o commando do valoroso Adriaen Jansz Pater, como almirante, e Marten Thijsz, como vice-almirante, esquadra para cuja formação concorreram com os seguintes navios:

A Camara de Amsterdam com: o *Prince van Oraquien*, novo, de 400 lastos 10 canhões de bronze e 29 colubrinas, 148 marinheiros e 83 soldados, capitão Adriaen Claesz. de Amsterdam; o navio *Zulphen*, 250 lastos, 12 canhões de bronze e 24 de ferro, 118 marinheiros e 45 soldados, capitão Heyn Claesz. O navio *Deventer*, 125 lastos, dous canhões de bronze e 24 de ferro, 63 marinheiros e 33 soldados, capitão Marten Gerritsz. Landtroede; o pequeno yacht

Rave, 15 lastos, 6 colubrinas, 25 marinheiros, capitão Hendrick Hendricksz. aliás Duyvel.

A Camara da Zelandia com: o navio *Zeelandia*, 330 lastos, 12 canhões de bronze e 22 de ferro, 154 marinheiros e 86 soldados, no qual ia o vice-almirante Marten Thysz. e que tinha por capitão Pieter Jansz. Snoeck; o navio *Hart*, 70 lastos, 2 canhões de bronze, 13 de ferro, 58 marinheiros, capitão Hendrick Worst; o yacht *Zee-Ridder*, 35 lastos, 4 canhões de bronze e 4 de ferro, 39 marinheiros, capitão Matheus Jansz.

A Camara de Mosa com: o navio *Rotterdam*, 130 lastos, 6 canhões de bronze e 12 de ferro, 53 marinheiros e 34 soldados, capitão Pieter Cornelisz. de Huyt; o *Valck* 100 lastos, 2 canhões de bronze e 16 de ferro, 72 marinheiros e 22 soldados, capitão Pieter Hendricksz. Kesa.

A Camara da Hollanda Septentrional com: o navio *Edam*, 170 lastos, 4 canhões de bronze e 18 de ferro e 123 homens; o yacht *Haentjen*, 40 lastos, 6 colubrinas e 32 homens.

A Camara de Groninga com: o navio *Pegasus*, 110 lastos, 6 canhões de bronze e 14 de ferro, 59 marinheiros e 36 soldados, capitão Allert Heres van Staveren.

Todos elles na maior parte se fizeram á vela no dia 15 de Agosto pouco mais ou menos. O almirante tinha ordem de cruzar algum tempo perto dos Açores, afim de esperar a passagem das esquadras que viessem das Indias Occidentaes para a Hespanha. Cumprindo a ordem e tendo cruzado alli por muito tempo, não viu navio algum hespanhol, seguindo portanto a sua esquadra para as ilhas de Cabo Verde e fundeando em S. Vicente para refrescar a gente. Obtiveram agua cavando poços, mas não puderam arranjar bois, porque foram retirados pelos negros, que nos annos anteriores haviam sido maltratados pelos nossos compatriotas. Foi preciso por isso mandar um yacht á vizinha ilha de Santo Antonio, onde obtiveram alguns fructos para os seus doentes. Alli ficaram durante este anno.

FIM DO LIVRO QUINTO

SUMMARIO DO LIVRO SEXTO

Continuação da viagem do almirante Pater. Manda os navios *Deventer*, *Edam* e *Rave* a outra parte. Vae a Bahia e alli não encontra navios inimigos carregados. Seguem para Pernambuco e lá não acham o que capturar. Partem para as Antilhas e chegam a Granada. Encontram ali o *Deventer* com os outros dous navios. O *Pegasus*, *t Hart* e o *Rave* tiveram ordem de ir cruzar em *Monges*. O almirante desembarca na ilha de S. João de Porto Rico. Capturam uma pequena barca. O almirante faz-se á vela com alguns navios para a ilha de *Vacca*. Os tres navios chegam a *Monges*. Não souberam cousa alguma e voltaram á esquadra. Descrição da ilha de *Vacca*. A esquadra chega ao cabo Corrientes. Capturam dous navios hespanhóes de pouco valor. Ali se reúnem mais alguns navios á esquadra. Apresta-se uma nova esquadra para o seu auxilio, sob o commando de Jan Jansz. van Hoorn. Este chega á ilha *Barbados*, *S. Vicente*, *Ilha Branca* e *Cabo Tiburon*. Parte para o cabo de *Santo Antonio*. Captura uma pequena barca. Descrição de S. Domingos. Juntam-se ao Almirante Pater. Capturam uma pequena barca. Partem para a costa das Tortugas. Juntam-se-lhes alli mais alguns navios. Voltam á costa de Cuba. Não encontram esquadra alguma do inimigo. Mandam nove navios para a Republica. Voltam com os outros navios a *Barbados*. Narração do que os Hespanhóes fizeram aos Inglezes na ilha de S. Christovam. O Commandeur segue para *Mona*. O almirante navega no rio *Orenoco*. Chegam á villa de S. Thomé, a qual os proprios Hespanhóes incendiaram. Apoderam-se de algum tabaco. Voltam a *Trinidad*. Apresta-se uma esquadra para o Brasil, para ir atacar Pernambuco, sob o commando do General Loncq. Descrição da esquadra com o numero de navios e tripolantes. Partida do General; chega perto das Canarias; divide a sua esquadra. Bate-se com a esquadra hespanhola de Dom Frederico de Toledo, sahindo sem damno algum. Capturam um patacho hespanhol. Chegam a S. Vicente de Cabo Verde, onde alguns dias depois se reuniram 25 navios. Motivos por que o resto dos navios e da gente está retido. O inimigo no *Veluwe*. A tomada de Bois le Duc. pelo principe de Orange. Partida do resto dos navios e sua chegada a S. Vicente, junto ao General. Partida d'alli com 52 navios e 13 chalupas de desembarque. Descrição das ilhas de Cabo Verde. Noticia sobre a expedição de Dom Frederico por cartas tomadas do inimigo dirigidas para S. Christóvam e Cartagena. Varios extractos de cartas hespanholas. Transbordamento do lago do Mexico e submersão da cidade. Considerações sobre os successos e sobre as empresas realizadas de ambós os lados. Relação mais ampla da calamidade que sobreveiu á cidade do Mexico, conforme uma carta dos padres,

LIVRO SEXTO

1629

Deixamos no anno passado o Almirante Adriaen Jansz Pater e o Vice-almirante Marten Thijsz., com a esquadra sob o seu commando, em S Vicente, uma das ilhas de Cabo Verde. Agora vamos continuar a descripção da sua viagem d'alli em diante.

Fez-se á vela com a esquadra no dia 1 de Janeiro deste anno; mas os navios *Deventer*, *Edam* e *Rave* foram mandados juntos á outra parte com certas instrucções e separaram-se no dia 12 na latitude de 5º 6' ao norte do equador, sob o commando de Marten Gerritsz. Landtrecede. No dia 21 atravessaram a linha equinocial e no dia 2 de Fevereiro avistaram a costa do Brasil na distancia de tres leguas e a pouco mais ou menos 12 ou 14 leguas ao norte da Bahia de Todos os Santos. Ainda que não pudesse saber ao certo a situação da Bahia ou o numero de navios lá fundeados, resolveu no emtanto o almirante, entrar no porto e procurar fazer o maior damno ao inimigo e trazer alguns despojos para a Companhia. Para esse fim distribuiu a esquadra em tres divisões: da 1ª faziam parte a almiranta, *'t Hart* e *de Haen*; da 2ª *Zeelandia* e *Pegasus*; da 3ª *Zutphen* e *Rotterdam*. Deu-lhes ordem para navegarem bem unidas e quando preciso prestarem immediato auxilio. No dia seguinte descortinaram a Bahia e seguiram para lá, lançando ferro ao meio dia cerca de uma legua da cidade de S. Salvador. Viram que não havia alli mais de seis ou sete barcas vazias fundeadas proximo ao caes e muito perto da cidade e dos fortes, pelo que julgaram inconveniente e não valer a pena arriscar a gente e os navios para ir buscal-as. Acharam de melhor aviso partir d'alli na primeira occasião para os outros logares que os Directores haviam indicado. Partiram, portanto, no dia 4 sem fazer ou soffrer dam o algum e puzeram-se a caminho para a Capitania de Pernambuco.

No dia 8 foi capturada pelo bote do Almirante uma pequena barca de transporte (que navegava pela costa, de um porto para outro) carregada de farinha, duas caixas de assucar, tres ditas de tabaco e 10 saccos de algodão. Souberam pelos prisioneiros que no dia 15 do mez passado haviam sahido da Bahia um galeão vindo de Goa e dous outros navios grandes, um de Portugal e o outro de Hamburgo e umas 20 barcas, tendo assim os nossos navios chegado muito tarde. Retiraram as fazendas da pequena barca e deixaram os Portu-guezes ir embora com ella.

Não podiam navegar para o norte por causa dos ventos contrarios e por 33 dias estiveram bordejando para alcançar o cabo de S.^{to} Agostinho; comtudo no dia 8 calculando estar na latitude do mesmo approaram para a costa, na direcção de oeste. Avistaram-n'o no dia seguinte e pouco depois o porto de Olinda de Pernambuco. Alli veio ter com os nossos um negro numa jangada, pelo qual souberam que tres navios iam sahir, mas vendo a nossa esquadra voltaram a ancorar dentro do recife. O almirante viu portanto que não havia alli nada que fazer, pois, tendo sido descoberto pelo inimigo, os navios que se achavam dentro do porto não sahiriam, e assim não achou conveniente perder mais tempo e partiu para as Antilhas.

O vento e a corrente lhe foram tão favoraveis que no dia 1.^o de Abril chegou a avistar a ilha de Granada, o que estava completamente fóra dos calculos de todos os pilotos, que julgavam e affirmavam achar-se pelo menos a umas 100 leguas d'alli, pelo que se deve ter cautela naquella paragem. Fundearam no dia seguinte e lá encontraram o *Deventer*, o *Edam* e o *Rave*, com os quaes não haviam podido encontrar-se na costa do Brasil.

Os indios dessa ilha obedecendo á sua má indole haviam assassinado á traição, alguns dias antes, seis homens do navio *Deventer*, por cujo motivo reinava grande agitação, sendo arriscado para os nossos o desembarque. Comtudo, como a maior parte dos nossos navios tinham falta d'agua e de lenha, mandaram á terra um contingente de soldados para defender contra os indios os carregadores d'agua e os cortadores de lenha. O *Pegasus*, *t Hart* e o *Rave* foram mandados para cruzar pela costa do continente na visinhança de *Monges* e partiram no dia 7. O resto da esquadra fez-se á vela no dia seguinte e no dia 12 fundeou junto á ilha de S. Christovam e no dia 19 no porto de S. Francisco, na costa occidental da ilha de S. João de Porto Rico. O almirante mandou alguma gente á terra para procurar refrescos, mas como não achassem laranjas partiram no dia 21 e navegaram pelo norte de Monico e ancoraram no dia 24 junto a Mona. Ahi acharam tão pouco do que precisavam que os refrescos para os doentes começaram a esgotar-se. Os navios estando a cruzar perto d'alli, o *Deventer* capturou uma pequena barca, vinda de Porto Rico, na qual havia 36 pessoas e entre essas dous padres. Segundo os prisioneiros declararam, havia na barca 4.000 reales de oito e alguma prata lavrada, mas, como os marinheiros a haviam saqueado desordenadamente, a principio appareceu pouco, mas dando-se depois rigorosa busca foram encontrados 3.200 reales de oito e tambem alguma prata lavrada e algumas joias de ouro. O Almirante, julgando criteriosamente que este logar podia ser occupado por poucos navios

e que eram precisos mais refrescos para a tripolação, deixou ahí somente a sota almiranta e dous navios ligeiros e partiu com os grandes para a ilha de *Vacca*, onde ancorou no dia 8 deste mez. Os tres yachts que se separaram da esquadra, como já foi dito, no dia 7 de Abril, chegaram no dia 9 do mesmo mez á ilha Branca e fizeram-se á vela depois de apanhadós e mortos uns 1.000 cabritos, e, navegando ao longo da *Tortuga* para o continente, avistaram-n'o no dia 14. Navegando depois por entre o mesmo e as ilhas adjacentes, *Rocca*, *Aves*, *Bonaire*, *Curaçau* e *Aruba*, ancoraram no dia 21 de Abril junto ás *Monges*. Essas *Monges* são umas ilhotas, situadas umas proximas das outras, cerca de 12 graus ao norte do equador. Junto a ellas ha bons ancoradouros de 20 a 30 braças d'agua em fundo firme de areia.

Essas ilhotas são regularmente altas, mas completamete estereis, sem a menor planta ou herva. Só se encontram alli ovos de passaros em grande quantidade e ao redor das mesmas se pesca muito peixe entre os rochedos.

Ficaram até o dia 9 de Maio e, tendo terminado o prazo que lhes ordenaram esperassem e como não vissem nenhum navio hespanhol, partiram d'alli, passaram perto de Hispaniola e no dia 12 foram reunir-se á esquadra por traz da ilha de *Vacca*. Nesse interim chegaram: o —navio *Walcheren*, da Camara da Zelandia, e juntamente com este o *Zuydt Sterre*, um yacht da mesma Camara (fallaremos mais tarde sobre a sua viagem), os quaes partiram da Zelandia no dia 19 de Fevereiro. Pelo diario da esquadra a ilha de *Vacca* está situada na latitude de 18 gráus e 8 minutos ao norte do equador e é toda baixa e o porto em que costumam fundear é situado a leste, podendo ancorar-se nelle a 5, 6 e 10 braças d'agua, em fundo de areia. Diz mais o diario que a mesma ilha é toda coberta de matta, tendo tambem bons prados; correm por ella bellos ribeiros e ha muitos cavallos, bois, vaccas e porcos, mas é muito difficil apanhal-os

A bahia situada do outro lado, na qual os nossos costumam ancorar e onde essa esquadra tambem esteve, está a cerca de 2 leguas a noroeste da ilha; ancora-se alli em 5 até 10 braças d'agua sobre um bom fundo de areia. Ao lado norte dessa bahia desembocca um magnifico rio, cujas aguas a uma legua de distancia da costa são completamente doces.

A terra de Hispaniola que fica perto d'aqui é muito alta e coberta de arvores. Por alli não mora ninguem. Ha muito gado bovino, cavallos e porcos que são muito difficeis de apanhar por causa da falta de caminhos, principalmente para quem não está provido de cães. Produz esse logar uma tal quantidade de pequenos limões, que a nossa gente colheu uns 200.000. Era o tempo das chuvas e quasi todos os dias eram importunados por ellas. Havendo-se refrescado completamente e abastecido de agua e de lenha, fizeram-se á vela no ultimo de Maio e da ilha de *Vacca* no dia 2 de Junho, tomando o rumo de oeste. No dia 7 avistaram as *Caimãs* e no dia 11 o cabo de *Corrientes*, que é uma terra coberta de arvores, aos 21° 20' ao norte da linha. Mantiveram-se algum tempo por alli á espreita dos navios hespanhoes. No dia 26 avistaram duas velas estrangeiras, ás quaes deram caça. A maior foi capturada pelo bote do yacht *Hart* e estava carregada na maior parte

com sal e tinha além disso 458 reales de oito, 3 caixas de tecidos coloridos de algodão, 5 ou 6 caixas com velas de cera, 8 ou 10 malas com redes e sapatos e mais alguns caixões com roupas e miudezas. A outra foi capturada pelo bote do *Walcheren* e só tinha sal e um pouco de peixe salgado. Ambas vinham de Campeche. Como a gente desses navios dissesse que chegaria dentro em pouco uma grande esquadra hespanhola, o almirante Pater dividiu a sua esquadra em tres partes, para mais facilmente a descobrir. A primeira e principal constava dos navios *Prins Wilhelm*, no qual ia o almirante, *Zelandia*, *Zutphen*, *Walcheren* e *Rave*, divisão que devia manter-se no meio, para em caso de necessidade ir em auxilio das outras. A segunda era composta do *Deventer*, do *Edam* e do *Pegasus* e devia seguir pelo lado de terra. A terceira compunha-se do *Rotterdam*, do *Hart* e do *Haen*, os quaes deviam navegar pelo lado do mar. As duas ultimas deviam trocar diariamente as suas posições e todas tres deviam conservar-se á distancia em que se pudessem avistar. Dessa forma andaram navegando de cá para lá procurando a tal frota hespanhola. Juntaram-se á esquadra no dia 8 de Julho o *Zeeuwsche Jagher* de 80 lastos, com 4 canhões de bronze e 12 de ferro, 56 homens, capitão *Jan van Stapel*, navio que partira da *Zelandia* em Janeiro e trouxera tambem alguns colonos para a ilha de Tabago, e o *Zee-Ridder*. No dia seguinte veio o *Vriessche Jagher*. Taes navios foram distribuidos pela esquadra. E finalmente no dia 10 chegaram o *Witten Leeuw*, o *Dolphijn*, o *Leyden* e o *Katte*, sob as ordens do commandeur *Jan Jansz. van Hoorn*, de cujos successos e viagem até aqui vamos dar um resumo.

A assemblea dos XIX resolvera, como no anno precedente, aprestar um grande numero de navios e yachts e provel-os de tudo para reforçar e refrescar a esquadra do almirante *Adriaen Jansz. Pater*. Para esse fim partiram no dia 19 de Fevereiro deste anno pela Camara da *Zelandia* o navio *Walcheren*, capitão *Jan Mast*, 280 lastos, 9 canhões de bronze e 22 de ferro, 155 marinheiros e soldados, o yacht *Zuydt-Sterre*, 30 lastos, 4 canhões de bronze e 4 de ferro e 44 marinheiros, e o *Zeeuwsche Jagher*, de que já fallamos.

Pela Camara de Amsterdam, sendo commandeur *Jan Jansz. van Hoorn* partiram os seguintes: o navio *Witten Leeuw*, 250 lastos, 4 canhões de bronze e 23 de ferro, 131 marinheiros, 45 soldados; o navio *Dolphijn*, capitão *Jochim Gijsen*, 140 lastos, 4 canhões de bronze e 24 de ferro, 90 marinheiros e 33 soldados; o navio *Leyden*, capitão *Albert Hendricksz*, 220 lastos, 4 canhões de bronze e 22 de ferro, 104 marinheiros e 42 soldados; o navio *Dry Koninghen*, 230 lastos, 2 canhões de bronze e 28 de ferro, 132 marinheiros e 41 soldados, capitão *Cornelis Meyndertsz*; o yacht *de Katte*, capitão *Jacob Barentsz.*, 90 lastos, 14 colubrinas, 52 marinheiros e 21 soldados. Fizeram-se á vela do *Texel* no dia 21 de Abril.

Partiu um pouco antes pela Camara de Groninga o navio *Vriessche Jagher*, 140 lastos, capitão *Claes Hendricksz.*, 4 canhões de bronze e 18 de ferro, 90 marinheiros e 22 soldados.

No dia 15 de Maio, pela Camara de Mosa, partiram o navio *Dordrecht*,

200 lastos, 4 canhões de bronze e 22 de ferro. 120 marinheiros e 50 soldados, e o *Tiger*, 60 lastos, capitão Leunis Pietersz. Hollaer. 2 canhões de bronze e 22 de ferro, 68 marinheiros e 17 soldados.

Da Camara da Hollanda Septentrional partiu o navio *Griffoen*, capitão Jan Cornelisz. Keert de Koe, 250 lastos, 8 canhões de bronze e 24 de ferro, 126 marinheiros e 80 soldados.

Vamos agora narrar o que na vlgem succedeu ao Commandeur Jan Jansz. van Hoorn. No dia 21 de Abril, como já foi dito, tendo partido com seus quatro navios e um yacht, avistaram no dia 17 de Maio a ilha da Madeira e dous dias depois *La Palma*. No dia 10 de Junho avistaram a ilha de Barbados; o meio da qual calcularam estar a 13 grãos e 15 minutos ao norte da linha. Não tem muita altura e estende-se na maior parte a sudeste quarta de leste e a noroeste quarta de oeste cerca de 8 leguas. No dia seguinte avistaram *S. Vicente* e ancoraram no dia 12 na bahia sudoeste da ilha de *Granada*. Os selvagens que nella habitam são muito maus, fugiram quando nos viram e não quizeram chegar á falla, mostrando-se hostis, atirando flechas envenenadas pelo que os navios partiram d'alli depois de se abastecer de agua e lenha, mas não obtiveram refrescos. No dia 17 chegaram á ilha *Branca*, ancoraram na bahia a oeste e apanharam muitos cabritos; deixando aquelle porto no dia seguinte, ancoraram no dia 23 na enseada occidental junto ao cabo Tiburon. Encontraram cartas dos navios da Zelandia, que haviam partido d'alli no dia 12. O *Katte* foi mandado á ilha de *Vacca* para procurar o almirante Pater. O cabo Tiburon apresenta-se á vista como uma bola que veiu correndo de cima e que ficou detida em um ponto plano; é portanto muito facil de reconhecer, parecendo que tivesse cahido das *Sierras de Donna Maria*.

Alli os navios lançaram ferro.

O cabo estava a noroeste quarta de oeste na distancia de uma legua, a ponta oriental a sudoeste quarta do sul e o valle, onde ha agua doce, a leste quarta de nordeste na distancia de um tiro de mosquete. Os pilotos calcularam que este cabo estava a noroeste quarta de oeste da ilha *Branca* na distancia de 150 leguas, numa latitude com differença para menos da que vem nos mappas, isto é a 18° 20'.

No dia 27 voltou o *Katte*, não tendo encontrado no ponto proprio para o refrescamento nenhuma resposta, mas apenas vestigios de que ultimamente alli haviam estado navios.

De modo que o Commandeur, abrindo as instrucções secretas que trazia para o almirante, resolveu partir immediatamente para o cabo *Sto. Antonio*. Fizeram-se no dia 27 á vela e capturaram uma pequena barca hespanhola de 10 lastos, carregada com 500 vasilhas de vinho e nove de aguardente, dous fardos de linho e 74 reales de oito, a qual partira de *S Domingos* no dia 21 com destino a *Santiago de Cuba*. Souberam pelos prisioneiros, assim como por varias cartas, que Dom Gabriel de Chaves Osorio, um velho soldado que era então governador e lá se achava havia dous annos, que eram exercitados diariamente nas armas 300 homens, tanto civis como soldados, que no dia 9 de

Novembro do anno passado houvera uma tempestade com vento tão violento que derrubara as muralhas, os fortes, muitas casas e conventos, de sorte que a cidade estava toda arruinada e o governador tinha muito que fazer nos reparos das muralhas e dos fortes. Ao mesmo tempo se construíam um forte e uma plataforma até a margem do rio. Estavam então tomando carga 6 navios, entre esses um de 250 lastos que devia partir em meados de Julho para Cartagena afim de seguir com os galeões para a Hespanha, visto como pelo receio dos navios hollandezes não ousavam mais navegar ao longo da costa de Porto Rico. Havia mais mercadorias em S. Domingos do que navios para as carregar e era portanto provavel que muito gengibre ficasse deteriorado. Era grande a falta de pannos para roupas. O governador queixava-se tambem do proprio governo da metropole, dizendo que não havia em que se ganhar e que não circulava mesmo o dinheiro de cobre e, posto que existissem alli ricas minas, se não encontrava quem fosse trabalhar nellas. Os indios foram exterminados e os hespanhoes eram muito preguiçosos. De sorte que é muito crível que se não fosse por se manter alli a Audiencia Real, *Cumana* e toda a extensão até *Coro*, esta cidade inclusive, e muito provavelmente a maior parte da ilha seriam abandonadas pelos hespanhoes. No dia seguinte avistaram a ponta oriental de Cuba, passaram por entre Navaza e cabo de *Tiburón* e viram no outro dia uma vela estrangeira para a qual correu depressa o *Kalte*, mas depois de passar *El Gran Tarquino* (um monte facil de reconhecer na ilha) e ao avistar o cabo da *Cruz* viram a mesma vela na visinhança deste ultimo. Este cabo se reconhece bem, vem descendo das terras altas do interior, estendendo-se para oeste. É uma ponta de terra elevada e plana, com algumas arvores na extremidade, cercada de muitas ilhotas, que se chamam *El jardín de la Reyna*. Esta ponta dista do extremo norte da ilha cerca de 20 leguas, segundo affirmou o piloto prisioneiro.

No 2 de Julho viram a grande Cayman, no dia seguinte a ilha de *Pinos*, a qual no dia 4 reconheceram melhor, e no dia 5 estavam perto do cabo de *Corrientes*, sendo este um tanto mais alto do que a terra adjacente e coberto de arvoredo. Avistaram uma vela estrangeira, á qual o *Kalte* deu caça e fez abater a bandeira perto do cabo de *Santo Antonio*. Era um pequeno barco vindo de Havana á caça de animaes, para o que trazia tres cães e seis mosquetes. Souberam pelos prisioneiros que os hespanhoes tiveram por varios meios noticia da vinda da nossa esquadra, a qual fôra avistada de muitos pontos, e que o governador de Havana, Dom Laurenzo de Cabrera, mandara barcos a todos os logares para dar aviso e ajuntara em Havana todo o povo que pudera. A barca capturada, por ser boa para vela, foi tripolada. Tambem foi capturada no principio de Julho pelo *Vriessche Jagher* uma fragata hespanhola, vinda de S. João de Ulloa, carregada de pão para o forte de Havana, tendo-se encontrado nella 270 reales de oito, 50 pegas de armezim, 33 barrizinhos de polvora e alguma prata lavrada.

No dia 10 de Julho (como já foi dito) juntaram-se ao almirante Pater, cujos successos agora continuamos a dar. No mesmo dia avistaram o monte da *Coróa* situado ao lado norte da ilha de Cuba e por alguns dias

ficaram cruzando nas visinhanças de Havana. No dia 14 viram uma pequena vela estrangeira. O yacht *Haen* e a barca capturaram-n'a e trouxeram-n'a para junto da esquadra, a qual contava então 20 velas. Nesse pequeno barco só acharam agua salgada e algumas cartas, pois a gente fugira para terra. O almirante resolveu de accordo com o seu conselho secreto partir para as costas das *Tortugas* e lá esperar a vinda da esquadra hespanhola e, tendo primeiro tomado conhecimento do paiz, seguiu no dia 18 para noroeste com uma brisa regular do norte quarta de nordeste. No dia seguinte ao meio dia estava na latitude de 24 gráus e 25 minutos ao norte da linha.

No dia 21 os nossos avistaram a costa e na sondagem encontraram 40 braças d'agua, sobre um fundo de areia branca, com algumas pedrinhas da mesma cor e algumas agulhas vermelhas encrustadas, e ao meio dia pela observação do sol obtiveram a latitude de 25 gráus e 40 minutos. No dia seguinte ancoraram em 36 braças d'agua.

Os pequenos yachts tiveram ordem de cruzar para explorar melhor a costa. No dia 26 sobreveiu uma violenta tempestade com trovoadas e relampagos. O *Zeeuwsche Jagher* teve o mastareo da gata arrancado e atirado em baixo e o temporal, batendo no mastro, carregou com um estilhaço que cahiu no peito do dispenseiro matando-o immediatamente, feriu gravemente a mais dous homens e voou pela portinhola de um canhão tirando-o fora do logar. Fizeram-se á vela no dia 28 e no dia seguinte veio juntar-se á esquadra o navio *Swaen*, de Middelburgo, 250 lastos, capitão Samuel Lucasz., 4 canhões de bronze e 18 de ferro, 114 marinheiros e 95 soldados, que partira da Republica no dia 17 de Maio.

Mantiveram-se na maior parte a 44 braças de fundo. Choveu fortemente todo o dia com trovões e relampagos. Juntaram-se á esquadra no dia 7 de Agosto o *Dordrecht* ou *Sphæra Mundi* e no dia seguinte o *dry Koningen*, o *Griffioen*, o *Zuydt Sterre* e o *Tiger*. No dia 12 chegou tambem o navio *'t Wapen van Medenblick*, pela Camara da Hollanda Septentrional, 150 lastos, 6 canhões de bronze e 16 de ferro, 85 marinheiros e 15 soldados, capitão *Outger Jansz. Minne*, que partira da Republica a 27 de Maio. Assim todos os navios mandados para reforçar a esquadra já haviam chegado. O navio *dry Koningen* fizera-se á vela do Texel no dia 21 de Abril, chegou no principio de Junho ás ilhas Canárias e no dia 28 a S. Vicente e foi depois fazendo escala por *Mona*, *Savona* e outras ilhas e reuniu-se aos outros, mas não capturou cousa alguma pelo caminho. No dia 15 como se haviam detido por tanto tempo nas costas de *Tortugas*, sem ver nenhum barco pelo qual pudessem saber alguma cousa quanto á chegada da esquadra hespanhola, ficou resolvido partirem para *Rio de Porcos*, na extremidade oeste de Cuba e cruzarem alli. Navegaram com o rumo sul e sul quarta de sudoeste com uma brisa regular de leste quarta de sudeste; no dia seguinte ao meio dia avistaram a Corôa, que os hespanhoes chamam *El Pan de Cabannas*, e acharam-se então a 23 gráus e 41 minutos. O *Porto de Cabannas* está situado a cerca de tres leguas a oeste da Mesa e a 8 leguas de Havana. Quem quizer entrar alli deve ter a sudoeste quarta oeste o monte da Corôa; na entrada deve ter cautela com um banco que está do lado de leste

da costa e approximar-se tanto do lado de oeste que possa atirar uma pedra em terra, porque alli ha fundo, pelo menos quatro braças d'agua sobre assento de areia. Os que vêm do mar e querem entrar nesse porto devem navegar com o rumo para a primeira terra alta a oeste da *Mesa* e a leste da *Corôa* e ahi verão a entrada. Dentro ha logar para ancorarem mil navios abrigados contra todos os ventos, de sorte que é um logar muito commodo para construir navios e para os por na querena. Ha alli umas ilhotas, nas quaes antigamente existiu uma aldeia de vaqueiros e carpinteiros. Ha pouca agua doce. Do lado de oeste da barra existe um poço onde se podem abastecer dous ou tres navios.

A terra ao redor é alta e coberta de matto. Depois de obter em *Cabannas* e no *Rio de Porcos* agua para os navios e haver passado perto de Havana, onde estavam ancorados uns 6 navios, apanharam uma barca e como não levasse carga incendiaram-n'a. Continuando a cruzar por alli até o dia 11 de Setembro sem avistar esquadra ou navio do inimigo e como começasse a chegar a estação do inverno e das tempestades, retiraram as baterias mais baixas dos navios e arrearam os joanetes cerca de oito leguas a leste de Havana. No dia seguinte o almirante reuniu o conselho e porque lhe causasse contrariedade não ter tido occasião de, com uma esquadra tão importante, causar damnos ao inimigo e trazer vantagens á Companhia, resolveu passar o inverno nas Antilhas com os navios recémvindos e os outros que fosse conveniente ficassem e para esse fim transferir-se para o *Witte Leeuw* e fazer tripolar a barca *Cabannas*. Logo que entraram no dia 21 no Canal de Bahama passou-se com effeito para o *Witte Leeuw*.

No dia 2 de Outubro estando na latitude de 32 graus e 22 minutos, 9 navios separaram-se da esquadra e partiram para a Republica, a saber: *Prins Wilhem*, *Zeelandia*, *Zutphen*, *Rotterdam*, *Pegasus*, *Bul*, *'t Hart*, *Haen* e *Deventer*.

Nos mesmos seguiram as fazendas capturadas ao inimigo até aquelle dia, a saber: 218 caixas de assucar, tres caixas de tabaco, alguns couros seccos, 4018 reales de oito e tambem muitas joias de ouro e prata, mas tudo isso não tinha importancia, considerando-se as grandes despesas feitas com a esquadra. O almirante com o resto dos navios, depois de se achar no dia 3 de Outubro na latitude de 33 graus e 5 minutos, começou a ganhar o sul e alcançou no ultimo de Outubro a latitude de 13 graus e 15 minutos, de sorte que no dia 4 de Novembro avistou Barbados. Ancoraram no dia seguinte no lado sudoeste da mesma ilha e alli se refrescaram. Encontraram cerca de 1500 inglezes estabelecidos e occupados em plantar tabaco. No dia 14 partiram o *Walcheren*, o *dry Koninghen* e *'t Wapen van Medenblich*, para Granada, e no dia 16 o *Witte Leeuw*, com o commandeur Jan Jansz. van Hoorn, e mais os navios *Swaen*, *Griffoen* e *Leyden* para S. Vicente, onde ancoraram no dia seguinte. Vamos narrar em primeiro logar a viagem deste ultimo.

Havendo-se refrescado um pouco, partiram no dia 23 e chegaram no dia 30 em frente á bahia de S. Christovam, mas não pararam alli e foram ancorar no porto da ilha Neves, onde encontraram quatro navios inglezes,

os quaes haviam deixado Londres em Julho. Alguns dos inglezes foram a bordo do *Witte Leeuw* e contaram aos nossos que havia tres mezes que Dom Frederico de Toledo estivera na ilha de S. Christovam com 38 navios de guerra e 3 navios hamburguezes carregados de provisões e encontraram 9 navios inglezes que logo atacaram. Estavam fundeados em S.^{to} Eustaquio 10 navios francezes, que apenas os avistaram seiforam embora.

Dom Frederico desembarcou em seguida em S. Christovam e, como os inglezes não fizessem resistencia confiando na paz que existia entre o seu rei e o da Hespanha, os hespanhoes destruíram-lhes o forte e tudo que encontraram. Os francezes que estavam estabelecidos em um outro ponto da mesma ilha minaram o seu forte e tambem puzeram alguma polvora nas casas e, vendo que a força era muito grande para poderem resistir, fizeram saltar tudo morrendo na explosão alguns hespanhoes. Em represalia os hespanhoes mataram todos os francezes que apanharam.

Com os inglezes Dom Frederico procedeu astuciosamente (assim contaram elles). Declarou que qualquer poderia partir com o fumo que lhe pertencesse e as familias poderiam ir com os seus bens para a Inglaterra e que alem disso todos deviam apresentar o fumo para ir despachado com a sua marca. Os inglezes acreditando nisso trataram de colher e pôr no porto aquelle producto, mas, depois de o ter recebido, elle mandou recolhel-o todo aos seus navios, dizendo que era propriedade do seu amo e não delles e que não quebrava a sua promessa tomando para este o que lhe pertencia. Segundo o que disseram, havia bem umas 500.000 libras de tabaco. Fez depois disso todos os inglezes que alli habitavam embarcar em seis dos nove navios de que acima fallamos, acompanhando-os um dos hamburguezes e deixou-os ir embora, guardando comsigo os outros tres navios, juntamente com 500 ou 600 homens dos mais valentes, elevando-se a 2.000 o numero dos que foram repatriados. Dom Frederico tinha, segundo o calculo delles, uns 12.000 homens em sua esquadra, para com ella garantir todas as pragas fortes nas Indias Occidentaes, tal era o medo que o rei da Hespanha tinha das esquadras da Companhia das Indias Occidentaes. Isso é o que os inglezes referiram.

O Commandeur fez-se á vela de *Nieves* no dia 2 de Dezembro e ancorou no dia seguinte ao lado do sul da ilha de S. *Martin*. No dia 4 partiram d'alli tomando rumo norte quarta a noroeste e ancoraram junto á ilha *Anguilla*, situada a 3 ou 4 leguas ao norte de S. *Martin*, uma terra plana, que se estende de leste a oeste, e, fazendo-se movamente á vela, passaram depois do meio dia a ilha *Sombbrero*, uma ilhota baixa e raza. No dia 7 ao meio dia avistaram as ilhas situadas a leste de *Porto Rico* e, continuando a navegar ao longo da costa da grande ilha de S. João, avistaram no dia 10 á tarde a ilhota da *Mona* e detiveram-se por algum tempo entre *Mona*, *Monico* e *Zacheo* e fundearam finalmente junto a *Mona*. Não vendo perto d'alli nenhum navio ou barco hespanhol, tomaram o rumo de *Hispaniola*, e no dia 23 avistaram o cabo *Del Enganno* a extremidade oriental de *Hispaniola*, que estava distante d'elles cerca de tres leguas ao norte, quarta de nordeste. Esse cabo é uma ponta

baixa, á flor d'agua, avistando-se porem para o interior alguns montes altos. Nada observando alli, partiram outra vez para Mona, onde ficaram cruzando até o fim do anno.

Voltemos agora ao almirante Pater, que deixamos em Barbados.

Partiu no dia 19 de Novembro com o vice-almirante Marten Thijisz. com os navios ligeiros *Dolphyn*, *Tiger*, *Zeeuwsche*, *Jagher*, *Vriessche Jagher*, *Katte*, *Zuydt-Sterre*, *Zee Ridder*, *Rave* e *Cabannas* (como se chamava o barco capturado) e as chalupas do *dry Koninghen* e do *Griffoen* e com a maior parte dos soldados de todos os navios que estavam sob as ordens do almirante. No dia seguinte pela manhã estavam a 11 gráus e 4 minutos de latitude, no dia 21 a 9 graus e 48 minutos e no dia immediato avistaram o continente da America e ancoraram a oito braças sobre um fundo de argilla. No dia 23 levantaram ferro e navegaram mais perto da costa, mas ao meio dia, só tendo encontrado duas e meia braças de fundo lamacento, fizeram-se novamente ao mar e acharam depois pela sonda cinco braças de fundo e ali fundearam. No dia seguinte verificaram estar em frente ao rio Orenoco e conseguiram que um indio d'aquella região viesse a bordo para os guiar na navegação do rio. Fizeram-se á vela no dia 25 e foram ancorar em 3 e meia braças d'agua. Ficaram alli dous dias e no dia 28 encontraram um hespanhol de S. Thomé da Guyana, mas deste não obtiveram informação util. No outro dia partiram para o mar e lançaram ferro a cinco braças de fundo. No dia 30 fizeram-se á vela e chegaram á tarde ao rio Orenoco, ancorando a 10 braças em fundo de argilla.

A foz desse rio para o qual se dirigiram está situada a 8 gráus e meio de latitude. Vêem-se á entrada algumas ilhotas. No dia 1 de Dezembro fizeram-se á vela, mas pouco avançaram devido á calmaria e fundearam á tarde a 5 braças d'agua. No dia seguinte continuaram a navegar e fundearam novamente á tarde. Todos os navios tiveram ordem de ter promptas suas ancoras com as espias curtas para ajudar a passar uma ponta que se estende a leste em direcção ao vento. No dia 3 dobraram o cabo, mas alguns navios encalharam por ser alli raso. No dia 4 ficaram parados por causa da calmaria e da chuva. No outro dia, tendo-se reanimado a brisa, navegaram outra vez, mas á tarde tiveram novamente de fundear por falta de vento. E assim continuaram navegando de dia e fundeando á tarde até o dia 10, quando encontraram 14 pés d'agua em bom fundo de areia. No dia seguinte pela manhã continuaram a navegar e pelo meio dia avistaram a pequena cidade de S. Thomé. Estavam depois do meio dia á distancia de uma legua. Os habitantes da cidade, vendo chegar os nossos e não lhes podendo offerecer resistencia, atearam fogo ás casas. Os nossos ancoraram ás 5 horas da tarde, dispararam alguns tiros de canhão, desembarcaram todos os soldados e entraram na cidade apressando-se em apagar o incendio. Aquartelaram-se e collocaram sentinellas contra o ataque dos hespanhoes e durante a noite tiveram de pegar em armas umas trinta vezes, porque o inimigo tentava passar, rastejando pelas sentinellas. A pequena cidade estava situada junto á margem de um riozinho proximo a um monte. Havia no meio do grande rio

uma ilhota de tamanho regular. No dia immediato o almirante tratou urgentemente de mandar procurar todas as fazendas que não houvessem sido damnificadas pelo fogo ou avariadas e trazel-as para a frente da sua tenda. No dia 13 puzeram o tabaco em pipas vasias e levaram-n'o para bordo. No outro diá arrasaram as casas que ainda estavam de pé e destruíram tudo na cidade e, como o almirante visse não haver mais utilidade em permanecer alli, embarcou a sua gente e ás tres horas da tarde fizeram-se á vela e ancoraram á noite. Assim proseguiram navegando e ancorando, algumas vezes encalhando e novamente fluctuando. No dia 28 sahiram do rio Orenoco. No dia seguinte tendo tomado o rumo de nordeste quarta de leste, estavam ao meio dia a 9 graus e 2 minutos e avistaram quatro ilhotas.

O almirante embarcou no *Zee-Ridder*, para melhor explorar a costa. No dia 30 navegaram bem junto á costa da ilha de *Trinidad* e fundearam á tarde a 10 braças em um fundo de argilla. No dia seguinte fizeram-se á vela com o rumo de leste quarta de nordeste ao longo da costa da ilha e cerca de tres horas da tarde, estando entre o continente e a *Trinidad*, fundearam a 8 braças junto á *Punta del Gallo*. Deixemos ahi o almirante para proseguirmos com a descripção da sua viagem no livro immediato. A Companhia, achando-se agora bastante prospera por ter capturado a esquadra da *Nova Hispania* e pelas presas feitas pelo Commandeur Dirck Symonsz. van Uytgeest e por outros, do que já fizemos menção, e tendo adquirido tantos meios para proseguir nos seus designios sobre as possessões do rei da Hespanha, começou a tratar de saber qual dellas devia conquistar. Varias regiões da America foram lembradas, mas, depois de reflectirem bem, lançaram as vistas sobre o Brasil. Algumas outras praças foram então indicadas e não devemos mencional-as, para não prevenir o inimigo, podendo ser que Deus ainda forneça occasião á Companhia para por em execução esses projectos. As razões para a conquista do Brasil foram na maior parte as mesmas que moveram a Companhia a atacar e conquistar a Bahia. Não acharam de bom conselho fazer segunda tentativa no mesmo ponto por causa de alguns embarços e principalmente porque estavam alli prevenidos e assim foi deliberado que se dirigissem ao norte do Brasil e especialmente a Pernambuco, por causa da sua situação e do rico trafico que alli se faz do assucar e do pau brasil. Para dirigir essa expedição foi escolhido pela Assembléa dos XIX para General da esquadra o bravo Hendrick Lonceque, o qual como almirante sob o commando do General da esquadra, Pieter Pietersz. Heyn o ajudara a capturar no anno passado a esquadra da *Nova Hispania*. Agora o General Pieter Pietersz. Heyn foi nomeado vice-almirante da Republica. Para almirante foi escolhido o bravo heroe do mar Pieter Adriaensz. Ita e para vice-almirante, Joost van Trappen, appellidado Banckart. Outros bravos officiaes, como Dirck Symonsz. foram tambem designados. Como chefe ou coronel das tropas foi escolhido o gentilhomen Diederigh van Waerdenburg, sendo tambem escolhidos tres tenentes coroneis e um sargento mor.

Foram mandados muitos navios para essa empreza em varias epocas (não se puderam apromptar todos ao mesmo tempo) e partiram da Republica,

como vamos referir. Em primeiro lugar deixaram a Zelandia no dia 17 de Maio os seguintes navios e yachts: *Princesse Amelia*, no qual partiu o vice-almirante, 300 lastos, 20 canhões de bronze (entre esses, dous atiravam 24 libras de ferro, seis 18 libras e dez 12 libras) e 18 colubrinas, 354 homens; o *Swane*, 250 lastos, 4 canhões de bronze e 18 de ferro, 114 marinheiros e 95 soldados, capitão Samuel Lucasz.; o *Gulde Sonne*, 160 lastos, 4 canhões de bronze e 16 de ferro, 89 marinheiros e 42 soldados, capitão Jacob Huyghen; o *Domburgh*, 130 lastos, 4 canhões de bronze e 18 de ferro, 88 marinheiros e 38 soldados, capitão Cornelis Loncke, de Vlissinghen; o *Leuwe*, 120 lastos, 2 canhões de bronze e 14 de ferro, 69 marinheiros e 40 soldados, capitão Adriaen Knaep; o *Meerminne*, 40 lastos, 4 canhões de bronze e 4 de ferro, 43 homens, capitão Marinus Dircksz. Do Texel fizeram-se à vela no dia 23 de Junho: o navio *Hollandia*, 300 lastos, 12 canhões de bronze e 22 de ferro, 125 marinheiros e 93 soldados, capitão Thomas Sickes; o *Salmander*, 300 lastos 6 canhões de bronze, que atiravam 24 libras de ferro, dous falconetes batidos e 30 canhões de ferro, 134 marinheiros e 85 soldados, capitão Pieter Fransz.; o *Fama*, 300 lastos, 6 canhões de bronze, que atiravam 24 libras de ferro, dous falconetes batidos e 30 canhões de ferro, 132 marinheiros e 60 soldados, capitão Oucke Douwes; o *Amersfoort*, 200 lastos, 8 canhões de bronze e 10 de ferro, 87 marinheiros e 54 soldados, capitão Dirck Symonsz. de Medenblik; o *Provincie Overijssel*, 160 lastos, 8 canhões de bronze e 18 de ferro, 77 marinheiros e 34 soldados; o *Breke*, 60 lastos, 6 canhões de bronze e 8 de ferro, 44 marinheiros, capitão Jan Jansz. Vos. Do Passo de Goeree partiram a 27 do mesmo mez: o navio *Amsterdam*, no qual ia o General Loncke, 500 lastos, 24 canhões de bronze e 18 de ferro, 155 marinheiros e 107 soldados, capitão Pieter Willemsz.; o *Hollandtsche Thuyt*, 400 lastos, 16 canhões de bronze (entre os quaes 6 atiravam 24 libras de ferro) e 22 canhões de ferro, 118 marinheiros e 102 soldados, navio em que ia o almirante Pieter Adriaensz., e cujo capitão era Albert Jansz. van Griet.; o *Provincie van Uytrecht*, 300 lastos, 8 canhões de bronze (entre os quaes 6 atiravam 24 libras de ferro) e 22 canhões de ferro, 118 marinheiros e 68 soldados, capitão Hendrick Jacobsz. Kat; o *Swarte Leeuwe*, 180 lastos, 4 canhões de bronze, que atiravam 18 libras de ferro, e 20 colubrinas, 92 marinheiros e 65 soldados, capitão Marcus Martensz.; o yacht *Swarten Ruyter*, 60 lastos, 14 colubrinas, 44 marinheiros, capitão Hendrick Joosten: todos da Camara de Amsterdam.

Pela Camara de Mosa partiram: o navio *Uytrecht*, sendo sota-almirante Cornelis Claesz. Melckmeyt, 300 lastos, 7 canhões de bronze e 28 de ferro, 142 marinheiros e 85 soldados, e o *Goude Leeuwe*, 140 lastos, 2 canhões de bronze e 18 de ferro, 78 marinheiros e 60 soldados, capitão Jacob Theunisz., de Delft. Da Camara da Hollanda Septentrional partiram ao mesmo tempo: o navio *Munnickendam*, 300 lastos, 6 canhões de bronze e 24 de ferro, 140 marinheiros e 75 soldados, capitão Pieter Fredericksz. Nassauw; o navio *Enchuysen*, 230 lastos, 8 canhões de bronze e 20 de ferro, 94 marinheiros e 51 soldados, capitão Laurens Claesz. den Boer; o yacht *Ouwevaer*, 90 lastos, 2 canhões de bronze e 10 de ferro, 56 marinheiros e 9 soldados, capitão Pieter Symonsz. Pela

Camara da Groninga partiram no dia 23 de Junho: o navio *Stadt en Landen*, 100 lastos, 2 canhões de bronze e 14 de ferro, 62 marinheiros e 72 soldados.; o yacht *Vos*, 70 lastos, 4 canhões de bronze e 10 de ferro, 64 marinheiros e 23 soldados, capitão Claes Heyndricksz.; o *Swaluwe*, 30 lastos, 4 canhões de bronze e 6 de ferro, 36 marinheiros e 5 soldados, capitão Hendrick Heyndricksz., e no dia 2 de Julho o navio *Groeninghen*, 300 lastos, 12 canhões de bronze (dos quaes dous atiravam 24 e quatro atiravam 18 libras de ferro) e 20 canhões de ferro, 110 marinheiros e 100 soldados, capitão Symon Volkersz. Bobbert.

O General Loncke tendo partido no dia 27 de Junho do Passo de Goeree avistou a 14 do mez seguinte as Berlengas, onde se faria o primeiro *rendez-vous* geral, e conservou-se cruzando por alli até o dia 17. Tomou então o rumo das Canarias e mandou o navio *Swarte Leeuw* e o yacht *Ouweraer* a S.^{ta} Maria, nos Açores, procurar e reunir todos os navios e yachts e especialmente os quatro navios da Zelandia, que partiram alguns dias antes d'elle, e communicar-lhes que só podiam parar alli até o dia 6 de Agosto e que deviam fazer o possivel para o encontrar nas Canarias no dia 15. Com a sua esquadra chegou a avistar Porto Santo e Madeira no dia 22 de Julho. Deram caça a velas estrangeiras, mas por falta de yachts veleiros não puderam tirar vantagem. No dia 24 avistaram as ilhas Salvages e chegaram perto da ilha de Tenerife, sendo este o segundo ponto de *rendez-vous*. Encontraram alli cinco navios da esquadra que tinham partido no dia 23, a saber: *Hollandia*, *Fama*, *Amersfoort* e os yachts *Swaluwe* e *Harick*, que haviam despachado das Berlengas para os Açores. No dia 14 de Julho chegaram á altura das Berlengas e no dia seguinte mandaram o *Vos* e o *Swaluwe* por entre essas ilhas á busca de navios. O *Overijssel* deu caça junto á praia, a uma barca, cuja tripolação se atirou ao mar e se salvou nadando para terra.

No dia 15 estavam defronte e bastante proximo do Tejo, onde contaram 16 navios fundeados, um delles bem grande e os outros de diversos tamanhos e, como nada soubessem a respeito do General e o prazo houvesse expirado, proseguiram navegando. Haviam dado caça junto á ilha de S. Miguel a um barco de mongão, o qual de repente se fez em pedaços á sua vista salvando-se a gente com grande difficuldade e indo para terra. Tendo-se elles mantido alli até o dia 18 de Agosto, vieram juntar-se-lhes o *Swarte Leeuw* e o *Ouweraer*, assim como os navios *Salmander*, *Provincie Overijssel*, o yacht *Brack* e o *Vos*, que encontraram na visinhança dos Açores, mas nada souberam sobre os quatro navios da Zelandia sob as ordens do Commandeur Lonck. Contavam então ao todo uma força de 16 vasos, tanto navios como yachts, excluindo o navio *Amersfoort* e o yacht *Swaluwe*, que foram com o almirante á Grande Canaria para procurar obter alli alguma agua doce. O General resolveu dividir os navios em duas esquadras, ficando elle com a metade a leste de *Punta de Naga* e a outra, com o sota-almirante, a oeste do mesmo ponto, mas, se encontravam diariamente em determinada hora da tarde a leste de *Punta de Naga*, mantendo-se os yachts junto á costa e os navios um pouco ao mar.

Apezar dessa boa ordem e rigorosa vigilancia não apanharam nenhuma

vela estrangeira, tendo somente no dia 13 de Agosto os yachts dado caça a uma barca hespanhola perto da costa da Grande Canaria. Dispararam os canhões mas sem vantagem alguma. No dia 19 as duas esquadras se reuniram e no dia 23 ao raiar a aurora se achavam entre as ilhas da Grande Canaria e Tenerife, cercados e ameaçados pela esquadra real de Dom Frederico de Toledo. Essa esquadra contava 40 velas, na maior parte composta de navios grandes, e o General não tinha mais de 8 navios e yachts, a saber: *Amsterdam*, *Hollandschen Thuyt*, *Fame*, *Provintie van Uytrecht*, *Overijssel*, *Goude Leeuw*, *Swarle Ruyter* e *Brack*. Tendo visto os nossos, quando rompeu o dia, que a esquadra era tão poderosa, fizeram o possível para ganhar o barlavento e viraram para leste afim de se collocar acima do meio da ponta da Canaria, mas, chegando á ponta, não a puderam dobrar, de sorte que foi preciso virar e navegar por entre alguns dos navios inimigos. Cerca do meio dia viraram ao norte. O vento soprava então les-nordeste e augmentava cada vez mais.

O inimigo fez o que poute mas só tres dos seus navios estavam a barlavento, pelo que a maior parte dos outros teve de respeitar os nossos e deixal-os passar sem hes tolher o caminho. Entre os tres havia uma almiranta, cujo mastro de proa fluctuava uma flammula. Uma grande parte dos outros estava a sota-vento, perto dos nossos, e os restantes á rectaguarda. Os tres navios mais a barlavento deram alguns tiros de canhão contra o *Fame*, *Provintie van Uytrecht*, *Goude Leeuwe* e *Swarlen Ruyter*, que estavam a cerca de um tiro de mosquete acima da nossa almiranta e vice-almiranta. Choveu uma saraivada de balas de mosquetes e canhões e, apesar de navegarem lado a lado e dos muitos tiros disparados, os nossos só perderam dous homens no *Overijssel*, sendo um delles o capitão. Um desses tres navios procurou tomar a frente do navio do general Loneque e abordo-o, mas falhou o seu intento e ficou-lhe mesmo a sotavento, de sorte que o General lhe descarregou ao passar por elle toda a bateria de um bordo, ouvindo-se então grande gritaria e lamentação no mesmo navio.

Os nossos continuaram a navegar para o norte e nesse interim o almirante Dom Frederico se approximou bastante. Estava comtudo um pouco a sotavento e, virando o navio contra os nossos, tão antes de tempo, que não poute passar por entre elles, pois navegavam perto uns dos outros, afastou-se um bom espaço, quasi uma legua. Pela entrada da noite os nossos ficaram acima de *Punta de Naga*, estando ainda tres dos navios inimigos a barlavento e muitos outros atraz das nossas aguas; comtudo a maior parte não podia dobrar a tal ponta e os nossos continuaram toda a noite com o rumo do norte. O almirante hespanhol que estava a barlavento, queimou fogos toda a noite para indicar o rumo dos navios que dobraram o cabo. No dia seguinte pela manhã os nossos só viram 11 navios da esquadra do rei. A almiranta e mais dous navios estavam perto, a barlavento, e outros sete, entre os quaes a náu de Dom Frederico, estavam um pouco atraz dos nossos. Os que estavam a barlavento não se arriscavam a atacar os nossos, mas vendo que iam em bôa ordem, esperando sempre uns pelos outros, viraram de bordo e voltaram para junto dos mais atrazados,

¶ E! de admirar que Dom Frederico deixasse escapar tão boa occasião, principalmente a que se lhe deparou a principio, tanto mais quanto, segundo todas as apparencias, fora mandado pelo rei para vigiar a nossa esquadra, sobre cuja expedição já havia sido informado havia muito tempo. Entretanto pode ser que, sendo lhe ordenado prover bem todos os paizes da America, tivesse achado melhor seguir á risca essas ordens e esperar lá os nossos do que arriscar inoportunamente uma parte dos seus navios contra tão pequeno numero dos nossos. Em todo o caso, foi uma graça especial de Deus que, estando os nossos tão ameaçados e sem ver sahida alguma, a não ser vender caro a vida, escapassem com tão pequena perda e causando não pequeno susto ao inimigo. Meia hora depois que Dom Frederico deixara de seguir os nossos, avistaram novamente tres velas que ao approximarem-se viram ser a nau do vice-almirante Banckert, com o *Enchuysen* e o yacht *Stadt en Landen*. Haviam deixado na ilha da Madeira o navio *Groeninghen* e o *Swaen* (com um pequeno navio capturado por elles), os quaes deviam alli ficar até o dia 26 de Agosto.

O General Loncke, receando que Dom Frederico fosse com a sua esquadra á ilha de S. Vicente de Cabo Verde e surprehendesse os nossos navios, mandou no dia 25 o yacht *Sparten Ruyter* avisar aos que lá estivessem que se acautelassem. E resolveu seguir para lá directamente no dia 27, mas deixou acima de *Punta de Naga* o yacht *Stadt en Landen*, com ordem de alli parar até o ultimo do mesmo mez e fazer com que a esquadra do sota-almirante e juntamente todos os navios que estavam atrazados o seguissem. Em primeiro lugar, porem, enviou alguns navios ao porto de S^{ta} Cruz para ver se a esquadra de Dom Frederico ou alguns dos seus navios estavam alli fundeados. Acharam apenas tres navios hespanhóes ancorados sob a protecção do forte e por isso voltaram ao General. No mesmo dia tambem chegou o yacht *Swaluwe*, juntamente com o navio *Amersfoort*, onde, como já dissemos, ia o almirante Pieter Adriaensz. e que se separara da esquadra no dia 11 do mez passado. Contou este como o *Amersfoort* chegara junto á esquadra do sota-almirante na ilha Canaria, mal podendo navegar, mas achou-se no dia seguinte a sota-vento d'aquella ilha. Esses navios avistaram no dia 24 do mez passado um patacho hespanhol, que se approximou imprudentemente da nossa esquadra, julgando ser a de Dom Frederico, junto á qual estivera na tarde anterior. O navio *Amersfoort* perseguiu-o e deu-lhe um tiro, mas, como se não quizesse render e como o vento soprasse forte, voltou á esquadra e pediu ao navio *Salmander* que o perseguisse em seu logar e, apezar do almirante dar um tiro para que cessassem a caça (o *Amersfoort*, náu almiranta, ficara com o mastro avariado devido a um accidente), continuaram a fazel-a o *Salmander*, o *Vos* e o *Ouweraer* até o meio dia, quando o patacho, havendo resistido valentemente a uns 27 tiros que acertaram na sua grande vela e a um que attingiu o mastro, teve de se render aos nossos. Esse patacho vinha de S. Lucar e partira de Cadiz no dia 13 deste mez. Havia nelle umas 56 almas, inclusive cinco mulheres e duas crianças, ia para Cartagena e estava carregada de vinho hespanhol, alcaparras, aguardente, tinta, vinagre,

oleo, azeitona, e todas as especies de seda e pannos bordados a ouro e prata. O *Salmander* guarneceu-o com gente sua e foi com elle para S. Vicente. Nesse interim o General, proseguindo na sua viagem, viu no dia 3 de Setembro as ilhas de Cabo Verde e chegou no dia seguinte com sua esquadra a S. Vicente, uma d'aquellas ilhas. Encontrou alli os quatro navios da Zelandia, com o yacht *Swarlen Ruyler*, *Salmander* e os dous yachts que chegaram com o patacho capturado. O General mandou reparar o palacho para que pudesse prestar serviço, guarneceu-o com 10 canhões de ferro e entregou o seu commando a Claes Adriaensz., de Geest. A gente começou a soffrer muito de escorbuto e de outras molestias, fazendo-se sentir a necessidade de renovar as provisões. Encontraram poucos cabritos em S. Vicente e apenas algumas tartarugas e peixe, o que foi depressa consumido. O General, estando muito ancioso para soccorer a sua gente, mandou alguns yachts comprar generos e obteve mais alguns, utilizando-se dos que encontrou no pequeno navio capturado, com o que os doentes logo se restabeleceram.

Mandou concertar pelos carpinteiros o mais depressa possivel as chalupas e fez apromptar tudo o que era preciso para a realisação da sua empresa, montando duas forjas, onde se trabalhava constantemente em artigos de ferro.

No dia 6 de Setembro chegaram lá o yacht *Stadt en Landen*, o navio *Groeningen* e o *Swaen*, navio da Zelandia, que capturara junto a ilha da Madeira um barco que chegou muito a proposito, carregado somente de barras de ferro.

Achavam-se nessa occasião reunidos todos os navios que primeiro haviam sahido da Republica, em numero de 27, e mais dous capturados. A Companhia tivera ideia de mandar a parte restante da esquadra e das tropas logo depois da que já havia mandado, apromptara os navios e yachts e alistara soldados; mas quando S. A. o Principe de Orange, com todo o exercito estava acampado diante da cidade de Bois le Duc, o inimigo bateu de improviso as tropas do imperador, junto ao Arnhem, no *Veluwe*, e em seguida marchou contra Amersfoort, que se rendeu sob condições, o que por ser inesperado causou grande pavor na Republica. Não era portanto occasião opportuna de mandar tropas para fora do paiz e assim essas foram levadas para Utrecht e outros pontos a serviço dos Estados Geraes, para a defesa das cidades e praças fortes mais proximas. Alem disso a Companhia contribuiu com tudo o que apromptara de munições e de outros artigos a bem do interesse geral, como todos os patriotas devem proceder em taes emergencias. Por essa circumstancia a sua empresa ficou muito atrasada e o General teve de estacionar muitos mezes infructiferamente com a sua gente em S. Vicente. Mas aprouve ao bom Deus livrar a Republica dessa grande consternação mais depressa do que ousavam esperar e sem o menor obstaculo no cerco de Bois le Duc: primeiro pelo feliz assalto de surpresa á cidade de Wesel, successo que desconcertou os inimigos e os fez deixar sem demora a Gueldria, e depois pela conquista da praça forte de Bois le Duc, a qual se rendeu mediante accordo, no dia 4 de Setembro, a S. A. o Principe de Orange.

A Companhia receando não sem motivo que o General, aborrecido de

esperar e não sabendo a causa da demora, tomasse a subita resolução de abandonar a empreza ou de a alterar ou, no melhor dos casos, de dar ataque com aquellas forças insufficientes, despachara por prevenção o yacht *Eendracht* aprestado na Zelandia, com 80 lastos, 14 colubrinas, 103 homens, para communicar ao General a causa da demora. O yacht ficou retido na Inglaterra por ventos contrarios, só chegando a S. Vicente no dia 29 de Outubro e muito a proposito, pois o General, não sabendo o que pensar sobre o motivo por que os outros navios, que deviam ter vindo logo em seguida, demoravam tanto, estava bastante resolvido a partir d'ahi a alguns dias e com esse fim ia mandar um yacht a Serra Leoa para ver se os outros navios tinham sido destruidos e para se informar sobre a sua empreza, o que tudo ficou alterado, desde que elle soube que o resto da esquadra chegaria em pouco tempo. A Companhia estando desembarcada e tendo sido devolvidas as suas tropas, apressou-se o mais possivel em evitar que o General se incommodasse com uma demora maior e despachou no dia 10 de Outubro dous yachts da Camara de Amsterdam: o *Voghel Phoenix*, 60 lastos, 2 canhões de bronze e 10 de ferro, 39 marinheiros e 45 soldados, capitão Reynert Pietersz. van Amelandt, e o *Eenhoorn*, 80 lastos, 10 colubrinas, 40 marinheiros e 27 soldados, capitão Cornelis Jansz. van Uytgeest. Esses eram tão veleiros que no dia 20 de Novembro chegaram ao ponto em que estava o General e não somente lhe communicaram a salvação e victorias que Deus concedera á Republica, mas tambem, que devia vir logo em seguida a esquadra pela qual esperara com tanta paciencia e por tanto tempo. O resto da expedição ainda ficou retido por alguns dias depois da partida dos dous yachts.

Seguiram pela Camara da Zelandia no dia 20 de Setembro os seguintes navios: o *Tholen*, 180 lastos, 10 canhões de bronze e 18 de ferro, 84 marinheiros e 108 soldados, capitão Lucas Pol; o *Leeuwinne*, 160 lastos, 2 canhões de bronze e 16 de ferro, 67 marinheiros e 78 soldados, capitão Jacob Corinsz; o *Post-Paerdt*, 80 lastos, 2 canhões de bronze e 12 de ferro, 70 marinheiros e 54 soldados, capitão Jan Jansz. de Rotterdam. No dia 30 de Agosto seguiram pela Camara de Groninga: o *Omlandia* 250 lastos, 6 canhões de bronze (dos quaes dous atiravam 24 libras de ferro e dous 18 libras) e 22 de ferro, 50 marinheiros e 165 soldados, capitão Hendrick Cornelisz., de Rens.

Fizeram-se finalmente á vela no dia 20 de Outubro, do Texel, pela Camara de Amsterdam, sob as ordens do Commandeur *Dirck Symonsz. van Uytgeest* os seguintes navios e yachts: o *Swol*, 130 lastos, 8 canhões de bronze e 16 de ferro, 64 marinheiros e 83 soldados, capitão Pieter Claerz. van Wieringhe, navio em que ia o Commandeur *Dirck Symonsz.*; o *Gele Sonne*, 200 lastos, 2 canhões de bronze e 22 de ferro, 54 marinheiros e 100 soldados, capitão Pieter Dircksz.; o *Campen*, 140 lastos, 8 canhões de bronze e 14 de ferro, 53 marinheiros e 75 soldados, capitão Frans Claesz. van Durkerdam; o *Gulde Valck*, 200 lastos, 4 canhões de bronze e 22 de ferro, 50 marinheiros e 112 soldados, capitão Arent Vechtersz. van Medenblik; o *Meerminne*, 140 lastos, 4 canhões de bronze e 18 de ferro, 56 marinheiros e 102 soldados, capitão Mens Cornelisz.; o *Otter*, 90 lastos, 2 canhões de bronze e 12 de ferro, 36 marinheiros

e 55 soldados, capitão Cornelis Cornelisz. Jol; o Maene, 90 lastos, 2 canhões de bronze e 12 de ferro, 43 marinheiros e 55 soldados, capitão Claes Florisz. Duyunkerker; o Fortuyne, 80 lastos, 10 colubrinas, 19 homens, capitão Claes Jansz.; o Ouderkerck, 60 lastos, 6 colubrinas, 27 marinheiros e 30 soldados, capitão Pieter Jansz. Harman; o Diemen, 60 lastos, 6 colubrinas, 27 marinheiros e 48 soldados, capitão Meynerdt Jansz. Kandt. No dia 23 partiu o navio Geldria, 300 lastos, 12 canhões de bronze e 22 de ferro, 130 homens, capitão Andries Jansz. Blaeuw, navio em que ia o Commandeur Marten Valck, e no dia 30 o Pinas, 100 lastos, 2 canhões de bronze e 16 de ferro, 75 homens, capitão Hans Kools, e o Muyden, 60 lastos, 2 canhões de bronze e 12 de ferro, 36 marinheiros e 45 soldados, capitão Michiel Gijsbertsz. Todos esses eram da Camara de Amsterdam.

Ao mesmo tempo partiram pela Camara da Groninga: o navio Nassauw 220 lastos, 12 canhões de bronze e 14 de ferro, 57 marinheiros e 165 soldados, capitão Kraft Fredericksz.; o Graef Ernst, 200 lastos, 6 canhões de bronze e 20 de ferro, 52 marinheiros e 132 soldados, capitão Pieter Jansz. Vermin, e no dia 23 do mesmo mez o Matance, 110 lastos, 4 canhões de bronze e 16 de ferro, 34 marinheiros e 66 soldados, capitão Jan Cornelisz.

✧ Para concluir a enumeração dos navios dessa esquadra, diremos que no dia 1º de Novembro partiu da Zelandia o Neptunus, 120 lastos, 6 canhões de bronze e 19 de ferro, 125 homens, capitão Cornelis Pietersz. Schot, e nesse navio ia Joannes à Walbeek, vice-commandeur subordinado a Valck, que no mesmo dia partiram pela Camara da Hollanda Septentrional: o Groenwiff, 150 lastos, 4 canhões de bronze e 12 de ferro, 77 marinheiros e 37 soldados, capitão Frederick Volkersz. Landtman; o Wapen van Hoorn, 110 lastos, 6 canhões de bronze e 10 de ferro, 66 marinheiros e 57 soldados, capitão Jan Jacobsz. May; o Jonghe Maurilius, 130 lastos, 2 canhões de bronze e 16 de ferro, 43 marinheiros e 38 soldados, capitão Jan Louwensz.; que no dia 6 de Novembro partiram ainda para essa esquadra pela Camara de Amsterdam tres navios fretados: o Concordia, 140 lastos, 16 colubrinas, e 87 soldados; o Adam e Eva, 200 lastos, 12 colubrinas, 134 soldados; o Sonne-blom, 200 lastos, 14 colubrinas, 104 soldados, e pela Camara da Zelandia: o Oragnie, 250 lastos, 20 canhões de bronze e 14 de ferro, 130 marinheiros e 134 soldados, capitão Willem Cornelisz. Domburgh, navio em que ia Direk de Ruyter, vice-commandeur subordinado a Direk Symonsz.; o Tiger, 120 lastos, 4 canhões de bronze e 16 de ferro, 69 marinheiros, 111 soldados, capitão Jan Brandt; o Was-sende Maene, 125 lastos, 6 canhões de bronze e 10 de ferro, 50 marinheiros, capitão Pieter Anthonisz. van de Put; o Oudt Vlissinghen, 150 lastos, 4 canhões de bronze e 15 de ferro, 72 marinheiros, capitão Willem Willemsz., e o pequeno yacht Haese, 15 lastos, 3 colubrinas e 25 homens; que finalmente partiram mais, do Texel, no dia 28 de Dezembro: o navio Arca de Noé, 140 lastos, 20 colubrinas, 42 marinheiros e 97 soldados, capitão Claes Claesz. Jes; da Zelandia o yacht Swaene, 30 lastos, 6 colubrinas, 32 marinheiros, capitão Jacob Pietersz., e da Hollanda Septentrional o navio fretado West-Vrieslandt, 200 lastos, 14 colubrinas e 44 soldados. A mesma Camara mandou no navio

fretado *Groeninghen* 106 soldados. E assim já haviam sido despachados todos os navios e soldados mandados por todas as Camaras para essa expedição.

Vamos agora a S. Vicente onde estava o General. No dia 24 de Novembro chegou o yacht *Otter*, que lhe trouxe a noticia da vinda dos navios e lhe referiu como no canal teve quebrado o seu mastro de mezena. No dia 27 chegou o Commandeur Direk Symonsz. com o navio *Swol*, tendo ficado no canal dispersos pela tempestade os navios que vinham com elle. No dia seguinte chegou o navio *Nassauw* e no dia 29 o *Geele Sonne*, onde vinha o Coronel Waerdenburgh, o *Volck*, o *Maen* e o *Fortuyn*; no dia 1 de Dezembro o *Tertholen*; no dia 3 o *Omlandia* e no dia 4 o *Oragnie-boom*. Como todos os dias chegassem navios, o General resolveu despachar para a costa do Brasil o yacht *Otter* e o *Harick* afim de procurarem capturar com urgencia barcos e prisioneiros, dos quaes se pudesse aproveitar na realisação da empreza, pois, como o inimigo estava habituado a ver yachts pela costa, não descobriria o seu designio. O General durante todo aquelle tempo, para manter a boa ordem entre os soldados e evitar a desunião dos mesmos com os marinheiros, utilisara-se dos serviços do Major Enghelbert Shutte, que se desempenhou satisfatoriamente; mas, tendo chegado o coronel, este tomou a si a incumbencia e estabeleceu rigorosa disciplina nas tropas e apromptou depressa tudo o que era preciso para o trem de guerra e que alli se podia preparar. No dia 6 chegaram o *Campen* e o *Leeuwinne*; no dia 7 o *Muyden*; no dia 8 o *Graef Ernest*; no dia 12 o *Galeon*, o *Eendracht* e o *David*; no dia 14 o *Salm*, o yacht *Medenblick* e o *Jonghe Maurilius*; no dia 18 't *Wapen van Hoorn*. Começaram a reembargar os soldados e no dia seguinte houve ordem para jejum e preces em toda a esquadra, rogando a Deus para abençoar a empreza. No dia 21 chegou o navio *Groenwiff*. Depois de se ter demorado o General em S. Vicente tres mezes e vinte e quatro dias, ficando atrasado pelas razões que já expuzemos (o que redundou em extraordinarias despesas para a Companhia sem tirar dahi proveito apreciavel), achando-se agora tudo em boa ordem, resolveu proseguir na sua viagem e não esperar mais por alguns navios que estavam atrasados; comtudo deixou alli o yacht *Salm* para desembarcar alguns prisioneiros em Santiago e mais ainda para avisar aos navios que lá chegassem qual o logar para onde havia elle seguido. Partiu de S. Vicente no segundo dia depois do natal com 52 navios e 13 balandras, que, enquanto elle alli se demorou, foram adaptadas ao serviço do mar. Desses navios foram mandados pela Camara de Amsterdam 14, a saber: *Amsterdam*, *Hollandschen Thuyt*, *Salmander*, *Hollandia*, *Fame*, *Provinlie van Uytrecht*, *Swarle Leeuw*, *Amersfort*, *Overijssel*, *Swol*, *Geele Sonne*, *Fortuyn*, *Vergulde Valck*, *Campen* e 6 yachts: — *Brack*, *Swarten Ruyter*, *Eenhoorn*, *Voghel Phoenix*, *Halve Maen* e *Muyden*. Pela Camara da Zelandia foram enviados 7 navios, a saber: *Princesse Amelia*, *Domburgh*, *Leeuwin*, *Gulde Son*, *Leeuw*, 't *Groot Galeon* e *Tertholen*, e 3 yachts, 't *Post-paerdt*, *Meerminne* e *Eendracht*. Da Camara de Mosa foram 5 navios: *Uytrecht*, *Swaen*, *Goude Leeuwe*, *Neptunus*, e *Eendracht* e 3 yachts, a saber: *Oragnie-boom*, *David* e *Salm*. Pela Camara da Hollanda Septentrional, foram 4 navios: *Munnickendam*, *Enchuysen*, 't *Groen Wiff* e 't *Wapen van*

Höörn, e dous yachts: *Jonghe Mauritius* e *Ouvévaer*. Pela Camara da Groeninga foram enviados 5 navios: *Groeninghen*, *hel-Wapen van Nassauw*, *Omlandia*, *Graef Ernest* e *Malança*, e dous yachts *Vos* e *Swaluwe*. Havia mais dous naviozinhos tomados do inimigo, um dos quaes, a fragata, guarneceram com 10 peças e o outro, *Kleyne Fortuyn*, com 3. Alem desses havia ainda 13 fragatas, todas montadas com 4 a 6 pequenos canhões. Contava-se nesses navios e yachts e tambem nas chalupas numero superior a 7.000 homens, isto é, 3.780 marinheiros e 3.500 soldados. Jamais sahiu deste paiz uma tão bella e poderosa esquadra.

Daremos uma descripção da expedição no seguinte Livro. Aqui porem trataremos ligeiramente do que foi observado pelos nossos nas ilhas de Cabo Verde ou do Sal. A ilha de S. Vicente é um tanto pedregosa e montanhosa, tendo na bahia oriental bom ancoradouro a 6 braças d'agua. Ha abundancia de peixe muito saboroso e bons camarões, grande quantidade de tartarugas, na epoca propria, e poucos cabritos, parecendo que os habitantes da ilha de S.^{ta} Antonio os haviam apanhado, assim como os que encontraram em S.^{ta} Luzia. Ahi a nossa gente tambem esteve, tendo apenas apanhado cinco cabritos e em S. Vicente uns 300, mas com grande trabalho. Ha grandes valles, mas nenhum rio ou ribeiro, e para se obter agua é preciso cavar poços. A nossa gente foi a S.^{ta} Antonio e teve bom acolhimento dos habitantes. Esses são na maior parte negros, havendo alguns mulatos, mantêm-se no lado noroeste, onde têm uma aldeia de cerca de 52 familias sob o governo de um capitão, têm um padre e todos fallam bem o portuguez. E' uma gente pobre e com poucos recursos,—apenas um bom pomar de laranjas, limões e figos, situado a cerca de 400 a 500 passos da praia, junto de uma ponta baixa e saliente no mar. Pode desembarcar-se ao lado de leste, em chalupas, visto ser alli muito raso. O ponto é facil de reconhecer: é um cabo baixo e plano e um pouco a oeste, existindo no interior duas grandes collinas. O pomar está situado em um fundo valle e é cercado de um lado por montes e do outro por muros. Os pilotos, tendo tomado a latitude exacta da ilha, acharam que ella está a 16 graus e 53 minutos ao norte da linha. Essas ilhas são em numero de 11 e estão situadas entre 14 e 18 graus ao norte do equador, sendo a ilha de Santiago a principal, a mais fertil e a mais habitada. Algumas são deshabitadas e completamente estereis e nas que são mais povoadas os moradores são na maior parte malfeitos degredados da Hespanha e Portugal. No anno de 1630 foram interceptados pelos nossos varias cartas dirigidas a Cartagena e a outros logares, cartas que os nossos abriram e nas quaes encontraram expostos varios factos succedidos neste anno de 1629. Penso ser conveniente dar em seguida um extracto das mesmas e em primeiro logar a respeito da esquadra de Dom Frederico, sobre a qual já fallamos. Uma carta escripta de Cartagena por alguem que, segundo parece, ia na esquadra e datada de 15 de Janeiro de 1630 diz em resumo o seguinte: A armada de Dom Frederico partiu da Hespanha a 14 de Agosto de 1629, contava 36 velas e levava 7.300 homens, tanto marinheiros, como soldados, com ordem de em primeiro logar expulsar os inimigos do rei da Hespanha das ilhas Nieves e S. Christovam

e em seguida os que apparecessem nas costas das Indias Occidentaes e depois escoltar com toda a diligencia para a Hespanha as esquadras da Terra Firme, Honduras e Nova Hispania. Aos 23 do mesmo mez a armada deu combate a 8 navios hollandezes, que estavam a sotavento, mas como os mesmos navegavam muito bem e estavam extraordinariamente armados, deixou-os ir embora, após forte canhoneio de ambas as partes. No dia 16 de Setembro Dom Frederico apoderou-se das ilhas Nieves e S. Christovam com 8 navios que estavam no porto e fez 2.200 prisioneiros tanto francezes, como inglezes e irlandezes, dos quaes mandou para a Inglaterra 1.367 em 6 navios, e 833 inglezes e irlandezes, que eram catholicos, tomou a seu serviço e distribuiu-os pela esquadra. Apossaram-se nessas duas ilhas de 29 canhões, 42 pedreiros mais de 1.300 mosquetes, uma boa quantidade de tabaco, outras mercadorias e alguns negros, que repartiram pelos navios. Proseguindo na sua rota, chegaram com boa viagem a Cartagena, onde foram recebidos com grande regosijo. Inspeccionando os navios, encontraram avariada a maior parte dos viveres, os barris de vinho esvasiados, a bolacha mofada, a carne e pannos estragados, pelo que se seguiram grande carestia e falta de generos. Dom Frederico promettera, para tranquillisar os soldados, dar-lhes uma indemnisação em dinheiro, mas nada lhes dera ainda. Mandou 5 galeões buscar a prata de Porto Bello e 3 a Nova Hispania para comboiar a esquadra para Havana. Segundo a opinião do auctor da carta, deviam partir d'ahi no ultimo de Fevereiro, de sorte que só em Maio poderiam partir de Havana. Diz a outra carta escripta do mesmo logar no dia 16 de Janeiro: Aqui nada fizemos e não sabemos quando partiremos. Dizem que nos faremos á vela em Março para Havana. Nesta cidade ha grande falta de viveres, com os quaes se gastam por mez uns 90 mil reales de oito, o restante podendo apenas servir para manter a armada, reparar os navios e comprar novos viveres e assim consumirão depressa todos os bens do rei. Só em Junho ou Julho poderão partir de Havana e não será de extranhar que fiquem alli até chegar a segunda esquadra. Chegou hoje de dia uma fragata da Nova Hispania e conta que se perdeu o navio do capitão Juan de Uguarte, com a carga, no porto de S. Juan de Lua e que os outros navios devem ter tido muito que fazer com os fortes ventos do norte, de sorte que é preciso calafetal-os de novo e provel-os, o que consumirá tudo. O inimigo partiu do golfo da Nova Hispania em Novembro do anno passado e teria resolvido navegar para o Cabo S.^{to} Antonio, se tivesse a certeza de poder fazel-o, mas já havia feito muito em expulsar de S. Christovam uns quatro gatos sem armas e por isso veiu para aqui.

De Lima escreve outra pessoa no ultimo de Maio deste anno o seguinte: A desastrosa perda da esquadra da Nova Hispania produziu aqui tal desanimo e consternação, que olhar para este paiz é bastante para causar afflicção, tendo-nos sobrevivendo desde então todas as especies de miseria.

Uma carta escripta de Havana em 14 de Fevereiro de 1630 ao General de la Raspura diz: Ahamos ser da maior conveniencia para Dom Frederico partir agora com a sua esquadra para a Hespanha e elle proprio é

da mesma opinião, como manifestou ao nosso Governador, de quem procurou indagar se havia noticia da presença do inimigo pela visinhança, ao que este lhe respondeu que os hollandezes estiveram por aqui durante todo o ultimo verão, sem impedimento algum, mas deixaram o golfo no ultimo de Setembro. O emissario voltou, mas da esquadra não temos informação, havendo-se preparado o Governador para receber festivamente a Dom Frederico. Desanimadora é a situação da Nova Hispania, juntando-se a isso a tristeza geral pela demora da esquadra, como melhor podereis avaliar na vossa alta sabedoria. Chegaram ultimamente noticias de lá, as quaes nos referem a destruição calamitosa do Mexico e a perda da maior parte dos seus habitantes, ficando a cidade inundada repentinamente pela ruptura dos diques, no mez de Outubro proximo passado. As aguas levaram de vencida tudo que se lhes oppoz, de sorte que no lugar mais elevado, isto é, o palacio do vice-rei, havia mais de uma braça d'agua. O vice-rei, o arcebispo e os reitores andavam em escaleres procurando tirar das casas os que se estavam afogandô. Os que se salvaram foram para as cidades mais proximas, abandonando as freiras, os frades e padres os seus conventos e casas, sem poder salvar nenhuns valores. O vice-rei ainda ficou lá com a sua côrte, mais para manifestar a sua boa vontade e dever para com S. Magestade do que pela esperança de poder remediar em qualquer cousa, pela força ou industria humana, o que succedera naquelle reino. A esquadra ancorada em Vera Cruz correu o maior perigo e, se os ventos de Dezembro houvessem durado mais um pouco, todos os navios iriam bater na costa. Garraram duas vezes e foram reparados conforme se poudo. Isto se deu devido aos boatos que lhes levaram da presença do inimigo aqui. Depois que elle se foi embora, resolveram não partir antes de receber ordem do rei ou até a chegada da esquadra. Esta entretanto só agora pode chegar, segundo a informação de uma fragata que encontrou 4 galeões nas Tortugas ou Sondas, ha uns 15 dias passados. Aquelles navios trazem o mercurio do rei e tiveram ordem de embarcar grande quantidade de bolacha e outros viveres para a esquadra e vir da Nova Hispania para cá em companhia da mesma. O almirante pretende por os navios aqui de querena, mas julgo que se dirige mal para este lugar, porque não ha nem pixe nem estopa. Dizem que o General Dom Jeronymo os proveu de pixe de arvores e que Dom Frederico mandou buscar esses artigos em Panamá e Nicaragua. Sendo assim, acredito que no dia 2 a prata pode ser embarcada. Ha cerca de um mez veiu uma fragata da Trinidad, com a noticia de que, ao partir de lá, haviam chegado 11 navios hollandezes e que incendiaram e saquearam a cidade de S. Thomé, onde havia mais de 300 casas. Ainda recebemos a noticia de que alguns inglezes se entregaram na ilha de S.^{to} André, á margem do rio de Chagres, onde eram em numero superior a 300. O vice-almirante das Honduras fora separado do almirante, por uma fortissima tempestade, em Novembro, já tendo chegado o almirante, mas não o tendo ainda o vice-almirante. O nosso governador mandou um patacho procural-o por toda a parte e tomar informações em Honduras, Campeche e Nova Hispania, não o

encontrando em parte alguma, sendo, portanto, de suppor que se perdeu. E' quanto diz a carta.

Quem reflectir bem sobre os successos deste anno e sobre as despesas feitas durante o mesmo pelo rei da Hespanha, especialmente com a expedição de tão poderosa esquadra sob o commando de Dom Frederico de Toledo e o pouco realisado por essa e da mesma forma sobre os inconvenientes e damnos causados pelo retardamento da esquadra hespanhola, deve necessariamente comprehender que foi por causa do terror das esquadras da Companhia das Indias Occidentaes que se conseguiu mais este anno do que em qualquer tempo. Os que sabem calcular quanto é necessario para equipar uma esquadra de 36 ou 40 mil homens, especialmente na Hespanha, onde (como todos sabem) tudo é muito caro e onde não zelum tanto pelo bem publico como no nosso paiz, — podem facilmente avaliar a despeza em muitos milhões. O mesquinho feito realisado nessas duas pobres ilhas não tem valor algum. Alem disso essa esquadra teve de passar o inverno em Cartagena e gastar uma boa parte da prata do rei e dos particulares.

Os navios hespanhóes partiram dos portos, na maior parte, em tempo improprio e alguns se perderam. A esquadra da Nova Hispania teve de passar o inverno, carregar e descarregar e calafetar de novo os navios em logares onde ha bem poucos recursos. Finalmente a prata do rei, que lhe é tão necessaria, assim como a dos particulares e as suas mercadorias, foram retardadas por muito tempo e, emquanto não chegam, quasi todo o commercio se paralysa na Hespanha. Tudo bem ponderado deixa ver claramente o mal que poudes fazer uma companhia pequena e desprezada por muito tempo e o atrazo que causou a um dos maiores potentados da Christandade, cousa que as potencias inimigas da Hespanha nunca puderam conseguir.

Antes de encerrar este livro e comquanto já tenhamos fallado da calamidade que sobreveiu á cidade do Mexico, daremos aqui uma succinta descripção que encontramos em uma carta escripta por um tal Barnabé Cabo ao Padre Hernando de Leon.

A cidade do Mexico (diz elle) está situada em um valle, circumdado de montanhas muito elevadas e as aguas, que de lá descem, não têm desvio ou sahida alguma. Essas montanhas têm de circumferencia umas 70 leguas e dão ao valle uma forma oval. Este tem umas 16 leguas de comprimento e 12 de largura e é na maior parte guarnecido de lagos ou mares. Devia ser uma das mais bellas e ferteis regiões das Indias. Só o lago do Mexico é natural, ao passo que os outros foram sendo feitos artificialmente, encontrando-se alli muitas represas e diques, que, tanto os indios, como os hespanhoes, construíram para deter e desviar os rios que desaguam naquelle lago, de maneira que elle não cresça tanto e não cubra toda a cidade. A elevação das aguas por occasião desta enchente alcançou 16 leguas ao redor. No lago de Mexicalcingo, que está ao sul do precedente e tem umas 15 leguas de circumferencia, as aguas subiram mais de uma braça e meia do que no do Mexico. Os outros tres ou quatro lagos que estão ao norte do Mexico têm tres ou quatro leguas de circumferencia e suas aguas estão mais elevadas do que as de

Mexicalcingo. Não obstante esses lagos, em que são retidas as aguas que vêm para o lago do Mexico, tem havido por varias vezes grandes inundações, ainda que nenhuma comparavel á actual. O vice-rei Dom Luiz de Velasco, durante seu segundo governo, esforçou-se em dar um escoadouro ás aguas pelas montanhas mais baixas que cercam o valle e, mandando sondar e tirar o nivel de todos os lados, achou que havia bastante declive para o lado onde está situada a villa de Gueguenoca, na direcção do norte. Poz em deliberação se devia fazel-o por um canal descoberto ou subterraneo, por meio de abobada, ficando afinal resolvido que se devia fazer completamente por baixo do solo. Foi esse um grande erro e custou a vida de muitos indios, que ficaram soterrados pelos pedaços de terra que lhes cahiram em cima. Poz novamente em deliberação se o escoamento se faria da propria laguna do Mexico ou de um ponto mais alto para somente desviar e escoar as aguas pelo rio maior que desagua no mesmo lago, chamado Quautitlan, ficando assentado desviar somente o rio, por ser menor a despesa e porque julgaram que, uma vez desviado este, o lago não transbordaria mais. O vice-rei acceitou este alvitre e tratou de executar immediatamente. Commetteram assim um segundo erro, porque, se aprofundassem mais 10 braças o canal, poderiam ter conseguido retirar a agua da propria laguna. O padre Juan Sanchez, que era um grande mathematico e da nossa Companhia, avisou-os e fallou contra ambos os erros, mas apesar disso proseguiram e foi encarregado da execução um grande engenheiro francez, chamado Henrique Martin, a cujo cargo desde então ficaram as obras.

Antes que terminasse o governo de Dom Luiz de Velasco, as obras chegaram ao ponto de começar a agua a derivar pelo rio e pelo escoadouro e desde esse tempo até o anno de 1622 se esgotou em taes proporções a agua da laguna, que se podia ir a pé enxuto até o rochedo chamado *El Pennol*, situado a cerca de uma legua desta cidade.

Continuaram a trabalhar activamente nas obras, mas o Conde de Gelves, tendo assumido o governo, julgou que bem podiam ser ellas dispensadas por inuteis e ordenou que as suspendessem e se desfizessem alguns diques que represavam as aguas das minas de prata de *Pachuca*, declarando que queria ver como o Mexico poderia ficar inundado. Desde 1622, anno em que cessou a derivação das aguas, começaram estas de novo a crescer gradualmente até 1629, quando choveu mais que nos outros annos e a cidade ficou debaixo d'agua, que cobriu todas as ruas e praças, subindo dous andares acima da maior enchente que aqui tem havido. Só depois de grandes trabalhos chegaram a ser restabelecidas as cousas nas condições em que agora se acham, tendo-se construido altos diques apoiados nas paredes das casas, grande numero de pontes de madeira para se passar de uma praça para outra e grande quantidade de canoas e barcos feitos aqui, tendo eu mesmo ido em uma dessas canoas de S.^{to} Agostinho até a casa da Inquisição. Entre varias providencias consistiu a principal em ser incumbido Henrique Martin de restaurar o escoadouro de Gueguenoca, para o que lhe foram fornecidos 1.000 indios. Outra consistiu em se procurar o ponto fundo ou uma brecha que havia

no meio da laguna. Este segundo serviço foi entregue á Companhia. Depois de gastarem 20.000 pesos, acharam que era inutil semelhante trabalho, no qual entretanto estiveram occupados uns 8 mezes. Varias vezes fui dizer missa perto desse logar, que está situado a duas leguas desta cidade. Henrique Martin proseguiu com o escoamento das aguas e de tal maneira que no anno de 1631 correram pelo rio de Quautitlan e não desaguaram na laguna, que assim durante os mezes de chuvas cresce apenas um pouco. Continuam as construções do escoadouro, o qual, segundo me disse Henrique Martin, tem 16.000 braças de extensão, sendo 8.000 braças sob uma abobada subterranea e as outras 8.000 em um canal aberto até ambas as boccas. A parte subterranea é toda guarnecida de abobada de pedra, obra tão bella como as dos Romanos, com um boeiro de 200 em 200 braças, e nos logares onde a terra é mais elevada ha umas 60 braças acima da abobada. Henrique Martin disse-me que ha tanta garantia no canal subterraneo, que se pode affirmar que a agua da laguna não subirá mais, si bem que não possa servir para escoar a que inunda agora a cidade, a qual se esgota tão lentamente que ha pouca esperanza de se ver outra vez a cidade livre della, a não ser que façam um outro escoadouro. A gente da cidade pede que se faça um canal descoberto; entretanto os que entendem dessas obras dizem que seriam precisos 20 annos para o cavar. O estado actual na cidade é o seguinte: a maior enchente baixou de tres quartas partes e alguns diques estão seccos. Começam a altear as casas com terra, ficando hoje esgotado o edificio da Inquisição. Os seus pilares estão tão profundamente enterrados que apenas têm meia braça fora da terra, fazendo pena ver uma tão bella galeria de columnas soterrada em mais da metade.

Eis o conteudo dessa carta, escripta em Fevereiro de 1632, a qual julgamos conveniente transcrever, por tratar da inundação, que já referimos, da cidade do Mexico.

FIM DO LIVRO SEXTO

SUMMARIO DO LIVRO SETIMO

Continuação dos feitos da esquadra do General Loncq. Avista a costa do Brasil, mas descae e torna a vêr a ilha de Fernando de Noronha. Regressa á costa do Brasil. Toma um navio chegado de Angola. Captura outro chegado do Porto, com uma carga de vinho. Surge em frente a Pernambuco. A esquadra prepara-se para dar batalha. O General bombardeia o forte do mar. O inimigo põe a pique no canal alguns navios. O coronel Wardenburgh desembarca sua gente cerca de duas leguas ao norte da cidade de Olinda. Marcha contra a cidade. Obriga o inimigo a abandonar sua posição vantajosa no rio Doce. Toma de assalto a cidade. Albuquerque incendeia a aldeia do Recife. O forte de S. Jorge rende-se sob condições. Pouco depois o do mar faz o mesmo. Os nossos se apossaram do Convento de S.^{ta} Antonio na ilha de Antonio Vaz. O navio *Phoenix* traz uma presa carregada de assucar. Algumas escaramuças com o inimigo. O *Brack* parte para levar noticias á Republica. E' capturado um pequeno navio carregado de sal e peixe. Descripção da Capitania de Pernambuco. O inimigo fortifica o Arrayal e acampa alli. Chega o resto da força. Capturam um navio com carga de vinho. Os Portuguezes envenenam os poços em Antonio Vaz. Os nossos soffrem alguma perda por emboscada do inimigo. O General Loncq regressa á Republica. Trazem uma presa com carga da vinho. O almirante Pieter Adriaensz. retira-se da costa. O inimigo ataca Antonio Vaz e retira-se com perdas. Faz uma tentativa infructifera contra o Recife. Trazem um navio capturado e carregado de negros. Outras tentativas do inimigo contra as nossas fortificações. Feitos dos nossos. Fazem um novo forte de cinco pontas em Antonio Vaz; os inimigos vão alli repetidas vezes fazer tentativas, mas voltam com perdas. Os nossos, receando a vinda de uma esquadra da Hespanha, reforçam as suas fortificações. Trazem uma pequena presa. O inimigo dá um assalto durante a noite á cidade, mas sem resultado. Expedição da esquadra sob o commando de Adriaen Jansz. Pater. Tamanho dos navios e numero dos canhões e da tripolação. Outro navio do inimigo é incendiado pelos nossos em Porto Calvo. Infeliz retirada do tenente coronel Eltz e do commandeur Direk Symonsz. van Uytgeest. Viagem da esquadra do vice-almirante Banckert para a ilha de S.^{ta} Helena. Ficam alli até o ultimo de Agosto; vêem a ilha da Ascensão; voltam em Outubro á Republica sem nada haver feito. Viagem da esquadra do commandeur Direk Symonsz. ao Morro S. Paulo. Sobem o rio e incendeiam outro navio; capturam depois disso outro navio com 280 negros e partem para Pernambuco. Viagem da esquadra do commandeur Direk de Ruyter até o cabo de Tiburon. Viagem da esquadra do almirante

Pieter Adriaensz. Ita. Chega á S. Vicente, á ilha Branca, á ilha de Vacca; navega para o cabo Tiburon, onde se lhe junta o commandeur Dirk de Ruyter, collocando-se ás suas ordens. Tomam um navio carregado de assucar e de outras mercadorias. Descripção das Caimãs. Chegam á vizinhança de Havana e destroem alguns navios; dão caça a muitos, mas capturam poucos. O commandeur Jan Gysbertsz. Boon-eter junta-se ao almirante. O almirante Pieter Adriaensz. parte para a Republica e o commandeur Boon-eter para as Antilhas. Este ultimo chega a Barbados e á ilha de Vacca. Continuação da descripção da viagem do almirante Pater. A situação de S.^a Martha pela carta do governador Dom Jeronymo de Quero. E' tomada pelo almirante Pater, que partiu depois para a Republica passando por Caicos. Viagem do yacht *Brach*. Captura um navio chegado de Cabo Verde. O yacht *Oeverijssel*, chegando perto da Hollanda, porta-se valentemente contra os Dunkerquezes. Jan Cornelisz. Lichthart recebe honras extraordinarias. Breve descripção da costa do Brasil, tanto ao sul, como ao norte da cidade de Olinda. Alguns feitos do yacht *Bruyn-vish* na costa d'Africa.

LIVRO SETIMO

1630

No livro precedente narramos como o almirante General Loncq partiu com a sua esquadra de S. Vicente, uma das ilhas de Cabo Verde, no dia 26 de Dezembro. A longa parada naquella ilha atrazou muito a viagem e causou grande mal a sua gente, pois que no dia 1º de Janeiro deste anno, achando-se na latitude de 5 graus e 7 minutos ao norte do equador, já havia a bordo cerca de 800 doentes e dous capitães mortos, Frydach e Brouwer. Foram muito atormentados por calmarias e ventos contrarios, de sorte que por grande espaço de tempo ficaram como que presos nas proximidades da linha equinoxial, sendo os pilotos de parecer que se devia tomar o rumo do norte para evitar o mau tempo. Aos 23 do mez de Janeiro passaram a linha e proseguindo chegaram a 7 graus de latitude sul. Um dia ou dous soprou o vento, mas depois voltou a calmaria. No dia 30 passaram revista á gente e verificaram que da sahida de S. Vicente até então haviam morrido 246 pessoas e ahvia cerca de 1200 doentes. Aos 3 Fevereiro chegaram á vista da costa do Brasil, cerca de 7 graus ao sul da linha, a 8 ou 10 milhas de terra, achando-se portanto ainda fóra das vistas do inimigo.

Esperavam poder desembarcar a gente nesse ponto e por mãos á obra, mas o vento soprava de sudeste e as correntezas se dirigiam para o norte, de modo que contra toda expectativa não puderam navegar para o porto de Pernambuco. Por esse motivo se fizeram ao mar e se esforçaram por alcançar Pernambuco; mas no dia 5 se achavam a 6 graus e 10 minutos havendo perdido um grau, pelo que tiveram de voltar por um dia ou dous, até que avistaram de longe a ilha de Fernando de Noronha. Depois, ganhando outra vez o sul, acharam-se no dia 11 na latitude de 7 graus e 40 minutos e apromptaram-se para executar a sua empresa. No dia seguinte capturaram um navio portuguez, que vinha de Angola e trazia 200 escravos, e outro, que vinha de Portugal,

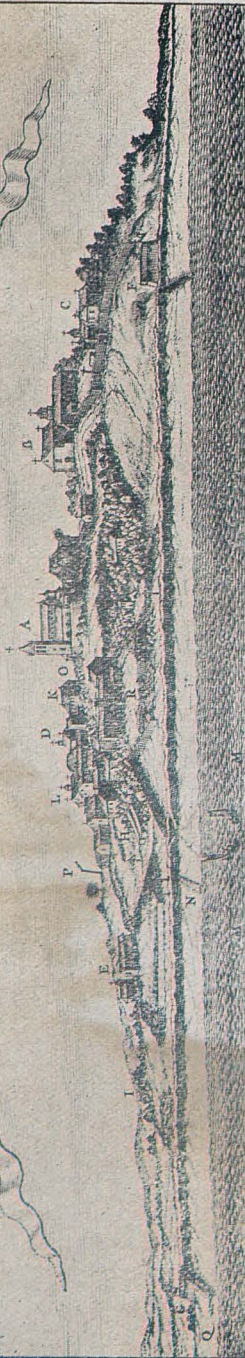
do Porto, carregado com 180 pipas de vinho, que chegaram muito a proposito. Reuniu-se no dia 13 á esquadra o yacht *Swaluwe*, que estivera na ilha de Fernando de Noronha e desembarcara 5 ou 6 homens, dos quaes alguns foram encontrados mais tarde presos em Olinda. Por causa desse prolongado atrazo, achava-se a gente da esquadra muito enfraquecida, havendo apenas 2515 marinheiros sãos e só 2300 soldados capazes de prestar serviço. Devido á grande demora da esquadra, o inimigo recebera aviso do governador das ilhas de Cabo Verde e a gente do *Swaluwe* tivera noticia de que alguns hollandezes se haviam amotinado em Pernambuco.

Havendo chegado a esquadra á altura de Pernambuco, a gente que devia operar o desembarque com o gentilhomen coronel Diderich van Wardenburgh foi distribuida nos seguintes navios: *Maen*, *Enchuysen*, *Swol*, *Utrecht*, *Oragnie-Boom*, *Nassauw*, *Matanza*, *Groeninghen*, *Omlandia*, *Fame*, *Goude Leeuw*, *Geele Sonne*, *Poste Paerdt*, *Hollandia* e *Moorinne*. Nesses navios e yachts, havia 1200 soldados e 700 marinheiros. Os yachts *Overijssel* e *Muyden* tripulados por 55 marinheiros foram encarregados de, na manhã seguinte, quando se empenhasse a acção, avançar sobre Olinda e observar se havia possibilidade de desembarcar alguma gente na cidade. A força restante, mandada para o assalto do Recife, foi embarcada no *Domburgh* e no *Jonghe Prins Mauritius*. Estavam ahí incluídos 55 marinheiros encarregados de ir até a Barreta afim de verificar se os yachts ou outras embarcações podiam por aquella passagem entrar no Recife. Embarcaram mais duas companhias de soldados, contando ambas 223 praças, assim como 350 marinheiros, nos nove seguintes yachts: *Spaensch Fregat*, em que devia ir o almirante Pieter Adriaensz. Ita, e *Swarten Ruyter*, *Fortuyn*, *Brack*, *Phoenix*, *Eenhoorn*, *Ouwetaer*, *Meerminne* e *Fran Prijsken*, cada um tripulado por 20 marinheiros para a sua direcção. Os seguintes: *Leuwinne*, *Swarte Leeuw*, *Vergulde Valck*, *Eendracht van Dordrecht*, *Swaen* e *Tertholen* tiveram ordem de, no momento em que se desse o signal para o ataque, entrar no Poço (que é o lugar onde os navios carregados estacionam no porto) e ancorar entre os dous fortes, fazendo-os calar com a sua artilharia, afim de que os supra mencionados yachts, sob o commando do almirante pudessem avançar desembaraçadamente. Estes navios levavam somente as suas guarnições de marinheiros.

O General, com os demais navios e com o restante da força, devia acercar-se do fortim do mar, situado no recife de pedra para com a sua grossa artilharia reduzi-lo ao silencio. Isso foi resolvido e ordenado no mesmo dia pelo conselho de guerra. A esquadra devia nessa mesma tarde dar o ataque, mas, não havendo tempo por causa da demora da trasladação das tropas, deixaram passar aquella noite. No dia seguinte apromptaram tudo de vespera para no outro dia proseguir na execução da empresa; á tarde houve ordem do General para que se fizessem orações em todos os navios e yachts e que cada vaso de guerra se collocasse junto e sob o commando de suas respectivas divisões.

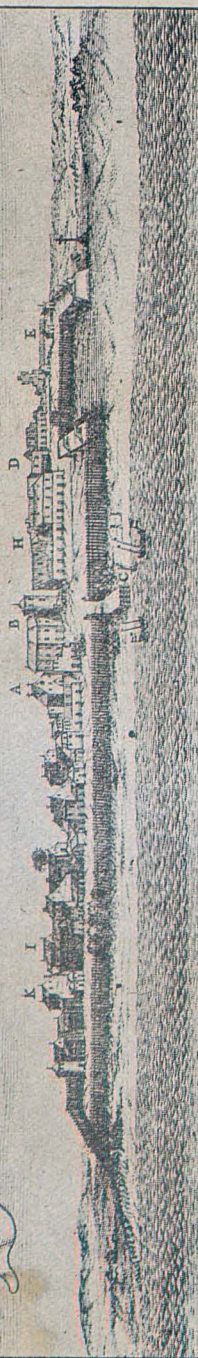
A' noite o General deixou que os seus navios derivassem um pouco para o sul afim de não perder tempo e achar-se de manhã junto á entrada do

MARIN D'OLINDA de Pernambuco.



A De groote kerck d' S. Sebastiao
 B Kapel der S. Joao
 C Kapel d' S. Francisco
 D Kapel d' S. Antonio
 E Kapel d' S. Pedro
 F Het Fort van S. Joao d'El-Rey
 G Het Fort van S. Pedro
 H Het Fort van S. Antonio
 I Het Fort van S. Sebastiao
 J Het Fort van S. Joao d'El-Rey
 K Het Fort van S. Pedro
 L Het Fort van S. Antonio
 M Het Fort van S. Sebastiao
 N Het Fort van S. Joao d'El-Rey
 O Het Fort van S. Pedro
 P Het Fort van S. Antonio
 Q Het Fort van S. Sebastiao
 R Het Fort van S. Joao d'El-Rey

T'RECIF de PERNAMBUCO.



A De kerck S. Joao
 B Het Fort van S. Joao
 C Het Fort van S. Antonio
 D Het Fort van S. Sebastiao
 E Het Fort van S. Pedro
 F Het Fort van S. Joao
 G Het Fort van S. Antonio
 H Het Fort van S. Sebastiao
 I Het Fort van S. Pedro
 J Het Fort van S. Joao
 K Het Fort van S. Antonio
 L Het Fort van S. Sebastiao
 M Het Fort van S. Pedro
 N Het Fort van S. Joao
 O Het Fort van S. Antonio
 P Het Fort van S. Sebastiao
 Q Het Fort van S. Pedro
 R Het Fort van S. Joao
 S Het Fort van S. Antonio
 T Het Fort van S. Sebastiao
 U Het Fort van S. Pedro
 V Het Fort van S. Joao
 W Het Fort van S. Antonio
 X Het Fort van S. Sebastiao
 Y Het Fort van S. Pedro
 Z Het Fort van S. Joao

porto; mas os 16 navios em que estavam o coronel e as tropas de desembarque ficaram aproados para terra. No dia 15 pela manhã estava o General com os navios sob o seu immediato commando um pouco ao sul de Pernambuco e navegou com bom tempo, mar tranquillo e vento á feição para o Recife de pedra, o qual enfrentou ao meio dia. O General e o almirante approximaram-se do fortim situado no Recife de pedra e bombardearam-n'o vivamente, assim como o outro forte de terra, correspondendo os inimigos ao fogo. Os navios que tiveram ordem de fundear no Poço e os yachts que deviam penetrar no porto ficaram bordejando nesse interim para entrar, cerca das 3 horas da tarde, quando era a maré cheia, mas o inimigo que fôra avisado da vinda da nossa esquadra, fechara o canal por meio de navios postos a pique e o mesmo fizera no Poço. Na Barreta, por onde devia passar o major Schutte com a força sob o seu commando, havia o inimigo afundado uma barca e fechado a passagem por meio de uma corrente de ferro e assim não era possivel penetrar no porto por nenhuma das mencionadas entradas.

Parece que, tendo sido avisados em tempo sobre a nossa ida, imaginaram que os nossos tentariam somente esses caminhos maritimos e que, fechando essas passagens, não tinham mais que recear da nossa esquadra. Os nossos no entretanto mantiveram o bombardeio contra os fortes até a tarde, tirando porem pouco proveito com isso pois não podiam approximar-se dos fortes e pela agitação do mar não conseguiam acertar no alvo, ao passo que o inimigo podia com seus canhões fazer boa pontaria nos nossos navios, pelo que finalmente foi preciso retirar á noite os navios que estacionavam mais perto de terra.

O gentilhomen coronel Diderich van Wardenburgh, que se separara do commandante em chefe no dia 14 desse mez com 16 navios sob o commando do vice-almirante Claes Cornelisz. Melek-meydt, e o commandante Direk Symonsz. van Uytgeest approaram no dia 15, pela manhã, para a terra a noroeste. Não tendo ainda chegado as embarcações, não foi possivel operar o desembarque em Rio Tapado, não tendo havido outra contrariedade. Chegaram porem aquellas, quando estavam um pouco ao sul, em Páu Amarello. O coronel embarcou a sua gente em 8 batelões e noutros botes e barcas e foi elle o primeiro a saltar em terra, á distancia de cerca de 2 leguas a norte da cidade de Olinda, á vista de alguns portuguezes, que, uns apé, outros a cavallo, estavam em observação. A gente foi collocada em ordem de batalha, logo ao saltar, mas, como não pudessem ser transportados todos antes de anoitecer, os desembarcados foram-se deitando pela praia, collocando-se vigias do lado dos bosques. Por essa occasião desceu o resto das tropas e juntamente vieram 300 marinheiros para guardar a bagagem, sem que o inimigo fizesse nenhum obstaculo ou damno.

No dia seguinte, de manhã muito cedo, o coronel repartiu a sua gente em 3 regimentos. O tenente coronel Eltz commandava a vanguarda, com uma força de 934 homens, porque sob o seu commando estavam cerca de 400 mosqueteiros ás ordens do capitão De Vries, que seguiam ao longo da praia. O tenente coronel Steyn-Callenfels commandava o centro, que se

compunha de uma força de 1049 homens e o major Touche Honx marchava na retaguarda com 965 homens. Com essa gente e nessa ordem o coronel marchou ao longo da costa contra a cidade, não tendo encontrado inimigo algum até que chegou ao rio Dôce, onde estava postada do outro lado uma força de cerca de 800 homens atrás de uma trincheira construída às pressas, tendo além disso em seu favor o riozinho que só se podia atravessar com água pela cintura. Ahi houve um choque entre o inimigo e a nossa vanguarda, avançando então o coronel, mas em parte pelo receio de nossas duas peças que entraram em acção e também pelo ataque effectuado pelos nossos soldados que não trepidaram em atravessar o rio com grande coragem, o inimigo teve de abandonar essa posição vantajosa e fugiu para a mata, deixando no campo muitos feridos, enquanto que dos nossos não houve mais de tres.

A nossa gente foi avançando e encontrou outra força inimiga, mas essa não fez resistencia alguma depois que soffreu os disparos das nossas peças de campanha. O coronel, vendo que todos os inimigos que appareciam na praia se retiravam tão apressadamente diante dos nossos, fez a sua gente forçar a marcha e, achando-se junto á cidade, atacou-a por tres differentes logares. A vanguarda foi avançando pelo lado direito por um caminho feito atravez do bosque para o Collegio dos Jesuitas, cuja posição foi indicada por um prisioneiro portuguez; todavia, depois de subir e lá chegar com grande coragem, achou as portas fechadas, sendo obrigada a forçar-as. Encontraram ahi mais seria resistencia do que até então e, sendo atacados mais fortemente, fugiram abandonando sete ou oito mortos e muitos feridos.

O batalhão tomou o caminho do meio e seguindo por uma rua estreita desemboccou entre os conventos dos Franciscanos e dos Jesuitas, mesmo dentro da cidade, numa altura regular, onde estava situada a matriz e de onde se podia atirar com mosquete sobre o fortim do norte, situado na praia. Encontraram pequena resistencia numa passagem estreita, mas, logo que cahiram tres ou quatro portuguezes, o resto fugiu. O major Foncke Honx com a retaguarda foi ter entre as trincheiras do inimigo e o fortim do Norte, em que havia quatro peças e um artilheiro hollandez. O inimigo, sendo atacado ahi com vigor e percebendo que os nossos já estavam dentro da cidade e se achavam collocados a cavalleiro do fortim, desanimou e abandonou todas as defesas que estavam abaixo da cidade, assenhoreando-se dellas os nossos e ficando assim em seu poder toda a cidade de Olinda. Enquanto o coronel e a sua gente estavam ahi occupados, desembarcou o major Schutte (que o General tinha mandado com o almirante e também 500 homens, tanto soldados, como marinheiros) na parte sul da cidade: mas, antes que essa força fosse convenientemente posta em ordem, já o coronel se apoderara de todas as trincheiras do inimigo, de sorte que não encontrou resistencia para entrar na cidade. Quasi ao anoitecer a gente se entregou ao saque. Como muitos estivessem fatigados e estropeados, por haver marchado todo o dia ao longo da praia na força do calor, pela falta de água e por outros incommodos, não se poudo proseguir nas operações, nem fazer cousa alguma contra o forte de terra. Os officiaes porem estiveram bem occupados

em collocar gente de guarda contra os ataques do inimigo que estava fora da cidade. Os habitantes de Olinda não desobedeceram ás ordens do governador Mathias de Albuquerque, isto é, que levassem os seus valores quando soubessem, de modo que foram apenas encontradas 200 caixas de assucar, algumas de vinho e varias mercadorias, que não puderam levar consigo. Os soldados em grande desordem revolveram tudo e fizeram grande estrago antes que fosse possivel impedil-o. No dia seguinte pela manhã, cerca de uma hora antes de amanhecer, o governador Mathias de Albuquerque poz fogo no Recife a todos os armazens cheios de assucar e de outras mercadorias. Assim fez, em parte, porque queria vingar-se dos habitantes da cidade que se escaparam (contra a sua ordem) com os seus haveres, deixando por esse modo a cidade indefesa, e mais ainda por não poder defender aquellas mercadorias, o que é facil de comprehender, privando dessa maneira os nossos do maior fructo de sua victoria. Afirmam como certo que por meio desse incendio foram destruidas umas 17 mil caixas de assucar, uma grande partida de páu brasil e outras mercadorias, ainda que a opinião dos portuguezes variasse muito sobre isso, calculando uns o prejuizo em mais e outros em menos. Tambem foram incendiados cerca de 20 navios e barcos. O capitão portuguez Gil Corrêa de Castello Branco, numa carta dirigida ao rei, fazia montar a importancia do damno a 2 milhões de ducados. O inimigo mantinha-se nesse interim de posse dos seus fortes de terra e do mar.

A O General, o almirante e o vice-almirante entraram nessa manhã na cidade e foi dada ordem de apagar o fogo que os negros haviam ateado a algumas casas. Esses negros sob a apparencia de amizade praticavam grandes excessos e roubavam muitos objectos de valor, de sorte que pareceu melhor conservar apenas um pequeno numero delles, necessario para o servigo, e expulsar os demais da cidade, para a livrar daquella inutil quadrilha.

Ao mesmo tempo, como o inimigo se mostrasse aqui e alli nas cercanias da cidade, julgou-se necessario guardar com sentinellas todas as entradas, mas estas eram tantas e a cidade tão grande e deserta (era realmente muito difficil occupar immediatamente todas as collinas e alturas que ficavam sujeitas umas ás outras quanto á defesa militar), que foi julgado impossivel guarnece-l-as todas e fortificar a praça rigorosamente, pelo que foi considerado melhor retirar a nossa força das eminencias da cidade, cortar ou obstruir os caminhos e deixar em aberto a parte baixa. Executou-se isso sem demora e, como a gente estivesse ainda muito fatigada, nada mais se emprendeu nesse dia contra o inimigo. No dia seguinte foram todos os doentes trazidos para terra para se refrescar e á noite o tenente-coronel Steyn Callenfels partiu com o engenheiro Commersteyn e uns quatro mosqueteiros para fazer o reconhecimento do forte do inimigo, situado na península do Recife, entre a cidade e a aldeia do porto. No outro dia foi aberta a Alfandega da cidade, encontrando-se muitas munições, a saber: polvora, mechas, chumbo, e outras provisões e juntamente linho. No dia 20 o tenente-coronel Steyn Callenfels foi encarregado de assaltar com 600 homens o forte de terra

e com esse intuito partiu da cidade ao pôr do sol e aproximou-se do forte ao encobrir-se a lua, mas logo viu que as escadas que levava eram muito curtas. O inimigo, tendo percebido o plano dos nossos, atirou furiosamente contra elles com as suas 18 peças. As mesmas granadas, atiradas pelos nossos e que custavam a explodir, eram arremessadas novamente pelos do forte e faziam grande estrago entre os nossos, de sorte que voltaram tendo perdido alguns homens e trazendo muitos gravemente feridos, pois nem se podiam ter em pé. No dia seguinte perseveraram na cidade com a resolução anterior de deixar os pontos baixos e ir para os mais altos. Todas as ruas foram interceptadas e entrincheiraram-se contra o ataque dos portuguezes e dos indios seus partidarios. O almirante chefe da expedição, nesse interim, fizera reconhecer pelo vice-almirante e outros capitães de navios toda a posição da Barreta e communicou no dia 22 ao coronel que na opinião de todos estes se devia por esse ponto e passagem fazer o maior damno ao inimigo e cortar-lhe os meios de obter recursos. Accrescentava que o inimigo estava firmemente occupado em preparar uma pequena bateria e em montar 2 peças para impedir a passagem, mas julgava que esta poderia facilmente ser tomada de surpresa. Pedia finalmente que mandasse com urgencia uma força para alli afim de se executar a empresa. O coronel reuniu o conselho de guerra no dia seguinte para deliberar sobre essa proposta, que não foi considerada acceitavel, em parte por julgarem ser o terreno visinho daquelle posto muito perigoso e mais ainda por acharem muito inconveniente separar, numa tão grande distancia, uma força da outra.

Acharam muito melhor avisinhar-se do forte de terra por meio de appróxes e para lá mandar força da cidade e para isso resolveram em seguida fazer gabiões e cuidar dos mais aprestos necessarios. Gastaram mais dous ou tres dias nesses preparos e tambem em se prevenir contra qualquer ataque do inimigo á cidade. Assim, só no dia 27 á tarde o tenente-coronel Adolf van der Eltz marchou para aquella forte e nessa mesma noite os nossos construíram uma trincheira da altura pouco mais ou menos de um homem. Os dous fortes fizeram fogo violento com seus canhões durante toda a noite contra a nossa força, mas sem causar nenhum damno. No dia seguinte trouxeram peças para serem montadas alli e no dia 1º de Março começaram a atirar contra o forte com 3 peças de calibre mediano e 3 pequenas que langavam 3 libras de ferro. Os do forte responderam valentemente ao ataque, mas pouco damno causaram. Na manhã seguinte, depois que o coronel veio para a trincheira e que os nossos recommçaram o canhoneio logo ao raiar da aurora, os do forte, chamado pelos portuguezes S. Jorge, apresentaram uma bandeira branca e mandaram um capitão para parlamentar. Firmaram um accordo pelo qual sahiriam com as armas, sem estandartes nem morrões accesos, e, depois de feito um juramento de por 6 mezes não pegarem em armas contra os nossos, seriam postos do outro lado do rio e poderiam partir livremente para o interior. Sob taes condições, sahiram daquelle forte uns 80 a 90 homens, mas depois de sahirem não quizeram alguns fazer o juramento, de sorte que 40 foram desarmados e levados presos para a cidade de Olinda.

Os outros foram postos do outro lado do rio com as suas armas. O commandante desse forte era o capitão Antonio de Lima.

Na mesma occasião foi mandado um bote ao fortim, que fica do outro lado na ponta do Recife, para perguntar si a sua guarnição queria render-se sob as mesmas condições. Pediu esta um prazo de 3 dias para escrever ao governador Albuquerque, mas, como tal proposta fosse peremptoriamente recusada e não visse sahida alguma, cercada como estava, concordou finalmente na rendição pelas 5 horas da tarde, sendo removida dalli e transportada para a terra firme em numero de 50 homens, cujo commandante era Manuel Pacheco de Aguiar. No primeiro forte, S. Jorge, foram encontradas 24 peças de ferro, algumas que atiravam 10 e outras 5 libras de ferro, 1 peça de bronze, que atirava 8 libras, e cerca de 4.000 libras de polvora; no segundo 15 peças de bronze, marcadas com as armas de Portugal e algumas com as armas de Filippe II e III, sendo a maioria dellas de tamanho regular, uma colubrina que estava posta de lado por imprestavel, 14 barris de polvora, cada um de 120 libras, humida e estragada em parte e juntamente outras munições de guerra.

Aos 3 de Março, depois de se fazer uma publica acção de graças pela victoria que Deus concedera, foi mandado o tenente-coronel Steyn-Callenfels em exploração á ilha de Antonio Vaz, situada em frente á aldeia do Recife, da qual estava separada somente por um rio e onde havia um bello convento. Aquella ilha se estende para o sul até o rio Afogados, pelo qual fica separada da Varzea, e do lado de oeste está separada da terra firme pelo mesmo rio, que vem do interior do paiz. O tenente-coronel, chegando á ilha, não encontrou pessoa alguma, de modo que se apossou do convento sem travar combate. No mesmo dia, depois de se ter desembarçado o canal da entrada do porto, alguns navios e yachts lá penetraram e todos os batelões foram até o Recife, onde ha um logar excellent, não somente para desembarque, como tambem para por os navios em querena e os reparar.

No dia seguinte os 40 soldados presos, depois de prestar o juramento foram enviados para a terra firme. E no mesmo dia entrou o yacht *Phoenix* comboiando um navio que aprisionara, procedente da Bahia de Todos os Santos e carregado com 310 caixas de assucar, 10 caixas de tabaco e alguns barrizinhos de gengibre confeitado. No dia 5 uns 15 soldados da companhia do coronel, que tinham sabido a buscar algum gado no campo, foram atacados por 70 portuguezes e, ainda que se tivessem batido com valor e houvessem posto por terra 15 homens do inimigo, tiveram de voltar trazendo 4 mortos. A tarde partiu o capitão Daye com cerca de 100 homens. Os portuguezes procuraram illudil-o e attrahil-o a uma emboscada por meio de 40 bois que soltaram, mas elle, percebendo o plano, se acautelou e após uma seria escaramuça, pois o inimigo soffreu uma perda de 14 ou 15 homens mortos, voltou sem perda alguma. No outro dia foi despachado para a metropole afim de levar noticias do Brasil, o que até então não havia feito, o yacht *Brack*, que conduziu 31 caixas de assucar. No dia 9 foi aprisionado um pequeno navio do inimigo carregado de sal e peixe. A 10 a nossa gente guardou o dia, a fazer

preces para dar graças a Deus pelo que se havia passado e rogar-lhe a bênção e protecção no futuro.

Antes de descrevermos o que ali se passou posteriormente, será conveniente que digamos um pouco da situação e grandeza da Capitania de Pernambuco. É realmente uma das maiores que se encontram em todo o Brasil, pois se estende para o sul até o rio S. Francisco, pelo qual é separada da Capitania da Bahia de Todos os Santos, e para o norte até a Capitania de Itamaracá, contando entre esses limites cerca de 90 leguas ao longo da costa. O seu donatário no tempo da nossa chegada era Dom Duarte d'Albuquerque, residente em Portugal e casado com uma filha do Conde de Basto, e mandara para governar em seu nome o seu irmão Dom Mathias d'Albuquerque, homem de cerca de 36 annos de idade. Este desembarcara havia quatro mezes em PortoCalvo, com 70 soldados e viera para Olinda algum tempo antes do nosso ataque á cidade. Os portuguezes possuíam nesta Capitania 11 logares povoados, dos quaes o primeiro e mais importante era Olinda, situada a cerca de 8 grãos de latitude ao sul do equador. Essa cidade se achava bem collocada na costa do Atlantico e apresentava um bello e risonho aspecto do lado do mar. No ponto mais elevado da cidade ficava o convento dos Jesuitas, bello e bem edificado, dispondo de rendas importantes, muitos predios, terras e animaes por todo o interior do paiz; achando-se tambem sob o seu dominio a maior parte dos indios dessa região governados a seu bel prazer. Havia tambem na cidade um convento de Capuchinhos e perto da prata um grande convento de Dominicanos e um pouco acima deste o convento chamado de S. Bento, grande e bem edificado e mais acima destes um de freiras denominado *Nossa Senhora da Conceição*. Em todos esses conventos podiam existir pouco mais ou menos 130 ecclesiasticos. A matriz da cidade chamava-se *S. Salvador* e era muito bem construida. Uma segunda matriz se chamava *S. Pedro*. Perto dessas havia ainda uma igreja que se chamava *Misericórdia*, situada junto ao hospital, no meio da cidade, e um pouco mais abaixo havia ainda uma igreja de *Nossa Senhora do Amparo* e não longe havia outra chamada *Nossa Senhora de Guadalupe* e num alto monte junto á cidade a de *Nossa Senhora do Monte* e finalmente a tres ou quatro tiros de fusil para fóra da cidade havia uma pequena igreja chamada *S.^{to} Amaro*. A cidade tinha trincheiras do lado da praia desde S. Francisco até por traz de S. Bento, mas não as possuia do lado de terra. Os habitantes (exceptuando os padres e frades) elevavam-se, entre moços e velhos, a cerca de 2.000, entrando nesse numero tres companhias de burguezes de 120, de 100 e de 80 praças. Havia alli tambem ordinariamente 3 companhias de soldados, cada uma das quaes devia ter 100 praças e naquelle tempo mal contava 80. Entre os burguezes havia mais de 200 negociantes abastados, cujas fortunas eram avaliadas umas em 20, outras em 30 e algumas em 50 mil cruzados.

Ao sul da cidade, entre o rio Beberibe e o mar, estende-se uma estreita península, em cuja ponta está uma povoação chamada Recife, onde fazem o embarque e o desembarque de todas as mercadorias e onde habitava muita gente. Perto do meio dessa nesga de terra, que tem quasi uma legua de

extensão, do lado do mar, está o Poço, no qual grandes navios podem ancorar; pois tem ordinariamente 18 a 19 pés d'agua. Do outro lado do Poço, na ponta do Recife de pedra, (que se estende ao longo da costa do Brasil, com varias interrupções) estava um fortim ou torre redonda, construido, havia muitos annos, de pedra durissima, quasi dentro do mar, e, fazendo face a esse, na já citada nesga de terra ou península do Recife, havia outro a que os portuguezes chamavam S. Jorge. Em taes condições se achava Olinda, quando os nossos a tomaram, conforme já ficou descripto.

O segundo lugar povoado da Capitania era a villa de Iguarassú, situada junto ao littoral ao norte de Olinda, na distancia de 5 leguas, defronte da ilha de Itamaracá, da qual falaremos mais extensamente noutra occasião.

O terceiro era a povoação do Recife, de que já fallamos quando descrevemos Olinda.

O quarto era Muribeca, no interior, a 4 ou 5 leguas do Recife.

O quinto era S.^o Antonio do Cabo, a 7 ou 8 leguas ao sul do Recife, junto ao Cabo de S.^o Agostinho.

O sexto era S. Miguel de Ipojuca, a 10 leguas.

O setimo era a povoação de Serinhãem, a 15 leguas.

O oitavo era a de S. Gonçalo de Una, a 20 leguas.

O nono a povoação de Porto Calvo, a 25 leguas.

O decimo a ou villa da Alagoa do Norte, a cerca de 40 leguas.

O undecimo, Alagoa do Sul, estava a mais de 40 leguas do Recife.

Havia ainda outras povoações menores e as dos Indios, ás quaes chamam aldeias e sobre as quaes depois falaremos mais amplamente.

Alem disso, contavam-se na Capitania para mais de 70 engenhos de assucar (veremos depois qual o numero exacto), alguns dos quaes são tão grandes e têm tanta animação, que parecem villas pela quantidade de gente que alli habita.

Todos elles fabricam tanto assucar, que só dessa Capitania mandam annualmente para Portugal 80 ou 90 navios e barcas carregados desse genero e de pau brasil. Segundo affirmam muitas pessoas que alli residiram alguns annos, aconteceu num dia sahirem 40 navios do porto de Olinda, todos carregados de assucar, ficando ainda bastante nos armazens para carregar muitos outros, alem de grande quantidade nos engenhos. Era tal a abundancia d'aquelle producto que se não podia quasi embarcar, segundo affirmam pessoas fidedignas e competentes.

Torna-se necessario um grande numero de escravos para o serviço desses engenhos e para isso ha grande trafico annual entre o porto do Recife e os de Angola e de outras regiões da Africa. Pode ver-se nos registros que só de Angola, nos quatro annos de 1620 a 1623, foram despachados para Pernambuco 15.430 negros, do que o rei da Hespanha tirou grandes lucros.

As terras dessa Capitania são na maior parte boas, havendo montanhas pouco elevadas e bellas planicies, muito férteis e apropriadas á plantação da canna de assucar, cultivada alli em grande escala. Ha comtudo muitos logares montanhosos como Musurepe, Muribienc, Jaboatão, Ipojuca, onde a

canha cresce nas encostas e melhor do que em algumas planícies, pois encontra um terreno muito fértil que não perde facilmente a humidade. Nessa Capitania existe o pau-brasil em grande abundância e da melhor qualidade, como é sabido por todos os que têm prática do emprego dessa madeira colorante, que se encontra na maior parte das florestas e especialmente na chamada pelos portugueses — o *grande matto do Brasil*, situado a cerca de 16 leguas de Olinda. O principal centro desse commercio é S. Lourenço, um logarejo que omitimos na lista dos povoados. Essa Capitania tem também bellissimos campos apropriados para pastagens, onde se mantem uma grande quantidade de gado. Em summa, tanto pelos seus recursos e vantagens, como pela sua segurança, pode considerar-se a Capitania de Pernambuco como o paraíso do Brasil e tão boa como um reino.

Tendo falado, como de passagem, sobre a importancia e recursos da Capitania, proseguiremos agora na narração da expedição, que havíamos deixado a 10 de Março. Depois da conquista da cidade de Olinda e dos fortes vizinhos, Mathias de Albuquerque retirou-se para o engenho de assucar de Francisco Monteiro, a oeste, cerca de uma legua e meia da cidade, e alli construiu 3 ou 4 *reductos*, nos quaes montou 5 ou 6 peças de ferro, o que não tinha grande importancia, porque estava muito desprovido de munições e de toda a especie de artigos bellicos. Tinha elle consigo pelo menos 1.000 portuguezes, providos de mosquetes, arcabuzes e armas brancas, mas pouca pólvora e chumbo, e juntamente uns 3.000 indios que, armados de arco e flecha, faziam damnos occultos no matto e nas moitas. Poderia reunir mais gente, se dispuzesse de bastantes armas e munições. Teria sido conveniente e de grande vantagem, se o houvessem perseguido e fizessem dispersar a gente que se foi juntando alli aos poucos e a nossa victoria teria sem demora o fim desejado. Os nossos ficaram occupados com a fortificação da cidade, mas estavam bem informados da posição do inimigo e dos meios de o perseguir pois este estava acampado e se havia fortificado no sitio que os portuguezes d'ahi em e diante chamaram Arraial.

No dia 11 de Março chegaram ao Recife os 9 navios que faltavam da esquadra: *Oragnien*, *Wassende Maen*, *Tiger*, *Sonne-blom*, *Adam en Eva*, *Concordia*, *Ouden S.^a Jan*, *Diemen*, *Ouden Oragnie-Boom*. Com elles vieram 3 conselheiros politicos: Mr. *Jehan de Bruyne*, *Philips Serooskercken* e *Horacio Calandrini*, e juntamente o tenente-coronel *Alexander Seton* com 665 soldados, muitas peças, munições e petrechos bellicos. No dia seguinte desembarcou a gente e toda a força foi repartida por 3 regimentos. No dia 14 foi mandado o coronel *Steyn-Callenfels* com 600 homens para explorar a posição do inimigo e fazer por vingar a morte dos nossos, victimados pelo inimigo, e que os apanhou de surpresa entre o Recife e Olinda, quando colhiam laranjas e outros fructos refrigerantes.

Elle foi até perto de um lugar onde Albuquerque (segundo informação de 2 presos) estava com 2.000 homens e 2 canhões e tentou uma escaramuça com o inimigo, mas, como cahisse uma forte chuva, retirou-se depois de causar grande damno aos contrarios, havendo os nossos perdido 4 homens

mortos e 20 feridos. Trouxe os 2 citados prisioneiros, que affirmaram que o commandante do forte de S. Jorge, chamado Antonio de Lima, estava preso e o do fortim do mar fugira, sendo ambos accusados de se não haverem esforcado bastante na defesa das mesmas praças, e tambem que Albuquerque não queria ouvir falar em se dar quartel entre elle e nós, não querendo mesmo resgatar o seu proprio confessor, que era um capuchinho.

Segundo as ordens da metropole, foram os conselheiros politicos investidos pelos nossos no exercicio de seu cargo. Apresentou-se no dia seguinte uma força inimiga, a cavallo, do outro lado do Recife e do fortim situado abaixo da cidade e perto do mar, força que se retirou logo que do forte dispararam um tiro que acertou num cavalleiro.

No outro dia nomearam commissarios para os generos e munições e ficou resolvido deitar abaixo as arvores ao redor do convento e queimar as casas alli situadas, para se descortinar melhor ao longe e evitar que o inimigo fosse atacar os nossos ás escondidas, resoluções que trataram de por immediatamente em execução. Reuniu-se no dia 18o conselho para tratar das fortificações necessarias e achou de conveniencia fazer trincheiras no convento de Antonio Vaz, para evitar o ataque do inimigo do lado do continente, e construir uma fortificação, na península, com 4 baluartes, no lugar onde Albuquerque estivera antes e começara a fortificar-se, isto é, na entrada para o Pogo, em frente ao canal, de sorte que nenhum navio pudesse entrar contra a nossa vontade. O tenente-coronel Seton sahio da cidade com uma força em direcção ao monte, d'onde os portuguezes vinham diariamente espiar os nossos, afim de ver se era possivel fortifical-o, e poz fogo a algumas casas em que o inimigo vinha alojar-se á noite e que estavam muito perto do nosso nariz. O coronel foi no outro dia examinar o monte e apesar de ver que, se o inimigo fosse alojar-se alli e montasse algumas peças, poderia fazer grande damno ao convento dos Jesuitas e pol-o em ruinas, comtudo julgou que não tinha forças sufficientes para occupar tantos postos.

No dia 20 veio ter com os nossos um indio, desertor da ilha de Itamaracá, e deu-lhes informações bem regulares sobre a situação da ilha e do forte alli existente, como, por exemplo, que no forte situado em um lugar elevado havia 16 peças e 400 ou 500 homens. No dia seguinte o yacht *Phoenix* e outro trouxeram uma barca que fora capturada com 220 pipas de vinho, vinda da Madeira, e nesse mesmo dia foram mandados 300 marinheiros para o Recife, afim de cortar a madeira necessaria para a construcção do forte.

Fez-se á vela do Recife para Santa Helena, no dia 22, o vice-almirante Jost van Trappen, chamado Banckert, com o navio *Emilia*, como almiranta, o *Salvander*, como vice-almiranta, o *Neptunus*, como sota-almiranta, e mais o *Amsterdam*, o *Groeninghen*, o *Enchuysen*, o *Post-Paerdt* e o *Maen*, quasi todos navios grandes, dos quaes mais tarde ainda falaremos. Aos 23 do mesmo mez foi mandado o capitão Cornelis Cornelisz. Jol com a sua chalupa para a ilha de Antonio Vaz, afim de buscar agua doce, e, alli chegando, descobriu um grupo de portuguezes occupados em envenenar os poços e que fugiram ao avistar os nossos. Havendo alguns soldados bebido da agua imprudentemente,

morreram dous subitamente, podendo outros escapar com o auxilio de medicamentos. Entre os dias 24 e 25 os inimigos vieram muito ás escondidas até em baixo da cidade, mas, sendo presentidos por nossas sentinellas que deram alarme, retiraram-se sem tentar cousa alguma. No dia seguinte porem o General Loncq, vindo do Recife para a cidade com uma escolta de 50 homens, sob o commando do major Schutte, foi inesperadamente assaltado no caminho por uma força de portuguezes e indios e esteve em grande perigo, só se salvando a muito custo, perdendo entretanto 36 mortos e 5 ou 6 feridos e entre aquelles o pastor, Jacobus Martini. Aos 28 de Março partiu para o interior o capitão Berstet com cerca de 300 homens, duas horas antes do nascer do sol, com a intenção de cahir de improviso sobre os indios, que diariamente nos faziam grandes damnos e se escaparam pelo matto, tendo percebido a nossa tropa, que teve de voltar sem nada conseguir. D'ahi em diante, tornaram-se os indios cada dia mais ousados e no dia 3 de Abril vieram escaramuçar com os nossos quasi ao pé da igreja e das nossas trincheiras. No dia 5 chegaram dous navios da metropole, o *Maeght van Enchuyssen* e um navio fretado, *West-Vrieslandt*, carregados com munições e generos, e trouxeram 84 recrutas para o exercito.

No dia 13 foi mandado Dirck de Ruyter em exploração, juntamente com o capitão Craye, nos yachts *Vos* e *Oyepaer* a Itamaracá e á Parahyba e de lá voltaram dous dias depois.

No dia 18, quando uns 300 marinheiros estavam occupados em cortar madeira na ilha de Antonio Vaz, tendo comsigo alguns soldados para a sua defesa, o inimigo, que estava alli escondido, atacou-os com pouca gente, cerca das 8 horas da manhã, e retirou-se após ligeira escaramuça. Os nossos soldados, sem aguardar ordem dos superiores, juntamente com alguns marinheiros, perseguiram furiosamente o inimigo, cahindo assim na emboscada. Tinha o inimigo uns 800 homens, de modo que os nossos se sahiram mal, com perda de 45 soldados e 6 marinheiros, e teriam soffrido maior damno, se a nossa gente que estava em Antonio Vaz não acudisse, atacando-os e fazendo-os retirar para o bosque, onde não era prudente perseguil-os. No dia seguinte foi ordenado que se fizesse alli um reducto para proteger os carregadores d'agua.

No dia 20 chegaram da metropole o *Pinas* e o *Haesken* e no dia 24 o *Neptunus* e o *Æolus*, vindo nelles 70 soldados e o commandeur *Joannes van Walbeeck*. No dia seguinte o commandeur Dirck Symonsz. van Uytgeest, com os navios *Swol*, *Swaene*, como vice-capitanea, *Wapen van Hoorn*, como terceira capitanea, *Leeuw*, *Campen*, *Overijssel* e os yachts *Eenhoorn* e *Meerminne*, nos quaes havia 484 homens, foi fazer um cruzeiro pela Bahia. Nesse mesmo dia *Joannes van Walbeeck*, que havia sido enviado para outro fim, (o que por certo motivo exporemos mais tarde), entrou para o numero dos conselheiros politicos. No dia 5 de Maio, o General Loncq, depois que ajudou o Conselho a fazer todos os seus trabalhos e poz em boa ordem os navios em que devia partir para a patria, despediu-se do Conselho, do coronel e dos outros officiaes e seguiu para o seu navio. No mesmo dia o

commandeur *Dirck de Ruyter* se fez à vela com 6 navios, *Oragnien*, *Faem*, *Nassauw*, *Gele Sonne*, *Goude Leeuw*, *Tertholen* e 2 yachts, *Muyden* e *Otter*, nos quaes haviam embarcado 655 homens, sendo a sua róta para as Indias Occidentaes. Delles mais tarde nos occuparemos.

1 No dia 7 chegou o navio *Arca Noé*, da Camara de Amsterdam, e no dia seguinte o General *Loncq* partiu para a Republica com os navios *Amsterdam*, *Uytrecht*, *Hollandia*, *Munnickendam*, *Amersfoort*, *Provincie van Uytrecht*, *Zeeuws Galeon*, *Eendracht* e o yacht *Oyevaer*, a bordo dos quaes havia 599 homens. No mesmo dia o yacht *Swaluwe* capturou uma presa carregada com 160 pipas de vinho e outras mercadorias.

Os conselheiros politicos que após a partida do General concentravam em suas mãos toda a autoridade, resolveram no dia seguinte que o almirante *Pieter Adriaensz*. Ita seguisse com 10 navios para as Indias Occidentaes e procurasse hostilisar o inimigo da patria a bem da segurança nacional. Nos dias seguintes houve a pressa usual em apromptar os navios destinados á expedição. No dia 14 o almirante com o conselheiro politico *Servatius Carpentier* partiu do Recife para a cidade afim de se despedir dos conselheiros e dos chefes militares e, ao voltar no dia seguinte para o Recife com uma escolta de 90 soldados sob o commando do capitão *Daye*, succedeu, já fora do alcance do canhão do fortim situado abaixo da cidade, cahir um grande aguaceiro que molhou completamente as mechas e os mosquetes. O inimigo, que se postara de emboscada no outro lado do rio, percebendo isso, atacou de surpresa, a nossa gente, que se tomou de grande panico. O almirante e o capitão fizeram o possivel para a conter, porem os indios do inimigo atiraram as suas flechas e os nossos, que não podiam fazer uso dos mosquetes e não obedeceram mais ás ordens, fugiram sem olhar para traz.

O almirante correu alli extremo perigo, mantendo-se corajosamente, mas, vendo que sua gente cedia e que o inimigo se tornava muito forte, retirou-se outra vez para a cidade e maior teria sido o desastre, se o coronel e outros officiaes lhes não acudissem com a sua gente e não fizessem o inimigo retroceder. Os nossos perderam 30 homens e entre esses 2 tenentes, 4 commissarios de navios e um capellão. No dia seguinte o almirante seguiu num bote parao Recife. A 17 o governador *Wardenburgh* e o tenente coronel *Seton*, com 200 homens, foram até o logar onde haviam cahido mortos os nossos, mas não encontraram inimigo algum e somente viram algumas obras junto ao rio, que deviam ter sido feitas pelo inimigo para lhe facilitar a vinda por agua e para separar o Recife da cidade de Olinda.

No mesmo dia o almirante *Pieter Adriaensz*. Ita partiu do Recife com os navios *Graef Ernest*, *Tiger*, *Wassende Maen*, *Goude Sonne*, *Groen-Wijf*, *Pinas*, *Oragnie-Boom*, a grande chalupa ou fragata, nas quaes havia 545 homens, e um navio fretado, o *Aeolus*. Daremos mais tarde a narração dessa viagem e agora proseguiremos na descripção do que se passou no Brasil.

4 Permaneceram ainda no Recife 17 navios com 526 marinheiros.

Haviam ficado com os nossos na cidade 50 ou 60 negros, que se achou conveniente armar com arcos e flechas, espadas e piques. No dia 19 sahiram

os nossos mosqueteiros e foram para traz da igrejainha, onde o inimigo diariamente apparecia; queimaram as casas que havia ao redor e mataram a tiro uma pessoa importante do inimigo. No dia 24, ao amanhecer, o inimigo, forte de uns 1.500 homens, apresentou-se inesperadamente diante das trincheiras exteriores do Convento, na ilha de Antonio Vaz; as sentinellas apanhadas de surpresa fugiram e o inimigo, achando-se dentro das trincheiras, esforçou-se o mais possivel para tomar as casas e chegou a voltar as peças da bateria contra o Recife e a dismantelar um baluarte. Então a nossa gente, tendo-se armado, cahiu-lhe em cima com tanta coragem que o repelliu e o obrigou enfim a retirar-se, tendo-se tornado notavel a bravura de um caporal, que em uma casa estava de sentinella. Encontraram-se no fosso apenas 11 mortos, tendo o inimigo levado consigo os demais, entre os quaes um coronel, arrastando-os por meio de cordas. Avaliaram que tivesse soffrido o inimigo uma perda de 200 homens entre mortos e feridos, pois os canhões dos navios e dos fortes atiravam violentamente sobre elle ao retirar-se. Do nosso lado tivemos apenas um sargento morto e 25 feridos, entre os quaes o tenente-coronel Elft e o capitão de Vries. O caporal que offerecera tão grande resistencia foi galardoado e os que fugiram foram punidos. Houve ordem para se fazer paliçada nas trincheiras afim de impedir que o inimigo as escalasse. Nos dias seguintes os mosqueteiros sahiram a dar batida por varios lados, mas não o avistaram.

No dia 2 de Junho voltaram novamente á ilha de Antonio Vaz e arrastaram ás pressas algumas das nossas obras, mas tiveram de retirar-se.

Começara-se a construcção, havia alguns dias, do novo forte do Recife e, como o inimigo via perfeitamente quando os nossos remavam para lá, procurou impedil-o no dia 5, mas por meio dos canhões o obrigaram a desistir desse intento. Os indios do inimigo não deixavam de atravessar quasi todas as noites o rio Beberibe, para ir ao Recife afim de espionar, tanto quanto podiam, de longe as nossas obras. Na noite de 6, sendo postos em fuga do lado de fóra e vendo que os nossos eram apenas 30 homens, repelliram-n'os por seu turno e alli se conservaram até vir maior reforço. O governador para prevenir a reproducção desse facto mandou fazer uns caixões nos angulos das paliçadas fideadas na terra, pregar pranchas de ambos os lados e encher de terra o espaço entre estas, de maneira que alli poderia uma companhia manter-se e defender as obras sem perigo.

Aquelle forte, segundo a planta, é quadrangular, e as pontas dos bastiões estão distantes entre si 30 varas da Rhenania, sendo a proporção das faces 18, das espaldas 6 e das cortinas 27. Nesse dia trouxeram um pequeno navio, vindo de Sevilha com destino a Angola, carregado com 40 pipas e 3.300 vasilhas de vinho e 130 de aguardente e 60 caixas de azeitona. Nessa epoca houve temporal na costa e o navio *Decenter*, ao entrar no porto, sos-sobrou aos 12 de Junho e num espaço de 8 dias arrebutaram na praia uns 3 barcos.

No dia 16 á noite veio o inimigo de novo com muita gente assaltar o fortim situado ao sul da cidade e perto da praia. Alguns, tendo galgado o

parapeito, puzeram fogo na porta do forte e outros subiram para as baterias. Os nossos, devido á grande chuva, não podiam accender as mechas, contudo quatro se collocaram á frente da porta e resistiram tão bravamente com piques e outras armas que os do inimigo foram obrigados a retroceder. Abandonaram na fuga muitos saquinhos de pólvora, meias, sapatos e chapéus furados a bala e na retirada foram alvejados pelos canhões dos nossos de sorte que é de crer que tivessem muitos mortos e feridos. Os nossos mosqueteiros aventuravam-se quasi todas as noites, já ao amanhecer, a sahir da cidade, mas em parte alguma encontravam gente. Assim o inimigo tratou de nos evitar e ao mesmo tempo os indios (como se soube pelos desertores) se internaram pelo paiz e muitos moradores os acompanharam.

No 1º de Julho chegou o *Overijssel* e trouxe um navio que apresara na latitude de 14 graus ao sul da linha e no qual havia 280 negros, homens, mulheres e crianças. Sôbe-se no dia seguinte por um negro, vindo da Parahyba que alli haviam chegado de Portugal, 7 caravelas. No dia 3 o inimigo atravessou o rio em direcção ao Recife com uma numerosa força e, amontoando toda a madeira que com tanto trabalho os nossos haviam levado para alli, ateou-lhe fogo.

Na noite seguinte projectou fazer o mesmo com um telheiro de madeira, que fôra alli feito para a protecção dos trabalhadores, mas foi saudado por uma pequena peça, que sem demora o fez bater em retirada.

Nos dias seguintes fez muito mau tempo, borrasca e chuva, mas nem assim o inimigo deixou de fazer varios assaltos, tanto ao Recife como á ilha de Antonio Vaz, ainda que sem proveito algum.

No dia 17 á noite veio novamente o inimigo pelo rio e deu vigoroso ataque ao novo forte com bombas e outros meios, mas foi saudado de tal forma que teve de se retirar depressa deixando no campo um morto, percebendo-se, pelo sangue que se via no logar das obras e por toda a praia, que havia carregado consigo alguns outros. O Conselho via-se muito embaraçado com as negras que ultimamente haviam sido trazidas, não só porque, sem prestar serviço, consumiam viveres, como pela licenciosidade a que se entregavam os soldados, rasões pelas quaes resolveu no dia 22 mandal-as com os portuguezes, que as haviam trazido de Angola, para o interior e alli desembarcar-se dellas. Mas logo que 120 sahiram pela margem da ilha de Antonio Vaz, os indios do inimigo atacaram-n'as e mataram a um dos portuguezes que as acompanhava e a 5 ou 6 dessas pobres creaturas, de sorte que trataram de regressar para o forte com os filhos nos braços. Uma força nossa, que estava emboscada não muito longe d'alli, julgando que era o inimigo que se approximava, atirou sobre ellas, mettendo-as assim entre dous fogos. Apesar de tudo conseguiram entrar no nosso acampamento.

O governador Wardenburgh, achando que os mosquetes pelas continuas chuvas do inverno se tornavam inúteis, julgou conveniente formar uma companhia de fuzileiros com os dous regimentos que estavam na cidade. Viu-se nesse dia que varios dos nossos soldados francezes desertavam, como já haviam feito antes, e era por elles que o inimigo sabia da nossa situação.

No dia 1º de Agosto veio ter com os nossos um indio de Pau Amarello, por mar, numa jangada, o qual nos contou que haviam chegado a Itamaracá duas caravelas com munições e tambem chegara um capitão, que declarou que ainda vinham 20 navios com tropas. No dia 4 entraram no porto do Recife os navios *Gelderlandt* e *Bruyn-visch*, carregados com viveres e trazendo 56 soldados recrutas. De noite sahiu o tenente coronel Seton com um contingente de tropas e foi a um lugar entre a cidade e o Recife e alli demoliu e arrazou uma meia lua e o parapeito de pranchas que o inimigo construira, enchendo o espaço com terra para hostilisar os nossos comboios da cidade para o Recife.

No dia 6 pela manhã o inimigo voltou e apanhou as pranchas e outras cousas, que jaziam na praia, para reconstruir o seu parapeito, que havíamos destruido, mas, surgindo-lhe pela frente o nosso comboio, novamente, atravessou elle o rio, perseguido pelos nossos fuzileiros e foi rechassado para o matto, deixando no campo tres mortos e havendo os nossos arrasado a obra começada.

No dia 9 o mesmo indio a que me referi veio ter outra vez com os nossos e contou que uma tribu da sua nação estava disposta a vir juntar-se-lhes pedindo que mandassem um comboio ao Rio Dóce pela praia para os trazer, e ao mesmo tempo referiu que os indios estavam um tanto receiosos de vir, porque ainda se lembravam de que os haviam os nossos abandonado, ha annos, na Bahia da Traição, depois de haverem elles demonstrado por factos a inclinação pela nossa amizade.

No dia seguinte pela manhã partiu um comboio da cidade para o Recife com 250 homens e os do Recife vieram ao seu encontro com igual numero.

O inimigo (que parece ter sido advertido por algum traidor) estava de emboscada no outro lado do rio com uma força que se presumiu ser de 2.000 homens e começou uma escaramuça, mas os nossos fuzileiros atravessaram o rio, expellindo-o dos seus reductos e demolindo as suas obras. O grosso da força inimiga conservou-se escondido no bosque, de sorte que os nossos, durante cerca de duas horas sem interrupção, alvejavam os pontos donde sahia a fumaça e, se não fosse a enchente do rio, que crescera muito devido á tempestade no mar, os nossos teriam abandonado a luta. Mas, como cada vez o rio enchesse mais, tiveram de o atravessar e era mais que tempo, pois a maré subira tanto que a agua lhes dava pelo pescoco e alguns correram o risco de se afogar. Nessa peleja morreram apenas tres dos nossos e houve sete feridos. Quantos perdeu o inimigo não se soube ao certo, acreditando-se comtudo que não fossem poucos. No dia seguinte observaram os nossos que o inimigo proseguia nos trabalhos no lugar em que haviam sido demolidas as trincheiras.

No dia 15 chegaram os navios *Haes* de Hoorn e *Meerminne* de Amsterdam, nos quaes vieram 60 ou 70 soldados, alem de viveres e munições, do mesmo modo que no *Rotterdam*, no dia 17.

No dia 19, assim que pararam os trabalhos, toda a gente sahiu do Recife e de Antonio Vaz para ir buscar estacas, deixando apenas, como havia sido

feito nas noites passadas, as sentinellas collocadas de emboscada, as quaes apanharam os animaes de tres cavalleiros portuguezes, sobre os quaes atiraram, ficando dous estirados no chão. Com a chegada do verão começou a a fazer um tempo muito bonito e secco e os nossos consideraram que se podia dar outra direcção á campanha para chegar a um termo favoravel. Começaram portanto a demolir as casas vasiaas da cidade e a trazer os materiaes para o Recife afim de construir outras, pois se convenceram de que, não podendo fortificar nem occupar a cidade de Olinda, para o que precisariam de muita gente, convinha abandonal-a.

No dia 23 veio um negro que desertou do inimigo e informou aos nossos que o Governador Albuquerque tinha pouca gente consigo, pois a maior parte dos habitantes da cidade de Olinda se havia retirado, uns para a Bahia de Todos os Santos e outros para a Parahyba, que os indios que estavam com elle, não estavam dispostos a guerrear a nossa gente e que a unica esperanza que ainda nutriam era a da vinda de uma poderosa esquadra de Portugal. Os nossos tiveram a confirmação dessas noticias por varias cartas de portuguezes, que cahiram em suas mãos. Na noite de 23 para 24 partiram os fuzileiros com um grande numero de mesqueteiros para atravessar o Beberio do outro lado do Recife afim de saber que obras os portuguezes haviam feito alli, verificando que depois da ultima destruição de suas trincheiras nada tinham feito. Entretanto os nossos proseguiram na demolição das casas da cidade de Olinda, pelas razões já referidas. As varias opiniões sobre esse assumpto tinham sido discutidas por muito tempo na Hollanda, pois alguns militares tinham pessoalmente ou por cartas informado diversamente á Assembleia dos XIX, sendo uns de opinião que se podia muito bem fortificar a cidade e outros que não, e foi por isso que, em vez de abandonar a posição, se mantiveram nella mais do que convinha. Proseguindo na sua resolução, os nossos levaram no dia 28 para o Recife os sinos e algum ferro da Hespanha, que encontraram na cidade. No dia seguinte foram atiradas flechas com bilhetes para dentro da cidade, assim como para dentro do forte do Recife, assignados por um desertor francez, nos quaes exhortava os patricios, que eram da religião catholica romana, a abandonar os nossos e passar para os portuguezes. Havia-se suspeitado por algum tempo que um tal Adriaen Verdonek, mandado da metropole como commissario, entretivesse correspondencia secreta com o inimigo e lhe communicasse os projectos dos nossos de que tivesse conhecimento. Por esse motivo os militares o prenderam em 30 de Agosto e no dia 3 de Setembro o entregaram preso ao Conselho Politico, mas, como se não pudesse encontrar nada de claro na accusação, foi d'alli a pouco posto em liberdade.

No dia 4 o mencionado indio veio ter novamente com os nossos e declarou que muitos da sua tribu estavam dispostos a passar para elles, mas que eram impedidos pela grande vigilancia que o inimigo mantinha ao norte da cidade, e pediam portanto que repellissem e afastassem d'alli aquelle obstaculo para lhes facilitar a vinda.

No dia 6 á noite os fuzileiros foram outra vez fazer uma visita ás

fortificações, d'onde o inimigo vinha ordinariamente atacar os nossos comboios, e viram que elle fizera uma trincheira na margem do rio e uma meia luaum tanto mais afastada d'alli, para a sua retirada em caso de necessidade.

No dia 11 chegou o navio *Ter-Veere* da Zelandia com algumas provisões e no outro dia todo o Conselho Politico, que até então se conservara na cidade se passou para o Recife, onde estabeleceu a sua residencia. Entretanto por ordens rigorosas, escriptas da metropole e motivadas por más informações, como já foi dito antes, se annunciou a toque de caixas que ficava prohibido demolir qualquer casa da cidade. No dia 16 pela manhã, duas horas antes de nascer o sol, foram mandados dous tenentes-coroneis Eltz e Steyn Callenfels, com os fuzileiros da cidade e mais seis companhias de tropas, expressamente para fazer um reconhecimento na Varzea e seguiram ao longo da ilha de Antonio Vaz, mas viram que o inimigo se apercebera do nosso movimento e estava de guarda, razão pela qual não atravessaram o rio e voltaram sem nada poder fazer.

No dia seguinte foram mandadas duas chalupas a Pau Amarello, ao norte da cidade, para ir buscar os indios, de que já fallamos varias vezes, mas devido á agitação do mar não puderam dar desembarque e voltaram, tendo feito a viagem debalde. No outro dia foram enviadas quatro chalupas que, regressando á noite, trouxeram apenas cinco homens, tres mulheres e quatro creanças.

No dia 19 a nossa gente atravessou o rio e se dirigiu para a margem saliente, na terra firme, justamente defronte da aldeia do Recife, e, examinando-a cuidadosamente, verificou ser uma ilhota, de terra dura e coberta de matto miudo, de sorte que, se o inimigo alli fizesse uma fortificação, poderia causar grande mal ao Recife.

No dia 21 o inimigo veio até perto do nosso forte de Antonio Vaz com arcabuzes e compridos mosquetes e atirou impetuosamente de dentro das moitas, mas não causou mal nenhum. Por seu lado o nosso governador atravessou o rio no mesmo dia com uma força respeitavel e fez demolir na outra margem uma casa de grandes proporções que ficava defronte do nosso novo forte, no Recife, tendo havido algumas escaramuças com o inimigo, mas sem prejuizo para nenhum dos lados. No dia seguinte chegaram os navios *Delft* e *St Pieter* da Zelandia, trazendo viveres, outros recursos e 82 soldados.

No dia 23 foi resolvido unanimemente pelo Conselho mandar uma expedição á Varzea, pois era essa região que alimentava o Arrayal e, para executar essa resolução, foram nomeados o Major Foucke Honcks e outros officiaes, devendo acompanhal-os 400 homens. Seguiram no dia 25 pela manhã para o Recife e, como para atravessar o rio tinham de esperar muito tempo pela vasante, abandonaram o projecto e resolveram ir á tarde á casa branca, situada do outro lado do rio, defronte do novo forte construido pelos nossos e chamado *Bruyne*, em honra de Mr. John de Bruyne, que presidia naquella epoca o Conselho Politico. Foram para lá com cerca de 1.500 homens entre os quaes 250 marinheiros com o fim de cortar estacas para as nossas,

fortificações e, não encontrando o inimigo, queimaram a casa e trouxeram uma grande quantidade de estacas e continuaram a trazel-as nos dias seguintes.

No dia 29 chegou, tendo feito boa viagem, o navio *Haringh* de Amsterdam, carregado de todas as especies de viveres, e foi despachado o navio *Overijssel* para a metropole com 82 soldados doentes, para lá se restabelecerem.

No dia 1º de Outubro pela manhã partiram os nossos com numerosa força e atravessaram o rio, perto do forte de Bruyne, para a terra firme e, seguindo por um caminho, que alli acharam, até duas casas justamente por traz do forte situado em Antonio Vaz, onde o inimigo costumava estar dia e noite para espiar os trabalhadores do forte e hostilisal-os, demoliram-n'as completamente. O inimigo, percebendo isso, apresentou-se, mas foi atacado com tanto impeto pelas nossas tropas, que logo retrocedeu para o matto. Nessa retirada os nossos fuzileiros, que se haviam posto de emboscada, envolveram-n'o entre dous fogos e destroçaram-n'o, fazendo-o fugir na maior confusão, com a perda de 16 mortos, alguns dos quaes deviam ser pessoas de importancia, pois os nossos soldados encontraram nos despojos uma cadeia de ouro com uma cruz e outros objectos.

A' noite vieram dous negros que desertaram para o nosso lado e puderam de alguma sorte explicar a situação da fortificação inimiga no Arraial, assim como disseram que chegara um navio ao cabo de S^{to} Agostinho, com alguma tropa e munições, e alem desse dous pequenos navios com vinho.

No dia 2 houve preces geraes.

No dia 4 o inimigo appareceu com muita força no Monte Vermelho, junto a cidade, mas, logo que os nossos fuzileiros sahiram para lhe cortar a retirada, tratou de fugir, sem ousar esperal-os. No mesmo dia foi resolvido pelo Conselho dirigir uma proclamação ao governador Albuquerque e a todos os habitantes do Brasil, declarando: que os Estados Geraes e a Companhia sempre estiveram dispostos a fazer alliança com os habitantes do paiz e a manter com elles boas relações e commercio, sem lhes causar damno ou constrangimento algum nas suas consciencias; que, apezar de toda a hostilidade que lhes haviam feito, estavam ainda promptos a fazer a paz e, se rejeitassem as suas propostas de amizade, elles se veriam forçados a destruir a cidade e a empregar outros meios para os chamar á razão, protestando que não seriam culpados dos males que d'ahi proviessem.

No dia 7 o inimigo fez durante toda a noite grande algazarra, dando tiros e queimando fogos ao norte e ao sul da cidade, sem attentar mais cousa alguma.

No dia 9 o proprio governador Wardenburgh, com os fuzileiros e uma força de mosqueteiros, dirigiu-se ao monte para examinar o que fazia o inimigo, pois apparecia tão a miudo naquelle ponto, e, lá chegando, notou que haviam fechado com uma trincheira o caminho que se dirigia para o interior e viu perto d'alli uns 4 ou 5 homens, mas, como era um tanto longe e já se tornara tarde, não avançou mais e regressou para a cidade.

No dia 14 os nossos cortadores de estacas atravessaram o rio, do Recife para o outro lado, sob a protecção dos fusileiros e de 800 mosqueteiros, de sorte que os portuguezes os deixaram em paz.

Dous dias depois o governador com o presidente De Bruyne, o tenente-coronel Seton e 400 homens foi examinar o *Monte Vermelho* e, voltando de lá, tomou o caminho ao longo da praia. O inimigo que estava observando do matto, deu uma descarga que matou um criado, que ia perto do governador, e um soldado. No dia 22 pela manhã, antes de nascer o sol, o major Honcks partiu da cidade com 300 homens para garantir os cortadores de estacas, atravessando o rio cerca de meio dia. O inimigo, veio de manhã e procurou impedir o serviço dos trabalhadores, pelo que houve forte tiroteio, ficando mortos tres dos nossos e dous feridos. Os nossos aprisionaram um portuguez, que declarou ter vindo, havia tres mezes, de Portugal, tendo desembarcado juntamente com uma tropa de 100 homens no cabo de S.^{to} Agostinho. Assim os nossos ficaram sabendo que de vez em quando chegavam de Portugal reforços para o inimigo, que por isso tambem se tornava mais ousado e procurava hostilizar e apertar os nossos por todos os meios. O governador e o Conselho, tomando isso em consideração e procurando adiantar as suas obras para livrar de assaltos a ilha de Antonio Vaz, resolveram construir outro forte na mesma ilha e, perto das fortificações já feitas junto ao Convento, delinearão, iniciando as obras com urgencia, um forte de cinco pontas, ao qual deram o nome de *Frederick Henrich*, em honra ao illustre Principe de Orange.

O inimigo, tentando embaraçar as novas obras, veio outra vez á ilha no dia 29, munido de bombas, esperando expellir os nossos das fortificações começadas e arrazar o que já estava feito, mas os nossos, presentindó-o em tempo sahiram e o atacaram tão impetuosamente que o obrigaram a por-se em fuga, abandonando 19 mosquetes.

Apesar de tão mal succedidos, vieram os portuguezes novamente no dia 11 de Novembro atacar a nossa gente, que estava occupada em cortar estacas, mas os nossos fusileiros, que antes se haviam emboscado perto dali, lhes deram um assalto e os fizeram voltar depressa para o lugar donde tinham vindo, sem ter causado mal algum á nossa gente. Por todo esse tempo correram insistentes boatos, na maior parte espalhados pelos portuguezes, de que Dom Frederico de Toledo vinha com uma esquadra muito grande e poderosa para nos expulsar á força do Brasil.

Acreditando firmemente nelles ou não achando de bom conselho despresal-os completamente, apressaram-se os nossos em prover tudo em tempo para se manter no terreno conquistado, reforçaram as suas fortificações de forma sufficiente para resistir a um vigoroso ataque e prepararam tudo de tal maneira como se contassem ter de supportar um longo e estreito assedio.

O Conselho Politico era, ao contrario, de parecer que convinha de preferencia destroçar o acampamento de Albuquerque, convergir para isso todos os esforços antes que chegassem soccorros de gente, munições e viveres, ficando assim livres de um inimigo, em terra, tão visinho e tão ousado; mas

o conselho de guerra, deliberando juntamente com o governador, não approvou esse parecer, receando que assim se desperdigasse muita gente, que era conveniente conservar para quando viesse a grande esquadra, e alem disso julgava arriscada uma tal empresa e de exito incerto. E, considerando firmemente como um facto a vinda do inimigo com uma poderosa esquadra da Hespanha, trataram de se fortificar cada vez mais, reforçando melhor e provendo de mais elementos todos os logares por onde receavam o ataque. Conjecturando que, feito o desembarque, viriam primeiro sobre o novo forte situado no Recife, resolveram por em frente delle uma cortina com dous bastiões e uma meia lua com a frente para a cidade e sem demora dar execução a essas obras.

O inimigo, notando esse nosso receio, tambem se não descuidava e, avisado por alguém, que traçoeiramente lhe communicava antecipadamente as nossas expedições, de que uma força sahiria no dia 28 para ir cortar e trazer estacas para as novas fortificações, preparou uma grande tropa e cahiu de improviso sobre os nossos, que deixaram alli tres mortos e ficaram em apuros, porque, devido a uma grande chuva, as mechas se apagaram e as que estavam ainda accesas mal podiam servir. O inimigo perdeu tambem cinco ou seis homens e cada um carregou comsigo os seus.

No fim do mez foi capturada e trazida para o porto uma pequena presa com sal e ferro, que ia para a Parahyba.

No dia 5 de Dezembro trouxeram um navio carregado com 250 caixas de assucar que o conselheiro politico Walbeeck tinha capturado num rio, onde estavam ainda outros, que o proprio inimigo tinha arrebetado na praia para que os nossos se não aproveitassem delles.

No mesmo dia o inimigo atacou outra vez o novo forte, mas foi repellido com tanta bravura pelos nossos, que teve grande numero de mortos, os quaes levou comsigo. Tres dias depois disso, no dia de N. S. da Conceição, o inimigo assaltou a cidade de Olinda com horrivel impeto, atirando bombas em varios pontos; mas, achando todas as sentinellas vigilantes e a nossa gente prevenida, não poude arrancar a paliçada e voltou sem realisar o seu intento. Os nossos perderam uma pequena peça de bronze carregada com metralha, perda que foi compensada, pois acharam pela manhã muitas bombas espalhadas por todos os lados e tambem algumas mechas ensanguentadas.

Para dar melhor direcção aos negocios maritimos os conselheiros nomearam almirante na costa do Brasil o seu collega Joannes van Walbeeck, habil maritimo, que já antes mostrara a sua bravura. Este, tendo sido informado de que se podia desembarcar na visinhança do cabo de S. Agostinho e apanhar uma porção de gado bovino nas pastagens adjacentes, resolveu tirar uma prova disso e, tendo apromptado 6 navios e nelles embarcado 600 soldados, partiu no dia 15, mas, chegando ao logar indicado, achou que o mar era alli impetuoso, de sorte que seria muito arriscado desembarcar em botes e impossivel trazer de lá qualquer cousa e nessa convicção abandonou o projecto e voltou no mesmo dia.

A noticia de que aprestavam em Portugal uma esquadra para a mandar

à Bahia e, segundo todas as apparencias, levar tropas e demais recursos a Albuquerque moveu os Directores na Hollanda a pensar seriamente nos soccorros para a sua gente no Brasil e a preparar em tempo uma esquadra não só para reforçar os compatriotas que já estavam na costa, mas também para hostilizar o inimigo. Nomearam para General da mesma o bravo Adriaen Jansz. Pater e para almirante Marten Thijsz. A esquadra compunha-se dos seguintes navios e yachts: Prins Wilhelm, 500 lastos, 26 canhões de bronze e 20 de ferro, 150 marinheiros e 150 soldados; Provincie van Uytrecht, 300 lastos, 8 canhões de bronze e 30 de ferro, 115 marinheiros e 147 soldados, capitão Dingen Jansz.; Vereenighde Provincien, 400 lastos, 22 canhões de bronze e 28 de ferro, 159 marinheiros e 136 soldados, capitão Marten Thijsz.; Walcheren, 280 lastos, 12 canhões de bronze e 22 de ferro, 85 marinheiros e 166 soldados, capitão Jan Mast; Oragnie-Boom, 200 lastos, 34 canhões, 100 marinheiros e 50 soldados, capitão Bernardt Leendertsz.; Mercurius, 200 lastos, 6 canhões de bronze e 20 de ferro, 68 marinheiros e 51 soldados, capitão Frans Jansz. Root; Vriessche Jagher, 150 lastos, 6 canhões de bronze e 18 de ferro, 66 marinheiros e 32 soldados, capitão Claes Hendricksz.; Oliphant, 120 lastos, 2 canhões de bronze e 28 de ferro, 62 marinheiros e 73 soldados, capitão Jan Gerritsz.; Amersfoort, 200 lastos, 8 canhões de bronze e 20 de ferro, 55 soldados e 47 marinheiros, capitão Dirck Claesz. Haen; Oudt Vlissinghen, 150 lastos, 4 canhões de bronze e 17 de ferro, 95 homens, capitão Isaac Rijcken; Domburgh, 130 lastos, 10 canhões de bronze e 18 de ferro, 83 homens, capitão Jonathan de Necker; Katte, 90 lastos, 2 canhões de bronze e 18 de ferro, 47 homens, capitão Hillebrant Claesz.; Sout-Bergh, 60 lastos, 4 canhões de ferro, 15 marinheiros, capitão Dirck Cornelisz.; Jager, 80 lastos, 2 canhões de bronze e 16 de ferro, 65 homens, capitão Bartolomeus Nonte; Windthondt, 80 lastos, 12 canhões de ferro, 52 homens, capitão Claes Hendricksz.; Ouwerkerck, 60 lastos, 2 canhões de bronze e 16 de ferro, 61 marinheiros, capitão Pieter Hartman; bem como de alguns yachts menores e varios navios que haviam sido fretados para levar todos os recursos precisos e prover bem as praças conquistadas. Esses navios foram mandados seguir logo que se apromptaram, sem esperarem uns pelos outros, de modo que o almirante Marten Thijsz. chegou ao Brasil no dia 18 de Dezembro com o Geunieerde Provincien e o Oliphant.

No dia 22 partiram do Brasil no navio Swarte Leuw o tenente coronel Elts e o commandeur Dirck Symonsz. van Uytgeest por estarem gravemente doentes e não houve mais noticias do navio, que deve ter naufragado, sendo a perda desses dous bravos muito para lamentar, pois prestaram grandes serviços á patria e á Companhia.

No dia 25 ao amanhecer o almirante Marten Thijsz. partiu do Recife com quatro navios para cruzar ao longo da costa do Brasil em busca dos navios do inimigo. No dia seguinte surgiu no porto do Recife o Moorinne, que viera da costa e queimara em Porto Calvo um navio portuguez, novo, tendo-se apoderado na praia de cinco caixas de assucar. Havendo descripto até agora tudo que aconteceu este anno na Capitania de Pernambuco e nas suas visinhanças,

tanto no mar como em terra, narraremos em seguida o que as varias esquadras realisaram no mar no corrente anno.

No dia 22 de Março, como já ficou dito, o vice-almirante Joost van Trappen, appellidado Banckert, partiu de Pernambuco com os navios sob o seu commando, tendo recebido ordem de navegar para a ilha de S.^{ta} Helena e estacionar algum tempo alli, afim de esperar a chegada das caravelas, que ao voltarem das Indias Orientaes para Portugal têm o habito de se ir refrescar naquella ilha, a ver se podia apoderar-se das mesmas e trazel-as para a Republica. O vice-almirante esforcou-se para ganhar o mais possivel o sul, afim de alcançar com maior facilidade a dita ilha. Tomou o rumo, a principio, direito ao sul, descahindo pouco a pouco para leste, até que finalmente no dia 24 de Abril se achou na latitude de 27 grãos e 22 minutos ao sul da linha equinocial e, calculando estar pouco mais ou menos na mesma longitude daquella ilha, navegou d'ahi em diante na direcção de leste quarta a nordeste com um vento de oeste e noroeste e, depois de entrar novamente no tropico com o vento sudeste, achou-se no dia 3 de Maio na latitude de 16 grãos ao sul da linha, alli marcando a bussola 3 grãos nordeste. No dia seguinte avistaram a ilha de S.^{ta} Helena, calculando estar ainda a 10 leguas de distancia, e ancoraram ás 5 horas da tarde a noroeste. Ella está situada segundo calcularam, a 16 graus ao sul da linha e 3 graus e 26 minutos de longitude leste. Depois de ancorados, o almirante e o conselho da esquadra prohibiram que fosse algum aos pomares colher fructos ou damnificar as arvores e ao mesmo tempo mandaram alguns homens colher laranjas, limões e outros fructos e reunil-os afim de os repartir igualmente por todos os navios. Chegando á terra, não encontraram fructo algum, mas viram um cabrito com as quatro pernas amarradas, que se achava junto a uma arvore e havia comido todas as plantas que pudera alcançar ao redor, pelo que suppuzeram haver gente na ilha ou ter estado recentemente, se bem que durante todo o tempo em que lá se demoraram não tivessem visto ninguem. Estiveram fundeados em 80 braças d'agua a um tiro de mosquete de terra, ficando alguns navios ainda mais perto. Apanharam diariamente muitos cabritos e porcos com algum trabalho, por causa dos altos montes e escarpados rochedos, mas apesar disso pelos seus diarios fica provado que durante a sua estada mataram uns vinte e cinco mil cabritos e porcos.

A ilha é alta, em parte bella e fertil, tem perdizes, pombos e faisões e nos rochedos uma enorme quantidade de gaivotas que não fogem das pessoas e podem ser mortos a pauladas, sendo os ovos gostosos e nutritivos. Tendo estacionado alli até o ultimo de Agosto sem ver navio algum, esgotado o praso marcado para esperar e abastecidos de agua, que corre da montanha até o mar, e de lenha, suspenderam ancora nesse mesmo dia e fizeram-se á vela com um vento sudeste fraco, tomando o rumo de noroeste. No dia seguinte tiveram um vento sul-sudeste. No dia 7, contrariamente ao calculo de bordo, foram dar direito sobre a ilha da Ascensão, á cerca de 7 graus e 14 minutos, tendo femado a partir de S.^{ta} Helena o rumo noroeste um terço ao norte. Navegaram a oeste da ilha e viram nesse lado uma praia de

areia e acharam que ella se estendia de sudeste a noroeste. Continuaram a navegar para noroeste e noroeste quarta ao norte com um vento de sudeste. No dia 13 de setembro atravessaram novamente a linha equinocial e navegaram como rumo de noroeste e depois com o de nor-noroeste com o vento do sul e bom tempo; tiveram algumas vezes o vento oeste e sudoeste e outras vezes completamente variavel. No dia 22 estavam a 11 gráus e 8 minutos ao norte da linha e tomaram o rumo algumas vezes de norte quarta a nordeste e outras de norte quarta a noroeste. Acharam-se no dia 24 a 13 gráus e 27 minutos de latitude.

No dia 7 de outubro estavam a 29 graus e 18 minutos e começaram a ver a planta pelos hespanhoes chamada sargago. Para não occupar por mais tempo o leitor com a descripção dessa infructuosa viagem diremos que os navios chegaram á Republica aos 28 e 29 de Outubro com cerca de dous mezes de viagem de S.^{ta} Helena.

Já dissemos antes que o commandeur Dirék Symonsz. van Uytgeest foi mandado no dia 22 de Abril deste anno, com 8 navios, para a Bahia de Todos os Santos. Os navios eram os seguintes: *Swol*, no qual ia o commandeur, *Overijssel*, *Campen*, *Eenhoorn*, *Swaen*, que era vice-almiranta, *Leeuw*, *Meermin* e uma balandra.

No dia seguinte tinham o cabo Santo Agostinho cerca de 5 leguas a oeste. Depois foram arrastados para o norte e mais tarde, a 7 de Maio, chegaram a 4 graus e 44 minutos ao sul da linha. Começaram novamente a ganhar o sul e aos 17 de Maio avistaram a costa da Bahia a cerca de 6 leguas a oeste quarta a noroeste. Ficaram cruzando alli e no dia 19 tinham o morro de S. Paulo a noroeste a umas 5 leguas de distancia e chegaram algumas vezes a estar em frente da barra da Bahia. Nesse interim deram caça a varios navios mas não puderam alcançal-os. No ultimo de Maio entraram na Bahia e viram um novo fortim situado perto de S.^{to} Antonio, o qual lhes fez fogo. No porto, junto a cidade de S. Salvador, se contavam 7 ou 8 navios, mas, como estivessem vasios e bem defendidos, os nossos nada tentaram contra elles e tiveram de voltar e ancorar á tarde cerca de um terço de legua de S.^{to} Antonio.

Ficaram alli até o dia 2 de Junho e então se fizeram ao mar e continuaram a cruzar por alli entre a Bahia e o morro de S. Paulo para buscar agua e outros refrescos. Chegaram no dia seguinte ao rio e ancoraram a 6 braças d'agua em um bom fundo, encheram as chalupas e botes com alguns mosqueteiros, tomaram de improviso tres pequenas barcas, que nada tinham de importancia a não ser um pouco de farinha, e desembarcaram junto ás primeiras casas que estão a cerca de meia legua do cabo e para dentro do rio; obtiveram alli alguns frangos, perús e outras provisões e levaram-n'os para as chalupas. Ao retirarem-se, os indios atiraram-lhes umas flechas, de dentro do matto, mas não acertaram. Foram depois á nau do commandeur, para lhe referir o que viram e dirigiram-se outra vez ao rio depois de meio dia com todas as chalupas e botes muito bem guarnecidos e, tendo navegado um terço de legua pelo rio acima, chegaram junto a um convento

situado em um cabo elevado. Encontraram nesse ponto um navio novo de cerca de 150 lastos, que não estava acabado, faltando ainda o cordame e os mastros. Desembarcaram e obtiveram ahi uma caixa de assucar e outros refrescos e, vendo que nada mais conseguiam, incendiaram o navio e voltaram para bordo da esquadra.

No dia 8 os navios foram mais para perto do rio afim de proceder á limpeza e trouxeram para bordo um indio que lhes prometteu obter refrescos, o que realmente fez no dia seguinte, com auxilio das tres barquinhas, que, para isso conseguirem dos respectivos donos, os nossos haviam poupado. Fizeram-se á vela no dia 12 de Junho e, como o commandeur Dirck Symonsz. estivesse doente durante toda a viagem, voltou a Pernambuco no seu navio em busca de melhoras. Os navios restantes ficaram cruzando entre 13 e 14 graus ao sul da linha. No dia 22 o *Overijssel* capturou a 2 leguas ao norte da ilha Paesch-avondt (Vespera de Paschoa) um navio vindo de Angola, trazendo 280 negros e levou-os para Pernambuco, onde chegou no dia 1 de Julho. Os outros navios surgiram no Recife em 20 de Agosto sem mais incidentes.

Já mencionamos antes que o commandeur Dirck de Ruyter foi mandado de Pernambuco com 6 navios no dia 5 de Maio para as Antilhas. Fizeram uma viagem tão rapida que no dia 20 do mesmo mez avistaram a ilha do Passaro e no dia seguinte ancoraram junto a S. Vicente, uma das Antilhas. Refrescaram alli até o ultimo do mesmo mez e fizeram-se novamente á vela. No dia 2 de Junho avistaram a ilha Margarida, passando ao largo, e ancoraram junto á ilha Branca, onde pararam até o dia 5, tomando então o rumo de Hispaniola, junto á qual fundearam no dia 12 de Junho, por traz da ilha de Vacca; mas partiram d'alli em pouco tempo para a enseada que fica por traz do cabo Tiburon, onde se reuniram ao almirante Pieter Adriaensz., collocando-se sob o seu commando. O almirante, como já dissemos, partiu de Pernambuco com os seus navios no dia 17 de Maio para as Antilhas e, como a sua expedição foi planejada e resolvida pelo Conselho Politico do Brasil após a partida do General Loncq e um pouco antes da nomeação do commandeur Dirck de Ruyter, mandou adiante o navio *Goude Sonne* a Tabago para ver como ia a colonia estabelecida naquella ilha e d'alli á de Vacca, junto a Hispaniola, para prevenir o commandeur Dirck de Ruyter da sua chegada e dar-lhe ordem de esperar a sua esquadra. No dia 2 de Junho, ao chegar o almirante com toda a esquadra a 12 graus e 60 minutos de latitude ao norte do equador, reuniram-se todos os pilotos para verificar o ponto em que se encontravam e, segundo todos os calculos, acharam estar a umas 130 leguas a leste de Barbados. Isto refiro especialmente para fazer notar a incerteza de taes calculos, pois no dia 4 de Junho avistaram, quando menos esperavam, a mesma ilha á distancia de quatro ou cinco leguas e haviam gasto 15 dias de Pernambuco ás Antilhas. Dahi se deve concluir que os navios, como que por encanto e fora da presumpção dos pilotos, são desviados pela corrente, que os illude nos calculos e tomadas de pontos.

O almirante tinha a intenção de ancorar na ilha para saber dos outros

navios que o haviam precedido, mas, como a noite já estivesse adiantada e se haviam de cançar toda a noite cruzando alli, mudou de idéia e encarregou somente o yacht *Oragnie-Boom* desse serviço, devendo navegar pela manhã para Barbados e ir reunir-se depois á esquadra na ilha de S. Vicente. No dia seguinte, cerca do meio dia, avistaram S. Vicente, onde ancoraram á tarde na bahia chamada de S^o Antonio. Os selvagens que habitavam a ilha trouxeram a bordo uma carta do commandeur Dirck de Ruyter, dizendo que estivera naquella porto no dia 21 de Maio e referindo que o *Walcheren* e o *Witte Leeuw* haviam partido no dia 26 de Novembro do anno passado, que o yacht *Armuyden* se fizera á vela no dia 13 de Março e que elle proprio partira no dia 30 de Maio para a ilha Branca e d'alli tinha a intenção de navegar para a ilha de Vacca. No dia 6 ao meio dia voltou o yacht *Oragnie-Boom* para junto da esquadra; fallara com o governador inglez em Barbados e soubera por elle que o almirante Pater estivera alli em Novembro do anno passado. Informou tambem que na mesma ilha habitavam uns 3.900 inglezes, inclusive 40 mulheres, e que se ocupavam no plantio do tabaco, não estando agora, em consequencia da pequena colheita de mandioca, bem providos de viveres, mas esperavam qualquer dia soccorros da Inglaterra.

Como vinham diariamente muitos navios á ilha de S. Vicente, havia escassez de gallinhas e os gentios só quériam vendel-as muito caro, de sorte que a nossa gente apenas conseguiu um pouco de bananas e pacovas, o que não constituia sufficiente aprovisionamento. O almirante, achando não ser conveniente demorar-se alli, partiu no dia 8 de Junho, depois de fazer provisão de agua e lenha. Chegando fora da bahia, avistou duas velas que falaram para o *Wassende Mane* e eram os yachts *Vos* e *Ouwerkerck*. Quando o almirante se achava ao sul da ilha, chegou o yacht *Phoenix*, cujo capitão veio ter com aquelle e o informou de que os tres yachts mandados de Pernambuco para cruzar em frente á Parahyba, onde se mantiveram por 10 dias e de onde, devido ao mau tempo, depois de cada um perder uma ancora e a respectiva amarra, foram arrastados para o norte, não podendo mais alcançar aquelle porto se dirigiram para alli. O almirante ordenou ao capitão do *Phoenix* que se juntasse á esquadra e avisou aos outros dous com um tiro para que fizessem o mesmo, apezar do que elles foram ancorar dentro da bahia. A esquadra tomou o rumo de sudeste quarta de oeste e oeste-sudeste para a ilha Branca, a qual avistou no dia 10 e ancorou ao meio dia a 6 bracas em um fundo pedregoso. Foram mandados immediatamente alguns homens a terra para caçar cabritos, mas muito poucos apanharam, porque os animaes, devido ás continuas visitas de navios se haviam tornado muito ariscos e tambem diminuido em numero. Encontraram perto da praia um poste com um aviso que dizia haver o commandeur De Ruyter partido d'alli no dia 7 de Junho. No dia seguinte foram outra vez a caça e apanharam cerca de 150 cabritos e repartiram-n'os pela esquadra. Collocaram nesse ponto, como aviso aos navios que estivessem a procura-os, um escripto em que diziam o dia da partida e que navegavam para a ilha de Vacca, e á tarde se fizeram novamente á vela, tomando rumo de noroeste. No dia 14 avistaram as ilhotas

situadas abaixo de Hispaniola e d'ahi tomaram o rumo ao longo da costa para a ilha de Vacca, a qual avistaram no dia seguinte antes de meio dia, ancorando a essa hora. Lá encontraram o *Goude Sonne* que chegara no dia 13. O capitão deste fez saber ao almirante que, devido á escuridão e por estar o navio meio desarvorado, não poudo voltar á ilha de Tabago; que, chegando aqui encontrara ainda o commandeur De Ruyter, ao qual entregara a carta do almirante; que o dito commandeur partira deixando-lhe uma carta em que se desculpava por não esperar a vinda do almirante, em vista das ordens que recebera do General Loncq para se juntar á esquadra do almirante Adrian Jansz. Pater, e que este recentemente se fizera á vela para o cabo Tiburon na extremidade oeste da ilha Hispaniola. O almirante Pieter Adriaensz., percebendo pela carta que o commandeur não estava satisfeito de se juntar á sua esquadra e receando que essa separação pudesse prejudicar o serviço da Companhia, mandou-lhe incontinenti o yacht *Phoenix* com ordem expressa de o esperar. No dia 16 de Junho trataram com grande pressa de fazer provisão de agua e lenha e uma parte da gente de cada navio foi a terra buscar laranjas e outros viveres e trouxe uma grande quantidade de limas. (fructo um pouco menor do que o limão) e um porco bravo, não tendo podido achar outras provisões. A fragata hespanhola, que se estava afundando pela grande quantidade d'agua que fazia, foi mandada para junto da praia para ser calafetada, porque o almirante não queria reconhecer a sua incapacidade para navegar. No dia seguinte estiveram ainda occupados e a grande chalupa foi mandada á enseada mais proxima para procurar refrescos. No dia 18 entrou no porto o navio *Zeelandia*, vice-almiranta da esquadra do commandeur Jan Gijsbertsz. Boon-eter. Contou que havia dous mezes se fizera á vela, da Republica, para acompanhar o seu commandeur, com 5 navios e um yacht, e que, chegando á ilha Barbados, soube que elle partira d'ahi sem que lhe pudessem dizer para onde, e que portanto se apressara em vir juntar-se-lhe, se bem que tivesse ordem de seguir a esquadra do almirante Pater. Ouvira dizer na ilha de Barbados que o dito almirante Pater tomara no Orenoco a pequena cidade de S. Thomé, a qual, assim como a Trindade, deixara occupada por 500 homens, o que era um duplo erro. Os dous yachts *Vos* e *Ouwerkerck* não puderam desempenhar a sua commissão. Como este navio quebrara o mastro em caminho e precisava de um dia ou dous para fazer reparos, foi despachado o *Oragnie-Boom* para informar o commandeur De Ruyter a respeito da demora do almirante. Depois do meio dia a fragata ficou esgotada e calafetada e a grande chalupa trouxe mais 6.000 limas, não tendo encontrado laranjas.

No dia 19 de Junho o almirante partiu da bahia, que fica por traz da ilha de Vacca e a que dera o nome de Bahia da Companhia, para o cabo Tiburon, deixando ainda lá o *Goude Son*, o *Tiger*, o *Groenwijf* e a *Fragata*, que deviam seguil-o dias depois com o *Zeelandia*, e tendo ordenado que deixassem cartas tanto na ilha como na bahia, pelas quaes o commandeur Boon-eter ou outros navios pudessem saber onde encontrar a esquadra. A ilha de Vacca, de que já temos fallado algumas vezes, é situada a 18 graus e 45 minutos de latitude

norte e tem cerca de uma legua de comprimento e um terço de legua de largura; estende-se na maior parte de leste a oeste; tem margens escarpadas e alguns montes com picos. Ha ao redor muitas ilhotas e baixios que se prolongam até meio caminho de Hispaniola; desse lado se encontram muitas vacas marinhas e tartarugas no tempo proprio de as apanhar. Do lado noroeste estão dous rochedos brancos com a forma de castellos e na distancia de duas leguas ou um pouco mais a bahia Bella, onde ha 5 ou 6 braças d'agua sobre um fundo de lama. Em frente está um rio e ahi se podem obter agua e lenha, assim como grande quantidade de limas. Para entrar no porto devem ter-se em vista os dous rochedos e tambem um banco de 5 1/2 a 6 braças d'agua. Na ilha grande se acham muitos fructos e animaes, sendo assim um lugar esplendido para refrescar. No dia 20 de Junho depois do meio dia chegou o almirante ao fundeadouro em frente ao cabo Tiburon e alli encontrou o commandeur Direk de Ruyter com os seus navios e juntamente o yacht *Hart*, cujo capitão veio a bordo da almiranta e contou que cumprindo as suas ordens navegara para Santiago de Cuba, julgando que o almirante Pater se apoderara d'aquella cidade, mas encontrou um pequeno navio inglez que vinha da Tortuga, que fica por traz da Hispaniola, do qual soube que o almirante Pater partira pelas *Caicos* para a Republica, sem que tentasse cousa alguma contra Santiago. Informado disso, quiz ir á ilha de Vacca para avisar ao commandeur Boon-eter, mas, sabendo no cabo Tiburon pela gente do yacht *Muyden* da chegada do commandeur De Ruyter, parou alli.

No dia seguinte o almirante foi do seu navio ao *Fame* e o commandeur De Ruyter, depois de ficar melhor informado, collocou-se sob suas ordens. No dia 22 de Junho vieram da ilha de Vacca os restantes navios e juntamente o *Zulphen*, que capturara no dia 16 de Maio um navio carregado com 323 caixas de assucar, 523 couros e 27 caixas de tabaco. Estando assim reunidos esses navios, todos os capitães formaram um conselho e reconheceram como seu chefe ao almirante Pieter Adriaensz. e fizeram-lhe o juramento de fidelidade, depois do que os mesmos elegeram para o seu conselho secreto: Direk de Ruyter, como almirante interino, Pieter Jansz. Domburg, commandante do *Zeelandia* e sota-almirante interino, Auke Douwes, commandante do *Fame*, capitão Jacob Theunisz. do *Goude Leeuw*, de Mosa; Frederick Landtman, do *Groenwijf*, da Hollanda Septentrional, e Cracht Freecksz., do *Nassauw*, de Groninga. Depois foi resolvido dar liberdade ao navio capturado e repartir o espolio por todos os navios.

No dia 24 chegou ainda o *Pegasus* de Groninga, o qual partira do Texel no dia 18 de Fevereiro ultimo e, conforme lhe fora ordenado, cruzara até meados de Maio pelas ilhas dos Açores, sem que houvesse feito presas. Enquanto ainda se achavam alli e se preparavam para partir, a sentinella que estava em terra, postada junto ao bosque, avistou um hespanhol e matou o cão que o acompanhava, mas não poudo apanhar aquelle, pelo que o almirante ficou muito apprehensivo, visto como, tendo sido aqui descoberta a nossa esquadra, os hespanhões poderiam mandar avisos para todos os logares, por meio de pequenas barcas, da presença de nossos navios.

No dia 28 o yacht *Pegasus* foi mandado á ilha de Vacca, para cruzar oito dias e communicar por parte do almirante ao commandeur Boon-eter o rumo que aquelle ia seguir, e o almirante fez-se á vela com a sua esquadra, tomando o rumo de noroeste para as Caymans, estando o mar sereno e soprando o vento norte. No dia seguinte os yachts *Phoenix*, *Otter* e a *Fragata* tiveram ordem de ir adiante da esquadra uma legua e meia, um dos quaes exactamente em frente e os outros dous aos lados, para melhor descobrirem as velas que fossem chegando. No dia 2 de Junho ao meio dia se achavam a 19 graus e 37 minutos de latitude.

Avistaram a Cayman mais oriental a cerca de 4 leguas a noroeste. Esta ilha e o cabo da Cruz na ilha de Cuba estão situados a 27 leguas um do outro a oeste quarta a sudoeste e leste quarta a nordeste, conforme affirma o diario dessa esquadra.

Aquelles tres navios foram mandados na frente para ancorar alli e apanhar tartarugas durante a noite, para isso não sendo necessario ir toda a esquadra. No dia seguinte antes do meio dia fundeou a esquadra no porto e achou algumas tartarugas que haviam sido apanhadas. Reunindo-se o conselho, foi resolvido seguir no dia immediato para o cabo de S^o Antonio e depois para a Mesa ou Rio de Porcos e cruzar alli para apanhar os navios que fossem para Havana, tendo-se ordenado um dia de preces em toda a esquadra. As Caymans são duas ilhotas baixas, pelo que se não podem avistar a 4 ou 5 leguas. A mais oriental é toda escarpada na extremidade leste, com um cabo pedregoso e ao lado um bom ancoradouro. Estende-se na direcção oeste sudoeste por cerca de tres leguas. O extremo occidental é uma ponta baixa, atraz da qual se pode fundear a 6, 7 e 10 braças d'agua, de sorte que é facil perder alli um cabo e a ancora. A segunda está situada a cerca de duas leguas a nor-noroeste e tem a forma de um triangulo. Os que quizerem navegar para o cabo leste dessa ilha devem fazer rumo para um recife, que está situado a um tiro de colubrina que parta do mesmo cabo; tendo-o passado, devem navegar para o cabo noroeste e fundear junto a uma praia de areia.

De Maio a Outubro vão alli saborosas tartarugas e põem os ovos na areia, os quaes, devido ao calor em dez dias estão incubados. Ha maior quantidade de tartarugas na ilha occidental e tantas que em uma noite se podem apanhar mil ou duas mil, algumas tão grandes que constituem alimento sufficiente para 20 ou 30 individuos e têm o sabor de carne de vitella. Tambem apparecem muitos caymães, dos quaes as ilhas tomaram o nome. Ha muitas aves marinhas e bem gostosas. As ilhas são constituídas apenas de cascalho e rochedos, sem agua nem fructos.

No dia 4 de Julho partiram para a ilha occidental. Nos dias 5 e 6 tomaram o rumo noroeste quarta a oeste, avistando á tarde a ilha de Pinos, na costa sul de Cuba, a 5 leguas ao norte quarta de nordeste, e tomaram então o rumo oeste noroeste ao longo da costa, achando pelo seu calculo haver entre a pequena Cayman e a ilha de Pinos 40 leguas a noroeste quarta a oeste. No dia seguinte o almirante deu nova organização á esquadra, dispondo-a em 7 divisões. A 1^a compunha-se do *Fame*, almiranta, com o

Thertholen, o *Otter* e a grande chalupa; a 2ª do *Oragnien*, como vice-almiranta, do *Geele Sonne* e do *Phoenix*; a 3ª do *Zeelandia*, como sota-almiranta, do *Pinas* e do *yacht Hart*; a 4ª do *Zulphen*, do *Tiger* e do *yacht Muyden*; a 5ª do *Nassauw*, do *Gulde Sonne* e da *Fragata*; a 6ª do *Groen-wijf*, do *Graef Ernest* e do *yacht Oragnien-Boom*; a 7ª do *Goude Leeuw* e do *Wassende Mane*. Estabeleceu as seguintes regras no caso de terem de lutar com uma grande esquadra do inimigo, como a da Terra Firme ou a da Nova Hispania: deviam occupar-se apenas com os grandes navios inimigos e não dar caça aos pequenos antes de se apoderar dos grandes; o navio que avistasse o inimigo á noite devia avisar os outros por meio de fogos e não dar abordagem antes do signal do almirante; cada um devia fazer bôa mira antes de disparar e ter de promptidão a gente para esse serviço; conservar á mão agua e baldes contra o incendio; collocar os mosqueteiros nos logares mais convenientes; —assim determinou tudo o mais que pudesse servir para causar damno ao inimigo e para a defesa e conservação dos nossos navios. O almirante estabeleceu um premio, tanto para os que avistassem primeiro a esquadra do inimigo, como para os que lhe arreassem as bandeiras. A' noite foi mandado o *Otter* com a grande chalupa e a chalupa a remo do *Zeelandia* para o cabo de S.^{to} Antonio afim de surprehender os barcos do inimigo que estivessem alli de vigia. No dia 8 de Julho estavam perto do cabo de Corrientes e encontraram um flibusteiro inglez com o seu navio e yacht e juntamente um pequeno navio hespanhol que apresara. Souberam pelos hespanhoes prisioneiros que D. Frederico partira com 80 navios de Havana para a Hespanha no dia 14 de Junho ultimo e fizera voltar apenas 8 galeões para passar o inverno em Cartagena. Tivera noticia, antes de partir, da tomada de Olinda. No dia seguinte á noite avistaram o cabo S.^{to} Antonio e, como não encontrassem alli o *Otter* e a chalupa, o almirante mandou o yacht *Hart* procural-os. No dia 10 á tarde avistaram os Orgãos a leste quarta a sudeste e houve calmaria. Voltaram no dia seguinte á tarde o *Otter* e a chalupa. No dia 12 estavam a 24 graus de latitude e reinou calmaria. No dia 14 viram a 9 ou 10 leguas a sudeste a Corôa, na ilha de Cuba. No dia seguinte á tarde avistaram dous navios e dispararam alguns tiros de canhão, pois era de suspeitar que fossom hespanhoes, e tomaram o rumo da costa afim de lhes cortar o caminho para Havana, mas, como o vento soprasse do sul, tiveram de voltar. Ao anoitecer a gente da almiranta viu que daquelle lado havia um grande clarão e calculou que fosse um navio incendiado. No dia 16 o almirante com a maior parte da esquadra esteve defronte de Havana, bem proximo de terra, pelo que houve alli grande alarme e dos fortes atiraram violentamente contra os nossos navios, sem todavia lhes fazer damno. Estavam surtos no porto nessa occasião apenas 6 ou 7 navios pequenos. Os nossos se mantiveram por um momento ao longo da costa e depois se fizeram ao mar e viram perfeitamente o inimigo marchar para um certo fortim construido havia pouco tempo a uma legua a oeste da cidade. Ao meio dia avistaram uma vela que vinha do mar para terra, deram-lhe caça immediatamente e ella passou adiante dos nossos, encalhou na costa e foi incendiada pelos

proprios hespanhóes. A gente do *Pinas* e do *Hart* dirigiu-se para lá em botes, afim de apagar o fogo, mas foi em vão. Tambem alguns hespanhoes foram á beira da praia para ver se podiam dar auxilio ao navio e atiraram violentamente contra os nossos. Essa embarcação estava carregada de couros, indigo e alguma cochonilha. A tarde foi o commandante do *Phoenix* a bordo da almiranta e contou que dera caça na antevespera a dous barcos, que não poudes apanhar por serem muito veleiros, e pela tarde se aproximara de um navio grande em cujo mastareo do velacho tremulava uma bandeira, montado com 16 ou 17 canhões e guarnecido com 50 ou 60 homens, o qual após longo combate pegara fogo devido ao bombardeio, recolhendo-se a tripolação a duas fragatas sahidas de Havana, navio que suspeitavam fosse de Honduras. Ao por do sol viram novamente da esquadra uma vela a leste quarta a sudeste, pelo que o almirante resolveu distribuir os seus navios, alguns a leste, outros para a frente e o resto a oeste de Havana, afim de cortar o caminho aos navios inimigos que chegassem. O proprio almirante achou-se no dia seguinte em frente a Havana, seguindo a pista de duas barcas que perseguira durante a noite e foram logo cercadas pelas suas chalupas; mas, como estas estivessem muito perto de terra para que elle pudesse ir até lá com o seu navio, seguiu para o norte a juntar-se aos mais navios. A sota-almiranta tambem deu caça a um navio que correu para a costa e o yacht *Otter* perseguiu duas pequenas velas que se escaparam no rio dos Porcos.

O vice-almirante incendiou um navio hespanhol que estava junto á costa, a leste de Havana, e trazia um lastro de calamina. Mantiveram-se por alli e no dia 20 de Julho mandaram o yacht *Otter* para a costa das Tortugas afim de que vigiasse a esquadra da Nova Hispania e os barcos avisos que viessem. Os restantes navios fluctuaram em arvore secca por alguns dias, um dos quaes foi destinado a preces. No dia 29 chegaram á esquadra o *Blaeuwe Leeuw*, o *Edam*, o yacht *Haentjen* e o *Pegasus*, os quaes partiram da ilha de Vacca, sem ter noticia alguma sobre o commandeur Boon-eter. No dia 1.º de Agosto o almirante ordenou que cada navio trouxesse a lista dos tripolantes, pela qual se verificou que havia na esquadra 1.888 homens entre os quaes 237 soldados.

No dia 3 chegou o yacht *Diemen*, que fora arrastado de Pernambuco pela corrente e pela tempestade e voltava para a Republica pelas Antilhas.

Chegou igualmente o commandante Jochim Gijsen, que com o seu navio *Dolphijn*, passando alem de S.^{ta} Martha, se perdera da esquadra do almirante Pater, tendo ido dar abaixo da Jamaica por estar o navio em más condições para navegar, e, devido a um máu calculo dos pilotos, dera á costa na ilha maior das Caymans. Parou naquella ilha com a sua gente durante seis semanas e nesse tempo construiu com as taboas do navio naufragado um yacht, ao qual deu o nome de *Caymão*. Viera no mesmo yacht com 122 homens e alguns viveres na esperanza de encontrar aqui alguns dos nossos navios ou no caso contrario navegar para a Virginia e trouxera 4 canhões de bronze e 2 de ferro, tendo occultado na ilha os canhões restantes. Resolveram

destruir esse yacht *Caymão* e repartir a gente pela esquadra. O almirante fez todo o possível nos dias seguintes por avançar para oeste e deixou apenas dous yachts *Diemen* e *Hart* cruzando perto de Havana.

No dia 6 á tarde viram a arder perto da costa um navio que fôra perseguido pela grande chalupa em uma enseada que fica a cerca de cinco leguas de Havana e onde os proprios hespanhões o incendiaram. Os nossos se dirigiram no emtanto para lá, onde ficaram duas horas, e haviam quasi apagado o fogo, mas, não vendo meio algum de o retirar d'alli, deixaram-n'o acabar de arder e só trouxeram algumas cartas, pelas quaes souberam, que o navio vinha de Campeche carregado de páu campeche e salsaparrilha. Continuaram a cruzar entre a Corôa e a barra de Havana até o dia 15 de Agosto e, como não vissem mais navio algum, resolveram voltar ao cabo S^{to} Antonio e, depois de se abastecer d'agua, seguir para o cabo de Corrientes, cruzar entre a ilha de Pinos e aquelle cabo e vigiar a esquadra da Terra Firme e os navios que deviam vir da Hespanha para a Nova Hispania. O navio *Groen-wijf* teve ordem de ficar junto ao cabo de S^{to} Antonio para aguardar os yachts *Diemen* e *Hart* e impedir que qualquer barco-aviso mandado pelos de Havana fosse prevenir á esquadra e navios que aquelles estavam a chegar. Teve ordem de cruzar alli até o dia 22 de Agosto. No dia 17 chegou finalmente o commandeur Jan Gijsbertsz. Boon-eter com o seu navio *Prins Hendrick*; partira de Vlissingen no dia 1^o de Maio deste anno naquelle navio de 500 lastos, 16 canhões de bronze e 24 de ferro, 125 marinheiros e 75 soldados, juntamente com o *Zeelandia*, 330 lastos, 12 canhões de bronze e 22 ferro e 137 homens, no qual ia como vice-commandeur Pieter Jansz. Domburgh.

Um pouco antes haviam partido do Texel o navio *Zutphen*, 250 lastos, 14 canhões de bronze e 22 de ferro, 84 marinheiros e 63 soldados, o yacht *Pegasus* e ainda mais cedo o *Blaeuwe Leeuw*, o *Hart*, o *Edam* e o *Haenljen*, ao todo 20 vasos entre navios e yachts, que eram destinados a levar soccorros ao almirante Pater, pois não esperavam que elle voltasse tão depressa. A descripção da viagem desse commandeur virá depois. Continuemos agora a descrever a do almirante. Tendo partido, com a esquadra, para o cabo de S.^{to} Antonio, surgiu no dia 18 cerca de uma legua da costa e enviou os yachts *Phoenix* e *Otter* ao cabo de Corrientes para que alli cruzassem e exercessem vigilancia. Depois da esquadra fazer aguada, o almirante dirigiu-se com a esquadra para o mesmo cabo e nesse entretanto os pequenos navios e yachts, que haviam sido mandados em varias direcções para vigiar os navios hespanhcos, começaram a chegar e a prevenir em tempo ao almirante.

O yacht *Otter* foi o primeiro a chegar no dia 30 de Agosto com um navio-zinho, que capturara, carregado de cacau, e que seguia com destino a Nova Hispania, navio que os nossos soltaram por não conhecerem a utilidade d'aquella fructa. No principio de Setembro deixaram o porto porque o fundo junto ao cabo é pessimo e todos os dias tinham prejuizos em ancoras e amarras. Deixaram alli somente o *Otter* e *Oragnie-Boom* para andarem cruzando até a ilha de Pinos, indo os outros navios cruzar perto d'alli até o

dia 13 de Setembro. Como o almirante visse que a estação já estava adiantada e não havia noticia de uma esquadra hespanhola, não era mais capturado um só navio e calculasse bem a quantidade dos viveres existentes a bordo, convocou o conselho secreto, o qual reflectindo sobre tudo deliberou: que a esquadra seguisse pelo canal de Bahama para o Oceano, que o almirante com os seus navios, cujos viveres se estavam esgotando, partisse para a Republica e que o commandeur Boon-eter voltasse para as Antilhas, em cumprimento de sua missão.

Ficaram detidos por alguns dias pela calmaria e só no dia 20 alcançaram a latitude das Martyres. No dia 25, estando a 28 gráus de latitude, o commandeur separou-se do almirante com os navios *Prins Hendrick*, *Zeelandia*, *Zutphen*, *Blaeuwe Leeuw*, *Edam*, *Pegasus* e os yachts *Hart* e *Haentjen*. Foram com o almirante para a Republica os seguintes: *Fame*, *Oragnien*, *Nassauw*, *Tertholen*, *Goude Leeuw*, *Groen-wijf*, *Goude Sonne*, *Geele Sonne*, *Pinas*, *Graef Ernest*, *Tiger*, *Wassende Maen*, *Otter*, *Phoenix*, *Oragnie-Boom*, *Muyden* e *Diemen*. Todos esses navios chegaram no mez de Novembro á Republica e aos portos donde haviam sahido sem praticar feito algum digno de nota e sem encontrar navios do inimigo. Damos agora em seguida um resumo da viagem dos outros navios.

O commandeur Jan Gijsbert Boon-eter foi nomeado no fim do anno passado para navegar directamente para as Antilhas com uma esquadra de 8 navios, procurar o almirante Pater, reforçar a sua esquadra e juntar-se a este, pois suspeitavam e receavam que por falta de viveres (como realmente acontecera havia muito tempo) tivesse elle de voltar. A'quelle almirante haviam sido dadas instrucções sobre varios projectos naquella região e a Companhia previa bem que elle as não podia ter ainda postó em execução, pelo qual motivo a esquadra de Boon-eter ia extraordinariamente provida de viveres, munições e todas as especies de artigos bellicos para os fornecer aos navios que delles tivessem falta. Os navios do commandeur iam tripolados e artilhados da maneira seguinte: *Prins Hendrick* e *Zeelandia*, já mencionados antes; *Zutphen*, 250 lastos, 14 canhões de bronze e 22 de ferro, 84 marinheiros e 63 soldados, capitão Miewes Cornelisz.; *Blaeuwe Leeuw*, 120 lastos, 6 canhões de bronze e 20 de ferro, 106 marinheiros e 38 soldados, capitão Jan Luytsz.; *Edam* ou *Bul*, 170 lastos, 4 canhões de bronze e 12 de ferro, 80 marinheiros e 44 soldados, capitão Benjamin Dircksz.; *Pegasus*, 90 lastos, 4 canhões de bronze e 14 de ferro, 55 marinheiros e 32 soldados, capitão Albert Herve; *Hart*, 70 lastos, 2 canhões de bronze e 12 de ferro, 44 homens, capitão Hendrick Worst.; *Haentjen*, 40 lastos, 12 colubrinhas e 33 homens, capitão Rens-Cornelisz. Esses navios não foram juntos. Alguns partiram no mez de Fevereiro, outros em Abril e o proprio commandeur no 1º de Maio e assim se reuniram lentamente e, como já contamos, se juntaram finalmente á esquadra do almirante Pieter Adriaensz., sem que realizassem nada de especial. Como ouvissem em caminho que a esquadra de Pater, para cujo reforço foram mandados, partira para a Republica e que o almirante Pieter Adriaensz. estava por alli, apressaram-se em juntar-se a este. Foi apenas

capturado pelo *Zutphen*, ao chegar às Antilhas, um navio hespanhol carregado com 323 caixas de assucar, 523 couros e 27 caixas de tabaco, como já foi referido.

Depois que o commandeur Boon-eter se separou do almirante Pieter Adriaensz. no dia 27 de Setembro, na latitude de 28 ou 29 gráus ao norte da linha, foi seguindo para o norte até o ultimo do mesmo mez e, achando-se a 32 graus e 36 minutos de latitude, tomou d'ahi em diante o rumo de leste até o dia 6 de Outubro, verificando então achar-se a 31 gráus e 6 minutos de latitude. Vendo que avançara um pouco para o sul, continuou a navegar com rumo de leste sudeste até o dia 10 e depois sudeste até o dia 19 e, como se achasse a 23 gráus e 11 minutos de latitude, tomou o rumo na maior parte para o sul até o ultimo do mesmo mez e tudo lhe correu tão bem que no dia 1º de Novembro estava a 16 graus e 49 minutos de latitude. Havendo chegado no dia 4 a 13 gráus e 10 minutos, navegou direito para oeste, afim de não deixar de ir a Barbados, e algumas vezes oeste quarta a sudoeste, á mercê da corrente, de sorte que no dia 8 de Novembro ancorou naquella ilha. Narramos isso mais minuciosamente porque antigamente se considerava perigoso, mesmo quasi impossivel, vir do canal de Bahama para as Antilhas, o que foi tentado e conseguido antes pelos nossos, mas com muitas fadigas e perigos, e no emtanto essa esquadra praticou tal façanha em 48 dias sem contrariedade alguma. O commandeur partiu para S. Vicente, uma das Antilhas, e depois de parar ahi até o dia 27 de Novembro, abastecidos os seus navios de agua e lenha e refrescos, fez-se á vela para a ilha Branca, onde surgiu no dia 29, ahi apanhando uma grande quantidade de cabritos.

No dia 3 de Dezembro partiram os navios *Zutphen*, *Edam* e *Hart* para o norte, afim de cruzar entre as ilhas Mona e Saõne, e o commandeur com os outros navios partiu no dia 7 para a costa da America do Sul e manteve-se ao norte de Bonayre, Curacão e Aruba e no dia 12 avistou o Cabo de la Vela, achando-se no dia seguinte muito perto d'elle. Mas fazia tão mau tempo com ventanias e chuvas que não havia logar para se manter alli com tão grandes navios, pelo que o commandeur resolveu tomar o rumo para a ilha de Hispaniola, a qual avistou no dia 18 a 17 graus e 10 minutos de latitude. No dia seguinte descahio um tanto a leste da ilha de Vacca, mas veio a fundear á meia noite e com o luar junto áquella ilhota. No outro dia entraram no porto os grandes navios e ficaram postados os yachts na ponta da ilha para vigiar os navios que passassem. Deixemos aqui essa esquadra até o anno proximo vindouro.

Como, em consequencia da expedição de Pernambuco, abandonamos por tanto tempo o almirante Pater, vamos afinal narrar o que por elle foi realisado neste anno.

No anno passado, no ultimo dia do mez de Dezembro, deixamol-o em Punta del Gallo na ilha de Trinidad. Tinha o projecto de tomar a cidadezinha da ilha onde habitam os hespanhoes. Fez o possivel por se approximar da mesma bordejando, mas o vento e o mau tempo durante 7 ou 8 dias o impediram de a alcançar. Nesse interim tendo cahido muita gente doente na sua

esquadra e prevendo que o inimigo, tendo-o avistado ha muito tempo, houvesse preparado grande resistencia, não achou conveniente perder mais tempo e resolveu navegar para fora por entre as Boccas.

No dia 8 de Jneiro deste anno, devido á corrente que desviara muito os navios, não puderam sahir, fundeando em 13 braças d'agua, mas no dia seguinte ao meio dia navegaram pelo canal do meio e d'ahi em diante tomaram o rumo de noroeste quarta a oeste, tendo de se conservar á capa durante toda a noite por causa de forte ventania.

No dia 10 navegaram para sudoeste quarta a oeste, ao meio dia viram que estavam a 11 graus e 52 minutos de latitude e á tarde avistaram cinco ilhotas, uma dellas um pouco maior do que as outras e calcularam que fossem algumas das sete ilhotas situadas a oeste da ilha Margarida, de sorte que colheram as velas e toda a noite estiveram apenas com a vela de mezena. No dia seguinte pela manhã avistaram a ilha Branca a sudeste, a cerca de 4 leguas, e diligenciaram alcançal-a bordejando, o que conseguiram á tarde e alli fundearam. Demoraram-se 4 dias desembarcando diariamente para caçar e apanharam nesse tempo uns 2.000 cabritos, alli se refrescando a gente perfeitamente.

Fizeram-se á vela no dia 16 á tarde e navegaram com um vento de leste para o sul quarta a sudeste. No dia seguinte perto do meio dia avistaram a sudoeste quarta a oeste a ilha da Tortuga, ao meio dia viram que estavam a 11 gráus e 40 minutos de latitude e ancoraram á tarde junto á mesma ilha. Fizeram-se á vela com um vento de leste, no dia 18, tomando a principio o rumo noroeste quarta a oeste e depois oeste-sudoeste e ainda com dia avistaram a sudoeste as terras altas de Caracas. No dia seguinte, navegando a noroeste avistaram a nordeste a ilha de Roccha e pelo calculo do meio dia acharam que a latitude era de 11 gráus e 24 minutos; viram depois a ilha das Aves, para onde navegaram até 3 horas da tarde com o rumo oeste-noroeste, e então tomaram novamente o rumo de noroeste e uma hora antes do pôr do sol avistaram a ilha de Bonayre a cerca de 6 leguas a noroeste, ancorando junto á mesma no dia 20 depois do meio dia em 4 braças d'agua e em fundo de lama. No dia seguinte o commandeur foi á terra com todos os soldados e dirigiu-se para o povoado dos hespanhoes que viviam nessa ilha, não encontrando pessoa alguma, mas de dois capitães de navios que se afastaram da tropa um foi morto e outro ferido gravemente pelos hespanhoes. O commandeur em represalia mandou incendiar e destruir todas as habitações. Quando os nossos voltaram para os navios, os hespanhoes e os indigenas seguiram-n'os, mas, não sendo bastante fortes ou não ousando atacar a nossa tropa, puzeram fogo a toda a relva secca (que alli estava bem crescida) com a esperanza de os asphyxiar. Foi uma astucia perigosa, pois causou um violento fogo com espessa fumaça, mas os nossos souberam evitar o perigo caminhando pelo bosque e assim nada soffrendo. No dia 24 levantaram ferro e navegaram ao longo da costa oeste da ilha e depois tomaram o rumo de noroeste, soprando um vento de sudeste, e no outro dia e nos seguintes puderam navegar para nordeste quarta ao norte.

No dia 27 a cerca de 10 horas antes do meio dia começaram a ver a ilha de S. João de Porto Rico, cuja ponta occidental, segundo seu calculo, estava a 10 leguas ao norte quarta a noroeste, e ao meio dia obtiveram a latitude de 7 graus. Navegaram até a tarde para o norte e colheram todas as velas de traquete e de artimão para o norte afim de evitar o recife: á noite, ao acabar o primeiro quarto, viram a terra bem distinctamente e tomaram então o rumo do sul e colheram a vela do traquete para que ficassem bem garantidos contra o recife, pois o mesmo se estende por tres leguas no mar. No dia 28 foram encorporados á esquadra em Mona o *Witte Leeuw*, o *Griffoen*, o *Witte Swaen* e o *Sphæra Mundi* de Dordrecht, o ultimo dos quaes se juntara aos outros depois da partida do commandeur. Passou-se este ultimo outra vez para o *Witte Leeuw* e os soldados foram reconduzidos para os navios em que estavam antes.

Mantiveram-se ainda alli cruzando dous dias e no ultimo dia do mesmo mez tomaram o rumo para oeste e ao meio dia avistaram Saona a cerca de 4 leguas ao norte quarta de nordeste. No dia 1º de Fevereiro pela tarde viram a ilha Beata com os rochedos adjacentes. No dia 4 pela manhã começaram a avistar a ilha de Vacca e ancoraram á tarde na ponta occidental da mesma a quatro e meia braças d'agua; apanharam alguns animaes de que precisavam e foram depois fundear por traz da mesma junto á grande ilha Hispaniola, onde se abasteceram d'agua e lenha e obtiveram grande quantidade de pequenos limões para refresco da gente.

O commandeur dirigiu-se no dia 11 a todos os navios e tomou conhecimento dos viveres que ainda restavam e achou que calculando uns pelos outros a esquadra tinha ainda provisão para quatro mezes. Nas instruções que lhe deram os Snrs. Directores foi tambem indicada a cidade de S.^{ta} Martha, situada no continente da America entre o Rio de la Hacha e Cartagena, o que fizeram por varias razões, que propositalmente occultamos, mas especialmente porque lhes caíra nas mãos certa carta de Dom Jeronymo de Quero, governador da mesma praça, escripta ao rei da Hespanha a 22 de Julho do anno de 1626, carta em que elle expunha claramente a situação da praça e dava a conhecer as suas necessidades.

A carta traduzida do hespanhol dizia o seguinte:

Esta costa do mar se estende de oeste para leste, tendo o mar ao norte e terra ao sul. O porto é uma bahia com a forma de uma meia lua. Para o lado de leste a ponta termina num rochedo quebrado, chamado Taganga, e para o lado de oeste ha outro semelhante, chamado Lipar, e um dista do outro uma meia legua hespanhola escassa. No meio está situada uma ilhota, á qual chamam El Morro, de forma redonda, constituida de rochedos quebrados e absolutamente inacessivel. Essa ilhota serve de protecção ao porto, podendo os navios ancorar ahi livres da agitação do mar. Na ponta leste, Taganga, está situado sobre um rochedo um pequeno reducto, que serve de posto de vigia e onde fazem guarda dia e noite tres soldados, os quaes, avistando algumas velas no mar, dão logo aviso aos da cidade com um tiro de arcabuz de ferro e de forquilha, que é lá mantido para

esse fim. A cidade está situada ao centro da bahia em uma planicie quasi ao nivel do mar. Ahi está collocadoo castello, chamado S. Juan de Maltha, muito pequeno, quadrangular, com 4 pequenas contra-escarpas, que o protegem um pouco. Tem nos quatro lados, na base da muralha, 100 pés geometricos e em cima 90 e a muralha tem de altura uns 30 pés no maximo. Existem nelle quatro canhões de bronze, tres dos quaes de calibre mediano, de 4.300 ou 4.400 libras de peso e capazes de atirar 13 libras de ferro, pesando o quarto 3.600 libras e atirando 5 libras de ferro. Ha ainda duas pequenas peças de ferro, que atiram balas de duas libras. A sua guarnição consiste, alem do commandante, em 7 soldados e um artilheiro, exigua para tal praça e contra um inimigo de alguma importancia. Temos grande falta de munições e não ha aqui possibilidade de as obter, pois, estando o governador de Cartagena receioso de algum ataque do inimigo, não pode cedel-as. Os habitantes desta cidade tem-se empobrecido por grande quantidade de processos e abandonarão a praça se não houver providencias. Entretanto esta praça é de muito grande importancia, estando situada a barlavento de Cartagena, Puerto Bello, S. Domingo e Jamaica e especialmente da foz do Rio Grande de Magdalena, que está situada apenas a 10 leguas d'aqui. Todo o commercio do Novo Reino de Granada e Quito é feito por aquelle rio e todas as mercadorias sobem e descem pelo mesmo e assim o inimigo poderia fazer d'aqui grande damno a esse trafico, pois este porto pode abrigar muitos navios, etc. O governador pedia munições e que o numero de soldados fosse augmentado para 30, devendo o pagamento destes ser feito pelos de Cartagena e montando os soldos, pelo seu calculo, a 3.000 ducados annualmente.

Ainda que essa communicação já estivesse atrazada, não era comtudo para desprezar, tendo-se em vista a negligencia do inimigo em prover as praças. O commandeur, tomando em consideração essa parte das suas instrucções, resolveu seguir para lá com a sua esquadra e, fazendo-se á vela no dia 18 de Fevereiro, tomou o rumo do continente. No dia 24, uma hora antes do meio dia, avistaram terra a sudeste á distancia de 8 leguas, obtendo pela observação ao meio dia a latitude de 11 gráus e 50 minutos, e depois do meio dia ancoraram a 16 braças d'agua, a tres leguas para fóra do cabo de Lagos, tendo a sul-sudoeste o cabo de la Vela. Depois do meio dia o commandeur se passou para o yacht *Medenblick* com alguns soldados, tendo os outros embarcado nos varios yachts. No dia seguinte partiram para oeste com um vento les-nordeste e diminuiram as velas á noite para não passar alem d'aquelle porto.

No dia 26 pela manhã ainda se achavam a 7 leguas de S.^{ta} Martha e a uma legua da costa; havia pouco vento e só á tarde entraram naquella bahia onde ancoraram a 13 braças d'agua, a um tiro de mosquete do forte, contra o qual atiraram vivamente com os canhões. Os soldados desembarcaram immediatamente e entraram na cidade sem encontrar resistencia, pois todos os habitantes fugiram.

O próprio commandeur marchou para o castello, que se rendeu immediatamente e onde havia apenas 15 hespanhoes que foram levados para bordo.

No dia seguinte o commandeur deu ordem para serem retirados do forte os quatro canhões de bronze e os dois de ferro. Todas as fazendas que os hespanhoes não puderam levar comsigo foram reunidas na igreja, mas era insignificante o seu valor. No dia 28 appareceram uns hespanhoes para parlamentar em nome de todos os habitantes e, depois de alguns debates, prometteram 5.500 reales de oito pela conservação das casas e deram alguns refens pelo bom pagamento, retirando-se então a nossa gente da cidade e reembarcando nos navios.

No dia 1º de março, como o governador, que foi o primeiro a fugir, fizesse alguma difficuldade sobre o pagamento do resgate promettido e o dinheiro ainda não fosse enviado no dia seguinte (não obstante ter sido mandado um dos refens á terra com esse fim), o commandeur apromptou as tropas para desembarcar novamente e reduzir a cinzas toda a cidade, mas, antes que assim fizesse, vieram alguns ecclesiasticos e trouxeram o que haviam promettido. Calcularam a latitude da cidade em 10 grãos e 6 minutos e partiram a 5 de Março. O commandeur, tomando em consideração que as suas provisões lhe não permittiam estacionar por mais tempo naquellas regiões, esforçou-se por avançar para leste, tanto quanto lhe consentiram os ventos. Após alguma demora, chegou e ancorou com cinco navios por traz do cabo Tiburon, onde os outros vieram ter no dia seguinte. Estando todos os navios reunidos no dia 27, repartiram entre si o espolio.

O commandeur estando resolvido a seguir o mais depressa possível para a Republica, pelas Caicos, fez-se á vela no dia 3 de Abril. No dia 14 ancoraram todos os navios na bahia situada por traz do cabo de S. Nicolau, na extremidade occidental de Hispaniola, e desembarcaram, abastecidos de viveres, todos os prisioneiros que ainda tinham na esquadra e deixaram-n'os ir para o interior. Fizeram-se novamente á vela no dia seguinte e navegaram entre Tortuga e Hispaniola a 20 graus e 6 minutos ao norte da linha e depois, por entre as Caicos, em direcção á Republica, onde chegaram no dia 11 de Junho.

No mez de Julho deste anno o yacht *Brack* foi despachado para as Antilhas, sahindo do Texel no dia 23 em companhia de 3 navios que se destinavam ao Brasil. No dia 20 de Agosto este yacht se achou a 36 graus de latitude e no dia seguinte avistou uma vela á qual deu caça durante toda a noite, capturando-a no dia 22. Era um navio, vindo do Cabo Verde, carregado, como depois se viu, com 750 couros, 18.030 pelles de cabritos, 94 couros marroquinos, 2 $\frac{9}{16}$ libras de ambar gris, quatro barris com assucar e 2.600 libras de tabaco. Levou-o comsigo para as ilhas e desembarcou no dia 28 na ilha do Fayal os portuguezes e os negros que iam nelle e seguiu com sua presa para a Republica. Chegou o yacht no dia 22 de Setembro a Plymouth, onde encontrou um vaso de guerra das Provincias Unidas, com o qual mandou o dito navio portuguez, e partiu de Plymouth, mas logo arribou ao mesmo porto. Fazendo-se novamente á vela no dia 24 de Outubro, chegou no dia 10 de Dezembro á ilha Barbados, abasteceu-se d'agua e lenha até o dia 16 e zarpou d'alli, tocando depois em S. Vicente, Granada e Ilha Branca,

reunindo-se no dia 27 na ilha de Mona aos navios *Zulphen*, *Edam* e *Hart*, todos tres subordinados ao commandeur Boon-eter. Da viagem destes diremos no seguinte livro.

No principio de Outubro do corrente anno o yacht *Overijssel* foi mandado de Pernambuco para a Republica e fez-se á vela no dia 1º, levando como capitão Jan Cornelisz. Licht-hart, de cujos bravos feitos havemos de mais tarde fallar frequentemente, agora nos referindo apenas a um dos primeiros. No dia 23 de Novembro, em frente ao canal entre a França e a Inglaterra, encontrou-se ao amanhecer com cinco navios biscainhos, os quaes empregaram toda a astucia para o abordar de improviso. Como lhes fosse perguntado d'onde eram, responderam de Bruage e Hable e que o seu destino era a Terra Nova, o que, considerando-se a epoca do anno, era completamente absurdo. Mas, notando que o nosso capitão se conservava em guarda, fizeram signaes por meio de tiro de canhão e afastaram-se. Estava então a 4 ou 5 leguas ao norte do cabo Lesart com um vento de lado. Passado o primeiro quarto da noite, avistou tres navios que vinham direito sobre elle. Dirigiu-se então para o que estava mais a barlavento, um barco com 12 canhões, o qual sendo perguntado respondeu ser de Middelburgo, ter como destino Bordeaux e que ia em conserva com outro de Vlissingen chamado *Pieter Theunisz*.

Tomou então o rumo de les-nordeste e leste quarta de nordeste. Os tres navios estavam por traz do nosso e, quando a sua almiranta accendeu dous fogos, todos tres se dirigiram para o *Overijssel*. Quando estavam perto, o nosso capitão perguntou ao homem que accendia os fogos — donde era o navio — e o mesmo respondeu — que era de Amsterdam e tinha como capitão Hendrick Denis e o outro Jan Thijsz. van Hoorn —, resposta que deixava desconfiar, pois differia bastante da resposta do outro barco.

Os nossos fizeram mais algumas perguntas e especialmente se havia por alli alguns dunkerquezes e tiveram como resposta que alguns se mantinham entre Kocx-broodt e Goudt-start, pelo que queriam ficar para o proteger e pela manhã mandar cerveja fresca para bordo, Os nossos declararam por sua vez que vinham de Pernambuco.

Os dunkerquezes nesse interim se mantinham tão junto aos nossos que o seu gurupés se encostara á popa do nosso navio, como querendo agarrar-se ao mesmo. O nosso capitão, tendo notado tudo isso, percebeu bem que eram inimigos e apromptou os canhões e tudo o mais para lhes resistir e, como trocassem signaes e se approximassem novamente, perguntou-lhes porque, sendo amigos, se lhe agarravam tanto e em seguida procurou saber do general Loncq. Nessa occasião disseram afinal: arreai a bandeira ao rei da Hespanha, ao que os nossos responderam: e arreai a vossa ao Principe de Orange.

Fizeram fogo sobre o yacht, um após outro, e os nossos lhes responderam. E comquanto a partida fosse muito desigual, um navio e não muito grande contra tres, um dos quaes com 36 canhões de bronze, outro com 28 e o terceiro com 12, descarregando cada um por sua vez as suas baterias de um

bordo, contudo o capitão Licht-hart não perdeu o animo e mais ainda quando viu que o não ousavam abordar, receando que elle fizesse saltar o navio como ameaçara. Jogou promptamente com os seus canhões e tentou passar pelos inimigos para lhes despejar ao voltar o outro bordo, tendo ao mesmo tempo todo o cuidado em tapar os rombos.

Esse combate durou umas 8 horas. O nosso yacht perdeu o mastro grande derrubado por um tiro e o do traquete cortado pelo meio e teve 13 mortos e 22 feridos. A maior parte do cordame tinha sido cortada pelas balas. Recebeu o yacht uns 17 tiros abaixo da linha d'agua e cerca de 400 atravez do casco, de sorte que estava todo crivado e mais parecia um destrogo do que um navio. Varias peças do leme, entre ellas a barra, estavam quebradas e o proprio leme fôra atravessado por balas junto ao nivel d'agua, ficando assim a fluctuar á discreção das ondas. O inimigo tambem soffreu grande damno.

Apezar de ficar o nosso navio tão maltratado, o capitão não se quiz render, nem o inimigo ousou abordal-o, deixando-o finalmente por julgar talvez que se submergiria por si mesmo em virtude dos muitos rombos. Entretanto o Senhor preservou a nossa gente e o capitão levou ainda o seu yacht a uma enseada muito perigosa entre Kocx-broodt e Goudt-start e depois com o auxilio dos inglezes o conduziu a Plymouth, onde o navio foi reparado e em seguida chegou bem á Republica. O capitão por sua lealdade e bravura foi agraciado pela Assembleia dos XIX com uma cadeia de ouro.

Como teremos de fallar sobre varias expedições enviadas pelos nossos ao sul e ao norte da cidade de Olinda, julgamos necessario encerrar este livro com uma descripção de ambas as costas, segundo os estudos dos nossos maritimos, e começaremos pela do sul. Essa cidade está situada na latitude de cerca de 8 graus ao sul do equador e 1 legua ao sul está o Recife ou o porto de Pernambuco. Uma legua ao sul do Recife ha uma abertura ou canal, chamado pelos portuguezes Popitange, passagem que, tendo 4, 5 e 6 braças d'agua, todavia é muito estreita. E' forte a correnteza na vasante e na enchente, só se passando por alli nas aguas tranquillas.

Uma boa legua ao sul daquella abertura ha um grande cabo, a que os portuguezes chamam cabo Pero Cabrigo, e d'ahi a uma legua ao sul está o rio chamado por elles rio Estreme, proprio somente para chalupas ou pequenos yachts, porque mesmo na enchente não ha mais de 7 ou 8 pés de profundidade. Desse rio para o cabo de S.^{to} Agostinho a navegação junto á costa não é boa, encontrando-se todavia uma bella e alva praia. A distancia entre os dous pontos é de duas leguas. A maior parte da costa de Pernambuco ao cabo de S.^{to} Agostinho fica na direcção de norte a sul.

O cabo é uma ponta grande e saliente, bem reconhecivel, tendo um porto muito commodo para navios grandes e pequenos e bem defendido pelas fortificações que foram feitas alli depois da conquista de Olinda, das quaes fallaremos noutra occasião. A entrada ou barra situada ao sul da ponta extrema é um tanto má para passar, pois na menor vasante tem 13 pés d'agua, mas

deve attender-se a que se faz o calculo sobre a maré, porque do contrario pode facilmente haver qualquer desgosto com os navios grandes.

O canal é largo no principio, si bem que haja alguns escolhos. Quem desejar entrar deve tomar por balisa uma arvore secca, que está nas proximidades do cabo e seguir numa recta em direcção a um ponto vermelho, que é bem visível, e uma vez dentro do recife navegar para oeste até passar a ponta do mesmo recife, a qual se estende para o sul, e então correr para o sul até em frente á aldeia e ancorar onde achar melhor. Mais adiante descreveremos melhor as condições desse logar. Do cabo de S.^{to} Agostinho até o Ruygen-Hoeck, como é chamado pelos nossos, ou ponta de Marcahipe, como lhe chamam os portuguezes, deve haver duas leguas. Do lado do sul deste cabo o recife começa a avançar no mar cerca de meia legua. Deste cabo ao rio Serinhãem calcula-se haver duas leguas grandes. E' este um rio raso e somente bom para yachts, porque nas marés cheias tem no maximo, 5, 6 a 7 pés de profundidade. Da ponta de Marcahipe até um pouco ao sul do rio Serinhãem existe ao longo da costa um solido recife, que é largo do lado do sul e estreito para o norte. Ao sahir de Serinhãem encontra-se no mar a ilha de S.^{to} Aleixo, que não é muito grande e tem no lado do sul uma enseada, impropria para a entrada de yachts. Tem tambem um recife do lado do sul e ahi podem entrar navios grandes, pelo sul, e ancorar atraz do mesmo em 5, 6 ou 7 braças d'agua, conforme se quizer. Podem tambem yachts fundear do lado do sul, mas não devem calar muito. Do lado do norte dessa pequena ilha não ha ancoradouro, pois o fundo é pessimo.

Do Cabo até S.^{to} Aleixo a costa estende-se na direcção de sul quarta a sudoeste.

A duas pequenas leguas mais ao sul está o rio Formoso, cuja entrada é por entre dous recifes e tem no maximo a profundidade de 13 pés. E' um rio de muita importancia, pois os seus arredores produzem grande quantidade de assucar. Um pouco mais acima neste rio, os portuguezes tinham um fortim com 4 peças para impedir a entrada dos nossos yachts e botes. Quem quizer entrar alli deve fazer rumo a um monte despido de vegetação, no qual ha apenas tres arvores, e depois a um outro, situado ao sul daquelle, o qual tem na extremidade norte uma arvore afastada de todas as outras, e deve conservar esta a oeste até passar o recife do sul e navegar para o sul até franquear o rio, podendo então subir o mesmo tanto quanto quizer. A 3 leguas sul sudoeste do rio Formoso está o rio Una, que é pequeno e improprio tanto para yachts como para navios, mas tem um ancoradouro para navios e yachts atraz de um recife, que corre quasi ininterrupto ao longo da costa do rio Formoso até alli. Quem quizer visitar aquelle logar navegue mais perto do recife e encontrará a entrada. Toda a costa do rio Formoso até o Una é assáz boa, de sorte que quem tem o rio Formoso a oeste-noroeste pode navegar nas proximidades e ao longo da costa. Do porto Una até Barra Grande são duas leguas na direcção sul-sudoeste.

Barra Grande é uma grande bahia, onde podem ancorar, sem perigo algum, mil navios. Tem do lado do mar um solido recife, por cima do qual

na maré cheia difficilmente passam as ondas. São 3 as entradas, sendo 2 boas para navios que calem mais de 12 pés e a terceira, que é a que fica mais ao norte, só serve para chalupas e pequenos yachts, que calem apenas 4 ou no maximo 5 pés. As terras do Una e Barra Grande são das melhores que para pastagens existem nessas costas e têm realmente grande abundancia de gado bovino. Alli tambem cresce e em grande quantidade o melhor tabaco de toda a costa

Da Barra Grande até Porto Calvo ha somente um oitavo de legua, pois a propria Barra Grande tem uma legua de largura. Da Barra Grande até Porto Calvo podem navegar pequenos yachts, por dentro dos recifes.

Porto Calvo tem uma boa barra com 4 a 6 braças de profundidade na entrada, não havendo que recear senão os abrolhos. E' possivel assim ancorar tanto ao sul por traz do recife, como ao norte, em bom fundo de arcia e na profundidade que se quizer, havendo entretanto ao sul maior profundidade. Porto Calvo dista do rio Una tres leguas ao sul sudoeste e tem um bom rio, que é porem raso na entrada, de sorte que só os pequenos barcos podem subir. Os portuguezes levam os navios descarregados (dos quaes retiram as cargas para passar no ponto raso) pelo rio acima e carregam-n'os novamente no porto. O logar produz muito assucar e do melhor. A terra é alta e accidentada, de sorte que é muito facil conhecel-a, e tem 3 entradas, uma para grandes navios e as outras só para chalupas. A que fica mais ao norte chama-se Porto Calvo, a do meio é chamada Barretino e a do sul Porto de Pedras.

De Porto Calvo ao rio Camaragibe são 5 grandes leguas sudoeste quarta ao sul, havendo recifes ao longo da costa em quasi toda essa extensão. As terras desse valle produzem muito assucar, mas o rio é improprio para navios e serve apenas para pequenos yachts que calem 5 ou 6 pés d'agua.

A maior parte do assucar é transportada em pequenas barcas para Porto Calvo e alli é embarcada em navios grandes. No mar, cerca de uma legua para fora da barra, ha um recife por traz do qual se pode navegar e ancorar a 3 ou 4 braças d'agua. E' possivel tambem navegar e ancorar junto ao cabo ao sul do rio a 5 e 6 braças e a 1/4 de legua de terra. Essa terra é na maior parte como a de S.^{to} Antonio com a differença de existirem neste ultimo logar alguns montes muito altos, um dos quaes é todo redondo, outro se assemelha a uma sella de montaria e o terceiro é comprido e escarpado.

De Camaragipe ao Rio S.^{to} Antonio Grande ha 3 leguas de bôa navegação. S.^{to} Antonio é um bello rio visto de dentro da barra, mas para entrar não se encontra canal, é muito secco, de sorte que na vasante mal se pode entrar com um bote. Ahi costumam, todavia, vir muitos navios que descarregam no porto e seguem vasio para dentro por meio de jangadas que empregam para os levantar.

Dentro da barra os portuguezes têm um fortim com 6 peças, sobre o qual fallaremos depois. A terra de Camaragibe até S.^{to} Antonio é plana, sem nenhuma collina. Pode reconhecer-se a barra de S.^{to} Antonio pelo monte redondo, já descripto, o qual devem ter ao sul os que tiverem de entrar,

não devendo comtudo penetrar navios de 10 ou 12 pés de calado, porque o Recife abaixo d'agua está a uma meia legua da costa. De S.^{to} Antonio Grande a S.^{to} Antonio Merim calcula-se haver duas leguas, mas essa passagem não é propria para navios nem yachts. De S.^{to} Antonio Grande ao Rio d'Alagoa são quatro leguas.

↓ O rio d'Alagoa é bem navegavel, tendo na entrada 14 a 15 pés d'agua, mas quem pretender entrar deve esperar que o mar esteja tranquillo, porque ha nelle uma barra como no rio Sena, sendo necessario ter cautela. Produzem alli muito bom assucar, mais ruim tabaco. Os habitantes de Alagoa são os mais robustos de toda a costa, fazem-se respeitar, não querem ouvir fallar em policia, exercendo elles mesmos a justiça, e matam os outros a faca, como se fossem cães. Este rio vem de uma lagôa que tem de extensão umas 12 ou 13 leguas. Do rio d'Alagoa ao Porto Francez ha uma legua ao sudoeste da costa.

Porto Francez tem boa barra, parecendo-se na entrada com Pernambuco, com a differença de que alli a entrada é pelo sul, enquanto em Pernambuco é pelo norte, e tambem tem muito mais fundo, pois se encontram no minimo 3, 4 e 5 braças d'agua. E' possivel navegar para o norte tanto quando se quizer. Ali costumavam vir carregar muitos navios, o que não ousam mais, pela facilidade de ser capturados lá dentro. Do Porto Francez até o rio S. Miguel ha uma legua ao sudoeste ao longo da costa.

São Miguel é um pequeno rio. improprio para navios ou yachts, servindo somente para chalupas ou pequenas barcas. O assucar que alli produzem costumava ser levado para o Porto Francez para ser embarcado. A costa do porto de S. Francisco até adiante de S. Miguel deve ser evitada por muito inhospita, a tal ponto que com um navio grande só se pode ficar a uma legua de distancia da costa.

RELAÇÃO DE ALGUNS LOGARES COM AS SUAS LATITUDES.

	Graus	Minutos
Cabo de S. ^{to} Agostinho	8	25
Ilha de S. ^{to} Aleixo	8	40
Rio Formoso	8	46
Rio Una	9	
O cabo de Porto Calvo	9	14
Comaragibe	9	32
S. ^{to} Antonio Grande	9	40
Porto dos Francezes	9	54
Rio S. Miguel	10	

DESCRIÇÃO DA COSTA AO NORTE DE OLINDA.

De Pernambuco ao canal do sul da ilha de Itamaracá ha umas 5 leguas e entre esses dous pontos desemboccam 3 pequenos rios, a saber: Rio Doce, Pão Amarello e Maria Farinha. Entretanto só no Pão Amarello podem entrar yachts de tamanho regular, para os quaes tem bastante fundo, os dous outros apenas servindo para hotes ou chalupas.

A ilha de Itamaracá tem duas barras, das quaes a meridional é a mais funda, podendo achar-se nella, na maré cheia, até 18 pés d'agua. Quem quizer lá entrar encontra uma bôa balisa em uma arvore que está na ponta da terra do lado do sul do rio e deve ficar com esse ponto a oeste quarta a sudoeste para então entrar e ancorar diante da fortalêza de Orange em quatro braças d'agua ou seguir até em frente á cidadezinha de Nossa Senhora da Conceição. E' possivel tambem navegar ao redor della na maré alta. Essa ilha é fertil e tão pittoresca como a Inglaterra, mede 7 leguas de circumferencia e tem mais extensão do que largura. Da barra do sul para a do norte ha tres leguas.

Para entrar na barra do norte é preciso navegar do modo seguinte: conservar o cabo, situado ao lado do norte da barra, a oeste-noroeste até ver dentro do rio um banco de areia e então navegar entre esses dous pontos. Quem assim fizer não soffrerá mal algum e não ha de encontrar em maré cheia menos de 12 ou 13 pés d'agua. Neste canal do norte desemboccam dous rios, dos quaes o que fica mais a oeste é chamado Cattawamba e o outro Massarandove. Da barra do norte até o rio Goyana ha duas leguas. Chalupas ou pequenos yachts podem navegar da barra do norte até Goyana entre o recife e a terra.

Para entrar em Goyana é necessario aproar para um banco, que está a noroeste da barra e onde se vê de longe grande arrebentação, conserval-o a nordeste e navegar então para sudoeste em direcção a uma casa que deve estar em frente e seguir esse rumo até chegar perto de um banco e então aproar para o norte em direcção ao rio.

De todos os rios que correm nessa região este é o que tem maior profundidade. Alli ha muitos engenhos, de sorte que é muito abundante a producção de assucar, que é transportado em barcas para a Parahyba, pois na entrada do rio Goyana, na maré cheia, ha 9 ou 10 pés de profundidade. De um pouco ao norte de Goyana até a ilha de Itamaracá estende-se um recife a uma legua distante da costa, de modo que quem fôr da barra do sul de Itamaracá para Porto François deve evitar a costa, porque está cheia de abrolhos e recifes. De Goyana a Porto François são 4 leguas. E' possivel navegar por dentro do recife com um yacht que cale 10 pés d'agua, pois não ha menos de 14 pés de profundidade, sendo as aguas tranquillias em virtude da altura do recife.

A entrada de Porto François tem 3 braças de profundidade, Quem entrar pelo norte pode ancorar por traz do recife em 14 e 15 pés d'agua em bom fundo.

De Porto François ao Cabo Branco ha duas leguas norte quarta de noroeste. Perto da costa ha muitos abrolhos. O cabo Branco é bem reconhecivel por ser escarpado e muito grande, facil portanto de se distinguir. Podem ancorar yachts junto ao mesmo, atraz do recife.

O cabo está cercado de abrolhos, de sorte que se deve evitar a navegação por aquelle logar, a menos que haja necessidade de tocar em algum ponto antes de Pernambuco.

Do Cabo Branco á Parahyba calcula-se haver 4 leguas grandes.

A entrada do rio Parahyba tem 18 pés de profundidade. Existem alli 3 fortes, um dos quaes, situado ao lado do sul, domina a barra e se chama Cabedello ou S.^{ta} Catharina, o outro, situado no lado do norte, é chamado S.^{to} Antonio e o terceiro, situado numa ilha, rio acima, antes de chegar á pequena cidade Philippina, é denominado Restringa. A cidade está situada á margem sul do rio.

Do rio Parahyba para o sul cerca de uma legua estende-se um recife até em frente ao rio. A entrada pela ponta norte deve fazer-se acostando-se a esta o navio e do lado do sul podê entrar um navio de 12 pés de calado e fundear atraz do dito recife.

Do rio Parahyba a Mongoape ha 2 leguas. A costa entre esses dous pontos é cheia de abrolhos, de sorte que é necessario ficar afastado della meia legua. Quem tiver de entrar a vela em Mongoape deverá navegar até perto do recife e ha de ver lá dentro uma arvore secca, que deverá conservar a oeste e navegar até avistar o terreno em que está a arvore. Essa entrada se faz atravez de uma abertura no recife e não tem mais de 9 pés de largura. Em Mongoape ha uma ilha coberta de arvores e arbustos. A costa estende-se do cabo Branco até alli na direcção de nor-noroeste.

A uma legua grande de Mongoape está a Bahia de Traição com 3 passagens que lhe dão entrada e tendo na sua frente um recife que se estende de Mongoape até defronte da bahia. Entre a ponta norte do recife e a costa ha um rochedo, por cujos dous lados, o de terra e o do mar, se pode passar e ir ancorar lá dentro, tão longe quanto se quizer, sendo comtudo melhor no principio, porque mais para dentro o fundo é pedregoso e muito raso. A terceira entrada é pela ponta norte do recife, mas serve apenas para pequenos navios ou yachts, prestando-se as outras para grandes navios. Na entrada ha 6, 7 e 8 braças d'agua.

A costa estende-se de Mongoape até a bahia da Traição na direcção nor-noroeste.

Da Bahia da Traição ao cabo da Bahia Formosa calcula-se haver 4 leguas a nor-noroeste ao longo da costa. Esta é bem reconhecivel pelos montes que alli existem, como se fossem ilhotas, e é toda accidentada, de altura não exagerada.

A Bahia Formosa é muito boa, sendo possivel ancorar atraz da ponta e em frente a um banco de areia, protegido contra o vento sudeste, em bom fundo com 4 a 7 braças d'agua onde se quizer.

Da ponta da Bahia Formosa ao Rio Conhaú vae uma legua pequena. Conhaú está no meio da bahia entre a Ponta da Pipa e o Cabo Formoso. Quem entrar a vela em Conhaú deve aproar para 2 arvores que se vêem em terra e mantendo aquella direcção entrar então na barra, a qual é muito estreita e na maré cheia terá 12 pés d'agua, e estando dentro do recife deve aproar para o sul e navegar nessa direcção ao longo e proximo ao recife, até franquear o rio, e subir por este tanto quanto quizer, seguindo sempre mais proximo da margem do norte.

O Conhaú é um bello rio e tem a uma legua e meia da sua foz um lindo engenho de assucar. A barra, como quasi todas as outras, é cheia de recifes, que se dirigem da metade da ponta da bahia para o sul e seguem ainda até a Ponta da Pipa, mas para o norte estão de todo quebrados.

Do rio Conhaú á Ponta da Pipa ha uma legua. Tem essa ponta um rochedo que se salienta um pouco com a forma de uma pipa, donde lhe veio o nome. Por traz dessa ponta é possivel ancorar. Da Ponta da Pipa ao Ponto Negro calcula-se haver cerca de 9 leguas e meia na direcção nor-noroeste.

De Ponto Negro até grande distancia é o mar muito raso. A uma legua da costa encontram-se apenas 5 braças d'agua, sobre fundo inconsistente, mas um pouco mais afastado se acham effectivamente 8 a 10 braças. Passado um pouco o dito Ponto Negro, o mar torna-se de novo mais fundo, de modo que é possivel navegar outra vez proximo á costa e se encontra regularmente por toda a parte bom ancoradouro até o Rio Grande.

De Ponto Negro ao Rio Grande ha umas 2 leguas norte quarta de noroeste e nor-noroeste e é bôa a costa. Do lado do Rio Grande para cima e para quem navegar perto da costa o rumo é nor-noroeste em direcção a uma bahia chamada Genepaboe a 1 legua de distancia.

Do lado do sul dessa bahia, não muito longe no mar, estende-se um recife, passado o qual, é a bahia larga e pode comportar grandes navios, ainda que a profundidade não vá até muito longe. Ha na bahia bom ancoradouro, sendo em alguns logares o fundo de areia e noutros de firme tença e podendo os grandes navios ir em 8 e 9 braças a menos de quarto de legua da costa. De Genepaboe até o Ceará ha 5 leguas. Do Ceará a Manoel Thomaz 3 leguas e d'alli a Pikitinga 2 leguas. Segue-se na latitude de 5 graus uma ponta branca, a partir da qual a costa descamba e se estende para diante por um estirão leste a oeste, de cuja situação fallaremos mais tarde, dando apenas agora, como fizemos anteriormente, as latitudes de alguns logares.

Nomes	Latitudes
Meio da Ilha de Itamaracá	7° 35'
Cabo Branco	7°
Rio Parahyba	6° 44'
Bahia da Traição	6° 28'
Ponta da Pipa	6° 25'
Meio da Bahia Formosa	6° 10'
Ponto Negro	5° 50'
Rio Grande	5° 42'

Isso é o que acharam e assignalaram os nossos pilotos nos primeiros tempos. Mais tarde teremos occasião de dar as observações que elles forem fazendo.

Já dissemos antes que o yacht *Bruyn-Visch* chegou no dia 4 de Agosto a Pernambuco, mas não descreveremos a sua viagem para não interromper a narração dos acontecimentos passados em terra e vamos agora encerrar este livro relatando apenas o que for digno de nota.

Chegou no dia 18 de Abril a Cabo Verde e, depois de descarregar algumas fazendas, partiu no dia 28; avistou no dia seguinte Cabo Roxo a leste quarta a sudeste; navegou ao longo da costa para procurar o rio Catchieu, encontrando de 10 a 15 braças d'agua em fundo de argilla; chegou no dia 4 de Maio em frente ao rio. Mandou o capitão immediatamente um bote para sondar o rio, encontrando na sua foz um banco de areia que se estende da terra firme para oeste e outro um pouco mais para oeste, com um quarto de legua de extensão, o qual fica na maior parte secco nas vasantes. Entre elles ha um canal pelo qual se pode entrar no rio e na maior força da vasante acharam os nossos 7 a 8 pés d'agua em fundo de areia e adiante, apenas á distancia de um tiro de mosquete, se encontram novamente de 5 a 10 braças d'agua em bom fundo. Subiram o rio cerca de uma legua e encontraram sempre profundidade, mas não viram ninguem.

O rio tem a largura de cerca de um quarto de legua e de ambos os lados está coberto de arbustos verdejantes e entre esses algumas arvores altas. Na volta acharam no canal na occasião da enchente 16 e 18 pés d'agua.

Esse rio é facil de reconhecer por um ponto branco a oeste, no qual se acham quatro tamareiras, que se elevam muito acima dos arbustos, a mais oriental das quaes dista um tiro de mosquete das outras.

No dia seguinte sondaram o baixio do sul que fica a descoberto na sua maior parte na vasante. Ha alli para a entrada no rio, um commodo canal que não offerece menor profundidade do que 9 e 10 braças d'agua. Nesses bancos ha na vasante forte arrebentação.

Dirigiram-se d'alli para uma pequena ilha ao sul quarta a sudoeste afim de cortar lenha e fundearam em 5 braças d'agua. Quando estavam ancorados, veio na sua direcção uma barca portugueza, mas tendo-os percebido virou de rumo e os nossos deram caça, capturaram-n'a e trouxeram-n'a para o porto. Era pequena e vinha de Lisboa com destino a Catchieu, fazia muita agua e muitas mercadorias trazia molhadas. Não obstante acharam nella em fazendas da India e outras, segundo o calculo que fizeram, o valor de 6.000 florins, alem de 880 libras de velas e 320 libras de aço em barras.

Desembarcaram a gente na ilha de Bissis situada a 5 leguas leste-sudeste do cabo Roxo.

Os negros que moram nessa ilha são amigos dos portuguezes, cuja lingua fallam, tendo mesmo estes alli uma povoação com uma capellinha. São robustos, alguns se vestem á portugueza, outros usam apenas uma tanga de panno para cobrir as partes pudendas; são inimigos declarados dos pretos que moram na ilha chamada Bissegos e que elles aprisionam por vezes e vendem como escravos aos portuguezes. Tinham boas armas: azagaias arcos e flechas, sabres com uns tres dedos de largura, que disseram ser feitos por elles mesmos. Foram baptisados por um padre portuguez que alli mora. Partiram os nossos desta para uma das ilhas mais ao norte das Bissegos, fundeando no dia 11 a 4 braças d'agua. Dirigiram-se para terra num bote e lá viram alguns negros, mas estavam tão desconfiados que a principio não puderam conseguir que viessem a bordo, não ousando tambem os nossos

desembarcar; mas finalmente conseguiram que um dos servidores do rei fosse a bordo e por este mandaram um presente. Esses negros são de estatura elevada, andam na maior parte nus, usando apenas uma tanga de couro de boi. Não puderam os nossos comprehender a sua lingua, pois esta se assemelha ao glu-glu do perú; cortam de um modo excentrico o cabello; têm braços e pernas bem formados; as suas armas são azagaías e escudos de junco.

Viram gado bovino e gallinhas na ilha; a terra estava verdejante e com risonho aspecto. Pretendiam comprar aos negros algum ambar-gris ou outra cousa qualquer, mas, como nada apparecesse durante o dia e a pequena barca capturada fizesse muita agua, resolveram navegar para a Serra Leôa, onde chegaram no dia 23, passando ali as fazendas da barca para o navio mercante surto naquelle porto por conta da Companhia.

Tiveram alli muito mau tempo com chuvas e trovoadas e partiram no dia 13 de Junho, tomando o rumo para a ilha Fernando de Noronha, á qual chegaram no dia 3 de Julho e fundearam no porto habitual em 9 braças d'agua. Saltado em terra, verificaram que a colonia dos negros que havia sido estabelecida por elles fôra completamente destruida, os logares onde costumavam cultivar milho e outras plantas estavam absolutamente cobertos de matto e nada mais encontraram a não serem aboboras, que cresceram por entre o matto em grande quantidade. Pareceu-lhes que os portuguezes de Pernambuco tinham levado a gente d'alli, depois de tudo destruir. Partiram no dia 19 e chegaram a Pernambuco, como já ficou dito.

FIM DO LIVRO SETIMO

